Programa Interuniversitário de Doutoramento em História

Universidade de Lisboa, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Évora

Povos irmãos? Brasileiros em Portugal: disputas e negociações identitárias (1986-2007).

Rafael de Almeida Serra Dias

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Doutor em História em Dinâmicas do Mundo Contemporâneo

Orientação: Professor Doutor Carlos Manuel Coelho Maurício,

Professor Auxiliar,

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2016

Programa Interuniversitário de Doutoramento em História

Universidade de Lisboa, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Évora

Povos irmãos? Brasileiros em Portugal: disputas e negociações identitárias (1986-2007)

Rafael de Almeida Serra Dias

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Doutor em História em Dinâmicas do Mundo Contemporâneo

Orientação: Professor Doutor Carlos Manuel Coelho Maurício,

Professor Auxiliar,

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2016

Agradecimentos

Primeiro agradeço a todos os imigrantes brasileiros, que me permitiram ouvir suas histórias de vida. Muito além de auxiliar na escrita desta tese, com eles aprendi sobre a vida, muito mais do que nos livros, a pesquisa académica até então para mim era sempre um momento de solidão.

Aos professores do PIUDHist, com os quais realizei as disciplinas obrigatórias, muito obrigado, pelas reflexões proporcionadas e também pelo ensino que aprendi com o exemplo de vocês enquanto professores. As posturas e escolhas metodológicas de cada um, me auxiliaram muito a ser um professor melhor. Foram muitos, mas tenho que destacar aqueles que mais me inspiraram a continuar a pesquisa que se transformou nesta tese, Paulo Fontes, Sérgio Campos Matos, José Serrão, Bruno Cardoso, Filipa Vicente e Miguel Bandeira.

Um agradecimento muito especial aos professores, que realizei as disciplinas extras, do ICS, Paulo Granjo e Elsa Peralta, as minhas segundas feiras mergulhadas na antropologia foram fundamentais para treinar um outro olhar não só de historiador. No ISCTE minha instituição de acolhimento, um enorme agradecimento a professora Maria Luísa Tiago de Oliveira, a disciplina de História Oral, foi imprescindível para a concretização desta tese. Sua disciplina foi um mergulho de confiança, depois de tantas críticas em relação a história do tempo presente e da história oral, recebidas neste processo. Além disso, nunca aprendi tanto sobre metodologia histórica, com alguém tão criteriosa e generosa enquanto docente.

Às instituições agradeço muito o espaço proporcionado para o desenvolvimento desta pesquisa, ao ICS, a sala de informática e a sala dos Doutorandos, são lugares de grande ligação académica e afetiva. Como também a biblioteca e todos os eventos académicos constantes, gerando estímulo e desafios intelectuais. Ao ISCTE agradeço à biblioteca e também à cantina universitária, que com seu menu social, permitiu alimentar o corpo e também a mente devido à companhia de grandes investigadores, com muitas ideias e poucos euros no bolso.

Aos colegas de turma, agradeço pelo tempo que passamos horas difíceis de angustia nas aulas ao longo do curso. Rufino, Adelino e Miguel obrigado pelas boas horas que passamos juntos, com temas tão distantes, mas com problemas e dilemas tão próximos. José Sousa, Ricardo Brito, José Pedro, Elisa, Joana e Sandra obrigado, pela companhia, académica estimulante e o pensamento crítico. Um especial agradecimento, aos companheiros Hélder e

Gustavo, pelas horas de biblioteca, de almoços, cafés, futeboladas e tantas outras coisas, importantes para tese e para a vida.

Aos muitos pesquisadores brasileiros que conheci durante esse percurso, também devo um obrigado, por ajudarem, nas questões práticas e principalmente nas afetivas, dessa nossa aventura de ser um imigrante do conhecimento. Peço desculpa, se esqueço de alguém, mas agradeço de coração aos brasileiros: Fábio Paiva, Murilo, Amanda, Cássio, Chico, Eudes, Simone, Gustavo e Ângelo.

Ao António, eu agradeço por me integrar na sua vida, hoje tenho um amigo português na essência da palavra. Uma parte de mim fica com você para sempre, as conversas, as futeboladas, os congressos, as imperiais, os gins, as partidas de vídeo-game, os almoços e jantares. Tudo foi muito bom, sem você, tudo seria muito mais difícil, de coração obrigado!

Aos amigos da Calçada do Combro, e as nossas grandes terças feiras de futebolada, obrigado: Pedro Lascasas, Sílvio Mendes, Fred, Falcão, Rui, Gil e claro ao Hélder e o António por me levarem para jogar a primeira vez. Aos companheiros de Refood Estrela, todo carinho, aquelas sextas feiras de trabalho voluntário eram fantásticas e fazem muita falta. Especialmente para aqueles, que fizemos uma amizade para além das sextas-feiras: Ana Lima, Mena, Luís Filipe, Andrea e Cláudia. Não tenho palavras para agradecer pelo trabalho de revisão final feito pela querida amiga Cláudia.

Ao meu orientador Carlos, eu agradeço por tudo, pelo primeiro e-mail respondido em janeiro de 2012 com o maior entusiasmo. A sua primeira linha me conquistou: “Viva Rafael Dias” essa maneira carinhosa, próxima e alegre, dominou toda a nossa relação de orientador e orientado. Obrigado por respeitar as minhas escolhas e opções, por auxiliar a tomar outros caminhos e estar atendo aos vários lados que as disputas e negociações de identidades podem ter. Agradeço muito, pelas suas leituras extremamente rigorosas e ricas de comentários pertinentes. Seu repertório gigantesco de conhecimentos sobre a contemporaneidade mundial, foram sempre uma das partes mais ricas das nossas orientações, espero a partir de agora, conseguir ser um orientador, como você foi para mim valeu muito!

Aos familiares portugueses um enorme agradecimento, por tudo, por nós receber, por incentivar, por integrar, este trabalho só foi possível devido ao carinho e suporte que ganhei de vocês. Em especial da querida Tia Tú, e seus filhos fantásticos: Inês, Roberto, Pilar e Guilherme. Um super agradecimento aos primos Tiago e Carolina que sempre ajudaram e foram tão solícitos. As Tias Mafalda, Sunsa e Sofia obrigado por nós receber e ajudarem

sempre com tanta coisa e tanto afeto, foi muito bom, voltar a morar perto de vocês e sentir todo esse amor de novo.

Aos avós, todo amor do mundo é pouco, para agradecer o carinho e a preocupação que ambos tiveram desde o princípio, ajudando muito, não só financeiramente, mas principalmente emocionalmente na composição deste trabalho aqui finalizado. Ao Pai e a Bel, que vieram no meio deste trabalho do Brasil para Portugal, também tenho muito que agradecer. Nessa nova aventura de viver em um local diferente, foi muito bom contar com vocês, nos mais diversos momentos, muito obrigado.

Aos familiares no Brasil, um agradecimento do tamanho do oceano que nos separava, Flá, Mateus e Mãe. Foram três anos onde tanta coisa aconteceu e só foi possível passar por todas esses obstáculos, sabendo que vocês nos ajudavam de longe, muito obrigado por tudo sempre. Aos amigos do Brasil, muito obrigado por todas as vezes, que trouxeram conforto e segurança de que estávamos longe, mas não distantes. Foi muito bom receber esse carinho do outro lado do mundo.

Agradeço também aos meus empregos, Fundação Ensino Superior de Bragança Paulista e a Escola Viverde. Pela paciência e compreensão de que ainda não poderia me dedicar integralmente as atividades da docência, devido à Tese.

Desde o processo de escrever o projeto e da candidatura da bolsa, o Ian teve um papel fundamental, além de me hospedar em São Carlos todas as vezes que precisei consultar a biblioteca da UFSCar e matar a saudade do Brasil. O casal Erica e Bruno, também foram especiais, ao me receberem e permitirem que eu pudesse ir na biblioteca da Unicamp, com toda ajuda possível e o maior cuidado desse mundo, de novo obrigado. Agradeço muito também meu sogro Ivo, que também tornou possível as estadias em São Paulo, e foram muitas, quando precisava ir à biblioteca da PUC.

Agradeço infinitamente Alline, minha amada esposa, pois sem ela, jamais seria possível realizar esta Tese. Foi ela quem me incentivou em tudo: a prestar o concurso, a mudar para Lisboa, a buscar a bolsa, a estudar, a escrever enfim tudo. Nunca vou poder agradecer o suficiente, por toda a ajuda e cumplicidade que tivemos nesses quatro anos de realização deste trabalho. Leitora primeira de tudo o que fiz, as qualidades desse trabalho são todas dela e principalmente agora, na reta final com a chegada da amada Mafalda nossa filha, que me apoiou e incentivou ainda mais na conclusão desta Tese.

Agradeço à CAPES, pois sem a conceção da bolsa, esta Tese não poderia ser concretizada.

RESUMO:

Estudar as disputas e negociações identitárias realizadas pelos imigrantes brasileiros em Portugal e assim historicizar o período, por meio das ações promovidas por esses sujeitos em diáspora e das reações da sociedade recetora portuguesa. Os estudos académicos desenvolvidos sobre a imigração brasileira em Portugal abordam muitos estudos de caso, com pouca preocupação histórica. Partindo da produção existente dos vários estudos, se propõe desenvolver uma pesquisa exaustiva sobre o assunto, possibilitando com isso, uma perspetiva geral sobre este movimento, que tomou proporções impactantes na sociedade portuguesa, no processo de assumir a liderança de estrangeiros em Portugal. As relações entre Brasil e Portugal são inegáveis, além de questões históricas comuns, existe uma produção de sentidos e imagens pelos meios de comunicação e pelos governos dos respetivos países que (re)alimenta essas proximidades. Criou-se até uma expressão que sintetiza essa ideia: "povos irmãos". A partir deste trabalho de história social, busca-se desconstruir os discursos e fazer emergir as contradições que envolveram os processos das migrações de brasileiros para Portugal entre os anos de 1986 e 2007. Para a realização desde objetivo, foram analisadas diversas fontes, como jornais associativos, revistas, jornais religiosos, jornais de grande circulação portugueses, entrevistas orais, filmes, documentos governamentais portugueses, entre outros registros.

Palavras chave: imigração, imigração brasileira, imprensa e identidades

ABSTRACT:

The aim of this paper is to study the disputes and identity transactions made by brazilian immigrants in Portugal and historicizing the period through the actions taken by these individuals in diaspora and the reactions of the Portuguese society. Academic studies about Brazilian immigration in Portugal address many studies case, with little historical concern. Starting from the existing production of various studies, it is proposed to develop a comprehensive research on the subject, allowing it a general perspective on this movement, which took impactful proportions in Portuguese society in the process of taking the lead of foreigners in Portugal. The relations between Brazil and Portugal are undeniable, besides the common historical issues, there is a production of meanings and images by the media and the government of the respective countries that (re) feeds those relations. It was created by an expression that sums up this idea: "fraternal people." From this work of social history, it seeks to deconstruct the discourse and it brings out the contradictions involving the processes of Brazilian migration to Portugal between 1986 and 2007. To achieve its goal, it was analyzed several sources such as newspapers associations, magazines, religious newspapers, Portuguese main newspapers, oral interviews, movies, Portuguese government documents and other records.

Key words: immigration, Brazilian immigration, media and identities

ÍNDICE

Introdução 1
Parte I 11
PRIMEIRO CAPÍTULO: ESTADO DA ARTE 11
1.1 - Imigração 11
1.2 Imigrantes brasileiros no mundo 18
1.3 - Imigrantes brasileiros e Portugal 23
1.4 Identidades 32
1.5 Portugal contemporâneo 39
SEGUNDO CAPÍTULO: METODOLOGIAS 42
2.1 A História e a História do tempo presente 43
2.2 História Oral 51
2.3 Metodologia em história oral 56
2.4 - Povos irmãos: Portugal e Brasil disputas e negociações identitárias e a história oral 64
2.5 História da Imprensa 68
2.6 Imigração e imprensa 72
TERCEIRO CAPÍTULO: DIÁSPORA BRASILEIRA E PORTUGAL ENQUANTO DESTINO DE MIGRAÇÕES 77
3.1 Década de 1980 – Esperança de novos rumos e a década perdida. 80
3.2 Portugal: novos rumos 84
3.3 Brasil - Década perdida 87
3.4 Década de 1990 95
3.5 Portugal dos invícios 102
3.6 Imigrantes brasileiros altamente qualificados? 107
3.7 O caso Alcindo Monteiro 110
3.8 EXPO 98 114
3.9 Alargando o tema – Década de 1990 – Sabiá 118
3.10 Década de 2000 - Portugal década perdida 122
3.11 Euro 2004: as bandeiras na janela 124
3.12 Arrastão de Carcavelos – 2005 128
3.13 Negócios estrangeiros 132
3.14 Celebrações e migrações internacionais 135
3.15 Internet como elemento de aproximação 139
3.16 Alargando o tema – a década de 2000 – o Brasileirinho 142
QUARTO CAPÍTULO: CASA DO BRASIL DE LISBOA 152
4.1 O Sabiá 156

4.2 Primeira fase do Sabiá 158
4.3 Segunda fase do Sabiá 167
4.4 Terceira fase do Sabiá 173
4.5 Emigrar não é desistir 182
4.6 Conclusão 186
QUINTO CAPÍTULO – OS JORNAIS IMPRESSOS DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS 187
5.1 IURD em Portugal 191
5.2 Tribuna Universal 196
5.3 O diálogo com o leitor 203
5.4 Folha Universal 205
5.5 Folha de Portugal 209
5.7 Conclusão 221
SEXTO CAPÍTULO: ALTO COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO E MINORIAS ÉTICAS 221
6.1 Estado Português e os imigrantes estrangeiros: aspetos legais 223
6.2 Boletim Informativo 226
6.3 Editoriais e coluna Nacional 230
6.4 Momentos de diálogo com a sociedade 236
6.5 Conclusão 240
Parte III 242
SÉTIMO CAPÍTULO: DÉCADA DE 1990 242
7.1 Dentistas brasileiros em Portugal 242
7.2 Um problema antigo: Médico dentista, cirurgião dentista, estomatologista e prático dentário. 243
7.3 A primeira dor de dentes Portugal-Brasil 245
7.4 Segunda dor de dentes 253
7.5 Conclusão - Dentistas brasileiros 260
7.6 IURD e o Coliseu do Porto 261
7.7 Eleições legislativas 266
7.8 Organização contra a compra do Coliseu 268
7.9 Segunda parte: Eleições, embates e amigos. 272
7.10 Conclusão - Compra do Coliseu do Porto 277
OITAVO CAPÍTULO: DÉCADA DE 2000 279
8.1 – Mães de Bragança e as meninas brasileiras 279
8.2 - Jornais e o caso das Mães de Bragança 281

8.3 Time – e a repercussão internacional 287
8.4 - Meninas brasileiras e a xenofobia 288
8.5 - As negociações e disputas de identidades relacionadas com as "Mães de Bragança" .. 291
8.6 – Conclusão - Mães de Bragança 299
8.7 - Acordo Lula 2003 300
8.8 Visita oficial de Estado 302
8.9 - A receção festiva: "Lula, cadê você? Eu vim aqui só p´ra te ver" 305
8.10 – Acordos 308
8.11 - Acordo luso-brasileiro 309
8.12 - Acordo Lula 313
8.13 – Conclusão – Acordo Lula 317
CONCLUSÕES 320

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 Informações sobre os Entrevistados 67
Quadro 2 Taxa de Crescimento da Economia Mundial. 100
Quadro 3 Fases do jornal Sabiá 1992-2007 158
Quadro 4 Fonte jornal Sabiá 1-38. 159
Quadro 5 - Tiragem Tribuna Universal (1993-2000). 201
Quadro 6 - Tribuna Universal, formatos 1993-2000. 202
Quadro 7 - Folha Universal,, Relações entre ano, edições e tiragens (2000-2003). 207
Quadro 8 Folha Universal, edições e tiragens, 2004-2007. 209
Quadro 9 - Fases do jornal Folha Universal, 2004-2007. 210
Quadro 10 - Folha Portugal: Cantinho do Amor, número 16, 4 de abril de 2004. 214
Quadro 11: Publicações promovidas pelo ACIME/ACIDI 222
Quadro 12: Boletim Informativo, Edições 1 - 55 outubro de 2002 – dezembro de 2007. 226
Quadro 13: Artigos envolvendo o caso dos dentistas brasileiros no Público, Diário de Notícias e Correio da Manhã 246
Quadro 14: Artigos que abordaram a questão política envolvendo a compra do Coliseu do Porto. 267
Quadro 15 Matérias sobre prostituição de imigrantes brasileiras 2003-2004. 282
Quadro 16 Matérias da Folha Universal sobre o tema "Mães de Bragança" 292

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1: Capa Cadernos do Terceiro Mundo, ano X, número 102, 1987. 91
Figura 2 Jornal Sabiá número 18, dezembro/janeiro 1993/1994, p.8 118
Figura 3 Jornal Sabiá número 2, junho de 1992, p.8 119
Figura 4 Jornal Sabiá número 1, maio de 1992, p.2 159
Figura 5 Jornal Sabiá, número 25, setembro de 1994, p.8 165
Figura 6 Jornal Sabiá, número 47, dezembro, 1999 p.3. 170
Figura 7 Jornal Sabiá, número 5, setembro de 1992, p.8 185

Figura 8 Jornal Sabiá número 10, março de 1993, p.8. 225
Figura 9 Jornal Sabiá, número 14, julho 1993, p.8 242
Figura 10 Jornal Sabiá, número 57, Agosto/Setembro 2003, p.4..... 310

GLOSSÁRIO DAS SIGLAS

AAC - Associação Amigos do Coliseu

ABO-P - Associação Brasileira de Odontologia- secção Portugal

ACIME – Alto Comissariado para os Imigrantes e Minorias Étnicas

ACIDI – Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural

AML - Área Metropolitana de Lisboa

APMD - Associação Profissional de Médicos Dentistas de Portugal

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBL – Casa do Brasil de Lisboa

CDS-PP – Centro Democrático Social - Partido Popular

CEDOC - Centro de Documentação da CBL

CEE - Comunidade Económica Europeia

CEMI - Centro de Estudos de Migrações Internacionais

CM – Correio da Manhã

CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

COCAI - Criação do Conselho Consultivo para os assuntos da Imigração

DN – Diário de Notícias

FAPESP - Fundação de Apoio a pesquisa do Estado de São Paulo

FCT - Fundação para Ciência e Tecnologia

FGV - Fundação Getúlio Vargas

FMI – Fundo Monetário Internacional

FN - Frente Nacional

FP – Folha Portugal

FPF - Federação Portuguesa de Futebol

FU – Folha Universal

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHTP - Instituto de História do Tempo Presente

INE - Instituto Nacional de Estatísticas

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

MST - Movimento dos Sem Terra

OMD - Ordem dos Médicos Dentistas

OMP - Ordem dos Médicos Portugueses

ONU - Organização das Nações Unidas

P – Público

PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PCO - Partido da Causa Operária

PDS - Partido Democrático Social

PDT - Partido Democrático Trabalhista

PIB - Produto Interno Bruto

PL - Partido Liberal

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PNR - Partido Nacional Renovador

PPS - Partido Popular Socialista

PRN - Partido da Renovação Nacional

PS – Partido Socialista

PSP - Polícia de Segurança Pública

PSB - Partido Socialista Brasileiro

PSD – Partido Social Democrata

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados

PT – Partido dos Trabalhadores

PUC – Pontifícia Universidade Católica

RTP - Rádio e Televisão Portuguesa

SCAL - Secretariado Coordenador das Associações para a Legalização

SEC - Secretária de Estado da Cultura

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

SIC - Sociedade Independente de Comunicação

SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida

TVI - Televisão Independente

TU – Tribuna Universal

UEFA - *Union of European Football Associations*

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UNICAMP – Universidade da Campinas

UNESP – Universidade Estadual de São Paulo

USP – Universidade de São Paulo

UTAD - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Introdução

"Quero ir para casa,
Embarcar num golpe de asa,
Pisar a terra em brasa,
Que a noite já aí vem.
Quero voltar
Para os braços da minha mãe,
Quero voltar
Para os braços da minha mãe.
Vim em passo de bala,
Um diploma na mala,
Deixei o meu amor p'ra trás.
Faz tanto frio em Paris,
Sou já memória e raiz,
Ninguém sai donde tem Paz.
Quero ir para casa
Embarcar num golpe de asa,
Pisar a terra em brasa,
Que a noite já aí vem.
Quero voltar
Para os braços da minha mãe,
Quero voltar
Para os braços da minha mãe."

(Letra de Pedro Abrunhosa)

A música do cantor Pedro Abrunhosa acima foi escrita em 2013, sendo vencedora de vários prémios, com especial destaque por sua atualidade, ao tratar do tema da emigração em Portugal.[1] Também na política este tema esteve muito presente. O Partido Socialista, na campanha para as eleições legislativas de 2015, acusou o governo PSD-CDS/PP pelo aumento da emigração portuguesa nos últimos anos, como exemplo concreto das medidas erradas por ele tomadas desde 2011, quando o país foi objeto de um resgate financeiro por parte da União Europeia e do Fundo Monetário Internacional. Estes dois exemplos mostram como as questões relacionadas com as emigrações e imigrações têm extrema importância na sociedade portuguesa.

Sou filho de um emigrante português, que foi para o Brasil aos 15 anos. Por causa do meu pai e da minha família, sempre tive uma ligação afetiva com Portugal e uma sensibilidade maior em relação ao tema das migrações. Tanto que minha dissertação de mestrado em História Social foi sobre a imigração, especificamente sobre os imigrantes brasileiros no Japão. Após anos de estudo escolhi mudar os personagens e o espaço, mas continuei no tema das identidades migratórias dos brasileiros no exterior, optando por estudar a história dos imigrantes brasileiros em Portugal.

[1]Disponível em http://www.abrunhosa.com/noticias.aspx?action=all&id=14&tit=Pedro%20Abrunhosa%20recebe%20Glo%20de%20Ouro%20de%20Melhor%20M%C3%BAsica consultado em 09.09.2015.

Para Marc Bloch o historiador deveria partir do presente para entender o passado. Nessa pesquisa, este percurso foi realizado ao extremo, pois apesar da minha dupla nacionalidade luso-brasileira, comecei a viver em Portugal apenas em setembro, de 2012 quando iniciei o doutoramento, e pouco conhecia sobre sua história contemporânea. A história do tempo presente não se preocupa com essa condição, mas no meu caso eu desconhecia as notícias sobre as quais eu estava investigando. Foi por meio da pesquisa bibliográfica e das entrevistas com os imigrantes, ou seja, do presente, que fui definindo quais seriam os acontecimentos e temas mais relevantes para entender e escrever a história desses imigrantes brasileiros em Portugal.

Na historiografia brasileira existe o termo brasilianista que se refere sobretudo aos estrangeiros que estudam o país[2]. Esse olhar estrangeiro sobre os temas do país trouxe uma série de análises diferentes sobre a realidade brasileira. Em Portugal não existe qualquer referência a esse tipo de pesquisador, «portugalista» ou «lusitanista», entretanto destaco que em muitos casos pude constatar que essa estranheza me permitiu outros prismas. Ao longo de três anos vivi a dupla experiência de estudar os imigrantes brasileiros, mas também de ser um imigrante brasileiro vivendo em Portugal. Essa condição me permitiu dimensionar o cotidiano dos imigrantes brasileiros, bem como as inevitáveis comparações entre as realidades encontradas no Japão e em Portugal foram uma mais-valia durante esse processo.

A migração é um dos atos mais antigos dos seres humanos. O período dos impérios coloniais foi um dos momentos históricos de maior deslocamento de pessoas, pois milhares de europeus colonizaram terras distantes em nome do progresso e da civilização. Este era, e ainda é, um dos discursos legitimadores da ocupação, dominação, exploração e escravidão dos povos americanos, africanos e asiáticos. Atualmente ainda existem discursos utilizados por grupos sociais e políticos que abordam as questões das migrações utilizando o viés barbárie x civilização.

No decorrer das últimas décadas do século XX houve uma mudança no fluxo das migrações. Se antes os impérios enviavam milhares de cidadãos para suas colónias, agora os antigos colonizados inverteram a sua posição e começaram a "exportar" migrantes para suas antigas "metrópoles". Isso se acelerou com o fim da Guerra Fria, pois o discurso capitalista vencedor propunha uma sociedade do consumo. Segundo essa ideologia propagada nesse período, a realização pessoal estaria diretamente relacionada com a quantidade de produtos e

[2] Marshall C. Eakin (2008), "A contribuição dos brasilianistas estrangeiros para a historiografia de Minas Gerais", *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, volume VII, número XXVII. Disponível em http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/183/186, consultado em 12.04.2014.

serviços que os seres humanos conseguiam consumir. Porque, para alguns habitantes do globo, a única maneira dessa realização seria por meio da transposição de suas fronteiras nacionais, como afirma Stuart Hall: "A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar" (Hall, 2009, p.28).

Neste processo em busca de uma vida melhor, milhares de habitantes se aventuraram em terras estrangeiras. As estratégias para alcançar o sucesso foram as mais diversas possíveis, de acordo com as possibilidades de cada indivíduo (Rocha Trindade, 2003). No Brasil foram inúmeros os destinos escolhidos como opção: Estados Unidos, Japão, Paraguai, Portugal, entre outros.[3] Muitos estudos articulam diretamente as migrações em grande quantidade como consequência da chamada globalização.[4]

Os estudos sobre a imigração brasileira em Portugal consideram haver duas vagas distintas, a primeira entre 1986-1996 e a segunda entre 1997-2007. Claro que os trânsitos entre Brasil-Portugal enquanto países acontecem desde a declaração de independência em 1822. Porém, a quantidade e impacto destes imigrantes foi muito maior no período citado (Machado, 2006). A primeira vaga seria temporalmente definida entre 1986-1996, com elevada qualificação, composta de profissionais liberais, da classe média brasileira, com origem nos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro em sua grande maioria. A segunda vaga teria lugar entre os anos 1996-2007 e seria caracterizada sobretudo por baixas qualificações, ocupando profissões ligadas à mão de obra braçal e na restauração, tendo saído principalmente dos Estados de Minas Gerais e do Espírito Santo (Machado, 2009, Fonseca, 2011).

Esta tese de doutoramento em história busca historicizar as disputas e negociações identitárias dos imigrantes brasileiros durante um período de vinte e um anos, de 1986 a 2007, em que os brasileiros se tornaram a maior comunidade de estrangeiros legalmente vivendo em Portugal. Por exemplo, segundo os dados oficiais portugueses compilados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) em 2008, a população documentada de brasileiros no país cresceu de 7.470 mil em 1986 para 106.000 mil em apenas 21 anos. A tabela I abaixo auxilia na perceção desse crescimento:

[3] Sobre a imigração brasileira contemporânea ver, entre outros, Patarra (1995), Reis e Sales (1999), Assis (1995), Kawanura (1999), Sasaki (1998), Feldman-Bianco (2002), Magalhães (2011), Machado (1999 e 2009), Margolis (1994) e BÓGUS (1995), que servem como base para uma bibliografia.

[4] Existe uma série vasta de debates sobre o tema da globalização e de como ela foi responsável pelas grandes vagas imigratórias ocorridas entre o final do século XX e o começo do século XXI. Este trabalho não vai detalhar ou propor novos conceitos sobre a globalização, este não é o objetivo deste estudo.

Tabela I: Maiores comunidades imigrantes documentadas em Portugal

1991	1996	2001	2007
Cabo-verdianos (29.743)	Cabo-verdianos (39.236)	Cabo-verdianos (49.930)	Brasileiros (106.961)
Brasileiros (12.678)	Brasileiros (20.027)	Brasileiros (23.451)	Ucranianos (52.494)
Ingleses (8.912)	Angolanos (16.172)	Angolanos (22.630)	Cabo-verdianos (51.353)
Espanhóis (7.571)	Guineenses (12.548)	Guineenses (17.580)	Romenos (27.769)
Norte-americanos (7.210)	Ingleses (11.686)	Ingleses (14.952)	Angolanos (27.679)

Dados oficiais sobre a evolução dos cinco grupos mais numerosos de imigrantes com situação documental autorizada. Fonte: Relatórios Estatísticos Anuais do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Os imigrantes brasileiros cresceram muito, principalmente no fim da década de 1990 e no começo da de 2000. O número de brasileiros vivendo indocumentados em Portugal nesse mesmo período, de acordo com as associações de imigrantes, *médias* e investigadores, estima-se ser duas ou três vezes maior. Este crescimento tão rápido, em um período tão curto de tempo, proporcionou uma série de acontecimentos e sentimentos na sociedade portuguesa. Esta realidade não foi exclusiva dos imigrantes brasileiros. A última coluna da tabela I aponta para as outras duas correntes migratórias que também se estabeleceram no mesmo período, os ucranianos e os romenos. Portugal, nesse período, vivenciou uma nova realidade, a de se tornar num país que passava a receber imigrantes de outros lugares.

Nesta investigação foi selecionada enquanto dimensão territorial de estudo a área metropolitana de Lisboa. Este espaço é composto por dezoito municípios: Alcochete, Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Odivelas, Oeiras, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal, Sintra e Vila Franca de Xira. Esta região ocupa 3% do território português. De acordo com o censo de 2011, era habitada por mais de 20% da população total do país, com 2.821.697 de seres humanos. De acordo com Malheiros, em *Imigração Brasileira em Portugal Lisboa desde 1986*, a área metropolitana de Lisboa vem recebendo a maior parte do fluxo de imigrantes, aumentando a liderança em relação às outras áreas do país ao longo do período estudado (Malheiros, 2007, pp.21-22).

Dessa forma podemos concentrar esforços para analisar melhor as interações dos

imigrantes brasileiros com a sociedade em seu redor. Com efeito, abordar toda a extensão territorial portuguesa inviabilizaria a pesquisa dentro do prazo e da extensa lista de fontes e entrevistas utilizadas nesta tese de doutoramento. Entretanto essa demarcação não é rígida. Na análise sobre os debates envolvendo os imigrantes brasileiros, abordaremos questões que envolveram outras localidades, como Bragança, no caso do Manifesto das Mães de Bragança, ou o Porto, na questão da compra do Coliseu dos Recreios pela Igreja Universal do Reino de Deus. Deste modo tentou-se abordar a maior extensão territorial possível dentro das hipóteses reais de estudo e reflexão no âmbito temporal de produção de uma tese.

O debate público ao longo do século XX e sobretudo no princípio do século XXI foi inegavelmente travado pelos meios de comunicação, que constituem os maiores formadores e contestadores de opiniões. Para além das grandes empresas capitalistas de comunicação, existe uma série de outros jornais e revistas que possuem dimensões menores, mas mesmo com um menor alcance também participam do debate público sobre os mais diversos assuntos. Este trabalho busca explorar essas disputas e negociações identitárias travadas nessa arena dos meios de comunicação em relação aos imigrantes brasileiros.

Para concretizar tal tarefa, procurou-se diversificar as fontes históricas, por forma a ganhar pluralidade de opiniões e aumentar a representatividade em relação aos sujeitos desse processo. Desse modo foram analisados meios de comunicação em grande escala na sociedade portuguesa – *Diário de Notícias, Público* e *Correio da Manhã* -, envolvidos em projetos editoriais capitalistas, geradores de grandes receitas de publicidade. Em relação à forma como esses meios de comunicação organizam o espaço noticioso, citamos a excelente descrição feita por Gomes:

> "O *Correio da Manhã* é o jornal que diariamente reúne maior número de itens noticiosos, seguindo-se o Diário de Notícias e, posteriormente, o Público, algo que está directamente relacionado com a estrutura gráfica de cada um dos títulos, mas também resulta da natureza dos mesmos, pois, no primeiro jornal mencionado o grafismo é sustentado em aberturas de página de menor dimensão, páginas mais fragmentadas por informações diversas, como notícias em modo de breves, frases e discursos directos, destaques em forma de números ou factos. No *Diário de Notícias* encontramos um plano intermédio, com uma dimensão superior das peças jornalísticas, aberturas de página e peças de apoio, até ao aumento dos espaços de opinião. Por sua vez, o *Público*, explicitando de modo mais denso e fundamentado o teor das informações apresentadas, recorre a um grafismo mais compacto, centrado na apresentação de conteúdos e notícias, cujo espaço ocupado em página é superior, zonas de opinião maiores e menor utilização das denominadas breves ou pequenas informações, ainda que se verifique o recurso frequente a grafismos explicativos" (Gomes R, 2013, p.146).

Para diversificar as fontes de informação, buscaram-se outros tipos de meio de comunicação, que circulassem com maior frequência entre os imigrantes brasileiros. Com este

critério em mente, escolheram-se os seguintes meios impressos: jornal *Sabiá*, revista *Boletim Informativo* e jornal *Tribuna Universal/Folha Universal/Folha Portugal*. Todos circulavam gratuitamente na sociedade portuguesa. Praticamente não existe qualquer produção académica sobre estes meios de comunicação, exceto sobre o *Sabiá*, que já foi alvo de alguns estudos, mas nenhum foi uma análise histórica. Para melhor realização deste estudo, além da leitura e análise da produção destes meios. Por isso realizou-se um estudo aprofundado da literatura disponível e do material impresso produzido por estas entidades, durante esse período.

Tabela II: Meios impressos analisados

Entidade	**Casa do Brasil de Lisboa**	**ACIME/ACIDI**	**Igreja Universal do Reino de Deus**	**Igreja Universal do Reino de Deus**
Jornal/Revista	*Sabiá*	*Boletim Informativo*	*Tribuna Universal/Folha Universal*	*Folha Portugal*
Períodos de publicação	1992 – 2007	2002-2007	1993-2001	2003-2007
Edições	77	55	342	208

Fonte: Casa do Brasil de Lisboa e Biblioteca Nacional Portuguesa,

Nesta pesquisa analisaram-se todos os números de *Sabiá*, *Boletim Informativo*, *Tribuna Universal/Folha Universal/Folha Portugal* produzidos por essas entidades, com o intuito de entender as principais questões envolvendo estes imigrantes no período 1986-2007. Não seria possível realizar pesquisa idêntica em relação aos grandes meios impressos, como os acima referidos *Correio da Manhã, Público* e *Diário de Notícias*. Por serem diários, produzem muita informação em suas páginas. Para conseguir fazer a comparação sobre como foi travado o debate sobre as identidades imigrantes brasileiras, entre as grandes corporações e a pequena imprensa gratuita, optou-se por escolher alguns acontecimentos específicos. Dessa forma poderíamos executar a mesma leitura detalhada durante o período em questão em todos os seis meios impressos.

Com essa preocupação metodológica de escolher quais os momentos mais importantes ou com maior repercussão nos meios de comunicação, inventariou-se o estado da arte sobre a imigração brasileira em Portugal. Depois dessa longa pesquisa, selecionaram-se quatro momentos em que o ser imigrante brasileiro em Portugal esteve em debate com diferentes imagens na sociedade portuguesa, por exemplo, tornando-se capa dos jornais *Correio da Manhã, Público* e *Diário de Notícias,* o que significou destaque e importância a nível

nacional. Os momentos escolhidos foram “Dentistas brasileiros”, “Compra do Coliseu”, “Mães de Bragança” e “Acordo Lula”.

Com esta periodicidade estabelecida envolvendo este assunto, estudamos como a grande imprensa registrou e comentou os factos referentes ao tema, estabelecendo identidades aos imigrantes brasileiros e como os outros meios impressos pequenos reagiram a essas identidades. Este debate público sobre estes temas é o que consideramos disputas e negociações identitárias. Perceber como estes temas foram abordados permite dimensionar o impacto que eles causaram na população portuguesa e nos imigrantes brasileiros.

Por meio do estudo desses acontecimentos, procura-se privilegiar os embates da sociedade portuguesa com os imigrantes brasileiros. Por acreditar que esses momentos são úteis para apontar contradições entre discurso e ação, ou mesmo conflitos dentro do próprio grupo de imigrantes brasileiros. Porque, como demonstramos, este “grupo” é muito diverso, desde a sua origem no Brasil, à sua classe social e formação profissional/intelectual, e pode, por isso mesmo, ter uma série de conflitos motivados por essa diversidade.

Não existe a ambição de que esta tese abarque todas as negociações e disputas, a ideia de história total é vigorosamente criticada e não desejada neste estudo. No âmbito da proposta de uma pesquisa, dentro de um programa regular de doutoramento em História, que deve ser realizado em quatro anos, foi realizada uma série de recortes e escolhas, buscando alargar ao máximo a questão da imigração brasileira em Portugal. Com isso não se quis criar artificialmente uma categoria ou entidade chamada “imigração brasileira”. Buscou-se corroborar com os vários estudos que atentam para as multiplicidades identitárias dos sujeitos. Para tal, relembramos a busca de um número alargado de interlocutores com diversos meios de comunicação e com entrevistas orais com os imigrantes brasileiros.

Os imigrantes brasileiros em território português estiveram sujeitos a inúmeros estereótipos que eram anteriores à sua chegada. A sua presença crescente neste período de estudo 1986-2007 possibilitou que outras imagens fossem criadas. Mas devido à presença maior destes imigrantes, eles próprios desenvolveram estratégias para conseguir também negociar e disputar essas imagens na sociedade portuguesa. Analisar historicamente como isso aconteceu, como evoluíram essas negociações e disputas de identidades na sociedade portuguesa foi o objetivo desta tese de doutoramento. Como e quais foram as estratégias que esses imigrantes brasileiros desenvolveram para debater ou reforçar essas imagens foi um dos objetivos deste trabalho. Defendemos que existem identidades múltiplas, plurais e até mesmo

contraditórias.[5]

Na interação de quaisquer seres humanos com o espaço existe a criação de locais de sociabilidade. O local de trabalho é um local rico em interações e de grandes trocas entre os imigrantes brasileiros. Também existem outros locais com potenciais interatividades, como os locais de alimentação e lazer, por exemplo. Faz parte de qualquer grupo imigrante a busca de transformar o espaço onde se encontra em algo próximo e com significado, ou, utilizando uma expressão mais informal, existe a procura de aconchego. As diversas origens dos imigrantes brasileiros e a própria dinâmica das suas atividades vão permitir uma série muito vasta desses locais de conforto. Esses locais podem ou não tentar estabelecer uma ligação com o Brasil.

Todas essas questões apresentadas fazem parte das diversas formas que os imigrantes brasileiros produziram identidades em Portugal, na sua alimentação, no espaço, no lazer, no cotidiano, no mercado de trabalho, na esfera pública. Este trabalho busca estudar as disputas e negociações de identidades ocorridas em Portugal devido à permanência destes imigrantes brasileiros durante esses vinte e um anos, quando se tornaram a maior comunidade de estrangeiros a viver legalmente no país.

Para o estudo proposto aqui, temos a convicção de que se pode contribuir para a história do tempo presente com um trabalho sobre os imigrantes brasileiros em Portugal nos anos de 1986-2007. Por meio de uma pesquisa realizada com fontes da grande imprensa e da imprensa imigrante, bem como a utilização de materiais produzidos pelas associações e também por meio de entrevistas realizadas segundo as metodologias da História Oral. Com a reunião de todas essas atividades propostas, poderá ser realizado uma grande história sobre os imigrantes brasileiros em Portugal.

Para melhor compreensão deste estudo, dividimos a sua composição em três partes. A primeira parte é composta por três capítulos, nos quais detalhamos as questões do estado da arte, das metodologias e do contexto histórico sobre Brasil e Portugal durante o período 1986-2007. A segunda é composta por três capítulos, versando sobre os meios de comunicação gratuitos e seus produtores. Na terceira e última parte fazemos a análise dos "momentos marcantes", analisando as matérias produzidas em todos os seis meios de comunicação, o modo como se deu o debate e as negociações e as disputas identitárias dos imigrantes brasileiros nesse período.

No primeiro capítulo abordamos o estado da arte da imigração, identidades e Portugal

[5] Essa diversidade e multiplicidade de posições estão relacionadas com as mais diferentes possibilidades, de acordo com a sua condição financeira, religiosa, social, regional, de género, étnica, entre outras, para negociar a sua condição de imigrante e as suas identidades múltiplas, dentro da sociedade portuguesa.

contemporâneo. Temas incontornáveis dentro da abordagem proposta nesta tese de doutoramento em História. No segundo capítulo trabalhamos as metodologias escolhidas para abordar, interpretar e analisar as fontes históricas. Especificamente, detalhamos as seguintes: História do Tempo Presente, História Oral e História da Imprensa, para atender os objetivos propostos. No terceiro capítulo apresentamos os contextos históricos de Brasil e Portugal durante as três décadas estudadas de 1980, 1990 e 2000. Por meio de temas que permitam interpretar melhor a realidade dos que partem do Brasil, como Portugal recebeu esses imigrantes e também como foi a interação entre os imigrantes brasileiros e a sociedade portuguesa.

No quarto capítulo fazemos um estudo a fundo da Casa do Brasil de Lisboa e do seu jornal *Sabiá*. Essa foi a primeira associação de imigrantes brasileiros em Portugal, atuando em diversos momentos no período proposto de estudo. No quinto capítulo, a Igreja Universal do Reino de Deus e seus jornais *Tribuna Universal* (*T.U.*), *Folha Universal* (*F.U.*) e *Folha Portugal* (*F.P.*). Esta instituição religiosa de origem brasileira se expandiu para vários lugares do mundo e um dos países onde houve maior reação da sociedade recetora, foi Portugal. No sexto capítulo abordamos a iniciativa estatal para tratar o tema da imigração, o Alto Comissariado para Imigração e Minorias Éticas (ACIME), que depois se passou a designar Alto Comissariado para Imigrações e Diálogo Intercultural (ACIDI). É seu órgão de comunicação o *Boletim Informativo* (B.I.), voltado para a divulgação das políticas imigratórias do governo e das suas visões políticas sobre esta questão.

No sétimo capítulo selecionamos dois momentos da década de 1990 para perceber os momentos de negociações e disputas identitárias entre imigrantes brasileiros e a sociedade portuguesa. O primeiro caso de estudo foi o dos dentistas brasileiros *versus* médicos dentistas portugueses. O segundo foi sobre a compra do Coliseu dos Recreios do Porto pela Igreja Universal do Reino de Deus. No oitavo capítulo foram investigados dois momentos da década de 2000, momento marcante de aumento de imigração brasileira em Portugal. O primeiro caso foi o das Mães de Bragança, o segundo foi o tratado diplomático entre Brasil e Portugal, chamado de Acordo Lula.

Parte I

PRIMEIRO CAPÍTULO: ESTADO DA ARTE

Neste primeiro capítulo apresentamos o estado da arte, sobre os temas principais abordados nesta tese de doutoramento em História Contemporânea que são, nomeadamente, a imigração e as disputas e/ou as negociações identitárias. O primeiro tema a ser abordado é a imigração dos brasileiros para o exterior e, mais especificamente, a imigração dos brasileiros para Portugal. As identidades e suas múltiplas formas de manifestações - afirmação, negação, disputas e negociações - envolvem ações por parte dos imigrantes e também (re)ações da sociedade portuguesa. Por isso dedicaremos atenção aos Estudos Culturais abordando as formas de pensar o tema identidade. Além disso, consideramos também importante abordar as obras que tratam da história do tempo presente em Portugal.

Neste trabalho, a problematização dos temas será feita à luz da disciplina historiográfica, de maneira independente, reconhecendo o trabalho desenvolvido por estes especialistas, mas com o intuito de inovar as análises baseadas nas contribuições que a disciplina da história pode dar ao tema. Da produção académica realizada nos dois países por diversas disciplinas ressalta a importância deste fluxo migratório para a vida social dos países envolvidos. Entretanto, não existe ainda um estudo mais profundo sobre o tema na disciplina historiográfica, lacuna que o contributo deste estudo pretende minorar.

1.1 - Imigração

> "O migrante divisado, dividido, des-ligado, fora de sua "re(li)gião". Nada de religião em si, que logo se diga. Mas, curioso, não é a migração, *lato sensu*, um processo de ligação, desligação e religação contínuo? Ou, se quisermos, des-locar, re-locar, trans-lo(u)car? Ou, ainda, des-envolver, re-envolver, re-solver." (Goettert, 2010, p.19)

Para elaborar este capítulo sobre o estado da arte, centrado na produção académica que abordou os imigrantes brasileiros em Portugal entre 1986-2007, optou-se por uma divisão de temas. A primeira parte foca a imigração no final do século XX e início do século XXI. A segunda aborda os trabalhos sobre os imigrantes brasileiros no exterior nesse período. A

terceira destina-se aos trabalhos realizados sobre os imigrantes brasileiros em Portugal durante os anos de 1986-2007. Para melhor compreensão do tema, apresentaremos as obras por ordem cronológica de publicação, envolvendo as migrações em geral e depois os estudos específicos sobre os diferentes destinos.

A primeira grande obra para iniciar os estudos sobre as imigrações foi, com certeza, a do professor Abdelmalek Sayad, *A imigração ou os paradoxos da alteridade* (1998). Publicada em França, em 1992, a obra investiga muitos aspetos desse processo complexo que é a imigração no final do século XX. Estudando a comunidade argelina na França, o autor detalha inúmeras questões, dentre as quais destacamos a condição do imigrante enquanto sujeito com uma dupla exclusão. A primeira exclusão devido à sua condição de imigrante, por ser novo naquele local. A segunda, quando ele volta às suas origens e se depara com uma nova realidade, que ele já não identifica mais.

Neide Patarra e Rosana Barninger organizaram o livro *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. Esta obra, publicada em dois volumes, foi fruto de um seminário realizado em Brasília, entre 3 e 4 de outubro de 1995, chamado *Migração Internacional e Cidadania*, financiado pela ONU. Vários pesquisadores de áreas diferentes e autoridades participaram nas palestras, mas, nas versões impressas, apenas os pesquisadores produziram textos. Esta obra foi a primeira abordando a temática dos imigrantes brasileiros nos EUA e no Japão.

Maria Lucinda Fonseca escreveu o artigo "As migrações para a Área Metropolitana de Lisboa - dos anos sessenta aos anos oitenta", em 1989, tema ligado à sua tese de Doutoramento em Geografia. Esta autora se destacou ao longo dos anos investigando as migrações para Portugal, tendo atuação importante em congressos e também no Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas, com produção de pesquisas, livros, entrevistas e palestras.

No Brasil, em 1988, foi criado o periódico *Travessia: Revista do migrante*, vinculado ao Centro de Estudos Migratórios da Igreja Católica de São Paulo, com vários artigos de teor científico que abordavam questões envolvendo as migrações internas brasileiras. No seu vigésimo primeiro volume, em janeiro de 1995, sob o título *Emigração*, foi dedicada uma edição inteira aos emigrantes brasileiros no exterior. Depois disso, a revista se consolidou como um espaço para divulgação de artigos relacionados com as migrações internacionais de brasileiros.

Em 1996 foi publicado o livro *Imigrantes na Região de Lisboa: os anos da Mudança. Imigração e Processo de Integração das Comunidades de Origem Indiana na Área Metropolitana de Lisboa*, de Jorge Malheiros. O livro, resultado da sua tese de Mestrado concluída em 1993 pela Universidade de Lisboa, foi pioneiro ao tratar da imigração para Portugal. Mesmo não sendo a imigração brasileira, foram importantes as suas primeiras contribuições. Ao longo de sua carreira académica, o professor Malheiros publicou vários estudos sobre as mais diversas imigrações.

Em 1999, Teresa Sales e Rossana Rocha Reis organizaram o primeiro livro com vários artigos sobre as migrações brasileiras para o exterior, *Cenas do Brasil migrante*. Composto por oito capítulos, divididos em três partes, «Brasil x Estados Unidos», «Conexão EUA – Valadares» e «Brasil x Japão»[6], esta obra coletiva contou com quatro textos de quatro orientandos de Sales – Gláucia Assis, Weber Soares, Elisa Sasaki e Adriana de Oliveira. Mais adiante faremos uma descrição das obras importantes desses autores, quando abordarmos cada um dos destinos dessas migrações.

Um dos pontos defendidos na introdução desse livro, assinada por Teresa Sales, foi o conceito de "inversão das migrações". A autora relaciona as migrações que aconteceram no final do século XIX com as que ocorrem no final do século XX, utilizando o caso do Brasil. Por exemplo, o país recebeu milhões de imigrantes na sua história contemporânea e naquele momento, devido a essa inversão, passou a fornecer imigrantes para os outros países. Este tipo de argumentação funciona em alguns casos, como Brasil-Japão, Brasil-Portugal, Brasil-Itália entre outros, porém não resolve questões envolvendo Brasil-EUA[7].

Rui Pires e Filipa Pinho publicaram dois trabalhos, *Mudanças na imigração: uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998-2001* (2002) e *Políticas de imigração em Portugal* (2007). Em ambos existe uma forte análise de dados, traçando uma evolução histórica das migrações para Portugal, com uma periodização em três

[6] Capítulos e seus respetivos autores: "Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston, EUA", por Teresa Sales; "O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco", por Gustavo Ribeiro; "Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachusetts", por Ana Martes; "Estar aqui…, estar lá…: uma… cartografia da emigração valadarense para os EUA", por Gláucia Assis; "Emigração e (i)mobilidade residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano", por Weber Soares; "Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA", por Valéria Scudeler; "Movimento *dekassegui*: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão", por Elisa Sasaki e "Repensando a identidade dentro da emigração *dekassegui*", por Adriana de Oliveira.

[7] O conceito de "inversão das migrações" não serve para analisar a questão dos EUA, pois estes também foram, no final do século XIX e no final do século XX, destino de migrações. Mas isso se deve a mudanças históricas ocorridas no país ao longo desses cem anos. O imigrante do século XIX partia motivado não pela riqueza do país, mas sim pelas novas oportunidades que um lugar em desenvolvimento apresentava. No século XX, uma das principais motivações das migrações era a questão da riqueza dos EUA em relação ao resto do mundo.

etapas: a segunda metade da década de 1970; o incremento e diversificação dos fluxos nos anos de 80 e 90; as novas migrações da Europa do Leste e do Brasil no início deste século. Em cada período implementaram-se políticas específicas: no primeiro, elas centraram-se na questão da nacionalidade; no segundo, houve um equilíbrio entre políticas de controlo e de integração; no terceiro, tendeu-se para o recenseamento e para a questão do controlo.

Outro importante texto sobre a temática das migrações foi o de Maria Rocha-Trindade, *Migrações dos países lusófonos* (2005), no qual se faz uma caracterização geral e sintética das migrações provenientes dos países lusófonos, caracterizados por partilharem uma herança cultural e linguística comum. Neste estudo a autora se aproxima da tese defendida por Teresa Sales em relação à "inversão das migrações", porém, ela aborda só exemplos ligados aos antigos países imperialistas e suas antigas colónias. Além dos países lusófonos, ela aborda exemplos de casos britânicos, belgas, espanhóis, franceses e holandeses.

Oswaldo Truzzi e Zeila Demartini foram os organizadores de *Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas* (2005), livro que contém seis capítulos voltados para as metodologias que podem auxiliar na interpretação dos estudos sobre a temática da migração. Giralda Seyferth reflete sobre as cartas e as biografias; Zelia Demartini sobre os relatos orais; Sidney da Silva sobre a observação participante; Oswaldo Truzzi sobre os métodos comparativos e Karl Monsma sobre inquéritos policiais e processos crimes como fontes de estudo.

Mundos em Movimento: Ensaios sobre migrações (2007) foi organizado por Giralda Seyferth, Helion Póvoa, Maria Zanini e Miriam Santos. Trata-se de uma coletânea de dezoito artigos sobre as mais diversas migrações, internas e internacionais, para inúmeras geografias distintas. Denise Fagundes Jardim foi a organizadora do livro *Cartografias da imigração: Interculturalidade e Políticas Públicas* (2007), formado por dez artigos abordando as imigrações contemporâneas e seus desafios relacionados com os direitos humanos e as políticas públicas.

Migrações: implicações passadas, presentes e futuras (2012) foi organizado por Paulo Teixeira, Antônio Braga e Rosana Baeninger. Na sua última parte, "Migrações Contemporâneas Internacionais", são incluídos cinco textos sobre contextos diferentes, que nos permitem alargar questões e problemáticas relacionadas com o tema em diversas temporalidades. Ainda sobre este tema, destaca-se o trabalho coletivo *Os imigrantes e a imigração aos olhos dos portugueses: Manifestações de preconceitos e perspectivas sobre a*

inserção de imigrantes (2011), coordenado por João António e Verónica Policarpo, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Por meio de uma pesquisa alargada e da realização de vários inquéritos, propõe-se, entre outras coisas importantes, uma análise muito relevante sobre os Governos Constitucionais em relação ao seu discurso e à prática no que toca à questão da imigração.

Migração e Globalização: um olhar interdisciplinar (2012), organizado por Glória Pereira e José Pereira, é composto por vinte e quatro artigos de diferentes autores, abordando estas duas temáticas de amplas formas. Deste conjunto de ensaios, os dois que foram mais relevantes neste trabalho foram os que se debruçaram sobre os imigrantes brasileiros na Espanha. "A imigração brasileira na Espanha. Mercado de trabalho, globalização e projetos migratórios", de Leonardo Cavalcanti, e "Efeitos da Imigração Brasileira na Espanha", de Leila Bijos. As semelhanças e diferenças entre as ações dos imigrantes brasileiros na Espanha, comparadas com as mesmas estratégias desenvolvidas em Portugal, revelaram-se muito ricas para uma melhor compreensão desse complexo processo.

Sobre a imigração para Portugal, existe um conjunto de obras publicadas a partir de encontros, congressos e outros eventos, alguns académicos, outros não, mas que nos permitem uma dupla avaliação. Por um lado, estes eventos podem ser analisados enquanto material produzido sobre o assunto, contribuindo para o fortalecimento do estado da arte. Por outro lado, podem ser analisados enquanto fontes históricas do período em que foram promovidos, problematizando suas entidades promotoras, seus oradores e até mesmo seus títulos enquanto registros históricos[8].

Maria Esteves organizou em 1991 *Portugal, País de imigração*. Na apresentação do texto, António de Almeida Santos destaca: "actual tendência nos colhe como impreparados para ele. Não é assim de estranhar que lhe corresponda uma lacuna em termos de tratamento estatístico e sociológico. (p.VIII)". Este alerta prova também como a imigração era já uma realidade palpável no país no começo da década de 1990, ou seja, escassos anos passados em relação à entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia.

Ainda relativamente à temática geral de imigração, temos o livro do professor Hans Vermeulen, da Universidade de Amesterdão, chamado *Imigração, integração e a dimensão*

[8] Como foi destacado, as escolhas dos nomes para estes eventos não são neutras, pelo contrário. São escolhas que representam as visões que os organizadores possuíam na época sobre este tema. Por exemplo, como podemos comparar, o título "Todo imigrante é meu irmão" é bem diferente de "Imigração: Oportunidade ou ameaça?". O primeiro foi utilizado por uma organização da Igreja Católica, o segundo por uma fundação cultural.

política da cultura (2001). A convite da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1998, o autor fez uma série de seminários e uma palestra pública que depois foram aprofundadas e transformadas em livro. Outro evento realizado nessa época foi *Todo imigrante é meu irmão. Actas das jornadas de reflexão e debate*, que se tornou livro com o mesmo título e com coordenação de Paulo Bernardino, sendo publicado em 2003 pela Fundação Ajuda à Igreja que Sofre.

Uma obra muito interessante, por abordar a questão do imigrante sob outro viés, foi o livro *Psicanálise, Cultura e Migração*. Organizado por Taeco Carignato, Miriam Rosa e Raul Filho, esta obra foi fruto do ciclo de palestras com o mesmo nome, produzido pelo Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Psicólogos e psicanalistas deram suas contribuições sobre como o ato de migrar transforma e altera os seres humanos das mais diversas formas (Carignato, 2002).

Outra obra coletiva derivada de um evento académico no contexto brasileiro foi publicada em 2007 com o nome de *Migrações internacionais: desafios para o século XXI*. Organizado por Odair da Cruz Paiva, o livro divide-se em oito capítulos sobre as mais diversas temáticas envolvendo migrações para Europa, Ásia, África e Brasil. Além disso, a questão dos refugiados também foi trabalhada. Esta obra, que auxilia a problematizar com mais detalhe os problemas deste tipo de estudos, possibilita também comparações com o caso específico da migração dos brasileiros para Portugal.

A conferência internacional *Imigração: Oportunidade ou ameaça?* foi promovida, sediada e depois publicada em livro pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2007. O evento contou com a presença de grandes figuras importantes da política nacional - o então Primeiro-Ministro José Sócrates foi um dos participantes.

A professora Ana Paula Horta publicou em 2008 a sua tese de doutoramento *A construção da Alteridade: Nacionalidade, Políticas de imigração e Acção Colectiva Migrante na Sociedade Portuguesa Pós-Colonial,* sob a égide da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A autora faz um longo historial das mudanças estatais em relação à política de imigração, além de fornecer tabelas e periodizações. Destacamos um trecho que denota como essas políticas rapidamente se passaram a harmonizar com a legislação da União Europeia:

> "Para Portugal, a harmonização das políticas europeias relativas à imigração implicou, inicialmente, a imposição de medidas rígidas relativamente à entrada de cidadãos das ex-

> colónias. Neste novo contexto, os que tinham sido considerados membros de pleno direito e "parte integral" da Nação portuguesa eram, agora, ironicamente, o "Outro", cujos laços históricos e culturais com Portugal eram negados em nome da convergência, harmonização e unidade cultural da União Europeia." (2008, p.348)

Esta autora sublinha ainda como as questões sobre a imigração para Portugal passaram pela questão do passado histórico do país. As nações que foram antigas colónias de Portugal deveriam ou não receber um tratamento diferenciado? Em relação ao Brasil, que se enquadraria nessa categoria, havia acordos bilaterais que resolviam ou encaminhavam tais situações, porém, em relação aos países africanos, isso passou a ser um assunto extremamente relevante e complexo.

Diásporas, redes e guetos: conceitos e configurações no contexto transnacional foi organizado por Teresinha Bernardo e Claudelir Corrêa Clemente e resultou de um seminário com o mesmo nome, realizado em setembro de 2006. Promovido pelo departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, contou com onze capítulos sobre diferentes lugares, dois deles referindo-se ao espaço português. *Estigmas e racismo: o cabo-verdiano em Lisboa*, de Marco Aurélio Paz Tella, e *Imigrantes brasileiros em Portugal: associativismo e cidadania*, de Patrícia Pereira e Lucia Maria Machado Bógus, são outras duas obras relevantes.

Maria Beatriz Rocha-Trindade foi a organizadora do livro *Migrações, Permanências e Diversidades* (2009). Fruto do seminário internacional «Migrações e Migrantes», que ocorreu na Universidade Aberta (Portugal), de março a julho de 2007, a obra divide-se em cinco partes, com 23 artigos diferentes sobre vários tipos de migrações internacionais. Portugal é o assunto mais privilegiado, seja em relação aos seus emigrados, seja também em relação aos seus imigrantes que chegaram ao território português.

Andrés Malamud e Fernando Flórez foram os organizadores de *Migrações, Coesão Social e Governação: Perspectivas Euro-Latino-Americanas* (2011). Esta obra resultou do congresso com o mesmo nome, realizado em dezembro de 2008, no Instituto de Ciências Sociais em Lisboa. O livro está dividido em quatro partes com dezasseis capítulos abordando diferentes aspetos das migrações em locais diferentes, com investigadores também de várias nacionalidades. Exatamente por isso, é uma obra muito importante por apresentar diferentes estados da arte reunidos num mesmo livro.

Nesta primeira parte elencamos as diversas obras académicas produzidas no Brasil e em Portugal sobre as imigrações modernas. Existem muitas obras relacionadas com este tema

em períodos anteriores. Entretanto, a necessidade de nos focarmos no período do final do século XX e começo do século XXI foi determinante. A partir dessa lista de obras, ligadas mais às questões gerais sobre a imigração, as duas partes seguintes delimitarão mais o tema, para auxiliar na construção da pesquisa.

1.2 Imigrantes brasileiros no mundo

"Iracema voou
Para a América
Leva roupa de lã
E anda lépida
Vê um filme de quando em vez
Não domina o idioma inglês
Lava chão numa casa de chá
Tem saído ao luar
Com um mímico
Ambiciona estudar
Canto lírico
Não dá mole pra polícia
Se puder, vai ficando por lá
Tem saudade do Ceará
(Letra de Chico Buarque)

A imigração de brasileiros para o exterior em grande quantidade começou a ser percebida pelos meios de comunicação e pela academia apenas na década de 1990. No entanto, atualmente é consensual que este movimento tem suas origens bem anteriores e que não se pode ignorar a década de 1980 como sendo o grande marco desse movimento. Neste texto, buscamos contextualizar como o estado da arte foi construído primeiro em torno do maior polo de imigrantes brasileiros nos EUA e depois para o segundo, o Japão, para depois chegar a Portugal, o terceiro maior destino extracontinental de imigrantes brasileiros[9].

A professora de antropologia da Universidade da Flórida, Maxine Margolis, escreveu o livro *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York* em 1994. Logo na introdução, Margolis explica sua condição de nova-iorquina, especializada em cultura brasileira e falante de português. Essas questões permitiram-lhe perceber a crescente imigração brasileira para os EUA e despertou o seu interesse académico pelo tema logo no início, uma vez que ela não

[9] O Paraguai disputa com Portugal a terceira posição, mas muitos especialistas destacam a sazonalidade dessa migração, que muitas vezes está ligada a colheitas nos lugares fronteiriços. Existe a criação de um termo para caracterizar esses imigrantes brasileiros de "brasiguaios", que seria a mistura das duas nacionalidades devido às constantes migrações. Aliás, esse movimento, como destacam alguns autores, é histórico: os índios guaranis, que habitavam essa região antes da chegada dos europeus, já praticavam deslocamentos nessa região.

encontrou nada nas bibliotecas dos Estados Unidos. Entre 1988 e 1991 foram realizadas entrevistas com brasileiros em Nova Iorque e também em Governador Valadares cidade do Estado de Minas Gerais. Devido ao seu pioneirismo, este livro foi muito utilizado por outros autores que estudaram o tema, pois abordou as questões envolvendo as aspirações dos imigrantes enquanto realização de sonhos de consumo.

Um dos trabalhos pioneiros sobre as migrações brasileiras internacionais foi realizado pela socióloga Teresa Sales, da Universidade Estadual de Campinas que iniciou seus trabalhos em 1991 com o artigo "Novos fluxos migratórios da população brasileira" na *Revista de Estudos de População*. Sales continuou investigando e publicando vários artigos sobre essa migração dos brasileiros para o exterior até à edição do livro *Brasileiros longe de casa* (1998), no qual investigou os imigrantes brasileiros no Estado norte-americano de Boston, com várias entrevistas realizadas nos EUA e novamente em Governador Valadares, grande polo migratório. A professora Teresa Sales foi responsável por disseminar esse novo ramo de pesquisa, sendo orientadora de vários alunos que também estudaram as migrações internacionais.

Sobre essa relação entre os imigrantes brasileiros e os Estados Unidos, a autora Gláucia de Oliveira Assis é uma das mais importantes pesquisadoras existentes em relação às migrações internacionais. Em sua Dissertação de Mestrado *Estar aqui, estar lá…, uma cartografia da vida entre dois lugares,* estudou os imigrantes brasileiros de governador Valadares por meio das cartas que eles trocavam com os parentes e amigos que estavam no Brasil. Este trabalho foi extremamente pioneiro, em relação ao tema e também como foram explorados os diversos aspetos psicológicos da imigração para o exterior.

No seu Doutorado realizado na Unicamp, Gláucia Assis foi orientada pela professora Teresa Sales e estudou as migrações internacionais de Criciúma para os Estados Unidos. Com um novo recorte espacial, mas ainda relacionado com as imigrações brasileiras para o exterior. A cidade de Criciúma fica no Estado de Santa Catarina e tem a particularidade de ser uma cidade fundada por emigrantes europeus. Por essa razão, existe um passado migratório vivo nessa sociedade e nessas famílias, diferente, por exemplo, do que sucede com Governador Valadares.

De Criciúma para o Mundo: Rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros foi publicado em forma de livro em 2011. Nele Gláucia aborda como a experiência migratória no passado familiar dessas famílias vai influenciar de maneira variada a imigração. Além

disso, esta ascendência familiar com imigrantes europeus em alguns casos possibilitou o pedido de requisição da dupla nacionalidade e com isso a facilidade maior para migrar de maneira documentada.

Na UNICAMP outra obra a reter é a tesse de Doutoramento em Ciências Sociais de Adriana de Oliveira *Bienvenido a Miami: A inserção dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos da "América Latina"*, também sobre a orientação de Teresa Sales. Neste trabalho existe uma preocupação com as questões sociodemográficas dos imigrantes e também como o local de destino. A cidade de Miami influencia o processo imigratório destes brasileiros: dá-se o facto de essa cidade ser um grande polo migratório da América Latina como um todo, e por isso o cotidiano do imigrante brasileiro é aqui diferente de outros locais nos EUA. Com uma grande pesquisa de campo nos Estados Unidos, a autora examina como as diferentes classes sociais dos brasileiros afetam as perceções que estes fazem das suas identidades.

Wilson Fusco abordou também a imigração dos brasileiros para os Estados Unidos em sua Dissertação de Mestrado *Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares.* Foi mais um orientando da professora Teresa Sales, que teve uma atenção especial à migração individual, enquadrada como parte de um processo mais amplo dentro do contexto familiar, como destacamos neste trecho onde se contesta a "idéia de que o indivíduo decide sozinho pela migração, sem o consenso de seus familiares. Como dissemos antes, acreditamos que a decisão de migrar é, na maior parte das vezes, coletiva, e ocorre de acordo com a estratégia familiar (2000, p.87-88).

Outra pesquisadora orientada por Teresa Sales foi Elisa Sasaki com uma Dissertação: *O Jogo da Diferença: A experiência identitária no movimento Dekassegui*, para obtenção do título de Mestre em Sociologia pela UNICAMP, em 1998. Elisa Sasaki aborda as questões envolvendo os jogos identitários que os imigrantes descendentes de japoneses nascidos no Brasil enfrentam ao chegar no Japão. Devido ao seu fenótipo, esses sujeitos eram tratados como "japas" no Brasil mas ao chegar no Japão eram tratados como "brasileiros". Essa não aceitação em nenhuma das duas sociedades enquanto iguais acarreta vários problemas.

Adriana Capuno de Oliveira, em sua Dissertação de Mestrado em Sociologia com orientação de Teresa Sales, *Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão? A trajetória de uma identidade em um contexto migratório* (1997) investiga também a dualidade da relação que os imigrantes brasileiros no Japão enfrentam. Assento sobre uma vasta série de entrevistas a Adriana de Oliveira demonstra como alguns elementos, como a culinária e as vestimentas,

passam a ser marcas da identidade brasileira, que os imigrantes utilizam para se afirmarem na sociedade japonesa.

Ainda sobre a imigração brasileira para o Japão cumpre referir minha própria Dissertação de Mestrado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: *Negociações de Identidades. A revista Made in Japan: imprensa, globalização e cultura de comunicação (1997-2007)*. Esta obra analisa sistematicamente a revista *Made in Japan*, que circulava no Brasil e no Japão inteiramente em português, destinada aos imigrantes brasileiros no Japão e aos descendentes de japoneses, potenciais imigrantes que viviam no Brasil. Por meio da história da imprensa, o autor detalha o projeto editorial da revista e suas múltiplas formas de negociar identidades de acordo com seus interesses empresariais.

Outro livro excelente sobre brasileiros nos Estados Unidos e com um enorme trabalho de história oral é *Brasil fora de si: Experiências de brasileiros em Nova York* (2004). Foram mais de 700 entrevistas realizadas por José Meihy com imigrantes brasileiros em Nova Iorque, de 1998 até 2003. Com uma grande pesquisa também nos meios de comunicação dos imigrantes, que foi utilizada em conjunto com as entrevistas. O historiador José Meihy realizou um bom trabalho de história oral, com muitas entrevistas detalhadas e bem articuladas com os temas abordados, apontando diversas questões culturais, comportamentais, identitárias entre outras, construindo uma história social sobre esses imigrantes brasileiros de forma muito completa.

Ana Martes publicou em forma de livro sua tese de doutoramento em sociologia na Universidade de São Paulo *Brasileiros nos Estados Unidos: Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. Nos seus agradecimentos ela cita Teresa Sales, Gláucia Assis e Bela Bianco nomes extremamente ligados ao desenvolvimento dos estudos dos imigrantes brasileiros no exterior, sendo a autora de outra instituição, isto mostra como as redes entre os pesquisadores se estavam estruturando cada vez mais. Em seu trabalho, Ana Martes aborda uma questão muito relevante à diversidade dos brasileiros que emigram, que depois podem se encontrar para a realização do mesmo trabalho, como neste exemplo:

> "Uma jovem universitária, moradora de Copacabana (RJ), vai para Boston com o objetivo de aprender inglês e "conhecer uma outra cultura". Lá, ela terá de "arrumar um bico" porque sua família não tem condições de sustentá-las. Uma senhora viúva e recém-aposentada de Criciúma (SC) muda-se definitivamente para Malborough (MA), para ajudar a filha que já possui o *Green Card*. Porque preza sua independência, ela planeja continuar trabalhando meio período e, no restante do dia cuidar do seu neto. Um homem

> sai de um pequeno sítio em Mantena (MG) e vai morar em East Boston (MA), deixando sua esposa no Brasil e seu pai, um vaqueiro, à sua espera. Um jovem pai de família que completou seus estudos numa faculdade privada de administração de empresas na Área Metropolitana do Rio de Janeiro, mas que trabalhava como bancário, aterrorizado com o crescimento do desemprego no setor, profundamente insatisfeito com o seu salário e sem perspetiva de alcançar melhor inserção no mercado de trabalho, resolve "tentar outra vida" emigrando para Boston, onde seu irmão já reside há oito anos. Estes quatro brasileiros poderão tomar o mesmo avião e se encontrar, em Boston, no mesmo restaurante para trabalhar lavando pratos, servindo mesa ou preparando comida." (p.23)

Estes exemplos utilizados pela autora reforçam a diversidade da imigração brasileira. Algumas pesquisas buscaram homogeneizar os brasileiros no exterior. Entretanto, como a autora mostrou, eles são diversos em relação à classe social, escolaridade, região do país entre outras divisões. Estas não impedem que eles acabem por aceitar um trabalho destinado para imigrantes em iguais condições. No entanto, as maneiras como eles vão se relacionar com as suas estratégias de sobrevivência e de jogos identitários vão ser diversificadas.

Ao longo do seu trabalho outro conceito bem explorado é a ideia de comunidade brasileira. Nas entrevistas, os imigrantes brasileiros percebem este elemento como algo desunido. Mas ao contrário da perceção individual destes imigrantes, a autora apontou vários elementos e até mesmo casos concretos de união da comunidade brasileira em relação a outros brasileiros, nos mais diversos âmbitos: familiar, na igreja ou nas associações.

Outra obra importante que aborda as múltiplas motivações que fazem o imigrante partir foi *O Brasil no Sul da Flórida: Subjetividade, identidade e memória,* escrito pela Doutora em História pela Universidade de São Paulo USP, Valéria Magalhães (2010). Obra muito relevante que abordou os três temas anunciados no texto – subjetividade, identidade e memória – por meio da metodologia da História Oral e da História do Tempo Presente. Valéria Magalhães entrevistou vários imigrantes, com as mais diversas experiências e vivências no Sul da Flórida e entre outras contribuições, sobressai a multiplicidade de questões subjetivas que envolvem o ato de imigrar, como se depreende do trecho abaixo:

> "Antes de morar em Miami, Andréa nunca tinha viajado ao exterior nem havia andado de avião. Ela e o namorado não esperavam as dificuldades que encontrariam, pois não imaginavam como seria a nova vida: a língua, o trabalho e a dificuldade para se legalizar, tudo era choque cultural. Diferentemente, Vicente sempre sonhou em morar nos Estados Unidos. Apaixonado por cinema, via os filmes hollywoodianos e queria ir para América trabalhar nessa área. Estudou inglês desde criança e viajou várias vezes para diversas partes daquele país antes de decidir viver lá definitivamente. Outros fatores o impulsionaram a migrar, tais como a rejeição de sua família com relação à sua opção sexual, mas a imagem que tinha sobre a vida nos Estados Unidos foi fundamental para suas decisões. A mudança de um país a outro é motivada por múltiplos fatores que se

> entrelaça. Não se decide emigrar por uma razão única, mas por uma combinação delas" (Magalhães, 2011, p.355).

Assim como Magalhães trata das motivações dos imigrantes, Ângelo Martins Júnior também aborda esta questão, na sua Dissertação de Mestrado em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos UFSCar, *De Cleaner a Waiter: trajetórias de trabalhadores brasileiros em Londres*, (2012). O autor realizou um estudo etnográfico e depois em um segundo momento realizou uma série de entrevistas com os imigrantes brasileiros. O consumismo do imigrante brasileiro em Londres passa a legitimar a sua obrigatoriedade em não voltar ao Brasil, segundo o autor. Outra importante questão desenvolvida pelo autor foi como os estereótipos e racismos dos próprios imigrantes brasileiros se tornam definidores das identidades na Inglaterra, onde, por exemplo, o "goiano" representaria para os imigrantes brasileiros aquele que seria o "sujo" e desprezável.

A lista de obras sobre a imigração brasileira para o exterior está em processo de expansão graças ao aumento da estrutura universitária brasileira, que tem crescido muito. Além disso, nos últimos anos houve um aumento de fomento governamental em relação a pesquisas de brasileiros no exterior, no "sistema de sanduíche" e também de período completo. Por estes motivos seria impossível dar conta de todas as obras relacionadas com o tema. Neste estado da arte, foram detalhados algumas das obras pioneiras no assunto e outras inovadoras devido à sua abordagem ou tema. Com isso não se negam outras possibilidades, mas procura-se estabelecer um diálogo com a produção já existente e um estímulo a novas produções.

1.3 - Imigrantes brasileiros e Portugal

Nesta última parte do capítulo, abordaremos as obras que dialogam diretamente com esta Tese de Doutoramento em História. As obras que foram até aqui apresentadas são importantes. Entretanto as que serão apresentadas em seguida, serão consideradas na sua dualidade. Ao mesmo tempo em que são materiais utilizados como referências bibliográficas, também são consideradas fontes históricas, pois são registos realizados por pesquisadores sobre aquele momento do estudo. Esta duplicidade permite um maior aproveitamento para um trabalho de história, pois além do diálogo académico estabelecido com as outras matérias que

realizaram estudos sobre os imigrantes, estes pesquisadores deixaram um retrato do tempo em que fizeram suas pesquisas.

Um dos estudos pioneiros sobre os brasileiros em Portugal foi a Dissertação de Mestrado em Sociologia, pela Universidade Estadual de Campinas, de Carla Andrea Soares: *A emigração de cirurgiões-dentistas brasileiros para Portugal,* (1997). Também orientada pela professora Teresa Sales, a autora realizou duas viagens a Portugal nos anos de 1993 e 1996, para levantamento de dados e entrevistas. Existe durante todo o texto uma grande preocupação com a condição deste "imigrante qualificado" que completou o ensino superior e emigra do Brasil, fugindo do padrão da época de trabalhar com baixa qualificação.

Obra datada, devido aos seus objetivos, ao contrário de outras teses do mesmo período que trabalham as questões identitárias, destacamos de novo a importância de ser o primeiro estudo mais aprofundado sobre os imigrantes brasileiros em Portugal. Atualmente existe uma vasta produção sobre a imigração brasileira em Portugal, tanto no Brasil como em Portugal. Como grandes referências podemos selecionar três livros de maior relevância: *Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal* (2006), organizado pelo sociólogo Igor Machado: *a Imigração brasileira em Portugal* (2007). organizado pelo geógrafo Jorge Malheiros e *Nações e Diásporas: Estudos comparativos entre Brasil e Portugal* (2010), organizado pela antropóloga Bella Feldman-Bianco. Nestas três obras coletivas, muitos autores escrevem nos três livros, algumas vezes sobre os mesmos assuntos, apontando para uma grande coesão destes especialistas em relação à imigração brasileira em Portugal.

No primeiro livro publicado, *Um Mar de Identidades. A imigração Brasileira em Portugal* (2006), existem onze capítulos.[10]A maior parte dos autores são brasileiros, alguns são pesquisadores de instituições universitárias portuguesas e também europeias. Seus temas são bem variados e permitem conhecer uma boa diversidade de questões envolvendo os imigrantes brasileiros em Portugal. No segundo livro, *A imigração brasileira em Portugal*

[10] Autores e seus respetivos capítulos: Beatriz Padilla Integração dos "imigrantes brasileiros recém-chegados na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades; João Peixoto e Alexandra Figueiredo Imigrantes brasileiros e o mercado de trabalho em Portugal; Paulo Manuel Costa A legislação de estrangeiros em Portugal: a situação dos cidadãos brasileiros; Gustavo Santos Encontros, alianças e desencontros: partidos associações de imigrantes e o Estado português nos embates em torno da política para imigrantes; Sergio Oliveira Sem lenço, sem documento: brasileiros não documentados em Portugal; Kachia Téchio Pizza sabor identidade: brasileiros evangélicos em um restaurante na Costa da Caparica; Ângela Torresan Emoções fora do lugar: negociando amizade em Lisboa; Igor Machado Estereótipos e encarceramento simbólico no cotidiano de imigrantes brasileiros no Porto; Luciana Pinto Mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa; Maria Boas Tensões na experiência migratória de brasileiros em Portugal e Guilherme Dias Expansão e choque: A IURD em Portugal.

(2007), encontramos nove capítulos e três análises complementares.[11] A maior parte dos autores são investigadores portugueses que se dedicam ao estudo da imigração para Portugal, Igor Machado e Beatriz Padilla não são portugueses.

O terceiro livro, *Nações e Diásporas: Estudos comparativos entre Brasil e Portugal (2010),* foi composto por oito capítulos.[12]Nem todos os seus textos versam sobre a imigração brasileira para Portugal, havendo também estudos sobre a imigração portuguesa para o Brasil. Não existe nos textos um confronto de opiniões ou teses e sim uma complementação de todas no caminho de solidificar o estado da arte em relação a esse tema nas Universidades do Brasil e de Portugal.

No caso específico da inversão da migração entre Portugal-Brasil-Portugal, a professora da Universidade de Campinas Bela Feldman-Bianco tem vários textos sobre a relação destes dois países por meio da imigração ao longo da história, como por exemplo, *Portugueses no Brasil, brasileiros em Portugal. Antigas rotas, novos trânsitos e as construções de semelhanças e diferenças culturais (2002).* Esse livro trata brilhantemente estas questões e, além disso, foi o primeiro registro académico que abordou a questão diplomática envolvendo os dentistas brasileiros deportados em Portugal no início dos anos 1990.

Além desses textos, Bela Feldman também foi orientadora de alguns autores que se dedicaram a estudar a imigração brasileira em Portugal. O atual professor da Universidade Federal de São Carlos, Igor Machado, já citado, foi um dos seus orientandos. Um dos mais

[11] Autores: Jorge Malheiros Os brasileiros em Portugal - a síntese do que sabemos; Lúcia Bógus Esperança Além-Mar: Portugal no "arquipélago migratório" brasileiro; Filipa Pinho A imprensa na construção do processo migratório: a constituição de Portugal como destino plausível da emigração brasileira; João Peixoto e Alexandra Figueiredo Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal; Beatriz Padilla As imigrantes brasileiras em Portugal: considerando o género na análise; Pedro Rossi Remessas de imigrantes: estudo de caso de brasileiros em Portugal; Sandra Silva e Aline Schiltz A relação entre os imigrantes brasileiros e os Portugueses - a construção de imagens recíprocas; Igor Machado Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal; Roberto Carneiro, Fernando Cristovão, Igor Machado, Jorge Malheiros e João Peixoto O futuro da imigração brasileira para Portugal: olhares, perpectivas e interrogações; Letícia Chelius Redefinindo a geografia política nacional: sobre a participação política dos cidadãos brasileiros no exterior; Beatriz Padilla Acordos bilaterais e legalização: o impacte na integração dos imigrantes brasileiros em Portugal e Casa do Brasil de Lisboa A 2ª vaga da imigração brasileira para Portugal (1998-2003): Estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal - Informação estatística e elementos de análise.

[12] Autores Gladys Ribeiro Portugueses do Brasil e portugueses no Brasil: "laços de irmandade" e conflitos identitários (1822 e 1890), Bela Feldman-Bianco Brasileiros em Lisboa, portugueses em São Paulo: construções do "mesmo" e do "outro"; Douglas Silva O exílio e a memória da "resistência": antissalazaristas do Portugal Democrático; Eduardo Silva Afirmar Portugal em São Paulo: identidade, história e política num enredo luso-brasileiro; Gustavo Santos A construção da lusofonia no Portugal pós-colonial: estratégias das associações imigrantes de Lisboa; Igor Machado Imigração brasileira no Porto, Portugal: apontamentos para uma etnografia do jogo da centralidade e dos circuitos de reciprocidade; Eneida Leal Cunha Comemorações dos descobrimentos: reconfigurações contemporâneas da nacionalidade no Brasil e em Portugal; e Jesiel Filho Redescobrindo com olhos de Zumbi: o afro nas comemorações portuguesas dos 500 anos do Brasil.

ativos inclusive, publicando muitas pesquisas em revistas e livros, tanto no Brasil como em Portugal. Sua Tese de Doutorado na Unicamp foi publicada em Portugal pela Imprensa de Ciências Sociais como *Cárcere Público: Processos de exotização entre brasileiros no Porto* (2009).

Machado defende que os imigrantes brasileiros, devido a vários processos, acabam aceitando os estereótipos impostos pela sociedade portuguesa, pois desta forma conseguem vantagens em relação à disputa por lugares e empregos em Portugal. Explorando as relações históricas entre Brasil e Portugal, passando pelas questões pós-coloniais que envolvem este tema. Para o autor foi criada uma estratégia chamada "venda de alegria" que se justificava a partir de, segundo ele, uma "identidade-para-o-mercado", que era utilizada pelo imigrante brasileiro, como forma de se diferenciar e garantir assim um nicho de mercado em Portugal, utilizando o estereótipo festivo do brasileiro a seu favor.

Gustavo Santos também foi orientando de Feldman-Bianco a sua dissertação de mestrado foi *Lideranças imigrantes e o estado português: ações e contradições de uma 'aliança lusófona', Portugal, 1990-2002* (2002). Abordou as questões envolvendo as associações de imigrantes e o Estado Português; foi por meio desse texto que encontrei a primeira referência sobre o jornal *Sabiá* da associação Casa do Brasil de Lisboa (CBL). Inclusive no arquivo da CBL encontrei o texto de monografia de conclusão do curso de sociologia de Gustavo Santos, *Sabiá em Portugal: Imigrantes Brasileiros e a Imaginação da Nação na Diáspora*. Além desses dois textos, ele também escreveu um capítulo no *Mar de Identidades e no Nações e Diásporas* ambos citados.

Sobre os estudos dos imigrantes brasileiros em Portugal, temos que destacar à anteriormente citada *Travessia: revista do migrante*, que trouxe um dos pioneiros artigos sobre a imigração brasileira para Portugal. Lúcia Maria Machado Bógus, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo escreveu: "Brasileiros em Portugal: Novos movimentos migratórios ou volta às origens?". Nele salientou a quantidade de brasileiros em Portugal, ressaltando a diferença de informações: de acordo com a revista *Veja* seriam 30 mil brasileiros e de acordo com *Instituto Nacional de Estatísticas* (*INE*) seriam 12.678 mil os brasileiros documentados. Utilizando os autores Malheiros e Margolis, a autora estabelece a possibilidade de diminuição do fluxo de imigrantes devido à legislação europeia e a fixação dos imigrantes que já se encontravam em Portugal naquele período.

Outro dado importante no artigo prende-se com as manifestações de preconceito racial e social por parte da sociedade portuguesa em relação aos imigrantes. A autora destaca que uma boa parcela dessa imigração envolvia laços familiares dos migrantes com pais ou avós portugueses e, por isso, a comunidade brasileira em Portugal não se destacava dentro da sociedade. Após esse número da *Travessia*: *revista do migrante*, tornou-se mais presente os artigos relacionados com as migrações internacionais. Podemos interpretar tal facto como uma consequência da importância do tema dentro da sociedade brasileira. Porém a grande maioria dos artigos sobre a imigração não versava sobre os imigrantes brasileiros em Portugal.

Igor Machado publicou em 2005 um resumo da sua tese de Doutoramento com o seguinte título "Estereótipos e preconceitos na experiência dos imigrantes brasileiros no Porto, Portugal". Depois Igor Machado e Alexandra de Almeida escreveram em 2007 "A distância dos filhos: reflexões sobre núcleos familiares divididos pela migração." Alexandra e outros alunos de Ciências Socias da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação de Igor Machado, fizeram entrevistas em Governador Valadares com as famílias envolvidas nos processos migratórios, especificamente com os filhos que estavam separados dos pais devido à imigração para o exterior.

Em 2010 houve a entrevista "Imigrante brasileiro em Portugal: 'pé de passada' por Eduardo Gabriel, doutor em Sociologia pela USP com um casal que auxiliava imigrantes brasileiros na rede social Orkut[13]. Os entrevistados eram Augusto, brasileiro, e sua esposa Rosa, filha de portugueses, nascida em Angola. Os dois se conheceram no Brasil no período em que Rosa foi imigrante no país. A entrevista com os dois imigrantes, em Portugal desde 1993, se enquadra em outras realizadas no mesmo período. Realizada em 2008 o pequeno trecho da entrevista publicada pelo autor é muito interessante por reforçar os acontecimentos marcantes para os imigrantes brasileiros – os dentistas, a Igreja Universal do Reino de Deus e o Coliseu do Porto e as Mães de Bragança – são citados pelos entrevistados (Gabriel, *Travessia: revista do Imigrante,* Ano XXIII, n.° 67, julho – dezembro de 2010, p.100).

Em 2012, João Peixoto e Catarina Egreja do ISEG- Universidade Técnica de Lisboa publicaram o artigo "Migrações e segmentação do mercado de trabalho: O caso da migração brasileira para Portugal". Os autores fizeram uma revisão dos padrões de inserção dos migrantes brasileiros no mercado de trabalho português em relação ao ano de 2009, a partir de

[13] Gabriel aproveitou a sua estadia em Portugal quando realizava seu doutoramento "Catolicismo carismático brasileiro em Portugal" realizado na cidade de Leiria no centro do país.

um inquérito aplicado a cerca de 1400 brasileiros adultos que trabalharam em Portugal nesse ano. Os autores destacam a precariedade que estes trabalhadores enfrentam e também a questão do retorno ao Brasil como algo mais promissor em relação à oferta de emprego.

A professora da Universidade do Minho, Beatriz Padilla seguramente é uma das maiores pesquisadoras sobre a imigração brasileira para Portugal, autora vários artigos e capítulos de livros em italiano, espanhol, inglês e português. A temática da imigração e também do género, especificamente relacionadas com as imigrantes brasileiras, foram amplamente estudadas pela autora. Salientamos o texto, de 2006, "Integração dos 'imigrantes brasileiros recém-chegados' na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades". Este artigo explora muito bem a questão dos estereótipos de que são alvo as imigrantes brasileiras e de como a questão da amizade com os portugueses possibilita o acesso a uma melhor integração com o país. Por meio de várias entrevistas, Beatriz Padilla detalha como os imigrantes brasileiros sofrem de uma invisibilidade devido ao tipo de emprego que ocupam e também pela forma como são construídos os estereótipos vinculados nos meios de comunicação.

Alguns estudos de caso sobre isso, e ainda mais especificamente sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), foram realizados, demonstrando a relevância destas questões. Entre outras destaca-se: *Na Posse da Palavra: Religião, Conversão e Liberdade Pessoal em dois Contextos Nacionais*, de Clara Mafra, um trabalho etnográfico que realiza um estudo comparativo entre as atitudes da IURD no Brasil e em Portugal. O texto "Expansão e choque: a IURD em Portugal." (Machado, 2006) escrito por Guilherme Dias, historiciza este processo e ainda aponta como os *media* tiveram um papel decisivo na produção de estereótipos e também, segundo ele, motivaram diversos episódios de xenofobia.

Anders Ruuth, teólogo e pastor luterano, em conjunto com Donizete Rodrigues professor de sociologia da Universidade da Beira do Interior, publicaram em 1999 o livro: *Deus o demónio e o homem: O Fenómeno Igreja Universal do Reino de Deus.* Um capítulo inteiro da obra foi dedicado ao estudo da atuação dessa Igreja em Portugal. Outro especialista com várias obras publicadas sobre a atuação da IURD no exterior é Ari Oro professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. De entre os vários casos estudados, segundo o autor, a Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal é um sucesso no estrangeiro.

Um estudo realizado com a metodologia antropológica da observação participante, pela autora Kachia Téchio, com o título *Pizza sabor identidade: brasileiros evangélicos em*

um restaurante na Costa da Caparica. (2006), permite uma diferente perceção sobre as questões das representações dos imigrantes em relação à sua comunidade e também de que maneira estes imigrantes percebem a comunidade lusitana ao seu redor. "*Deus é Brasileiro". Vivências Religiosas e o Quotidiano entre Imigrantes Brasileiros Católicos e Evangélicos*, de Elisabete de Curtinhal (2008). Por meio de um estudo de caso no Seixal, são levantados muitos aspetos sobre o acolhimento e a integração social entre os imigrantes brasileiros.

Os imigrantes podem ser classificados, segundo as leis, a partir das seguintes nomeações: legalizados, ilegais e indocumentados. Além das questões práticas relacionadas com trabalhos da área do Direito, temos também muitos trabalhos nas áreas das Ciências Humanas. Sobre a situação dos brasileiros e suas estratégias de sobrevivências, nestas condições mencionamos: S*em lenço, sem documento: brasileiros não-documentados em Portugal* de Sérgio Oliveira; *Tráfico, contrabando e imigração irregular: os novos contornos da imigração brasileira em Portugal* de João Peixoto e "A legislação de estrangeiros em Portugal: a situação dos cidadãos brasileiros" de Paulo Manuel Costa (Machado, 2006)

A organização não governamental SOS RACISMO editou muitas obras importantes relacionadas com as imigrações. Em 2005, o livro *Imigração e Etnicidade. Vivências e trajectórias de mulheres em Portugal* ampliou as possibilidades de problematizar as questões de género. Três artigos são relevantes, o de Rosana Albuquerque, Éder Diniz e das autoras Catarina Sabino e Sónia Pereira. Rosana Alburquerque, em "Um olhar sobre a participação das mulheres em associações de imigrantes", entrevistou dirigentes das seguintes associações: Associação Cabo Verdiana, Associação Cultural Moinho da Juventude, Casa do Brasil de Lisboa e Moçambique Sempre. As vivências e posturas dessas dirigentes são diferentes, mas existem vários pontos semelhantes que se cruzam independentemente da sua origem. Além disso, abordam-se os estereótipos enfrentados por essas mulheres no seu cotidiano e também em relação aos grandes meios de comunicação.

Éder Diniz, no texto "A mulher brasileira na imigração em Portugal", começa por referir as questões da discriminação sofrida no Brasil, ainda patriarcal e machista, mostrando depois como a imigrante brasileira tem que conviver com o estigma de ser associada à prostituição. O autor nota porém como essa situação de vulnerabilidade sofrida pela mulher brasileira imigrante também acaba criando uma solidariedade entre as próprias mulheres: "Desta forma surge uma rede informal de troca de informações onde as mulheres indicam e são

referências de outras brasileiras, ou mesmo são alertadas para patrões sem escrúpulos. A troca de informação é vital muitas vezes até para a sobrevivência no local de acolhimento." (2005, p.202)

Catarina Sabino e Sónia Pereira publicaram, neste livro editado pela SOS RACISMO, o capítulo "O Tráfico de mulheres em Portugal". Nele são apresentados dados estatísticos envolvendo este crime no mundo e em Portugal. De acordo com as autoras, o negócio do sexo em Portugal mantém uma relação com as redes mundiais desse crime e existem muitas brasileiras, principalmente nordestinas, que são feitas reféns. As estratégias de angariação dessas mulheres, e acordo com as entrevistas realizadas por meio de duas coisas, pela miragem do "sonho europeu", de ganhar dinheiro, e pela atuação dos chamados "Lover boys" que conquistam as vítimas para que estas deixem o Brasil.

Um trabalho muito relevante sobre este mundo da prostituição foi o realizado pela antropóloga Kachia Téchio, *Conhecimentos de alterne. A outra diáspora das imigrantes brasileiras* (2006). Nele, a autora fez um trabalho de campo visitando casas de alterne e entrevistando as trabalhadoras, mulheres imigrantes brasileiras. Um dos problemas levantados pela autora foi investigar se as suas entrevistas se enquadravam mais na noção de diáspora ou transnacionalismo. Ao longo do texto são apresentadas várias situações dessas mulheres, nas quais se destacam as relações que mantêm com a família no Brasil e também a vulnerabilidade do seu trabalho.

A autora Isabel Leão que, ao longo de anos, estudou o jornal *Sabiá,* produzido pela associação Casa do Brasil de Lisboa, produziu uma excelente análise deste periódico imigrante em Portugal. Usando as metodologias antropológicas, a autora busca identificar como os imigrantes são influenciados pelos *media* destinados a eles. Segundo a autora, o jornal *Sabiá* é um instrumento que potencializa a integração destes na sociedade portuguesa.

Joana Miranda publicou *Mulheres imigrantes em Portugal: Memórias, dificuldades de integração e projectos de vida* (2009) com o apoio do Alto Comissariado para Imigração e Diversidade Intercultural. Outra obra relevante por tratar especificidades da migração no feminino, buscando analisar como os projetos de regresso se foram reformulando de acordo com a vida cotidiana dessas mulheres imigrantes brasileiras.

O autor José Pereira destacou e ampliou as possibilidades de interpretações relacionadas com o financiamento do processo de migração. No texto "A migração internacional de jovens rurais do Vale do Jequitinhonha e a (des)estruturação do seu lugar de origem." ele demonstra a existência de questões financeiras também para os que permanecem

no Brasil, pois o pagamento da passagem para Portugal fica sob a responsabilidade dos familiares que estão no Brasil:

> "Segundo, negociar com um agenciador as condições de pagamento da viagem que, para Portugal, pode custar até dez mil dólares. Como os jovens não dispõem de todo esse dinheiro, o pagamento é caracterizado pela "penhora" de bens. Paga-se cerca de U$ 1.500,00, e coloca-se sob penhora a residência urbana (utilizada quando seus membros ou família precisa ficar na cidade), bovinos, motocicleta, parte da parcela de terra. Chegados ao destino, os jovens devem enviar de U$ 500,00 a U$800,00 mensais ao agenciador até quitar a dívida e reaver seus bens. Nessa negociação, põe-se em jogo não apenas o futuro dos jovens, mas também o de suas famílias, pois, se eles não conseguirem quitar o restante da dívida, a família perde seu patrimônio" (2011, p.227).

Percebe-se que as quantias são elevadas para as populações mais simples, como no caso deste estudo centrado na região do Vale do Jequitinhonha, no Estado de Minas Gerais, considerada uma das mais pobres do Sudeste brasileiro. As remessas de dinheiro são uma parte desse processo referidas em diversas obras. No entanto, este trabalho de campo permitiu perceber que existem outras maneiras, como a "penhora" de propriedades diversas destas famílias, mesmo que seja um animal, o que aponta para o nível de precarização destes sujeitos. E também como ida para Portugal poderia afetar a situação financeira dos familiares que ficavam no Brasil se o migrante não fizesse a remessa de dinheiro.

Gleiciani Fernandes, em *Imagens representativas das imigrantes brasileiras em Portugal: Estratégias e jogos de espelhos* (2009), afirma que existiu um movimento na AML em que as imigrantes brasileiras construíram uma identidade, a partir do estereótipo. Utilizando a imagem do espelho, que absorve e reflete, "mercado da simpatia" seria esse espelho que absorve o que a sociedade quer delas e elas respondem da melhor maneira possível. Dessa forma, a condição do imigrante assume um protagonismo na disputa entre identidades.

A professora Benalva Vítório publicou *Imigração brasileira em Portugal: identidade e perpectivas* (2007), um estudo etnográfico onde entrevistou vários imigrantes durante 2005 e 2006. Contudo, a autora utiliza uma visão de identidade no singular, buscando uma definição sobre o imigrante brasileiro que enquadre todos os casos. Este tipo de análise é extremamente equivocado, pois nega o dinamismo da vida cotidiana desses imigrantes, remetendo para uma visão dos sujeitos da época iluminista.

Ao longo deste subcapítulo apresentámos diversos estudos envolvendo as migrações de brasileiros para o exterior. Buscámos elencar as múltiplas questões relativas aos imigrantes. E também como as diferentes áreas do conhecimento, em Portugal e no Brasil,

têm investigado esses acontecimentos. Ficaram de lado obras de sociólogos, antropólogos, geógrafos, entre outros, que fugiam do período de estudo proposto: 1986-2007. A partir dessa reflexão sobre o estado da arte procuramos ao longo desta tese de doutoramento em História dialogar com esta produção e também contribuir para os estudos sobre os imigrantes brasileiros em Portugal.

1.4 Identidades

As questões identitárias são objetos das mais diversas áreas do conhecimento, como antropologia, sociologia, psicologia, psiquiatria, geografia, história entre outras. Dessa diversidade disciplinar surgem muitas possibilidades. O ponto de partida deste estudo é de que não existe identidade fixa ou singular, e sim identidades múltiplas, posicionais, históricas e contraditórias, uma vez que se afirmam a partir das relações dos sujeitos com o mundo.

Estes dois temas, imigrações modernas e identidades múltiplas ou heterogéneas, têm sido abordados por muitos autores que aprofunda os seus estudos sobre as identidades a partir desse contacto entre dois sujeitos tão distantes. Não se afirma com isso que só existe uma identidade brasileira que se confronta com uma identidade portuguesa. Pelo contrário, os estudos exploram a situação de contacto devido à sua potencialidade de conflitos inerentes à situação desses sujeitos com a situação de desconforto da mudança.

Stuart Hall produziu várias obras importantes para o estudo das identidades, como por exemplo: *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006). Neste livro existe uma definição de três conceções de identidades – o sujeito do «Iluminismo», o sujeito «sociológico» e o sujeito «pós-moderno» - por meio do qual o autor explica as diferenças históricas e sociológicas entre esses sujeitos e seus projetos com a globalização. O livro analisa também como este fenómeno afetou as questões identitárias ao longo do planeta, as antigas definições e como podemos pensar no sujeito pós-moderno e a sua identidade.

Também o livro, *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais* (2009) reúne uma série de artigos de Stuart Hall, mais precisamente, doze ensaios e duas entrevistas. Nele o autor demonstra que a cultura é um processo complexo e constante e as identidades não são fixas como as concebia a modernidade ocidental:

> "Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas se tornar. Em suas formas atuais, desassossegadas e enfáticas, a globalização vem ativamente desenredando e subvertendo cada vez mais seus próprios modelos culturais herdados essencializantes e homogeneizantes, desfazendo os limites e, nesse processo, elucidando as trevas do próprio "Iluminismo" ocidental. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia. Aquele inaugura um novo processo de "minorização" dentro das antigas sociedades metropolitanas, cuja homogeneidade cultural tem sido silenciosamente presumida. Mas essas "minorias" não são efetivamente "restritas aos guetos"; elas não permanecem por muito tempo como enclaves. Elas engajam uma cultura dominante em uma frente bem ampla. Pertencem, de fato, a um movimento transnacional, e suas conexões são múltiplas e laterais. Marcam o fim da "modernidade" definida exclusivamente nos termos ocidentais" (pp.43-44)

As migrações internacionais, como refere o autor, são muito importantes para entender as transformações da atualidade. As identidades fixas são desconstruídas, as antigas tentativas de criar e obrigar uma coletividade a ter uma única identidade são rejeitadas. Ao longo da história vários grupos buscaram este tipo de identidade para legitimar suas ações em relações aos outros, como o caso mais estudado das identidades nacionais. Por concordar com Hall esta tese escolheu os imigrantes brasileiros em Portugal, para explorar essa condição e com isso identificar as disputas e negociações identitárias que a presença desses imigrantes causou na sociedade portuguesa.

Nestor Canclini levanta importantes questões sobre o processo de contacto entre várias identidades, no seu livro *Culturas Híbridas* publicado em 1997. O tema "híbrido" gerou inúmeras críticas à utilização nos estudos culturais deste conceito biológico, por associação ao hibridismo da mula que gera esterilidade. Reagindo a essas críticas, Canclini escreveu uma nova introdução em 2001, da qual retiramos o seguinte trecho:

> "Desde que em 1870, Mendel mostrou o enriquecimento produzido por cruzamentos genéticos em botânica, abundam as hibridações férteis para aproveitar características de células de plantas diferentes e melhorar seu crescimento, resistência, qualidade, assim como o valor econômico e nutritivo de alimentos derivados delas. A hibridação do café, flores, cereais e outros produtos aumenta a variedade genética das espécies e melhora sua sobrevivência ante mudanças de hábitat ou climáticas. De todo modo, não há por quê ficar cativo da dinâmica biológica da qual toma um conceito" (2008, p.XXI).

A escolha de um só aspeto para desqualificar a obra do autor não faz sentido. Afinal existem outras definições e exemplos da própria biologia que foram citados que viabilizam o termo. Este processo de hibridação cultural, não é feito sem conflitos. O enfoque do autor é

sobre as múltiplas formas que esses conflitos revestem, na vida dos sujeitos, sobre como estes reagem e sobre as estratégias que se estabeleceram nessas situações:

> "a oscilação entre a identidade de origem e a de destino às vezes leva o migrante a falar "com espontaneidade a partir de vários lugares", sem misturá-los, como provinciano e como limenho, como falante de quíchua e de espanhol. Ocasionalmente, dizia, passam metonímica ou metaforicamente elementos de um discurso a outro. Em outros casos, o sujeito aceita descentrar-se da sua história e desempenha vários papéis "incompatíveis e contraditórios de um modo "não dialético": o lá e o cá, que são também o ontem e o hoje" (2008, p.XXVI).

Como foi dito anteriormente, os seres humanos são dotados de protagonismo histórico. De acordo com as suas opções eles tomam atitudes. Não existem identidades impostas e também não existem identidades fixas. Existem estratégias diferentes de acordo com as realidades de cada sujeito histórico e as suas possibilidades de ação. Néstor Canclini investigou, em *Culturas Híbridas,* as questões identitárias na pós-modernidade da América Latina. Outro livro muito calcado nas questões identitárias, escrito por Canclini, foi *Diferentes, desiguais e desconectados*. (2009), onde se analisam as questões da globalização e as maneiras de interpretar esses sujeitos que se relacionam com essas transformações.

Outro autor fundamental para o nosso estudo é Homi Bhabha, com os seus trabalhos sobre as identidades e suas múltiplas relações com a cultura, os estereótipos o discurso colonial e nação, entre outros temas. Seu livro mais completo abordando todas essas questões foi *O local da cultura* (1998), onde ao longo de onze capítulos os mais diversos temas dos Estudos Culturais são trabalhados. Esta tese beneficiou muito da contribuição do autor sobre o conceito do estereótipo, como ele atua nas questões identitárias de quem sofre com o estereótipo e também de quem, por meio do discurso colonial, atribui um estereótipo a um grupo humano.

Jesús Martín-Barbero foi também muito utilizado nesta tese. No Brasil foram publicados dois livros reunindo diversos trabalhos produzidos ao longo da sua brilhante carreira de pesquisador: *Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia* (1997) e *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura* (2004). O primeiro publicado pela editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ, monstra como a comunicação se processa por diferentes caminhos, tratando os recetores das comunicações, como protagonistas e não mais como apenas sujeitos passivos, como algumas teorias postulavam. Existe uma mediação, uma apropriação, por parte de quem recebe essas

informações, por isso não se pode pensar a comunicação como uma via de mão única de quem produz para quem recebe.

No segundo livro, publicado pelas Edições Loyola chamado: *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura.* Propõe-se uma viagem sobre os estudos da comunicação. O autor aproveitou a oportunidade e reescreveu os artigos para a publicação deste livro. Com isso o material que era vasto e com muita qualidade, agregou os resultados das discussões envolvendo o tema. Destacamos a ideia fundamental do autor: de que não nos podemos focar apenas no dominador e sim nas estratégias e lutas do dominado em relação à sua condição.

Outro autor fundamental e incontornável ao tratar de identidades europeias em confronto com identidades coloniais é Edward Said. A sua obra *Orientalismo* foi publicada em 1978 e publicada e traduzida no Brasil em 1990. Em Portugal só seria publicada e traduzida em 2004. A professora Filipa Lowndes Vicente destacou no seu livro *Outro orientalismo*: "O facto de a tradução portuguesa do Orientalism de Said ter sido feita somente em 2004, vinte e seis anos depois de a obra ter sido publicada, revela muito acerca da historiografia portuguesa" (2009, p.45) A partir dessa obra se iniciou uma nova maneira de interpretar as ações dos europeus em relação aos povos colonizados. O autor trabalha por meio da literatura produzida no Ocidente o processo de invenção do Oriente enquanto algo exótico e inferior, como forma de justificar a presença e dominação do Ocidente. Outro livro muito importante do autor foi *Cultura e imperialismo* onde também podemos encontrar vários referenciais para entender as diversas permanências de atitudes dos portugueses em relação às ex-colónias.

Eric Hobsbawm e Terence Ranger organizaram a obra *A invenção das tradições* (1997) onde, ao longo de sete capítulos vários autores abordam as maneiras como os grupos inventam tradições. Desconstruir as tradições revela como muitas vezes as tradições foram criadas para legitimar um determinado ponto de vista ou grupo. Por meio da tradição, consegue-se alterar a história no passado, para justificar uma ação no presente. Muitas identidades na contemporaneidade são baseadas em tradições, por isso esta obra de Hobsbawn e Ranger é fundamental para uma investigação sobre identidades e suas justificativas identitárias.

Muitos destes autores anteriormente citados, são chamados de pós-colonialistas ou pós-coloniais. Poucos deles assumem tal denominação e tão pouco se preocupam com este

tipo de “marca” ou “rótulo”. Aqui nesta tese pouca importância será dada ao “rótulo” que os autores possuem, mas à relevância dos conceitos e análises propostas por eles. Devido ao passado histórico de ligação entre Portugal (metrópole) e Brasil (colónia), muitos assuntos estudados aqui remetem para o discurso colonial e ao chamado pós-colonialismo. Sobre esta reproduzimos o trecho de Stuart Hall em relativo ao termo pós-colonial e sua relevância:

> “Não se trata apenas de não designá-la em termos de um “antes” e um “agora”. Ele nos obriga a reler os binarismos como formas de transculturação, de tradução cultural, destinadas a perturbar para sempre os binarismos culturais do tipo aqui/lá. O termo pós-colonial não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Ele relê a “colonização” como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou “global” das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação. Seu valor teórico, portanto recai precisamente sobre sua recusa de uma perspectiva do “aqui” e “lá”, de um “então” e “agora”, de um “em casa” e “no estrangeiro”. “Global” neste sentido não significa universal, nem tampouco é algo específico a alguma nação ou sociedade” (2009, p.102).

Este excerto responde muito bem às críticas de alguns autores, como McClintock (1992) e Shoat (1992), em relação à utilização do conceito “pós-colonial”. Hall deixa claro a relevância do termo, destacando que a questão temporal não é a mais importante e tão pouco a visão binária. Estes processos tiveram diferentes consequências em diferentes contextos. As ciências humanas têm que se dedicar a estudar essa questão e toda a sua complexidade. Esta tese de doutoramento em História busca contribuir para aumentar os estudos sobre este tema do pós-colonialismo, também pensando a relação entre imigrantes brasileiros e a sociedade portuguesa.

Uma importante dimensão na vida dos imigrantes é o espaço. Este nem sempre foi observado com o devido cuidado nos estudos históricos. Muitas vezes entendido como tema exclusivo da geografia, os historiadores deixam de lado muitas de suas potencialidades que podem ser exploradas enquanto tema de estudo, pois o espaço é construído na ação social dos seres humanos e, por isso, representa fisicamente e simbolicamente suas conceções em relação à sua posição de agentes do seu tempo no mundo. Felizmente nos últimos anos a história passou por uma chamada “viragem espacial”, que representou, justamente, uma mudança de foco que abriu mais um campo dentro dos estudos históricos.

O historiador jesuíta Michel de Certeau no primeiro volume da *Invenção do Cotidiano – Artes de fazer* (1994) estabelece uma série de novas possibilidades de interpretar a relação entre o dominado e por meio do ato do dominador. Ao dar protagonismo às pessoas ordinárias, demonstrando as inúmeras possibilidades de criarem estratégias para lidar como o

mundo ao seu redor. Como consequência dessa possibilidade de ação das pessoas comuns Certeau interligou o espaço e a história de forma brilhante:

> "Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. «Gosto muito de estar aqui» é uma prática de espaço este bem-estar tranquilo sobre a linguagem onde se traça, um instante, como um clarão" (Certeau, 1994, pp.189-190).

Marc Augé utiliza na sua conhecida obra *Não-lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade* faz muitas referências ao autor Michel de Certeau, para definir seus conceitos relacionados com o espaço e o lugar. Destacamos a seguinte definição de lugar e não-lugar: "Se um lugar pode definir-se como identitário, relacional e histórico, um espaço que não possa definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar" (1994, p.83). Deste modo estes dois autores destacam a importância da história e da geografia na interpretação do que é identitário e o que não cria identidade.

Milton Santos, um dos maiores geógrafos do Brasil, no capítulo 10 do seu livro *Da totalidade ao Lugar* (2005) fez algumas críticas ao conceito do "não-lugar". Com muita propriedade e erudição o autor lança outras questões para definir a contemporaneidade e a relação da globalização com as perceções sobre o espaço. As possibilidades de visões diferentes sobre as mesmas questões são sempre importantes no fazer das ciências humanas Santos avança outras possibilidades de interpretar o espaço a partir da história relacionando o passado e o futuro, citamos um trecho para exemplificar melhor sua conceção:

> "Haveria, então, lugares mais ou menos voltados ao presente e outros mais orientados ao futuro, aqueles onde a riqueza comunicacional é maior. Que é, hoje, a consciência do lugar? Não nos embaracemos com essa questão, penúltima herança das idéias estabelecidas em um mundo quase imóvel. Hoje certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, através do lugar" (2005, p.161).

O livro *Na metrópole: textos de antropologia urbana* (1996) organizado por José Guilherme Cantor Magnani e Lilian de Lucca Torres é uma coletânea de oito textos. Vários estudos foram realizados na cidade de São Paulo envolvendo diversos temas, como religião, lazer, migrantes, torcidas de futebol, comemorações e ocupação de espaços. Mesmo com as grandes diferenças existentes entre São Paulo e Lisboa, o estudo nos permite repensar as questões relacionadas ao contacto dos seres humanos e a metrópole.

Ainda na Antropologia Urbana é de salientar o livro *Da periferia ao centro: trajetória de pesquisa em Antropologia Urbana* (2012), foi uma adaptação da tese de livre-docência do

professor José Guilherme Magnani. Dividida em três partes ela aborda as pesquisas do autor desde o seu início de produção académica, em 1970. Nesta obra vários aportes teóricos são trabalhados e explorados. Selecionamos um trecho abordando a questão das fronteiras e da pertença dos sujeitos ao espaço:

> "As características desses equipamentos definidores de fronteiras (bares, lanchonetes, salões, campo de futebol etc.) mostravam que o território assim delimitado constituía um lugar de passagem e encontro. Entretanto, não bastava passar por esse lugar ou mesmo freqüentá-lo com alguma regularidade para ser do pedaço; era preciso estar situado (e ser reconhecido como tal) numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc. Assim, era o segundo elemento – a rede de relações – que instaurava um código capaz de separar, ordenar e classificar: era, em última análise, por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era "do pedaço" e em que grau ("colega", "chegado", "xará" etc.)." (Magnani, 2002, p.18)

Não basta estar no local, é preciso uma rede que o reconheça como pertencente a este. A relação identitária do imigrante com os outros, com essa rede, é que possibilita a sua condição de integrado ou desintegrado com o local e os sujeitos que ocupam o ambiente. Outro autor que abordou este tema foi o professor Rogério Haesbaert grande geógrafo, em seu livro *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade,* (2004). Resultado da sua pesquisa de Pós-Doutoramento em Londres este trabalho desconstrói os argumentos relacionados com a desterritorialização completa dos seres humanos. Para o autor, todos os sujeitos estão envolvidos em questões relacionais desta forma:

> "o território, no sentido relacional com que trabalhamos, não é simplesmente uma 'coisa' que se possui ou uma forma que se constrói, mas, sobretudo uma relação social mediada e moldada na/pela materialidade do espaço. Assim, mais importantes do que as formas concretas que construímos são as relações com as quais nós significamos e 'funcionalizamos' o espaço, ainda que num nível mais individual" (Haesbaert, 2004, p. 350).

Nesta perspectiva não existiria o "fim dos territórios" e sim uma constante produção de novas estratégias dos sujeitos para conseguir se relacionar com os processos de desterritorialização e territorialização. Os seres humanos, de acordo com o autor, estão sempre nesta dinâmica e a condição da globalização aumentou esse processo. Consideramos que devido à situação do imigrante transnacional esta operação se dá em maior dimensão devido justamente à sua condição de quem vem de fora.

O livro *Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais* (2010), organizado por Sílvia Pereira, Benhur Costa e Edson Souza, foi resultado do "II Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades" realizado entre os dias 27 e 30 de maio de 2009. Com doze

textos abordando essa temática a partir das mais diversas possibilidades, vamos centrar-nos na palestra do professor da Universidade de Genebra Claude Raffestin "Uma concepção de território, territorialidade e paisagem."

Para o autor, a paisagem "é o resultado de um processo de produção mental que tem origem na observação humana mediatizada por diferentes linguagens: naturais, da pintura, da escultura, lógico-formais e matemáticas" (2010, p.17) Todos os seres humanos são portadores possíveis de paisagens diversas e únicas. Em princípio isso faz parte de um processo, no qual existe uma mediação, que vai estar condicionada às diferentes linguagens às quais o ser humano em questão tem acesso ou não. Para os imigrantes que estão deslocados de suas paisagens, e em processo de construção de novas, estas questões são fundantes.

Os conceitos de não-lugar e desterritorialização estão diretamente ligados à nova fase da chamada pós-modernidade ou hipermodernidade, que segundo os especialistas deriva do fenómeno da globalização. Existem muitos conceitos elaborados nos últimos trinta anos tentando descrever a fase pela qual a humanidade ocidental vive e vivência este período. Sem entrar na polémica sobre estes termos, salientamos que a sua maioria retrata uma condição de inadequação entre o tempo vivido e o sujeito; de acordo com Stuart Hall vivemos um "mal-estar".

Ao longo do texto buscou-se abordar o estado da arte sobre os estudos relacionados às identidades. O tema central nessa tese de Doutoramento é a identidade. Termo polissémico e cada vez mais utilizado nas obras das ciências humanas, por estes motivos é impossível acreditar em um estado da arte completo sobre os estudos das identidades. Entretanto almejou-se, mesmo assim, realizar esta tarefa a contento, traçando por uma grande variedade de autores e algumas possibilidades de pensar e problematizar as identidades no mundo contemporâneo.

1.5 Portugal contemporâneo

Existem várias possibilidades de estudos para aqueles que pretendem investigar o Portugal contemporâneo. Por exemplo, os livros campeões de venda produzidos para o grande público por pesquisadores das universidades, com linguagens menos técnicas e com edições cheias de imagens ilustrativas. Algumas obras literárias são muitas vezes fontes ricas de

descrições sobre o cotidiano das pessoas. Por outro viés temos as obras produzidas por antropólogos, cientistas sociais e geógrafos que, preocupados com temáticas específicas, acabam registrando nas suas obras a contemporaneidade do momento.

Devido à essas múltiplas de possibilidades, neste o estado da arte sobre Portugal contemporâneo, vamos tentar abarcar as várias, vertentes, reconhecendo desde já a dificuldade de os conseguir representar todas.

Existem alguns livros sobre Portugal contemporâneo que foram encomendados por editoras para atender a crescente demanda do mercado editorial por materiais históricos. Um fenómeno mundial da indústria livreira que são os *Best Sellers* de história contemporânea ou de romances históricos, na maioria das vezes escritos por jornalistas ou escritores profissionais. Para atender a essa demanda as editoras investem cada vez mais em obras escritas por historiadores ou por professores universitários, como forma de atrair esse público consumidor.

Um bom exemplo desse tipo de livro campeão de venda foi a *História de Portugal* publicado pela Esfera dos Livros em 2009. A obra foi dividida em três partes, cada parte foi a responsabilidade de um historiador: Parte I – Idade Média (Séculos XI – XV), por Bernardo Vasconcelos e Sousa; Parte II – Idade Moderna (Séculos XV – XVIII), por Nuno Gonçalo Monteiro e Parte III – Idade Contemporânea (Séculos XIX – XXI), por Rui Ramos. O último capítulo da Parte III, intitulado: "Uma democracia europeia (desde 1976)", foi muito importante para analisar a sociedade portuguesa no período que aborda este estudo, principalmente nas referências e exemplos utilizados na construção do texto.

Outra obra em estilo de coletânea sobre Portugal contemporâneo foi a coleção financiada pela Fundación *Mapfre* com direção dos professores do Instituto de Ciências Sociais, António Costa Pinto e Nuno Gonçalo Monteiro: *História contemporânea de Portugal: 1808-2010* (2015). Este período temporal foi divido em cinco volumes, o último dos quais se chama: *A busca da Democracia 1960-2000*, sob coordenação de António Costa Pinto e com seis capítulos, "As chaves do período" e "A vida política", escritos pelo coordenador, e que se seguem: Nuno Severiano Teixeira "Portugal no mundo", Luciano Amaral "O processo económico", António Barreto "População e sociedade" e João Pedro George "A cultura."

O livro contém excelentes textos voltados para o grande público, mas produzidos por académicos, com formações em História ou em Ciência Social com vasta obra produzidas nos

temas que tratam. Este estudo historiográfico é um dos melhores e mais completos, sobre o período recente, com muitas referências e exemplos concretos, que auxiliam a interpretar as transformações ocorridas no país durante o período proposto, por nós estudado.

Em 2000 no âmbito das "comemorações" dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) promoveu entre os dias 25 e 27 de setembro de 2000, o evento Projeto Resgate/ Agenda do Milênio. Deste evento surgiu o livro *Brasil-Portugal: História, agenda para o milênio*, organizado por José Jobson Arruda e Luís Adão da Fonseca, e contou com cinquenta e sete professores de história dos dois países. Esta obra de grande fôlego possibilita comparações entre as histórias de Brasil e Portugal.

A *História da Vida Privada de Portugal* foi dirigida por José Mattoso sendo seu último volume coordenado por Ana Nunes de Almeida e dedicado ao período de 1950 até 2010. A obra foi dividida em três partes, com quatro capítulos para cada parte, escrito por dez autores. Apesar do nome da coleção ser *História da Vida Privada* não houve nenhum autor desse volume com formação de historiador. Esta opção do diretor, da coordenadora e da editora, demonstra as dificuldades e preconceitos que a História do Tempo Presente enfrenta na academia e no mundo editorial português.

Fábio Chang de Almeida escreveu *A direita radical no Portugal democrático: os rumos após a revolução dos cravos (1974-2012)* para a obtenção do título de Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS em 2013. Neste trabalho o autor estuda detalhadamente a história do tempo presente de Portugal, com uma grande pesquisa de fontes históricas das mais diversas naturezas. O resultado é uma excelente história sobre a direita radical em Portugal e a contemporaneidade portuguesa, feita com muitas análises sobre escritos, panfletos, jornais, livros e entrevistas, entre outros documentos.

Amado Cervo e José Magalhães organizaram em conjunto a obra *Depois das Caravelas. As relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000* (2000), na qual vários autores brasileiros e portugueses escrevem sobre o passado comum dos dois países. A obra foi produzida com uma preocupação de analisar as relações internacionais bilaterais dos dois países. No fim do livro os autores consideram que Brasil e Portugal chegaram à maturidade nas relações diplomáticas no final do século XX, devido à inversão migratória e ao forte investimento empresarial português no Brasil.

O professor e historiador José António Telo escreveu o livro *História contemporânea de Portugal. Do 25 de abril à actualidade* em dois volumes. O primeiro, sobre o período 1975-1985, foi publicado em 2007, o segundo, sobre o período 1985-2006 foi publicado em 2008. Com muitas fontes, o autor realiza um estudo bastante centrado na história política do país, sendo a análise sobre o "cavaquismo" e o governo Guterres muito detalhadas e criteriosas. No capítulo "Sociedade e mentalidade de 1974-2006" o autor faz uma série de críticas à sociedade portuguesa, relacionadas com o machismo e também a questão corporativista da sociedade, que são vistas como duas questões e necessitam ser resolvidas.

Na conceção moderna de história qualquer registro de atividade humana é considerado como uma fonte histórica. Por isso, em vários momentos da tese utilizámos essa dupla relação de obras que são referências teóricas e ao mesmo tempo são também fontes históricas para o período em que foram produzidas. Este trabalho busca contribuir para o diálogo e para construção de um campo maior na História do tempo presente produzida também por historiadores.

SEGUNDO CAPÍTULO: METODOLOGIAS

> "O historiador passou a construir o seu texto no jogo entre pormenores significativos e processos globais, em correspondências, sínteses e reacertos de perspectiva, que redundaram na historiografia contemporânea, na construção de narrativas explicativas, em que se elaborava a dialética entre a materialidade social e a semântica, perseguindo-se a historicidade dos signos e conceitos." (Dias, 1998, p.243)

Neste segundo capítulo apresentamos as principais metodologias utilizadas para a realização desta tese de Doutoramento em História Contemporânea. Primeiro expomos uma defesa da História do tempo presente enquanto forma de analisar os acontecimentos recentes, independente da distância temporal existente entre os factos estudados e o investigador. Nossa

proposta de investigação se baseia principalmente na interpretação de duas fontes históricas: a imprensa (jornais e revistas) e as entrevistas orais. Por isso, abordaremos neste capítulo questões metodológicas sobre a História da imprensa e sobre a História oral.

A investigação histórica científica baseia-se na análise das fontes e nas críticas feitas a essas fontes. Entende-se por fontes históricas, qualquer registro do tempo vivido realizado por seres humanos. Esta visão metodológica foi proposta e desenvolvida pela chamada *Escola dos Annales* desde a década de 1930 do século passado, quando se questionou a utilização só das fontes oficiais e ao longo do século o leque das fontes foi crescendo cada vez mais (Le Goff e Nora, 1977).

A história do tempo presente e a história oral, que serão utilizadas nesta investigação, partem deste mesmo preceito, uma fonte histórica é fruto do registro dos seres humanos no tempo. Isto não significa que todas as fontes sejam iguais, pelo contrário, neste trabalho serão usadas metodologias diferentes de acordo com as especificidades dos objetos e das fontes, essa premissa será sempre importante. Iremos expor neste capítulo exatamente as bases metodológicas utilizadas ao longo da tese.

2.1 A História e a História do tempo presente

Em relação à história do tempo presente, defendo que os historiadores estão diretamente ligados ao seu tempo como qualquer outro ser humano. Não existe uma separação total entre o pesquisador, o objeto, e o mundo ao seu redor. Por isso a contemporaneidade não pode ser um obstáculo aos estudos históricos. Entretanto existem muitos preconceitos e críticas a esses trabalhos, baseados na premissa de que o "calor dos acontecimentos" inviabiliza a pesquisa do historiador e que temas recentes devem ser abordados exclusivamente por jornalistas e cientistas sociais. Bernstein e Milza defendem brilhantemente esta questão:

> "Afirmemos primeiro muito claramente nossa convicção: a história do presente é primeiramente e antes de tudo história. Sem negar as especificidades que a marcam e sobre as quais retornaremos, importa considerar que por seus objetivos, seus métodos, suas fontes, a história do presente não difere em nada da história do século XIX. Em outros termos, a identidade do objeto entre o jornalista e o historiador do presente não deve ser ilusão. O jornalista (o bom jornalista) esforça-se para reconstituir e explicar a seu leitor a trama dos eventos quotidianos que assaltam e faz trabalho útil de informação. O historiador tenta restituir a evolução na duração que permite compreender por que

> processo chegou-se à situação presente: ele se dedica a descrever as estruturas cujas transformações dão conta da emergência factual de fenômenos cuja gênese se situa sempre a médio ou longo prazo. Assim fazendo, o historiador do presente está mais próximo por suas preocupações de seu confrade do século XIX, da Revolução ou dos tempos modernos do que daqueles que perseguem com talento os fatos do dia ou da véspera e que restituem a crônica inteligível e seletiva dos fatos que constituem a trama de uma informação moderna" (1999, p.127).

Esta diferenciação feita pelos autores é muito precisa, pois a qualidade de qualquer estudo histórico se sedimenta na análise das fontes e não na distância temporal em relação ao pesquisador. O jornalista tem outra abordagem em relação aos factos e ao passado. A historiografia do século XX foi marcada pela recusa do positivismo enquanto teoria da história. O saber nesta disciplina foi fundamentado durante o século passado sobre as análises de fontes, que passaram a ser entendidas de outra maneira, agora mais ampla, rejeitando a premissa de que só documentos oficiais eram puros para serem fontes históricas válidas. (Burke, 1999, Freitas, 2002). Qualquer registro da existência humana pode e deve ser estudado.

Esta defesa da história do tempo presente também será inevitavelmente uma reflexão sobre a história enquanto ciência. Pois não se pode associar qualidade à distância temporal. Inclusive, nem sempre o historiador foi visto como um excluído da história recente. Por exemplo, Tucídides foi o primeiro exemplar deste participante ativo da escrita da história. Existem outros brilhantes como Karl Marx, em suas obras sobre o *18 do Brumário de Luís Napoleão Bonaparte* e a *Comuna de Paris* ou Marc Bloch em *A Estranha Derrota*.[14]

O tempo em si, não pode ser o objeto de investigação do historiador, não existe história sem seres humanos. A história busca compreender a vida dos seres humanos em um determinado tempo e espaço. Outro equívoco grave cometido por muitos historiadores foi estratificar aspetos mais importantes da vida dos seres humanos como determinantes em relação a outros. Como por exemplo, entender que a economia se sobrepõe à política e/ou à cultura. As questões envolvendo o género foram, durante muito tempo, ignoradas pela historiografia criando histórias segregacionistas.

Um traço comum nessas interpretações históricas foi a tentativa de tornar a história geral ou total. Estas duas perspetivas implicam reduzir a realidade da vida humana ou excluir

[14] Ver mais em Thopson, P. (1992) *A voz do passado: História oral.* Rio de Janeiro: Paz e Terra. No segundo capítulo existe uma longa e brilhante história da história oral praticada antes do gravador, na conclusão deste ele sentencia: a descoberta da história oral pelos historiadores, agora em andamento, provavelmente não será ignorada. E ela não é apenas uma descoberta, mas também uma reconquista. Oferece à história um futuro livre da significação cultural do documento escrito. E devolve também ao historiador a mais antiga habilidade de seu ofício (p..103).

vários seres humanos para que a sua interpretação histórica faça mais sentido. Fazer história científica no século XXI buscando explicações gerais ou totais é um enorme equívoco. Isso serve tanto para a História do Tempo Presente como para a História Antiga, com isso não se defende que extirpa uma única com qualidade.

Isso devido ao facto de que é sempre o historiador sempre quem tem um papel decisivo na maneira como aborda as fontes disponíveis. Além disso, é o historiador quem escreve a história e não a sua fonte. Uma série de trabalhos se equivoca ao considerar que algumas fontes falam por si ou são a própria história. Não se pode pensar a história com a crença de que as fontes são extratos ou espelhos fiéis do passado. Considerar este tipo de análise válida é ir contra, não só, a história oral, mas também contra a historiografia construída durante todo o século XX. Como alerta a Regina Neto existe um protagonismo do historiador na construção da narrativa:

> "Somos nós que conferimos, por meio dos documentos pesquisados – manuscritos, impressos, fontes orais, processos civis e criminais, imprensa, boletins, entre outros -, a importância relativa que lhes confere o desenrolar da história narrada. Os documentos, nessa perspectiva, não "dizem" a história, não recuperam o passado. O passado não pode ser restituído, refeito, ele é narrado com análises críticas, sempre mediado pela operação historiográfica." (Neto, 2012, p.21)

Muitas das críticas e preconceitos que a história do tempo presente sofre vêm de uma grande falta de reflexão histórica. Como muitos autores escreveram, o mundo passou por uma série de transformações que alteraram os padrões de verdade e mentira transformando a perceção dos seres humanos em relação à maneira de viver em sociedade.[15] Talvez essas críticas à história do tempo presente sejam frutos desse tipo de mentalidade abalada com essa nova condição, que é realmente complexa como destaca Koselleck:

> "A ciência histórica atual se encontra, portanto, sob duas exigências mutuamente excludentes: fazer afirmações verdadeiras e, apesar disso, admitir e considerar a relatividade delas. Nesse dilema, ela se defende com diferentes argumentos. Citamos dois: primeiramente, os historiadores podem referir-se ao enorme êxito que a ciência histórica, lentamente constituída desde os inícios da época moderna, alcançou com seus métodos. Em duzentos anos, aprendemos mais sobre o passado da humanidade do que ela antes jamais pudera saber sobre si mesma. É certo que deixamos de conhecer muita coisa, por conta do mau esta de conservação (ou ausência) das fontes, mas por outro lado, tivemos acesso a informações que nos escaparam aos que foram contemporâneos dos acontecimentos. Portanto, de certa maneira, sabemos mais do que antes e, frequentemente, temos mais informação a respeito do passado que jamais fora possível

[15]Existem autores que exploram essa falta de adaptação a sociedade cada vez mais complexa, com muitas incertezas por um lado e uma pressão por escolhas de modelos fixos, destacamos três obras muito relevantes que exploram amplamente este "mal-estar" Stuart Hall no seu livro: *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) Lipovetsky, Gilles e Serroy, Jean. (2011) *A cultura-mundo, respostas a uma sociedade desorientada*.

> ter. Uma tal defesa do historiador, baseada na pesquisa empírica, é conclusiva e difícil de contestar. O segundo argumento procura enfraquecer, do ponto de vista metodológico e teórico, a crítica ao subjetivismo ou ao relativismo. Também a ciência histórica teria desenvolvido uma arte metodológica que lhes permitiria atingir proposições objetivas. A crítica de fontes, por sua vez, estaria submetida a critérios sempre acessíveis, comprováveis e racionais" (2006. p.161-162).

A defesa de um bom historiador, independente da época, está sempre na pesquisa realizada e na crítica que ele faz às fontes que utiliza durante a construção de seu texto. A simples descrição não tem grande relevância para o mundo académico, são as interpretações sobre o passado, baseadas em fontes e na bibliografia, que possibilitam uma boa obra histórica. Como no caso do exemplo utilizado por Todorov: "O historiador está, em suma, perante um dilema: ou limitar-se aos factos, inatacáveis, mas por si mesmos pouco eloquentes, ou procurar interpretá-los e então oferecer o flanco às críticas. Poucos são os que escolheram a primeira via (ninguém se contenta com saber qual é a cor do cavalo de Henrique IV)" (1991, p.129).

O historiador não se deve preocupar em apenas descrever acontecimentos ou pequenos detalhes sobre o passado. O seu trabalho privilegia o caminho mais difícil ao buscar interpretações. A partir de uma pesquisa realizada em diversos arquivos: lendo jornais e revistas e entrevistando pessoas. De acordo com Regina Neto os pesquisadores do tempo presente podem capacitar a sua proximidade em relação aos acontecimentos:

> "«Considero que», ao analisar os acontecimentos e os discursos que os significam e os apresentam na ordem do dia como verdadeiros, atrelados a diversos dispositivos políticos, seja necessário desfazer evidências e criar, instituir, outras maneiras de ver, dizer e se dar conta do universo histórico no qual estamos inseridos. Sem apaziguamentos e reconciliações podemos – capacidade de potência – desconectar intempestivamente (no sentido nietzschiano) nosso olhar das luzes da história do progresso" (Neto, 2014, p.39).

Essa potencialidade é ou não alcançada, não existe na explicação nenhuma obrigatoriedade, pois qualquer estudo histórico, independente do seu recorte temporal, deve buscar tal objetivo. O historiador do tempo presente devido à proximidade temporal com o assunto pode explorar vários interlocutores de outras áreas das ciências sociais e não só. Como referi na introdução, tenho a dupla cidadania brasileira e portuguesa; durante o período estudado 1986-2007 estive em Portugal apenas uma vez entre os meses de dezembro e janeiro de 1997/1998. Minha primeira experiência migratória internacional foi quando fui aprovado neste doutoramento em História.

Identificar todo esse retrospeto em relação à minha ligação com o tema que estudo não me isenta de ter cometido parcialidades durante as minhas leituras e interpretações realizadas nesta tese. Não luto contra essa condição, entretanto também destaco durante essa experiência

- de estar vivendo em Lisboa enquanto estudava e escrevia a tese - a possibilidade de ter várias referências novas motivadas por essa vivência. Que auxiliaram a compreender os conflitos aqui apresentados que não poderiam ser possíveis sem essa herança cultural afetiva.

Não existem verdades absolutas e nem tão pouco livros de histórias completos, os pilares da ciência contemporânea são feitos na base das críticas. Pois utilizando o conceito de testemunhos de Paul Ricoeur, no seu livro *A Memória, a História, o Esquecimento (2010),* os testemunhos têm enormes possibilidades. As historiadoras brasileiras Delgado e Ferreira refletindo sobre a história do tempo presente no contexto nacional e internacional escreveram:

> "A história do tempo presente tem mobilizado segmento expressivo da comunidade de historiadores no plano nacional e internacional. Inscreve-se em um movimento mais amplo de renovação historiográfica que trouxe consigo revitalização da história política, ampliação do uso de fontes, valorização da interdisciplinaridade, maior diálogo com as ciências sociais, recusa de explicações deterministas e totalizantes, valorização de atores individuais e coletivos, relação dialética entre história e memória" (2010, p.7).

A ampliação do uso das fontes como refere as autoras, existe devido à maior possibilidade contemporânea dos seres humanos registrarem sua existência no mundo.[16] Alargar os objetos de estudo não pode e nem deve interferir na análise histórica dessas fontes. Não existe história sem a crítica da documentação, sem a preocupação em perceber as motivações que levaram à produção desses registros e também às repercussões que aconteceram depois da sua circulação. Os documentos como diz Paul Ricoeur, são testemunhos e qualquer interpretação analítica em história deve ser feita baseada na interrogação desses testemunhos, como esta autora destaca:

> "Uma história que fosse feita apenas com testemunhos não criticados e retrabalhados seria uma história que perderia sua coerência e veracidade. Uma história que não levasse em conta a testemunha e a irrupção de singularidade de sua situação seria uma história que recusaria o excesso, o desvio, o deslocamento, as paixões sangrentas, grandiosas ou infames" (Farge, 2011 p.22).

Existe uma falsa questão, ao acusar a história do tempo presente de não ser história devido à proximidade temporal do historiador e o objeto estudado. Segundo essa lógica, uma distância temporal grande entre o historiador e o objeto estudado por si só seria garantia de qualidade historiográfica. Entretanto não funciona dessa forma. Um problema frequente e

[16] As novas tecnologias criaram uma série de novos instrumentos que permitem tais registros e também houve paralelamente uma queda de preço em vários meios que passaram a ser consumidos por milhares de pessoas, como máquinas fotográficas, filmadoras, telemóveis, computadores enfim todas essas tecnologias registram a vida cotidiana de diversas formas. Os historiadores não podem se limitar a uma única fonte, pelo contrário os historiadores do tempo presente têm explorado cada vez mais as múltiplas possibilidades de registros dos seres humanos.

grave é a proximidade intelectual ou parcial do investigador ao analisar um tema. Paixões e visões parciais podem acontecer tanto em temas ocorridos há uma década ou há dez séculos.

Um dos pioneiros textos que abordou metodologicamente a história do tempo presente, ou imediata, surgiu na grande obra que revolucionou a historiografia mundial, *La nouvelle Histoire*, lançado em 1978 sob a direção de Jacques Le Goff. Como afirmou Jean Lacouture (Le Goff, Chartier e Revel, 1990) a história do tempo presente não quer dizer um regresso aos acontecimentos, antes uma tentativa de ver os factos do presente segundo um tratamento analítico próprio do historiador.

Na França este debate levou à criação do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP), também em 1978, com a missão de contribuir para a construção de um conhecimento histórico academicamente válido sobre, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto ou Vichy. O historiador francês Henry Rousso, foi presidente do IHTP de 1994 até 2005, defendeu dessa forma a História do Tempo Presente:

> "Entendo que a prática dos historiadores do Tempo Presente não pode ser compreendida fora desse contexto. Não é simplesmente uma maneira de escrever a História Contemporânea, é um pouco mais que isso. Há reconstruções, há o reconhecimento de determinados contextos. Por exemplo, nós travamos um debate com o historiador François Hartog, quando este publicou seu livro sobre os regimes de historicidade, especificamente sobre o *presentismo*. Nos acusou, mas de modo gentil, ao afirmar que o que fazem os historiadores do Tempo Presente é o equivalente a *presentismo*, pois não veriam outra forma de compreender o passado senão a partir do presente. Mas não é nada disso. Ao contrário, nós somos uma forma de reação ao *presentismo*. O que afirmamos é que não somente a História deve ser levada em conta na análise do mundo. (...) Não sei se conseguimos, mas o objetivo é ser capaz de produzir a História do nosso próprio tempo, tentando obter uma reflexão que permita um recuo relativo" (Arend e Macedo, 2009, p.209).

Muitos autores têm contribuído com a construção de uma metodologia para o estudo da História do Tempo Presente. Para Chauveu e Tétart, "A epistemologia da história do presente consiste [...] em interrogar a história a fim de propor novos dados que aumentarão sua capacidade de explicitação e de sugestão" (1999, p. 37). Como já foi abordado neste texto, não deveria, existir muitas diferenças entre um historiador do tempo presente e um historiador do século XIX. Ambos, para realizarem uma boa análise histórica, necessitam explorar o maior número de fontes históricas possíveis para conseguir avaliar a veracidade, ou não, dos testemunhos e estabelecer processos de continuidade e rutura entre outras questões relacionadas ao tempo.

De entre a vasta produção existente sobre a História do Tempo Presente, selecionamos estes livros: *Para uma história cultural*, *Questões para a história do tempo presente* e *Por uma história política*. Todos têm em comum o seu formato: são coletâneas de artigos de diversos autores acerca as novas maneiras de interpretar as fontes e de fazer história. Em *Questões para a história do tempo presente* (1999) organizado por Agnès Chauveu e Philippe Tétart, os textos focam os problemas teórico-metodológicos deste tipo de estudo.

Os outros dois são obras fundamentais para se entender as transformações na historiografia francesa recente, depois das propostas de Le Goff e Nora no livro *Nova História*. Rene Remònd foi organizador do livro *Por uma história política*, vários autores abordam a questão da validade da história política no geral e também a questão de estudar a política no tempo presente. Refutando antigos preconceitos que ligavam ao estudo da política aos historiadores positivistas, apenas preocupados com os grandes feitos e heróis.

Existem autores que realizaram História do Tempo Presente sem utilizar esse tipo de denominação. Até mesmo historiadores escreveram grandes obras que permitem analisar e refletir sobre o mundo contemporâneo sem se autodefinirem como historiadores do tempo presente. A condição de ter presenciado alguns acontecimentos sobre os quais se faz uma reflexão e análise não impossibilita ou torna sua obra menor. São exemplo disso, as obras de Eric Hobsbawm na *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1989)* e Tony Judt – *Pós-guerra: Uma história da Europa desde 1945.*

Obras de grande abrangência temporal voltadas para o grande público conseguiram um grande sucesso de vendas. Talvez por essa questão a discussão metodológica não seja aprofundada, entretanto existe qualidade nas análises e nos problemas propostos pelos autores. Em relação à *Era dos Extremos* ressalto o diagnóstico realizado por Hobsbawm sobre a sociedade na época da publicação do livro, utilizando o exemplo da visita oficial do presidente francês Mitterrand à cidade de Sarajevo, em 28 de junho de 1992:

> "Para qualquer europeu culto da geração de Mitterrand, saltava aos olhos a ligação entre a data e lugar e evocação de uma catástrofe histórica precipitada por um erro político e de cálculo. Que melhor maneira de dramatizar as implicações potenciais da crise bósnia que escolhendo uma data assim tão simbólica? Mas quase ninguém captou a alusão, exceto uns poucos historiadores profissionais e cidadãos muito idosos. A memória histórica já não estava viva. A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais características e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem" (2011, p13).

Essa expressão “presente contínuo” aborda um problema concreto da história do tempo presente e da sociedade atual. Mesmo sem ter essa intenção, existe no trecho acima uma construção de uma análise histórica importante. Tony Judt na obra *Pós-guerra: Uma história da Europa desde 1945* destaca que não existe maneira de se conseguir uma história livre de opiniões ou interferências ao se escrever sobre acontecimentos que o historiador presenciou. Mas assim como Hobsbawm, Tony Judt também faz grandes contribuições para a compreensão dos dilemas do mundo contemporâneo. Como por exemplo, neste trecho sobre a Europa:

> “A História e memória da Segunda Guerra Mundial ficaram tipicamente restritas a um conhecido conjunto de convenções morais: o bem contra o mal, antifascistas *versus* fascistas, membros das resistências *versus* colaboracionistas etc. Desde 1989 – com a superação de antigas inibições – tornou-se possível admitir (por vezes, mesmo diante de objeções e negações virulentas) o custo moral do renascimento da Europa. Poloneses, franceses, suíços, italianos, romenos e outros povos têm hoje melhores condições de saber – se quiserem saber – o que de fato ocorreu em seus países há poucas décadas. Até os alemães estão revisitando a história oficial de seu país – com consequências paradoxais. Agora – pela primeira vez em muitas décadas – são o sofrimento alemão e a condição de vítima dos alemães, seja em consequência de bombardeiros britânicos, soldados russos ou expulsores tchecos que se tornaram alvos de atenção. Os judeus, mais uma vez se pretende sugerir, em certos círculos respeitáveis, não foram as únicas vítimas. Se tais discussões são positivas ou negativas é questão a se debater. Será toda essa memória pública um sinal de saúde política? Ou será, às vezes, mais prudente, conforme De Gaulle e outros entendiam tão bem, esquecer?” (2008, p.24).

Ao longo do seu livro, Tony Judt examina diversas narrativas históricas construídas sobre a Segunda Guerra Mundial. Com uma série de fontes diversificadas o autor interroga a maneira como a memória deste evento traumático foi sendo construída. Por meio de diversas desconstruções, o autor aponta outros caminhos para o estudo desse período. E ainda questiona fortemente as ações estatais que auxiliaram neste processo de memorização. Ao realizar sua obra dessa forma, mesmo admitindo a dificuldade em escrever sobre um tema que presenciou, Judt faz uma excelente história.

Esses dois exemplos de autores, reforçam a ideia defendida no início deste texto: a História do Tempo Presente é antes de tudo história. Suas qualidades e defeitos não existem à partida, como em qualquer outro período estudado. O que permite uma boa ou má escrita da história é a forma como o historiador seleciona as suas fontes e depois a metodologia que ele utiliza para questionar e confrontar esses registros históricos.

2.2 História Oral

> "Poucas áreas, atualmente, têm esclarecido melhor que a história oral o quanto a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórico-metodológica estão indissociavelmente interligadas, e demonstrado de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração: em resumo, que a história é sempre construção" (Ferreira e Amado, 2010, p XI).

A história oral é uma metodologia. Parte-se dessa afirmação e convicção neste trabalho, que não privilegia qualquer das fontes existentes, considerando que todas colaboram igualmente para a compreensão dos objetivos aqui traçados. Existe um caráter científico no seu executar que não é mecânico, muito pelo contrário existem critérios para a realização desses estudos. Afinal, qualquer pessoa pode fazer uma entrevista da mesma forma que qualquer pessoa pode contar (escrever) uma história. Porém a cientificidade dessas duas ações está justamente no aporte teórico que se utiliza ao fazer essas duas coisas. Como reforça a autora neste trecho:

> "Traçando caminhos diversificados, a história oral – que não é uma disciplina, mas uma metodologia ou prática de pesquisa – afirma-se no cenário intelectual do Brasil, da América Latina e de outras partes do mundo. Não sem controvérsias, desafia novas questões teóricas e metodológicas que são fundamentais para as análises acerca da produção e dos usos dos documentos – e não apenas orais – no âmbito da historiografia" (Neto, 2014, p.15).

A história oral levantou nos últimos anos uma série de questões teóricas e visões sobre o pensar e realizar na historiografia contemporânea mundial. Neste subcapítulo vamos introduzir um pouco desse panorama mundial sobre o assunto. Quais são, de entre essas possibilidades, os métodos que julgamos serem os mais pertinentes para auxiliar neste trabalho. E também apresentar como essa metodologia foi utilizada, no caso específico desta tese de doutoramento.

> "O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos" (Albuquerque Júnior, 2007, p.230).

Ao longo dos últimos anos, fruto de uma série de debates, os historiadores têm rebatido críticas e refutado preconceitos em relação à história oral. Conseguindo cada vez mais espaço e prestígio dentro do mundo académico Verena Alberti e Sónia Freitas consideram a história oral realizada nos últimos anos como "moderna". Isto devido à possibilidade tecnológica de gravar as entrevistas. Mas como alertamos no subcapítulo

anterior, muitos outros historiadores ou cientistas sociais entrevistaram pessoas realizando algum tipo de história oral. Para Freitas "Denominamos de moderna História Oral aquela cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio da técnica de entrevista que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método" (Freitas, 2009, p.27).

Podemos, partindo dessa opção de separação entre história oral "antiga" e "moderna", entender que o início da história oral no atual universo académico surgiu nos Estados Unidos em 1948. De acordo com Alberti: "Nesse ano, quando foi inventado o gravador a fita, formou-se o Columbia Universty Oral History Research Office, programa de História oral da Universidade de Columbia fundado por Allan Nevins e Louis Starr em Nova Iorque." (Alberti, 2003, p.156). Em Portugal e no Brasil as datas e projetos envolvendo a história oral são bastante diferentes refletindo as peculiaridades dos dois países.

Para melhor compreender as questões dos estados da arte dessa bibliografia, destacamos dois textos escritos por especialistas que se dedicaram a uma reflexão e uma contextualização da história dessa metodologia no mundo, em Portugal e no Brasil. O pioneiro texto com uma reflexão sobre a história oral em Portugal foi realizado pela Doutora em História Maria Luísa Tiago de Oliveira, docente no Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL, chama-se "A História Oral em Portugal". Foi publicado em 2010 na revista: *Sociologia, Problemas e Práticas*. Nele a autora explana sobre essa metodologia em Portugal e inicia o texto com a seguinte afirmação: "aparentemente é recente e ainda não solidificada institucionalmente" (p.145)[17].

O primeiro centro de pesquisa que realizou história oral em Portugal foi o Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra em 1990 com entrevistas que se tornaram livros. Outras iniciativas foram tomadas em alguns centros, mas institucionalmente foi apenas em 2001 que a disciplina com o nome de História Oral foi criada no ISCTE. O primeiro encontro académico dedicado exclusivamente ao tema foi em outubro de 2006 na

[17]Antes de prosseguir na análise do artigo da professora, destacamos a revista onde ele foi aceito e publicado, não foi em uma revista científica de história e sim em uma de sociologia. Pierre Bourdieu, em *Homo Academicus*, alerta para as disputas vorazes que existem dentro do mundo académico, por isso não se pode deixar essa questão de onde esse artigo foi publicado de lado. A história oral sofre muitos preconceitos no mundo universitário português especialmente recebendo até uma série de críticas equivocadas.

Universidade do Porto. Depois desse, Oliveira cita mais três eventos: dois em 2007 e um em 2009 (2010, p.139)[18].

No artigo a autora faz uma análise das dissertações e teses que utilizam história oral e que foram publicadas em Portugal. Depois utiliza três teses como estudo de caso, para uma análise aprofundada, exemplificando as diferentes abordagens utilizadas pelos autores para trabalhar a história oral. Na conclusão a autora reflete dessa forma sobre a história oral em Portugal:

> "O processo de emergência da história oral, mais tardio em Portugal do que em bastantes outros países, antecedido pela conjuntura revolucionária do 25 de Abril, concorre para que a questão da institucionalização, dos paradigmas e da crise de saídas profissionais se coloque de outra forma. (…)Certamente que problemas ou perspectivas de enfoque diferentes exigem respostas diferentes na história oral num tempo em que, também em Portugal, se estão a ensaiar e a trilhar os seus caminhos.
>
> Apesar dos passos dados, continua a justificar-se a luta pela utilização assumida dos testemunhos orais no trabalho historiográfico, o combate pela história oral enquanto metodologia fértil, embora ressalvando-se obviamente que não representa uma panaceia universal. O desafio fundamental consiste sobretudo em conseguir desencadear testemunhos orais ricos e efectuar uma crítica rigorosa e pertinente das fontes orais" (Oliveira, 2010, p.151-152).

O combate para a história oral ser reconhecida enquanto metodologia válida, está em curso em Portugal, como note a autora, inegavelmente existe um caminhar neste sentido. Por sua vez no Brasil, o surgimento da história oral académica foi mais antigo comparativamente com Portugal.[19] Em 1975 foi criado o Programa de História Oral do Cpdoc na Fundação Getúlio Vargas (FGV) e neste mesmo ano na Universidade Federal de Santa Catarina foi criada uma linha de pesquisa com o nome de História Oral, Como recorda Meihy: "O primeiro texto publicado a usar a expressão «história oral» foi resultado da dissertação de mestrado de Carlos Humberto P. Corrêa, da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulado *História Oral: teoria e técnica*, que em 1977 delineava critérios para a definição da história oral nos trópicos" (1999, p.90).

Outro importante passo para a consolidação dessa metodologia foi a criação em 1994 da Associação Brasileira de História Oral e depois a criação em 1996 da associação Oral History Internacional. Mas a batalha contra as resistências académicas do uso da história oral

[18] Nos anos que estive estudando em Portugal entre setembro de 2012 e agosto de 2015, houve apenas um evento o 1º Encontro HOPER – História Oral Portuguesa em Rede produzido pela Universidade de Lisboa e pela Nova Universidade de Lisboa nos dias 14 e 15 de dezembro de 2012. Reforçando argumentação da Professora Oliveira em relação à baixa realização de eventos desse tipo em Portugal.

[19] Ecléa Bosi em 1973 foi pioneira ao trabalhar com a memória dos idosos por meio de entrevistas, no entanto não utilizou o termo História oral quando publicou seu livro *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias.* Petrópolis: Editora Vozes. Ver mais em MEIHY. J. C. S. (1996) *(Re)Introduzindo a história oral no Brasil.* São Paulo Xamã.

no Brasil também existiu e ainda existe. Santhiago e Magalhães em 2013 designaram a década de 1990 como "anos de ouro" da história oral brasileira, justificando: "período de divulgação do método (que incluíram longos e aparentemente intermináveis debates sobre as vantagens, os problemas e a legitimidade do uso de fontes orais em diferentes disciplinas e campos profissionais), ele parece estar plenamente consagrado como um recurso valioso para variados estudos sobre vidas, sobre grupos sociais, sobre o presente (2013, p.10).

Sônia Freitas, em 2002, diagnosticou dessa forma os possíveis motivos para as resistências de alguma parte do meio universitário brasileiro em relação à História Oral:

> "Acreditamos que a resistência à História Oral, ainda encontrada no meio acadêmico brasileiro, está ligada a alguns outros fatores. Entre eles, o fato de a academia ter tido desde a sua origem uma forte influência francesa, seguindo pressupostos do "Positivismo" ou da "Nova História", muitos presentes na produção acadêmica daquele país. Grande parte da História Oral foi produzida na língua inglesa, e ainda não foi traduzida para a língua portuguesa" (Freitas, 2002, p.36).

Treze anos depois podemos considerar que existe um número consistentemente maior de produção bibliográfica brasileira e também que houve um esforço maior na tradução de livros que abordam a história oral. Entretanto o raciocínio que estabelece as resistências da academia brasileira em relação à história oral, seriam motivados pelo seu passado próximo com o mundo académico francês, ao invés do inglês, que continua forte. Apesar disso, as produções historiográficas voltadas para a história oral têm crescido muito no Brasil.

Não consegui identificar neste período, convivendo no mundo académico português, se existe a mesma correlação de causa e consequência, mas definitivamente existem também muitas resistências da historiografia portuguesa em relação à história oral, como já foi explanado nomeadamente por Oliveira. Novamente sobre a história oral em Portugal a autora concluiu seu texto com a seguinte constatação sobre quem a pratica:

> "Comparativamente com outras áreas da história, parece haver uma clara presença de mulheres, de investigadores mais novos e de fora de academia, sendo que aqueles que são docentes do ensino superior não estão no topo da hierarquia académica. Frequentemente, os investigadores que valorizam o testemunho oral situam-se entre a história, a sociologia, as ciências políticas, a antropologia e mesmo a arquitectura, verificando-se, assim, também em Portugal, que estes espaços de fronteira, ora concorrentes ora promíscuos, se revelam propícios à inovação" (Oliveira, 2010, p.151).

De acordo com essa conclusão, a história oral ainda está à margem da historiografia universitária portuguesa consagrada. As outras ciências têm utilizado e valorizado mais o testemunho oral do que a própria história. Entre outras contribuições historiográficas deste

trabalho, está a de produzir uma tese em História utilizando entre as suas metodologias a história oral.

Na feitura desse levantamento sobre essa metodologia em Portugal e no Brasil, não encontramos nenhum texto fazendo comparações entre seu desenvolvimento entre esses dois países. Entretanto a história contemporânea de Portugal e Brasil, são semelhantes em alguns pontos, como por exemplo, as redemocratizações acontecidas na última metade do século.

Este contexto em comum estimulou em ambos o surgimento de pesquisas utilizando a metodologia da história oral, por diversos motivos semelhantes.[20] Com certeza um estudo mais aprofundado comparando as historiografias portuguesa e brasileira que utiliza a metodologia da história oral seria muito relevante. Por exemplo, os dois países têm uma população idosa não alfabetizada, fruto de anos de exclusão ao acesso escolar e dos regimes ditatoriais. Essas populações excluídas podem contribuir muito para novas formas de analisar os períodos recentes de Brasil e Portugal, especialmente das pequenas populações do interior. Prins destaca a importância da história oral nesse tipo de população como uma grande mais-valia:

> "Mas isso não é totalmente verdade; e em algumas circunstâncias, em especial nas sociedades não alfabetizadas ou quase alfabetizadas, a continuidade é muito mais interessante e muito mais difícil de ser explicada do que a mudança. A queixa de autoindulgência reflete um preconceito contra a história vista de baixo, ou um medo de que, uma vez que os dados orais sejam expressos na escala das percepções do indivíduo, o historiador seja enganado pela pequena escala, possivelmente os interprete mal e assim seja incapaz de extrapolar de maneira eficiente. Em suma ficaríamos irremediavelmente atravancados. A história oral só nos relata o trivial sobre as pessoas importantes e as coisas importantes (através de sua própria visão) das pessoas triviais" (2014, p.174).

As entrevistas são fontes, produzidas em conjunto entre o historiador e o entrevistado, mas isso não retira a condição de fonte histórica deste material, afinal ele é um registro de um ser humano que viveu em um determinado tempo e espaço. Paul Thompson, defendendo a história oral enquanto fonte histórica, destaca que as mesmas questões e preocupações levantadas contra a história oral devem ser utilizadas para investigação sobre arquivos:

> "Exatamente a mesma cautela deve experimentar o historiador que, em algum arquivo, se vê diante de uma coleção de documentos empacotados: escrituras, contratos, livros de registro de empregados, cartas, etc. Certamente não é por acaso que esses documentos e registros vieram a estar ao dispor do historiador. Houve um objetivo social por trás de sua

[20] A grave perseguição social e cultural, a censura, os documentos secretos, as torturas, as lutas clandestinas contra o regime, ou a enorme quantidade de analfabetismo que durante o regime ditatorial, favoreceu uma ampla cultura da oralidade. Esses exemplos são uma pequena amostra de temas que foram explorados nos dois países devido ao período ditatorial vividos em Portugal e no Brasil.

> criação original, tanto quanto de sua posterior preservação. Os historiadores que tratam esses achados como depósitos inocentes, como objetos lançados numa praia, estão simplesmente enganando a si próprios" (Thompson, 1992, p.145).

Essa condição de ser uma fonte desmistifica muitos preconceitos e equívocos, pois como qualquer outra fonte o historiador pode cometer erros relacionado com escalas. Como por exemplo, ao utilizar uma escala para explicar um caso local e tentar utilizar essa mesma medida para outros exemplos como uma região, um país ou mesmo um continente. Este problema não é exclusivo dos historiadores que fazem entrevistas orais, ele é passível de acontecer em qualquer estudo histórico independente da fonte utilizada.

2.3 Metodologia em história oral

> "Um trabalho de história oral pode dizer respeito a uma voz (uma história de vida de um indivíduo) ou a muitas; no último caso estas podem ser apresentadas como séries de monólogos ou interligadas em uma montagem temática ou cronológica. A variação entre monólogo e polifonia também muda a abordagem interpretativa. Uma história individual é um gênero diferente de um livro, no qual um número de entrevistas são apresentadas uma após a outra como uma série de monólogos" (Portelli, 2001, p.28).

História oral como qualquer outra metodologia exige uma série de reflexões e ações para a sua utilização enquanto ferramenta interpretativa. Depois da apresentação e contextualização da história oral enquanto maneira de investigar, abordaremos os métodos existentes e as teorias que os sustentam enquanto opções científicas válidas. Outro momento importante foi detalhar, no caso específico desta tese, quais foram as escolhas realizadas. Partimos desta reflexão importante realizada por uma grande especialista em História Oral:

> "Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de pensar em história oral é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A história oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado." (Alberti, 2007, p.29)[21]

[21] Outro reforço salutar nesta questão foi abordado por Verena Alberti ao recordar que existe na realização da história oral uma série de questionamentos anteriores que fazem desse ato normal que é uma conversa gravada. Ser utilizada enquanto fonte para a realização de um estudo em história oral.

A escolha de um método por si só, não é garantia antecipada de qualidade ou de fracasso. Essa premissa é válida para a história oral e também para qualquer outro tipo de metodologia adotada. História, para ser bem-feita, necessita de investigação e reflexão, ter as entrevistas realizadas não é ter um trabalho pronto, as entrevistas são apenas um registro histórico. Existe uma série de questões a serem trabalhadas antes da realização da entrevista e também depois dela estar pronta, pois são várias as possibilidades para analisar e trabalhar com esse material.

> "A interdependência entre prática, metodologia e teoria produz o conhecimento histórico; mas é a teoria que oferece os meios para refletir sobre esse conhecimento, embasando e orientando o trabalho dos historiadores, aí incluídos os que trabalham as fontes orais. Exatamente o mesmo ocorre com outras metodologias: a demografia histórica, por exemplo, está apta a elaborar tabelas e séries relativas às populações, construir metodologias de trabalho para esse material e formular questões importantes sobre tais dados, mas deve procurar fora dela própria – na teoria – subsídios para compreender as questões que suscita; o mesmo se passa com a história econômica, a genealogia, a história cultural etc" (Ferreira, 1999, p XVII).

Como foi dito anteriormente e reforçado pela Marieta Ferreira a metodologia não é um fim em si mesmo. O exemplo usado no artigo, ao comparar as questões e funções com outra metodologia histórica mais estabelecida, é extremamente salutar. Pois assim, retira o peso dos preconceitos e resistências em relação à história oral e coloca a questão de maneira simples e precisa. Entretanto sabemos que nem toda a história oral por si só garante a qualidade de um trabalho, muito pelo contrário. Algumas das críticas à historia oral foram fruto de uma maneira equivocada (em se/de se) utilizar essa metodologia, como neste exemplo utilizado pela autora:

> "Com efeito, algumas das práticas e crenças da chamada História oral "militante" levaram a equívocos que convêm evitar. O primeiro deles consiste em considerar que o relato que resulta da entrevista de História oral já é a própria "História", levando à ilusão de se chegar à "verdade do povo" graças ao levantamento do testemunho oral. Ou seja, a entrevista, em vez de fonte para o estudo do passado e do presente, tornar-se a revelação do real. Essa confusão aparece algumas vezes ainda hoje em trabalhos ditos acadêmicos; por exemplo, em dissertações ou teses que se limitam a apresentar o texto transcrito de uma ou mais entrevistas realizadas, como se esse fosse um resultado legítimo e final da pesquisa. É claro que a publicação de uma ou mais entrevistas não constitui problema em si. O equívoco está em considerar que a entrevista publicada já é "História", e não apenas uma fonte que, como todas as fontes, necessita de interpretação e análise. Em nome do próprio pluralismo, não se pode querer que a única entrevista ou um grupo de entrevistas dêem conta de forma definitiva e completa do que aconteceu no passado" (Alberti, 2009, p. 158).

Essa história oral "militante", como nomeou a autora, erra ao não interpretar a fonte, esta falha é muito comum e grave. Outros trabalhos históricos não "militantes" também erram

ao utilizar qualquer fonte enquanto ilustração - fotos, notícias de jornais, filmes, cartas ora: todas elas são produzidas intencionalmente com uma função específica. A sua utilização enquanto representante real do passado é um grande equívoco, na historiografia atual qualquer fonte deve ser analisada em todos os seus aspetos, como por exemplo: produção, circulação, objetivo, função, custos, envolvidos, entre outros. Esse equívoco foi nomeado pelo autor Neto dessa forma:

> "No caso das fontes orais e imagens visuais, não se tem mais a ingenuidade de considerá-las "testemunhos do real", "elos com a realidade", "captura do real", ou até mesmo levantar questões, tais como, "reviver o passado" e "dar voz aos silenciados", entre tantas afirmações do mesmo tipo. Mas, de maneira enfática, a orientação é outra, procura-se ampliar os aportes teóricos que dão amparo às discussões e sistematizações dos procedimentos de análise próprios ao seu uso e complexidade; valoriza-se o movimento ou ação dos que professam a arte de pensar acerca das palavras, dos testemunhos, e segundo certos autores, observando rastros e vestígios no tempo" (Neto, 2012, p.21).

O que classificamos como "equívoco" ou que para a Alberti era "militância", para Neto seria "ingenuidade". Todos esses conceitos coadunam ao afirmar que não se pode ser leviano ao analisar uma fonte histórica. Devemos interpretar qualquer fonte com o mesmo rigor. A História enquanto ciência atual é produzida por meio de análises dos registros produzidos pelos seres humanos. Apenas o objeto físico ou o som da entrevista não são história, são produtos históricos. Como já foi referido anteriormente, a história é realizada com base na crítica do testemunho, seja atual ou antigo. Como nota Fagundes:

> "Testemunhos histórico são fonte histórica legítima, a história contemporânea pode ser objetiva, a memória oral não é mais problemática do que a escrita, a função política da história em formar cidadãos pode partir de fatos do passado recentes como remotos e, finalmente, o compartilhamento do tempo histórico do historiador com aqueles que fazem história pode ter um lado positivo, visto que o historiador deve dividir" (Fagundes, 2015, p.24).

A questão abordada pela autora é fulcral e serve tanto para a história oral quanto para a História do Tempo Presente. Em qualquer análise existem possibilidades variadas de interpretações e ainda algumas dessas podem ter a vantagem de o historiador ter compartilhado o tempo histórico vivido pela testemunha. [22] Luísa Oliveira aborda os limites e as vantagens dos testemunhos orais de uma maneira muito profunda:

[22] Entretanto como já referi, com certeza minha condição de brasileiro, facilitou muito nas entrevistas realizadas. Pois por várias vezes os meus entrevistados utilizaram expressões "nós brasileiros"; "a gente"; "eles os portugueses" ou "os outros". Outra vantagem dessa condição de ser brasileiro foi ao tratar de um tema passado com ancoragens nos dias atuais, do tipo: hoje para conseguir comprar requeijão (um derivado do leite, utilizado para barrar pão ou torradas, com sabor de queijo e bastante cremoso, em nada parecido com o requeijão português) tem que ir em Arroios, como era na sua época? Ou tenho saudade de comer pizza e você?

> “Aquilo que alguns consideram os limites dos testemunhos orais devem, sim, ser perspectivados como especificidades a merecer uma utilização adequada, como as de qualquer outro tipo de fontes. Aliás algumas destas características são partilhadas com muita da documentação de natureza pessoal, cujo uso é sobejamente defendido na investigação em ciências sociais.
>
> Na crítica das memórias enquanto fonte, exige-se a atenção às suas características próprias. Em primeiro lugar, deve atender-se à contemporaneidade da sua produção com a investigação e não com a factualidade estudada. Depois, é preciso equacionar sempre os efeitos da interacção entrevistador-entrevistado. Em seguida, urge ultrapassar aquilo que tem sido chamado o “handicap do a posteriori”, o conhecimento daquilo que sucedeu em seguida, que contribui para a reconstrução do passado em função dum sentido que dá legibilidade à realidade recordada, bem como àquilo que posteriormente aconteceu. Esta expressão, hoje consagrada, impôs-se a partir do texto matricial de Becker (1987; ver também Descamps, 2001; Ritchie, 2003).
>
> Suscitadas, sujeitas à crítica do testemunho e cruzadas com outro tipo de fontes, as memórias representam um contributo essencial e, muitas vezes, insubstituí-vel para a análise dos problemas históricos, permitindo investigar novas questões, formular novas hipóteses e chegar a novos resultados. Com a utilização da história oral, é uma outra história que é possível.” (Oliveira, 2010, p.152)

Existe uma série de questões históricas que só são alcançadas graças à utilização da metodologia da história oral, devido ao facto de nem todos os seres humanos se preocuparem em produzir registros históricos de suas vidas. Entretanto, essa fascinante possibilidade de ineditismo ao entrevistar pessoas que estão à margem da sociedade atual não pode interferir na análise sobre essa fonte produzida em conjunto entre o historiador e o seu entrevistado. Philippe Joulard concorda com Oliveira e ainda faz outra interessante reflexão acerca dos limites dessa metodologia:

> “Porém, para que a pesquisa oral desempenhe plenamente seu papel, precisa reconhecer seus limites e, até, fazer deles uma força. Explico-me: estou convencido de que a história oral fornece informações preciosas que não teríamos podido obter sem ela, haja ou não arquivos escritos; mas devemos, em contrapartida, reconhecer seus limites e aquilo que seus detratores chamam suas fraquezas, que são as fraquezas da própria memória, sua formidável capacidade de esquecer, que pode variar em função do tempo presente, suas deformações e seus equívocos, sua tendência para a lenda e o mito. Estes mesmos limites talvez constituam um de seus principais interesses. Sem contradição nem provocação, estou, de fato, convencido de que tais omissões, voluntárias ou não, suas deformações, suas lendas e os mitos que elas veiculam, são tão úteis para o historiador quanto as informações que se verificaram exatas. Elas nos introduzem no cerne das representações da realidade que cada um de nós se faz e são evidência de que agimos muito mais em função dessas representações do real que do próprio real (mesmo em um nível intelectual bem elevado). O que os historiadores positivistas consideram radicalmente como o ponto fraco do testemunho oral não apenas nos permite compreender melhor o "vivido" dos testemunhos, mas também conhecer os motores da ação. Esses "erros" nos apresentam uma forma de verdade superior. Um único exemplo, mas de peso: através da história oral colhemos, frequentemente, os «rumores»” (Joulard, 1999, p.34).

A mentira, o esquecimento, o mito, a lenda, os temores, ou rumores são sentimentos e atitudes de qualquer ser humano. A história oral possibilita que interpretemos estas questões tão relevantes no cotidiano das pessoas, as representações que as pessoas fazem do mundo e dos acontecimentos de suas vidas devem ser analisados. Por isso esse limite da "imprecisão" nas entrevistas como define Joulard, pode-se tornar uma grande mais-valia, no sentido que permite alcançar outros campos de investigação, nem sempre possíveis nos documentos escritos. Nas palavras de Paul Thompson:

> "Em suma, a história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como são eles vivenciados e lembrados na imaginação. E parte da história, aquilo que as pessoas imaginam que aconteceu, e também o que acreditam que poderia ter acontecido – sua imaginação de um passado alternativo e, pois, de um presente alternativo -, pode ser tão fundamental quanto aquilo que de fato aconteceu" (Thompson, 1992, p.184).

Essa relação salientada pelo autor sobre o que aconteceu e o imaginário é extremamente importante. Pois pode revelar o desejo do entrevistado, uma dimensão nem sempre acessível aos historiadores. Durante o decorrer da entrevista, o pesquisador não deve corrigir o entrevistado. Se realmente for muito importante essa correção ou questionamento, devem ser feitos com muita cautela. Pois como a historiadora Alberti afirma, ao abordar a questão da ética nas entrevistas nós, enquanto pesquisadores, devemos: "evidenciar o respeito que se nutre pelo entrevistado, enquanto sujeito produtor de significados outros que os dos pesquisadores. "Como são sua experiência e suas interpretações que se buscam em uma história oral, é preciso mostrar ao entrevistado que não se tenciona modificar ou criticar sua forma de ver o mundo, suas crenças e opiniões." (2007, p.87)

Não se pode realizar uma entrevista sem essa condição de respeito. O ato de ceder suas memórias para um pesquisador deve ser respeitado e ser tratado com a maior dignidade possível. Um bom exemplo dessa dura relação entre o entrevistado e o entrevistador é este trecho da entrevista de Henry Rousso, presidente do IHTP, sobre as dificuldades de realizar a História do Tempo Presente:

> "Quando eu comecei a pesquisar tive reuniões com os antigos ministros de Vichy. Eu os questionava, tomávamos um café e ponto final. Vou lhe contar um fato curioso. Uma vez eu convidei um antigo nazista para vir até minha casa, em função de uma entrevista para um filme, um antigo militar da SS francesa (...). Eu o convidei, pois não sabíamos onde rodar o filme e a solução foi a minha casa. Um senhor gentil que tinha 65 anos. Ofereci-lhe café, discutimos e ele explicou-me tranquilamente que era nazista. Ok, eu era um historiador e não havia problema. Mas, houve um momento em que afirmou que as câmeras de gás não existiram. Eu então lhe disse: ─ meu senhor, retire-se daqui. São situações que nós somos confrontados quando somos historiadores do Tempo Presente.

> Portanto, o recuo funcionou durante uma hora. Eu tinha 25 anos na época. Não foi fácil, mas eu estava com alguém que contava sobre a guerra até o segundo que tive um clic. Eu me dei conta que estava diante de um safado que não pode continuar na minha casa e ponto final. Mas se fosse hoje, não faria isso, não o mandaria embora. Após trinta anos de profissão, (...) eu o faria falar. É isso pra mim a História do Tempo Presente. É um manter-se à distância face ao próprio presente, uma tarefa dura." [23]

O autor reconhece que errou ao interromper o entrevistado e ainda destaca que, com os anos de profissão, aprendeu que o deveria ter deixado falar. Manter a distância em relação ao presente é algo muito difícil, mas é por meio desse processo que construímos o conhecimento. Aproveitamos este exemplo para destacar uma das principais recomendações de como se comportar durante o processo de entrevista:

> "Uma regra básica em História Oral é que nunca devemos interromper uma fala e nunca devemos demonstrar desinteresse pela fala. Se o entrevistado se distanciar muito da questão em pauta devemos aproveitar uma pausa da fala e com muito tato dizer: "isto é muito interessante, mas…". Dependendo do jeito que interrompemos um assunto, poderemos reprimir o depoente e não conseguirmos o que realmente queremos ouvir. Aliás, saber ouvir as pessoas é uma característica fundamental do pesquisador, que utiliza a História Oral como instrumento em sua pesquisa" (Freitas, 2002, p.96).

Saber ouvir é muito importante, porque durante o processo da fala o entrevistado faz um trabalho com sua memória, buscando reconstruir um passado por meio de uma narrativa que faça sentido (Portelli, 1997, p.22). A interrupção atrapalha esse processo de várias formas, ao cortar os nexos que estava sendo estabelecido pelo depoente: também pode parecer menosprezo da parte do entrevistador, entre outras questões. Este trecho abaixo demonstra outra possibilidade neste sentido:

> "Reconhecer os paradigmas que estão na base da História oral não implica renunciar à sua capacidade de ampliar o conhecimento sobre o passado. Ao contrário, saber em que lugar nos situamos ao trabalhar com determinada metodologia ajuda a melhor aproveitar esse potencial. Uma das principais vantagens da História oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu. Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas, pois é preciso ter claro que a entrevista não é um retrato do passado" (Alberti, 2009, p.170).

Em alguns casos o entrevistado tem um fascínio sobre o tema abordado e isto facilita muito o processo da entrevista, pois ele tem um grande prazer em contar a sua versão dos acontecimentos. Mas existem também entrevistados que passaram por momentos traumáticos, que não conseguem falar sobre a sua experiência dolorosa. O historiador deve em ambos os casos mediar da melhor maneira possível a situação, pois a entrevista é um processo

[23] Disponível em http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/705/608, consultado em 27.09.2015.

complexo e cheio de nuances. Como a historiadora Khoury defende brilhantemente, existem imensas possibilidades de aprofundar o conhecimento sobre as relações sociais:

> "Buscando apreender os significados mais profundos das relações sociais, e da mudança histórica, compreendo e incorporando a diversidade de perspetivas e pontos de vista, como possibilidades alternativas colocadas no social, procuramos dar uma explicação densa dos fatos e trabalhá-los acima de qualquer compartimentação. Para isso não só recorremos a uma gama bastante diversificada de fontes, como lançamos um novo olhar sobre elas. Nós as pensamos em sua própria historicidade, como expressões de relações sociais, assim como elementos constitutivos dessas relações. Escolhê-las e analisá-las implica identificá-las e compreendê-las no contexto social em que se engendram e igualmente dentro das nossas perspectivas de investigação. Nesse sentido, mais do que buscar dados e informações nas fontes, nós as observamos como práticas e/ou expressões de práticas sociais através das quais os sujeitos se constituem historicamente. Nessa perspectiva é que as fones orais foram sendo progressivamente incorporadas ao nosso trabalho, constituindo-se em instrumento útil na investigação da complexidade e dinâmica social, por sua natureza peculiar, marcada por um processo de diálogo entre duas pessoas, por meio do qual se produzem versões únicas da realidade social" (2002, p.81).

Outra importante questão levantada neste trecho pela historiadora é a noção de singularidade e diálogo. A entrevista em História Oral se realiza através do diálogo entre o historiador e o entrevistado, portanto de forma dinâmica e singular. A condição humana dos envolvidos nesse processo gera necessariamente fontes únicas, como lembra a autora. Por isso, ao entrevistar alguém, o historiador tem um papel importante, porém não é um monólogo, muito pelo contrário. Vários autores destacam a relevância nas formas de entrevistar.

Entrevistar é um processo dinâmico realizado em mão dupla. Os autores Poirier, Valladon e Raybaut fazem uma excelente analogia reflexiva: "Narrador e narratário são parceiros numa relação dialética que é a da interrogação socrática. Quem é o autor do pensamento expresso nos diálogos? Sócrates ou Platão, ou o terceiro com quem Sócrates dialoga." (1999, p.26). Existe uma preparação do entrevistador ao problematizar as perguntas, entretanto as respostas dos entrevistados muitas vezes possibilitam outras abordagens. O historiador Paul Thompson defende que uma entrevista não deve ser um diálogo e sim uma conversa, dizendo que a empatia entre entrevistador e entrevistado deve ser incentivada (1992, p.144). Ainda sobre o fluir da entrevista e sobre as perguntas, Thompson faz o seguinte alerta:

> "O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro "subjetivo" de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o

> que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista; mas para este fim, essas coisas se tornam o texto fundamental a ser estudado. Assim, quanto menos seu testemunho seja moldado pelas perguntas do entrevistador, melhor" (Thompson, 1992, p.258).

As perguntas devem ser problematizadas em função de muitas questões, entre elas a preocupação de não moldar ou engessar as repostas, devido a perguntas longas e complexas. Todas essas questões implicam reflexões que devem ser feitas antes da entrevista. Todavia, muitas vezes essa preparação pode esbarrar no outro elemento fundamental da história oral: o entrevistado. A autora Verena Alberti ao argumentar sobre quais seriam os bons e os maus entrevistados em relação ao que podem ou não fornecer de informações para a história oral, resgata uma definição muito interessante dessa forma:

> "Como na definição de "bom entrevistado" de Aspásia Camargo: «Aquele que, por sua percepção aguda de sua própria experiência, ou pela importância das funções que exerceu, pode oferecer mais do que o simples relato de acontecimentos, estendendo-se sobre impressões de época, comportamento de pessoas ou grupos, funcionamento de instituições e, num sentido mais abstrato, sobre dogmas, conflitos, formas de cooperação e solidariedade grupal. De transação, situações de impacto etc. Tais relatos transcendem o âmbito da experiência individual, e expressam a cultura de um povo, país ou Nação, chegando, a partir de categorias cada vez mais abrangentes – por que não ? – ao denominador comum à espécie humana»."[24]

Esses entrevistados são muito gratificantes pois eles sentem prazer em contar suas visões sobre o período e sobre os grupos aos quais eles pertencem. Essa questão deve sempre fazer parte do processo de seleção dos atores sociais a entrevistar. Porém nem todos, apesar de possuírem essas qualidades elencadas por Camargo, estão dispostos a falar. Para tentar estimular os entrevistados "devem ser usadas perguntas abertas, que levem o entrevistado a discorrer a respeito do tema e não possam ser respondidas simplesmente com "sim" ou "não". Por exemplo: "A que a o senhor atribui…?". Onde a senhora estava quando…?". Ao formular as perguntas, o pesquisador deve procurar ser simples e direto" (Pinks, 2005, p.179).

A entrevista como foi dito é fruto da interação entre o entrevistado e o entrevistador, por isso a necessidade de seguir uma série de métodos. Por meio dessas ferramentas podemos potencializar os relatos dos entrevistados, afinal qualquer pessoa pode fazer uma entrevista. Em história oral a entrevista tem uma função, ser uma fonte histórica que será utilizada para escrever sobre o passado. Após a entrevista existe outro processo muito importante e difícil, mas também cheio de possibilidades: a transcrição. Como escreve Paul Thompson:

[24] Camargo, Aspásia. História oral e história. Rio de Janeiro: Cpdoc, 1977, 17f., p.4-5. (trabalho apresentado no I Seminário Brasileiro de Arquivos Municipais. Niterói, Universidade Federal Fluminese, 2-6 ago. 1976).

> "O que verdadeiramente distingue a evidência da história oral procede de razões bastante diferentes. A primeira é que ela se apresenta sob forma oral. Como forma imediata de registro, isto tem tanto vantagens quanto desvantagens. Leva-se muito mais tempo para escutar do que para ler, e se o que foi gravado tiver que ser citado num livro ou artigo, é preciso primeiro fazer uma transcrição. Por outro lado a gravação é um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito. Todas as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto" (Thompson, 1992, p.146).

Neste trabalho foi privilegiada uma forma de transcrição das entrevistas onde valorizámos a oralidade dos entrevistados. Pois julgamos que desta forma, interferimos o menos possível, na forma como o entrevistado abordou o assunto. Alessandro Portelli debatendo este assunto faz o seguinte alerta:

> "entre resumo histórico, poema épico, monumento; o modo que os leitores entendem depende largamente da decisão do historiador em transcrevê-lo, respectivamente, como prosa linear, verso, epígrafe. Que estes gêneros coexistam em tensão mútua com as mesmas palavras é um tributo à complexidade da narrativa oral; o que devemos escolher, entre eles, na transcrição, é um sinal das responsabilidades que assumimos como historiadores" (Portelli, 2001, p.36).

Como destacou um dos maiores especialistas em história oral, Alessandro Portelli, existe uma responsabilidade dos historiadores ao fazer o processo de transcrição das entrevistas. Pois sempre haverá muitas formas de realizar esta tarefa, por isso é importante interferir o menos possível na forma como os entrevistados disseram as suas palavras e dar também importância às outras linguagens não "ditas". Gestos, pausas, risadas, olhos marejados, choros fazem parte das entrevistas também e devem ser colocados junto com as transcrições. Meihy e Holanda destacam essa importância: "toda entrevista escrita materializa atos de fala, ela deve conter, no máximo possível, incorporações de situações das entrevistas. Por exemplo, se o colaborador chora, mas não diz, isso deve transparecer no texto como parte integrante da performance" (2015, p.137).

A metodologia da história oral é vasta e não se resume ao apresentado neste subcapítulo. Entretanto, o objetivo foi apontar as opções escolhidas, baseadas em outros estudos já realizados de acordo com esta forma de escrever história. Para a investigação proposta nesta tese, a história oral é muito importante na medida em que aumenta as possibilidades de interpretar e investigar a vida dos imigrantes brasileiros em Portugal.

2.4 - Povos irmãos: Portugal e Brasil disputas e negociações identitárias e a história oral

Este subcapítulo busca exemplificar como foi utilizada a metodologia da história oral nesta tese de doutoramento em História. Foram entrevistados doze imigrantes brasileiros que estiveram em Portugal durante o período de 1986 a 2007. Essas pessoas não representam toda a diversidade de imigrantes brasileiros que viveram no país durante esse período. Assim como foi mencionado no começo desta introdução, este trabalho não busca a verdade absoluta e tão pouco ser a única história dos imigrantes brasileiros, longe disso. Esta tese buscou compreender o tempo vivido dos imigrantes brasileiros em Portugal e como foram travadas disputas e negociações identitárias, na esfera pública por meio dos debates nos jornais de grande circulação, mas também no cotidiano desses imigrantes entrevistados.

Em nenhum momento nega-se a possibilidade de ter havido outras disputas não retratadas neste trabalho. Porém foi por meio de uma pesquisa extensa, em diversas fontes, que se conseguiu identificar momentos onde houve grande repercussão na sociedade portuguesa. Esses temas de debates transformaram o cotidiano dos imigrantes, ao alimentar e produzir estereótipos sobre os brasileiros que moravam em Portugal. O racismo e o preconceito alimentado pelo estereótipo afetavam todos os brasileiros, independentes de suas origens sociais ou nível de conhecimento.

A abordagem teórico-metodológica das entrevistas foi a semidiretiva, exatamente para explorar as múltiplas identidades dos entrevistados. Baseamos essa escolha na concordância com o autor Willian Foddy que elenca as qualidades desse tipo de abordagem:

> (a) - Permitem aos inquiridos expressarem-se através das suas próprias palavras.
> (b) - Não sugerem repostas e indicam o nível de informação de que os inquiridos dispõem. Indicam o que é mais importante no espírito dos inquiridos. Indicam a intensidade dos sentimentos dos inquiridos.
> (c) - Evitam efeitos de formato.
> (d) - Permitem identificar complexos quadros de referência e influências motivacionais.
> (e) - Constituem um requisito indispensável à adequação da formulação de conjuntos. (Foddy, 1996, p.7).

Essas qualidades favorecem a proposta deste estudo, que se sustenta na afirmação de que as pessoas têm múltiplas identidades, que podem ser contraditórias entre si. Por isso selecionamos quatro momentos diferentes e fizemos referências a esses momentos aos entrevistados, para ver como eles se relacionaram com esses eventos. Como esses acontecimentos afetaram, ou não, suas vidas enquanto imigrantes brasileiros em Portugal.

Por esse motivo a escolha dos entrevistados não foi exclusivamente o facto de ter sido protagonista desses momentos. Buscámos por meio das entrevistas ter uma visão mais ampla das consequências desses eventos nas vidas dos imigrantes brasileiros. Seguimos esse tipo de

critério defendido por Sônia Freitas: "A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado e de sua experiência" (2002, p.31). Além disso, outra questão que impediu um maior avanço na realização das entrevistas foi a negação de vários protagonistas em conceder entrevistas. Por isso quando foi possível, entrevistámos membros importante como associados da Casa do Brasil de Lisboa, porém a entrevista não foi reduzida apenas a essa dimensão e sim como foi a experiência individual de cada um no processo de ser imigrante brasileiro em Portugal.

Alguns entrevistados aceitaram falar desde que não houvesse a divulgação de suas identidades. Outros não fizeram essa exigência, por isso adotamos trabalhar com nomes que são apenas fictícios durante a composição do texto desta tese de doutoramento. Durante a realização da pesquisa e da escolha desses entrevistados optámos por entrevistados com diversas ocupações e localidades distintas. Afim de não enviesar as análises e conclusões.

Em relação a alguns entrevistados, a empatia nascida de uma identidade em comum foi muito importante para alcançar alguns bons relatos. A minha condição de imigrante brasileiro em Portugal entrevistando outros imigrantes brasileiros foi muito importante em vários momentos. Pois estes se identificavam com a figura de um pesquisador que era brasileiro estudando os imigrantes brasileiros.

Para auxiliar na preparação das entrevistas, estabelecemos uma tabela com informações sobre os entrevistados, para servirem de referência às análises e também como pontos de partidas para as entrevistas. No primeiro contacto sobre a possibilidade de entrevista realizava essas primeiras perguntas baseadas neste modelo:

Quadro I - Com as informações prévias antes da realização das entrevistas.

Idade:	Género:
Ano que chegou em Portugal:	Localidade natal no Brasil:
Ocupação no Brasil:	Onde vive em Portugal:
Escolaridade:	Ocupação em Portugal:

Quadro 1 **Informações sobre os Entrevistados**

Essas informações prévias possibilitavam a criação de perguntas a serem utilizadas nas entrevistas. Como referido anteriormente, o entrevistador deve buscar criar empatia com o entrevistado. Por isso essas informações preliminares são muito relevantes na hora da entrevista. Devido à confidencialidade assegurada por mim aos entrevistados, usei nomes fictícios na tese e nas fichas contidas no anexo I. Pois a união das histórias relatadas e os dados das fichas poderia facilitar a revelação da identidade dos entrevistados. Os dados das fichas são verdadeiros, porém não estabeleci a relação entre os dados e os relatos. Para Freitas só se pode pensar em uma definição séria dessa prática a partir desses preceitos: "A história oral pressupõe projeto, pesquisa, técnica de entrevista, postura ética com relação ao entrevistado, assim como de respeito ao entrevistado, ao que foi dito" (2002, p.81).

A ética é uma componente muito importante na realização de trabalhos em história oral. O entrevistado está partilhando a sua vida ao ceder informações na entrevista, se houver um pedido de confidencialidade este deve ser respeitado integralmente, bem como qualquer informação dada quando o gravador está desligado. Como afirma Janaína Amado:

> "Tudo aquilo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre as pessoas e personagens históricos (como acontece quando o diálogo é com os mortos), mas trará consequências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais. Nesse sentido, existe semelhança entre o trabalho dos historiadores que pesquisam fontes orais e dos jornalistas, cujos textos também têm imenso poder de influenciar diretamente os destinos das pessoas e os desdobramentos dos fatos a que se referem" (1997, p.146).

Em função dessas consequências graves que podem acarretar na vida dessas pessoas, mantivemos a confidencialidade dos entrevistados. Não se ganharia nenhuma qualidade histórica revelando ou não o nome dos entrevistados, uma vez que esta pesquisa busca interpretar os imigrantes brasileiros no geral e não a questão individual.

Esta escolha acabou influenciando a escolha de qual tipo de entrevista utilizar. Para Verena Alberti existem dois tipos de entrevistas: as entrevistas temáticas e as de história de vida que ele define da seguinte maneira: "As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo a trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou" (p.37-38). No caso dessa pesquisa de doutoramento a

escolha recaiu sobre as entrevistas temáticas, uma vez que o objetivo desse trabalho foi estudar as identidades negociadas e disputadas enquanto imigrantes brasileiros em Portugal.

Entretanto, por vários motivos alguns entrevistados acabaram se referindo às suas trajetórias individuais anteriores à estadia em Portugal, por entender que esses momentos, desta forma valorizados, serviam como justificativas para suas ações ou posições. Procurei durante o processo dialético da entrevista explorar esses passados que legitimavam algo para os meus entrevistados, quando possível, com o intuito de perceber as construções de causa e efeito estabelecidas por eles.

No *Manual de História Oral* (2007) publicado pela Fundação Getúlio Vargas - a instituição pioneira na realização de um programa de história oral no Brasil – esta atitude de dinâmica de aproveitar as informações dadas pelos entrevistados para explorar novos rumos é muito valorizada:

> "os pesquisadores não precisam ater-se exclusivamente ao roteiro individual: ele deve ser tido como algo flexível, aberto, de grande utilidade para orientação do entrevistador, mas não como o único recurso a ser considerado. Evidentemente, isso exige um esforço muito maior do pesquisador durante a entrevista do que se precisasse apenas seguir os lembretes do roteiro, na ordem dada independente do ritmo do entrevistado. É preciso estar muito mais atento ao que este último fala: é preciso saber ouvir. E, a partir dessa prática, saber articular o que se ouve com o que está no roteiro" (Alberti 2007, p.95-96).

Isso reforça o argumento utilizado na introdução ao tema, de que cada entrevista é uma produção dual de conhecimento entre o entrevistador e o entrevistado. Essas informações ou relatos, que não estavam previstos, são frutos dessa condição de singularidade da conversa entre essas duas pessoas em um determinado tempo e espaço. Fui orientado por meio de todas essas questões metodológicas aqui apresentadas. Por meio das entrevistas foi produzida uma série de fontes para entender as disputas e negociações identitárias dos imigrantes brasileiros em Portugal durante os anos de 1986 a 2007.

2.5 História da Imprensa

> "O jornal é eficaz, então, porque trabalha com e cria consensos, opera com dados num primeiro momento explícitos, e que na prática diária de repetições e reiterações tornam-se cada vez mais implícitos, reforçando-se enquanto verdades ou pressupostos intocáveis. Dessas verdades que ninguém dúvida, assim como não se questiona ou se busca explicar a cura feita pelo xamã. Portanto o jornal cria e recria consensos que a cada repetição necessitam de menos explicações. São verdades, verdades de um espaço

> inquestionável, páginas e páginas escritas com um poder talvez igualável ao de um xamã" (Schwarcz, 1987, p.248).

História da imprensa é uma metodologia de investigação histórica válida, que permite uma série de análises fundamentais para compreender várias questões pertinentes sobre o passado histórico. Apresentaremos a defesa dessa condição metodológica e também um breve estado da arte com autores que utilizam a história da imprensa, enquanto ferramenta para auxiliar na investigação e escrita sobre a História. No intuito de facilitar a leitura criámos uma subcategoria chamada: imigração e imprensa, mas ambas seguem os mesmos pressupostos teóricos.

Durante muito tempo a imprensa foi utilizada como uma fonte que "representava", "resgatava", entre outros termos que atribuíam a qualquer coisa que estivesse impressa uma condição inequívoca de veracidade. Porém como buscámos exemplificar nas explanações sobre história do tempo presente e história oral, não se pode construir conhecimento histórico válido sem questionamento das fontes.

Existiu durante anos essa postura nos trabalhos desenvolvidos que utilizavam os jornais e revistas como representações congeladas de um tempo histórico passado. De acordo com Cruz e Peixoto: "De há muito, acertamos que o passado não nos lega testemunhos neutros e objetivos e que todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/ na intencionalidade histórica que o constitui" (2007, p.258).

Partindo desta reflexão atribui-se a constituição de uma historiografia da imprensa enquanto metodologia investigativa. Estes pressupostos teóricos fazem parte da problematização desta pesquisa. Entretanto, para este trabalho, o intuito e as ambições da análise foram estabelecidas com esta delimitação como ponto de partida, sem negar que existem outros caminhos.

Na História existem cada vez mais estudos sobre a imprensa que colocam os meios de comunicação na dupla perspectiva enquanto fonte e também como objeto. (Norra 1977, Darnton 1990, Porto 2002 e Abramo 2003). Essas perspectivas vão cada vez mais de encontro às teorias da comunicação que também questionam a associação da ideia da produção da notícia enquanto verdade absoluta (Carneiro 1996, Van Dijk 1998, Tuchman 2001, Cádima 2003, Martin-Barbero 2004 e 2009). Para a realização deste estudo estes autores e suas obras servirão de guião metodológico para a investigação dos jornais imigrantes e dos *mass media*

de Portugal e do Brasil, que foram um dos palcos privilegiados das negociações identitárias dos imigrantes brasileiros em Portugal.

Todas essas obras coadunam a postura crítica em relação à imprensa e buscam, por meio do estudo histórico, traçar os envolvimentos deste ator social e suas motivações enquanto tal, para o relato dos acontecimentos que nunca é visto como neutro. Uma das muitas transformações pela qual passou a imprensa no mundo foi a sua consolidação enquanto empreendimento comercial que, portanto, visa o lucro. Para tal, suas finalidades foram restruturadas, tão importante quanto retratar um acontecimento, passou a ser conquistar leitores e anunciantes.

Com o aumento dos custos, devido à matéria-prima, equipamentos, funcionários, entre outros fatores que influenciam diretamente no preço final desses produtos, as empresas de comunicação modernas têm que equilibrar todas essas variantes. Uma série de estudos apontam para escolhas e posicionamentos tomados por meios de comunicação que estão diretamente relacionados com a conciliação entre interesses comerciais e as formas de escrever notícias. Por estes motivos a historiografia da imprensa defende que devemos analisar o conteúdo dos meios de comunicação como sendo uma opção editorial, escolhida entre várias.

Cabe aos pesquisadores buscarem, por meio da análise das páginas publicadas, as motivações que levaram a escolher as palavras, a fotografia, as letras, o espaço destinado e o lugar onde foi publicado. Todas essas questões foram posicionamentos assumidos pelos jornalistas com a supervisão dos proprietários destes meios de comunicação; elas não são neutras ou aleatórias. São fruto de visões e projetos políticos assumidos, ou não, por esse grupo que o produz e pelos que consomem estes impressos.

História da imprensa periódica portuguesa de José Manuel Mota Sousa e Lúcia Maria Mariano Veloso; *Jornais Diários Portugueses do Século XX* de Mário Lemos entre outros, são obras de referência neste tipo de estudo na historiografia portuguesa.[25] Dois importantes dicionários produzidos sobre os jornais possuem vastas informações e verbetes bem elaborados sobre estes meios impressos: *Jornais Diários Portugueses do Século XX. Um Dicionário*, Coimbra, Ariadne Editora/Ceis20, escrito por Lemos (2006) e *Dicionário da*

[25] Ver mais em: Tengarrinha, José Manuel (1989), *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Editorial Caminho. Apesar da longa distância temporal entre os períodos propostos pelo autor, sua metodologia auxilia muito na interpretação dos atuais. Cádima, Francisco Rui (1996), *História e Crítica da Comunicação*, Século XXI, Lisboa.

Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX, Lisboa, Grifo, escrito por Pires (1996). Sobre esta questão ainda destacamos estas duas obras "A opinião pública na história e a história na opinião pública", in *Estratégia. Revista de Estudos Internacionais*, Lisboa, N.º 1 pp. 47-59; de Macedo (1986) e "História do Jornalismo Português", *in* Quintero, A. P. *História da Imprensa*, Lisboa, Planeta Editora, pp. 352-368; de Rodríguez (1996). Ainda sobre esta bibliografia em Portugal, temos outras obras que serão referenciadas ao tratar a imprensa e os imigrantes.

No Brasil por sua vez, as obras e autores escolhidos são: *O Bravo Matutino - imprensa e ideologia: O jornal Estado de S. Paulo* de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, as duas autoras unem suas teses de mestrados para analisar o projeto editorial e a ação na sociedade brasileira por meio das páginas do jornal *Estado de S. Paulo*. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)* de Ana Luísa Martins. Existe uma longa análise de todas as revistas que circulavam na cidade de São Paulo, a partir da dualidade entre ser uma fonte com registros sobre o seu tempo, mas também com objeto de análise histórica, refletindo sobre a sua produção.

São Paulo em Papel e Tinta – pequena imprensa, cultura letrada, periodismo e vida urbana, 1890-1915 de Heloísa Cruz, uma grande contribuição para o estudo de meios impressos de menor dimensão, Como afirma a autora: "Sem minimizar a importância dos trabalhos que se desenvolveram sob a ótica da história da imprensa e dos meios de comunicação, buscou-se, antes discutir seu processo de constituição no próprio território da história social. Portanto, no interior de uma perspectiva que entende a imprensa como prática social e momento da constituição/instituição dos modos de viver e pensar" (Cruz, 2000, p.20).

A produção de um meio impresso é muito significativa em qualquer grupo social, não importando a sua dimensão. Pois entendemos que o ato público de produzir e divulgar informações por meio da constituição de um jornal ou revista insere estes atores no debate público. Outra importante contribuição que dialoga exatamente com a questão abordada por Cruz é o trabalho de Tania de Luca e Luisa Martins *Imprensa e cidades* (2006). As duas autoras consagradas nesta área de estudo estabelecem uma série de questões sobre a imprensa e as suas relações com a cidade.

Em *O leitor e a banca de revistas. A segmentação da cultura no século XX*, Maria Mira faz um grande estudo sobre as revistas e o surgimento da segmentação de publicações ocorridas durante o último século. Como foi possível essa multiplicação de títulos cada vez

mais específicos dentro de nossas sociedades. Segundo sua análise, é fundamental a conciliação de dois elementos, a definição do público-alvo e a venda de espaços para os anunciantes certos.

Ao longo desta tese de doutoramento foram utilizadas uma série de fontes impressas, entre elas: o *Boletim Informativo*, o *Sabiá*, o *Brasileirinho*, *Tribuna Universal*, *Folha Universal* e *Folha Portugal*. Estes meios de comunicação tiveram motivações diferentes envolvendo a sua produção e distribuição, e também uma circulação gratuita em espaços com grande presença de imigrantes brasileiros. Este traço une a todos e solidifica a justificativa de estudar esses meios como sendo registros importantes sobre as disputas e negociações de identidades dos imigrantes brasileiros em Portugal.

Em relação aos estudos sobre a imprensa em Portugal e no Brasil, existe uma diferença grande. Em Portugal existe uma longa produção académica questionando as práticas de jornalismo, feita por cursos de comunicação social, reconhecendo a falta de imparcialidade de muitos meios de comunicação e a criação ou alimentação de estereótipos nas páginas dos jornais e revistas. No Brasil existe uma longa produção questionando as mesmas coisas só que realizada em sua grande maioria por historiadores.

2.6 Imigração e imprensa

> "As atividades dos proprietários dos jornais e dos demais jornalistas não se confundem com as dos que atuam nas instituições partidárias, mas eles também são agentes da história que ajudam a construir." (Capelato, 2014, p.304.)

A temática unindo a imigração e a imprensa pode ser abordada a partir de dois ângulos: a imprensa produzida pelos imigrantes as representações dos imigrantes na imprensa em geral.[26] Vamos buscar abordar as duas facetas neste subcapítulo e quais foram os estudos já produzidos neste âmbito, tanto no Brasil como em Portugal. Dessa forma apresentamos a metodologia de como iremos analisar fontes importantíssimas nesta tese: os jornais de grande circulação e a imprensa imigrante.

[26] Uma obra importante que dialoga com essa relação particular da imprensa com outros temas é a *Imigração & Imprensa de* Dreher (2004). Resultando de um evento internacional sobre a intersecção destes dois temas, existem vários artigos muito relevantes a esse respeito, principalmente a relação de poder que existe dentro de qualquer imigração você conseguir controlar a produção de notícias sobre a terra natal e sobre a sociedade recetora do processo migratório. Mesmo não abordando a relação entre os imigrantes brasileiros e a imprensa, existem muitos capítulos relevantes sobre o tema, focados em outras imigrações pelo mundo.

Há alguns anos muitas ciências humanas vêm desconstruindo a máxima de que as notícias são produzidas com imparcialidade e sem intencionalidade. Nega-se esta postura e busca-se, por meio de vários estudos, apontar as múltiplas motivações – políticas, económicas, culturais, sociais, entre outras - que influenciam os produtores de notícias. Nas sociedades atuais os meios de comunicação tiveram um papel inegavelmente ativo na produção de imagens e identidades, permeadas pelas mais diversas motivações e por isso mesmo tornaram-se palco de diversos embates entre grupos de uma sociedade.

O caso da imigração brasileira para Portugal não foi diferente e os estudos académicos indicam isso. Em 2003 o professor da Universidade Nova de Lisboa Fernando Rui Cádima e a socióloga Alexandra Figueiredo escreveram *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa*, Lisboa. Obercom/ACIDI. Estudo profundo, onde foram analisadas 4.076 notícias nos mais diversos meios de comunicação de Portugal de 31 de janeiro de 2001 até 31 de março de 2002. Destacamos a conclusão do estudo no seu último parágrafo:

> "Do acima descrito, colocam-se duas questões. Por um lado, sendo o papel dos media determinante na formação da opinião pública e influenciando a agenda política, não lhes caberia a função de levantarem novas questões associadas à problemática da imigração e minorias étnicas, em vez do reforçar da estereotipização da diferença? Por outro lado, deveria ou não existir uma deontologia jornalística no tratamento destas questões, no sentido de promover a integração ou de, pelo menos, não acentuar as diferenças entre «minoria» e «maioria»?" (p.56).

Outro importante estudo foi realizado por Isabel Ferin Cunha, Clara Almeida Santos e uma equipe de pesquisa do Instituto de Estudos Jornalísticos da Universidade de Coimbra (*IEJUC*), utilizando análise textual computadorizada, para auxiliar na sistematização dos dados por meio do programa MAXQDA e onde foram analisados os meses de Abril a Dezembro de 2003. Foram analisados os diários: *Público, Diário de Notícias, Correio da Manhã, A Capital* e *24 horas,* os semanários *Expresso* e *Independente* e os jornais televisivos exibidos no *prime-time* dos quatro canais generalistas de sinal aberto: RTP1, RTP2, SIC e TVI. O resultado foi publicado em 2004, sob o título *Media, imigração e minorias étnicas,* pela editora do órgão público português destinado à imigração, o ACIME.

Em 2006 foi publicado *Media, imigração e minorias étnicas II* também coordenado por Isabel Cunha e Clara Santos, com o *IEJUC,* e com a colaboração dos pesquisadores Catarina Valdigem e Willy S. Filho. Mantiveram-se os mesmos meios de comunicação

utilizados no estudo anterior.[27] Os autores defendem que existe uma relação entre algumas perceções das opiniões dos portugueses e as formas como são produzidas as notícias sobre os imigrantes e minorias étnicas. Por exemplo, neste trecho:

> "há elementos na análise da imprensa e da televisão, efectuada no ano de 2004, que confirmem os seguintes dados avançados: os portugueses preferem os brasileiros para conviver, os imigrantes de Leste para trabalhar e dificilmente optam por se relacionar com os cidadãos de origem africana. (…) Assim, poder-se-ia confirmar a existência de indicadores, na análise de imprensa e de televisão, que apresentem os africanos como menos "competentes e cumpridores", "menos educados" e "menos sérios", associando-os à criminalidade, violência e tráfico de droga; os brasileiros "mais alegres", de "trato fácil" e "facilmente integráveis"; os imigrantes de Leste como "mais competentes profissionais" e "concorrentes potenciais" no mercado de trabalho. Ou, pelo contrário, os dados compilados neste Instrumento de Trabalho apreendem fenómenos de outra natureza, nomeadamente políticos, sociológicos e culturais" (2006, p.23).

Esta relação sublianhada no trecho coaduna com a interpretação que propomos sobre os meios de comunicação e suas formas de construir notícias e influenciar a opinião pública. Isto não sucede de forma direta ou linear, todos os seres humanos ao receberem informações tem capacidade de interpretação e de assimilação. Entretanto lembramos que um dos elementos de formação de opinião das sociedades modernas são os meios de comunicação, e que apesar do discurso de imparcialidade, existe uma prática ativa de construções de visões de mundo e de ações nas sociedades.

Outro fruto deste trabalho de pesquisa em relação à media e os imigrantes foi a dissertação de mestrado em Comunicação e Jornalismo, defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra de Willy Filho *Imagem do Imigrante Brasileiro no Jornalismo Televisivo Português 2004-2006. (2007).* Também publicado pelo ACIME um ano depois em 2008. Além da criteriosa análise da produção televisiva sobre as imagens do imigrante brasileiro que norteia a publicação, há um estudo histórico exaustivo das empresas de comunicação portuguesas.

Ainda na temática geral de como a imprensa aborda os imigrantes em Portugal, o jornalista e antropólogo Alexandre Costa fez da revista *Visão* seu objeto de estudo. *A criação da categoria imigrantes em Portugal na revista Visão: Jornalistas entre Estereótipos e Audiências.*, foi publicado em 2010. Nesta obra Costa investiga a revista entre 2002 e 2010 com a preocupação de identificar como os imigrantes foram sendo retratados pelos diversos

[27] O alto-comissário para a Imigração e Minorias Étnicas, Rui Marques, e o Coordenador do Observatório da Imigração do ACIME, Roberto Carneiro, enfatizaram neste segundo volume o aumento de notícias com teor neutro em relação aos imigrantes nos meios de comunicação português. Exploraremos mais essa relação entre o ACIME e as pesquisas desenvolvidas na segunda parte da tese, no sexto capítulo.

jornalistas. Conforme foi mencionado no capítulo anterior, o estereótipo é uma construção utilizada para diminuir e menosprezar o outro dentro de uma sociedade. Por isso a palavra imigrante teve na imprensa portuguesa o seu significado deslocado: imigrante não abarca todos os que não são nacionais. A palavra imigrante, devido ao estereótipo criado e alimentado pela imprensa, permite ao autor uma afirmação muito pertinente:

> "A associação à categoria de imigração no senso comum leva a que fiquem de fora aqueles que não se enquadram nesse padrão de desfavorecimento social, legal e económico, seja o presidente da TAP, Fernando Pinto, ou cidadãos do espaço Schengen, como os ingleses e alemães que escolheram o Algarve para residir, que quase nunca surgem designados como imigrantes" (2010, p.23).

A construção de um texto na imprensa é feita de acordo com o projeto editorial dos proprietários do meio de comunicação e também pela construção do jornalista e dos editores desse produto impresso. Na hora de noticiar algo relacionado com um crime, a origem brasileira era destacada, mas quando se tratava do imigrante brasileiro que era presidente TAP, esta origem não ganhava o mesmo destaque. Costa defende que os *médias* portugueses criavam e alimentavam muitos estereótipos contra as populações imigrantes desfavorecidas.

A autora Ana Filipa Pinho traz duas contribuições importantes: a primeira a sua dissertação de mestrado em Comunicação, Migrações e Processos Comunicacionais. *O Caso dos Brasileiros em Portugal,* e a segunda, *"*A imprensa na construção do processo migratório: a constituição de Portugal como destino plausível da emigração brasileira". Na primeira, a autora estuda a representação simbólica da imagem de Portugal para os imigrantes brasileiros de uma maneira geral. Na segunda, desenvolvida seis anos depois, há uma continuação neste sentido de perceção das imagens e identidades, ao estudar e analisar dois grandes veículos de comunicação brasileira, a revista semanal *Veja* da Editora Abril, e o matutino paulista *O Estado de S. Paulo* durante os anos de 1986 a 1996 na tentativa de estabelecer uma relação entre as tomadas de decisões para a imigração e as noticias vinculadas nos grandes meios de comunicação.

Em relação à *media* imigrante existem dois trabalhos importantes publicados. Um versa sobre as imprensas migrantes em geral atuando em Portugal, desenvolvido por Isabela Salim e intitulado *Os meios de comunicação étnicos em Portugal*: *dinâmica organizacional dos media das comunidades de imigrantes (2008).* Este estudo fez um exaustivo trabalho de catalogação e análise dos meios de comunicação étnicos nas comunidades angolana, brasileira, ucraniana, russa, romena e chinesa. Além disso, a autora fez diversas entrevistas dentro das comunidades para perceber qual a relação dos imigrantes com essas *medias*

voltadas para eles. Apesar do tom generalista da obra, existiu um cuidado profundo com as análises sobre as propostas desses meios de comunicação abordando as mais diversas áreas da vida destes imigrantes como, por exemplo, cidadania, xenofobia, racismo, direitos, cultural e económica.[28]

O segundo estudo importante, foi focado na comunidade brasileira e desenvolvido pela autora Isabel Leão que, ao longo de anos, estudou o jornal *Sabiá* (2016), produzido pela associação Casa do Brasil de Lisboa. Em diversos congressos e eventos a autora produziu uma excelente análise deste periódico imigrante em Portugal. Usando as metodologias antropológicas a autora busca identificar como os imigrantes são influenciados pela mídia destinada a eles. Segundo esta autora, o jornal *Sabiá* é um instrumento que potencializa a integração destes com a sociedade portuguesa. Seus trabalhos são voltados para este estudo de caso específico sobre a comunidade brasileira e o jornal *Sabiá* e dessa forma contribuiu bastante para a temática.

Outro estudo realizado sobre o *Sabiá* foi a monografia de conclusão de curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas, por Gustavo Santos, intitulado: *Sabiá em Portugal: Imigrantes brasileiros e a imaginação da nação na diáspora* (1996). Nele o autor investiga amplamente os primeiros anos da publicação priorizando os atos públicos da *Casa do Brasil de Lisboa* em relação às questões envolvendo a luta por mais direitos para os imigrantes brasileiros retratados no jornal.[29]

A imprensa imigrante pode ser considerada de pequena dimensão em relação às tiragens dos outros meios de comunicação, entretanto a questão neste trabalho não é equiparar as duas. Pelo contrário, destacamos exatamente que o poder da grande imprensa é forte e alimenta e constrói muitas opiniões. Neste estudo buscamos justamente perceber como esta imprensa menor ou mais setorizada, tenta estabelecer um debate e até mesmo um embate sobre identidades na sociedade portuguesa.

Este subcapítulo procurou conhecer melhor quais são e como são os estudos sobre os imigrantes na imprensa portuguesa. E também explorar um pouco a questão da imprensa

[28] A autora classifica os dois meios de comunicação que serão investigados neste trabalho da seguinte maneira: "Jornal *Sabiá* - apoiar o imigrante nos aspectos ligados aos direitos de permanência e outros dos imigrantes" e a revista *O Brasileirinho* - Informar o imigrante sobre os aspectos relacionados com a comunidade brasileira em Portugal; aproximar o imigrante brasileiro, dentro da sua comunidade (p.46). Esta visão será problematizada e questionada durante o texto sobre estes meios de comunicação.

[29] Esta escolha do autor é limitadora, pois neste período como vamos exemplificar ainda nesta tese existe uma grande preocupação com os mais diversos aspetos culturais que são abordados pelo Sabiá que devem ser levados em conta para melhor compreender este período.

produzida pelos imigrantes. Devido à escolha das fontes desta tese este tema é muito importante e foi explorado com essa finalidade neste subcapítulo. A imprensa nas sociedades modernas tem um papel muito importante enquanto criadora, formadora e fomentadora de opiniões. Por isso, a escolha de estudar como os imigrantes brasileiros foram retratados em momentos diferentes pela imprensa portuguesa e como estes imigrantes reagiram a estas disputas e negociações sobre as suas identidades.

TERCEIRO CAPÍTULO: DIÁSPORA BRASILEIRA E PORTUGAL ENQUANTO DESTINO DE MIGRAÇÕES

Neste capítulo buscamos fazer uma contextualização das três décadas envolvidas neste estudo (1980, 1990 e 2000) nos dois países e de maneira cronológica tradicional. Além disso, procurando alargar as interpretações e questões sobre esse período, abordamos de maneira temática e não cronológica: a alimentação dos imigrantes e o espaço em que eles se relacionavam. Essa escolha partiu do entendimento que um estudo sobre imigração deve estar atento às múltiplas possibilidades de compreensão dessa realidade complexa, que se dá nessas duas dimensões importantes a do espaço e a do tempo, vividos por esses imigrantes brasileiros em Portugal.

Migrar foi ao longo da história um processo realizado por milhões de seres humanos, pelos mais diversos motivos. No caso deste trabalho propomo-nos estudar a migração dos brasileiros para Portugal no período de 1986 a 2007, por meio das disputas e negociações identitárias travadas por esses imigrantes brasileiros. Quais foram as motivações que levaram à escolha de Portugal enquanto destino da migração? Para tentar responder a essa complexa pergunta, este capítulo se dedica a traçar um panorama do contexto histórico destes dois países, Brasil e Portugal, ao longo desses vinte e um anos.

Houve um longo processo no Brasil em relação à mudança de país recetor de migrantes para país emissor de migrantes. Segundo Igor Machado apenas na segunda metade

da década de 2000 este fenómeno passou a ser tratado sob outra ótica[30]. Em Portugal houve, como analisaremos em breve, uma grande repercussão na mudança de paradigma em relação a deixar de ser um país de emigrantes e passar a ser um país de imigrantes no começo do século XXI.

Essa transformação da realidade deve ser alvo de estudo numa pesquisa histórica sobre qualquer imigração ao longo de um período de tempo. Esta opção metodológica destoa de outros estudos académicos que utilizam o primeiro capítulo para apresentação de estatísticas de entradas e saídas de imigrantes e análises das economias dos países envolvidos. Neste trabalho de história propomos outra maneira de realizar este processo, entendendo que não se deve segmentar uma tese em partes que não dialogam entre si e se bastam por si.

O espaço público e o espaço privado também são arenas de negociações identitárias. Por isso a preocupação de abordar também essa disputa em conjunto com os dados de entradas e saídas de imigrantes. As relações que os brasileiros travaram no seu dia-a-dia com a sociedade portuguesa que estava em transformação foram repletas de momentos de disputas e negociações de imagens e sentimentos. Para aproveitar esses momentos de tensão identitárias no cotidiano foi utilizado todo o tipo de fonte que contribuía para o melhor entendimento dessas questões. Em alguns casos foram utilizados registros históricos que também serão utilizados e mais bem detalhados em outros momentos da pesquisa, por entendermos que deve existir um diálogo entre todos os capítulos da tese, mas sem que isso exija um congelamento de temas ou assuntos.

Por meio de uma série de fontes, buscamos evidenciar a relação do imigrante com o espaço, para além de perceber como se deu essa interação e, conseguir algumas possibilidades de entendimento sobre o cotidiano desses imigrantes. Estes dois aspetos são tão importantes quanto os que serão analisados na última parte, quando procuraremos perceber como essas negociações se deram em momentos latentes de disputas e negociações identitárias entre os imigrantes brasileiros e a sociedade portuguesa na esfera pública, por meio da análise dos meios de comunicação.

[30]Um dos exemplos utilizados pelo autor foi: "Se antes as visões sobre a emigração internacional brasileira eram catastróficas, exotizadas, desfocadas, agora o fenômeno passa a ser tratado com mais cuidado e com alguma pretensão já historiográfica. O exemplo dessa normalidade, que torna "velha", é a nada mais nada menos que a novela da Rede Globo de televisão, "América", em que a emigração para os EUA é parte natural do cenário onde se desenvolve a trama dos personagens principais. O fenômeno da emigração é assumido como um fato irreversível e como parte de um Brasil diferente" (Machado, 2006, p.10).

A História tem buscado novas formas de diálogo com as outras ciências humanas no intuito de aumentar as ferramentas de análises. No caso da Geografia essa transformação foi considerada como a "virada espacial", que representou, justamente, uma mudança de foco que abriu mais um campo nos estudos históricos nomeadamente Winthers (2008), Müller e Torp (2009), Knowles (2009), entre outros. Da mesma forma que a História atual não aceita a condição de ser só datas e grandes feitos, a Geografia igualmente não é apenas mapas e escalas. Estas determinações estão ligadas ao modelo positivista de ensino.

Este trabalho de história propõe identificar e problematizar como se deu este processo, no tempo e no espaço. Existem várias definições para o termo espaço, aqui entendemos espaço como o local onde os sujeitos estabelecem relações, a partir do seu cotidiano. Esta definição não é inovadora, na verdade dialoga com outras como: lugar, não-lugar, paisagem, territorialidade ou desterritorialização. Parte-se do pressuposto de que o estudo da história é baseado nos registros deixados pelos seres humanos sobre o seu cotidiano. Por essa razão, não pode existir uma separação do tempo vivido - objeto da história - do espaço ao redor – objeto da geografia. Por isso a história tem que dialogar com a geografia e as suas diversas formas de interpretar o espaço. Afinal este espaço foi o resultado das ações dos seres humanos e portanto uma fonte de pesquisa histórica extremamente valiosa.

A imigração brasileira para Portugal, como foi dito na introdução, foi extremamente diversa, em relação à origem de partida desses imigrantes. Não se pode abordar um único "tipo" de imigrante brasileiro. Essa opção weberiana pouco contribui para interpretação da realidade deste fenómeno. Por exemplo, um imigrante que saiu de São Paulo em 1991 convivia com 9.646.185 pessoas e encontrou em Lisboa uma realidade de 663.394 pessoas, enquanto um imigrante que saiu de Governador Valadares em 1991 convivia com 230.524 pessoas (IBGE e INE). As relações que estes imigrantes brasileiros tiveram com a cidade de Lisboa foram sem dúvida realizadas em escalas diferentes.

Daí que, nesta pesquisa, se tenham buscado as mais variadas fontes históricas, para tentar assim traçar e esmiuçar as múltiplas relações estabelecidas entre os diversos imigrantes brasileiros e o espaço da Área Metropolitana de Lisboa ao longo do período estudado. Por ser a capital administrativa do país e em função da larga e vasta área metropolitana, neste trabalho consideramos enquanto objeto de estudo a AML como uma metrópole, devido às suas características descritas e, além disso, comparativamente com o restante Portugal, a Área Metropolitana de Lisboa assume esta posição. Sobre as diversas relações que os seres

humanos estabelecem com as metrópoles, destacamos as reflexões do antropólogo José Magnani que alargam o debate e a interpretação sobre este fenómeno:

> "As grandes metrópoles contemporâneas não podem ser vistas simplesmente como cidades que cresceram demais e desordenadamente, potencializando fatores de desagregação. Elas também propiciaram a criação de novos padrões de troca e de espaços para a sociabilidade e para os rituais da vida pública. De pouco vale generalizar o desaparecimento da velha rua, tida como símbolo por antonomásia do espaço público, nem se limitar a proclamar que sua função foi ocupada pelas "tiranias da intimidade" ou por zonas desprovidas de sociabilidade: se em determinados contextos ficou inviável como suporte de antigos usos, a experiência da vida pública a que está associada pode ser encontrada em novos arranjos. Um determinado segmento do circuito de lazer, articulando pontos distantes na cidade, é tão real e significativo para seus usuários, quanto a vizinhança no contexto do bairro" (Magnani, 2002, p.25).

Essa opção metodológica de interpretação sobre os locais afasta-se da generalização de que tudo na metrópole seria desagregador. Existem as duas relações, de aconchego e desconforto, relativamente a qualquer ser humano se relacionando na metrópole. No caso do migrante sugerimos que esta situação se torna latente, uma vez que este se encontra (des)locado, e que, todos os seres humanos têm que estabelecer esses sentimentos, pois "Aquele que não tem relação com o meio onde vive abre mão da sua existência." (Dias, p.137, 2014.) Existem múltiplas formas de buscar essas relações. Vamos tentar abordar registros históricos que permitem analisar espaços que foram utilizados por imigrantes brasileiros para construir esses sentimentos.

Essas escolhas apresentadas aqui servem para justificar a construção deste capítulo, que procurou contextualizar historicamente a situação vivida nos dois países envolvidos neste fenómeno. Mas também pretende apresentar um pouco da história que esses imigrantes construíram ao longo do tempo em Portugal durante o seu cotidiano nas três décadas estudadas.

3.1 Década de 1980 – Esperança de novos rumos e a década perdida.

> "Os portugueses ainda pediam pra você falar, pra ouvir como se falava no Brasil em 1983 Brasileiros aqui eram pouquíssimos, pouquíssimos mesmo, eu morava em Cascais e ali em Cascais éramos nós três e tinha um outro casal de brasileiros, que estavam passeando na Europa e estacionaram em Lisboa e tinha um outro rapaz que estudava comigo na faculdade e jogava basquete no Sporting, tinha mais um outro… era uma meia dúzia de brasileiros…
> Tanto, tanto que meus amigos naquela época eram portugueses… eu não conhecia brasileiro, brasileiro era o pessoal da embaixada, que meu pai trabalhava e mais ninguém… brasileiro? Eu não conhecia brasileiro" (Lucas, 50 anos).

A década de 1980 foi o momento mais contrastante entre o desenvolvimento do Brasil e o de Portugal. Os dados da economia apontam para um crescimento acentuado de Portugal e uma crise profunda na economia brasileira. Além disso, houve a criação de um discurso de prosperidade em relação aos portugueses e de deceção em relação ao futuro do Brasil. Este quadro não se aplica à década de 1990 e à década de 2000. Contudo, muitos estudos sobre a imigração brasileira abordam apenas as condições iniciais do processo migratório e não problematizam os períodos posteriores. Vamos explorar estes momentos com mais cuidado, com o intuito de contribuir para alargar o debate sobre a imigração brasileira nas últimas três décadas.

Como foi afirmado na introdução, a Sociologia e a Geografia foram as disciplinas que mais se debruçaram sobre o tema das imigrações para Portugal. Entretanto não houve qualquer trabalho sobre os imigrantes brasileiros na década de 1980 realizados por estas ciências humanas. Em 1991 surge o primeiro trabalho relacionado com estas questões, feito por sociólogos com o título *Portugal, país de imigração,* organizado por Maria Esteves e fruto de um financiamento da Comunidade Económica Europeia para estudar o fenómeno das migrações nos países da Europa do Sul. O prefácio do livro foi assinado pelo antigo ministro da Justiça. António de Almeida Santos, que sustentou a atualidade do estudo devido à situação portuguesa no início da década de 1990*: "actual tendência – nos colhe como impreparados para ele. Não é assim de estranhar que lhe corresponda uma lacuna em termos de tratamento estatístico e sociológico"* (p.VIII).

Mesmo sobre o tema das imigrações houve poucos trabalhos. Jorge Malheiros, geógrafo e seguramente um dos maiores especialistas nas migrações para Portugal, em sua tese de mestrado defendida em 1993 fez um ponto da situação do estado da arte na época, onde afirma:

> "[…] foi somente em 1988 que foram publicadas as duas primeiras (e únicas) teses de doutoramento sobre Geografia da População em Portugal: *A população e o Povoamento da Gândara (génese e evolução)*, de Fernanda Delgado Cravidão, e *População e Território – do País à Area Metropolitana* de Maria Lucinda Fonseca. Em ambos os trabalhos, as migrações ocupam uma posição de destaque, ainda que o modo como são consideradas seja bastante diferente" (Malheiros p.26).

Na sociologia, ao que parece, existiu a mesma questão de distanciamento sobre o tema. A conceituada revista científica *Análise Social*, do centro de pesquisa Instituto de Ciências Sociais, publicou o primeiro artigo sobre imigrantes em Portugal em 1999. O artigo coletivo de Maria Ioannis Baganha, João Ferrão e Jorge Macaísta Malheiros, intitulado "Os

imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português", saiu no número 150 da revista. Em relação à história, como já dissemos, existe um preconceito muito grande com a história do tempo presente, sendo escassos os trabalhos feitos por historiadores sobre este tema em Portugal.

Ao contrário da geografia e da sociologia, que estudam e abordam as migrações para Portugal com muitos estudos sobre diversas temáticas e populações com diferentes origens, a história realizada em Portugal ignorou as imigrações enquanto tema de estudo e ainda não reflete sobre as transformações que estas populações estrangeiras trouxeram ao país. Por exemplo, a coleção *História da Vida Privada,* publicada em França em 1988, dedicou artigos à questão dos imigrantes no volume sobre a contemporaneidade, que são tidos como exemplos de estudos sobre a história do tempo presente.

Na edição brasileira sobre o *História da Vida Privada* sucedeu o mesmo. Tanto no terceiro quanto no quarto volume havia subcapítulos ou capítulos inteiros dedicados aos imigrantes, porém na edição portuguesa que foi publicada em 2011, sob a coordenação de Ana Nunes de Almeida, não houve qualquer menção ao tema das migrações de populações estrangeiras para Portugal. Muitos autores são unânimes ao afirmar que as migrações de populações estrangeiras trouxeram enormes transformações para a sociedade portuguesa no final do século XX e começo do século XXI (Horta 2008, Fonseca, 2000, Carvalheiro, 2008). Todas estas questões reforçam a necessidade da realização deste estudo, como uma maneira de contribuir para o debate e estimular novas obras sobre a história da migração dos brasileiros para Portugal.

Existem duas possibilidades de análise sobre as condições que levaram Portugal a ser o destino de imigração. Uma leva em conta as questões internas pelas quais o país atravessou; a outra prefere colocar a ênfase no contexto internacional. Jorge Malheiros, em seu livro *Imigrantes na região de Lisboa: Anos da Mudança* (1996), resultado da dissertação de mestrado anteriormente citada, defende as questões internas desta forma:

> "[…] o restabelecimento dos regimes democráticos(…) implicaram aumentos nos salários e sensíveis melhorias nas prestações sociais (segurança no emprego, progressivo aumento das reformas, difusão dos serviços de educação, saúde e assistência social, etc), foram factores socioeconómicos que, contribuíram para reduzir significativamente as correntes migratórias que operaram na Europa até meados da década de 70. Por outro lado, o processo de transição demográfica que ocorreu nos países da periferia europeia, entre as décadas de 60 e 80, traduziu-se num progressivo envelhecimento da população e numa redução da fecundidade para valores bastante baixos, fortalecendo também as tendências para a redução do potencial migratório" (1996, p.60).

Outros autores, como Igor Machado, contextualizam essa mudança como sendo mais abrangente e envolvendo uma categoria chamada Europa do Sul, composta, além de Portugal, por Espanha, Itália e Grécia:

> "A mudança da estrutura da indústria, a relocalização das fontes de fornecimentos de mão de obra, o redirecionamento de fluxos de capitais e novos padrões de competição internacional acabaram por transformar radicalmente a estrutura e o funcionamento dos mercados de trabalho nos países da Europa e isso foi mais acentuado ainda nos da Europa do Sul" (2009, p.28).

Entendemos que os dois processos aconteceram simultaneamente, contribuindo por igual para essa transformação, dependendo da análise de casos específicos poder afirmar qual das dinâmicas foi mais importante: a interna ou a externa em Portugal. Um facto que congregou esses dois contextos aconteceu em 1986, quando Portugal ingressou na Comunidade Económica Europeia (CEE). Para Cabecinhas: "foi sobretudo depois da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, a 12 de Julho de 1986, que a imigração passou a assumir uma importância crescente" (p.61, 2007). Com isso, cresceu a necessidade de mão-de-obra no país, que passou a ser também um novo destino de investimentos. Para contextualizar a dimensão das mudanças que essa condição trouxe para as finanças em Portugal, podemos utilizar a comparação realizada por Abel Mateus que constata que, entre 1986 e 1992, a economia portuguesa cresceu com taxas superiores à média europeia. (1998, p.156).

Esta argumentação foi também adotada pela autora Cabecinhas, que vê na entrada de Portugal na CEE o marco cronológico para o início da transformação do país como destino das migrações internacionais. Foi esta a justificativa para a escolha do início temporal de presente tese de doutoramento. Não estamos com isso desvalorizando acontecimentos anteriores e, como em qualquer estabelecimento de balizas temporais, não se pode trabalhar com muita rigidez no antes e depois. Existem processos históricos com continuidades e ruturas que podem ou não se encaixar em balizas temporais, mas os historiadores na sua produção de conhecimento têm que demarcar e criar cronologias.

Os grandes eventos estatais e transnacionais são repletos de significados, a cerimónia de entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia se enquadra neste quesito. Esses momentos despertam séries de reportagens da comunicação social, neste caso não só portuguesa, mas também brasileira. Como já foi referido na introdução, Ana Pinho fez uma análise de como a revista semanal brasileira *Veja* e o jornal *Estado de S. Paulo* cobriram esse momento. No seu estudo, a autora defende que essas reportagens teriam sido fundamentais

para o estímulo da migração brasileira nesse período para Portugal[31]. Outros trabalhos também partem dessa justificativa. Utilizaremos portanto, essa referência para iniciar o trabalho, pois julgamos importante abordar os dados já estudados[32].

3.2 Portugal: novos rumos

"Mudar de roupa, saudar o cabelo
Dormir no carro, todo nu em pelo
Dizer que hoje o dia está perfeito
Pôr óculos escuros a torto e a direito
Pois hoje vou pegar na guitarra
É hoje que eu me faço à estrada
Olá ó vida malvada
Escorrega e desliza
Nessa estrada de vento
Sempre, sempre, sempre
Adeus às praias
Cheias de gente
E um beijo pra quem fica"

("Vida Malvada", música de Xutos & Pontapés)

De acordo com o *Os imigrantes aos olhos dos portugueses* (2012), no que diz respeito às leis de imigração, os anos 80 e 90 são um período de relativa inação, sobretudo no X e XI Governos Constitucionais. É no XII Governo Constitucional que se produzem mudanças importantes (António, 2012, p.103). Olhando para as transformações que a sociedade portuguesa passou na década de 1980, há uma questão incontornável que foi o crescimento económico do país, desenvolvendo-se nessa época um novo tipo de consumo. Sobre esse período o historiador Rui Ramos afirma:

> "Em Lisboa, o edifício «pós-modernista» do Centro Comercial das Amoreiras (1985), do arquitecto Tomás Taveira, assinalava o culto do consumo, que os inquéritos oficiais ao conforto mediram: de 1987 a 1994, a proporção de domicílios com telefone passou de 33% a 74%, com máquina de lavar roupa de 44% para 74%, com material fotográfico ou vídeo de 15% para 40% e com automóvel privado de 36% para 54%; cerca de 90% tinham agora frigorífico e televisão" (p.758, 2009).

[31] Esta análise realizada neste livro é interessante de um ponto de vista específico dos imigrantes do Estado de São Paulo, mas não se pode generalizar para toda a imigração brasileira para Portugal, uma vez que este fenómeno não esteve circunscrito a uma região e mesmo os deste local podiam ou não ter o hábito de leitura desses meios informativos.

[32] Mas relativizando estes dados de acordo com outras fontes encontradas. A imigração para Portugal foi diversificada, existiu durante um período a tentativa de balizar estes acontecimentos em dois períodos com características muito estanques.

Além da questão económica, um centro comercial muda a relação das pessoas com o espaço público. De acordo com Daniela Ferreira existem três fases distintas em relação aos centros comerciais na AML. A primeira seria de 1970-1979, em que se iniciam pequenos empreendimentos, a segunda fase seria de 1980-1989 onde novamente se destaca o papel do *Amoreiras* da seguinte forma: "um formato inovador em Portugal. Surge um novo conceito de centro comercial planeado com preocupação no campo do design, da ambiência, do mix comercial e do marketing. O empreendimento que marca esta mudança é o Amoreiras *Shopping Center* (abertura em 1985)". A terceira fase seria a de 1990-2005 com o centro comercial Colombo e o centro comercial Vasco da Gama em destaque. Futuramente analisaremos estes centros e seus impactos na Área Metropolitana de Lisboa.

Sobre as transformações ocorridas na sociedade portuguesa na década de 1970, após o fim do Estado Novo, alguns elementos devem ser esmiuçados. Além das questões económicas e da democratização, houve uma importante alteração nos costumes da sociedade. De acordo com Sofia Aboim: "Depois do 25 de Abril de 1974 a liberdade deixou de ser uma miragem e as mulheres ganharam o direito à igualdade, sem mais terem de se subordinar à autoridade do chefe de família, essa figura masculina de eleição durante o Estado Novo" (p.80, 2011). Uma das transformações relacionadas com os costumes esteve diretamente ligada ao Brasil: a transmissão das telenovelas brasileiras em Portugal, que inauguram esse formato na televisão portuguesa.

Em 1977 a rede estatal RTP exibiu a telenovela *Gabriela Cravo e Canela* e houve uma grande repercussão social ao seu redor. Segundo Isabel Cunha, os meios de comunicação social revelaram audiências altíssimas e até o primeiro-ministro, Mário Soares, ou o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, assumiam ser telespectadores assíduos. Na vida privada do público também houve alterações incentivadas e alimentadas pela novela:

> "Um primeiro indício de alteração é a adopção de novos ritmos domésticos pautados pelos horários de exibição; um outro indício é a interrelação entre novas propostas de consumo — como os refrigerantes Pepsi e Coca-Cola, os êxitos da trilha sonora ou tipo de penteados femininos — e a telenovela; um terceiro indício de alteração manifesta-se nos constrangimentos, nas surpresas ou nas expectativas perante a visualização de novas formas de sensualidade e sexualidade. Nesta perspectiva, Gabriela teve um papel importante ao dar a ver as relações de poder existentes não só entre as classes sociais como, no interior destas classes, entre homem/mulher, nomeadamente no casamento e na sexualidade" (Cunha, 2005, p.19).

O produto televisivo novela brasileira, teve muito impacto na sociedade portuguesa, com índices de audiência extremamente altos ao longo dos anos. A telenovela foi deixada de lado enquanto fenómeno social nos estudos científicos devido a preconceitos e questões

estéticas, que atribuíam a esses produtos apenas a condição de "cultura popular" ou de massas. Entretanto Jesús Martin-Barbero alertou para o facto de esta visão ser limitada e deixar de lado uma série de elementos ricos:

> "[…] a televisão ocupa nas dinâmicas da cultura cotidiana das maiorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades. Pois, se gostamos ou desgostamos de televisão, sabemos que é, hoje, ao mesmo tempo o mais sofisticado dispositivo de moldagem e deformação da cotidianidade e dos gostos dos setores populares, e uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo" (2004, p.27).

Durante todo o período estudado houve um grande consumo de novelas brasileiras por parte da sociedade portuguesa. Essas novelas inegavelmente alimentaram o imaginário coletivo e o senso comum com diversas leituras de imagens e estereótipos criados pelas redes de televisão daquele país, que são construções sobre aquela sociedade. À sociedade portuguesa foi apresentada a uma leitura do Brasil e do seu povo, repleta de preconceitos, racismos, homofobia, desigualdade de género, entre outras questões graves que envolveram as produções de novelas brasileiras ao longo da sua história.

Em variados momentos da história da imigração brasileira para Portugal houve associação entre personagens das novelas, e os imigrantes que vinham do Brasil, como, por exemplo, em dois casos detalhados no capítulo sete. Nas manifestações dos estudantes de medicina dentária de Coimbra houve cartazes escritos com a frase: "Fora Zeca Diabos" relacionando o vilão e assassino profissional da telenovela *O Bem-Amado* com os dentistas brasileiros. Em relação à atuação da *Igreja Universal do Reino de Deus*, um jornalista utilizou a seguinte frase: "eles usam o sedutor sotaque brasileiro das novelas para enganar os pobres".

Carlos, um dos meus entrevistados que chegou em 2002 a Portugal, quando tinha 16 anos, relatou sobre os portugueses e sobre as novelas: "Esse amigo meu português dizia: "Aqui a gente é nutrido pela imagem do Brasil novelesca. O que a gente via do Brasil era aquilo da televisão e ai chegou aqui esse pessoal todo diferente a gente teve um choque". Ao longo de diferentes momentos a sociedade portuguesa vai relacionar o imigrante brasileiro com personagens das novelas brasileiras.

A década de 1980 em Portugal foi marcada por inúmeras transformações ainda decorrentes dos desdobramentos da Revolução dos Cravos de 1974, como a exibição de produtos culturais novos na televisão e também a produção artística musical sem censura. Outros exemplos foram o aumento do consumo e, a criação do grande centro comercial Amoreiras. São porém transformações mais ligadas ao fim do Estado Novo e à

democratização da sociedade portuguesa do que à entrada na CCE. Nesse sentido, a década de 1990 vai conhecer as transformações de um Portugal europeu.

3.3 Brasil - Década perdida

Nos grandes meios de comunicação brasileiros foi criada uma expressão para se referir a esse período como "década perdida". Na década de 1970 a economia brasileira chegou ao clube dos países mais poderosos do mundo ao alcançar o oitavo lugar no *ranking* das economias mundiais com base no produto interno bruto (PIB). O baixo crescimento no país durante a década seguinte justificou a expressão "década perdida"[33]. Para exemplificar esse processo sem igual, segundo Maddison (2003), a economia brasileira registrou entre 1951 e 1981 uma das taxas de crescimento mais elevadas em todo o mundo.

A década de 1980 no Brasil em relação à cultura foi muito rica e se contrapõe à crise económica proporcionada pelos governos da ditadura civil-militar instalada desde 1964. A lei da amnistia, imposta pelos militares em 1979, proporcionou a volta ao país de uma série de artistas, intelectuais e políticos, como o sociólogo Hebert de Souza, Gilberto Gil, Caetano Veloso entre outros. Com a regresso dos exilados gerou-se grande efervescência cultural e o sentimento que o fim do regime ditatorial estava a caminho. Caetano Veloso em 1981 escreveu a canção *Nu com a minha música* do álbum *Outras palavras*: "Vejo uma trilha clara pro meu Brasil, apesar da dor".

O estilo musical do *rock* brasileiro se afirmou e ganhou projeção durante essa década. Foi nela que surgiram grupos como *Legião Urbana*, *Titãs*, *Paralamas do Sucesso*, *RPM*, *Ultraje a Rigor*, *Camisa de Vênus*, *Capital Inicial*, *Barão Vermelho* entre outros. Além da transgressão artística dos grupos em relação à sonoridade e ao vestuário, houve uma série de letras que protestavam em relação à situação vivida no país. Aline Rochedo sintetiza esse período e a relação desse movimento jovem com a ditadura, da seguinte forma:

> "Os músicos/compositores, que em sua maioria tinham entre 18 e 24 anos, cresceram e foram educados no período de maior repressão do regime civil-militar. Não chegaram a enfrentar o regime diretamente, mas sofreram os impactos provocados por ele. Neste contexto, apesar do AI-5 ter sido abolido em 1979, a censura não havia cessado. Desta forma, tanto os músicos quanto produtores de televisão e escritores deveriam continuar

[33] Entretanto a década de 1990 no Brasil continuou em baixa e com inúmeros planos económicos que falharam e afetaram a toda população.

> enviando suas obras para Brasília e aguardar a autorização. O resultado da avaliação variava entre alterações nos textos, recomendações para eliminar expressões ou para substituir uma palavra por outra mais adequada, ou a execução da música poderia ser proibida em lugares públicos e nos meios de comunicação. A censura aguçava a curiosidade dos jovens quando proibia uma canção, não era raro que os discos censurados foram os mais vendidos e as canções censuradas as escutadas em maior volume" (Rochedo, 2011, p.13).

Mesmo após a posse do Governo de José Sarney, a censura continuou afetando a classe artística, Beatriz Kushnir (2004) refere que até ao início de 1987 foram publicados atos censórios: 261 letras de música foram cortadas e 25 vetadas, assim como novelas tiveram cenas suprimidas. Este período de redemocratização da área cultural foi repleto de experimentações, contrapondo com a situação económica do país que foi se deteriorando ao longo da década.

Na política, o Brasil viveu um período de grande mobilização popular com a proposta da emenda constitucional, da autoria de Dante de Oliveira, para antecipação das eleições diretas para presidente da república em 1985 e não como estava proposto, em 1989. Os jornais de grande circulação chamaram esta emenda de "Diretas Já" e os partidos que faziam oposição à ditadura civil-militar começaram a realizar uma série de passeatas e comícios em apoio às "Diretas Já". Milhares de brasileiros saíram à rua, e lotaram as manifestações pelo voto direto. Cantores, artistas, até mesmo jogadores de futebol se posicionaram favoráveis à alteração.

Entretanto o governo da ditadura civil-militar venceu a votação e as eleições presidenciais foram indiretas, dentro do seu plano de transição gradual e lenta. Todavia, esse resultado causou grande frustração aos que almejavam a redemocratização[34]. O jogador de futebol do Corinthians Sócrates, foi um dos maiores símbolos da campanha das "Diretas Já" e motivado pela deceção com o futuro do país, cumpriu sua promessa e aceitou a proposta de jogar no exterior indo para equipe italiana da Fiorentina (Cardoso, 2014).

As eleições indiretas ocorreram como previsto, com dois candidatos: o deputado federal paulista Paulo Maluf do Partido Democrático Social (PDS), e ex-governador de Minas Gerais Tancredo Neves, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). O Congresso Nacional elegeu Tancredo com 480 votos contra 180 de Maluf, e 26 abstenções. Entretanto entre a eleição e a posse, Tancredo Neves faleceu, após várias operações cirúrgicas

[34] O congressista Dante de Oliveira do Partido Movimento da Democratização Brasileira (MDB) solicitou uma alteração na constituição brasileira em vigor para, em 1985, existirem eleições diretas para presidente da república, ao invés de esperar até 1989 para realização de tais eleições. Ver em Fausto (2007) e Gomes; Pandolfi e Albertini (2002).

criando, um sentimento de deceção e até mesmo uma espécie de mito de sebastianismo brasileiro, sobre como poderia ter sido seu governo.

Após uma série de controvérsias sobre a legitimidade de o candidato eleito como vice-presidente, José Sarney, assumir ou não o governo, em 15 de março de 1985 iniciou-se a 31.ª presidência da República do Brasil. Seu governo foi marcado por crises e sucessivos planos económicos fracassados: Plano Cruzado em 1986, Plano Bresser em 1987 e Plano Verão em 1989. De acordo com Skidmorre, o clima de crise chegou a causar uma fuga de cérebros: "a desorganização, a corrupção e o caos econômico do governo Sarney solaparam o patriotismo usual. Os brasileiros começaram a votar com os pés. Seus principais destinos eram os Estados Unidos, Japão (...) para Portugal, cuja condição de membro da Comunidade Européia o tornava atraente" (1998 p.277).

Este sentimento de insatisfação citado pelo autor pode ser percebido na música *Brasil* de Cazuza feita em 1988: "Brasil/Mostra tua cara/Quero ver quem paga/Pra gente ficar assim". Esta canção interpretada por Gal Costa, foi adotada como tema de abertura da telenovela *Vale Tudo* da Rede Globo de Televisão, escrita por Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères. Os grandes temas desta novela foram a corrupção e a falta de ética. Nesse sentido, a canção de abertura foi muito bem escolhida, e a novela, teve uma grande repercussão no Brasil, alcançando o posto de segunda novela mais vista no país.

A trama marcou também pelo seu desfecho: ao contrário das novelas anteriores produzidas pela emissora televisiva, em *Vale Tudo* os vilões não foram punidos ou castigados. A personagem Maria de Fátima (Glória Pires) se casa com um nobre italiano *gay* e vai para a Itália. O outro vilão, Marco Aurélio (Reginaldo Faria), consegue fugir do país num avião particular e, no momento em que o avião está levantando voo, ele faz o gesto de uma banana para o país, numa cena que foi considerada uma das mais famosas da televisão brasileira. De notar que ambos os personagens buscam fora do país uma saída para suas vidas. Estas referências nas novelas do Brasil eram constantes e esta valorização exagerada do exterior deve ter tido a sua parcela na construção de motivos para emigrar.

O ano de 1989 foi o ano em que os brasileiros votaram diretamente para o cargo de presidente da república, após 29 anos sem pleito direto. A campanha eleitoral mobilizou amplos setores da sociedade e foi marcada pela grande quantidade de candidatos. No segundo turno, a disputa ficou entre Fernando Collor de Melo e Luís Inácio Lula da Silva sendo o primeiro escolhido por 53,03% do eleitorado brasileiro. Vários setores ficaram divididos entre as duas propostas antagónicas para presidir o país. A novela "*O salvador da pátria*" de Lauro

César Muniz, sofreu alterações ao seu guião original. De acordo com o *site* da emissora Rede Globo de Televisão:

> "Na sinopse original da novela, Sassá Mutema se tornava presidente da República. Devido às eleições presidenciais de 1989, Lauro César Muniz mudou de ideia por sofrer pressão de grupos partidários. A esquerda identificava Sassá Mutema com o então candidato à Presidência Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), e achava que o autor deveria dar um tratamento mais condigno ao protagonista, que se mostrava muito manipulável. A direita via em Sassá uma propaganda subliminar que favorecia o candidato petista. A solução encontrada pelo autor foi abrir maior espaço para uma trama sobre uma rede de narcotráfico, em lugar da trama política. Quase no final da novela, revela-se que Bárbara Telles (Lúcia Veríssimo), neta de um influente banqueiro da região – e com quem Severo (Francisco Cuoco) mantinha um caso – é quem comanda a organização ligada ao narcotráfico."[35]

Este exemplo serve para ilustrar como o tema envolveu a sociedade brasileira no período e também para sublinhar como a novela no Brasil é uma obra de ficção aberta, que sofre influências e pressões da sociedade em relação ao seu conteúdo, muitas vezes obrigando os autores a modificarem suas sinopses originais devido à audiência. No trecho acima a própria emissora assume a pressão da sociedade em relação ao tema. Relativamente aos costumes, esta questão pode e deve ser também avaliada. Ver como a sociedade brasileira aceita, ou não, determinado tema[36], é um indício das preferências ou deferências da população que vê novelas.

Na realização desta pesquisa foi possível relativizar um pouco a classificação da primeira e da segunda vaga de imigrantes brasileiros. Encontramos no arquivo da associação *Casa do Brasil de Lisboa* a revista *Cadernos do Terceiro Mundo,* que logo em novembro de 1987, fazia uma capa com a manchete "Brasileiros invadem Portugal". O artigo correspondente ocupava três páginas com o retrato da nova onda de brasileiros em Portugal.

[35] Disponível em: http://memoriaglobo.globo.com/mobile/programas/entretenimento/novelas/o-salvador-da-patria/trama-principal.htm consultada em 19.01.2015.

[36] Nos últimos anos houve uma grande comoção sobre o afeto entre um casal homossexual, após a presença de personagens homossexuais femininos e masculinos. O beijo *gay* passou a ser tema de expectativa em relação a qual seria a primeira novela transmitir tal cena. Depois de muitos anos, em 2013, pela primeira vez esta cena ocorreu na novela *Amor à Vida*. Depois desta cena outras novelas que se seguiram tiveram cenas do mesmo género mas sem a mesma repercussão.

Figura 1: Capa *Cadernos do Terceiro Mundo*, ano X, número 102, 1987.

A escolha de três símbolos portugueses, o galo de Barcelos e uma caravela, ambos coloridos com as cores da bandeira brasileira, em volta da Torre de Belém, enfatiza a ideia de invasão do território português pelos imigrantes brasileiros. O grafismo da capa buscou complementar a leitura proposta pelos editores da revista, de invasão e das ligações dessa migração com o passado comum de Portugal e Brasil. O texto fazia referência às estatísticas oficiais desta imigração:

> "Recente notícia informava que, apenas o consulado português de S. Paulo, aguardavam resposta favorável 20 mil pedidos de cidadãos brasileiros desejosos de emigrar para Portugal. Diariamente, 15 a 20 candidatos à emigração afluem aos serviços consulares portugueses na cidade paulista. Por coincidência, é também de 20 mil a estimativa das autoridades portuguesas e dos consulados em Lisboa e no Porto, quanto ao número de brasileiros já residentes em terras lusitanas, embora nos registos do Serviço de Estrangeiros, do Ministério da Administração Interna, e nos consulados, constassem apenas 7.470, no final do ano passado. As inscrições no consulado brasileiro em Lisboa indicam que a tendência é de aumento: em 1980, foram 342, passando a 525, em 1985 e a 680 em 1986. Só nos oito primeiros meses deste ano, o número já ultrapassou os 600. (*Cadernos do Terceiro Mundo*, n.º 102, novembro de 1987, p.69).

Nesta reportagem temos a introdução a uma primeira questão complexa relativamente aos estudos sobre a imigração. A discrepância entre os números oficiais e a realidade dos

indocumentados estava já presente na década de 1980, como afirma este artigo, que lembra, a propósito, que brasileiros não estavam obrigados a apresentar visto de entrada em Portugal. Muitos autores questionam e apresentam números diferentes dos produzidos pelas estatísticas oficiais. Pela nossa parte, observamos que a informação elencada revista em relação a este período é invulgar. No estado da arte sobre a imigração brasileira em Portugal não existe qualquer referência a números tão elevados na década de 1980, a classificação usual é de que a primeira vaga de imigrantes era pequena, composta apenas de profissionais liberais.

Na continuação desta reportagem, outro tema contraria uma ideia habitual nos estudos sobre a imigração brasileira em Portugal em relação à ocupação profissional dos imigrantes. Muitos estudos reforçam a imagem da 1.ª vaga da imigração dos brasileiros como representantes de uma classe média instruída, ocupando postos de trabalhos na área das profissões liberais. Os problemas envolvendo a equivalência dos dentistas brasileiros em Portugal, durante a década de 1990, serviram para fazer destes profissionais qualificados um exemplo de imigrante brasileiro no país (Feldmam-Bianco, 2002, Machado, 2003, Malheiros 2007, Fernandes, 2008). Mas um olhar atento às estatísticas oficiais permite questionar algumas ideias feitas sobre a 1.ª vaga. O título foi "De domésticas a industriais":

> "Daqueles 7.470 brasileiros que constavam das estatísticas oficiais, em fins do ano passado, o grupo mais numeroso é o de estudantes, com 3302, seguindo-se 989 domésticas, (mulheres sem ocupação profissional e donas-de-casa ou casa-dias) 517 profissionais de ofício operários especializados e artesãos) 265 jogadores de futebol, 199 missionários, sacerdotes e religiosos diversos, 186 funcionários públicos (um brasileiro pode tornar-se funcionário público após cinco anos de residência, nos termos da Convenção sobre Igualdade de Direitos, conservando a reciprocidade) 143 comerciantes, 142 professores e 104 empregados de escritórios. Há, ainda 84 empregados de comércio, 65 operários de construção civil, 63 trabalhadores agrícolas, 50 hoteleiros, 38 outros operários, além de 24 industriais, 18 gerentes e 7 pintores de construção civil. As profissões liberais estão bem representadas: são 75 médicos e dentistas, 74 engenheiros, 33 arquitetos e 32 economistas, enquanto 26 cantores e bailarinos profissionais" (p.69).

Como se pode perceber existe uma grande diversidade de ocupações entre esses 7.470 brasileiros contabilizados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal. Isso permite constatar que a diversidade brasileira também se reproduziu na imigração para Portugal[37]. Beatriz Padilla, abordando o século XXI chama a atenção para a noção de visibilidade ou invisibilidade dos imigrantes brasileiros, relacionando-a com a ocupação profissional: "os

[37] Os primeiros estudos sobre a imigração brasileira talvez estivessem muito ligados ao tempo presente, sem procurar fontes mais sólidas ou um recuo historiográfico necessário para abordar as dimensões de mudanças e continuidades.

portugueses sentem uma invasão dos brasileiros, porque muitos os vêem nas lojas, restaurantes etc. E, na realidade, há ainda mais brasileiros do que a maioria das pessoas pensa, porque trabalham nas casas dos portugueses ou nas obras públicas" (2006, p.22).

Este mesmo raciocínio deque, imigrantes brasileiros residentes em Portugal ocupavam lugares no mercado de trabalho em posições de invisibilidade para a maioria da sociedade. Dessa forma relativizamos um pouco a ideia estabelecida de que a primeira vaga seria composta apenas de trabalhadores com grandes qualificações. Aparentemente os dentistas e publicitários conseguiram maior visibilidade que os restantes trabalhadores brasileiros. Uma das razões para essa visibilidade é a inexistência de conflitos corporativos nos setores ligados à construção civil ou ao trabalho de mulheres a dias. A sociedade necessitava de abrir as portas à mão-de-obra não qualificada. No referido estudo sociológico de Esteves (1991) fazia-se menção da qualificação dos imigrantes brasileiros naquele período: *"*O segundo conjunto, que inclui os nacionais do Brasil e Venezuela, caracteriza-se por um maior peso da mão-de-obra não qualificada ou de qualificação média" (p.48).

A existência de imigrantes brasileiros de baixa qualificação, em 1987, ilumina outras possibilidades a serem exploradas. Em relação a Portugal, não foi encontrada qualquer referência à figura do imigrante brasileiro pioneiro que veio e estabeleceu as primeiras redes de sociabilidade, redes que são muito importantes pois de acordo com Gláucia Assis "um migrante traz um outro, redes de amizade e parentesco que já pré-existentes ao processo migratório são acionadas e contribuem para a reunificação familiar e para a ampliação do tempo de permanência dos imigrantes (…) os brasileiros foram estabelecendo-se e trazendo seus filhos, primos, sobrinhos, amigos (2007, p.2).

Em relação a Governador Valadares existem trabalhos identificando os pioneiros e o início da construção das redes de sociabilidades na década de 1960, ou seja, bem anterior ao grande fluxo estabelecido em 1990 (Siqueira e Assis, 2009). Devemos questionar se o mesmo não poderia ter acontecido no caso da imigração brasileira para Portugal. Em relação aos meus entrevistados, a grande maioria imigrou dentro de uma rede de sociabilidade. Por causa disso, destaco a importância de pensar a imigração brasileira para Portugal no âmbito de uma temporalidade maior do que a utilizada nos trabalhos académicos atuais.

Outro tipo de imigrante pouco estudado, é o jogador profissional de futebol. No artigo citado do *Cadernos do Terceiro Mundo*, assinava-se o número alto de brasileiros envolvidos no futebol português, onde um em cada seis jogadores da primeira divisão eram brasileiros e

25% das equipas eram treinadas por brasileiros. Pouco se sabe sobre o que acontece a estes profissionais quando seus contratos acabam. Washington Alves, que jogou em Portugal durante doze anos, de 1974 até 1986, continuou morando no país e seu filho Bruno Alves jogou pela seleção portuguesa nos campeonatos do mundo de futebol de 2010 e 2014. No caso de Bruno, sua naturalização e nacionalidade portuguesa nunca foram colocadas em causa devido ao seu nascimento na Póvoa do Varzim. Entretanto, durante o período abordado existiu, uma série de conflitos envolvendo os brasileiros que foram convocados para jogar pela seleção portuguesa de futebol.

Não é possível relacionar de maneira automática as motivações para imigrar com a questão da crise no Brasil e o sucesso económico em Portugal. Problematizando a questão a partir do estado da arte produzido no Brasil sobre a questão das imigrações brasileiras para o exterior, temos possibilidades de fazer comparações em relação ao que pode ter acontecido em Portugal. Gláucia Assis que trabalhou com os imigrantes da cidade catarinense de Criciúma para os Estados Unidos aponta a importância das redes na decisão de imigrar:

> "Portanto, o crescimento do movimento migratório está associado também à conjuntura nacional (crise do câmbio, desvalorização do real em relação ao dólar, desemprego) e ainda à crise enfrentada pelo setor cerâmico, indústria muito importante para a economia local (informações da Prefeitura Municipal de Criciúma). Por outro lado, podemos também atribuir esse crescimento ao amadurecimento das redes sociais, as quais homens e mulheres migrantes estão inseridos em diferentes contextos" (Assis, 2009, p.12).

Quando a pesquisa parte da localidade emissora da migração, encontrar esses personagens pioneiros é possível. Já atuar do local de receção desses imigrantes e fazer o percurso inverso torna-se muito difícil. Por isso não foi objeto dessa pesquisa[38]. Ao pesquisar as listas telefónicas da Área Metropolitana de Lisboa, pudemos encontrar na década de 1980 uma série de estabelecimentos ligados a brasileiros espalhados em locais como a Costa de Caparica. Ou seja, houve uma primeira e importante penetração de imigrantes em Portugal, pois estes possibilitaram a construção de redes de sociabilidade, utilizadas no final das décadas de 1990 e 2000. Estas estruturas de continuidade foram até agora menosprezadas pelos estudos de sociologia, antropologia e geografia que operaram dentro do modelo de 1.ª e 2:ª vaga das migrações brasileiras para Portugal. Esta questão remete-nos para o alerta de Koselleck sobre as fontes e seus poderes de vetar informações:

[38] Não existe qualquer referência no estado da arte sobre a imigração brasileira para Portugal sobre os pioneiros em relação as redes de sociabilidades, por isso é tão importante o dado descoberto na revista *CTM* que em 1987 estimava que 20 mil brasileiros estavam morando em Portugal.

> “Uma fonte não pode nos dizer nada daquilo que cabe a nós dizer. No entanto, ela nos impede de fazer afirmações que não poderíamos fazer. As fontes têm poder de veto. Elas nos proíbem de arriscar ou de admitir interpretações as quais, sob a perspectiva da investigação de fontes, podem ser consideradas simplesmente falsas ou inadmissíveis. Datas e cifras erradas, falsas justificativas, análises de consciência equivocadas: tudo isso pode ser descoberto por meio da crítica de fontes. As Fontes nos impedem de cometer erros, mas não nos revelam o que devemos dizer” (2006, p.188).

Utilizando a argumentação do autor, podemos pôr em causa a classificação, estabelecida pelo estado da arte relativamente à ideia de primeira e segunda vagas. Logo, não se pode afirmar categoricamente que a primeira vaga era apenas qualificada, nem tão pouco desprezar que o surgimento da segunda vaga teve ligações a imigrantes brasileiros “pioneiros” que já estavam em Portugal. Mas se a leitura das fontes e as entrevistas realizadas permitiram colocar em dúvida essa caracterização estabelecida, um estudo mais aprofundado sobre este tema ainda está por ser realizado.

3.4 Década de 1990

> "Fim dos anos noventa a importação começou a trazer produtos brasileiros, antes no Jumbo tinha, na época que era Pão de Açúcar, tinha de vez enquanto produtos brasileiros, mas não era tudo. Uma lojinha no mercado da Ribeira as vezes tinha algumas coisas também, mas era só isso" (Mariana, 61 anos).

A década de 1990 foi o momento em que a imigração brasileira em Portugal ganhou maior visibilidade nos jornais dos dois países. Os dentistas brasileiros e a atuação da Igreja Universal do Reino de Deus alcançaram grande destaque nos meios de comunicação do Brasil de Portugal. Este subcapítulo procura perceber como os imigrantes brasileiros na década de 1990, quando não eram a maior população estrangeira vivendo em Portugal com documentação, conseguiram ganhar essa visibilidade.

Neste período Portugal e Brasil alcançaram um desenvolvimento económico considerável em situações opostas financeiramente e houve uma aproximação comercial internacional entre os dois países. Portugal viveu mesmo um período de grande prosperidade, Luciano Amaral classifica como mini-idade do ouro os anos de 1986-1992, devido ao grande crescimento alcançado. No Brasil, com os governos de Fernando Collor e Itamar Franco, o país viu desacelerar o crescimento do PIB e também descer posições entre as economias mais ricas do mundo. Apenas em 1995, no primeiro ano do governo de Fernando Henrique Cardoso, o Brasil voltou a crescer economicamente, devido à paridade cambial artificial da nova moeda (o real) em relação à moeda norte-americana (o dólar).

A presidência de Fernando Collor de Mello, em seu primeiro ano de governo, manteve a política de planos económicos profundos, mas feita com o congelamento das poupanças dos brasileiros nos bancos[39]. Além dessa mudança houve uma série de medidas coerentes com o modelo neoliberal, proposto na campanha eleitoral e que foi posto em prática, como o início dos processos de privatizações. De acordo com Amann e Baer: "Em 1990, durante o primeiro ano da administração Collor, a maior parte das barreiras não-tarifárias também foram abolidas, sujeitando as firmas domésticas à intensa competição estrangeira" (2006, p 272).

Essas alterações permitiram que uma série de produtos importados especialmente na área da tecnologia, onde houve um grande crescimento, na área dos produtos alimentícios, entrassem mais facilmente no Brasil. Os computadores e a batata americana *Pringles* se tornaram ícones dessa época, por serem representantes do novo consumo da classe média. Todavia, esses produtos que passaram a estar disponíveis no Brasil não podiam ser comprados pela grande maioria da população.

A conjunção de fatores relacionados com o congelamento das poupanças e um novo tipo de consumo de produtos importados aumentou a sensação de desigualdade de poder de compra dentro da classe média. Como já foi apresentado na introdução, muitos estudos relacionam o início da imigração brasileira para o exterior com o sentimento de perda de poder aquisitivo motivado pelo Plano Collor.

No início da década de 1990, a classe média urbana manifestava um sentimento de fracasso e deceção muito forte como por exemplo, se exprime nos versos das canções de *rock* de grande sucesso da banda RPM (1992) "Desse Brasil que não quer e nem sabe escutar/Certos problemas que nunca vão passar/Passar na hora do Brasil/Na hora do Brasil/Moeda podre, pobreza, recessão/Projetos faraonicos, inflação/Decreto-lei, ato institucional, medidas provisórias coisa tão normal/Em toda hora do Brasil." O mesmo sentimento é expresso pela banda mineira Skank, que compôs *In(dig)nação*: "Eu fiquei indignado/Ele ficou indignado/A massa indignada/Duro de tão indignado/A nossa indignação/É uma mosca sem asas/Não ultrapassa as janelas/De nossas casas".

Esses exemplos de canções produzidas por uma juventude proveniente da classe média urbana dos grandes centros refletem bem este momento de frustrações. Torresan entrevistou

[39] Durante a campanha eleitoral, o candidato do PRN Collor acusou o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, de comunista, dizendo que ele iria confiscar todas as economias dos cidadãos de bem. Porém, vencidas as eleições para cumprir a prometida receita rápida e eficaz, segundo Collor, ele iria "matar o tigre da inflação com um só tiro". O confisco de todos os rendimentos bancários pegou o Brasil inteiro de surpresa e em menos de sete meses o governo admitiu o erro e lançou o Plano Collor II que também não obteve êxito.

uma série de imigrantes brasileiros que vieram na década de 1990 para Portugal e apontou para esse sentimento de frustração como motor para a imigração. Utilizamos este trecho para exemplificar esta afirmação:

> "These Brazilian immigrants were estranged by and from it. Leaving their parents' home, gaining independence from the family, being able to travel, having access to entertainment, being able to consume quality goods, and being able to live in a country without intense social inequality, where they would be entitled to a sense of citizenship and personal safety: these were the important issues to people escaping not only from relative economic hardship but from a class position that was in collusion with a political and economic system they regarded as corrupt. International migration was a project of personal emancipation and a political response to the sense of estrangement produced by the interruption of their assumed natural middle-class cycle, the misrepresentation of democracy, and the skewed modernity of the 1980s and 1990s" (2012, p.126).

Analisando essa relação entre as insatisfações com as condições existentes no Brasil e as aspirações a projetos de realização de vida podemos entender melhor as motivações destes imigrantes, relacionadas com o consumo de bens materiais e culturais em alguns casos. O ato de migrar para outro país surgiu na vida de muitos jovens da classe média urbana como uma estratégia de manutenção, ou até aumento, do seu padrão de consumo e *status*. Este tema da realização pessoal por meio do consumo na migração para o exterior foi pouco desenvolvido na bibliografia existente.

Em relação à música, nesta década houve ainda dois grandes géneros regionais que ganharam projeção nacional: a musica sertaneja e o *axé music*. Com raras exceções, essas músicas eram desprovidas de crítica, seja ela social, política ou cultural. O mundo rural brasileiro ganhou destaque, remodelado por duplas novas, com roupas mais modernas semelhantes ao estilo consagrado do *country* norte-americano. Chitãozinho e Xororó, Zezé de Camargo e Luciano e Leandro e Leonardo foram as duplas de maior sucesso e começaram a fazer parte das trilhas sonoras de telenovelas, alcançando uma grande quantidade de vendas de discos e concertos no país e também no mundo.

O outro género musical regional de grande sucesso na década de 1990 foi o *axé music*. As bandas e cantores (as) que atuavam no Carnaval da cidade de Salvador, em camiões equipados com potente aparelhagem de som, chamados "trio elétrico", foram apresentados como grandes representantes da "alegria brasileira". O consumo desse produto cultural foi tão grande, que foi criado o "carnaval fora de época", que consistia em apresentações desses artistas em outras cidades do país, em qualquer época do ano, simulando o Carnaval de Salvador com concertos realizados em cima do "trio elétrico".

Esses dois géneros musicais foram difundidos como representantes do gosto brasileiro, pela indústria fonográfica. José Machado, em seu trabalho sobre os imigrantes brasileiros no Porto, destaca como o *axé music* fazia parte integrante dos restaurantes brasileiros, especialmente nas churrascarias. Essa associação entre uma música baiana (Nordeste) e um restaurante típico de comida gaúcha (Sul) seria pouco provável no Brasil, por envolverem duas culturas regionais distantes e diferentes. No entanto, na modernidade híbrida, passa a fazer sentido a mistura dessas duas culturas, para criar uma cultura nova "brasileira" para os portugueses consumirem.

Os próprios imigrantes brasileiros espalhados pelo mundo relatam a experiência da aquisição de novos gostos culinários, musicais, estéticos e até de vestuário. Ser brasileiro no exterior, para alguns, significou a incorporação de outras formas de identidades, como forma de se afirmar em relação ao outro e também como uma questão de pertença de grupo. (Sasaki, 1998, Oliveira, 1999, Magalhães, 2008, Dias, 2014). Dias, ao analisar uma revista produzida para os imigrantes brasileiros no Japão, escreveu:

> "Antes os brasileiros chegavam ao desespero de levar um quilo de feijão e café na bagagem, tamanha era a dificuldade de encontrar esses produtos. Hoje as lojas vendem de tudo: desde o último lançamento do CD de Zezé di Camargo e Luciano até um quilo de picanha para o tradicional churrasco de fim de semana" (*Made in Japan*, n.º 67, ano 6, p. 22). Além dessa constatação de que a rede de vendas de produtos brasileiros está mais estruturada do que antes, outra parte do trecho é muito importante em relação às novas territorialidades criadas pelos *dekasseguis*, ou seja, a maneira como, uma vez chegados ao novo território, esse grupo de pessoas se reidentifica e se relaciona com a nova sociedade em que está inserido. Por meio de estratégias diversas, o consumo de produtos ligados à nova identidade pretendida, como, por exemplo, a comida." (2014, pp.119-120)

Os imigrantes brasileiros com descendência japonesa preferem comer a picanha no Japão ao invés de comer a comida japonesa, que no Brasil era a mais consumida. Da mesma forma alguns imigrantes brasileiros não consomem alguns tipos de comidas portuguesas, como bacalhau ou doce de ovos, e acabam procurando a sua afirmação identitária por meio da maneira como se alimentam. Outra relação pode ser a de rejeição de algum tipo de comida muito ligada ao costume dos portugueses, como podemos perceber neste trecho:

> "- O pessoal aqui como muito porco, é mano.
>
> - Mas em Minas Gerais também se come bastante carne de porco.
>
> - Não cara, lá em Minas a gente come vaca, carne de boi.
>
> - E ai chegou aqui e foi muita carne de porco, porco, porco, porco e galinha, galinha, galinha. Por que a carne de vaca era cara, muito cara. E meu pai sempre foi muquirana (forreta) de fazer a compra do mês sempre economizando. Ai era foda!

- Até uma coisa engraçada, Entremeada já comeu?

- Já, tem muita gordura

- Aquilo é horrível, tipo Entremeada e Febras eu comi tanto disso que eu comecei a ter alergia, me deu alergia de comer carne de porco, umas pelotas assim grandes. Ai meu tio, me falou a isso é alergia a carne de porco, isso me deu também quando eu cheguei aqui em Portugal.

- Ai comecei a comer só frango e passou.

- Hoje não, como onde quero é tranquilo" (Daniel, 29 anos, em portugal desde 2003).

Eeste trecho aponta para algumas das questões financeiras e alimentícias dos imigrantes brasileiros em Portugal. O preço do alimento interfere diretamente na dieta desses imigrantes trabalhadores, uma vez que seu objetivo, de ganhar dinheiro para guardar ou para enviar para o Brasil, depende dos seus gastos. A música e a alimentação, como nos exemplos utilizados, auxiliam a compreender que as negociações de identidades são travadas no cotidiano dos imigrantes das mais variadas formas.

Em relação aos temas consagrados nos estudos sobre as migrações brasileiras para o exterior, existe a forte associação da motivação para migrar, como resultado das indefinições económicas no Brasil e também as deceções causadas com a redemocratização são consideradas por diversos autores como os principais motivos para a imigração de brasileiros a partir da década de 1990. Teresa Sales relata este sentimento desta forma:

> "[…] a década de 90 coincide com todo o desengano com o Brasil da inflação e da falta de oportunidades, desengano esse acentuado pela decepção com a era Collor de Mello. Uma de minhas entrevistadas me mostrava um recorte do Jornal o Globo que ela tinha guardado, com um artigo de Marcio Moreira Alvez publicado em 12 de outubro de 1995, em que ele classificava os atuais imigrantes brasileiros como expatriados, em comparação com os exilados do golpe militar de 1964. Ela se sentiu muito ofendida com o conteúdo desse artigo, argumentando que se via também como exilada pois, havia saído do Brasil por causa do Governo Collor" (Reis, 1999, p.18).

O Brasil passou por um processo cívico de *impeachment*, que mobilizou a sociedade civil e culminou na renúncia de Fernando Collor de Mello, levando o vice-presidente Itamar Franco a assumir o comando do país em 29 de dezembro de 1992.[40] Itamar Franco, político mineiro de longa data, rompeu relações com o Presidente Collor depois de uma reforma ministerial, em março de 1992 trocando de partido, deixando o PRN e indo para PMDB.

Seu governo foi marcado pela tentativa de conciliação política e na economia pelo chamado Plano Real, que incluiu cortes nos gastos estatais, privatizações e a criação de uma

[40] Sobre esse processo de *impeachment* é feita uma análise mais detalhada no quarto capítulo, aproveitando para analisar como o jornal imigrante *Sabiá* noticiou e comentou esses acontecimentos.

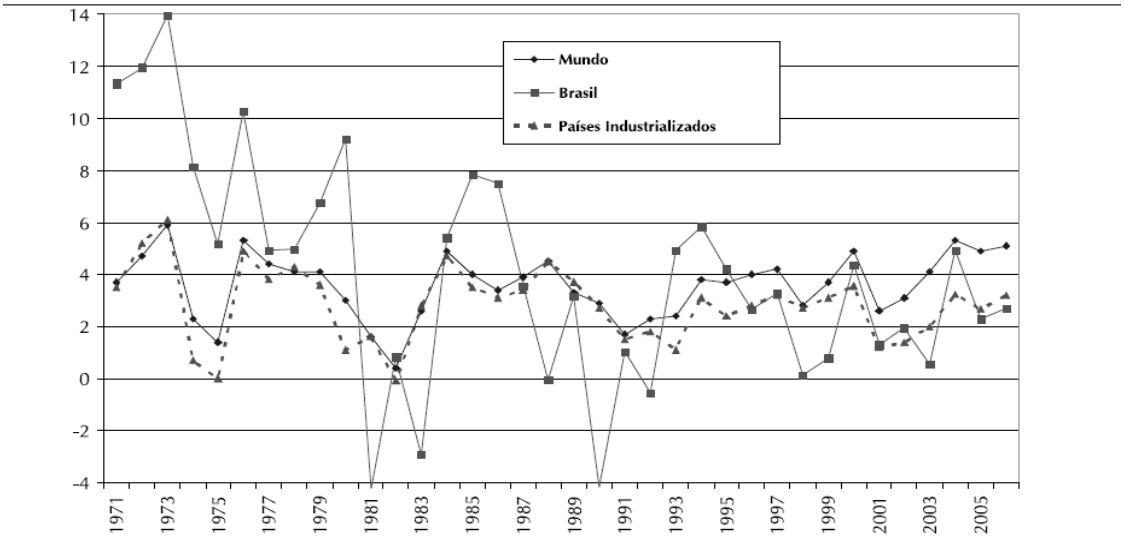
nova moeda brasileira: o Real. Este plano resultou em uma queda acentuada da inflação, mas não garantiu melhorias significativas ao PIB brasileiro.

As eleições seguintes foram marcadas pelo sucesso do Plano Real atribuída ao ex-ministro da fazenda, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, que usou durante sua campanha a expressão "pai do real", conseguindo se eleger em 1994 e se reeleger em 1998. Para além da estabilidade inflacionária conquistada, a concentração de rendimentos no Brasil do Real aumentou muito, mas milhões de brasileiros não tiveram qualquer melhoria em suas condições de vida.

O crescimento da economia brasileira foi chamado por alguns economistas de "voo de galinha" devido ás suas altas moderadas, seguidas de quedas. Como podemos e constatar pela tabela abaixo produzida pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Económico e Social (BNDES), relativa à evolução da taxa de crescimento do Brasil de 1971 até 2006:

Taxas de Crescimento da Economia Mundial, do Brasil e dos Países Industrializados – 1971-2006*

(Em %)



Fontes: *Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, Banco Central e Ipeadata.*

Quadro 2 Taxa de Crescimento da Economia Mundial.

Uma das medidas adotadas para implementação do Plano Real foi a equiparação forçada da cotação da moeda norte-americana, o dólar, com à moeda brasileira. Foi esta medida propagada pelo Fundo Monetário Internacional que possibilitou a entrada de uma série de produtos importados devido ao baixo custo do dólar, e também uma considerável

facilidade na aquisição de compras de passagens áreas devido à falsa paridade da moeda, situação económica que afeta diretamente a vida das famílias imigrantes.

Ao mesmo tempo que as passagens aéreas internacionais se tornam mais baratas devido à queda da moeda norte-americana, há também uma queda no poder de compra das famílias que recebem transferências internacionais. Por isso não se pode analisar esta questão apenas por uma vertente, pois como referimos anteriormente, a imigração brasileira tem como característica a sua ligação com as redes de atração dos imigrantes.[41] São vários os fatores responsáveis por uma imigração, os sujeitos são repletos de sentimentos envolvendo suas escolhas, no entanto, existem muitos trabalhos académicos que simplificam tudo em torno do aspeto financeiro.

Foi apenas no começo de 1999 que foi declarada a liberdade cambial, acarretando uma séria crise económica e abalando a economia do Brasil em vários setores. Alguns autores associam esse agravamento da questão cambial à motivação para compreender a saída de milhares de brasileiros para o exterior. Entretanto no caso de Portugal enquanto país de destino, temos a mesma questão abordada anteriormente: se por um lado o câmbio com a moeda portuguesa em alta favorece a imigração devido às remessas para o Brasil, por outro lado, Portugal já tinha passado o período de grandes construções motivadas pela EXPO 98 e a mão de obra já não era tão necessária. Com o aumento do dólar no Brasil as passagens aéreas para Portugal aumentaram consequentemente de preço. As questões económicas, como alertámos, nem sempre podem ser utilizadas como as únicas importantes para explicar as migrações no mundo.

Como foi mencionado anteriormente a década de 1990 foi o momento em que os imigrantes brasileiros em Portugal conseguiram vencer a barreira da visibilidade nos dois países. No Brasil houve a perceção, dos bancos públicos e privados, de que a diáspora

[41] Em uma das minhas entrevistas realizadas com a imigrante Claudete em 2014, quando Portugal atravessava uma grave crise e o desemprego aumentava, ela revelou que era a melhor época para estar em Portugal porque o Euro estava muito valorizado em relação ao Real. A entrevista foi interrompida várias vezes, pois seu telemóvel não parava de tocar. Eram seus amigos discutindo sobre a cotação e qual era a melhor taxa cobrada pelas empresas de envio de dinheiro para o Brasil. Facto que me surpreendeu uma vez que antes fazia a associação de que um país em crise não era um bom lugar para o imigrante trabalhador. Quando lhe perguntei sobre isso, ela disse que sim antes era mais fácil encontrar um emprego e que conseguia fazer mais horas extras, mas que agora devido ao câmbio, ela estava vivendo a sua melhor fase em Portugal depois de 10 anos.

brasileira fazia volumosas remessas para o país, levando à criação de convénios e até mesmo à abertura de agências de bancárias no estrangeiro, para conseguir aproveitar essa demanda.[42]

No Brasil, os imigrantes brasileiros se tornaram notícia nos principais jornais do país devido à batalha dos dentistas brasileiros para conseguir a validação de seus diplomas em Portugal. Este tema será fruto de uma análise detalhada no sétimo capítulo, mas destacamos que foi o primeiro momento que os meios de comunicação brasileiros repercutiram conflitos de imigrantes brasileiros em Portugal.

3.5 **Portugal dos invícios**

> "Eu não sou imigrante. Sei que você tá fazendo a entrevista comigo, como sendo imigrante. Não é que eu seja superior, longe disso, mas eu não sou imigrante é que eu não sou aquele imigrante, que não paga a Globo porque é 16 euros, não vai no cinema por que são 5 euros. Eu sempre fui de férias pro Brasil." (João, 49 anos, em Lisboa desde 1991)

Além das já referidas questões económicas relativas à década de 1990 em Portugal, buscamos também outro tipo de análise para explicar esse período e o modo como os imigrantes brasileiros se relacionaram com essas mudanças. Selecionámos três momentos para demonstrar as grandes mudanças pelas quais o país atravessou ao longo da década. O primeiro refere-se a uma campanha publicitária financiada pelo Governo português para combater os invícios dos portugueses, em 17 de fevereiro de 1992. Nela o Estado tentava mudar os hábitos dos cidadãos, que julgava equivocados. O segundo momento ocorre com o grave assassinato de Alcindo Monteiro no Bairro Alto por *skinheads*, em 1995, em uma clara demonstração de racismo exacerbado de uma parte da sociedade e as consequências disso. O terceiro momento refere-se à a abertura da EXPO98, que inaugurou a modernidade no país, segundo a imprensa e a propaganda estatal.

Esses acontecimentos não podem ser vistos como definidores de tudo o que aconteceu na década, entretanto nos ajudam a exemplificar quais foram as situações pelas quais Portugal passou então. E também como isso afetou o cotidiano dos imigrantes brasileiros no país. Ao

42 No Japão houve uma verdadeira invasão de bancos brasileiros buscando atender os imigrantes brasileiros, como demonstra (Dias, 2014), nos EUA também houve essa mesma questão (Gláucia, 1997), em Portugal houve um investimento do Banco do Brasil nessa área e a realização de acordos dos bancos brasileiros com os portugueses.

longo dessa década ocorreram muitas transformações e o discurso sobre o sucesso do país foi sendo construído em torno da realização desse evento internacional.

Na década de 1980, os brasileiros não eram tão presentes na sociedade portuguesa, mas isso começa a mudar. Em 1991 ocorreu a fundação da Casa do Brasil de Lisboa, primeira associação de imigrantes brasileiros em Portugal. Outra importante iniciativa foi a criação da Associação Brasileira de Odontologia secção Portugal (ABO-P) destinada a auxiliar os profissionais de odontologia no país e tomar posição sobre esta questão em relação ao governo português e também ao governo brasileiro. Estas duas entidades civis foram bastante ativas ao longo da década, como vamos verificar ainda nesta tese de doutoramento.

A representatividade dessas associações não é total, como nunca poderia ser. Como procurámos descrever no primeiro capítulo, as identidades são múltiplas e contraditórias, logo elas nunca poderiam abarcar todo o contingente de brasileiros residentes em Portugal. Entretanto as duas conseguiram na disputa pública por negociações de identidades serem uma voz que repercutiu nos meios de comunicação. Essa quebra da invisibilidade foi fruto de uma batalha dessas entidades e também dos personagens envolvidos durante esse processo de afirmação do imigrante brasileiro, enquanto participante da sociedade portuguesa.

Após a sua entrada na CEE, Portugal passou a se preocupar em realizar comparações entre a sociedade portuguesa e a Europa, nos mais variados quesitos, económicos, sociais, culturais, entre outros indicadores. Apesar da pujança económica do período, Portugal ainda estava longe dos parâmetros dos outros parceiros europeus. Afinal a herança histórica do Estado Novo, de altas taxas de analfabetismo, censura e perseguição política, criaram grandes diferenças de hábitos e cultura entre a população portuguesa.

Fazer parte da CCE, e depois da futura moeda única, implicava para Portugal cumprir uma longa lista de exigências em relação a índices económicos e de desenvolvimento, entre outras coisas. Horta reflete sobre as implicações dessa adesão de Portugal à União Europeia em relação aos PALOP: "Para Portugal, a harmonização das políticas europeias relativas à imigração implicou, inicialmente, a imposição de medidas rígidas relativamente à entrada de cidadãos das ex-colónias. Neste novo contexto, os que tinham sido considerados membros de pleno direito e "parte integral" da Nação portuguesa eram, agora, ironicamente, o "Outro", cujos laços históricos e culturais com Portugal eram negados" (2008 p.348). Essa mudança e a criação desse "outro" como classifica a autora, será melhor explorada no capítulo seis.

Durante o governo de Aníbal Cavaco Silva, de acordo com João Pedro George houve uma sistemática tentativa de integrar Portugal no resto da Europa, por meio da propaganda. "A necessidade de internacionalização e a perspetiva da cultura como um dos grandes fatores de integração da cultura como um dos fatores de integração do país na CEE (e no mundo) levaram os governos a conceber a cultura como uma espécie de «embaixada» ou como um instrumento político de prestígio externo e, simultaneamente, de propaganda interna." (2015, p.184). Umas dessas tentativas foi o revelador caso da campanha publicitária financiada pelo governo, chamada «Portugal não é só teu». O jornal *Público* de 17 de fevereiro de 1992, utilizou duas páginas (18 e 19) para explicar a campanha que constituiria em 30 spots (10 para cada humorista) com o seguinte parágrafo de conclusão:

> "Figura fundamental num "Portugal de sucesso", o português ainda mantém costumes pouco condizentes com a "modernidade". Que vão do simples cuspir na rua, ao jogar à bola nas praias, passando pelo mau comportamento nos transportes públicos ou no dia-a-dia no trânsito nas cidades. Preocupado com estas faltas de civismo mais vulgares, o Governo decidiu investir numa campanha televisiva que possa alterar um pouco as mentalidades. O humor de Herman, Solnado, Nicolau é a arma contras os "incívicos»" (*Público*. 17 de fevereiro de 1992, p.18).

O jornal em nenhum momento discorda da campanha, muito pelo contrário, incentiva a ideia de que existe um "Portugal de sucesso" que é moderno e, por outro, lado um tipo de português que não é moderno por não ter civismo. Esse exemplo, reforça a postura do Governo do Primeiro-Ministro Cavaco Silva como provedor dessa nova imagem de Portugal enquanto participante da Europa sendo tudo isso sinónimo de modernidade. E também como a crítica ao desfasamento de alguns portugueses com a modernidade, e exigência de mudanças na população serem aceitas por meios de comunicação nacional, como o jornal *Público*.

Ainda sobre a relevância de Portugal conseguir ser comparado com os países europeus, existe outro caso que pode ser utilizado enquanto paradigma de evolução ou involução enquanto sociedade moderna. Foi a mudança no papel das migrações transnacionais: o país deixou de ser maioritariamente um país de emigração, para ser um país de imigração. Como escreve Rui Ramos: "Só a partir de 1993 se atingiu saldos migratórios positivos, juntando-se Portugal finalmente aos países da Europa Ocidental atractivos para o resto do mundo. Entraram brasileiros (14,9% do total de imigrantes), cabo-verdianos (14,3%) e angolanos (7,9%) – numa inversão da direção dos fluxos populacionais no espaço do antigo império" (p.767).

Esse facto ocorreu em 1993, uma data pouco utilizada nos estudos migratórios, a maioria dos quais utiliza o momento de maior fluxo de imigrantes como baliza temporal[43].

Além dessa transformação, acontecida em 1993, o autor fez uma construção de raciocínio segundo a qual receber imigrantes é um fator positivo e consequentemente ceder imigrantes é algo negativo. Um dos fatores da modernidade portuguesa é receber imigrantes e não mandar emigrantes para outros lugares, como apresentámos na introdução. Até no debate político que antecede as eleições, quando apenas as questões de mais relevância são colocadas em jogo esta ideia está presente. Na introdução da obra *Os imigrantes e a imigração aos olhos dos portugueses* (2012) escreve-se:

> "País de navegadores, de oceanos e de sonhos, Portugal olha de forma persistente e nostálgica para o seu passado, em busca de uma identidade a um tempo heroica e melancólica. Neste imaginário identitário, o mar surge como a grande metáfora do risco e do desconhecido, que os portugueses, a despeito da sua reduzida dimensão, souberam resgatar ao domínio do inconquistável. Metáfora das qualidades de um povo que, ao partir, afinal se encontra. Hoje, o vasto e desconhecido mar do século XV reveste-se de outros significados: os grandes mercados internacionais, a sociedade digital, a industrialização e a produtividade, a sobrevivência na (e da) zona Euro… Tal como então, vivemos tempos de crise e transição, não só económica como simbólica, de auto-estima e identitária. E também como então, partir é a forma de muitos portugueses se reinventarem: a diáspora portuguesa no mundo, tão antiga, assume hoje outros contornos, sendo protagonizada por novos actores, como os jovens mais escolarizados. Mas, e também como acontecia no passado, em que os navios inundaram Lisboa, porto comercial, com gentes de todo o mundo, Portugal é também um porto de chegada de muitos." (2012, p.15)

Neste trecho temos ricas referências ao passado heroico de Portugal e às navegações. Dessa forma a construção da memória e da identidade portuguesa consegue valorizar o passado, sem mencionar a consequência das navegações que foram a conquista de outros territórios e a exploração da população que lá vivia. Além dessa questão, verificamos a atualidade da questão migratória portuguesa, fazendo dos os emigrantes de novo um tema atual,[44] motivado pela crise económica e a subida do desemprego. Como se diz na referida passagem: "sendo protagonizada por novos actores, como os jovens mais escolarizados".

[43] Como destacamos anteriormente, as migrações são realizadas muitas vezes por meio de redes de contactos entre os imigrantes que estão no estrangeiro e os que estão no país de nascimento. Por isso destacamos que a grande afluência de brasileiros na década de 2000 foi possível em grande parte por esses outros imigrantes que chegaram nas décadas de 1980 e 1990, nem sempre estudados nas obras sobre as migrações.

[44] Essa questão em Portugal é muito importante, as emigrações e imigrações são temas de grande importância no debate público, como destacamos na introdução, poderíamos privilegiar outros momentos como a missa dos imigrantes em 13 de agosto em Fátima. A Igreja Católica, devido ao grande fluxo de imigrantes portugueses, que retorna ao país no período das férias de verão europeu, realiza uma missa especial para este público, celebrando em 2015 foi celebrada a 43º *Semana Nacional das Migrações*.

Este alerta para a importância dos emigrantes e sua importância política e social não nega de modo algum os fatos. De acordo com a especialista em migrações Lucinda Fonseca "Os fluxos de entrada de imigrantes atingiram uma dimensão sem precedentes, verificando-se que, entre 1996 e 2006, o stock de estrangeiros documentados registou um aumento de 264.212 pessoas, ou seja, uma taxa de crescimento de 152,8%" (p.42). Muitos discursos de autoridades, políticos e jornalistas utilizam uma narrativa sobre as posturas dos portugueses em relação à receção dos imigrantes, baseada na obrigação de tratar bem os emigrados que chegam, tal como foram bem recebidos os emigrantes portugueses ao pelo mundo. Sobre a relação dos governos com a legislação do período a autora Sónia Pires, no seu capítulo "Imigração e governos constitucionais em Portugal" aponta o ano de 1993 como um ponto de viragem:

> "Serão promulgados vários diplomas normativos que, por um lado, parecem demonstrar interesse por parte do governo em integrar os imigrantes, e, por outro lado, parecem demonstrar um certa desconfiança e vontade de controlar o "outro". Há neste XII Governo Constitucional uma dupla abordagem: integração dos imigrantes com elevado grau de precarização e restrição às entradas" (Pires, 2012, p.104).

A proximidade com a assinatura do Tratado de Schengen levou o tema da imigração a ser abordado de outra forma, pelos governantes e também pelas associações de imigrantes, que se mobilizaram em torno desta questão. Gustavo Santos detalha este processo de maneira pormenorizada em seu texto: *Encontros, alianças e desencontros: partidos, associações de imigrantes e o Estado Português nos embates em torno da política para imigrantes.* (2006). De acordo com o autor houve uma grande mobilização que gerou o Secretariado Coordenador das Associações para a Legalização (SCAL), definido dessa forma:

> "Seu objetivo era dialogar com o governo português, defendendo os interesses dos imigrantes "lusófonos" em Portugal, no contexto de um processo de regularização extraordinária instituído para legalizar a situação de milhares de imigrantes ilegais em Portugal. Estando prestes a integrar o "espaço Schengen", o país passaria a subscrever uma série de políticas comuns – e deveras restritivas – no tocante ao controle de suas fronteiras internacionais, pelo que era necessário, em uma expressão bastante usada na época, "arrumar a casa" (2006, p.103).

O autor salienta que havia a necessidade de conseguir um acordo com o Governo antes de Portugal assinar o acordo de Schengen. Além disso, Gustavo Santos ainda considera que as associações que defendiam a "lusofonia" enquanto identidade cultural das ex-colónias e Portugal, se aproveitaram de um discurso preexistente, ressignificando algo que legitimava suas reivindicações. Para ele, houve um acordo com a Igreja Católica, por meio da Obra Católica Portuguesa das Migrações, e com o partido de oposição da época, o Partido

Socialista, especialmente nas figuras de Maria Celeste Correia, deputada suplente, e José Leitão, deputado (2006, p.119).

Sem entrar no mérito dos argumentos utilizados pelo autor, podemos considerar que o grupo "lusófono" inegavelmente teve mais privilégios que os outros grupos imigrantes em Portugal. Isso discutiremos posteriormente na segunda parte da tese, no capítulo seis, que aborda o *Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas* (*ACIME*). Criado no governo do Partido Socialista, em 1996, teve como seu primeiro Alto Comissário, José Leitão, e depois várias figuras ligadas à Igreja Católica Portuguesa. Gustavo Santos em nenhum momento trata estas questões em seu texto, ele foca-se muito no período do XIII e XIV Governos Constitucionais, silenciando os seguintes.

3.6 Imigrantes brasileiros altamente qualificados?

> "Nunca fui de comer pão com manteiga só, ou não ir ver a mãe por oito anos para guardar dinheiro, eu não! isso é uma opção." (João 49 anos, em Lisboa desde 1991)

O estado da arte sobre a imigração brasileira em Portugal construiu suas bases explicativas em torno da delimitação de duas vagas distintas em relação aos brasileiros que migraram para Portugal. Segundo essa tese, a primeira vaga seria entre 1986-1996, representada por imigrantes altamente qualificados da região sudeste, e a segunda fase seria de 1996 em diante, com imigrantes de baixa qualificação. Contudo, assim como utilizamos a reportagem dos *Cadernos do Terceiro Mundo* para questionar essa máxima nos estudos migratórios, novamente a leitura das fontes impressas nos permite pensar em outras questões.

Ao desenvolver a pesquisa sobre o caso dos "dentistas brasileiros", fiz leituras completas dos jornais portugueses nesse período. Destaco um artigo publicado no jornal *Público*, do dia 16 de dezembro de 1991, com o seguinte título: "Brasileiros «estagiam» na indústria do calçado. Do Nordeste para Aveiro por um punhado de dólares" (p.21). A matéria a seguir à introdução incluía fotos e relatos dos imigrantes brasileiros desta forma:

> "Brasileiros deixam o estado federal do Ceará para vir trabalhar na indústria do calçado do distrito de Aveiro, onde a oferta de emprego ainda supera a procura. Em regra trabalham em acabamentos – colagem, engraxamento, colocação de cordões – de sapatos mas também de noutras fases produtivas como a do corte e aplicação de couros e tecidos. De dois em dois anos, durante um mês de férias, matam a saudade do seu Nordeste. Quase sempre dispõem de um contrato de trabalho por prazo de quatro anos. Recebem

> simultaneamente no Brasil e em Portugal, 150 dólares. Alguns descontam para a Segurança Social. Das suas estadias resultam autênticos episódicos de telenovela…" (*Público*, de 16 de dezembro de 1991, p.21)

Esses operários da indústria do calçado não se encaixam nas descrições do consolidado estado da arte sobre os imigrantes brasileiros de 1986 até 1996. Não são altamente qualificados e também não são do sudeste do Brasil, mas estão inseridos claramente numa lógica transnacional de empresa e de recebimento do salário, pois auferem salário nos dois países, de acordo com o artigo. Facilitando o projeto migratório desses brasileiros que ainda mantêm seus laços com o país natal, seja pelo envio de dinheiro, seja pelas férias no país. Esses funcionários ainda viviam nos alojamentos das próprias empresas, pois só assim o projeto de viver na Europa podia funcionar. Eles recebiam pouco em relação ao custo de vida normal em Portugal, como explica a imigrante neste trecho sobre o mercado português: "«Deus me livre se tivesse de pagar renda, a vida de um assalariado aqui é muito pior», afirma Tância sobre o mercado português" (p.21). Outro trecho importante relacionado aos estereótipos e abusos contra a mulher brasileira, identifica-se nestes relatos de duas imigrantes:

> "É bem feita? Venha amanhã de mini-saia…" Maria Helena, 21 anos, natural de Sobral, no Estado federal de Ceará, no Nordeste brasileiro, não compareceu à entrevista destinada a preencher uma vaga numa "oficina de venda de carros" Ficava procurando emprego no jornal, mas a maioria das propostas era "mal intencionada", recorda, agora, quase a completar dois anos de permanência em Portugal. Esta brasileira estava prestes a entrar para a Universidade quando decidiu vir trabalhar para o nosso país, opção justificada pela "necessidade", pela "ansiedade de sair (…) para a Europa" Hoje, concluíram já que o "Eldorado" europeu não passou de uma miragem.
> "Não é estágio nenhum é só trabalho!", lamenta Tânia Lopes, 29 anos, que se despediu de uma fábrica de tecidos brasileira."

Maria Helena denunciou na entrevista a forma absurda como foi tratada ao procurar um emprego, mas o artigo do jornal silencia a situação, ao não comentar ou criticar esse acontecimento. Tânia Lopes também protesta contra o trabalho, dizendo que não é estágio local, onde supostamente a importância maior seria o aprendizado. Mesmo com essas denúncias, o jornalista ao introduzir esta matéria utiliza este trecho infeliz: "Das suas estadias resultam autênticos episódicos de telenovela" (p.21). Mais uma vez, o estereótipo da telenovela brasileira é associado aos imigrantes brasileiros, como uma forma de minimizar os problemas e de desconstruir as questões de excesso de trabalho, baixa remuneração e assédio moral.

Uma das principais mudanças no cotidiano da sociedade portuguesa foi o advento dos canais de Televisão privados. Depois de um longo processo de apresentação de propostas, no dia 6 de fevereiro de 1992 o primeiro-ministro Cavaco Silva aceitou as propostas de duas e

recusou uma. Foram aprovadas a Televisão Independente (TVI), controlada pela Igreja Católica[45], e a Sociedade Independente de Comunicação (SIC), controlada por Francisco Pinto Balsemão proprietário do grupo Impresa. A recusada foi a TV1, de Daniel Proença de Carvalho, presidente da Global Media Group. A primeira emissão de um canal privado em Portugal foi realizada pela SIC em 6 de outubro de 1992 e a estreia da TVI foi em 20 de fevereiro de 1993 (Filho, 2008, pp.53-54).

De acordo com Isabel Feltrin, em entrevista para o jornal eletrônico *Observador*, este período do início da televisão privada em Portugal foi muito explorado pelo sensacionalismo, nos noticiários e nos programas também:

> "Para a investigadora, as televisões privadas recém-nascidas SIC e TVI – que iniciaram as suas actividades, respectivamente em 1992 e 1993 –, encontraram nos gangs de jovens africanos uma agenda mediática de grande impacto público, principalmente durante a época de Verão: "A matéria prima imigração é óptima para chamar audiências e foi imediatamente explorada pela TVI e SIC, de uma forma como o serviço público nunca tinha feito: informação espectáculo, entrevistas e muitos testemunhos". Por exemplo, em 1994, a SIC estreava o programa Casos de Polícia, onde os temas de imigração fizeram muitas vezes parte do alinhamento."[46]

Essa escolha dos imigrantes enquanto representantes da violência alimentava e construía um estereótipo muito forte. Especialmente numa época em que este meio de comunicação tinha um grande alcance em relação à sociedade portuguesa, como aponta Rui Ramos: "Em 1994, um inquérito indicou que 96% dos lares tinham televisão. A programação de talk shows, noticiários, telenovelas, concursos e futebol, embora desprezada pela elite intelectual, proporcionou a uma grande parte da população acesso a informação externa aos seus meios sociais, com impacto nos comportamentos" (2009, p.770).

Como foi já dito, um dos produtos principais da indústria cultural brasileira foram as telenovelas, as quais apresentavam uma leitura sobre a sociedade brasileira e vendiam uma cultura para ser consumida. Com a criação de mais dois canais gratuitos, além da estatal RTP, houve um aumento das produções oriundas do Brasil nas televisões portuguesas.

Os três canais passaram a exibir telenovelas brasileiras em *prime time* e com isso houve um aumento dos estereótipos produzidos pelas emissoras de televisão bem como um consumo de músicas devido às trilhas sonoras das telenovelas brasileiras. Alguns estereótipos

[45] Em 1997 o grupo Media Capital comprou a parte da Igreja Católica na TVI (Filho, 2008, p.54).

[46] Disponível em http://observador.pt/especiais/alcindo-monteiro/ consultado em 14.01.2016.

enfrentados pelos imigrantes brasileiros em Portugal derivam, como referimos anteriormente, da imagem que as telenovelas transmitem enquanto produto da indústria cultural.

Portugal na década de 1990, com o advento de novos canais de televisão, tem novos tipos de informações circulando na sociedade, pois o fim do monopólio estatal de produção de audiovisual transformou a sociedade transversalmente. Neste capítulo fazemos referência à questão das telenovelas brasileiras, pois estas foram sempre citadas como exemplos de construções de imagens sobre os brasileiros e brasileiras em Portugal. Como foi o caso desses imigrantes que estavam trabalhando na indústria de calçados em Aveiro, que fogem dos imigrantes tipicamente retratados nos livros sobre a imigração. Afinal, não são altamente qualificados, são simples operários de um trabalho semianual muitas vezes, como o jornal *Público* retratou e que estavam em Portugal, trabalhando e disputando e negociando suas identidades.

3.7 O caso Alcindo Monteiro

Vamos tratar de um caso extremo de racismo, levado às últimas consequências, o que causou a morte de Alcindo Monteiro a 11 de junho, de 1995. Este terrível crime foi marcante na sociedade portuguesa, por expor, da pior maneira a falsa ideia de que não havia racismo em Portugal, mito propalado durante muito tempo por um discurso negacionista, dos meios de comunicação e governamental. João Marques, em sua tese de doutoramento em sociologia, *Du «non racisme» portugais aux deux racismes des portugais* (2004), desenvolveu a questão da seguinte forma:

> "O mito do «não racismo» dos portugueses, ainda que muito difundido pela população, não é mais do que isso mesmo: um mito. Um mito criado com propósitos políticos e simbólicos muito precisos: a manutenção da colonização portuguesa contra todas as pressões nacionais e, sobretudo, internacionais. Ao procurar justificar uma situação inegavelmente racista, este mito parece ter-se transformado numa «profecia que se cumpre a si própria», uma vez que acabou por condicionar a realidade social e cultural contemporânea" (p.48).

A morte de Alcindo Monteiro revelou o que não poderia mais ser negado: que havia, sim, racismo em Portugal, e até mesmo grupos racistas radicais e que era preciso agir contra essas iniciativas. Este tema afetou a vida dos imigrantes: afinal alguém havia sido morto por causa da sua cor de pele e por não ser aceite por outros. Contudo trata-se de um tema que não tem recebido a merecida atenção dos estudiosos.

O dia 10 de junho é um feriado nacional em Portugal, nomeado Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas desde 1978. Porém a história dessa celebração é muito mais antiga que esta data. Com a proclamação da república em 1910 os concelhos ganharam liberdade para criarem feriados e Lisboa escolheu celebrar a data de 10 de junho, data provável da morte do escritor Luís de Camões. Em 1933, regime ditadorial do Estado Novo transforma essa data em feriado nacional e ainda o renomeia para Dia de Portugal, de Camões e da Raça, fazendo referência à ideologia nacionalista reinante de que os portugueses seriam uma raça superior e, portanto, merecedora de ser celebrada nesse dia[47]. De acordo com a historiadora Conceição Meireles, em uma entrevista sobre este tema:

> "Que «raça» é comemorada a 10 de Junho?
>
> Quando se tenta exaltar o Dia da Raça, é a raça do povo português entendida de uma forma geral, «global». O que está em causa é a «originalidade» e «a capacidade dos portugueses», explica Conceição Meireles. «O Estado Novo sempre quis sublinhar a originalidade do povo português face aos outros povos europeus. Por alguma razão este pequeno povo tinha uma História de séculos; era dos Estados mais antigos da Europa e tinha um Império colonial que quase nenhum outro país europeu possuía». «Esta era a «raça do povo português que tinha de ser «exaltada a todo o custo», era a «raça no sentido do dia do povo português», explica a historiadora. O conceito de raça no Estado Novo deve ser entendido no sentido em que significa «um povo diferente, aparentemente frágil, mas com valores que lhe permitiram grandes realizações». No dia da Raça e de Camões «exaltava-se a nação e o império, a metrópole e as colónias», diz." [48]

Toda essa forte significação histórica envolvendo o dia 10 junho, não pode ser deixada de lado quando se aborda o assassinato de Alcindo Monteiro. Para os seus assassinos, na sua ideologia de *skinheads* nacionalistas, o dia 10 era repleto de significado e, por isso mesmo, foi escolhido para atacar aqueles que não representavam a "raça do povo português". O assassinato de Alcindo Monteiro foi a primeira morte comprovada por motivações raciais em Portugal, mas, naquele mesmo dia esse grupo espancou várias pessoas ao longo da madrugada.

Fábio Almeida, em sua tese de doutoramento em história *A direita radical no Portugal democrático: os rumos após a Revolução dos Cravos (1974-2012)*, realizou uma longa investigação sobre o que ocorreu com Alcindo Monteiro, utilizando os autos policiais e judiciários como fontes, além das matérias de jornais. E ainda aponta para outro assassinato

[47] Em 1963 a celebração passou a ser uma celebração às Forças Armadas Portuguesas numa exaltação da guerra colonial e do poder colonial. Disponível em: https://nisefa.wordpress.com/2008/06/09/sabia-que-10-de-junho/ , consultado em 02.11.2015.

[48] Disponível em: http://jpn.up.pt/2004/06/09/estado-novo-10-de-junho-e-dia-da-raca/ consultado 06.01.2016.

cometido pelos skinheads, na madrugada do dia 30 de outubro de 1989, do militante do Partido Social Revolucionário (PSR), José Carvalho[49]. Ele alerta para uma reportagem, publicada no *Diário de Notícias* em 19/06/1995, que chama a atenção para outros crimes cometidos que não conseguiram ser julgados por falta de identificação dos culpados, mas sobre os quais há grandes suspeitas de terem sidos cometidos por motivações raciais e por skinheads:

> "Outros casos de assassinatos com indícios de participação de skinheads ocorreram em Portugal nos anos seguinte, porém sem que os culpados fossem identificados. Em janeiro de 1992, um africano foi espancado e morto em Lisboa por três homens que proferiam frases racistas. Em fevereiro de 1993 um operário natural de Cabo Verde foi assassinado no Feijó, sendo que testemunhas viram "cabeças raspadas"(carecas) fugindo do local. Em 13 de junho de 1993, Geraldo Tavares, cidadão cabo-verdiano, foi assassinado por "desconhecidos" em Carnaxide." (Almeida 2014, p.208)[50]

Essa matéria produzida no jornal *Diário de Notícias*, está diretamente relacionada com a grande repercussão que este crime teve na sociedade portuguesa. A deputada Celeste Correia, do Partido Socialista, em uma entrevista ao jornal eletrónico *Observador*, sobre às iniciativas tomadas depois do assassinato de Alcindo Monteiro, diz:

> "[…] uma coisa me orgulhava muito era que as iniciativas legislativas que tinham a ver com integração de imigrantes passaram a ser apoiadas pelo leque da Assembleia da República. Eu costumo dizer pelos extremos uns por uma razão e outros por outra. Eu digo extremos, é o Bloco de Esquerda e o CDS. Por uma razão, o Bloco de Esquerda dizia sempre que estamos a perder a oportunidade de avançar ainda mais para a frente, o CDS às vezes dizia cuidado que estamos a avançar depressa de mais, mas passou a haver um consenso quanto às questões da imigração na Assembleia da República: lei da nacionalidade, regime jurídico contra a discriminação racial, lei das associações e por aí a fora." (Primeiro vídeo da matéria "A vítima perfeita", publicada em 09/06/2014)[51]

---

[49] O crime ocorreu na frente da sede do partido PSR, onde estava decorria um concerto de bandas e onde aproximadamente 18 *skinheads* tentaram entrar, mas foram impedidos. Após muita confusão entre os envolvidos, deu-se o esfaqueamento do militante do PSR José Carvalho. As informações sobre o acontecido contêm algumas imprecisões e/ou dúvidas sobre a quantidade de pessoas envolvidas e as bandas que estavam se apresentando, mas de concreto houve pela primeira vez uma condenação de um crime motivado pela extrema-direita em Portugal. A tese de Fábio Almeida e a matéria do jornal eletrónico *Observador* são as mais extensas sobre o assunto, mas apresentam diferentes versões para os acontecimentos, podendo ser conferidas em http://observador.pt/especiais/alcindo-monteiro/ e http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/114413/000953077.pdf?sequence=1. Consultados em 02.02.2016.

[50] Disponível em: http://www.dn.pt/especiais/interior.aspx?content_id=1006999&especial=Extrema%20Direita&seccao=SOCIEDAD consultado em 17.02.2016.

[51] Disponível em: http://observador.pt/especiais/alcindo-monteiro/ consultado em 18.02.2016.

Pelo depoimento de Celeste Correia podemos interpretar que, anteriormente ao acontecido, nem sempre a Assembleia da República conseguia consenso nas questões envolvendo o racismo e a imigração. Corroboramos a afirmação de que houve uma mobilização maior em relação a esses temas devido ao acontecido e propomos ainda que a criação do primeiro órgão estatal destinado ao apoio aos imigrantes e minorias étnicas, o Alto Comissariado para Imigração e Minorias Éticas (ACIME) em 1996, está inserido diretamente neste contexto.

O historiador e colunista do jornal *Público*, Rui Tavares, 11 anos depois desse crime destaca de maneira muito pontual e objetiva um erro grave cometido pela imprensa portuguesa em relação a Alcindo Monteiro ao tratar da sua nacionalidade ou origem:

> "É hábito da imprensa descrever Alcindo Monteiro como "cidadão cabo-verdiano". Isto é incorrecto. Alcindo Monteiro era cidadão português, por naturalização, com bilhete de identidade e até serviço militar feito nas Forças Armadas deste país. Outras vezes aparece descrito como "de origem cabo-verdiana", e fica insinuado que foi esta a motivação do assassinato de que foi vítima. Mas não foi por ser "de origem cabo-verdiana" que mataram Alcindo Monteiro: se ele fosse cabo-verdiano e branco não lhe teriam tocado. Alcindo Monteiro era português e foi assassinado por outros portugueses que não gostavam da cor da sua pele.
>
> Desde que Alcindo Monteiro foi assassinado que a imprensa não consegue acertar num facto simples como este. Quando se esconde a motivação do crime por detrás de eufemismos como "origem cabo-verdiana" ou "cidadão cabo-verdiano", não só a informação vai errada, como se está a espoliar uma vítima da nacionalidade que ganhou com trabalho e esforço. É uma reviravolta com tons de injustiça. Cheguei a ver um artigo em que Alcindo Monteiro era descrito como "cidadão cabo-verdiano" ser ilustrado pela foto de um dos seus documentos, onde se lia: "República Portuguesa - Bilhete de Identidade de Cidadão Nacional", ou seja, Alcindo Monteiro era tão português como, provavelmente, o jornalista que escrevia o artigo e que nem com o documento à frente dos olhos conseguia vencer a força do preconceito - se tem a pele escura - se tem sotaque -, então não pode ser bem português" (*Público*, "O que há numa data", 10, junho de 2006).

As escolhas na maneira de retratar um assunto na imprensa não são desprovidas de significado, o caso descrito por Rui Tavares é exemplar nesta questão, pois quando o jornalista altera ou cria eufemismos para noticiar informação, ele quer desviar a real motivação do caso[52]. Este exemplo utilizado na coluna de opinião de Rui Tavares demonstra mais uma vez que a não ausência do racismo em Portugal é um mito. A morte de Alcindo Monteiro foi marcante para a sociedade portuguesa, como pudemos demonstrar, e ajudou nas denúncias contra o racismo e na mobilização em favor das políticas de integração dos

[52] Foram muitos os meios de comunicação que utilizaram essa linguagem e qualquer consulta nos motores de busca na internet, comprovam tal argumentação.

imigrantes em Portugal. O número de imigrantes aumentou muito com a proximidade da EXPO98, evento que demandou muita mão de obra para a remodelação e construção de uma série de obras.

3.8 EXPO 98

Em relação às transformações ocorridas em Portugal, a Exposição Mundial de 1998 (EXPO 98) marcou muito a mentalidade dos portugueses como um momento de grande viragem histórica para a modernidade. Uma área degradada da cidade foi inteiramente remodelada para albergar o evento, uma arquitetura nova revolucionou a noção de belo entre os habitantes da cidade. Entretanto nem todos viveram e perceberam esse momento da mesma forma, como descreveu muito bem a antropóloga brasileira Clara Mafra na introdução do seu livro *Na posse da palavra - religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais:*

> "É opinião compartilhada entre os taxistas de Lisboa que Portugal mudou muito nos últimos dez anos. Uma Lisboa com obras por todos os lados, com desvios a cada nova instalação, uma cidade em polvorosa em função de uma Expo 98. Mas para o visitante das Américas – especialmente do sul do equador, crescido a sul dos «tristes trópicos», acostumados à renovação constante das fachadas das cidades e à formação de ruínas pelo passar de apenas uma década – a informação do taxista parecia inconsistente. Os casarios oitocentistas estendidos ao longo de ruelas intermináveis com os seus varais expostos ao vento, as praças com bancos de pedras e um movimento discreto, nalgum dos seus cantos, de um grupo de idosos, alguns vestidos de negro, os azulejos nas fontes e praças descrevendo os pontos altos do lugar e as suas atividades artesãs, eram alguns dos elementos que iam somando para agravar a sensação de que o passado estava bem vivo por ali" (Mafra, 2002 p.73).

Este relato da autora se contrapõe ao discurso do progresso e da valorização da mudança e, além disso, destacamos que essa perceção de uma autora brasileira sobre este acontecimento deve ter sido a mesma que muitos brasileiros tiveram ao chegar nesse período em Portugal. Muitos brasileiros nunca tinham estado no país antes de se tornarem imigrantes, por isso para eles, essa transformação pela qual Lisboa passou, não foi tão grande, como para um morador da cidade.

Mas não há dúvidas de que a EXPO alterou totalmente a vida da população de Lisboa de várias formas, quer pelas obras realizadas no local, quer durante o evento, que gerou grande adesão dos portugueses (Ramos, 2009). Finda a exposição as construções foram absorvidas e a cidade de Lisboa ganhou vários novos espaços, entre eles um novo centro de

convenções, um oceanário, uma sala de espetáculos, escritórios comerciais, novos restaurantes, parques, entre outros.

Outras mudanças decorrentes do evento foram a construção da nova ponte sobre o Tejo, chamada Vasco da Gama e o centro comercial com o mesmo nome, muito próximos do local da EXPO98. Aproveitando a data, outro centro comercial foi construído em Lisboa, próximo ao estádio do Benfica, chamado de Colombo, ambos foram e ainda são marcos arquitetónicos e espaços de sociabilidade dos lisboetas. Estes locais de consumo fazem também parte da sociabilidade dos imigrantes, mesmo aqueles que estão envolvidos em projetos migratórios sobretudo envolvendo a acumulação de dinheiro.

> "Lazer? Ah lazer era quando a gente tinha folga, ai gente ia pro Colombo e ai gastava, gastava… Olha pra falar bem a verdade eu já não tava gostando muito daquela história... por que o lazer tem custo sabe? É verdade a gente fazer compra, ir no cinema, passear é custo, imagina ir todo final de semana no Colombo ou no Vasco da Gama é gasto, sempre é gasto. Por que aqui se você não tá ganhando, você tá gastando... mas se não for lá é chato também… "

O imigrante brasileiro em Portugal, e também em outros países, tem acesso a uma série de possibilidades de comprar roupas e aparelhos eletrónicos que não teria se estivesse no Brasil. Marcelo, um imigrante brasileiro que chegou em 2001 em Portugal, diz: “Cara aqui com um salário mínimo de 480 euros eu consigo comprar um Nike de 50 euros, no Brasil com o salário de 600 reais eu não consigo comprar o mesmo tênis”. Como argumentam Junior e Dias sobre o contexto dos imigrantes brasileiros em Londres:

> "Os indivíduos são expostos e seduzidos pelos benefícios do consumo moderno, mas, ao mesmo tempo, são-lhes negados os meios económicos para atingir tais níveis de consumo. Assim, a migração aparecia para alguns como uma das saídas encontradas para conseguir capital fora e obter um padrão de consumo quando retornassem. De certa forma, essa perspetiva aproxima-se, inicialmente, do caso de brasileiros que encontraram na migração para Londres um meio de atingir determinadas expectativas de consumo na sociedade de origem, que dificilmente conseguiriam apenas trabalhando no Brasil, dada a sua situação económica. Quando ouvimos as histórias daqueles que migraram para Londres nos anos 2000, com o intuito inicial de trabalhar, acumular capital económico e retornar ao país de origem, vários casos se assemelham aos dos estudos sobre redes sociais e migração: alguns pioneiros migraram no período de crise e depois retornaram ao país de origem com muito dinheiro e consumindo produtos que demonstravam o seu sucesso no exterior" (Junior e Dias, 2013, p.818).

Esse consumo para muitos desses imigrantes brasileiros no exterior gera um enorme empoderamento. Vários desses sujeitos não conseguiriam comprar esses objetos se estivessem vivendo no Brasil, pela grande concentração de riqueza e valorização excessiva de alguns bens de consumo, como equipamentos eletrónicos e algumas marcas de roupas. Estas

possibilidades de posse agem na mentalidade dos imigrantes gerando uma sensação de vitória por conseguir adquirir esses bens, e também como os autores declaram no final do trecho, quando esses imigrantes exibem esses bens no Brasil eles se afirmam em suas comunidades como vencedores.

Outra questão em relação à EXPO98 foi que ao celebrar as grandes navegações e os feitos dos portugueses, despertou uma difícil questão: a conciliação entre o passado colonial e as suas consequências para os povos colonizados. Como celebrar algo que deixou como rescaldo milhares de mortes e escravidão? As celebrações e rememorações são extremamente complexas e cheias de contradições como destacam tantos autores (Hobsbawn e Ranger, 1984, Chauí, 2000, Le Goff, 2013). A memória na nossa sociedade não é algo neutro, muito pelo contrário, a memória é utilizada para justificar uma série de ações no presente, com discursos e leituras sobre o passado.

Nenhum historiador comprometido com a verdade pode negligenciar, ao abordar a EXPO98, a outra grande exposição que o país promoveu antes dessa, em 1940. Foi um dos maiores atos de propaganda do império colonial português, a chamada a Exposição do Mundo Português, que alterou toda a arquitetura em volta do Tejo à frente do Mosteiro dos Jerónimos e que pretendia exaltar a colonização portuguesa e o Estado Novo. Rui Ramos abordou essa relação entre os dois eventos:

> "A Exposição Internacional de 1998 em Lisboa, coincidindo com o quito centenário da viagem de Vasco da Gama à Índia por via marítima (1948), foi o contraponto democrático à Exposição ao Mundo Português de 1940, que assinalara o Duplo Centenário da formação da nacionalidade (1140) e da Restauração (1640). Uma Lisboa Ocidental, através de construções precárias perto do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém, a outro em Lisboa Oriental, urbanizando a antiga área industrial, ambas foram a montra do país a que as elites governantes aspiravam: o império do Minho a Timor, voltando sobre sua própria História, existindo como um mundo à parte num planeta em guerra – ou o actor moderno de um espaço global, de comunicação e de intercâmbio, que acolhe todas as culturas e se tenta projectar sobre elas. Entre um momento e o outro, manteve-se a ligação ao passado dos Descobrimentos, desta vez, porém reimaginados como «encontro de culturas» através dos oceanos, sem menção de guerreiros e missionários" (p.774).

Neste trecho, Ramos elabora as motivações dos dois momentos com grande perspicácia, no entanto em nenhum momento critica essa reconstrução histórica que criou um "encontro de culturas", apenas descreve o momento. Este momento abordado pelo autor ressalta a ideia que em Portugal, como em qualquer sociedade contemporânea, existem

batalhas sobre memórias e discursos históricos.[53] Como destaca Quintas em *Para as ciências da memória*, o esquecimento não se afirmava necessariamente como uma ausência, mas antes como algo que se traduzia por um encobrimento. O que esquecemos é antes o que ocultamos ou encobrimos dos outros e sobretudo, de nós próprios (2000, p.66). O esquecimento não é natural, é um processo semelhante ao da lembrança, onde existe um diálogo com um passado, mas este é intermediado pelo presente.

Para a maioria dos imigrantes que chegavam a Portugal nesse período, brasileiros e africanos falantes da língua portuguesa, o seu passado foi ter sido colonizado pelos portugueses. Ou seja, não entrando na questão delicada e de difícil medição da coincidência proposital, ou não para estes dois processos, foi inegável que a publicidade estatal e privada sobre esse tema do império colonial influenciou a população que recebeu esses imigrantes na década de 1990. Vários autores abordam a questão de como Portugal precisou repensar sua identidade enquanto nação ao perder o seu império, uma vez que durante muitos anos o discurso oficial privilegiava a singularidade do povo português. Essas versões imperialistas de grandiosidade e importância de Portugal em relação aos outros, continua na mentalidade de vários governantes e provavelmente na mentalidade de vários segmentos da sociedade. O presidente da república Aníbal Cavaco Silva se empenhou no seu último governo em defender um novo mapa para Portugal, onde se incluiria a costa marítima que, devido a uma série de ilhas e arquipélagos, criaria um espaço contínuo de 3.800.000 quilómetros[54]. Com esta configuração, o antigo *slogan* do Estado Novo "Portugal, não é um país pequeno" continua presente.

[53] O historiador António Costa Pinto em seu texto: *Ajustando contas com o passado na transição para a democracia em Portugal*. Exemplifica duas operações realizadas na história recente: "Os sucessivos presidentes da República concederam aos antigos militares oposicionistas a Ordem da Liberdade, ou reintegraram, a título póstumo, vítimas da ditadura. Um exemplo disto foi o general Humberto Delgado, cujas honras militares seriam postumamente reconfirmadas. Os nomes de importantes individualidades oposicionistas, republicanos, socialistas e comunistas seriam introduzidos na toponímia e o nome de Salazar apagado de monumentos e praças, nomeadamente na primeira ponte sobre o Tejo (Pinto, 2004, p.106). Existem algumas pessoas (de mais idade) em Lisboa que não utilizam o nome Ponte 25 de Abril, utilizando ainda o antigo nome de Ponte Salazar ou ponte sobre o Tejo, essa escolha não é inocente ou sem significado. Pelo contrário, ela representa uma postura política por defender uma memória que foi apagada e recriada. Existe em Portugal uma batalha sobre a memória deste período do Estado Novo muito grande em vários setores.

[54] "Mapa onde se mostra que 97% de Portugal é mar chega hoje às escolas. Novos territórios marítimos estão na proposta - entregue nas Nações Unidas em 2009 - de extensão da plataforma continental portuguesa para lá das 200 milhas." Disponível em http://www.publico.pt/ciencia/noticia/mapa-que-mostra-que-97-de-portugal-e-mar-chega-as-escolas-1630635 consultado em 29.12.2015.

3.9 **Alargando o tema – Década de 1990 –** ***Sabiá***

Para abordar melhor a relação dos imigrantes brasileiros com a sociedade portuguesa, escolhemos alguns conteúdos do jornal *Sabiá,* produzido pela associação imigrante Casa do Brasil de Lisboa, durante a década de 1990. A associação e o jornal serão objeto d uma investigação mais detalhada na segunda parte da tese. No entanto julgamos ser importante, ainda neste capítulo, utilizar algumas informações para alargar o tema da interação dos imigrantes brasileiros que viveram a década de 1990 em Lisboa. Por essa razão, selecionamos questões relacionadas com o espaço e os imigrantes brasileiros, para aumentar as possibilidades de análises, a partir desse tema durante o período determinado. Por meio de partes diferentes do jornal podemos problematizar estas questões.

A História enquanto disciplina tem dado pouca atenção a essas relações entre os lugares e as sociabilidades, como foi referido, todavia, novos estudos têm abordado mais seriamente estas questões. Leituras realizadas por outras ciências têm despertado novas interpretações como no caso do livro *A Invenção do Cotidiano,* de Michel de Certeau. Utilizado por muitos antropólogos e geógrafos para tratar as questões do espaço, destacamos aqui um trecho rico dessa obra sobre o assunto:

> "Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. "Gosto muito de estar aqui" é uma prática do espaço este bem-estar tranquilo sobre a linguagem onde se traça um instante como um clarão" (Certeau pp.189-190).

Os lugares e os sentimentos, como afirmou Certau, fazem parte da vida cotidiana dos seres humanos, independentemente de quaisquer condições em que eles se encontram, sejam escravos, como no seu estudo, ou imigrantes. Cada indivíduo traz, dentro de si, as mais variadas referências e histórias que tornam um local agradável ou desagradável. Por exemplo, na banda desenhada ao lado do personagem Juca Brasuca[55]:

Figura 2 Jornal *Sabiá* número 18, dezembro/janeiro 1993/1994, p.8

[55] Na década de 1990 houve uma banda desenhada, publicada no jornal associativo da CBL, chamada *Juca Brasuca* que será apresentada e analisada com mais detalhes no segundo capítulo. Entretanto, devido ao tema das relações entre os imigrantes e o espaço em que ele está inserido, vamos analisar algumas de suas histórias.

Vemos o personagem se relacionando com a sua memória afetiva despertando nele o sentimento de saudade ao flanar pela Área Metropolitana de Lisboa. A calçada de ladrilho em calcário branco e preto e a casa são associadas a Ouro-Preto, em Minas Gerais, cidade com herança colonial portuguesa que mantém a mesma arquitetura da época da mineração. No quadro seguinte o personagem está em frente ao Cristo-Rei em Almada e lembra-se do Cristo Cordovado no Rio de Janeiro.

Na último quadro Juca diz "Rio-Niterói", fazendo referência à ponte que liga as cidades do Rio de Janeiro e Niterói, comparando-a com a ponte 25 de Abril que liga as cidades de Lisboa e Almada. Esta relação estabelecida entre o personagem Juca Brasuca e a arquitetura ao redor é um tipo de estratégia para lidar com a estranheza do novo lugar, buscando na memória afetiva ligações ou pontes com um passado confortável. A história acima reflete este aspeto, pois de alguma forma esses locais lhe traziam saudade. Em relação ao prazer relacionado com o lazer vamos analisar outra história do Juca Brasuca publicada em junho de 1992.

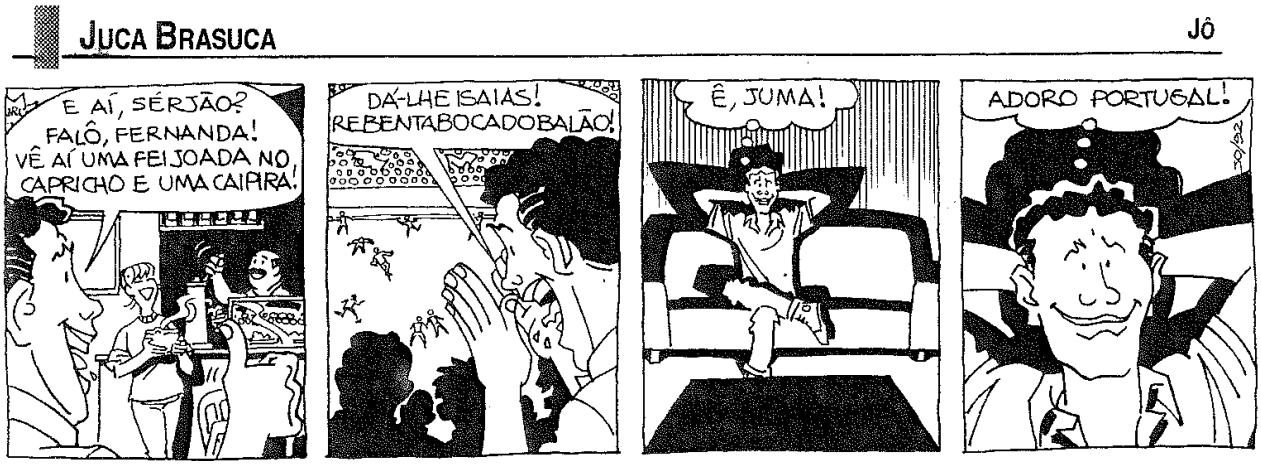


Figura 3 Jornal *Sabiá* número 2, junho de 1992, p.8

Nos dois primeiros quadros dessa banda desenhada apresentam-se momentos de interação do personagem com a sociedade ao seu redor, se alimentando e depois num estádio de futebol. No terceiro quadro ele se encontra em sua vida privada, vendo uma novela, *Pantanal*, cuja a personagem principal se chamava *Juma*, produzida pela rede de televisão brasileira Manchete. No final da história, a satisfação do personagem ao dizer "Adoro Portugal" poderia contrastar com as atividades ligadas ao Brasil que ele realizou durante a história.

Como foi mencionado na introdução, devemos analisar as fontes históricas sem distinção, um texto não é melhor do que uma foto, ambos são registros históricos produzidos por seres humanos. Além do humor na situação de fazer “coisas brasileiras” em Portugal e gostar disso, podemos interpretar esta banda desenhada como um diálogo do autor com os imigrantes brasileiros que liam o jornal, dizendo-lhes que existem opções para manter os laços com o Brasil e assim gostar mais de estar em Portugal ou de que existem muitas semelhanças os dois países.

Porém propomos pensar que estas foram estratégias desenvolvidas pelo imigrante brasileiro Juca para se relacionar com Portugal de uma maneira que lhe proporcionasse prazer[56]. Ele não teve que abrir mão de antigos padrões, da sociabilidade, da alimentação e lazer, por estar fora do Brasil. A criação dessas estratégias de adaptação ao lugar imigrado são importantes formas de conseguir vencer a solidão existente na vida de alguém novo naquele território.

Ainda utilizando o jornal da associação Casa do Brasil de Lisboa, mencionamos uma coluna chamada *Pé na Estrada* no *Sabiá*, que abordava lugares turísticos a serem visitados por brasileiros, mas também em relação aos costumes e a sexualidade, como podemos notar no trecho selecionado:

> "Vem aí o verão. Finalmente. Um conforto para os milhares de brasileiros que tão dificilmente se adaptam às situações climatéricas das terras de Cabral e Camões. O inverno nem é tão rigoroso assim, mas é longo. Aos primeiros raios de Sol da primavera se nota uma sensação de alívio na galera. Fica todo mundo louquinho pra ir pra praia ver a moçada de topless. E o pior é que nenhum português acredita que no Brasil não tem topless" (*Sabiá*, maio de 1992, p.4).

Antes de convidar o leitor para um passeio nas praias alentejanas, o autor destaca duas questões em que a sociedade portuguesa em geral não se imagina tão diferente em relação ao Brasil. Primeiro, a dificuldade dos imigrantes brasileiros em se adaptar ao longo inverno português contrariamente ao que acontece nas suas terras de origem. Além disso, existe uma crítica do autor sobre outro assunto ligado ao clima e à maneira de agir: a prática do *topless* no Brasil é crime. A legislação brasileira tipificava tal ato como atentado violento ao pudor[57],

[56] Isaías era um futebolista brasileiro que se destacou por grandes atuações pelo Sporting Lisboa Benfica, participando em 178 jogos e fazendo 71 golos entre os anos de 1990 e 1995.
[57] O código penal brasileiro de 1940, que esteve em vigor ate 2009, define "Ato obsceno" - Art. 233 - Praticar ato obsceno em lugar público, ou aberto ou exposto ao público: Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa.

mas existe o senso comum de que os brasileiros têm uma sexualidade mais latente do que os portugueses.

Esta herança colonial presente na mentalidade portuguesa sobre a sexualidade dos povos colonizados hipersexualizados é um estereótipo. O *topless* ajuda a desconstruir estas afirmações de que o colonizado é naturalmente mais sensual que o colonizador, o qual seria mais puritano e moralista. Nestes pequenos exemplos podemos perceber a complexidade dessas imagens e de como existem várias ações que desconstroem esses estereótipos.

Outro texto da coluna *Pé Na Estrada* retrata o sentimento de tentar estabelecer conexões entre a paisagem portuguesa e a deixada no Brasil. Aloizio Filho convidou o leitor para uma visita ao Parque Nacional do Gerês, justificando como aquele lugar poderia estar em uma montanha de Minas Gerais[58]:

> "Pela fotografia eu já podia imaginar que uma cachoeira assim tão bela, digna de enfeitar qualquer montanha de Minas Gerais, tinha de estar localizada num lugar muito especial. Assim, como um mineiro saudoso tentando reviver felizes emoções do seu passado, encontrei um dos recantos mais bonitos do país: a serra do Gerês, bem no alto de Portugal, na divisa com a Galiza" (*Sabiá*, nº 2, junho, de 1992, p.6).

Ao estabelecer a visita à cachoeira do Parque do Gerês, com a possibilidade de reviver as emoções do passado, o autor reafirma a questão discutida em relação ao Juca e à paisagem, de que existe na composição da memória e do ato de lembrar a questão do espaço onde o imigrante se encontra e daí as tentativas de estabelecer relações entre as paisagens portuguesas e brasileiras

O *Sabiá* criou um *box* no final da sua edição para divulgar lugares a visitar em Lisboa, chamou tal secção de: “Dando um rolê” (passeando, “dando uma volta”). Ele funcionou por apenas cinco edições seguidas. Apesar da sua brevidade, se levarmos em conta outras secções que tiveram mais de 30 ou 40 edições, chamamos atenção para esta parte do jornal, para a dimensão espacial desta lista de lugares onde o imigrante brasileiro deveria dar um rolê: dentro desta lista estão restaurantes, bares, danceterias, galerias de arte e ginásios onde praticar capoeira. Existe uma relação direta entre esses nomes e os anunciantes no jornal *Sabiá*, deixando transparecer que até a sua linha editorial, por vezes, cedeu espaço a angariar fundos para a produção do jornal.

[58] Na geografia brasileira não existe nenhuma montanha e sim apenas algumas serras, mas no senso comum brasileiro é muito comum atribuir a qualquer lugar alto a denominação de montanha.

Mesmo que essas sugestões tenham sido motivadas em troca de pagamentos de alguma quantia de dinheiro, aqui destaca-se a questão de que essas atividades comerciais, como restaurantes, bares, danceterias, buscaram ou aceitaram vincular sua imagem com a comunidade de imigrantes brasileiros em Portugal. A maioria dos anúncios tem atividade em Lisboa, mas existe também outros lugares para além da capital do país. Por exemplo, Cascais aparece em segundo lugar no número de locais para se dar um rolê.

O jornal *Sabiá*, ao colocar essas informações, possibilitava ser uma ponte entre os imigrantes brasileiros em Portugal, ao disponibilizar locais de sociabilidade que poderiam ser compartilhados. Este exemplo de serviço ou informação no jornal da CBL, permite questionar os autores que o classificam apenas como um jornal político ou engajado na luta por direitos dos imigrantes brasileiros. Do mesmo modo, como a comunidade de imigrantes brasileiros em Portugal é diversificada, o mesmo acontece em relação à produção do *Sabiá* e também das atividades da CBL, como iremos explorar na segunda parte da tese. O espaço e o imigrante são dois temas que podem ser explorados de diversas formas, como foi demonstrado. Aliás, existem dimensões pouco trabalhadas como a questão da saudade e da construção de novos locais que tenham significado para esses imigrantes que devido ao seu deslocamento se encontram em uma situação latente de busca por novas relações.

3.10 Década de 2000 - Portugal década perdida

> "A gente vive em função do trabalho" (Daniela, 37 anos, em Lisboa desde 2002)
>
> "Hoje é fácil concordar que Portugal é um país plural, por se ter tornado destino de migrações. Menos aceite é a ideia de que os portugueses, ou pelo menos alguns portugueses, são, eles próprios feitos de pluralidade e de mudança." (Carvalheiro, 2008. p.13)

A década de 2000 para Portugal foi muito diferente das outras duas décadas anteriores, por vários motivos que buscaremos compreender. Como exemplo deste período, escolhemos o prefácio do livro *A imigração ucraniana para Portugal*, de Maria Mendes. O professor da Universidade de Lisboa, Jorge Malheiros, o maior especialista em imigrações para Portugal, descreve nesse prefácio um sentimento da população em relação ao desenvolvimento e à relação da sociedade portuguesa com as questões da imigração e a emigração:

> "Em Portugal, o período de transição do milénio foi alegre – o país afirmava-se no exterior através de grandes realizações internacionais (EXPO98, Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Campeonato Europeu de Futebol de 2004), a economia avançava a um ritimo bom, o desemprego atingia mínimos históricos no período

> democrático e as grandes obras (auto-estradas, pontes, megabarragens) pareciam evidenciar o salto de modernidade e desenvolvimento (…) Afirmação internacional, modernidade e crescimento económico significavam, então, um país novo; tão novo que deixara a sua matriz «estrutural» emigratória, sinónima de atraso e de pouco desenvolvimento, como afirmavam responsáveis políticos, e passara a receber «muitas e desvairadas gentes», sobretudo provenientes do Brasil e da Europa do Leste" (Mendes, 2010. p19).

Primeiro, destacamos a utilização do adjetivo "alegre" pelo autor, ou seja, de alguma maneira os anos anteriores eram tristes ou pelo menos não eram felizes. Esse estado de contentamento foi atribuído pelo autor ao sentimento de afirmação do país no exterior. Crescimento económico e modernidade significavam um novo país. Na transição da década de 1980 para a de 1990 houve um grande crescimento económico a ponto de especialistas lhe chamarem a época de ouro, porém não foi acompanhada dessas outras transformações e talvez por isso não houvesse o mesmo tipo de sentimento como este que evoca Malheiros.

Além dessas questões, outro trecho muito significativo em relação à sociedade portuguesa, foi a valorização da mudança de estatuto no quesito emigração/imigração que é um fator importante para o discurso público nesta sociedade. Alguns políticos defendem esta nova fase como sinónimo de sucesso para o país. No Brasil, por outro lado, as relações dos imigrantes e emigrantes têm outra conotação totalmente diferente, para começar, pela semanticamente pois emigração não é um termo muito usual. Esta diferenciação entre (i) ou (e)migrante, não é utilizada na sociedade brasileira nem mesmo na academia. A grande maioria dos livros citados por exemplo, trata os brasileiros fora do país como imigrantes.

No Brasil, principalmente ao longo do século XX, houve uma série de construções de imagens e estereótipos envolvendo as mais diversas vagas de imigração estrangeiras, tentando valorizar a imagem do imigrante, como um fator de dinamização e qualificação, na sociedade brasileira[59]. Na sociedade portuguesa, com uma longa tradição de emigrados, houve sempre uma relação de comparação entre como os emigrados portugueses foram recebidos e como os portugueses recebiam emigrantes de outros países. O XV Governo Constitucional português

[59] Dias aborda esta questão como sendo o "mito do imigrante". Para o autor ao longo do século XX houve uma longa disputa na sociedade brasileira para valorizar a figura do imigrante como alguém que contribuiu para o desenvolvimento do Brasil e também como uma população vitoriosa, pois venceu suas dificuldades iniciais de imigrante sem dinheiro, para hoje ocupar lugar de destaque na sociedade brasileira (2014, p.79). Existe ainda uma relação complexa entre os imigrantes que chegaram ao Brasil e os imigrantes internos que durante muito tempo foram chamados por outras denominações, uma vez que existe no Brasil uma valorização do estatuto de imigrante enquanto sinónimo de vencedor, este estatuto foi fruto de uma série de lutas e debates estabelecidos pelas mais diversas comunidades estrangeiras residentes no Brasil desde o começo do século XX, com múltiplas estratégias e resultados, que até aos dias atuais ainda estão em jogo no debate sobre a identidade nacional brasileira hegemónica (Fausto, 1999, p.12).

vai utilizar muito esse discurso e esse termo de comparação em relação à imigração, especialmente na revista *Boletim Informativo* que vai ser explorada no sexto capítulo.

Nos anos de 2001 até 2007 Portugal experimentou um período de diminuição no número de emigrantes e presenciou uma forte entrada de imigrantes de outras nacionalidades, não falantes do português. Por mais que as migrações brasileiras e cabo-verdianas já existissem em grande número, o grande fascínio da sociedade portuguesa vai ser a chegada dos imigrantes do Leste europeu em grande número, atestando de vez a mudança na sociedade portuguesa.

Houve durante esse período uma sensação de grandes vitórias e alegrias envolvendo as consolidação das transformações de Portugal como parte integrante da União Europeia. Vamos explorar dois temas principais neste texto, a realização do Campeonato Europeu de Futebol de 2004, e o caso do falso "Arrastão de Carcavelos" como dois acontecimentos que permitem abordar a sociedade portuguesa e sua relação com os imigrantes em geral.

3.11 Euro 2004: as bandeiras na janela

> "A gente gosta da seleção, os portugueses não, eles gostam do Benfíca, do Sporting. Mas cara, o Felipão mudou tudo isso, foi muita bandeira nas janelas e tal. Mas não é como a gente, não teve rua pintada e nada dessas coisas, mas foi uma festa e em junho fez um tempo espetacular, me lembro até hoje fez 31 graus, foi maravilhoso, muito turista, muita gente, pro país também foi bom." (João, 49 anos, vive em Lisboa desde 1991)

Outro grande acontecimento de repercussão internacional que marcou Portugal enquanto país de pungência económica, devido às inúmeras construções e reformas pelas quais o país teve que passar para receber, foi o Campeonato Europeu de Futebol, organizado pela União das Associações Europeias de Futebol (UEFA), em 2004. A UEFA exigiu uma modernização dos estádios portugueses para receberem o evento, ao todo foram remodeladas ou construídas de raiz 10 novas arenas desportivas, que exigiram muita mão de obra. Muita dessa mão de obra utilizada nessas construções foi imigrante.

Para os imigrantes brasileiros, além da movimentação de oferta de emprego e da economia ativa por causa do evento, houve durante a preparação e depois nos jogos da seleção portuguesa outro fator marcante. Desde o início de 2003 o comando da seleção portuguesa pertencia a Luís Felipe Scolari, o então último técnico da seleção brasileira

campeã do mundo, no Mundial do Japão e da Coreia do Sul, em 2002. Outro caso que marcou a comunidade dos imigrantes brasileiros foi o jogo amigável entre Brasil e Portugal disputado no Estádio da Antas no dia 29 de março de 2003.

O jogador brasileiro Deco, depois de seis anos jogando no campeonato português, obteve a dupla cidadania e foi selecionado por Scolari para o jogo contra o Brasil. A imprensa e um grupo de jogadores da seleção portuguesa protestaram; Rui Costa, titular e capitão da equipe, disse que era contra e Luís Figo, estrela do badalado clube Barcelona, ainda disse: "Os hinos não se aprendem, sentem-se"[60]. Apesar das críticas, Deco foi convocado estreou contra o Brasil e fez, de livre direto, o golo decisivo do confronto em que Portugal venceu por 2 a 1.

Nos jornais do dia seguinte as manchetes incluíam títulos como "O patriota Deco" em *O Jogo* de 30 de março de 2003; em "É nosso" em *A Bola* de 30 de março de 2003; "O criador derrotou a criação", no *Público* de 30 de março de 2003. Esse clima de euforia foi um retrato do que aconteceu também com os adeptos que aproveitaram o momento para troçar dos imigrantes brasileiros em Portugal. De acordo com o meu entrevistado Daniel, que na época tinha 18 anos:

> "- Cara é um dos dias mais amargos da minha vida pra mim… que eu nunca esqueço foi quando o Deco… aquele filho da puta marcou um gol no Brasil, você lembra desse dia?
>
> - Sim eu lembro de falta, no segundo tempo, tava na faculdade.
>
> - Isso, eu tava trabalhando no bar Taz, o que eu ouvi nesse dia, por causa dele. - Que meu era naturalizado português, mas ele falava Porrrta (com uma entonação forte na letra R imitando um sotaque característico do interior do Estado de São Paulo) e marcando gol no Brasil é um sentimento muito ruim."

O entrevistado deixa claro como aquele jogo amigável foi marcante e a sua revolta com a naturalização de Deco, mesmo este ainda tendo características brasileiras que na sua conceção não poderiam permitir que ele jogasse pela seleção portuguesa[61]. O jornal *Sabiá* de abril de 2003 também retratou esse momento da polémica naturalização e convocação do jogador com o seguinte título e destaque: *Deco, português de São Paulo: Golo de Deco pôs fim à polémica que dividia o país, reconciliou torcidas e firmou a convicção de que o*

[60] Disponível em http://juponline.pt/2014/06/deco-o-canarinho-lusitano/ consultado em 08.01.2016.

[61] No entanto Daniel, seus pais e sua irmã também já eram naturalizados portugueses e vivam legalmente em Portugal assim como Deco, sobre essas condições, mas essa questão não foi levantada por ele em nenhum momento.

alinhamento português deve ser o do Atlântico Sul. Após a explicação sobre o jogo, o jornal da associação de imigrantes brasileiros aborda o outro lado da questão:

> "Apesar de não ter completado seis anos de residência em Portugal, e de os processos de naturalização demorarem uma eternidade, Deco obteve cidadania portuguesa num abrir e fechar de olhos. A FPF deu um jeitinho, convencendo o Governo que a naturalização deste imigrante era do interesse nacional, e Deco vestiu a camisa 20 da seleção portuguesa. O processo foi polémico, tendo desencadeado acesa discussão pública e revelando profundas contradições existentes na sociedade portuguesa.
> A primeira constatação é a forma como o poder trata os cidadãos consoante o seu estatuto: enquanto a esmagadora maioria dos imigrantes desespera pela obtenção de um documento, Deco conseguiu naturalizar-se quase de um dia para o outro" (*Sabiá*, abril de 2003, p.12).

A naturalização do jogador por parte da Federação Portuguesa de Futebol foi conseguida sem cumprir todos os requisitos legais. O *Sabiá* denuncia e se revolta contra esse tipo de atitude por parte do governo português e por isso quando se refere ao jogador lhe dá o nome de "Deco, português de São Paulo". No final do texto ainda existe uma última provocação do jornalista ao relacionar futebol e política externa dessa forma: "ficou claro que, no futebol, os defensores do eixo Atlântico têm toda a razão; só que o Atlântico pelo qual Portugal deve alinhar não é o Norte, como alguns defendem, mais sim o Sul, conforme ficou demonstrado sábado, com Deco e Scolari, tradição, aliás, já vem dos tempos dos africanos Eusébio e Mário Coluna" (p.12). Eusébio é considerado o melhor jogador de futebol que Portugal já teve, seu local de nascimento foi em Moçambique.[62] A naturalidade africana desses dois atletas de futebol, não é costumeiramente lembrada nas matérias sobre os dois jogadores, ao contrário de casos como o de Alcindo Monteiro, onde sempre é ressaltada a sua "origem cabo-verdiana"

O futebol é um importante elemento de representação das identidades nacionais. Em 2004 houve a criação dessa relação: "Scolari revelou na altura uma capacidade invulgar de mobilização colectiva tornando-se célebre o seu apelo ao apoio da população portuguesa à seleção portuguesa, designadamente através da exibição da bandeira nas janelas, nos carros, ou onde quer que ela se tornasse visível" (2008, p.99). Facto totalmente novo em relação aos portugueses. Este continuou e aumentou após o Euro 2004, como refere o autor Tello, agora de uma forma organizada e financiada:

> "Basta ver a forma como o Estado tratou a participação portuguesa no Mundial de 2006, na Alemanha. Com uma antecedência de muitos meses, o Estado lançou uma ampla campanha de «patriotismo» à volta desta participação, que passou por gigantescos gastos publicitários nos media onde se apelava aos valores nacionais e por iniciativas como a construção de uma imensa bandeira nacional humana, formada por largos milhares de mulheres no Estádio Nacional – e filmada para um recorde do Guiness – as imagens desta

[62] Eusébio faleceu em 5 de janeiro de 2014, a comoção em Portugal foi tão grande que em menos de um ano meio, seus restos mortais já estavam no Panteão Nacional.

> bandeira humana encheram as ruas de Portugal por várias semanas. Foi ainda o Estado a fomentar a «exibição da bandeira», com a promoção da distribuição de milhares de símbolos nacionais de todos os tamanhos e feitios, que podiam ser colocados nos mais diversos sítios, desde o carro ao pescoço, à lapela, às janelas e portas. É uma evolução curiosa, pois antes do 25 de abril um edifício para ostentar a bandeira nacional tinha de obedecer a requisitos previstos na lei, sob pena de uma pesada multa" (Tello, 2007, p.370).

Na final do Euro 2004, a seleção perdeu o título para a Grécia por 1 a 0. Mas Scolari permaneceu no comando da seleção e, como Tello demonstrou acima, a apropriação da bandeira como símbolo ligado ao apoio à seleção de futebol continuou. Outro legado da realização do campeonato Europeu de 2004 para Portugal foram os estádios construídos e administrados com o dinheiro público, por não terem uma equipe de futebol privada para assumir os custos. Existia um discurso de crítica em relação aos gastos para a realização do evento e também em relação aos gastos que estas estruturas deixaram para a sociedade portuguesa.

Ainda sobre a nacionalização de jogadores brasileiros pela seleção portuguesa, outro caso onde nacionalismo e xenofobia se misturam foi o jogador Pepe, central naturalizado em 2007. Ele ao contrário de Deco, cumpriu os seis anos de residência em Portugal para ter direito à naturalização. Entretanto mesmo dentro da legalidade, isso não impediu por exemplo, um comentário de um imigrante entrevistado e uma declaração de José Mourinho, atacando a sua naturalização.

Daniel, meu entrevistado, logo após falar sobre o Deco, continuou dessa forma a nossa entrevista: "é um sentimento muito ruim, você vê o Pepe jogando bola e dando entrevista, enrolando a língua pra falar igual com português, meu qual é a sua? Você é Paraíba! Não dá pra engolir isso numa boa, qual que é a tua? Seu comedor de farinha! Meu nada a ver!" A expressão "Paraíba" em algumas regiões do país se refere, não à questão de onde a pessoa nasceu, mas sim a uma maneira preconceituosa e estereotipada em relação ás pessoas que nasceram na região nordeste do Brasil. Pepe é natural do Estado brasileiro de Alagoas, mesmo que o entrevistado não soubesse a naturalidade do jogador, ao utilizar: "Seu comedor de farinha!" ele deixa claro que sua narrativa é preconceituosa.

Na biografia escrita por Luís Aguilar chamada *Mourinho Rockstar* (2015), no capítulo "Entra o vilão", o autor relata um comentário de José Mourinho em relação à naturalização de Pepe como um dos piores momentos do treinador em relação aos portugueses. No trecho isso fica muito claro:

> "«Fazer a equipe jogar com dez é uma grande desvantagem. O fato de ele nem sequer ser português deveria obriga-lo a ter outro tipo de comportamento.»
>
> Explodiu uma nova bomba lançada pelo técnico mais polêmico do mundo. Para os portugueses, foi aqui que o anti-herói se transformou em vilão." Alguns até podiam concordar com Mourinho, mas o momento de frustração nacional. Ouvia-se, por todo lado a frase «há que se levantar a cabeça» (…) Desta vez, Mourinho não dividiu opiniões na imprensa portuguesa. Não teve alguns a favor e outros contra.
>
> Todos os comentários se pautavam pelo mesmo discurso: «Foi longe demais»; «Devia ter deixado Pepe em paz»; «Devia ter apoiado a seleção num momento doloroso" (2015, p.111).

No livro o autor valoriza vários acontecimentos da vida de José Mourinho, ore, um dos únicos momentos em que não faz isso, é justamente nesse ataque ao antigo jogador que ele comandou no tempo do Real Madrid. Novamente temos aqui a naturalização de Pepe sendo questionada, agora por um dos maiores expoentes do futebol português, eleito o melhor treinador do mundo pela FIFA em 2010. A utilização da condição de ser naturalizado como sendo um peso para o jogador repercutiu muito mal e demonstrou, assim como no caso do imigrante brasileiro, uma mistura de nacionalismo e xenofobia, na questão da naturalização.

3.12 Arrastão de Carcavelos – 2005

> "Nós queremos dizer aos portugueses que existem brancos que têm muito orgulho em ser brancos e estão aqui para atender aos interesses dos portugueses. Porque nós somos portugueses há 850 anos. Não somos portugueses há 30." (Mário Machado em entrevista à SIC)

> "Mas como sempre africanos viraram manchete de notícias
> Sempre o mesmo suspeito, bodes expiatórios
> O racismo que estava escondido tornou-se notório
> Quanto nas escolas, na seleção no serviço militar obrigatório,
> Somos usados e descartados como meros acessórios"
> (Música *Arrastão,* de Chullage)

No dia 10 de junho de 2005, feriado nacional em Portugal, na praia de Carcavelos, na época freguesia do concelho de Cascais, houve uma grande manipulação de informações por parte dos meios de comunicação. Na imprensa e na sociedade houve uma grande proliferação de preconceitos e racismos contra os imigrantes. Neste texto vamos analisar este caso, enquanto um retrato de um tipo de mentalidade da sociedade portuguesa que permitiu que

houvesse uma distorção tão grande de informações e também como outra parte da sociedade vai reagir a isso lutando contra isso.

O significado da palavra “arrastão” está diretamente relacionado ao Brasil e à década de 1990, onde houve uma série de assaltos nas praias do Rio de Janeiro que ganharam esse nome, fazendo referência a uma grande quantidade de assaltos realizados ao mesmo tempo. Houve uma grande cobertura da imprensa internacional nesse período repercutindo muito. Foi a agência Lusa de notícias que primeiro divulgou a notícia de um assalto generalizado, de acordo com Carvalheiro:

> "No dia 10 de Junho de 2005, feriado nacional no início da época balnear, cerca de 15 mil banhistas sobrelotaram a praia de Carcavelos, na periferia de Lisboa. Lançada em primeiro lugar pela agência Lusa, com base em dados policiais, a informação sobre “500 adultos e jovens constituídos em gangs” que “entraram na praia” e “começaram a assaltar e a agredir os banhistas”, detinha alta cotação em vários dos critérios de valor-notícia identificados por Galtung e Ruge (citados em Fowler, 1991): situação inédita, inesperada e fortemente negativa; grande número de pessoas envolvidas; significado claro e relevante para o cidadão comum. Seguiu-se uma hiper-mediatização. Mais tarde, as autoridades policiais desmentiram a ideia de “arrastão”, considerando que na sequência de desentendimentos e confusão na praia, um grupo de 30 pessoas tentou assaltar banhistas. A cobertura noticiosa do caso foi apreciada pela Alta Autoridade para a Comunicação Social como “uma versão deturpada e enganadora” dos acontecimentos" (2008, p. 309).

Essa “hiper-mediatização”, conceito utilizado pelo autor para explorar o exagero da cobertura sobre o assunto, reforça exatamente as questões elencadas anteriormente envolvendo o tema. Isso se deve a um longo processo, abordado neste texto quando se refletiu sobre o assassinato de Alcindo Monteiro. Autores como Pires (2002), Machado (2002) e Fradique (2002) abordam como a representação das “gangs” juvenis, sempre sendo compostas por negros, se torna recorrente nos *media* portugueses Carvalheiro destaca como esse processo se concretiza:

> "Com raras imagens alternativas e sob a égide da homogeneização racial, dá-se uma representação da juventude “africana” dos bairros pobres que não é composta por indivíduos diferenciados, mas sim por um tipo cuja característica é ser perigoso. O que se constrói é, pois, um código simbólico em que a menção de violência suburbana nos média passa a evocar por associação a categoria jovens negros e vice-versa" (Carvalheiro, 2008, p.305).

O autor ainda destaca a criação da categoria “imigrante de segunda geração”, uma categoria que esconde a nacionalidade portuguesa desses jovens, ao destacar a nacionalidade dos pais. Inclusive esta criação e o jogo de palavras remetem ao mesmo argumento de Rui Tavares ao criticar a insistência de muitos jornalistas em chamar Alcindo Monteiro de cabo-verdiano e não de português. As manchetes na imprensa foram, "Arrastão varreu o areal e

envolveu centenas de assaltantes" no *Público*, "Terror na Praia" na capa do *Correio da Manhã* e "Arrastão à brasileira chega a Carcavelos" na capa do *Diário de Notícias*. Logo abaixo do título, neste último um resumo rápido do que aconteceu foi: "A praia de Carcavelos viveu momentos de terror, ontem à tarde, quando grupos de jovens espalharam o pânico, agredindo e assaltando os banhistas. A polícia estima em 500 o número de indivíduos que participaram no "arrastão" uma prática habitual nas praias do Rio de Janeiro, mas até agora inédita em Portugal" (*DN, 11 de junho de 2005, p.1*).

A violência no Brasil é usada como referência para o caso e o jornal ainda utiliza a infeliz expressão "prática habitual nas praias do Rio de Janeiro", facto sem nenhum cabimento, pois não existe este hábito nas praias cariocas, mesmo porque seria impossível para uma cidade que tem o turismo como grande fonte de arrecadação, ter sempre assaltos nas suas praias. Novamente, associar o Brasil a práticas de crimes é um estereótipo negativo mas recorrente da imprensa portuguesa.

Na sequência dos acontecimentos noticiados como o "Arrastão de Carcavelos", o líder da organização ultranacionalista Frente Nacional (FN), Mário Machado, convocou uma manifestação contra a marginalidade para Lisboa, no dia 18 de julho, com saída do Martim Moniz. Essa manifestação recebeu uma série de críticas e também foi alimentada pela imprensa enquanto momento de tensão. De acordo com Almeida:

> "Mais uma vez, a cobertura da imprensa ajudou a vincular o clima de insegurança aos imigrantes. O jornal *Público* do dia 17 de junho citou Mário Machado justificando o percurso da marcha, (iniciando no Martim Moniz e terminando no Rossio), por serem dois locais emblemáticos da cidade de Lisboa "onde a imigração e o crime andam de mãos dadas". O *Correio da Manhã* do dia 17 de junho publicou matéria onde aumentava ainda mais a tensão em torno da manifestação. Segundo o jornal, a comunidade de imigrantes da zona do Martim Moniz estava à espera dos skinheads, e preparados para reagir a quaisquer provocações. O Governo Civil de Lisboa autorizou o pedido para a realização da manifestação, apesar dos protestos do S.O.S. Racismo, que denunciava o caráter xenófobo e racista da mesma. Também protestaram contra a autorização dada pelo Governo de Lisboa o partido ecologista Os Verdes, A Frente Anti-Racista, a Renovação Comunista, o CDS-PP e até o bispo das Forças Armadas" (2012, p.245).

A autorização por parte do Governo Civil foi muito equivocada principalmente devido aos organizadores e ás suas organizações xenófobas e racistas. Na véspera da manifestação convocada pela FN, o "Arrastão de Carcavelos" foi sendo desconstruído pela própria PSP, que assumiu ter havido uma supervalorização dos factos e que na realidade as fotos eram de pessoas com seus próprios pertences fugindo da confusão e não vários assaltantes. Como já referimos anteriormente, o dia 10 de julho é feriado nacional e o começo do verão, naquele dia se inaugurava a época balner e muitos jovens negros em idade escolar estavam na praia.

Contudo, para a imprensa portuguesa que cobriu o assunto, as imagens eram de negros assaltantes correndo na praia. Mesmo com a narrativa do "Arrastão" sendo desconstruída pela força pública policial, a manifestação se manteve.

De acordo com Almeida, as forças policiais estipularam 200 pessoas e os grupos organizadores da manifestação diziam 1000 pessoas. O *Diário de Notícias* chamou-lhe "a maior manifestação xenófoba de sempre" (19/06/2005). Não houve qualquer conflito físico entre os manifestantes e a população do Martim Moniz ou dos outros locais por onde passou. Além da cobertura dos *medias* impressos houve também ampla cobertura televisiva. Existem vários vídeos no *Youtube* onde são utilizadas imagens da reportagem da SIC entrevistando: Mário Machado e José Pinto Coelho (Partido Nacional Renovador) entre outros[63].

Antes de começar a marcha, existem registros das entrevistas destes líderes, como o trecho colocado na epígrafe deste subcapítulo. Na mesma entrevista, quando a repórter interrompe a fala do entrevistado e diz: - "isso é uma mensagem claramente racista e xenófoba!" e Mário Machado prontamente responde: - "eu por ter orgulho em ser branco, não sou racista!". José Pinto Coelho na sua entrevista diz: - "se os mouros foram embora, se os espanhóis foram embora, agora estes que cá estão têm que ir embora!" e a repórter também interfere e diz: - "estes quem?" e ele reponde "Estes que estão cá a estragar isto!".

Na manifestação houve uma série de faixas xenófobas e racistas, como: "Basta! Imigração = Crime"; "Não existem direitos iguais és um alvo por seres branco"; "Isto é nosso!", entre outros dizeres. Na conclusão sobre o "Arrastão de Carcavelos", Almeida argumenta dessa forma:

> "O principal resultado do Protesto contra a Criminalidade de 2005 foi a exposição que a direita radical conseguiu na mídia. Na sequência do Pseudo-Arrastão de Carcavelos, a direita radical conseguiu novamente inserção midiática em rede nacional, fazendo ecoar argumentos racistas e xenofóbicos em horário nobre. Além disso, a união das várias correntes da direita radical, bem como a adesão de populares à manifestação, passou uma mensagem de força para os seus adversários. Mesmo após os diversos episódios de violência envolvendo a extrema-direita portuguesa, ela conseguiu organizar e realizar um evento público de significativas proporções que recebeu proteção do Estado (escolta policial) e ampla cobertura da mídia" (p.248).

Os argumentos utilizados pelo autor são extremamente pertinentes, pois foi real esse ganho de visibilidade dos movimentos de direita radical. Um facto que despertou muita atenção durante os anos da pesquisa foi que os livros de História Contemporânea que abarcam esse período, produzidos recentemente em Portugal, não abordam assuntos como o

[63] Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=K9AOZauLwps consultado em 26.02.2016.

assassinato de Alcindo Monteiro, o “Arrastão de Carcavelos” ou a manifestação que aconteceu depois do arrastão. Há um silêncio constrangedor, que pode ser interpretado como desconforto ou como autocensura em relação ao racismo de grupos de portugueses.

Outro silêncio infeliz foi o do *Sabiá*, o jornal da Casa do Brasil de Lisboa, que não abordou o assunto em suas edições. Mesmo com a participação da dirigente Heliana Bibas no documentário “Era uma vez um arrastão”, a associação omitiu sua opinião pública sobre o mesmo. Talvez demonstrando sua pouca disposição para entrar em questões que não envolvem diretamente os imigrantes brasileiros.

3.13 Negócios estrangeiros

> "a maioria ocupou a área da construção, seguida do grupo das empregadas domésticas e do setor de limpeza (que se pode assumir como do sexo feminino), tendo ainda o terceiro grupo composto daqueles que trabalharam nos setores de restaurantes (bares, restaurantes e cafés) e hotelaria. Outro aspecto interessantes a salientar é que os primeiros dois grupos são em geral invisíveis, em contraste com os trabalhadores das áreas de hotelaria e restaurantes, “que dão a cara” e se mostram. (…) Na óptica da percepção dos portugueses, já que indica dois fenômenos opostos." (Padilla, p.22, 2006.)

Para concluir este último período de 2001 a 2007, utilizaremos duas fontes diferentes para tratar de dois assuntos que se entrelaçam com o tema principal da tese. O primeiro aconteceu em março de 2007, em um evento promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian sobre a imigração em Portugal. O segundo é uma música de um membro dos Da Weasel, chamada *Negócios estrangeiros*, que também aborda a imigração e o tratamento das autoridades governamentais por outro viés.

Mesmo com vários autores a atestar a mudança da sociedade portuguesa em relação aos imigrantes, algumas coisas indicam que ainda existe um longo caminho a percorrer. Em março de 2007, a renomada Fundação Calouste Gulbenkian, organizou um grande evento sobre o tema da imigração, com a presença de autoridades. Estiveram presentes o então primeiro-ministro José Sócrates, o presidente do Congresso de Deputados da Espanha e o embaixador do Brasil, Luiz F Lampreia. O nome do evento foi *Imigração: Oportunidade ou ameaça?*

Em 2007 considerar a possibilidade de abordar o tema da imigração como uma ameaça é de uma infelicidade muito grande. Depois de tantos anos de lutas dos imigrantes

para serem vistos e compreendidos pela sociedade portuguesa enquanto seres humanos e cidadãos, promover um debate baseado em uma solução binária oportunidade ou ameaça, não faz nenhum sentido e é um retrocesso[64].

A partir da visão económica da situação, afinal esse imigrante pode gerar alguma coisa para o país de recebimento? Ou ele é só uma ameaça à sua economia, por ser mais um a utilizar os serviços do Estado? O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Emílio Rui Vilar, abriu dessa forma a conferência: "A interrogação do título da conferência de hoje «Imigração: Oportunidades ou Ameaça?» deixa transparecer a complexidade do fenómeno das migrações" (p.15). Antes de negar a ideia de ameaça e valorizar a questão da oportunidade, ele reforça a ideia de que é complexa a decisão entre oportunidade ou ameaça. Novamente o substantivo "ameaça" reforça a ideia imperialista de que os imigrantes são bárbaros incivilizados e por isso transmitem medo à sociedade portuguesa.

Outros participantes da conferência manifestaram suas opiniões de forma mais clara e incisiva. José Sócrates, na época primeiro-ministro, afirmou: "É por isso que a nossa visão deste fenómeno é uma visão positiva, uma visão optimista e uma visão aberta. (…) No fundo, com o paradigma que somos todos imigrantes sendo este um novo paradigma que assumimos nas políticas que nos cabe executar no que diz respeito à imigração" (2007. p.23). A sua intervenção utiliza as palavras "positiva", "otimista" e "aberta", expressões bem diferentes de ameaça. Outro participante que também se expressou assim foi o ex-Primeiro Ministro de Moçambique, Joaquim Chissano: "a imigração tem também consequências positivas assinaláveis, tanto para os países que enviam os imigrantes como para os que recebem. Neste sentido, ela constitui uma oportunidade que deve ser convenientemente aproveitada em benefício de todos" (2007, p.37).

A segunda questão sobre as migrações na década de 2007 relaciona-se com a questão do espaço na cidade de Lisboa. Como já foi referido, a imigração brasileira está presente em várias regiões da área metropolitana de Lisboa, entretanto, apesar disso, existem locais onde, devido a fatores variados, acabam se tornando polos de atração ou locais de encontro, entre os imigrantes. O bairro do Intendente sofreu, nos anos de 2011 e 2012, grandes remodelações urbanísticas por parte da Câmara municipal (Ferro, 2014, p.53).

[64] Outra referência que poderia ser utilizada para «oportunidades» «ameaças», a metodologia utilizada no meio empresarial e planejamentos ambientais: Análise S.W.O.T. é a sigla dos termos ingleses Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças). A técnica de análise SWOT foi elaborada pelo norte-americano Albert Humphrey, durante o desenvolvimento de um projeto de pesquisa na Universidade de Stanford entre as décadas de 1960 e 1970.

De acordo com Ferro, o bairro sempre foi um local marginalizado na cidade de Lisboa e com uma população muito heterogénea (2014, p.54). Inegavelmente, o bairro é repleto de opções de mobilidade urbana, com metro, autocarro e linha de elétrico. Além disso, está muito próximo de locais turísticos entre outras localidades, todas essas condicionantes facilitaram a concentração dos imigrantes neste bairro. O governo português, ciente dessa concentração, na hora de escolher o local onde seria instalado o Centro Nacional de Apoio ao Imigrante (CNAI) do Alto Comissariado para Imigração e Minorias Éticas (ACIME), escolheu justamente esse bairro. A letra da música a seguir também aponta como este local era repleto de imigrantes dos mais variados locais:

> "Já foi ao Intendente, Sr. Presidente?
> Não vá em visita de Estado, deixe o carro blindado na garagem,
> Dê folga aos guarda-costas,
> Finja que vai de viagem e apanhe o metro,
> Saia no Martim Moniz e caminhe,
> Faz bem caminhar, apanhar ar, respirar.
> Passear no Intendente é um passeio original,
> È um passeio diferente sem sair de Portugal.
> Vá para fora cá dentro, vá aos subúrbios do Mundo no centro da cidade
> Igualdade, integração social, seja por 10 minutos um emigrante ilegal, como se chegasse do Brasil, do Paquistão.
> Vá ao Intendente e invente uma solução que satisfaça aos que já chegaram e chegarão.
> Mesmo que não tenha vontade de ir, vá ao Intendente, Sr. Presidente.
> Aprenda, para chegar é sempre preciso partir.
> Já foi ao Intendente, Sr. presidente?
> Não leve a sua comitiva, não leve o telejornal
> Leve-se a si próprio e avance natural,
> Como se não fosse ignorado
> Vá num dia normal ou num feriado, mas vá.
> Por lá sua presença é urgente, no Intendente.
> Tem pouca diferença de uma Assembleia das Nações Unidas.
> A sua presença pode ajudar a salvar vidas vindas da
> Ucrânia, da Roménia, Moldávia, Moçambique, Cabo Verde
> e Angola.
> Porque o Mundo, Sr. Presidente, não é mais do que uma bola, talvez colorida, talvez entre as mãos de uma criança.
> Mas esse mesmo Mundo, Sr. Presidente, perde cor todos os dias.
> Quando eu largo, nesse largo, que eu largo, quando eu largo, no Intendente."
> (Da Weasel)

Os Da Weasel chamaram a esta música "*Negócios Estrangeiros"*, expressão que, em Portugal, se refere às relações internacionais entre o país e o resto do mundo, acentuando a condição do bairro do Intendente ser uma reunião de pessoas de vários países. Esta música faz

um convite ao Presidente da República, na altura, Aníbal Cavaco Silva, para conhecer o bairro com mais imigrantes de Lisboa. A letra denúncia das péssimas condições de vida dos imigrantes que lá se encontram, com a mensagem de que a presença do Presidente é urgente e pode salvar vidas.

Na música, estão retratadas as grandes correntes imigratórias que chegavam a Portugal em 2007: Brasil, Paquistão, Ucrânia, Roménia, Moldávia, Moçambique, Cabo Verde e Angola. Como destacámos anteriormente, em 2007 existia na sociedade lisboeta a sensação de uma grande quantidade de imigrantes estrangeiros na cidade. Como também foi abordado aqui, a manifestação contra a marginalidade, convocada por organizações ultranacionalistas, escolheu começar na praça do Martim Moniz exatamente pela possibilidade de confronto com os imigrantes que lá residiam.

Na letra da música acima existe, além dessa constatação, uma preocupação em relação à condição de vulnerabilidade da vida dos imigrantes ilegais no bairro do Intendente. Esta composição serve como um epílogo sobre o nosso período estudado. Se, no início, os autores académicos reconhecem que Portugal agora está mais intercultural, devido às migrações internacionais, *Negócios Estrangeiros* reforça o documentário de Sérgio Tréfaut - intitulado *Os Lisboetas* - que levanta o véu sobre a existência de novos lisboetas que têm no seu dia a dia uma série de dificuldades para enfrentar neste novo país.

3.14 Celebrações e migrações internacionais

Em relação ao período estudado na década de 2000, nunca tantos brasileiros decidiram imigrar para outros países. As motivações são extremamente subjetivas e diversas, como já dissemos aqui anteriormente. Contudo, existiram duas razões fortes para Portugal passar a ser visto como uma boa opção de destino migratório por cada vez mais brasileiros. A primeira tem relação direta com a pertença de Portugal à União Europeia e a outra com contexto internacional após o 11 de setembro. A implementação da moeda única, o Euro, em 2001 foi simbolicamente um marco de prosperidade para Portugal, no seu início a sua cotação foi maior que a moeda norte-americana, no mercado financeiro internacional. Recolocou no imaginário a condição dos países participantes da União Europeia enquanto lugares de consumo e prestígio.

O outro fator importante foram os atentados terroristas ocorridos nos Estados Unidos da América no dia 11 de setembro de 2001, pois o governo dos EUA tomou uma série de novas medidas relacionadas com a entrada de estrangeiros no seu território, e o que afetou diretamente muito brasileiros que sonhavam "Fazer a América". Com as dificuldades acrescidas de obtenção de visto, a viagem para os EUA se tornou cada vez mais clandestina e com um grande risco de insucesso. Estes dois fatores contribuíram fortemente na escolha de Portugal como destino de migrações, para além da existência de redes de tráfico que utilizavam Portugal como ponte para conseguir entrar nos EUA.

No meio da década de 2000 houve uma telenovela da Rede Globo de Televisão, chamada *América*, que contribuiu para a alimentação dessa fantasia. A trama estreou em 14 de março e terminou em 4 de novembro de 2005. Com um total de 203 capítulos, ela teve em média 49,4% de audiência, se tornando a segunda maior da década. Ou seja, um sucesso enorme no canal mais visto no país. A personagem principal, chamada Sol, era uma imigrante ilegal vivendo nos Estados Unidos. Na trama, a personagem sofre muitas privações, sendo obrigada a fazer os trabalhos mais diversos. Essa representação da possibilidade de realização dos sonhos por meio da imigração, com certeza alimentou muito o imaginário da população brasileira que assiste telenovela. Como alertámos anteriormente, o impacto de uma telenovela no horário nobre no Brasil é enorme, e o impacto de uma que consegue grandes repercussões então é ainda maior.

A década de 2000 no Brasil, foi repleta de transformações em diversas áreas. Em relação à economia, o país começou a década com uma crise energética que ficou conhecida como "apagão": houve racionamento de energia e campanhas nacionais apelando para a população mudar seus hábitos, diminuído o consumo de energia. O parque industrial brasileiro teve que diminuir sua produção devido a esse problema e a economia do Brasil desacelerou fortemente por essa razão. Os índices de aprovação do governo de Fernando Henrique Cardoso começaram a cair vertiginosamente, abrindo cada vez mais a possibilidade de um candidato da oposição conseguir vencer as eleições, o que parecia impossível, visto que FHC tinha vencido os dois últimos pleitos ainda na primeira volta.

Nas eleições presidenciais de 2002 a disputa foi entre o candidato José Serra do PSDB, partido do presidente em exercício Fernando Henrique Cardoso, e outros cinco

candidatos[65]. Na segunda volta verificou-se a disputa entre Luís Inácio Lula da Silva, do PT, que alcançou 46,44 % dos votos na primeira volta e conquistou na segunda volta 61,27% dos votos contra José Serra do PSDB que conquistou 23,19 % dos votos na primeira volta e na segunda 38,72% dos votos. A campanha ficou marcada pela mudança de postura em relação à política e ao discurso sobre as prioridades do governo. Lula da Silva, no seu discurso de posse no Congresso Nacional, elencou o combate à fome como principal meta a ser atingida.

Uma grande expectativa foi criada e motivada ainda na campanha eleitoral que valorizou a origem humilde de Luiz Inácio Lula da Silva e também um programa de erradicação da fome chamado "Fome Zero". Novas políticas foram implantadas em várias áreas, como no Ministério da Cultura, com o cantor Gilberto Gil, ou Ministério do Meio Ambiente, com a ambientalista Marina Silva, entre outros. Houve uma grande desconcentração de renda durante esse governo, com programas de transferência de renda e de créditos concedidos pelos bancos públicos. Na área financeira, o primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de 2003 a 2007, também teve dificuldades em fazer a economia brasileira crescer, mantendo as taxas e números parecidos aos do seu antecessor.

Na diplomacia e nas relações internacionais, o governo de Lula da Silva mudou muito a maneira de interagir com os outros países. A construção de um novo grupo de cimeiras mundiais, chamadas G20, paralelas ao antigo G7, teve como um dos seus principais articuladores o governo brasileiro e o Itamaraty (o correspondente ao Ministério dos Negócios Estrangeiros em Portugal). Outra realização do Itamaraty foram os acordos sobre os imigrantes brasileiros em Portugal e no Japão, facto inédito até então. O acordo com o governo português sobre os imigrantes brasileiros vai receber atenção pormenorizada na terceira parte da tese, no capítulo oito.

As celebrações dos 500 anos do Brasil foram extensas e controversas. A Rede Globo de Televisão fez uma grande promoção desta data em seus mais diversos programas e jornais, instalou relógios regressivos em várias cidades para contar quanto tempo faltava para esta data. Além disso, o estado brasileiro programou uma grande festividade com a construção de uma grande caravela que deveria fazer parte das celebrações que teriam seu momento de grande repercussão no dia 22 de abril de 2000, com a presença de vários chefes de Estado.

[65] Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, Anthony Garotinho, do Partido Socialista Brasileiro, Ciro Gomes, do Partido Popular Socialista, José Maria de Almeida, do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados e Rui Costa Pimenta, do Parido da Causa Operária.

A professora de filosofia da Universidade de São Paulo, Marilena Chauí, escreveu um livro chamado *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*, no ano 2000, onde ela faz uma excelente análise sobre a sociedade e a história brasileira, questionando se existem motivos para celebrar os 500 anos de Brasil[66]. Outros intelectuais também vão protestar contra essas comemorações. Ao celebrar a "descoberta" do Brasil em 22 de abril de 1500 assumia-se uma visão de mundo com uma narrativa europeia.

O antropólogo Igor Machado, que estava em Portugal neste período realizando pesquisa de campo para seu doutoramento, dedicou-se a analisar as notícias dos meios de comunicação portugueses desta forma:

> "Essencialmente, as comemorações de um ponto de vista português sofreram de uma distorção de entendimento básica: a crença de que os brasileiros e portugueses estavam a comemorar a mesma coisa. Entretanto, os portugueses celebravam a própria nacionalidade portuguesa, os reflexos do grande império que foram. O governo brasileiro, ao contrário, comemorava a chegada de Cabral à Terra de Santa Cruz, o que seria, no futuro, o Brasil. Assim, toda a crítica às comemorações que tinha um carácter de contestação política interna no Brasil passou nos *media* portugueses, por crítica a Portugal. Por outro lado, o modelo de exploração económica que os portugueses adoptaram no Brasil era sempre lembrado num tom amargo no Brasil, e isso foi visto com desaprovação pelos *media* portugueses, preocupados em comemorar a alma portuguesa. A crítica soava como falta de reconhecimento pelo papel português na construção do Brasil" (p.168).

Após a EXPO98 existiu uma criação de narrativa histórica que valorizava a obra da colonização portuguesa ao redor do mundo. Porém, no Brasil, existe uma corrente de pensamento que associa o atraso do país à colonização portuguesa, baseada no exemplo de que os Estados Unidos foram colonizados pelos ingleses e se tornaram um país desenvolvido. Ao longo da história do Brasil existiu essa comparação com os EUA várias vezes. Gilberto Freyre comparou as escravidões nos dois países, considerando o Brasil mais ameno em relação ao escravo.

No livro *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*, Marilen Chauí utiliza uma pesquisa sobre o Brasil e os brasileiros e as imagens que estes fazem sobre vários assuntos, dentre eles a questão da herança portuguesa: "Eis por que algumas pesquisas de opinião indicam que uma parte da população atribui os males do país à colonização portuguesa." (p.4). Nessas construções, há

[66] De acordo com a autora "É com esse conjunto de tarefas que elas vêm se inscrever nas comemorações do "Brasil 500". "Brasil 500" é, pois, um semióforo historicamente produzido. Como todo semióforo que se destina a explicar a origem e dar um sentido ao momento fundador de uma coletividade é uma entidade mítica, "Brasil 500" também pertence ao campo mítico, tendo como tarefa a reatualização de nosso mito fundador." (2000, p.24).

uma justificativa dos males do país pelo elemento estrangeiro, uma estratégia de desculpabilizar os próprios brasileiros pelas suas ações. Este tema não é geralmente debatido no âmbito nacional, mas nessa época das comemorações dos 500 anos do Brasil houve um aumento natural destas comparações e argumentos contra os portugueses.

Além desses questionamentos sobre comemorar ou lamentar o dia da celebração dos 500 anos do Brasil foi extremamente tumultuado, porque no dia 22 de abril de 2000 houve um confronto entre os polícias e manifestantes. O trecho do jornal carioca *O Globo* descreve detalhadamente os acontecimentos:

> "Os confrontos envolveram índios pataxós, sem-terras e militantes políticos que anunciaram uma marcha para denunciar desigualdades. Nada de grava ocorreu enquanto parecia apenas um ato pacífico. Porém quando os manifestantes se aproximaram mais do local onde estavam as autoridades, a PM da Bahia entrou em cena para dispensar a marcha. Bombas de gás lacrimogêneo, pedradas e até o disparo de flechas pioraram a situação fazendo com que a festa do descobrimento ganhasse repercussão vexaminosa inclusive no exterior. «Brasil comemora 500 anos reprimindo índios», foi o título do jornal francês «Le Monde» «Amargo quinto centenário no Brasil», anotou o espanhol «El País». «Índios lideram protestos enquanto o Brasil festeja, disse o britânico» «The Obsever»." (*O Globo, Festas e gafes nos 500 anos do Brasil* em 30/07/13)[67].

Estes acontecimentos tiveram repercussão também em Portugal, ainda mais porque o presidente da república Jorge Sampaio estava no Brasil representando Portugal nas celebrações. De acordo com, Igor Machado, nessa época houve várias construções de significado para tentar alterar os acontecimentos: "os enormes protestos nas comemorações dos 500 anos por parte dos brasileiros foram um banho de água fria nas pretensões comemorativas portuguesas. Por isso, os *media*, em geral deram grande destaque aos protestos, tendendo a «etnicizá-los», como se fosse exclusivamente de negros, índios e do MST – que, curiosamente, foi descrito quase como uma categoria «étnica»" (2009, p.169). Os meios de comunicação portugueses não foram atendidos nas suas expectativas de construção de narrativa de legados coloniais positivos, devido ao protesto, que segundo o autor *os media* portugueses não compreenderam.

3.15 Internet como elemento de aproximação

A tecnologia da internet no Brasil é anterior à década de 2000, mas a popularização e democratização do acesso apenas foram alcançadas nessa década. Isso deve-se muito à disseminação de estabelecimentos chamados *Lan House*, que cobravam a utilização de

[67] Disponível em http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/festas-gafes-nos-500-anos-do-brasil-9283747#ixzz416y6c9EX Consultado em 25.07.2013.

computadores conectados à internet por fração de hora utilizada. Borges explica a evolução desse negócio no Brasil:

> "Em 1998, as lan houses chegaram ao Brasil. O avanço da internet e o desejo por estar conectado motivaram o aumento das lan houses nos centros urbanos. Diante do crescimento da penetração do computador pessoal, internet domiciliar e oferta da rede wi-fi por centros comerciais de fluxo como shoppings, lanchonetes, etc., as lan houses deixaram de ser um negócio lucrativo e foram desaparecendo das zonas centrais. Mas mesmo frente às políticas privadas e públicas para promover a maior cobertura do acesso junto à população da periferia, é nessas áreas que as lan houses encontram mais que sobrevida comercial: reconfiguram seu negócio e se tornam novos espaços de encontros, lazer e práticas de sociabilidade. Como demonstram Carla Barros (2009), Olívia Carvalho (2008), Daniel Miller e Don Slater (2004) e Martín-Barbero (2008) as lan houses são espaços que promovem sociabilidade on-line e off-line, característica não somente de São Paulo mas também de outros centros urbanos como Rio de Janeiro ou cidades menores como em Trinidade, mas com características de exclusão digital domiciliar" (2013, p.19).

Foi por meio dessas *Lan Houses* que muitos brasileiros mantiveram contactos com amigos e parentes que eram imigrantes em Portugal. Existem estudos que demonstram como as redes promotoras da imigração brasileira foram nesse período trocando o suporte da carta para o e-mail e depois a utilização de programas que possibilitavam conversas instantâneas entre os utilizadores localizados no Brasil e em Portugal. A condição de Portugal inserido na a União Europeia muitas vezes significou estar na frente das mudanças tecnológicas em relação ao Brasil. Em função disso, para muitos imigrantes brasileiros havia a sensação de melhor qualidade de vida em Portugal.

> "A migração de longa distância provoca grandes transformações para os sujeitos que vivenciam essa experiência. Porém, em vez de pensá-la apenas como um fator que provoca o rompimento de laços, procurei complexificar a análise demonstrando que também possibilita novos arranjos familiares e de gênero. Portanto, a família migrante não pode ser vista apenas como aquela cujos laços são desfeitos no contexto de migração, mas como aquela que tem suas relações reconstruídas em um contexto no qual também se redefinem as relações de gênero, construindo um campo complexo de relações entre os dois lugares que aponta para a com configuração de laços transnacionais que conectam em diferentes contextos o estar aqui e estar lá" (Assis, 2007, p.10).

As famílias imigrantes conseguem manter os laços familiares das mais diversas formas: para combater a ausência física do imigrante brasileiro que está trabalhando em Portugal, utilizam-se várias estratégias. Os meios de comunicação foram sempre utilizados e acompanharam os desenvolvimentos tecnológicos, primeiro as cartas, depois o telefone, mensagens de telemóvel e, finalmente, a internet e os seus variados programas que possibilitaram desde a troca de e-mails, ao contacto ao vivo por vídeo.

A autora Gleiciani Fernandes em *As boas mães brasileiras em Portugal: (re)formulando pertenças, (re)construindo identidades* (Silva, 2015) utiliza como fonte a rede social *Orkut*[68] que permitia a formação de grupos de discussão entre os usuários sobre os mais variados temas. Foi por meio desses grupos que a autora estudou as construções de identidades de imigrantes brasileiros. Essas negociações se davam tanto entre os imigrantes que estavam em Portugal, como entre os imigrantes e seus familiares que estavam no Brasil. Além disso existem outras importantes formas de estabelecer laços entre os imigrantes em Portugal e sua família que ficou no Brasil.

Igor Machado e Fábio Stabelini abordam detalhadamente como as remessas dos imigrantes criam essa relação entre os dois contextos. Mas indo além da questão propriamente escrita relacionada com dinheiro, os autores abordam a relação física que alguns objetos de tecnologia acabam ganhando no contexto familiar migrante quando há filhos envolvidos. De acordo com uma pesquisa de campo realizada, os autores apresentam a seguinte tese:

> "A maior incidência de presentes é de produtos de alta tecnologia despachados directamente do exterior, principalmente celulares, videogames e outros produtos de tecnologia ainda não lançados no Brasil, ou de difícil acesso, tratando-se de populações de baixos rendimentos. O videogame do modelo PlayStation foi enviado para o Brasil por um entrevistado que ficou três anos em Portugal. A figura reflecte bem o que procuramos sobre os produtos enviados à família e comprados com o dinheiro que é ganho durante o projecto de emigração. O primeiro facto que nos chamou a atenção foi a cor do produto, que não era comercializado no Brasil dessa forma, o que já sugere uma diferenciação entre os objectos. Ainda, a bandeira de Portugal é evidenciada através de um adesivo colado na parte superior do aparelho. No adesivo aparece a inscrição: «Se amas, vota.» Toda ilustração nos sugere que o objecto não foi enviado para o Brasil somente como um presente para a família. Além disso, reafirma os laços entre o ente que não é mais observado como presença física no âmbito familiar, mas sim por esse tipo de ligação: enviando presentes à família que sugiram uma continuidade dos laços afectivos e ainda dêem conta de aproximar a família que permanece no Brasil com a sociedade para a qual o pai emigrou" (Machado e Stabelini, 2011, p.142).

Além da bem abordada questão da presença física desses bens no campo das construções familiares das famílias migrantes, existe outra questão muito relevante no que diz respeito aos objetos enviados do exterior. Eles representam a realização e concretização do projeto migrante no quesito financeiro, pois permitem materializar esses bens de consumo, ou até mesmo duráveis, como carros, motos ou casas adquiridas com o dinheiro das remessas realizadas pelos imigrantes. A vizinhança vai identificar esses bens como a prova da vitória

[68] Rede social criada pela empresa Google e que existiu durante os anos de 2004 até 2014. Os brasileiros foram os principais usuários desta rede. Em 2008 a administração do *site* passou para a Google Brasil devido à grande utilização do Orkut no país, alcançando mais de 50% dos usuários (Teixeira, 2013).

do processo migratório e muitas vezes isso vai despertar e alimentar o desejo de outros brasileiros tentarem realizar a imigração como forma de superar a sua condição financeira limitada. Os presentes, as remessas de dinheiro e a internet vão alimentar as redes sociais migratórias, influenciando desse modo esse movimento transnacional.

Neste texto buscámos ressaltar como a tecnologia influenciava o dia a dia dessas famílias, pois, o aprimoramento tecnológico permitiu, o envio de fotos e até mesmo transmissões em tempo real, por meio de programas como o MSN ou o SKYPE. A internet, as remessas e os presentes enviados ou trazidos pelos próprios imigrantes eram constantes e condicionantes do cotidiano nas famílias que ficavam no Brasil. Essas questões ganhavam, uma importância que não tinham paras as famílias não envolvidas nesse contexto transnacional. As novas ferramentas tecnológicas foram difundidas entre os imigrantes e garantiram um novo tipo de comunicação entre os dois lados das famílias, entre os que ficaram no Brasil e os imigrantes em Portugal.

3.16 Alargando o tema – a década de 2000 – *o Brasileirinho*

> "**Em tempo:** já adianto que vou ignorar as cartas dos portugueses que responderem esta matéria comparativamente com o Brasil ou ofendidos. Estes são, além de tudo racistas, e não é porque minha revista chama-se O Brasileirinho que vou deixar de expressar minhas opiniões. Não se acovardam, está na hora de deixar de serem acomodados e lutar pelo mínimo de conforto para viver em paz. 'Tapar o sol com a peneira' não é a melhor solução. A comunicação social vive criticando a situação atual do país e não é atacada cada vez que isso acontece. Portanto, se sou atacado, só posso ver isso como uma atitude xenófoba." (*O Brasileirinho*, janeiro de 2003, n.º 20, p.50)

Como sucedeu nas outras duas décadas, em que selecionámos a *Revista Cadernos do Terceiro* mundo para falar da década de 1980 e o jornal *Sabiá* para a década de 1990, na década de 2000 selecionamos a revista *O Brasileirinho*[69]. O intuito é conseguir ilustrar a década de 2000 com exemplos práticos de fontes produzidas, neste caso por imigrantes brasileiros para serem lidas por imigrantes brasileiros. Buscamos por meio da leitura destes

[69] Por uma série de problemas alheios à minha vontade não foi possível encontrar uma grande coleção da revista *O Brasileirinho*. Na Casa do Brasil de Lisboa, devido a uma briga entre o proprietário da revista e a direção da associação, o arquivo da CBL não guardou as revistas. Na Biblioteca Nacional Portuguesa só estão à disposição quatro exemplares.

materiais, tentar perceber como a maior presença maior de imigrantes brasileiros vai se refletir na produção de um meio de comunicação voltada para este público.

O Brasileirinho foi uma revista mensal publicada desde maio de 2001, de acordo com seu editor Ricardo Castro, com uma tiragem de 12 mil exemplares. Com distribuição gratuita em locais como a embaixada do Brasil e nos consulados brasileiros em Portugal (Lisboa e Porto), Casa do Brasil de Lisboa, restaurantes, lojas de câmbio e outros lugares que anunciavam produtos ou serviços em suas páginas. A sua sustentação económica foi realizada por meio dos anúncios e assinaturas.

Neste período houve duas condições que devem ser pensadas para analisar o sucesso do empreendimento comercial dessa revista. Uma delas foi o grande número de imigrantes brasileiros que chegaram naqueles anos. A outra foi o período de inatividade do jornal *Sabiá*, que circulou com apenas um exemplar em 1999, dois em 2000 e nenhum no ano 2001.

Essa comparação entre o jornal *Sabiá* e a revista *O Brasileirinho* esteve presente quando entrevistei os envolvidos com as duas publicações, e também na literatura académica. Segundo Isabel Salin a revista se enquadraria no ramo do entretenimento em contraponto ao *Sabiá*, que seria mais social devido à sua linha editorial:

> "Os média que cumprem uma função menos "social" e mais voltada para o "entretenimento" fazem igualmente parte da realidade dos média étnicos, tanto em Portugal como nos outros países. Assim como encontramos em Portugal revistas como O Brasileirinho, encontramos também este tipo de média noutros países. Em Londres, por exemplo, a revista mensal brasileira Leros, que pretende fornecer aos leitores informações sobre a vida cultural em Londres, foi considerada "a must for brazilians and lovers of all things brazilian" pela Time Out London Magazine. O jornal Correio da Venezuela, uma iniciativa da comunidade portuguesa nesse país, é outro exemplo deste tipo de media, cuja linha editorial é especialmente voltada para o desporto e a cultura, e fazem questão de não abordar temas políticos no jornal" (2008, p.68).

Entretanto, precisar o campo de atuação de uma revista é sempre um assunto complexo (Martins 2000 e Dias, 2014), no *Jornal Sabiá* por exemplo, houve várias matérias sobre futebol e eventos sociais; na revista *O Brasileirinho* houve um leque diversificado de assuntos e até mesmo textos extensos sobre política. Neste sentido a autora faz uma análise um pouco superficial, ao não levar em consideração que se faz política de várias formas, e negar a esses meios as condições de fazer política parece ser um equívoco.

Por isso mesmo, características mais abrangentes também podem ser um objeto de análise pertinente, pois um assunto considerado tenso ou político, ao ser tratado em uma revista de entretenimento ressalta sua importância social desta enquanto veículo de

informação. Eventos retratados em suas páginas registraram lugares de sociabilidades entre os imigrantes e destes com a sociedade. A particularidade de ser um meio privado, com fins lucrativos de manutenção, imputava ao *o Brasileirinho.* uma linha editorial diferente do *Sabiá* que foi produzido pela associação, sem qualquer preocupação comercial. Isto porque, ao depender dos anunciantes e das assinaturas para sua manutenção, a revista teve que equilibrar suas matérias para agradar ambos, pois sua existência financeira dependia dessa equação. Nesse sentido, essa é uma singularidade em relação aos outros meios impressos abordados nesta tese.

Essa singularidade deste meio impresso, que alcançou sucesso ao longo de seus treze anos de existência, justifica sua escolha enquanto ator social relevante nas disputas identitárias a serem analisadas neste trabalho. Enquanto projeto editorial a revista conseguiu convencer seus anunciantes de que estes alcançavam o objetivo de se comunicar com seu público-alvo ao comprarem um espaço publicitário nas páginas de *O Brasileirinho*. A revista foi publicada em nome da Câmara de Negócios Luso-Brasileiros empresa importadora de produtos brasileiros para Portugal de propriedade do empresário brasileiro Carlos Millinger[70]. O primeiro número da revista continha um texto justificando o seu nome, que reproduzimos aqui para analisá-lo mais detalhadamente:

> "Foram várias as razões pelas quais escolhemos o nome desta revista.
>
> Como o informativo é dedicado, principalmente à Comunidade Brasileira residente em Portugal, o primeiro passo para a escolha foi procurar um nome essencialmente Brasileiro e relativamente curto.
>
> Após termos várias sugestões e idéias, decidimos pelo 'O Brasileirinho'. Primeiramente, porque os Portugueses, em geral muito amáveis com a nossa colônia, utilizam muito o diminutivo como sinal de respeito e estima. Este diminutivo também aplicar-se-ia ao fato de que nossa revista deve ser informal e não será extremamente vasta, tendo-se a objetividade como uma de nossas prioridades.
>
> Não desconsideramos também o fato da canção Brasileirinho, que muito bem nos representa, ser de extrema beleza e apreciada pela grande maioria da população, 'Brasileirinho' foi composta em 1951 por Waldir Azevedo no Rio de Janeiro. Classifica-se como samba, mas passou a ser um "segundo hino" dos Brasileiros, junto a 'Aquarela do Brasil' e 'Tico Tico no Fubá' completará 50 anos em dezembro próximo.
>
> Mais um motivo para a escolha do nome foi o fato de que os Brasileiros que aqui vivem (pelos a grande maioria) têm saudades da terra natal e sonham em um dia voltar,

[70] As secções que tiveram maior continuidade foram: *Cartas, Economia/ Câmbio, Política, O Brasil em 1 minuto, o Mundo em 1 minuto, Rapidinhas da Terrinha, Esporte, Saúde/ Estética e Beleza, Brasil, História, Espaço Cultural, Capa, Gastronomia, Classificados/ Vitrine, Agenda Cultural, Viagem e Turismo, Arte e Lazer e Imigração, Café Espiritual, Gabinete Jurídico, Quebra Cuca*.

> realizados, com mais estudos, com mais experiência de vida e, sobretudo, com alguma poupança. No ínterim, longe de seus familiares esperam por uma melhora da situação sócio-política econômica Brasileira. A esta classe específica dedicamos também o nosso nome; muitos estão felizes pela oportunidade que lhes é conferida, mas o fato é que por trás desta aparente felicidade, estão sofrendo com as mudanças culturais e climáticas.
>
> O último fator de escolha foi tentar expressar algo alegre, como somos os Brasileiros. Além da canção já mencionada. 'O Brasileirinho' espalha alegria, saúde e fé em Deus" (p.4).

Na explicação sobre a escolha da revista, temos a reprodução de vários estereótipos que serão reforçados nas matérias e editoriais ao longo de toda a publicação. A justificação para o seu nome foi relacionada com a necessidade de ser associada ao Brasil e depois construiu-se um elogio aos portugueses e à maneira como eles tratam os brasileiros. Existe também o reforço do estereótipo do samba e da alegria como representante da nacionalidade brasileira, cria-se um tipo de imigrante brasileiro que tem saudade da terra natal e quer voltar com dinheiro.

No final do texto existe uma grande generalização dos imigrantes brasileiros, ao contrário do *Sabiá* que nunca abordou a questão de voltar ao Brasil. *O Brasileirinho* escreve no seu primeiro texto que a grande maioria quer voltar "realizado" e com alguma poupança ou seja, existe uma delimitação do seu público leitor bem clara e ainda uma crítica à situação "sócio-política-económica" do Brasil. E por fim novamente são deixados de lado os problemas que o autor abordou, reforçando a alegria duas vezes, e ainda considera que "O Brasileirinho espalha alegria, saúde e fé em Deus".

A revista promovia momentos de sociabilidade entre os leitores ao divulgar eventos que aconteciam em Portugal. Ao publicar esses momentos *O Brasileirinho* criava locais de afirmação identitária, pois existia a chancela do meio de comunicação, para aquele acontecimento ou estabelecimento em relação ao lazer dos imigrantes brasileiros. Na edição número 5, de outubro de 2001, é feito um convite para um espetáculo de música com este texto:

> "Toda a comunidade brasileira e amigos lusitanos estão convidados a comparecerem ao show de música brasileira com o vocalista Rosildo Oliveira. O evento terá entrada gratuita e será realizado no saguão do Edifício Biarritz. O início do show será às 19:00. Haverá serviço de bar completo, caipirinha, guaraná e petiscos que incluem coração de galinha, asinhas de frango, casquinha de siri à brasileira, filet aperitivo e linguiça." (p.26)

Além da música existe a estratégia de conquistar mais público por meio da descrição do serviço do bar e da produção de alimentos ligados à cultura gastronómica brasileira. Esses pratos ou petiscos foram destacados com o intuito de angariar mais pessoas, o que nos permite

supor que eram especialidades do local onde o espetáculo foi realizado e que não deviam ser encontradas com facilidade na AML por isso este destaque do texto.

Em qualquer processo migratório podem existir, por parte dos seres humanos, tentativas diversificadas de manter ligações com a terra natal, por meio de várias estratégias como o consumo de alimentos e/ou práticas associadas ao lazer. Neste artigo podemos perceber as duas tentativas sendo exploradas pela revista.

Enquanto negócio a revista o Brasileirinho teve bem claro qual era o seu público-alvo, como pudemos perceber neste trecho. Pretendem-se que a revista seja lida pelos imigrantes brasileiros que vieram para Portugal com o projeto migratório de trabalhar, conseguir dinheiro e voltar para o Brasil. A preocupação não vai ser em relação a direitos dos imigrantes ou à integração desses imigrantes em Portugal. O objetivo era informar aos imigrantes sobre acontecimentos voltados para eles.

Enquanto empreendimento que visava o lucro, a revista *o Brasileirinho* pode ser considerada um sucesso uma vez que não houve interrupções e conseguiu se manter em circulação ao longo desse período de 2001 a 2007. Na comparação do número de anunciantes do *o Brasileirinho* e do *Sabiá*, existe uma grande diferença, pois *o Brasileirinho* tinha muitos anunciantes. Não se pode negar que o aumento do número de imigrantes brasileiros em Portugal, naturalmente, também causou o crescimento de serviços e comércios vocacionados para brasileiros.

A revista *o Brasileirinho* neste sentido buscou anunciantes que, por exemplo, nunca tinham aparecido no *Sabiá*. Houve anúncio de duas lojas de produtos de Umbanda e Candomblé a Armazém do Xangô e a Loja esotérica Divino & Sabat do Brasil ambas localizadas no bairro de Arroios. Outros anunciantes relacionados com a religiosidade, foram as igrejas neopentecostais como, por exemplo a Igreja Pentecostal de Nova Vida, a Assembleia de Deus de Londres em Portugal e Sara Nossa Terra. Ainda nesse campo, outro anunciante foi a livraria espírita Verdade & Luz, especializada em literatura espírita.

Ainda relativamente à relação entre a religiosidade dos imigrantes brasileiros e o conteúdo da revista, durante todo esse período houve uma coluna chamada *Café Espiritual*. Era escrita por pessoas diferentes, líderes religiosos como o Pastor Ragner Chagas, de 2001 a 2004, e o casal Pastor Vieira e Rose Vieira, de 2004 a 2007. Em ambos os casos as igrejas onde os autores atuavam eram anunciantes da revista *o Brasileirinho*.

Outra parceria nova ligando um produto ou serviço anunciado e a assinatura de uma coluna foi a *Quebra Cuca*, em que uma psicóloga abordava problemas relacionados com a imigração. E isso rendia um anúncio do consultório na revista. Essa preocupação em oferecer um serviço de atendimento ao imigrante relacionado com a psicologia foi pioneira[71]. Selecionamos uma das primeiras colunas da psicóloga Vânia Weissberg, publicada na edição número 6, de novembro de 2001.

A produção textual estava repleta de conselhos discutindo os assuntos de maneira detalhada com ações práticas para a solução dos problemas apresentados. No final do texto, além do nome, constava o endereço e telefone de sua clínica. Para exemplificar essa construção, reproduzimos aqui uma parte da coluna dessa a edição n.º 6:

> P: "**Estou aqui há 2 meses com o meu marido e tenho dificuldades de adaptação. Sinto saudades do Brasil, parece tudo difícil e complicado pois acho que sou muito diferente dos portugueses. Será que tomei a decisão certa de sair do Brasil? Estou confusa principalmente porque meu marido está há mais tempo, está conseguindo se adaptar melhor do que eu e tem projetos de ficar.**
>
> R: Não se assuste, o importante é não desistir e enfrentar o conflito reagindo para não se arrepender depois sem dar a oportunidade de se conhecer. Eu não defendo que as pessoas têm que ficar, eu defendo que as pessoas têm que reconhecer sua condição, seus limites, suas dificuldades e perceber a sua realidade como forma de enfrentá-la tomando a decisão mais adequada para si e assumindo responsabilidades.
>
> Quando estamos em outro país precisamos abdicar de certos comportamentos e "vícios" e integramos a cultura respeitando os nossos limites e os limites dos outros.
>
> Este processo é inevitável, pois precisamos e procuramos um equilíbrio, estabilidade, segurança, relacionamentos, vizinhança e familiaridade. Mudar de país comporta riscos e instabilidades como problemas de emprego, de habitação, escolaridade, segurança social, identidade cultural e religiosa. Temos uma capacidade limitada de adaptação a novos lugares e novas circunstâncias, quando conseguimos queremos instalar-se, continuar, permanecer para serem pessoas e terem famílias e parece que é isto que seu marido quer.
>
> Converse com pessoas imigrantes sobre as experiências e como conseguiram superar as dificuldades, esclareça as suas dúvidas e tenta resolver os seus conflitos com ajuda. A sua escolha é uma das mais difíceis para enfrentar e gera uma dúvida sistemática sobre o futuro. Boa sorte e coragem." (p.30)

[71] Em nenhuma outra obra relacionada aos imigrantes brasileiros no exterior se encontra referência a esse tipo de serviço para brasileiros e tão pouco de profissionais brasileiros oferecendo tal serviço. (Sasaki,1998 e Dias, 2014). Pode-se interpretar como mais uma singularidade da imigração brasileira para Portugal, devido aos acordos entre os dois países existe uma facilidade maior de reconhecimento de Diplomas mais fácil. Mesmo com o exemplo dos dentistas que será explorado na próxima parte da tese. Existe uma procura desses serviços de atendimento ao imigrante retornado ao Brasil com vários estudos e centro especializados, mas este tratamento sendo praticado ainda no exterior não se têm nenhuma referência bibliográfica.

Neste trecho é dada uma resposta à pergunta de uma imigrante brasileira, que se encontra em dificuldades em relação à adaptação ao novo lugar. A psicóloga aborda a situação de maneira realista e sem maniqueísmos, ao considerar que nem todos conseguem ficar e mudar. Em outros textos ou colunas da impressa imigrante existe normalmente uma insistência na permanência do imigrante que não está adaptado.

Por questões financeiras, por exemplo, pode existir uma separação familiar em virtude da migração e, mesmo quando acontece a família se reunir, existem diversos conflitos decorrentes desse distanciamento. Em uma entrevista com um imigrante que chegou ainda adolescente, em 2002, essa questão ficou muito explícita:

> "Meu pai e meu tio brigaram com o outro irmão e mudaram para essa nova casa. E isso foi na altura que a gente veio. Na verdade aquilo não pode ser chamado de casa era um barracão todo mofado... horrível moravam meu pai e o Edézio. E pior meu pai, falou tá tudo tratado podem vir, a gente achou que ia chegar aqui e ia ter uma condição... as coisas direito sabe como é?
>
> E quem veio do Brasil?
>
> Eu minha mãe e minha irmã, chegamos e era um puta barraco! E meu pai achava que tava tudo bom! mas era horrível (risos)
>
> Cara nessa época a gente tava morando num lugar legal em BH(Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais), no Jaraguá que é perto da Lagoa da Pampulha por que meu pai já tinha dado entrada em um apartamento com o dinheiro que vinha de Portugal. A gente saiu de uma parada muito boa para vir prum lixo de um lugar, minha mãe pirou nessa época!"

Essa situação de desacordo, entre o imigrante que chegou primeiro e a sua família quando esta chega ao país de imigração, foi recorrente em vários relatos. Nesses processos migrantes modificavam suas vidas aceitando outras situações e condições muito abaixo dos padrões que possuíam no Brasil. Por isso, a chegada da família acaba gerando conflitos em torno da comparação entre o que tinham e da nova realidade em Portugal. No exemplo acima, o entrevistado deixa claro que a vida no Brasil havia melhorado exatamente devido às remessas de dinheiro enviadas pelo trabalho do pai.

A coluna *Nós, brasileiros* foi construída como uma maneira de promover os imigrantes brasileiros na sociedade portuguesa e também incentivar novas atitudes dos imigrantes. O espaço foi destinado a contar histórias dos imigrantes nas mais diversas atividades (técnico de som, cantor, pintor, entre outras profissões). Para o editor Ricardo Castro essa era uma das partes da revista que lhe dava mais prazer, porque podia entrevistar imigrantes e divulgar as suas vitórias na sociedade portuguesa. A parte que pedia contribuições dos leitores era assim:

> "Você que é brasileiro e já passou por maus bocados ou que já esteja bem, escreva-nos e conte sua história, conte seus problemas e como você fez para resolvê-los, as suas sortes, conte-nos tudo o que passou aqui. Nos enviem informações que podem ser úteis para outros brasileiros, lembrem-se que outros podem estar passando exatamente a mesma coisa que você esta passando ou que já passou, ajude o próximo. Mande-nos seus dados e se possível fotos, todas deverão estar devidamente identificadas. E-mail: obrasileirinho@clix.pt" (*Sabiá*, n.º 41, novembro de 2004, p.38).

O apelo aos imigrantes para partilharem as suas histórias, coloca o enfoque na parte negativa, como podemos perceber pelas expressões "passou por maus bocados"; "Conte seus problemas", "ajude o próximo", mas a outra vertente desse mesmo discurso foi abordar a vitória desse imigrante e a forma como superou esses obstáculos. Na revista *o Brasileirinho* existe muito essa linha editorial, o leitor imigrante alvo quer voltar, passa por dificuldades, preconceitos, mas ele pode vencer essas questões. A história do imigrante Sandro, retratada na edição de janeiro de 2002, se destaca nesse sentido:

> "Sandro, de Pérola a Cascais, 30 anos pintando imóveis
>
> Nasceu em Pérola, Paraná. Família simples, mas honesta e trabalhadora. Aprendeu a ser pintor aos 7 anos de idade e abraçou a profissão que exerce até hoje. Sandro Gabarrão é um exemplo vivo de ser humano a ser seguido. Há 10 meses atrás, porém, resolveu deixar o Brasil, face à péssima situação financeira. Talvez pelo fato de viver em Pérola, pequena cidade paranaense próxima a Umuarama, não conseguiu visto para os Estados Unidos, o destino desejado inicialmente. Partiu então para a segunda opção: Portugal. Após meses de contrato com um empregador, este simplesmente não pagou e Sandro passou a estar em situação delicada mais uma vez na vida. O medo de voltar para o Brasil derrotado e sem dinheiro passou pela mente dele, mas com o apoio moral que recebeu de amigos e incentivos de outros imigrantes, lutou e deu a volta por cima.
>
> 'Os principais problemas que os imigrantes sofrem com a mudança de país são saudades, principalmente dos familiares que ficam para trás, dificuldade de entrada no meio social, burocracias imigratórias e a desonestidade de patrões que se aproveitam das condições de imigrante. ' – afirma Sandro. Hoje com 37 anos, Sandro é um exemplo para outros imigrantes, já ajudou muitas pessoas com alimentação e moradia e não se arrepende de tê-lo feito, mesmo após os vários golpes que os ajudados aplicavam." (*o Brasileirinho*, ano 1, n.º 8, janeiro de 2001, p.26)

Ao construir a narrativa sobre Sandro, a revista apresenta o imigrante de maneira muito maniqueísta, vários adjetivos positivos e expressões de superação são utilizados para descrevê-lo: "simples, mas honesto e trabalhador", "lutou e deu a volta por cima". Em contraposição, existe o outro lado dessa visão, onde se valoriza o sofrimento, utilizando palavras e expressões como "imigrante", "desemprego", "saudade", "desonestidade dos patrões", "medo", "exemplo para outros imigrantes", "voltar para o Brasil derrotado e sem dinheiro". Segundo essa narrativa, para essa nova fase da imigração brasileira para Portugal,

passa a ser muito importante a questão de voltar para o Brasil como derrotado ou como vitorioso.

O processo migratório gera muitas expectativas, muitos discursos construídos pelo senso comum e pelos meios de comunicação reforçam a narrativa de que a acumulação de dinheiro é a concretização do sucesso enquanto imigrante. Como destacámos anteriormente, e como também o fizeram os autores Júnior e Dias (2012), os sujeitos imigrantes podem sofrer reconstruções do seu projeto migratório ao se deparar com a nova realidade no país de destino. Ao se deparar com essas novas possibilidades muitos imigrantes se questionam se vale ou não a pena voltar para o Brasil e aqueles que não conseguiram essa estabilidade ou possibilidade financeira de poder voltar, sofrem com o estigma de serem considerados derrotados.

Na coluna *Nós, brasileiros* e na *Quebra Cuca* são recorrentes esses dilemas de imigrantes para quem, entre os principais fatores motivacionais da saída do Brasil, estava a questão financeira. Comparando com o jornal *Sabiá*, existe uma grande diferença entre as formas como estes meios de comunicação se comunicam com os imigrantes brasileiros.

Em relação às notícias publicadas na revista, a maioria delas eram pequenas e breves notas sobre acontecimentos relacionados com o Brasil. Na década de 2000, a internet estava bem democratizada em Portugal, os imigrantes brasileiros conseguiam obter notícias sobre o país, os principais portais de notícias da internet estavam a consolidar-se e produziam muito conteúdo. Não existia a necessidade de concorrer com estas empresas de comunicação. A estratégia da revista foi complementar as informações ou destacar coisas que ainda não tinham sido abordadas por grandes meios de comunicação.

A revista *o Brasileirinho* foi criado para um tipo de público específico, os imigrantes brasileiros da segunda vaga de imigração. Seu projeto editorial era claro: entretenimento para seus leitores, com fotografias, notas, colunas sociais, turismo, gastronomia e alguns textos longos que, por serem poucos se centravam em assuntos de relevância para seu editor – questões jurídicas, psicológicas ou religiosas. Ao definir seu público como o imigrante brasileiro que veio para Portugal em busca de uma vida melhor por meio do seu trabalho[72], a revista conseguiu agradar a muitos leitores que estavam nessa condição. Outra vitória

[72] A condição de documentado ou indocumentado não era abordada na revista, que não se debruçava nem levantava bandeira sobre estas questões.

importante foi agradar aos anunciantes, pois, como já dissemos, na década de 2000, começaram a aparecer negócios de imigrantes brasileiros voltados para imigrantes brasileiros.

Este subcapítulo buscou mostrar as características diferentes desta revista, como uma representação desse tempo histórico, que conseguiu por meio do seu projeto editorial conciliar leitores e anunciantes novos, pois sem a concordância desses dois personagens - leitores e anunciantes, - nenhum meio impresso moderno capitalista se pode manter economicamente. A revista *o Brasileirinho* foi nesse sentido vitoriosa no que se propôs fazer, ao conseguir ser produzida, financiada e consumida por imigrantes brasileiros. Estas características explicam a sua importância enquanto fonte histórica para entender questões envolvendo imigrantes brasileiros em Portugal na década de 2000.

Parte II

QUARTO CAPÍTULO: CASA DO BRASIL DE LISBOA

> "*Sabiá* - apoiar o imigrante nos aspectos ligados aos direitos de permanência e outros dos imigrantes" (SALIM 2008)

> "Para a CBL, assim como para as demais associações, fica o desafio de encontrar saídas para a quase indissociação entre a cidadania e a nacionalidade, que, apesar de se tratar de conceitos distintos, ainda se impõe como um dos principais critérios de exclusão de residentes não nacionais. Os imigrantes, mesmo em condição legal e com residência no país, têm direitos políticos limitados. Tal combinação transforma a nacionalidade numa espécie de recurso escasso, às vezes colocado em termos de privilégio." (Barreto 2011, p.320)

Este trabalho propõe-se analisar a Casa do Brasil de Lisboa (CBL) e o seu meio impresso *Sabiá*, para saber como se posicionaram, ao longo da sua existência, diante das negociações e disputas identitárias entre os imigrantes brasileiros e a sociedade portuguesa. A escolha metodológica foi a leitura de todos os exemplares produzidos do jornal *Sabiá* neste período, pois estes representavam as posições, projetos, visões, planos de intervenção e também noticiavam as atividades realizadas pela associação CBL.

A imprensa na sociedade contemporânea teve, e ainda tem, um papel relevante no cotidiano de qualquer população letrada. Durante todo século XX se consolidou como grande arena do debate público, para alguns se tornou um quarto poder, que fiscaliza os outros três nas democracias contemporâneas. As migrações internacionais realizadas no século XX também acompanharam esse fenómeno e reforçaram ainda mais a importância dos meios de comunicação na sociedade e o seu papel como instrumento de luta e legitimação. Assumindo diferentes formas em muitos países recetores de imigrantes, assistiu-se à criação de um segmento chamado imprensa migrante, com edições no idioma dos imigrantes ou em edições bilíngues, retratando as notícias do país deixado no processo migratório ou reforçando notícias direcionadas à vida prática dos imigrantes.

Em Portugal, essa imprensa imigrante teve vários representantes das mais diversas nacionalidades estrangeiras. Em relação à comunidade brasileira o primeiro e mais importante foi o jornal *Sabiá*, produzido pela associação Casa do Brasil de Lisboa desde 1992. O jornal e a associação são uma fonte privilegiada para contar a história da imigração brasileira em Portugal. A CBL é um ator muito relevante na história da imigração brasileira em Lisboa,

dialogando e debatendo com vários outros atores, nomeadamente com a sociedade civil portuguesa, com o Governo Brasileiro, com o Governo Português, com a comunicação social portuguesa, entre outros. Uma das estratégias utilizadas pela CBL para estes embates com o mundo ao seu redor, foi a produção de um jornal, chamado *Sabiá*. Por meio da análise histórica das suas páginas, podemos escrever uma parte da história dos imigrantes brasileiros em Portugal.

A comunidade imigrante brasileira ao redor do mundo não costuma estabelecer grandes associações duradouras. A Casa do Brasil de Lisboa funciona desde 1992. Os motivos da sua longevidade e da sua interação com a sociedade portuguesa foram alvo de estudo nas ciências sociais, mas sempre voltado para eventos pontuais. Neste trabalho busca-se, por meio da análise de documentos históricos do seu arquivo e do seu jornal, entre outros documentos, além de entrevistas com alguns dos seus dirigentes, antigos e atuais, dimensionar e assinalar melhor a sua atuação enquanto ator social, no processo da imigração brasileira em Portugal.

A sede da CBL foi sem dúvida um grande local agregador dos imigrantes brasileiros. Uma série de atividades culturais, desportivas, recreativas, palestras, debates, exposições, exibições de filmes brasileiros, entre outras, foram realizadas na sua sede. Havia também a distribuição gratuita do seu jornal *Sabiá*. A criação de apoio jurídico, de um gabinete de emprego, aulas de dança, aulas de inglês, o acesso a computadores com internet gratuita para associados, entre outros serviços, também motivavam o trânsito de imigrantes brasileiros para a CBL.

Dentre as várias atividades desenvolvidas pela associação, pode-se destacar a criação do jornal *Sabiá*. O nome é de um pássaro da fauna brasileira, mas não só. Existem vários outros significados relacionados ao sabiá e um deles é a alusão ao famoso poema de Gonçalves Dias, chamado “Canção do Exílio”, feito em 1847, durante a estadia do poeta em Portugal, enquanto cursava a Faculdade de Direito em Coimbra.[73]

"Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;

[73] Cândido, António de Melo e Souza. (1977) *Presença da literatura brasileira, volume 1: Das origens ao Romantismo*. Rio de Janeiro, DIFEL, p.262.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita
Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores;
Que não encontro por cá;
Sem qu´inda avista as palmeiras,
Onde Canta o Sabiá"

Na literatura brasileira várias paródias foram feitas pelos escritores modernistas sobre a "Canção de Exílio". Além disso, os músicos Chico Buarque de Holanda e Tom Jobim compuseram uma canção chamada "Sabiá", na qual a terra distante é o tema principal. Todas essas referências serviram e foram pensadas na escolha do nome do jornal dessa associação de imigrantes brasileiros. Uma das características mais marcantes deste impresso foi a divulgação das atividades da associação para os imigrantes brasileiros. Por este motivo, ao invés de fazer um texto sobre atuação da CBL e depois um sobre o jornal *Sabiá*, escolheu-se tratar dos dois temas em um mesmo texto. Apesar dessa escolha, não se deixa de lado outros tipos de fontes sobre a Casa do Brasil de Lisboa, nomeadamente atas de reuniões, entrevistas, panfletos, entre outros.

Durante o período estudado, houve duas sedes da CBL: a primeira na Rua São Pedro de Alcântara, 63 – 1º direito, no bairro da Encarnação, e a segunda, desde 2010, num prédio inteiro doado pela Câmara de Lisboa para a CBL, na Rua Luz Solano, 42, no Bairro Alto. A atuação da CBL foi marcante na sociedade portuguesa por iniciativas próprias, como colóquios, debates, jantares e festas, além de estar presente em ações conjuntas com o Estado Português e representantes do Estado Brasileiro. Porém, estas alianças não tornaram a associação menos crítica em relação aos seus parceiros, dependendo do momento. Com efeito, a Casa do Brasil de Lisboa se definiu em 2007 em seu *site* dessa maneira:

> "A Casa do Brasil de Lisboa (CBL) é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada oficialmente em Janeiro de 1992 por brasileiros residentes em Portugal e portugueses amigos do Brasil, aberta a todas as nacionalidades. A CBL defende os interesses de todos os imigrantes em Portugal, em especial os brasileiros e os de origem lusófona, dentro de uma ótica de integração e de luta pela igualdade de direitos e responsabilidade cidadã. Atua como pólo de reflexão e promoção de debates temáticos e intervém ativamente em questões relativas à política de imigração em Portugal e à luta contra o racismo e a xenofobia, entre outras. A CBL é laica, apartidária, porém não apolítica. Entende que as questões relativas aos imigrantes em Portugal e emigrantes em todo o mundo têm um caráter político e assim são encaradas pelas diversas sociedades e Estados." [74]

Além dessa atuação propagada pela associação, houve concomitantemente a criação e

[74]Disponível em http://www.casadobrasil.info/index.php/quem-somos/5-quem-somos consultado em 23.01.2012.

manutenção de uma biblioteca e de um arquivo chamado CEDOC, atualmente na biblioteca no quarto e último andar do prédio da associação. Foi com grande surpresa que encontrei aí muitos materiais ricos de informações de toda a natureza. Existe uma série de caixas-arquivo, onde foram construídos diversos dossiês sobre os mais diversos temas ou personagens.

Uma análise mais detalhada sobre os dois nos permitiu incluirmos ambos enquanto fontes históricas sobre a Casa do Brasil de Lisboa, como já foi referido na introdução, pois qualquer registro deixado pelos seres humanos deve ser considerado como fonte histórica. Ao analisar um jornal devido ao conteúdo dos textos, podemos atribuir ideologias dominantes ou predileções dos seus produtores. Neste caso da análise da biblioteca e do arquivo, podemos cruzar essas duas categorias, seletivas e formadoras de opinião, e como isso se refletia ou não no jornal *Sabiá*. Concordamos com o especialista em leitura e livros, o historiador Robert Darnton:

> "Consideramos a frequência com que a leitura mudou o curso da história a leitura que Lutero fez de Paulo, a leitura que Marx fez de Hegel, a leitura que Mao fez de Marx. Esses pontos se sobressaem em um processo muito mais profundo, muito mais vasto – o esforço eterno do homem para encontrar significado no mundo que o cerca e no interior de si mesmo. Se pudéssemos compreender como ele tem lido poderíamos nos aproximar de um entendimento de como ele compreende a vida" (Darnton, 2011, pp.238-239).

Em relação ao tema dos dentistas brasileiros e sua disputa pela legalização de diplomas, pude encontrar um conjunto muito vasto de informações obtidas nos jornais e revistas portuguesas das mais diferentes épocas. O arquivo trouxe principalmente uma mais-valia no sentido de problematizar os assuntos que não foram notícia no *Sabiá*. Em relação à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), por exemplo, não houve nenhuma notícia no *Sabiá*, porém, nos dossiês havia uma pasta repleta de informações, com matérias de revistas e jornais, tanto do Brasil como de Portugal. Esse silêncio sobre os temas envolvendo a IURD no jornal *Sabiá* foi intencional, ou seja, uma escolha deliberada de não falar sobre o assunto, assumindo uma posição naquele momento.

Para estudar o *Sabiá*, utilizaremos os métodos da história da imprensa, que propõe uma análise de duas questões conjuntas: a forma e o conteúdo. O *Sabiá* circulou com alterações de periodicidade e forma ao longo da sua existência, algo, aliás, muito comum neste tipo de publicação associativista. Essas mudanças nos permitem propor fases, nas quais podemos tentar perceber as questões financeiras da CBL e também a sua participação na sociedade portuguesa, a ponto de financiar, ou não, a circulação do meio impresso.

4.1 O *Sabiá*

> "Na actividade de mediadores culturais, algumas manifestações de cultura popular foram elencadas, como as «de verdade», «originais». Não é qualquer Brasil, é uma leitura a partir de parâmetros que nos remetem para representações mais amplas, mas também para a capacidade de recortar a realidade específica desses indivíduos fundadores. Essas lideranças têm, portanto, papel de destaque" (Barreto, 2011, p.312).

Os meios de comunicação dos imigrantes tiveram uma atenção importante em vários estudos sobre a imigração no mundo ao longo do tempo. Principalmente em função das condições em que se encontram, de estarem em uma sociedade diferente da deles e não só, mesmo deixando a sua terra, os imigrantes ainda querem ter notícias e se manter informados sobre o que acontece no seu país. Existe, por meio desses produtos da imprensa imigrante, uma construção de sentidos, entre o lugar deixado e o novo lugar, privilegiando identidades, sentimentos e estereótipos.

Em relação à forma, o *Sabiá* teve dois formatos, o primeiro com 30 cm de comprimento por 22,5 cm de largura e sem cores, na grande maioria com 6 ou 8 páginas. Nesta fase havia uma grande quantidade de textos, com espaçamentos curtos, deixando poucos espaços em branco. No segundo momento, o formato do *Sabiá* teve um aumento na folha utilizada, com 40 cm de comprimento e 28 cm de largura. Houve a introdução de algumas páginas coloridas e um aumento para o dobro de páginas, com uma média de 12 a 14. Em relação à diagramação, os textos continuaram sendo muito utilizados, mas houve um maior espaçamento, bem como uma maior utilização de fotos ao invés de texto. Essas questões serão exploradas com mais detalhe adiante.

O *Sabiá* divulgou sua tiragem a parir do décimo primeiro exemplar, como duas mil cópias; na segunda fase ele contou com uma tiragem de cinco mil exemplares. Seu primeiro diretor foi Alípio de Freitas, ex-padre português que emigrou para o Brasil e que participou da luta armada nas Ligas Camponesas contra a ditadura brasileira, sendo preso na década de 1970[75]. Durante os primeiros dez anos do jornal, ele ocupou este cargo e produziu uma série de textos, sobre os mais diferentes assuntos. Alguns editoriais atribuímos à sua autoria, pois o usual eram os editoriais virem assinados pelos presidentes em exercício da CBL, porém, quando isso não acontecia, entendemos que foram produzidos pelo diretor do *Sabiá.*

[75] Alípio foi solto apenas com o fim do regime militar antidemocrático brasileiro, retornando a Portugal somente na década de 1980. Feldman-Bianco, Bela (org.) (2010) *Nações e diásporas. Estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas, Editora da Unicamp.

Em todas as edições do *Sabiá* houve editoriais que, na sua grande maioria, refletiam o diálogo entre o presidente da associação e a comunidade de imigrantes brasileiros. Os tamanhos e localização dos editoriais no *Sabiá* foram-se alterando conforme a edição ou a necessidade que o assunto demandava.

Neste estudo foi realizada uma análise sobre o jornal da forma mais próxima possível com os outros meios impressos estudados, porém, a característica não comercial e o facto de ser produzido por uma associação imigrante fizeram com que o *Sabiá* tenha algumas singularidades em relação aos outros meios de comunicação analisados. Um exemplo diz respeito à forma do jornal, que constantemente foi alterada, sem necessariamente representar uma alteração no projeto editorial. A relação com o conteúdo do *Sabiá* também é diferente dos outros meios, uma vez que não existia uma relação de lucro com a produção do jornal. Sua geração esteve ligada às questões motivacionais da associação, eram as suas pautas (assuntos mais importantes) e debates que influenciavam a produção de uma edição do *Sabiá*.

Qualquer produção no sistema capitalista implica custos e todos os meios aqui analisados com atenção estão diretamente ligados a isso, mesmo que sua distribuição fosse gratuita. Mas a relação desse custo de produção era diferente para cada um deles. O *Boletim Informativo*, por exemplo, estava ligado ao orçamento do Governo Português e os jornais da Igreja Universal do Reino de Deus faziam parte de um investimento da instituição para se tornar mais conhecida no país.

Sempre houve alguma publicidade no jornal, voltada na grande maioria para os imigrantes brasileiros, com anúncios de bares, restaurantes, lojas de artesanato, entre outros serviços e atividades. Estes locais apresentados na publicidade e também nas matérias do *Sabiá* constituem uma rede de sociabilidade que abordamos no primeiro capítulo. Além desses locais, houve ainda a criação de uma rede onde o *Sabiá* era distribuído, locais que também são importantes, além dos postos de trabalho, para traçar o cotidiano dos imigrantes brasileiros em Portugal.

Como destacámos anteriormente, em relação à forma, houve duas fases do *Sabiá*. Já em relação ao conteúdo e à periodicidade, o jornal pode ser dividido em mais etapas. Com isso não se está separando forma e conteúdo, mas propomos três fases que abordam as transformações do jornal, de acordo com a seguinte divisão: uma primeira fase inicial, uma segunda fase, com alteração no conteúdo mas manutenção da forma, e uma terceira fase, com dupla alteração na forma e conteúdo.

Fase I	Fase II	Fase III

39 exemplares	14 exemplares	23 exemplares
1992-1996	1997-2002	2003-2007

Quadro 3 Fases do jornal *Sabiá* 1992-2007

As três fases propostas e detalhadas em relação ao ano e os números de exemplares são transversais em relação às presidências da CBL. Esta interpretação surge como uma tentativa de melhor analisar o jornal *Sabiá* e a Casa do Brasil de Lisboa como um grupo, no entanto, com isso não se nega a existência de conflitos internos e disputas de poder. Mas propomos que, em relação ao *Sabiá*, houve alguns elementos que permitem problematizar continuidades da sua linha editorial a ponto de estabelecer fases. Os próximos pontos são compostos por análises dessas fases do jornal, enquanto fontes históricas produzidas pela CBL sobre esse período.

4.2 Primeira fase do *Sabiá*

> "As associações surgem não apenas como lugar de sociabilidade e de convívio entre os imigrantes, ou de resgate de identidade nacional, mas aparecem como actores fundamentais no processo político em curso que vem delineando um novo caminho para as relações entre imigrantes e nacionais. Quer como canal legítimo de diálogo com o poder público e os órgãos europeus, quer como mediadoras em situações de crise e de violação dos direitos humanos, as associações e organizações de protecção ao imigrante têm conseguido abrir espaço para sua actuação e um lugar de visibilidade. São muitas as associações de imigrantes em Portugal. Algumas com décadas de actuação e com papel de destaque no cenário local e nacional" (Barreto, 2011, p.308).

A primeira fase do *Sabiá* foi composta de 38 exemplares entre os anos de 1992 e 1996, um período com muitas secções e diversidade de assuntos tratados. Neste momento havia uma ampla produção textual, com vários autores a escreveram no jornal. As secções ou colunas mais duradouras desta primeira fase foram organizadas no quadro 4 abaixo com o número de vezes que estiveram presentes no jornal e o nome do seu autor.

Colunas e autores do jornal Sabiá durante a primeira fase.

Nome da Secção	Em quantas edições esteve presente no *Sabiá*	Autor
Juca Brasuca	32	Jô Fevereiro
Curtas	25	Não identificado
Nós da Política	20	Carlos Viana
Pérolas e porcos	14	Não identificado
Vitrine Marginal	11	Ligório Nery

Saudade do Brasil	9	Vários autores
Economia em foco	8	Marco António Pontes
Pé na estrada	7	Aloizio Campomizzi Filho

Quadro 4 Fonte jornal *Sabiá 1-38.*

A continuidade das colunas e dos autores nesta primeira fase do *Sabiá* contribuiu para um discurso afinado e um projeto editorial coeso, mesmo dentro da diversidade de escritores. Em entrevista, um associado da Casa do Brasil de Lisboa que escreveu neste período ressaltou o sentimento de unidade que os integrantes do *Sabiá* e da CBL tinham naqueles primeiros anos da associação. Como será analisado adiante, o caso do *impeachment* de Collor, por exemplo, foi um dos vários momentos em que a leitura das páginas do *Sabiá* deixou transparecer a coesão dos autores em relação a um tema.

O autor com maior participação com uma única secção foi o publicitário mineiro Jô Fevereiro, com a sua banda desenhada *Juca Brasuca*. A parte superior da última página do *Sabiá* era o local destinado à tira de histórias em quadrinhos feita pelo cartunista Jô Fevereiro. Foram publicados 32 exemplares com suas bandas desenhadas ao longo dos anos de 1992 e 1995.

O humor e a imagem têm sido muito utilizados na construção dos estudos sobre História Social. Ambos permitem interpretações ricas, leituras e visões de mundo, que muitas vezes constituem um importante instrumento de crítica. Neste caso, sobre o cotidiano dos imigrantes, propomos perceber como estas histórias apresentadas no *Sabiá* se relacionaram com o tempo histórico em que ele foi socialmente produzido e consumido.

Por exemplo, Jô Fevereiro apresentou a chegada de Juca Brasuca a Portugal, logo na sua primeira história, chegando ao Aeroporto de Lisboa da Portela na imagem abaixo:

Figura 4 Jornal *Sabiá* número 1, maio de 1992, p.2

A construção e a apresentação do personagem permitem as interpretações do imigrante como alguém que faz de tudo, mas também associa a ideia de que este imigrante brasileiro é composto de múltiplas identidades. O último quadro ressalta o espanto do guarda ao saber que este brasileiro dá aula de português, contradição que provoca humor, uma vez que o português é o idioma oficial de Brasil e de Portugal. Contudo, ao acentuar as pronúncias diferentes dos dois personagens, o autor chama a atenção para as múltiplas possibilidades dessa comunicação.

Sobre essas diferenças na forma de falar, o autor retoma o assunto no número 15, publicado em agosto de 1993, onde Juca Brasuca e mais um imigrante brasileiro estão em uma mesa de bar e não conseguem ser atendidos. Eles conversam sobre o livro de Mario Prata, *Schifaizfavoire*[76] e, no momento em que acertam na pronúncia do livro, se espantam quando a atenção dos garçons se volta para os dois. Ou seja, não existe uma falta de vontade em atender os dois, existe sim uma falta de comunicação entre os dois imigrantes brasileiros e os atendentes de mesa. O autor deixa claro como, apesar de a língua ser a mesma e, para muitos, a motivação do deslocamento destes imigrantes, ela pode ser, sim, um desafio para o imigrante brasileiro em Portugal, como, por exemplo, constata Maria Xavier, que entrevistou uma série de brasileiros e destacou os relatos:

> "A gente não fala o mesmo português deles, é totalmente diferente do Brasil, totalmente", diz Sérgio (...) Patrícia lembra a primeira vez que foi à praça: "Eu não entendia uma palavra do que as pessoas diziam. Eu tive um acesso de choro no meio do mercado, porque eu dizia "eu tô em Portugal, em Portugal as pessoas falam português!" aquela coisa das feirantes, das mulheres do mercado que falam depressa, eu não entendia nada" (Xavier, p.101 e 102).

Essa constatação da autora foi partilhada por outros imigrantes nas entrevistas e também em outros trabalhos. Os próprios portugueses utilizam o neologismo "brasileiro" para se referirem ao português falado no Brasil, como na expressão bastante comum "vocês falam brasileiro". O "brasileiro" é um estereótipo criado pela sociedade portuguesa para se diferenciar dos portugueses, isso porque, ao criar uma nova língua, cria-se mais uma barreira entre portugueses e brasileiros. Dessa forma, o idioma passa a ser um tema de segregação e não de união[77].

Em maio de 1993, na edição de comemoração do primeiro ano do *Sabiá*, o entrevistado foi Juca Brasuca. Nas páginas 4 e 5 as suas histórias foram reproduzidas novamente e no meio da paginação dupla estavam seis perguntas. O personagem na entrevista é cuidadosamente definido. Por exemplo: até àquele momento, Juca aparecia em bares, na praia, sem visto de trabalho e, a partir de então, ele passa a ser apresentado como filho de português e dentista. Opções mais aceitáveis dentro da luta da associação contra os estereótipos da sociedade portuguesa, que construía a imagem do brasileiro como o "malandro".

[76] Classificado como um dicionário do português falado pelos portugueses.

[77] Como referimos anteriormente, muitos imigrantes utilizam o idioma português como motivação maior para a escolha de Portugal como destino. Ao considerar o idioma utilizado pelos brasileiros como sendo diferente do utilizado pelos portugueses, gera-se uma inversão desse fator de proximidade e a criação e a utilização deste estereótipo não pode ser vista de maneira ingénua. Existe a proposta ideológica de criar mais um motivo de separação com a utilização desse estereótipo, pelo que um estudo mais aprofundado dele e também das repercussões dos Acordos Ortográficos em Portugal seria muito útil.

A escolha da profissão de Juca como dentista está diretamente relacionada com os já citados problemas diplomáticos que existiam entre Brasil e Portugal, quando brasileiros foram deportados por autoridades portuguesas. Os dentistas ganharam o estatuto de heróis na luta dos imigrantes brasileiros contra a sociedade lusitana e, após a entrevista, Juca Brasuca assumiu esse posto como exemplo. O motivo da imigração do personagem foi o congelamento das poupanças realizado pelo presidente Fernando Collor, outra informação vinculada na entrevista, que procurou moldar Juca Brasuca dentro da comunidade brasileira.

A coluna *Nós da política*, assinada por Carlos Viana, foi a coluna de textos mais presente no *Sabiá*, demonstrando a importância deste associado dentro da associação. Além de ter assinado diversos textos, esteve presente em vários cargos da associação e também foi presidente da CBL mais de uma vez. Na terceira vez que escreveu esta coluna, começou o texto com esta definição: "Esta coluna propôs-se a abordar temas controversos. Sendo um instrumento de reflexão sobre a realidade política e social do Brasil." (p.3)

A coluna *Vitrine Marginal* foi escrita por Ligório Nery sempre sobre aspetos culturais. A música foi um espaço privilegiado: artistas renomados, como Caetano Veloso, ou músicos imigrantes brasileiros em Portugal, viram os seus trabalhos apresentados com uma recensão ou tinham seus concertos divulgados. Alguns foram até mesmo entrevistados por Ligório Nery, como na edição de dezembro/janeiro de 1993/1994, com o título *Um sopro de intuição,* onde o artista Geová Nascimento foi entrevistado da seguinte forma:

> "**Sabiá:** Geová, como tudo começou com o sax?
>
> **Geová:** O Sax foi por acaso. Na verdade, eu sempre quis tocar violão e cantar. Eu ouvia MPB, Milton Nascimento, este pessoal todo e isto me fascinava. Fui pra escola de música estudar violão, mas como era uma escola erudita me incentivaram a tocar clarinete porque teria um futuro mais garantido como músico de orquestra. Assim, fui mexendo com este lado dos sopros e depois mudei para o saxofone, me formei neste instrumento e agora tenho estudado também o clarinete e violão.
> **S.**: Por quê um músico com tanto futuro no Brasil deixou tudo e veio embora?
> **G.**: A principal razão no meu caso, foi a necessidade de busca como artista; a busca de novos horizontes para criar e definir melhor o que eu queria, principalmente em composição e acho que isto estou encontrando agora.
> **S.**: Você hoje se sente mais influenciado por Charlie Parker, John Coltrane, Michael Bricker ou por Paulo Moura?
> **G.**: O Paulo Moura é o músico que mais me influenciou. Como saxofonista, ele tem uma linguagem muito brasileira, uma maneira muito própria de tocar e estes outros grandes músicos do jazz são muito especiais para todo mundo que toca saxofone. Temos que aprender esta linguagem do jazz e é isto que eu quero, aprender de todos os lados, fazer um trabalho com características próprias e com influências de tudo o que possa absorver de outros músicos. (…)
> **S.**: Você acha a vida do músico melhor em Portugal do que no Brasil?
> **G.**: A vida do músico é muito parecida em todo lugar do mundo. Em Nova York, que é um centro muito grande de música, a concorrência é enorme. Proporcionalmente, Portugal não tem tanto espaço, mas também a concorrência é menor. Mas se o músico não entra

> numa linha comercial ou não acompanha um cantor de sucesso, fica difícil como em qualquer outro lugar. Aqui não é simples viver de música, como no Brasil também não é fácil" (*Sabiá*, dezembro/janeiro de 1993/1994, n.º18, p.7).

As entrevistas nesta coluna seguem essa postura, com questões técnicas sobre música mas também com questões pessoais e existe uma linha editorial livre em relação às respostas dos entrevistados. As questões sobre sair do Brasil ou a comparação com Portugal não são utilizadas pelo jornal para fazer sobressair o Brasil ou transformar Portugal sempre no papel do vilão. Apesar de algumas reportagens e colunas fazerem esse tipo de associação binária – o Brasil representando o bem e Portugal o mal – esta postura não era uma obrigação nas páginas do *Sabiá*, como demonstra o exemplo dessa coluna retratada acima.

A coluna *Saudade do Brasil* é uma seleção de textos feitos inicialmente por portugueses que moraram no Brasil em algum momento das suas vidas, mas que já haviam voltado para Portugal. Esta estratégia desenvolvida pelo *Sabiá* foi recorrente ao longo da sua existência, buscando ressaltar os laços de um passado comum entre Portugal e o Brasil e destacando a forma como os brasileiros acolheram bem os imigrantes portugueses, como no trecho selecionado abaixo, escrito por António Félix da Cruz, que viveu no Brasil em 1969.

> "Conhecer bem o Brasil é amar mais Portugal. Mas conhecer o verdadeiro Brasil, o Brasil defensor número um da língua portuguesa; o Brasil de Agricultura progressiva e de poderosas infra-estruturas industriais; o Brasil de ciência avançada e de técnicas aprimoradas; o Brasil dos intelectuais de renome mundial e dos artistas de mais requintada sensibilidade. Quando for este o Brasil conhecido e não o de anedótico mau gosto, então, sim, a Comunidade Luso-Brasileira será aquela realidade porque ambicionam os brasileiros cultos e os portugueses mais conscientes, uns e outros preocupados com o prestígio do Mundo de Língua Portuguesa" (*Sabiá*, junho de 1992, n.º 2, p.8).

Aqui existe uma defesa da língua comum e da união entre os dois países, outros usaram mais humor na sua descrição sobre a saudade do Brasil apontando as diferenças entre os dois países, como Carlos Vieira: "Saber a diferença entre veado, bicha e travesti. Pior que um ladrão é um policial. A trabalhadeira para se arranjar um fiador para o apartamento que pretende alugar e, além disso, o inquilino é quem paga o imposto predial. Um telefone não se aluga à telefónica, compra-se. Cidade ma-ra-vi-lho-sa...! (*Sabiá*, setembro de 1992, n.º 5, p.2). Houve também depoimentos de imigrantes brasileiros nesta coluna que descreviam suas saudades e seus sentimentos em relação ao Brasil.

Pé na Estrada, que teve alguns trechos analisados no terceiro capítulo, foi uma secção inicialmente concebida com a proposta de apresentar locais aos brasileiros, em um estilo jornalístico consagrado nos guias de turismo. Nas edições 1, 2, 3, 6 e 12 foram retratados

locais de Portugal, como Alentejo, Gerês ou Meco, e até locais no estrangeiro, como Sevilha e Marraquexe. Na edição de julho de 1992, em função da EXPO de Sevilha, a cidade espanhola foi o tema da crónica que demonstramos a seguir:

> "Mesmo para o meu velho carro, Sevilha é acessível, e continua linda. Com ou sem EXPO, é sempre um prazer desmedido andar por este oásis meio árabe, meio andaluz. Os árabes partiram há mais de 700 anos, mas deixaram aqui como herança formidável a beleza única da arquitetura.
> Surpresas e novidades para todos os gostos, já na chegada uma cena inédita: uma autêntica escola de samba com 50 instrumentistas e nenhum negro. Pela primeira vez, uma escola de samba só de brancos. Mas para mim, samba sem crioulo é como aniversário de criança... sem bolo! Eu, por exemplo, um humilde produto da suruba entre negros, índios, portugueses e italianos, sem parentes importantes, sem dinheiro e sem fantasia, jamais teria lugar nessa escola. O que eu fiz foi sair de fininho.
> Na verdade, é tudo meio inexplicável, falta verbo. Por isso, para que os seus amigos acreditem em você, é bom levar uma máquina fotográfica e não economizar filme.
> Eu já vou embora porque assim exige o meu bolso terceiro mundista, vou desarmar minha barraca, mas um dia eu volto. Vale." (*Sabiá*, julho de 1992, n.º 3, p. 6)

O autor Aloizio Campomizzi Filho usa elementos informais para descontrair a escrita, sem perder a crítica em relação a alguns temas, retratando os lugares conforme o seu ponto de vista. Nas edições 4 e 7 houve uma alteração radical no teor do texto, que se tornou uma crónica livre, com uma remota descrição de um local. Com o título *Era uma vez na América Latina*, na edição de novembro de 1992, houve muita crítica e humor na descrição feita pelo autor que reproduzimos parcialmente abaixo:

> "Há mais ou menos 500 anos atrás, três padres, Ugarte, hoje um santo, Javier, hoje um beato, e José Maria, um herético condenado à morte pelos tribunais do Santo Ofício, foram testemunhas, designadas por Deus, do descobrimento do Novo Mundo, hoje América. Vieram com Colombo e cumpriram, incansáveis, a árdua tarefa de catequese do primitivo povo Maia da localidade de Tivel, na península de Yucatan, hoje Guatemala.
> - Veja Padre Ugarte, uma pirâmide!
> - Pôxa, nem nisso esses caras são originais, que descarado plágio dos egípcios.
> - Mas estas belas indiazinhas não são nenhum plágio.
> - Não, não são. Traga-me umas para eu batizar.
> E assim decorriam os dias de conversão dos infiéis.(…)
> À tarde:
> - Quanto ouro! Espantou-se o futuro churrasquinho.
> - Este ouro, fruto da boa terra americana, é uma dádiva de Deus. Mande-o já para Espanha, onde ornará as igrejas e emoldurará para sempre as palavras do Criador. Esse colar deixa comigo que eu mesmo levo - ordenou o futuro santo.
> - Padre Ugarte, sua bondade ainda leva ao Vaticano - Acrescentou o futuro beato e atual puxa-saco.(…)
> À noite:
> - Ponha mais uns destes livros no fogo e traga um Jeres que está muito frio
> Aposto minha Bíblia nova que as mulheres caribenhas são mais e melhores que estas mexicanas.
> - Apostado, irmão Javier. E depois à Jamaica que eu tô doidinho por um reggae.
> - Vamos que o trabalho é duro!
> - Irmãos, acho que vi um disco voador...
> - Herege! Mata!"

Na história proposta existe uma crítica profunda à colonização espanhola e à participação da Igreja Católica neste processo. O ano de 1992 foi marcado pelas comemorações dos 500 anos da chegada dos espanhóis à América, houve muitas celebrações e o tema se tornou assunto de várias reportagens ao redor do mundo. Ao criticar a atuação dos espanhóis e da Igreja Católica, o autor também atingia os portugueses que atuaram no Brasil de maneira muito semelhante neste período[78].

Duda Guennes foi um associado muito presente, primeiro com a coluna *Cobras e Lagartos*, e depois com uma série de outros textos no *Sabiá*. Tal como Carlos Vianna, foi um dos intervenientes mais atuantes na história da associação e ainda na terceira fase do jornal teve uma coluna fixa de longa duração, a *Guennes Book*. Duda foi correspondente do jornal satírico brasileiro *Pasquim* em Portugal e também teve uma coluna no jornal desportivo português *A Bola*.

Dentro da nossa proposta de caracterização das fases do *Sabiá*, propomos um estudo de caso sobre a forma como a política interna brasileira foi noticiada para seus leitores imigrantes. No começo da década de 1990 ainda não existiam canais brasileiros de televisão por assinatura, a internet não fazia parte do cotidiano da maioria das pessoas e daí a importância atribuída pelos editores e colaboradores do *Sabiá* em escrever sobre o que se passava no Brasil.

Neste sentido, existiu uma linha editorial comum do jornal, em relação à crítica ao Governo Collor e também aos setores mais posicionados na tradicional direita brasileira. As notícias relacionadas aos períodos eleitorais e não só deixam isso bem claro. Nomes como Paulo Malluf, António Carlos Magalhães, Itamar Franco, José Sarney e Fernando Henrique Cardoso, entre outras figuras da direita e do centro da política brasileira, são extremamente criticados.

Por outro lado, existe um diálogo maior com os partidos da esquerda: o deputado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), António Bivar, e o líder do Partido Socialista Brasileiro (PSB), Roberto Freire, quando estiveram em Lisboa, participaram de debates promovidos na sede da Casa do Brasil de Lisboa e também concederam entrevistas ao *Sabiá*. Frei Beto, outra figura de destaque na intelectualidade do Partido dos Trabalhadores, teve mais de uma vez um texto seu reproduzido nas páginas do jornal.

Ainda nesta primeira fase mais politizada e crítica, o personagem Juca Brasuca se

[78] No final da década houve também essa construção de celebração dos feitos portugueses nos Descobrimentos, em 1998 e 2000.

posicionou em relação às eleições de 1994 com 3 bandas desenhadas diferentes, em agosto, setembro e outubro. Em agosto aparece o personagem torcendo pela seleção brasileira no Campeonato do Mundo e, após a vitória, Juca diz: "Putzgrila, dessa vez a galera teve que suar a camisa", na seguinte, trocando de camisola, ele diz: "... e por falar nisso vamos pôr esta pra lavar..." e, na última banda desenhada, aparece com uma camisola com o símbolo do PT e diz: "... e botar uma limpa!".

Na edição seguinte, Juca está no telefone, como podemos analisar nesta reprodução:

Figura 5 Jornal Sabiá, número 25, setembro de 1994, p.8

Como já foi referido anteriormente, as formas de expressão do personagem Juca são carregadas de significados, e a escolha da expressão "Alô" é um primeiro indício de que a comunicação será realizada com outro brasileiro (em Portugal, as expressões mais usuais para atender o telefone são "Está lá", "Está sim" ou "Tá"). Em relação à política, Juca utiliza o apelido "barba", pois esta era a forma como os militantes mais antigos do Partido dos Trabalhadores chamavam o então candidato a presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva. A reposta ainda na primeira banda desenhada não deixa dúvida sobre quem é o interlocutor da ligação telefónica, pois as expressões "companhêro" e "pobrema" são dois erros de português marcantes na fala de Lula.

Juca está preocupado com o desempenho de Lula nas pesquisas eleitorais, ele utiliza a sigla BHC para fazer referência ao candidato concorrente do Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB), Fernando Henrique Cardoso, que era chamado pelos meios de comunicação brasileiros de FHC. Porém, essa escolha de trocar o F pelo B não foi desprovida de significado, uma vez que BHC era uma sigla de um veneno no Brasil muito utilizado nas

plantações de café e atualmente proibido em muitos estados brasileiros[79].

Existe uma explicação, pelo lado de Lula, para o mau desempenho nas sondagens, que é a manipulação dos resultados do plano económico que criou a moeda Real, através do recurso às expressões "parabólica" e "ricupero". Naquele período, o ministro da Fazenda era Rubens Ricupero, que tinha substituído Fernando Henrique Cardoso no comando da economia do país. Em plena campanha eleitoral, houve o vazamento do áudio de uma conversa entre o repórter das organizações Globo, Carlos Monforte, e o ministro da Fazenda. A conversa entre os dois foi captada por antenas parabólicas, nela houve uma série de alegações sobre a economia e também a afirmação de que a Globo usava Ricupero para propagandear a campanha de Fernando Henrique Cardoso para a presidência. Estas declarações geraram a sua demissão do ministério.

As eleições de 3 de outubro de 1994 elegeram para presidente da república o ex-ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, com 34.350.217 votos, 54,28%, na primeira ronda. Na edição número 26 do *Sabiá*, após a eleição, o especialista em economia questiona a eficácia e as possibilidades de sucesso do Plano Real no texto *Os desafios de FHC*. As alianças políticas com o Partido da Frente Liberal e o Partido Trabalhista Brasileiro são colocadas como grandes obstáculos a serem ultrapassados no governo de FHC devido às tendências destes partidos para as piores práticas políticas da história do Brasil (p.4).

Jô Fevereiro voltou a vestir Juca de preto, andando pela rua, como na época do *impeachment*, mas agora a placa do carro, que antes era BR 19 92, foi alterada para BR 19 94. Juca diz enfaticamente "Ok BHC. Agora é a tua vez!" "Ou você acaba com os ratos ou se transforma em um!". O tom dos outros autores no *Sabiá* seguiu o mesmo teor de desconfiança em relação ao futuro presidente, principalmente devidas às alianças eleitorais estabelecidas na campanha.

Tanto nas reportagens como na banda desenhada existe, além da notícia da eleição de Fernando Henrique, uma cobrança em relação ao seu futuro governo. Essa postura crítica do *Sabiá* em relação às notícias relacionadas ao Brasil denotava o quanto esses imigrantes se interessavam por aquilo que acontecia no seu país de origem. Nas outras fases do *Sabiá* essa preocupação foi menor e as questões envolvendo a imigração passaram a ter mais importância do que as notícias sobre o Brasil.

[79] O BHC é um inseticida e sua sigla advém do nome inglês - *Benzene Hexachloride*. É um produto que combate pragas na lavoura e ao entrar em contacto com a pele tem efeito cumulativo, causando danos irreversíveis ao sistema nervoso central. A absorção pelo organismo pode ocorrer por via oral, respiratória ou simples contacto com a pele. Entre os sintomas destacam-se convulsões, dores de cabeça, tremores, arritmia e até óbito em casos mais graves.

Durante essa primeira fase do *Sabiá* existiu uma preocupação com a diversidade de informações, daí o grande número de colunas e também muitos textos densos sobre determinados assuntos. Existiu durante esse período uma relação de igualdade de tratamento entre os articulistas e a direção da associação em relação aos leitores do *Sabiá*. Em diversas oportunidades havia um apelo para a participação dos leitores nas atividades da CBL como, por exemplo, o envio de textos e matérias para serem reproduzidas no jornal.

4.3 Segunda fase do *Sabiá*

As mudanças ocorridas nessa segunda fase foram principalmente no conteúdo do jornal, a forma sofreu poucas alterações. Outra questão importante foi a troca da gestão: na primeira edição do *Sabiá* de 1997, a capa referia as comemorações do quinto aniversário da associação CBL e também a composição da nova diretoria. Carlos Viana assumiu o cargo de presidente e assinou o editorial dessa edição. Segundo o texto de Viana, os princípios fundamentais da Casa do Brasil nos últimos cinco anos seriam mantidos, principalmente de acordo com os três pontos abaixo:

- "ser uma entidade plural, democrática, apartidária mas não apolítica, fiel à luta dos imigrantes e ao combate do racismo e da xenofobia;
- ser ativa na divulgação da cultura e da realidade brasileira, mas ávida do intercâmbio cultural que o viver no estrangeiro proporciona;
- ser um pólo de reflexão e defesa não só dos interesses dos imigrantes brasileiros em Portugal mas de toda a diáspora brasileira pelos quatro cantos do mundo, que já soma 1,5 milhão de compatriotas." (*Sabiá*, número 38, janeiro, 1997, p.2)

Entretanto, analisando as duas fases do *Sabiá*, verifica-se uma mudança na forma de produção do jornal. Se anteriormente existiram muitos colunistas e uma ampla participação de autores, nesta fase esse modelo acabou: não houve nenhuma coluna, existiram sim textos de autores diferentes, mas nunca com um compromisso de continuidade ou de um novo texto. Nesta fase podemos perceber uma centralização dos textos em volta do presidente da associação, Carlos Viana: neste período, 19 textos foram assinados por ele, enquanto o segundo colunista mais publicado, Duda Guennes, teve 4 textos e a soma de todos os outros autores não passou os 16 textos.

José Alberto Braga foi uma figura muito importante na Casa do Brasil de Lisboa. Nascido em Braga, emigrou para o Brasil com 15 anos, onde trabalhou como jornalista no

contestador e sarcástico jornal *Pasquim*[80], retornou a Portugal em 1982 e foi autor de vários livros de humor no Brasil e em Portugal (Braga, 1991, 1996). No *Sabiá*, no início, teve uma coluna chamada *Zona Tórrida*, em homenagem ao jornalista brasileiro Irineu Garcia, que escreveu uma coluna com este mesmo nome durante anos no *Jornal de Letras Artes e Ideias de Lisboa* (*Sabiá* n.º 2, p.7 e Ferreira, 2010, p.8).

Em 1997 foi um dos maiores financiadores do *Sabiá*, anunciando suas revistas *Lusofonia* e *Brasil Europa* que ocupavam duas páginas inteiras e coloridas. Uma era apenas propaganda e a outra era uma reprodução de um texto que se encontrava nas suas revistas. No editorial do último exemplar de 1997, Carlos Viana fez um balanço dos acontecimentos relacionados com o ano anterior e, ao falar do jornal, ele próprio agradece o patrocínio dessa forma: "O nosso SABIÁ continua cantando firme e agradece o inestimável apoio ao longo desse ano, da EUROBRAPE, editora das revistas LUSOFONIA, BRASIL-EUROPA e PERFIL" (*Sabiá*, número 43, dezembro de 1997, p.2).

Em relação aos financiadores do *Sabiá*, para além das revistas de José Alberto Braga, a segunda fase do jornal foi o momento em que apareceu um tipo importante de serviço: a transferência monetária entre Portugal e Brasil. Esta operação, realizada por bancos ou financiadoras, aponta para o crescimento de uma população imigrante que necessita deste tipo de serviço, como foi destacado no primeiro capítulo. O primeiro anúncio no *Sabiá* foi do Banco do Brasil, em dezembro de 1997, na edição número 43, na página 4, ocupando metade do espaço, com o seguinte texto:

> "Ordens de pagamento para o Brasil
>
> Você já conhece o serviço "on line" do Banco do Brasil para as Ordens de Pagamento?
> Para quem deseja passar para o Brasil uma Ordem de Pagamento para crédito em uma conta-corrente, foi criado o serviço "on line", nos quase cinco mil pontos de atendimento do Banco do Brasil.
> VEJA AS VANTAGENS
>
> - Transferência em Reais
> - Crédito automático na conta-corrente do favorecido
> - Limite de até R$ 10.000, nas Ordens
> - Atendimento desburocratizado no Brasil
> - Garantia e segurança do Banco do Brasil
> - Melhor atendimento aos brasileiros em Portugal
>
> O serviço "on line" faz sua ordem de pagamento chegar no Brasil duas horas antes da sua remessa em Portugal."

O anúncio tenta convencer o imigrante brasileiro a fazer essa transação económica

[80] Jornal humorístico contestatório da ditadura civil-militar brasileira que circulou entre 1969-1991.

pelo facto de o banco ser brasileiro e mais confiável[81]. Houve ainda nessa segunda fase do *Sabiá* anúncios da Western Union, empresa norte-americana espalhada pelo mundo e especializada neste tipo de transferências de dinheiro entre países. Estas duas empresas buscaram espaço publicitário no *Sabiá* motivadas pela maior possibilidade de lucrar com esses serviços, o que demonstra, como foi abordado no primeiro capítulo, um novo tipo de imigrante ou um maior número de imigrantes que podiam enviar dinheiro para o Brasil.

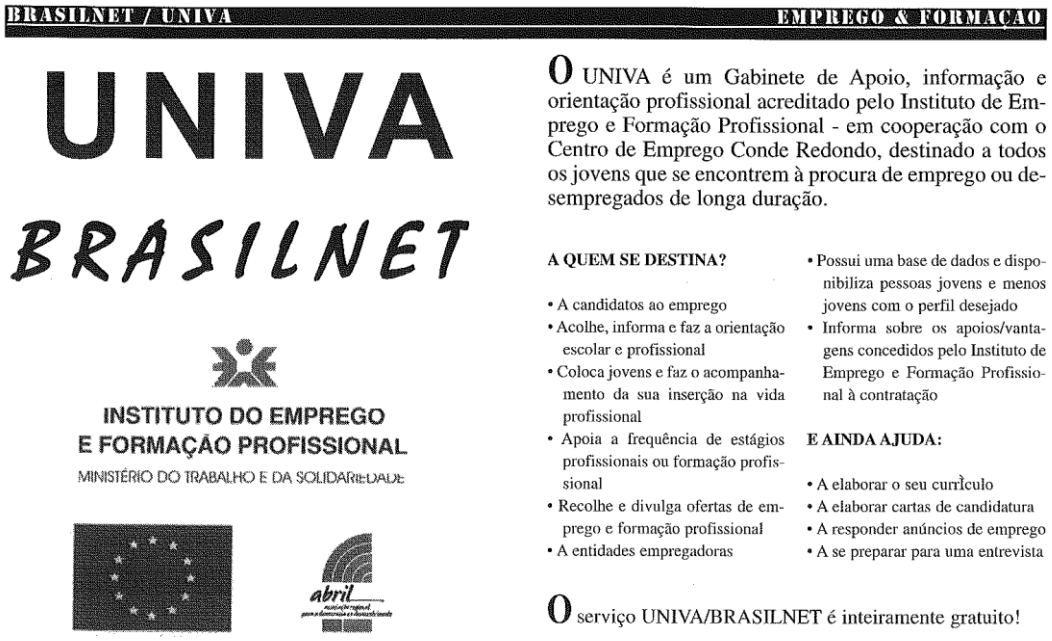
Este tipo de trabalhador imigrante que poupa seu salário para realizar transferências, se enquadra na categoria construída pelos estudos já realizados, que dividem a imigração brasileira em Portugal em duas fases distintas: uma primeira fase, de 1986 a 1996, com profissionais liberais com formação universitária, e uma segunda fase, de 1997 a 2007, composta por trabalhadores de pouca instrução, ligados sobretudo aos serviços de construção civil e restauração. Como destacamos no primeiro capítulo, enquanto generalização, essa teoria corresponde a uma parte da realidade, no entanto existiram nos dois momentos propostos, 1986-1996 e 1997-2007, diversidades de imigrantes brasileiros. A história ou a imagem da imigração brasileira na sociedade portuguesa retratada pelos grandes meios de comunicação foi construída com base nessa divisão em duas fases[82].

Durante a segunda fase do jornal *Sabiá* surgiu um projeto que mobilizou a associação Casa do Brasil de Lisboa chamado Brasilnet. Em abril de 1997, houve uma nota com a definição do serviço feita dessa forma: "A Brasilnet será uma rede de solidariedade ativa no seio da comunidade brasileira, para o intercâmbio de oportunidades, empregos e serviços. Trata-se de um projeto que exigirá, para o seu êxito, a adesão das forças vivas da comunidade, através do Conselho de Cidadãos, criado por iniciativa do Consulado, das empresas brasileiras ou de brasileiros." (*Sabiá*, abril de 1997, número 39, p.2) Em agosto foi lançado o suplemento dentro do *Sabiá* onde havia uma série de anúncios de oferta e de procura de emprego. Na última página havia um formulário para os interessados em anunciar e ser sócio da CBL significava pagar menos pelo anúncio.

[81] O Banco do Brasil anunciou no *Sabiá* duas vezes antes desse anúncio e nelas não divulgou este serviço. Outra questão importante nesse contexto foi que, mesmo atuando em Portugal desde 1972, o Banco do Brasil somente em 1997 colocou seu primeiro anúncio no jornal da Casa do Brasil de Lisboa. Em função disso, destacamos a importância desse anúncio como representante da mudança da situação dos imigrantes brasileiros, a ponto de ser comercialmente favorável apoiar um jornal de imigrantes que poderiam ser novos clientes.

[82] Muito dessa construção passou pela publicação em 2003 de um estudo produzido pela Casa do Brasil de Lisboa que foi muito utilizado pelos especialistas em migração, consagrando essa visão sobre a história dos imigrantes brasileiros em Portugal. Esse momento será analisado futuramente ainda neste capítulo.

No editorial do último número de 1997, Carlos Viana, presidente da Casa do Brasil, utiliza o discurso muitas vezes repetido de que os imigrantes e as empresas não participam das atividades promovidas pela associação: "A Brasilnet vem se afirmando progressivamente, mas precisa de maior apoio e participação de empresas e interessados individuais. A CBL deu o pontapé inicial mas cabe aos brasileiros residentes em Portugal assumir a ideia." (*Sabiá*, dezembro de 1997, número 43, p.2) O *Sabiá*, em todas as fases, sempre pediu mais participação dos leitores, reclamando que a sua participação era fundamental para a manutenção da Casa do Brasil de Lisboa. Na única edição de 1999 houve uma alteração considerável como vemos na figura:



BRASILNET / UNIVA — EMPREGO & FORMAÇÃO

UNIVA

BRASILNET

INSTITUTO DO EMPREGO
E FORMAÇÃO PROFISSIONAL
MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE

O UNIVA é um Gabinete de Apoio, informação e orientação profissional acreditado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional - em cooperação com o Centro de Emprego Conde Redondo, destinado a todos os jovens que se encontrem à procura de emprego ou desempregados de longa duração.

A QUEM SE DESTINA?

- A candidatos ao emprego
- Acolhe, informa e faz a orientação escolar e profissional
- Coloca jovens e faz o acompanhamento da sua inserção na vida profissional
- Apoia a frequência de estágios profissionais ou formação profissional
- Recolhe e divulga ofertas de emprego e formação profissional
- A entidades empregadoras
- Possui uma base de dados e disponibiliza pessoas jovens e menos jovens com o perfil desejado
- Informa sobre os apoios/vantagens concedidos pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional à contratação

E AINDA AJUDA:

- A elaborar o seu currículo
- A elaborar cartas de candidatura
- A responder anúncios de emprego
- A se preparar para uma entrevista

O serviço UNIVA/BRASILNET é inteiramente gratuito!

Figura 6 Jornal *Sabiá*, número 47, dezembro, 1999 p.3.

A CBL uniu o seu programa Brasilnet a uma iniciativa do Governo Português voltada para a inserção profissional. Esta aliança e o serviço prestado pela associação foram muito importantes para sua manutenção, pois em função disso a Casa do Brasil de Lisboa conseguiu ser incluída no disputado mercado de verbas governamentais para entidades sem fins lucrativos[83].

Outra transformação importante deste período relacionada com a vida dos imigrantes brasileiros em Portugal, e retratada nas páginas do *Sabiá*, foi o advento da internet no

[83] Em 2015, no último ano de realização da pesquisa, a Casa do Brasil de Lisboa ainda prestava esse serviço para o Governo Português e também era um ponto credenciado da junta de freguesia para atestar a procura de emprego por parte dos cidadãos que recebiam o seguro-desemprego pago pelo governo.

cotidiano. A primeira vez que a página da internet da CBL foi divulgada no jornal foi na edição número 47, em dezembro de 1999, localizada na margem inferior da página 3, com o endereço www.casadobrasildelisboa.pt. Na edição número 51, em setembro de 2002, houve a divulgação de um novo endereço eletrónico, agora www.casadobrasildelisboa.rcts.pt, com a página 4 do *Sabiá* dedicada a explicar a mudança e o novo serviço disponível para os imigrantes brasileiros em Portugal da seguinte forma:

> "Acesso à Net e informação: dois Projetos num só
>
> O POSI - Programa Operacional da Sociedade de Informação do Ministério da Ciência e Tecnologia de Portugal, no âmbito do combate à info-exclusão, aprovou o projeto apresentado pela CBL, chamado Portal Brasil em Portugal. Este projeto apresenta dois objetivos principais. O primeiro é a criação de um cyber espaço na sede da CBL, o CBNet, para oferecer aos nossos sócios e frequentadores a possibilidade de acesso gratuito à Internet. O CBNet já está em funcionamento desde junho de 2002 e, com a ajuda dos nossos animadores, você poderá criar o seu endereço eletrônico, enviar e receber mensagens, navegar na Internet, além de preparar, gravar (CD ou diskete) e/ou imprimir trabalhos. (...)"

Temos aqui neste exemplo uma vez mais o recebimento de verbas do Estado Português por parte da CBL, demonstrando a habilidade política e diplomática da associação para apresentar projetos vencedores que angariaram dinheiro público e consequentemente prestígio para a Casa do Brasil de Lisboa na sociedade portuguesa. Ainda sobre os objetivos desde projeto, o texto prossegue da seguinte forma:

> "O segundo objetivo é a criação e implementação de um "Portal para Imigração", na mídia Internet, que sirva de veículo informativo e participativo, seja nos aspectos legais, culturais, turísticos ou profissionais para todas as pessoas dos mais diferentes lugares que acedam a Internet, especialmente os brasileiros e portugueses. (...)
> Apesar dos poucos meses de implementação do projeto, já foi possível comprovar a importância e o sucesso através dos dados estatísticos que demonstram os resultados positivos: no CBNet, a frequência mensal foi de 250 pessoas com um tempo médio de 48 minutos e no Portal com um média mensal de 72.000 pedidos e 5.200 páginas atendidas.
> O projeto Portal Brasil em Portugal espera, através do potencial de comunicação que um Portal de qualidade oferece, poder contribuir para o fortalecimento dos laços entre brasileiros e portugueses, entre as diferentes comunidades imigrantes e a sociedade portuguesa e naturalmente, entre a própria comunidade imigrante brasileira, cujos sonhos e expectativas são muitas vezes frustrados pela grande falta de informação."

O cotidiano dos imigrantes esteve em transformação com o advento da internet e a criação desse local para os computadores dentro da CBL reforçou sua condição de espaço de sociabilidade. Como foi referido no primeiro capítulo, a internet, no início da década de 2000, era acessível a uma parcela pequena da população devido ao seu alto custo. Ao oferecer esse serviço gratuito, com auxílio para os imigrantes brasileiros não familiarizados com essa nova tecnologia, a CBL deve ter aumentado a circulação de pessoas ocupando suas instalações. Como foi mencionado no primeiro capítulo, as redes de promoção da imigração tiveram um

momento de troca de suporte da carta escrita para o *e-mail* e para programas de conversa. Estudos apontam que só houve uma troca do suporte, porque o discurso de que existia sucesso por parte dos imigrantes continuou estimulando outros sujeitos a partirem do Brasil em direção a Portugal.

Nesta segunda fase do *Sabiá* houve uma relação direta entre a publicação e as alterações na legislação dos imigrantes. Neste período, a circulação do jornal esteve relacionada com a prestação de serviço de divulgação das alterações para os imigrantes se informarem. Outros dois eventos também fizeram circular a única edição de 1998: as eleições presidenciais e o Campeonato Mundial de Futebol. A Casa do Brasil de Lisboa organizou atividades para que os imigrantes assistissem os jogos da seleção brasileira na sua sede; o tema do futebol e a brasilidade será explorado no próximo capítulo com maiores detalhes.

Este período do *Sabiá* foi repleto de alterações: no primeiro ano, em 1997, houve uma tentativa de maior semelhança entre os números produzidos, porém, nos outros números existiu praticamente uma diagramação para cada edição. A figura do presidente Carlos Viana sobressaiu neste período pela quantidade de textos assinados, seja editoriais, opinativos ou mesmo com um relatório de atividades. O exemplar produzido em agosto de 2000, pela primeira vez apresenta-se como Boletim *Sabiá* e não Jornal *Sabiá* mas, apesar dessa troca, continuou com a mesma numeração e essa edição foi numerada 49, mesmo tendo apenas duas páginas.

Essa alteração na capa e o seu conteúdo de duas páginas possibilita uma reflexão maior, pois, como foi dito anteriormente, há uma relação diferente em produzir um jornal dentro de uma associação em relação a outro meio de comunicação. Neste número 49 temos um exemplo dessas diferenças, uma vez que a nova lei de estrangeiros, proposta pelo Governo Português, fez com que a CBL tivesse a necessidade de produzir um protesto contra a mudança na legislação. Por ser um meio de comunicação associativo, o *Sabiá* não tinha a obrigação de ser lucrativo para a Casa do Brasil de Lisboa mas esta condição nunca impediu que esse jornal tivesse uma linha editorial e uma estética bem cuidada e definida.

Por isso podemos considerar que na edição 49 havia problemas em relação ao dinheiro e/ou ao tempo disponíveis, uma vez que a essa edição saiu diferente de todas as outras. Na avaliação dos líderes da CBL pesou mais a necessidade de informar do que a de produzir bem um número do *Sabiá.* Essa análise é reforçada pela alteração do cabeçalho, com a palavra *Boletim* como que justificando que aquele número não era um exemplar do jornal e sim algo mais breve. Analisando as outras edições do *Sabiá* podemos perceber que havia um problema relativo ao dinheiro para a produção do jornal. Essa condição entre a necessidade de informar

e conseguir verbas para a produção e circulação do *Sabiá* esteve presente ao longo de toda a sua existência, no entanto, neste caso, houve uma condição extrema que deixou transparecer mais claramente essa dificuldade.

Depois desse exemplar de agosto de 2000, o *Sabiá* voltou a ser produzido apenas em 2002. Foram três edições em fevereiro, setembro e outubro e em todas havia o anúncio da Western Union que deve ter viabilizado a sua produção. O último exemplar dessa fase, publicado em 27 de outubro de 2002 – dia que foi realizado o segundo turno da eleição para presidente da república no Brasil –, foi realizado com uma qualidade muito maior que todas as outras e ainda utilizou cores em todas as páginas. Este exemplar marca a transição das primeiras fases do *Sabiá* em branco e preto para a nova fase que seria produzida a partir de 2003 e que será analisada na sequência.

Nesse período houve uma grande entrada de imigrantes brasileiros em Portugal, contudo o *Sabiá* não conseguiu capitalizar essa transformação em mais anunciantes para financiar o seu projeto. Foi neste período que surgiu a revista *O Brasileirinho*, em maio de 2001, uma publicação totalmente voltada para os imigrantes e financiada por produtos destinados a esses imigrantes, demonstrando que havia uma série de anunciantes que poderiam ter sido explorados pela CBL para conseguir manter seu jornal em circulação. Analisamos a terceira fase do *Sabiá* um pouco sob essa perspetiva de que houve na direção da Casa do Brasil uma mudança ao abrir a produção do seu jornal para outro público e também para outros anunciantes.

A segunda fase do *Sabiá* foi a que teve menor frequência de números, mesmo assim pudemos perceber as grandes mudanças passadas neste período, como a questão da chegada da internet no cotidiano do imigrante. Como foi abordado no capítulo três, existia uma diferença entre a tecnologia disponível em Portugal e no Brasil. Questões práticas dos imigrantes vivendo em Portugal, como procurar um emprego, obrigavam esse sujeito a lidar com esta tecnologia. Além disso, houve uma maior captação de anunciantes nesse período, os motivos para essa questão podem ser explicados pelo aumento dos imigrantes brasileiros em Portugal e também pela maior organização da própria Casa do Brasil de Lisboa em criar estratégias para viabilizar seu meio de comunicação.

4.4 Terceira fase do *Sabiá*

Na última fase analisada do *Sabiá*, temos uma mudança radical na proposta editorial, no sentido de buscar uma aproximação à linguagem tradicional da grande imprensa e a um

público mais alargado. Com matérias e fotos, com textos mais simples e menos densos de sentido e interpretação, valorizando as imagens.[84] Essa nova forma de produzir as matérias não impediu ou inibiu o diálogo do *Sabiá* com a sociedade portuguesa em defesa dos imigrantes brasileiros.

Esse projeto editorial novo representou novos custos em relação à forma antiga de produzir o *Sabiá* e, por meio dos anunciantes, percebe-se uma nova abertura por parte do *Sabiá/*CBL. Também se deve ter em conta que a maior presença de imigrantes brasileiros em Portugal criou condições para a abertura de novas empresas e serviços voltados para eles que permitiram a existência de anunciantes para meios de comunicação com o *Sabiá* e a revista *O Brasileirinho,* como referimos anteriormente.

Um apoio presente em toda essa nova fase foi o concedido pelo Alto Comissariado para a Integração e Minorias Étnicas (ACIME): do número 55 em diante houve sempre o símbolo e o telefone deste órgão estatal. Como já foi referido, a Casa do Brasil de Lisboa conseguiu-se estabelecer na arena pública da sociedade portuguesa como um grande aliado do Estado na questão dos imigrantes brasileiros. Além desse patrocínio do *Sabiá*, nessa terceira fase do jornal, existiu uma aliança entre esses dois atores com grandes repasses de verbas, entre outras coisas, mas isso não impediu que em determinados momentos houvesse atritos entre eles. Como aconteceu , por exemplo, na coluna assinada por Carlos Viana, na edição 61, com o título *Manifestação colorida*, respondendo a críticas em relação a uma manifestação de imigrantes realizada em Lisboa*:*

> "Registro aqui minha discordância com o Secretário de Estado Feliciano Barreiras Duarte que considerou a nossa manifestação como «de uma esquerda folclórica que defende coisas não realistas, mas o Governo não pode entrar em campanhas folclóricas.»" (Correio da Manhã, 1/2/2004).
> "Lamento que, justamente este responsável que tem tido uma posição avançada no Governo sobre as questões da Imigração, reaja desta forma, com críticas ideológicas, a uma manifestação que não foi folclórica, mas alegre e colorida. Porque os imigrantes não são cinzentos e sisudos. Ainda bem! Que não foi ideológica nem partidária. Porque os imigrantes têm uma agenda positiva e propositiva. Não vemos a realidade em termos de interesses e jogadas do xadrez político-partidário.
> Manifestações, assembleias, reuniões, campanhas nos media e outras formas de pressão e divulgação fazem parte da democracia. Esta não é monopólio dos partidos e do governo legitimamente eleito. Partidos e governos, em geral, são demasiados sisudos e cinzentos e, não raramente, têm uma visão formalista da democracia. Democracia para nós sem sociedade civil organizada e participante é formalismo democrático" (*Sabiá*, número 61, fevereiro de 2004).

Carlos Viana construiu o texto acima de maneira estratégica, protestando contra a imagem imposta à manifestação dos imigrantes mas com diplomacia, ao detalhar com

[84] Em entrevista a um antigo membro da direção da CBL. Isso foi uma tentativa de profissionalizar o jornal, contratando um jornalista que seguiria as normas editoriais da Casa.

exemplos e conceitos sua opinião. A citação do trecho obtido do jornal isenta qualquer mal-entendido e ainda ambienta um possível leitor que desconhecesse a declaração do secretário. No segundo parágrafo existe uma crítica acompanhada de elogio e essa construção textual ameniza a crítica. Na continuação do texto existe mais discordância em relação à associação de alegre e colorida com folclórica.

Isso porque, no contexto de disputas e negociações de identidades na sociedade portuguesa, falar em alegria e cores era associar tais imagens ao brasileiro e quando o secretário de Estado interligou essa alegria e cores a uma coisa folclórica ele estava menosprezando os brasileiros. Esse foi um dos motivos da resposta de Carlos Viana relacionar cinzentos e sisudos com os partidos políticos e, por associação, os portugueses. Como já foi referido na introdução e no primeiro capítulo, em Portugal, para os envolvidos nessas disputas – imigrantes brasileiros e sociedade portuguesa – existem palavras que não são neutras, elas são, sim, carregadas de significado: alegria e tristeza. No último parágrafo da coluna o debate se acirra e são feitas acusações de que o partido do secretário de Estado foi quem não soube respeitar o jogo democrático que pressupõe diferentes formas de pensar.

A identidade visual do *Sabiá* se manteve ao longo de todo o período: a capa contou com uma coluna na lateral esquerda, utilizada para divulgar as matérias, no centro o espaço era utilizado para duas fotos e pequenos textos com introduções às matérias mais importantes. No primeiro número desta nova fase havia as seguintes secções: *Deu na imprensa*, *Na CBL*, *Onde encontrar o Sabiá*, *Espaço da Casa, Notícias de Portugal*, *Entrevista, Outros destinos*, *Anote na agenda*, *Empreendedores*, *Classificados*, *Cultura* e *Esporte.* Esse formato foi mantido sem alterações nos três primeiros exemplares, depois foi havendo uma série de alterações. Essas podem ser interpretadas como tentativas de chegar mais próximo dos seus leitores ou de alcançar seus objetivos políticos dentro da sociedade portuguesa.

Selecionámos três secções dentre todas as publicadas nessa terceira fase do *Sabiá*: *Deu na Imprensa, Outros destinos* e *Empreendedores.* A escolha recaiu sobre as suas funções dentro da proposta da CBL de dialogar com a sociedade portuguesa sobre a imigração. A primeira secção não foi produzida em todas as edições, apesar disso, escolhemos destacá-la pela sua questão envolvendo os imigrantes e pela correspondência com um projeto maior da Casa do Brasil de Lisboa. As outras duas secções foram constantes praticamente em todas as publicações, o que por si já seria motivo de análise e além disso as duas secções - *Outros destinos* e *Empreendedores* - foram estratégias encontradas pelo *Sabiá* para questionar a sociedade portuguesa em relação ao tratamento e à visão estabelecida sobre o imigrante brasileiro.

A secção *Deu na Imprensa* era uma das novas maneiras encontradas pelo jornal para dialogar com a sociedade portuguesa de uma forma diferente da utilizada nas outras duas fases do *Sabiá*. Na segunda página, ao lado do espaço destinado ao editorial, era inserida a *Deu na Imprensa.* Com trechos selecionados de notícias sobre a imigração, eram reproduzidas: título, meio no qual foi publicada e a data de publicação. Com o intuito de analisar melhor essa secção e a postura do *Sabiá*, reproduzo integralmente a secção *Deu na Imprensa* de abril de 2003:

> "**«Sampaio defende legalização de imigrantes» (Público, 9 de março)** «Jorge Sampaio apelou ontem à união de esforços para a legalização e integração de todos os imigrantes residentes em Portugal (…) 'Fomos também um país de imigrantes e temos o dever de não esquecer a batalha e o esforço dos portugueses durante esse período de emigração'.»
>
> **«Brasileiro estreou nova lei» (Público, 16 de março)** «Um imigrante brasileiro em situação ilegal protagonizou ontem a primeira 'condução à fronteira' por parte das autoridades portuguesas, anunciou o SEF (…) O DL 34/2003 [prevê] que o cidadão estrangeiro detido pode optar pelo afastamento imediato do território nacional (…) De acordo com o SEF, 'são evidentes' as vantagens desta nova figura, designadamente a certeza de um processo expedito do imigrante ilegal e a redução do prazo de interdição da reentrada em Portugal, que passa dos habituais cinco anos, caso o processo de expulsão seja elaborado, para apenas um.»
>
> **«Governo aperta as malhas do combate à imigração ilegal» (Público, 1 de março)** «O Governo vai endurecer as penas a aplicar a quem auxilie a imigração ilegal e (…) tornar mais difícil a chegada a Portugal de cidadãos estrangeiros indocumentados. [segundo o ministro Figueiredo Lopes] 'é preciso dar um sinal para o exterior para que as bolsas de imigrantes espalhadas por essa Europa fora saibam que o país não é uma porta aberta onde entra quem quer e como quer'.»
>
> **«Governo promete solução para ilegais» (Expresso, 15 de março) «**O Ministro da Presidência, Morais Sarmento, assumiu na terça-feira, num encontro do Presidente da República com organizações de apoio a imigrantes, que o governo está preocupado em 'encontrar uma solução' para os cerca de 50 mil imigrantes não abrangidos pela lei de imigração que entrou em vigor na quarta-feira. A nova lei prevê processos rápidos para os estrangeiros que até 30 de Novembro de 2001 não regularizaram sua situação (…).»
>
> **«SEF compromete lei» (Expresso, 15 de março) «**Gonçalo Rodrigues, presidente do sindicato [dos inspectores e investigadores do SEF], considera o novo diploma [nova lei de estrangeiros] 'pura demagogia' e diz que 'é mais uma lei para não ser cumprida', apontando o enorme défice de pessoal para executar uma fiscalização 'tão dura' como a que o governo promete com a nova lei.»" (*Sabiá*, número 53, abril de 2003, p.2).

As notícias, como se percebe, estavam diretamente relacionadas com a questão da imigração em Portugal. Não existe nenhum comentário por parte do jornal sobre as notícias reproduzidas nessa secção, apenas a notícia em si, ou seja, podemos interpretar que sua função era destacar algo que não foi visto pelos leitores imigrantes. Essa postura foi muito diferente da primeira fase do *Sabiá*, quando Carlos Viana chegou a recomendar a leitura das

revistas brasileiras *Veja* e *Isto é* para seus leitores na coluna *Nós da política*.

Nesta terceira fase do *Sabiá* acontece uma inversão com a seleção feita para o leitor sobre o que deveria ter lido ou se informado na imprensa. Esta atitude pode ser analisada como uma simplificação jornalística por parte do jornal, tanto na forma como no conteúdo. Mas também podemos perceber um distanciamento da relação entre quem produz o jornal e seus leitores. Este tipo de atitude refere-se a uma das piores formas de discriminação ao tirar do outro a capacidade de pensar e de falar.

Essa postura é recorrente em alguns momentos do *Sabiá* e também da própria CBL quando, por exemplo, produziu um estudo dividindo a história da migração brasileira para Portugal em dois momentos e caracterizando os imigrantes desse segundo momento como pessoas com baixo nível de escolaridade que trabalhavam nas áreas de restauração e na construção civil. Como foi abordado no primeiro capítulo, o maior problema dessa divisão em duas vagas não está na descrição sobre a 2.ª vaga e sim na premissa de que a primeira era composta apenas de trabalhadores qualificados, utilizando a imagem dos dentistas como seus representantes.

Enquanto projeto político, essa divisão em 1.ª vaga e 2.ª vaga era muito proveitosa para a CBL, que surgia como alguém esclarecido e que zelaria pelos imigrantes brasileiros com pouco conhecimento escolar que se encontravam na 2.ª vaga. Essa leitura permitia maior poder de negociação em relação às verbas disponibilizadas pelo Estado Português para as questões envolvendo os imigrantes. Como destacámos anteriormente, a Casa do Brasil de Lisboa conseguiu muitas vezes ser a associação de imigrantes em Portugal que recebeu a maior quantia de dinheiro público. Podemos inferir que um dos motivos para isso foi a sua capacidade de se legitimar na arena pública enquanto representante de imigrantes que precisavam dos seus serviços.

Como foi mencionado, *Outros destinos* e *Empreendedores* foram as secções com maior constância nessa terceira fase do jornal. O engajamento social do *Sabiá* na relação com os imigrantes foi marcante na maneira de construir essas matérias, especialmente na criatividade dessas duas propostas. Para melhor perceber essa nova linha editorial do *Sabiá* fizemos uma análise mais detalhada dessas duas secções.

Outros destinos foi uma secção que explorava a questão da imigração em outros países, com matérias diversas abordando os imigrantes brasileiros no Japão e na Inglaterra. Com maior atenção ainda sobre os imigrantes em geral ao redor do mundo, França, Estados Unidos e Espanha, fazendo comparações em relação a Portugal, tentando estabelecer um diálogo com a sociedade portuguesa.

Um exemplo dessa maneira de construir a justificação de um melhor tratamento que a sociedade portuguesa deveria oferecer foi realizado na edição 59 de novembro/dezembro de 2003, com o título *Portugueses ainda emigram.* Ao longo do texto recupera-se o passado de Portugal e, com números do Instituto Nacional de Estatísticas, aponta-se para o crescimento acentuado desse movimento em 2002 e especula-se com a sua continuidade devido à crise económica. Em função disso, o artigo conclui: "é sempre bom lembrar que Portugal ainda é um país de emigração e por isso tem a obrigação de receber bem os imigrantes. Que o digam os mais de 4,5 milhões de portugueses que vivem actualmente no estrangeiro" (*Sabiá*, número 59, novembro/dezembro de 2003, p.8).

Essa relação de causa e efeito foi totalmente construída por parte do jornal *Sabiá*, desta vez e em outras oportunidades também. Essa condicionante de que o Estado Português e os portugueses deveriam receber bem o imigrante em Portugal por causa do seu passado foi um discurso baseado na lógica da culpa e sem sustentação, uma vez que se os imigrantes estivessem num país sem esse passado então eles poderiam ser mal recebidos.

Empreendedores era a secção que contava as histórias de imigrantes brasileiros que abriram seus próprios negócios em Portugal[85]. As matérias exploravam a narrativa da vitória do retratado em relação à imigração, existia uma pequena biografia e depois era abordado o negócio ou serviço prestado. Essa construção jornalística tinha o intuito de afirmar positivamente o imigrante brasileiro na sociedade portuguesa, demonstrando que havia possibilidade de conseguir, crescer e romper com os trabalhos precários.

Além dessas secções, houve uma retomada da produção de colunas assinadas por autores, diversificando mais a informação do *Sabiá*. Foram criadas cincos colunas: *Tribuna Lusófona*, por José Carlos da Câmara, *Quem vem de lá*, por Carlos Viana, *Notícia do Planalto*, por Maia Sprondel, *Espaço Legal*, por Gustavo Weigert Behr e Graça Lavor e *Guennes Book*, por Duda Guennes. Este formato durou em média dois anos, somando 13 edições do *Sabiá* com no mínimo oito páginas, por vezes 12 páginas, mas algumas colunas tiveram maior duração que outras.

José Carlos da Câmara escreveu a coluna *Tribuna Lusófona* em dez oportunidades, sempre na página quatro, utilizando um terço da página na maioria das vezes. O *Sabiá*, desde a sua primeira fase, apoiou diversas atividades envolvendo o conceito de lusofonia e de amizade entre os países falantes da língua portuguesa. No momento da criação da

[85]Apenas na edição número 60, em janeiro de 2004, houve uma reportagem com o brasileiro que ocupava o cargo de presidente da *Fiat Portugal*, Donnato Guimarães. O entrevistado fugiu da caracterização de ser empreendedor, mas a matéria foi construída da mesma forma, com uma descrição da sua vida pessoal e de como era viver em Portugal.

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) houve grande comemoração nas páginas do jornal da Casa do Brasil de Lisboa. Este espaço deu muita atenção às questões envolvendo a CPLP e também às questões relacionadas com a geopolítica mundial.

Carlos Viana assinou a coluna *Quem vem lá* ao longo de 12 edições, além disso escreveu também editoriais enquanto ocupava a presidência da CBL e também outras matérias e textos nas páginas do *Sabiá*. Este espaço foi utilizado por Viana para expressar sua posição individual em relação ao quotidiano, como ele reforçou no seu primeiro parágrafo:

> "Inauguro esta coluna não na situação eventual de presidente da CBL, mas como militante permanente da causa dos emigrantes brasileiros em todo mundo. Vou aqui comentar fatos, exigir o cumprimento de promessas, criticar e elogiar, sem o constrangimento do cargo. Peço-lhes, prezados leitores, que me leiam como um simples colunista, que gosta de escrever e "mandar umas bocas", como dizem os portugueses. "Quem vem de lá" somos todos nós, que, pelas mais diversas razões, decidimos um dia sair do Brasil, de todos os recantos dos muitos brasis, e nos aventurar mundo afora…"(*Sabiá*, número 54, maio de 2003, ano XII, p.8).

Nesta coluna, ao contrário da sua primeira *Nós da política*, que se detinha em assuntos relacionados com a política brasileira, Viana vai comentar assuntos de ambas as realidades: brasileira e portuguesa. Alguns dos seus textos antigos eram mais descritivos em relação às notícias mas agora a postura nesta coluna era de expor suas opiniões críticas ou elogiosas de uma maneira extremamente direta. Como podemos perceber neste trecho sobre as ações do então embaixador António Paes de Andrade: "infelizmente, não sentimos hoje na embaixada vontade de promover iniciativas que envolvam o "povão" brasileiro residente em Portugal. É uma pena. Ainda mais sendo presidente o único líder do "povão" que chegou ao mais alto cargo da nação brasileira" (*Sabiá*, número 65, outubro de 2004, p.8).

Na maioria das colunas havia uma divisão de assuntos com títulos para cada um dos temas. Essa coluna foi utilizada como fonte no primeiro capítulo e também voltaremos a utilizar seu conteúdo no último capítulo, devido a essa característica opinativa de um dos membros mais antigos da Casa do Brasil de Lisboa que exerceu muitas vezes o cargo de presidente.

Maia Sprandel teve uma coluna no *Sabiá* chamada *Notícias do Planalto*, onde publicou 16 textos, todos eles abordando assuntos relacionados ao Brasil e envolvendo questões políticas sobre a imigração. Apenas na edição número 57, de agosto/setembro de 2003, Sprandel falou sobre outros temas, como o campeonato brasileiro, os jogos pan-americanos e a novela da rede Globo de televisão *Mulheres Apaixonadas*. Houve basicamente dois tipos de escrita nos seus textos: um mais informativo, com resumos sobre as atividades relacionadas ao congresso e à imigração brasileira, e outro em que existia um apelo à

mobilização migrante. Para exemplificar, transcrevemos um trecho da coluna da edição 63 do *Sabiá* com o título *De sem-terra a sem-pátria:*

> "Por que não se organizar? Não como sem-pátria, mas sim como cidadãos brasileiros plenos de direito, que enviam ao Brasil fortunas anuais, ajudando a desenvolver bairros, cidades, estados! Ajudando, quem sabe, a família a comprar de novo uma terrinha. Sem-terra e emigrantes, as duas faces de uma mesma solução! Solução marcada pela força do trabalho e da organização. Vocês são importantes para o país, não se esqueçam disso. E sobretudo, não permitam que o país se esqueça disso" (*Sabiá*, número 63, maio de 2004, p.9).

No início deste texto há uma referência aos avanços conquistados pelo movimento popular dos sem-terra, que, de acordo com o raciocínio construído pela autora, foram motivados pela organização das pessoas em torno da sua luta. Na conclusão, como podemos perceber, ela retoma a questão, destacando a importância dos imigrantes e das suas remessas para a economia do país, importância que não pode ser esquecida, e ainda reforça que sem a mobilização dos imigrantes o país pode se esquecer deles.

Espaço Legal foi uma coluna dividida por Gustavo Weigert Behr e Graça Lavor. Ao longo de 13 edições do *Sabiá*, escreveram sobre questões relacionadas com legislação, vistos, autorização de residência, alterações nas leis e outras questões jurídicas do cotidiano do imigrante brasileiro em Portugal. O jornalista Duda Guennes voltou a escrever com regularidade no *Sabiá*, sua nova coluna chamou-se *Guennes Book* e foi a mais presente de toda essa terceira fase do jornal da Casa do Brasil de Lisboa, publicada 22 vezes, com crónicas sobre os mais diversos temas, de petições jurídicas com palavras estranhas a coisas sobre o futebol.

Em relação às matérias de capa desta fase do *Sabiá*, houve inovações no sentido de politizar as questões envolvendo os imigrantes brasileiros em Portugal. As tradicionais matérias de capa sobre mudanças nas legislações que afetavam os imigrantes tratavam a situação no plural, abordando a questão como sendo o imigrante uma categoria algo abstrata. Por exemplo, a matéria de capa da edição 65, *Regularização deixa milhares de fora*, teve uma foto de três pessoas protestando e abordava os desdobramentos legais da questão envolvendo o Acordo Lula, mas não existe qualquer referência concreta às pessoas afetadas.

Outro tipo de abordagem ocorreu em matérias de capas onde o tema da imigração foi personalizado, por meio de histórias concretas, com os nomes dos imigrantes e as suas histórias de vida. Por exemplo, na matéria de capa da edição 54, *Tem brasileiro na Costa*, em que a foto de capa era tirada em frente a uma placa de sinalização onde estava escrito Costa de Caparica e em baixo dela estavam dois imigrantes brasileiros com a seguinte legenda:

“Ricardo e Sílvio legalizados, mas discriminados” (p.1)

Na parte central do jornal, nas páginas 6 e 7, existe uma apresentação de vários brasileiros que vivem na Costa da Caparica: Orlando, Ricardo, Vanessa e Sílvio são todos emigrados da cidade mineira de Governador Valadares. Além dessa descrição das pessoas, havia os casos concretos de problemas enfrentados pelos imigrantes, tornando a matéria uma coisa mais concreta, como por exemplo, neste trecho:

> "Sotaque perigoso
>
> Ricardo e Vanessa voltavam da casa de amigos quando foram surpreendidos pela rusga promovida pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras na Costa, no início de fevereiro. Como seus documentos estavam em casa, acabaram por somar-se aos cerca de 200 brasileiros encaminhados, em fila indiana, à PSP. Ambos trabalham e têm autorização de permanência. “Os portugueses olhavam e riam. Davam gargalhada. Foi muito constrangedor”, lembra Vanessa. Não foi a primeira vez que a valadarense sentiu que seu sotaque não despertava muitas simpatias. Como promotora de vendas, habitou-se a ouvir de clientes a frase: «Ah! Brasileira! Vá para a sua terra!»" (*Sabiá*, número 54, maio de 2003, p.6)

Essa personificação dos casos relacionados ao preconceito e à discriminação nas matérias produzidas pelo jornal *Sabiá* foi uma estratégia de sensibilização maior em relação aos seus leitores. Ao abordar estes temas com exemplos concretos, o jornal tenta politizar a questão dos imigrantes brasileiros em Portugal por um outro viés que não o apenas técnico ou o da legislação. Essas construções favoreciam diretamente sua atuação enquanto representante de todos os imigrantes brasileiros contras as injustiças provocadas pelo Estado português ou pela sociedade portuguesa.

Ao longo dessa análise sobre a terceira fase do jornal *Sabiá* produzido pela associação Casa do Brasil de Lisboa, identificamos qual seria o seu projeto editorial. A leitura das secções, colunas e matérias de capa permitiu traçar diferenças editoriais em comparação com as outras duas fases do *Sabiá*. Mas também as suas estratégias políticas de ação e conscientização, enquanto associação imigrante que atuava na sociedade portuguesa, debatendo e dialogando com os mais diversos setores envolvidos nestas questões.

Na linha editorial do *Sabiá*, destacamos as alterações realizadas na construção do jornal e das matérias, buscando mais leitores através da melhoria da legibilidade, com espaçamento aumentado entre as linhas e utilizando mais e maiores fotos para ilustrar os textos. Essa simplificação da mensagem para o leitor foi baseada na proposta política da CBL de se apresentar enquanto defensora legítima dos imigrantes brasileiros que não tinham condições para lutar pelos seus direitos devido à sua baixa escolaridade. Houve um número bem maior de anunciantes nesta terceira fase em relação às anteriores, no entanto, a primeira fase conseguiu manter um número constante de publicações maior.

4.5 Emigrar não é desistir

Como destacámos no terceiro capítulo, no Brasil, a década de 1980 foi marcada pela tentativa de grandes planos económicos executados pelo Governo Federal, que buscava resolver a questão da inflação alta e do baixo crescimento económico do país. Esses planos criaram muita expectativa na população, os meios de comunicação e o governo incentivaram a população a participar das mudanças, houve durante um período os chamados "fiscais do Sarney", um movimento civil de controle dos preços praticados pelos estabelecimentos comerciais. No entanto, nenhum desses planos económicos conseguiu cumprir suas metas a longo prazo, gerando mais problemas à economia, que estava em dificuldades desde a crise do petróleo na década de 1970.

Em função deste cenário de desilusão, poucas oportunidades de emprego e crescimento, os estudos migratórios brasileiros elencam a presidência de Fernando Collor como o momento chave na história do Brasil para o início da saída dos brasileiros para o mundo[86]. Esta primeira vaga de imigrantes brasileiros deixou o país em busca de novas oportunidades, processo, como já mencionámos, complexo e diverso. Outro fator importante nessa questão foi a dimensão da primeira eleição direta para presidente da República no Brasil – depois de 29 anos – no imaginário de todos os brasileiros. Mesmo à distância, esse evento teve uma penetração e repercussão muito forte na mentalidade dos brasileiros.

Essas referências nos auxiliam a compreender as motivações da preocupação dos imigrantes brasileiros da CBL em acompanhar a política nacional. Especialmente no caso do processo de *impeachment* de Collor, as páginas do *Sabiá* foram repletas de repercussões envolvendo esta questão. Cronologicamente, a primeira vez que este tema apareceu no jornal foi na edição número 3, em julho de 1992, na coluna *Nós da política*, de autoria de Carlos Viana. Com subtítulo *Ética & Política: o "Collorgate"* existe uma breve introdução argumentando que não se pode fugir das denúncias sobre a corrupção no Brasil que estampam os jornais portugueses. O autor destaca que enquanto brasileiro "é vergonhoso ver o nome do Brasil associado a tanta roubalheira" (p.3) e continua uma série de críticas a essa situação, mas termina o texto dizendo que existem pontos positivos a serem destacados, que reproduzimos aqui:

[86] Nas minhas entrevistas, dois dos imigrantes citaram o confisco de Collor como motivação para imigrar em busca de novas oportunidades.

> "Em primeiro lugar, o papel da imprensa e de quem tem coragem de denunciar. Contra o mar de lama, insurgem-se muitas forças dignas da sociedade brasileira, que sabem que a grande meta é acabar com o fim da impunidade dos poderosos. Assiste-se atualmente a um fenómeno importante: a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) encarregada de investigar o escândalo PC está sendo na verdade empurrada pela opinião pública e pela crescente avalanche de denúncias canalizadas pela imprensa. Os deputados, muitos dos quais (se não a maioria) tendo o "rabo preso", são forçados a prosseguir os trabalhos de investigação e tomada de depoimentos" (*Sabiá*, ano 1, número 3, julho de 1992).

A imprensa brasileira teve neste processo de *impeachment* um papel muito destacado, como já foi mencionado no primeiro capítulo, e Carlos Viana teve a sensibilidade de perceber este papel. Na sua coluna no mês seguinte, além de explicar mais detalhes sobre os acontecimentos do processo, o autor conclui com a seguinte sugestão aos seus leitores: "Economize uns escudos e aplique-os em imprensa brasileira em especial, *Veja* e *Isto É*. Mantenha-se informado. Grandes mudanças podem estar se gestando no nosso sofrido Brasil. Há luz no fim do túnel. Sempre há." (*Sabiá*, ano 1, número 4, agosto de 1992, p.3).

Essa proposta de economizar escudos para se informar melhor por meio da imprensa brasileira é reveladora de que havia em 1992 locais onde se podia comprar essas revistas. Para Carlos Viana, o leitor da sua coluna deveria estar mais atento às notícias do Brasil através da leitura das revistas semanais *Veja* e *Isto É*. No editorial deste mesmo número, houve o elogio à atuação da imprensa na investigação e crítica durante a apuração da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Além disso, houve a introdução de um outro tema, muito caro ao imigrante, a desistência desse em relação ao Brasil, com contra-argumentação do editorial feita da seguinte forma:

> "Mas já vimos muitos sinais de que não é assim. Já vimos que até nos intervalos de silêncio há sempre um sintoma involuntário de cidadania. Pode ser o requebrado distraído à cadência mais próxima do samba ou a procura instintiva de uma caixa de fósforos com que se diga "tou aí" à batucada. Pode estar na cumplicidade com que se fala a mesma gíria, se conta a velha piada ou se pendura em algum canto uma fitinha do Senhor do Bonfim" (*Sabiá*, ano 1, número 4, agosto de 1992, p.1).

Durante o mês de agosto de 1992, no Brasil, houve uma série de eventos desencadeados pelos trabalhos desenvolvidos pela CPI. Em 13 de agosto, o então presidente Collor conclamou os seus seguidores a vestirem verde e amarelo em apoio ao seu governo no domingo seguinte. Entretanto os adversários do presidente vestiram preto e pintaram os rostos de verde e amarelo, e iniciaram uma série de manifestações públicas de milhares de pessoas nas grandes cidades do país, pedindo o *impeachment* do presidente. Tais manifestações foram acompanhadas de repercussão na imprensa ao redor do mundo. A comunidade imigrante

brasileira se manifestou no dia 7 de setembro, aniversário comemorativo da independência do Brasil de Portugal.

A Casa do Brasil de Lisboa também participou deste evento e convocou uma manifestação em frente à Embaixada do Brasil em Lisboa, na Estrada das Laranjeiras. Com este momento de ação pública na sociedade portuguesa, proposto e realizado pela CBL, existiu uma tomada de posição firme em relação à política no Brasil. Na edição do *Sabiá* de setembro de 1992, o editorial na primeira página intitulava-se *Emigrar não é desistir*:

> "Uns dizem que foram 150. Outros, 200. Outros, mais de 300. Entre números, um grupo de brasileiros exerceu o seu direito de cidadania. Saiu do limbo, que é o mesmo que dizer de cima do muro. Gritou indignação, juntou o seu protesto ao coro que, cada vez mais alto, se faz ouvir no Brasil e mostrou ao povo português que tem vergonha de ter um presidente ao tamanho e à grandeza do país.
> Sendo apartidária, a Casa do Brasil não é apolítica D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal-Arcebispo de São Paulo, disse uma vez que tudo na vida é um ato político. Omitir-se não é um ato menos político do que dizer sim ou não. Calar é tão carregado de sentido quanto manifestar-se.
> A Casa do Brasil também não é só figura jurídica para aparecer nos jornais. Ela é gente, representa já um grande número de pessoas, que dizem o que esperam dela e que querem que ela faça. Por isso, a manifestação do 7 de Setembro foi decidida em reunião geral e por esmagadora maioria dos participantes. A sua legitimidade vem daí.
> Nenhuma atitude é uma atitude isolada. Qualquer que seja a sua dimensão, vai fazer parte de um todo. A vontade coletiva acaba sendo o somatório de pequenas vontades individuais.
> Não importa qual tenha sido o número de manifestantes neste 7 de Setembro em Lisboa. Este Protesto somou-se ao de muitos milhares de brasileiros que, no Brasil e fora dele, repudiam a impunidade e o abuso de poder. E mostrou que emigrar não é desistir.
> Somos brasileiros, provamos o quanto o Brasil tem importância para nós, sabemos dizer "presente" quando é preciso e continuamos a cantar o Hino Nacional com muito orgulho." (*Sabiá*, n.° 5, setembro, 1992, p.1)

Com um forte teor emocional, o texto reafirma a ideia de que o imigrante que saiu do Brasil não abandonou o país ou o ama menos. Sentimento este talvez ligado às campanhas nacionalistas da época da ditadura civil-militar, que usava massivamente *slogans* do tipo “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Existe uma clara glorificação da manifestação e uma afirmação de sentimento de amor pelo país e de que se pode lutar, mesmo estando fora do Brasil. Esse sentimento é também compartilhado na banda desenhada de Juca Brasuca nesta mesma edição, que passamos a analisar.

Figura 7 Jornal *Sabiá*, número 5, setembro de 1992, p.8

O personagem é intersetado por um português que lhe pergunta se a camisa preta se referia ao luto pela morte de alguém, quando na verdade a camisa preta era motivada pelos acontecimentos no Brasil que transformaram a cor preta no sinónimo de luta contra o governo Collor. Como já foi mencionado, Juca Brasuca não lhe responde diretamente e diz: “Se tiver um bom motivo, lute!”. O autor estabelece assim uma relação entre o preto do luto e a luta do imigrante quando este decidir que existe uma motivação para tal ação.

Vale lembrar que, de acordo com a entrevista já citada do personagem Juca Brasuca, o seu motivo para imigrar foi o congelamento das poupanças realizado pelo presidente Fernando Collor no seu primeiro plano económico. Em 29 de setembro de 1992, foi aprovada a votação para o *impeachment* do presidente Fernando Collor na Câmara dos Deputados Federais. Esse momento de vitória dos “caras pintadas” foi retratado de uma maneira mais cética nas páginas do *Sabiá*, ao contrário da empolgação da edição número 5 de setembro, a edição seguinte. O tema do editorial foi sobre a nova lei de residência de estrangeiros em Portugal, o de *Nós da política* foi sobre a chacina ocorrida no Centro Prisional do Carandiru em São Paulo, o único texto analisando o momento foi “Vale a pena acreditar na mudança” e também manteve o tom de ceticismo e deceção ao constatar no final que Paulo Maluf liderava as sondagens para a prefeitura de São Paulo.

O personagem Juca Brasuca também reflete sobre todos os acontecimentos posteriores ao momento histórico em que, pela primeira vez no país, um presidente eleito foi afastado do poder de maneira democrática respeitando as leis do Estado democrático em vigor. E ainda parodiando o poema de Carlos Drummond de Andrade "E agora José", Jô faz a reflexão do personagem se dirigindo diretamente ao leitor.

A euforia da vitória foi também deixada de lado por ele e os problemas em relação a Portugal voltam a ser tema quando o personagem, com a Ponte 25 de Abril às margens do

Tejo em fundo, diz: "Bom, não adianta vir pra cá, porque vai ficar sem visto de residência...." (*Sabiá*, n.° 6, outubro, 1992, p.8). Agora a luta dos imigrantes brasileiros voltou a ser a batalha pelo visto de residência, uma vez que acabavam de sair novas diretrizes sobre o assunto.

Este estudo de caso, relacionado com o processo de *impeachment* do Governo Collor, foi realizado para melhor podermos interpretar a ação da CBL. Analisando este período podemos perceber que não existiu uma postura rígida da associação. Ela e seus integrantes, nomeadamente os autores de colunas no *Sabiá*, foram-se posicionando de acordo com os acontecimentos do Brasil. Motivados por eles, atuaram na esfera pública portuguesa quando entenderam que era necessário na manifestação em frente a Embaixada do Brasil em Lisboa.

Entretanto foi relevante, como um mês após a vitória do *impeachment*, o *Sabiá*, enquanto unidade editorial, voltou suas atenções para as questões relativas aos imigrantes, como a do visto de residência. Existiu uma coerência de todos neste aspeto, mesmo não existindo uma redação enquanto espaço onde se construía o jornal. A convivência dos imigrantes nos momentos de lazer e de trabalho na Casa do Brasil de Lisboa serviu neste caso para cristalizar uma opinião geral da associação sobre os desdobramentos do *impeachment* de Collor.

Este breve estudo sobre o *Sabiá* nos permite refletir os complexos sentimentos dos imigrantes em relação à política interna de seu país de origem. Pois ao mesmo tempo em que existe o interesse e a preocupação com o que está acontecendo, há uma urgência nos assuntos ligados à nova vida deste sujeito em deslocamento. A ausência destes sujeitos na sua terra natal abre possibilidades para serem vistos como desertores ou desistentes em relação às questões internas. No caso da CBL, houve uma grande preocupação para informar o imigrante brasileiro que consumia o *Sabiá*, e principalmente criar uma imagem de que emigrar não é desistir, por meio dos textos, de atividades, de banda animada, entre outros conteúdos do jornal.

4.6 Conclusão

Neste quarto capítulo, por meio da leitura sistemática do *Sabiá*, foi possível compreender melhor o período histórico vivido pelos imigrantes brasileiros em Portugal e também como estes imigrantes se organizaram para a fundação e manutenção da associação Casa do Brasil de Lisboa. Esta associação soube ao longo dos anos, disputar e negociar sua existência, buscando diversos meios para se legitimar, perante a sociedade portuguesa e o

Governo português.

Dentre os vários embates travados, podemos perceber que a conquista de uma sede, doada pela Camera Municipal de Lisboa, representa a vitória nesse projeto. As parcerias e os apoios financeiros, pelo que podemos constatar não interferiram na liberdade para agir, como no protesto contra Feliciano Duarte, responsável pelas questões políticas do governo de Durão Barroso. Em relação aos parceiros comerciais, o projeto editorial do *Sabiá* não obteve sempre apoio, como podemos perceber pelas ausências prolongadas de inatividade, especialmente pelos editoriais, que sempre comemoram a volta. No terceiro capítulo, demonstrou-se como a revista *o Brasileirinho*, obteve mais sucesso, na acolhida dos patrocinadores. Com essas informações poderemos entender melhor os diálogos e debates em torno das quatro questões propostas nesta tese de doutoramento.

QUINTO CAPÍTULO – OS JORNAIS IMPRESSOS DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

> "Sou amigo de muitos brasileiros e tal como em qualquer parte do mundo existem em Portugal pessoas honestas e desonestas, de todas as cores de pele, ideologias e religiões, gente boa e gente má. Mas os líderes e lacaios da Igreja Universal do Reino de Deus não são nem gente nem pessoas, são energúmenos que em nome de Deus roubam, afligem e enganam quem por motivos diversos lhes cai nas ventosas tentacularmente monstruosas." (Gustavo Rosa, *Igreja Universal do Reino de Deus: Tentáculos de um Polvo Monstruoso para a tomada do Pode*r, 1996, p.13).

> "Espero que a Democracia e as Leis deste nosso País funcionem e que a amizade Portugal-Brasil saia fortalecida, escorraçando os que falando a mesma língua não se adaptam às liberdades política e religiosa garantidas a partir de 1974 pela Revolução do 25 de Abril." (José Martins, *Igreja Universal do Reino de Deus: Tentáculos de um Polvo Monstruoso para a tomada do Poder*, 1996, p.16).

A Igreja Universal do Reino de Deus foi criada no Brasil em 1977 e seu fundador é o carioca Edir Macedo. Em Portugal, a identidade brasileira ligada à IURD esteve latente em diversos momentos desta instituição religiosa no país. Os trechos acima foram escritos por dois autores de um livro-denúncia contra a Igreja Universal do Reino de Deus, e neles ambos fazem questão de ressaltar a amizade entre Brasil e Portugal, como uma defesa prévia de que não estavam motivados por questões de xenofobia ao criticar a IURD no livro *Igreja*

Universal do Reino de Deus: Tentáculos de um Polvo Monstruoso para a tomada do Poder publicado em 1996.

Esta identidade brasileira da instituição religiosa foi um dos motivos de investigação neste trabalho, pois entendemos que as disputas e negociações de identidades, como foram abordadas na introdução, são realizadas de maneira abrangente. Neste caso, é a "sociedade portuguesa" ou a "opinião pública" que produz uma identidade brasileira interligada com a instituição religiosa e esta identidade afeta a todos os imigrantes brasileiros, fiéis ou não desta religião. Porém, vale a pena destacar que nem a IURD assume ou briga por essa identidade brasileira e também nem todos os imigrantes brasileiros defendem a Igreja Universal do Reino de Deus pelo facto de ela ser brasileira.

Paralelamente à chegada dos imigrantes brasileiros em Portugal, aconteceu uma grande difusão do chamado neopentecostalismo ou pentecostalismo moderno. Dentre as várias igrejas que se instalaram em território luso, a IURD, despertou uma série de questões, devido à sua atuação ativa na sociedade portuguesa, com grandes manifestações e presença nos meios de comunicação.

Em Portugal, no dia 18 de dezembro de 1989, abriu a primeira igreja da Universal do Reino de Deus, na Estrada da Luz, em Lisboa. Essa data é especial para o fundador da IURD que casou com sua mulher Ester Bezerra no dia 18 de dezembro de 1971, no Rio de Janeiro, Brasil. Essa correspondência de datas aponta para a importância que a atuação da *Igreja Universal do Reino de Deus,* em Portugal, tinha para seu líder Edir Macedo. Em muitas entrevistas, na sua biografia autorizada, Macedo foi enfático na importância do casamento e uma das exigências para ser pastor é ser casado.

Ao longo deste capítulo vamos analisar a atuação da Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal por meio da produção dos seus jornais impressos. A partir disso questionaremos as relações entre a IURD e os imigrantes brasileiros em Portugal, de 1993 até 2007. Através da leitura e análise dos jornais buscamos interpretar as linhas editoriais e as funções sociais que estes meios impressos procuraram alcançar em diferentes momentos históricos estudados. Na análise realizada identificaram-se fases de produção distintas destes jornais, que julgamos ser um reflexo dos momentos históricos em que eles estavam inscritos. Por meio deles foi feito um esforço para interpretar as propostas e ações da IURD em Portugal, tanto em relação aos imigrantes, quanto em relação à sociedade portuguesa.

A Igreja Universal do Reino de Deus celebra seu nascimento em 1977. Entretanto, no dia 9 de julho de 1977, o primeiro culto realizado por Edir Macedo foi realizado por uma igreja chamada Casa de Bênção, fundada por ele e por seu cunhado, Romildo Ribeiro Soares.

Segundo a biografia autorizada de Edir Macedo, foi decidido por voto quem deveria ser o líder e quem deveria sair da Igreja. Em 7 de junho de 1980 houve uma votação entre os pastores da igreja e Macedo ganhou a liderança por 12 votos a 3 (Tavolaro, 2007, p.115). Após esse momento, Edir Macedo mudou o nome para Igreja Universal do Reino de Deus e seu cunhado fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus e passou a ser conhecido por missionário R.R. Soares, alcançando também grande destaque no cenário religioso neopentecostal brasileiro[87].

Segundo Ruuth e Rodrigues, o nome da igreja foi "alterado porque, provavelmente não reflectia a universalidade que Macedo queria e conseguiu impor à sua igreja" (1999, p.27). Essa visão ou atitude foi realmente implementada ao constatar que, ao longo dos anos, houve um plano de expansão mundial que alcançou a impressionante marca de estar presente em mais de 177 países[88]. Entretanto, Ari Oro, em um texto escrito em 2004, fez um alerta em relação ao número total de países onde a IURD chegou e à sua verdadeira presença social nestes locais:

> "No total são oitenta países. No entanto, na maioria deles a sua implantação é simbólica. Poucos são os países em que a Universal possui mais de cinquenta templos. Podemos enumerar, na América Latina, além do Brasil, é claro, Argentina e Venezuela; na Europa, Portugal e Reino Unido; na África, Costa do Marfim, Moçambique e África do Sul; e, finalmente, os Estados Unidos" (Oro, 2004, p.3).

Nas publicações da Igreja Universal do Reino de Deus, e na própria biografia autorizada de Edir Macedo, existe a comparação que a IURD existe em mais países que a rede de hambúrgueres americana *McDonald´s*. Uma das estratégias desenvolvidas pela Igreja Universal do Reino de Deus foi a utilização de vários meios de comunicação para conquistar fiéis. A trajetória percorrida no Brasil neste campo, em 1978, foi com um programa de 15 minutos na Rádio Metropolitana do Rio de Janeiro, programa apresentado por Edir Macedo e chamado o *Despertar da fé* (Tavolaro, 2007, p.143). Em 1984, Edir Macedo comprou sua primeira emissora, a Rádio Copacabana no Rio de Janeiro. Segundo Modesto e Guerra, em 2012 a Rede Aleluia de rádio contava com 71 rádios AM e FM, alcançando mais de 75% do território brasileiro (Modesto, 2012, p.1).

Na área da imprensa escrita, a Igreja Universal do Reino de Deus começou com a

[87] Segundo reportagem da revista estadunidense *Forbes*, Edir Macedo seria o pastor mais rico do país, com 950 milhões de dólares, e R.R. Soares seria o quarto da lista, com 125 milhões de dólares. O antropólogo Ronaldo de Almeida destaca que essas dissidências dentro das igrejas neopentecostais foram muito constantes desde o princípio e após a IURD também continuaram existindo (Almeida, 2009, p.61).

[88] Disponível em: www.bispomacedo.com.br/2010/08/04/primeiracadetral-da-europa/ consultado em 26.12.2012.

revista *Plenitude*, em 1983, e existem muitos livros de autoria de Edir Macedo e de outros pastores. O maior sucesso de vendas é *Orixás, Cablocos e Guias: Deuses ou Demônios?*, com uma tiragem superior a 3 milhões de cópias, segundo o blogue de Edir Macedo[89]. Em 1992 foi publicado o jornal *Folha Universal*, que também se destaca pela trajetória e influência, como apontam os autores Ruuth e Rodrigues:

> "A evolução do semanário Folha Universal é notável. No seu primeiro ano de publicação, em 1992, não aparecia o número de exemplares publicados. No entanto, já no ano seguinte, apresenta uma tiragem de 120 mil exemplares. Neste mesmo ano, muda radicalmente a composição gráfica – passa agora ao formato dos outros jornais comerciais e com impressão a cores. Em Setembro de 1995, a tiragem é de 780 mil exemplares e no mês seguinte aumenta para 860 mil. Em junho de 1996, já apresenta a extraordinária cifra de um milhão de exemplares. Comparando com a tiragem de uns dos maiores jornais do Brasil, O Globo, no Rio de Janeiro com cerca de 223 mil (dados de 1993), temos que reconhecer que é uma cifra extraordinariamente alta para este tipo de publicação" (1999, p.97).

Além desses elevados números, relacionados com as empresas de rádio e de publicações, houve também uma forte atuação na televisão. No início, foi a compra de horários, o primeiro foi durante a madrugada, na TV Tupi, do Rio de Janeiro. Em 1989, o bispo Edir Macedo conseguiu, depois de muitas negociações, comprar a Rede Record ao empresário Sílvio Santos. Mesmo após a compra houve um longo caminho até à concessão emitida pelo governo federal e várias matérias de jornais e televisão contestavam a validade do processo. Apenas em dezembro de 1992 o presidente Fernando Collor de Melo, em um dos últimos atos antes da sua renúncia, assinou a concessão para Edir Macedo[90]. Hoje a Rede Record é o segundo canal mais visto pelos brasileiros e cada vez mais avança no mundo, com a Record Internacional: de acordo com a sua página eletrónica, o seu sinal é transmitido para mais de 150 países nos cinco continentes[91].

Os números da Igreja Universal do Reino de Deus são muito impactantes e apontam para o seu sucesso enquanto empreendimento. Essas conquistas causaram uma série de disputas entre os mais diversos setores da sociedade brasileira, desde outras crenças, até outros meios de comunicação. Foram apresentados vários processos criminais contra a IURD e contra Edir Macedo, entretanto em nenhum deles houve condenação contra qualquer um deles. Tendo presente que a polémica sempre acompanhou o crescimento desta instituição,

[89] Disponível em http://blogs.universal.org/bispomacedo/biografia/. Consultado 07.01.2016.

[90] Essa concessão esteve diretamente envolvida nas disputas entre as empresas das organizações Globo e o bispo. Muitos consideram que Collor assinou a concessão como uma maneira de se vingar pela forma como foi tratado e retratado pelos jornais e televisões durante o processo de *impeachment* que sofreu em 1992.

[91] Disponível em http://www.recordeuropa.com/?q=N/-/398 consultado em 21.10.2013.

iremos agora debruçar-nos sobre este processo em Portugal.

5.1 IURD em Portugal

> "O Bispo Edir Macedo acreditava que em Portugal, por ser um país pequeno e por falar a mesma língua, era fácil implantar a sua congregação neopentecostal. Portugal seria, assim, um país estratégico para Igreja Universal, a porta de entrada na Europa e nos países africanos de expressão portuguesa" (Ruuth e Rodrigues, p.110, 1999).

As mesmas estratégias da IURD no Brasil foram implementadas em Portugal. Houve uma preocupação muito grande com este avanço da instituição, os responsáveis pela IURD em Portugal tinham a total confiança do bispo há mais de 15 anos. As estratégias incluíam a aquisição de antigos cinemas e teatros para constituição dos templos, localizados em áreas de grande movimentação de pessoas, e também o investimento em meios de comunicação para divulgar a Igreja Universal do Reino de Deus e suas ações no solo português, contribuindo assim para a conquista de mais fiéis. Em Portugal houve grande repercussão durante todos esses anos de implementação e crescimento.

Em relação às fontes que descrevem esses primeiros anos da IURD em Portugal, temos as publicações produzidas pela própria instituição e dois livros. O primeiro livro, lançado em 1996 pelos autores Gustavo Rosa e José Martins (ambos portugueses), com o título *Igreja Universal do Reino de Deus: Tentáculos de um Polvo Monstruoso para a Tomada do Poder,* é um chamado livro-denúncia em que os dois jornalistas, que teriam trabalhado em empresas de comunicação ligadas à IURD em Portugal, fazem várias denúncias contra Edir Macedo e outros membros da igreja, com, segundo eles, provas incontestáveis dos crimes cometidos[92].

A outra obra que se debruça sobre este tema foi feita pelos académicos Anders Ruuth e Donizete Rodrigues, no livro: *Deus, o Demónio e o Homem: O fenómeno Igreja Universal do Reino de Deus*, lançado em 1999, que dedica um capítulo de trinta páginas a Portugal. Mas existe um problema na construção da narrativa e análise deste livro. Existe uma falta de informações sobre as fontes onde os autores foram buscar os factos relatados. Eles fazem referência ao livro de Rosa e Martins mas depois não é claro se as informações se referem ao livro ou se foram conseguidas de outra forma.

Este trabalho de doutoramento em história não adota essa postura em relação às fontes.

[92] Estes autores, segundo consta, teriam trabalhado para a IURD no sistema radiofónico e a partir desse contacto estariam estabelecendo a verdade sobre esta organização que eles chamam de Polvo e os seus tentáculos.

Acreditamos que a origem de quem produziu os relatos é tão importante quanto os próprios relatos. Relativamente às acusações do livro de Rosa e Martins, as ligações entre a fundação do Partido da Gente e a IURD em Portugal foram as que se comprovaram. Em relação às outras denúncias não houve processos criminais, como defendiam os autores, mas mesmo assim o livro é uma fonte muito rica sobre o período e sobre as ações envolvendo a Igreja Universal do Reino de Deus, sem esquecer ou ignorar as motivações pelas quais ele foi redigido.

Uma das denúncias controversas foi sobre a utilização de António Joaquim Fernandes, conhecido pelo seu nome artístico de Roberto Leal, enquanto intermediário da IURD em Portugal, na compra das rádios e locais de culto. Em uma entrevista para o programa de televisão *Alta Definição* da televisão portuguesa *SIC*, em 24 de agosto de 2013, o entrevistador perguntou a Roberto Leal "Qual a pior coisa que disseram de si?" e sua reposta foi "Me chamarem de testa de ferro da IURD. E por quê? Porque era a prova que ninguém me conhecia."

Com a ajuda ou não de Roberto Leal, a Igreja Universal do Reino de Deus começou sua emissão na Rádio Mais, da cidade da Amadora, com o programa *Viva a Vida*, em 1990. Ruuth e Rodrigues destacam que até mesmo a Radio Renascença, propriedade da Igreja Católica portuguesa, alugou tempo de antena à IURD, demonstrando assim que as questões comerciais neste quesito eram mais fortes que as questões espirituais. (p.113, 1999). Em 10 de março de 1992, a Rádio Placard do Porto foi comprada pela Igreja Universal do Reino de Deus e, no final do mesmo ano, foi comprada a Rádio Miramar, na área metropolitana de Lisboa, que pertencia ao casal Luís e Helena Farinha (Rosa e Martins, 1996, pp.36-45). De acordo com a revista comemorativa dos 20 anos da Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal, o primeiro meio de comunicação de sua propriedade foi a Rádio Miramar. (*20 anos portuguesa*, março de 2010)

O jornalista Luís Farinha tornou-se figura de destaque nas organizações comunicadoras da IURD, como será estudado posteriormente na análise sobre os jornais da instituição. O primeiro exemplar foi laçando em março de 1993, com o nome de *Tribuna Universal*, com direção e edição de Luís Farinha. Na construção dessa ampla rede de comunicação, a Igreja Universal do Reino de Deus avançou também para a televisão. Em 28 março de 1994, foi para o ar o programa *Despertar da fé* na rede de televisão SIC, sempre no primeiro programa emitido do dia, de segunda a sexta-feira, no horário das 10:45, no sábado às 10:25 e no domingo às 9:25. Como foi abordado no terceiro capítulo, a SIC foi a primeira televisão privada em Portugal em que a utilização do espaço na grade de emissão gerou

polémica.

Houve uma série de questionamentos sobre a validade desde programa na SIC, dentro da sociedade portuguesa, e o jornal *Tribuna Universal* foi utilizado como instrumento para responder a essas questões, levantando a bandeira da liberdade religiosa. Em março de 1996, o Procurador-Geral da República, Cunha Rodrigues, decidiu pela ilegalidade do contrato, proibindo a emissão do programa televisivo da Igreja Universal do Reino de Deus. Ruuth e Rodrigues destacam as contradições desta decisão:

> "A Procuradoria Geral da República, através de conceitos jurídicos não muito claros, proibiu os programas da Igreja Universal na SIC, sustentando que é proibida a publicidade religiosa. Porém, não é referido o que deve ser feito quanto à transmissão regular de missas e outros programas religiosos da Igreja católica portuguesa, semanalmente transmitidos na altura no seu próprio canal, a TVI, e nos dois canais do Estado. O problema é que ao enveredar por este tipo de repressão, a Procuradoria Geral da República pode estar a pôr em causa a liberdade religiosa, consagrada constitucionalmente. A Igreja Universal, como qualquer outra instituição religiosa, tem todo o direito de difundir a sua mensagem através dos meios de comunicação social, próprios ou alugados, desde que não ofenda a moral ou perturbe a ordem pública. Embora sendo predominantemente católico, como Estado laico, Portugal tem o dever de garantir a liberdade de expressão a todas as confissões religiosas." (1999, p.177).

Foi extremamente grave a decisão do Procurador-Geral da República, como os autores detalham. Não podemos deixar de lado o contexto histórico desses acontecimentos, os anos de 1995 e 1996 foram repletos de controvérsias envolvendo a IURD que serão analisadas ao pormenor posteriormente. Ainda em relação à televisão, em 2005 a TV Record Europa começou sua emissão na televisão privada de Portugal pela Cabo Visão e, seguindo a mesma estratégia desenvolvida no Brasil, o período entre as 0:00 e as 6:00 era totalmente dedicado a programas da Igreja Universal do Reino de Deus.

As estratégias e ações da IURD em Portugal criaram muita repercussão, que foi retratada nos meios de comunicação das mais variadas formas. Autores como Mafra (2002) e Machado (2003) ressaltam que, ao analisar as repercussões envolvendo a IURD em solo português, não se pode deixar de fora desse contexto histórico, a relação de Portugal enquanto ex-metrópole com o Brasil enquanto ex-colónia. As questões pós-coloniais e os discursos coloniais, criadores de vários estereótipos, têm que ser levados em consideração, mas também, como destaca Mafra, a articulação desses fatores com a própria história da Igreja Católica em solo português:

> "No caso da IURD, este é especialmente significativo, pois ela se constitui como uma missão que pretende «cristianizar» uma sociedade cuja identidade nacional foi cunhada no seio do cristianismo, tendo a sua matriz identitária pautada em momentos fortes como a reconquista cristã contra os mouros e o ciclo das grandes navegações, quando os novos

> territórios no além-mar formavam necessariamente territórios abertos à evangelização. (…) Além disso, o fluxo articula-se através da transposição de uma novidade institucional que vem da «periferia» para invadir o «centro», invertendo a tendência do trânsito de *know-how* na economia globalizada e, em conivência com esta inversão, contando com agentes pouco qualificados em termos de cultura «erudita» (os pastores brasileiros, em geral, são jovens pouco escolarizados) chegam do exterior para reeducar (ainda que na crença) uma sociedade com padrões superiores de escolaridade" (2002, p.62).

Autores como Clara Mafra, Claudia Swatowiski, Donizete Rodrigues, Ronaldo de Almeida, Ari Oro, entre outros, abordam a IURD como uma organização transnacional, fruto ou consequência da globalização. As avaliações académicas sobre a importância de Portugal na expansão da Igreja Universal do Reino de Deus no mundo são unânimes. Entre os argumentos apresentados estão a facilidade do idioma falado pelos pastores e bispos, a inserção da IURD nas antigas colónias portuguesas na África, os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, conhecidos em Portugal pela sigla PALOP (Ruuth e Rodrigues 1999) e também o acesso que a Igreja Universal do Reino de Deus conseguiu estabelecer nas consolidadas redes de diásporas portuguesas, nomeadamente na França, Suíça e Canadá (Mafra 2002, p.5).

Outro ponto de convergência desses autores sobre a atuação da IURD em Portugal foi o aprofundamento da discussão sobre a liberdade religiosa no país e também o questionamento do poder e do favorecimento da Igreja Católica em Portugal. Há uma série de questões que explicam porque existe muito preconceito em relação aos estudos sobre o neopentecostalismo. Como destaca Carla Mafra:

> "O pentecostalismo, especialmente, deve ser reconhecido como um fenómeno em construção que, na sua ampla capacidade de performance, permite uma constante experimentação de alternativas, a proposição de novos caminhos e também alguns recuos. O fundamental seria tirá-lo do obscuro reduto das «crenças passadas», das «terapias de intimidade» e das «explorações mercenárias» para uma consideração série e consistente, como tema social que merece ser compreendido e debatido" (Mafra, 2002, pp.22-23).

Neste trabalho segue-se a mesma linha proposta pela autora, deixa-se de lado a veracidade dos depoimentos ou a eficácia dos exorcismos e propõe-se entender o tema enquanto uma questão social, sobre a qual as ciências humanas devem se debruçar. Pois a IURD atuou e atua nas sociedades brasileira e portuguesa, comovendo e movendo milhões de pessoas. A questão da eficiência da cura, do charlatanismo ou do vilipêndio não deve impedir que se estude como suas ações se relacionam com as sociedades em que está inserida.

Buscamos neste trabalho elevar as análises sobre o tema, pouco importa a concretização ou não dos milagres da Igreja Universal do Reino de Deus, a religiosidade das pessoas não faz parte desse estudo. Aqui se propõe o estudo dos jornais produzidos por essa

instituição como fonte de pesquisa, por ser um registro histórico sobre o tempo, feito por seres humanos motivados por uma ideologia. Um meio de comunicação sempre dialoga com a sociedade, seja diretamente citando ou contradizendo outros meios de comunicação. A própria produção de notícias é um diálogo com a sociedade, ao selecionar e comentar um tema.

Neste caso concreto, um dos objetivos foi entender o funcionamento destes jornais com o intuito de associar ou não o projeto editorial com a imigração brasileira em Portugal. Mas também perceber como a brasilidade da IURD foi defendida, ou não, no seu cotidiano, ao longo do período estudado. No estado da arte sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal só existem referências a dois jornais: a *Tribuna Universal* (*T.U.*) e a *Folha de Portugal* (*F.P.*). Entretanto, realizando a pesquisa na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, descobrimos um terceiro jornal que atuou entre a *T.U.* e a *F.P.* A *Folha Universal* circulou de maio de 2000 até dezembro de 2003, com 113 edições, utilizando o mesmo nome do jornal produzido no Brasil, mas que em Portugal teve matérias próprias, caracterizando-se claramente em um meio impresso diferente do jornal produzido no Brasil.

Os autores que estudaram a IURD em Portugal cometeram um erro grave de pesquisa ao reproduzir o discurso oficial da Igreja sem fazer investigação no arquivo. A Igreja Universal do Reino de Deus, sempre que escreveu sobre a sua história em Portugal, nomeou apenas duas fases dos seus jornais: a *Tribuna Universal* e a *Folha de Portugal*. No aniversário de inauguração em Portugal, foi lançada uma revista na qual eram nomeados os grandes feitos da IURD no país desde 1989. Foram reservadas duas páginas com o título *Percurso de uma ideia bem nascida: Folha de Portugal,* com textos breves e muitas fotos. Nessa narrativa do passado omite-se o período de transição.

Não há qualquer referência à fase da *Folha Universal* e existe uma construção segundo a qual houve uma linha continua entre a *T.U.* e a *F.P.* Tanto que na conclusão do texto existe uma declaração pertinente de Luís Farinha: "*Folha de Portugal* um dos semanários mais lidos, não só pelos seguidores da Igreja Universal do Reino de Deus, como por um sem número de pessoas não ligadas à instituição religiosa" (p.53).

É relevante a abrangência que o editor do jornal atribui ao seu produto, tanto em relação absoluta, como também destacando os não fiéis como uma grande parcela dos seus leitores. Não tomando este tipo de discurso como uma verdade absoluta, ressaltamos a sua importância enquanto "visão" ou "projeção" que este fazia do seu produto. A seguir uma tentativa de resumo da atuação destes três meios impressos produzidos pela Igreja Universal, com o intuito de que seja possível, no capítulo sobre as negociações identitárias, problematizar e entender melhor as intervenções realizadas pela IURD. E também averiguar

se na produção desses meios impressos houve uma criação ou defesa de uma identidade brasileira em Portugal.

5.2 *Tribuna Universal*

> "Quanto ao conteúdo propriamente dito, a Tribuna Universal continuará a ser um espaço exclusivamente ao serviço do Evangelho. Nele, continuar-se-á a pugnar pelos princípios cristãos e a falar de Jesus vivo que todos veneramos. Aqui e além, temas de índole social e humana são também contemplados, porque falar da vida é outra forma de falar de Deus." (Luís Farinha, editor da *Tribuna Universal*, n.º105, 7 de abril de 1996, p.2)

O jornal a *Tribuna Universal* foi produzido e de responsabilidade da Igreja Universal do Reino de Deus. Esta condição não implica que sua análise deva ser feita de maneira diferente da realizada sobre um grande jornal. A história da imprensa defende que qualquer fonte dessa natureza receba a mesma importância na aplicação da análise crítica, não se pode qualificar jornais apenas pela sua tiragem. A proposta deste estudo é interpretar estes jornais enquanto registros de um tempo histórico, que, por esta condição, nos permitem interpretar como estes produtores, enquanto atores sociais, agiram e construíram memórias na realização dos jornais e também quais eram seus projetos e planos de intervenção na sociedade que estavam inseridos.

Em relação às questões da forma, a *Tribuna Universal*, lançada em 15 de maio de 1993, com oito páginas, de 32 cm comprimento por 22 cm de largura, vinha com um aviso no cabeçalho: "Órgão de Comunicação Interna", e ao lado apareceu número 0 e a data. Relativamente ao conteúdo, a participação do líder da igreja, bispo Edir Macedo, foi sempre constante. No primeiro número o editorial foi assinado por ele com o título *Coração de Deus,* com passagens bíblicas e pregação religiosa da IURD.

Em todas as edições estudadas havia pelo menos um texto do bispo Macedo, sem qualquer referência aos acontecimentos do cotidiano brasileiro, português ou mundial, sempre com passagens bíblicas e pregação religiosa, fazendo referência a maneiras e modos de se comportar baseadas justamente em suas interpretações sobre a Bíblia. As visitas do fundador da Igreja Universal a Portugal também foram amplamente repercutidas nas páginas dos jornais, com fotos dele e também fotos da grande presença que o acompanhava nesses eventos, tanto nas igrejas, como nos teatros ou mesmo estádios de futebol. Os bispos, então encarregados de comandar a IURD em Portugal, também tiveram espaço na *Tribuna Universal* e seguiam o mesmo estilo dos produzidos por Edir Macedo. Apenas os integrantes da Igreja Universal do Reino de Deus com cargos elevados dentro da instituição tiveram esse

espaço para expor seus textos, sugerindo a importância do jornal dentro da própria IURD. Só Edir Macedo participou de todas as edições, os restantes bispos nem sempre tiveram espaço na *T.U.*

Além dos textos dos bispos, havia uma ampla cobertura da atuação deles nas ações promovidas pela Igreja Universal do Reino de Deus no país inteiro, com reportagens repletas de fotos. Existia uma motivação nos textos e nas fotos em promover tais bispos como celebridades, destacando sempre a grande presença de público que estes comandantes conseguiam levar às celebrações da IURD.

A figura mais importante dos jornais da IURD foi com certeza o jornalista Luís Farinha, que no mês seguinte ao primeiro número publicado, com a designação de número 000, em 20 de junho, apareceu na capa como diretor e assinou o editorial deste número. Luís Farinha foi o jornalista mais importante da história da IURD em Portugal, assinando a grande maioria dos editoriais e sendo a figura não pertencente à estrutura religiosa iurdiana com mais destaque em todos os meios impressos da igreja. Foi presidente do Partido da Gente. Segundo Ruuth e Rodrigues, este partido era a tentativa de a IURD atuar na vida política portuguesa[93], facto que demonstra a sua importância na instituição.

Neste número 000, além do nome do diretor, era indicado na linha imediatamente abaixo o preço de 100$00 (cem escudos), preço que se manteve fixo até 1996, quando diminuiu para a metade. A linha editorial do jornal ainda era muito indefinida e muitas secções foram testadas, mas um ponto em comum foi o ataque à Igreja Católica. Em 4 de julho de 1993 saiu o terceiro número, mas desta vez no cabeçalho apareceu a indicação de que este era o "número 1" e houve uma matéria de destaque chamada *A caminhada da Paz*.

Este momento, segundo a *T.U.*, foi histórico pois 4.500 pessoas caminharam pelas ruas do Porto até o Coliseu demonstrando a adesão dos fiéis a Jesus e à IURD. Um dos destaques utilizados pelo autor da reportagem foi "Isto aqui é uma casa de espetáculos. Mas a partir de agora, transformou-se na Casa de Deus." (*T.U.*, n.º1, 1993, p.3). Como já foi mencionado, no sétimo capítulo abordaremos com atenção a polémica tentativa de compra do Coliseu do Porto, por parte da Igreja Universal do Reino de Deus. Entretanto, destacamos aqui que este espaço esteve envolvido diretamente com a IURD, desde o início das suas ações públicas em Portugal. Depois da leitura dos exemplares da *Tribuna Universal*, podemos traçar algumas

[93]O Partido da Gente participou das eleições legislativas portuguesas de 1995, obtendo 8.279 votos, correspondendo a 0,14% dos votos válidos da eleição e ficando na nona posição entre os 13 partidos que obtiveram votação, não conseguindo eleger nenhum representante. Em 1999 o partido foi extinto. Disponível em http://www.cne.pt/partido/partido-da-gente Consultado em: 15.01.2015.

características deste meio de comunicação financiado pela Igreja Universal do Reino de Deus. Em relação ao estado da arte sobre este tema, não foi encontrado nada que trabalhasse a *T.U.*, ou a *Folha de Portugal* como fonte ou objeto de pesquisa.

No Brasil, em relação aos meios de comunicação utilizados pela IURD, existe sobre o jornal *Folha Universal* apenas um trabalho de Ciro Athayde Barros Monteiro (2012) uma dissertação de Mestrado em Ciências da Informação pela UNESP – Marília com o título *A informação mediada no discurso de Edir Macedo: uma análise de editoriais da Folha Universal*, onde o autor analisou oito editoriais escritos nos anos de 2010 e 2011 pelo fundador da igreja. Um estudo importante a ser realizado seria a comparação entre esses dois meios de comunicação da IURD, produzidos no Brasil e em Portugal, e voltados para os fiéis de ambos os países.

A linha editorial da *T.U.*, bem como os editoriais e as secções, foram analisados para auxiliar na interpretação da Igreja Universal do Reino de Deus, das suas ações em relação à sociedade portuguesa e tentar perceber como esta se afirmou neste país e como se posicionou em relação a ser associada ao Brasil e aos imigrantes brasileiros. Como procurámos demonstrar, existe um debate dentro do estado da arte sobre a atuação da IURD em Portugal e de como ela foi recebida por essa sociedade. Orientados por essa discussão, buscamos por meio da análise destes três meios de comunicação, nomeadamente *Tribuna Universal*, *Folha Universal* e *Folha de Portugal*, tentar corroborar ou estabelecer outras formas de interpretar a Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal, mas, principalmente, buscar a relação dela com os imigrantes brasileiros.

Na *Tribuna Universal* nem sempre houve um editorial, ao contrário do que acontecia na *Folha Universal* publicada no Brasil, de acordo com Monteiro (2012), onde o bispo Edir Macedo assina todos os editoriais. Nem todas as edições da *T.U.* tiveram editoriais e os que existiram foram na grande maioria assinados pelo citado jornalista português Luís Farinha. Suas abordagens foram as mais diversas possíveis. Desde textos com destaque para alguma reportagem feita naquela edição, a textos abordando temas gerais sobre a sociedade ou a religião. Seu primeiro editorial, que reproduzimos abaixo, teve o título *A confissão de um convertido*:

> "Circunstâncias que nunca entendi muito bem, fizeram com que recebesse o convite para dirigir este jornal.
> Jornalista de longo curso, já viajado por várias publicações e rádios, o convite veio numa altura em que, para mim, o percurso profissional parecia ter chegado àquele ponto em que tudo se torna inalterável.
> Engano meu! Mais uma vez, a vida se encarregaria de demonstrar que o homem não passa de mero instrumento dos desígnios de Deus.

> Confesso que nunca fui dado às coisas religiosas. Habituado desde menino a bastar-me a mim próprio, nunca ninguém me ensinou a procurá-lo quando o fardo da vida se tornava pesado demais para minhas frágeis costas. Daí o limitar-me, pela vida adiante, a aceitar a existência de Deus, sem me deter para meditar sobre o que considerava abstrações teológicas sem significado prático para o homem que aprendi a ser.
> Talvez por isso, o convite assustou-me. Era o receio de não estar à altura da especificidade da publicação. Contudo alguma coisa, ou alguém, fez com que aceitasse a proposta. E havia também, passe a aparente imodéstia, a fé na minha própria capacidade, desenvolvida ao longo de muitos anos neste ofício de escrever. A primeira vez que entrei na Igreja Universal, recordo bem, foi levado pela curiosidade. Queria começar a compreender as razões porque tantos homens e mulheres, novos e velhos, procuravam a presença de Deus através da oração.
> Queria perceber donde lhes vinha a convicção de que, através d´Ele, acabariam por encontrar remédio para seus corpos e almas feridas. Depois voltei, uma, duas, muitas vezes! E em cada vez que saía da Igreja, maior era o júbilo que trazia em meu coração. Ao mesmo tempo, sem quase me aperceber, algo se foi alterando na minha vida. Primeiro, foi a forma diferente que comecei a ver o mundo. Depois como se alguma coisa ou Alguém estivesse a agir por mim, vi-me a tomar decisões que, de ânimo leve, seriam impensáveis num homem da minha idade.
> Foi por isso que, quando me convidaram para participar no projecto deste jornal algo me fez anuir de imediato, deixando para trás, sem hesitar, uma vida estabilizada, construída ao longo de muitos anos. A verdade é que cá estou eu, assumindo por inteiro este compromisso com Jesus, fazendo com que a Sua mensagem, feita palavra escrita chegue ao coração das pessoas.
> É por isso que quando hoje me sento para escrever, fico em paz, e sem sobressalto deixo apenas falar o coração O resto, é Deus que o faz…" (*Tribuna Universal*, 20 de junho de 1993, n.º 000, p,3).

Neste editorial, Luís Farinha faz uma declaração de conversão, construída por meio de uma narração muito habilidosa, onde se destaca a "curiosidade" como primeira motivação já que, em 1993, a Igreja Universal do Reino de Deus era uma novidade em Portugal. Ao estabelecer que um jornalista foi convertido à IURD depois de assistir uma missa, ele não só conta a sua suposta história, mas também cria uma justificação para vários leitores que, tal como ele, motivados pela curiosidade, foram convertidos. Outro tema relevante trabalhado neste editorial e em outros foi a questão da idade avançada de Luís Farinha, demonstrando que a Igreja Universal do Reino de Deus respeita e valoriza as pessoas mais velhas. Esse tema do abandono da sociedade portuguesa em relação aos mais idosos foi recorrente.

A conclusão do editorial ressalta a função que a Igreja Universal do Reino de Deus esperava que o jornal alcançasse com seus fiéis: "compromisso com Jesus, fazendo com que a Sua mensagem, feita palavra escrita chegue ao coração das pessoas". Com esta afirmação podemos perceber a importância, atribuída ao jornal, pelas autoridades da Igreja no cotidiano das pessoas e na existência do projeto de atuação da IURD. Na edição comemorativa dos quatro anos da publicação, em 1996, houve uma descrição do jornal e da sua linha editorial, que são interessantes para demonstrar a tese defendida acima:

> "Foi exactamente há três anos, em Abril de 1993 que a, convite do Bispo Paulo Roberto,

> lancei mãos ao projecto da criação de um órgão informativo da IURD. Hoje, no limiar do quarto ano de publicação, é tempo de introduzir algumas inovações nas duas componentes que constituem sua linha redactorial e o aspecto gráfico. Numa e noutro estão a surgir novas ideias que, esperamos, virão a contribuir para um acréscimo de interesse por parte dos leitores.
> Quanto ao conteúdo propriamente dito, a Tribuna Universal continuará a ser um espaço exclusivamente ao serviço do Evangelho. Nele, continuar-se-á a pugnar pelos princípios cristãos e a falar de Jesus vivo que todos veneramos. Aqui e além, temas de índole social e humana são também contemplados, porque falar da vida é outra forma de falar de Deus" (*T.U.*, 105, 7 de abril de 1996, p.2).

Além dessa mudança na forma gráfica, que será analisada posteriormente, podemos interpretar a importância do jornal enquanto meio de evangelização. Mas houve também o destaque para outro assunto: "temas de índole social e humana (...) porque falar da vida é outra forma de falar de Deus". Esta frase destaca como o jornal deveria ser lido pelos leitores segundo a linha editorial da IURD: mesmo os temas do cotidiano devem ser vistos na ótica das palavras da Igreja. A *T.U.* foi a ferramenta utilizada para dialogar com a sociedade portuguesa inúmeras vezes, tanto como forma de resposta para os grandes meios da imprensa portuguesa, mas também como uma resposta para os próprios leitores em relação às acusações que eram dirigidas à Igreja Universal do Reino de Deus.

Ainda sobre os textos de Farinha, deparamos na maioria das vezes com uma visão negativa sobre o futuro de Portugal. Em relação à economia, houve sempre alertas contra grandes crises por vir. E em relação aos políticos e às atitudes dos portugueses verifica-se a mesma artitude pessimista. No trecho abaixo temos um exemplo desse estilo:

> "Foi mais um ano que passou e cuja memória ficará por certo como um capítulo de que a história não falará. 1996 chegou ao fim. Para trás ficaram anseios por preencher. E sonhos que se diluíram ao sabor da aragem. De tudo o que passou e do muito que ficou por realizar resta a esperança de que 1997 seja, esse sim, o ano da sua satisfação plena. Com ajuda de Deus, o próximo ano não será outra decepção a juntar a outras que ficaram para trás. Com Jesus, o coração dos que crêem ficará aberto e as bênçãos fluirão finalmente. Com fé, perseverança e fidelidade à Palavra do Senhor, nada será como antes. A vida será diferente e certa será a salvação" (*Tribuna Universal*, 5 de janeiro de 1997, n.º 136, p.2).

No editorial, intitulado *1997 novo ano vida nova!*, o maior reforço do texto é para criticar 1996 e para salientar que a fé é a condição indispensável da felicidade e que o esforço do fiel deve estar centrado em ter "perseverança e fidelidade à Palavra do Senhor". Este teor de forte censura do diretor à sociedade portuguesa revela uma parte do projeto editorial da IURD com seu jornal, pois através dos seus textos se construía um sentimento de insatisfação em relação à sociedade anómica sobre os mais diversos pontos comportamentais e também em relação aos políticos. Ao mesmo tempo apresentava muitas matérias com ações da Igreja Universal do Reino de Deus na sociedade portuguesa, como campanhas de doação de sangue,

doação de alimentos, higienização de sem abrigos, lar de idosos, auxílio psicológico contra o suicídio, entre outras.

Dessa forma, a IURD criava argumentos para a defesa da sua atuação e também uma legitimidade enquanto grupo pertencente à sociedade portuguesa, na visão deles tão cheia de problemas. Os editoriais ou textos de Farinha foram muitas vezes direcionados neste sentido, como vimos nos exemplos citados. Ainda neste capítulo faremos um aprofundamento sobre como a questão do racismo foi tratada nos jornais da IURD aqui analisados.

Em relação ao custo nominal, nos primeiros dois anos existia a indicação que o jornal custava 100$00 (cem escudos) e depois houve mais um ano com a indicação de que seu custo era de 50$00 (cinquenta escudos). No entanto, sempre que o jornal falou sobre a sua distribuição, ela foi descrita como sendo gratuita aos domingos nas igrejas e templos da Igreja Universal do Reino de Deus.

Analisando inicialmente a *T.U.*, sua linha editorial mudou bastante ao longo do período estudado. Por meio dessa constatação e do contexto histórico vivido em Portugal, vamos traçar hipóteses sobre a relação dessas alterações e os períodos da IURD em solo português. Em relação à tiragem e à periodicidade de exemplares, estabelecemos a seguinte:

Ano	**Número de exemplares**	**Tiragem**	**Número de edições**
1993	14	15.000 exemplares 33.000 exemplares	0-11 12-25
1994	30	40.000 exemplares 42.000 exemplares	26-38 39-53
1995	49	84.000 exemplares 100.000 exemplares	54-66 67-99
1996	43	90.000 exemplares 40.000 exemplares	100 101-167
1997	41	50.000 exemplares	168-205
1998	30	53.000 exemplares	206-209
1999	13	58.700 exemplares	210-214
2000	5	58.700 exemplares	215-218

Quadro 5 - Tiragem *Tribuna Universal* (1993-2000).

Pela análise do Quadro 5, podemos perceber que, até o fim de 1995, a IURD investiu na expansão do seu jornal, aumentando o número de exemplares produzidos e também a tiragem dos mesmos. Nos outros dois anos, houve uma queda grande em relação à tiragem, mas o número de edições publicadas se manteve acima da casa das 40 publicações. Depois, os três anos seguintes demonstram uma dificuldade em relação à produção do jornal, com uma queda grande nas edições publicadas. Podemos pensar em três fases distintas: a primeira, de

construção e expansão, entre 1993 e 1994, a segunda, consolidada e forte, de 1995 a 1997, e a terceira, de queda e alterações, de 1998 a 2000.

Nesta divisão não se abordam as questões da forma ou do conteúdo do jornal, só se abordam as edições e a tiragem produzida, estabelecendo como fator determinante o custo da produção da *Tribuna Universal*. Esses três elementos - custo, forma e conteúdo - nem sempre estão diretamente relacionados, existem múltiplas formas de influência entre eles que não são lineares. A historiografia da imprensa recomenda justamente uma análise detalhada desses elementos para criar uma real compreensão de um meio impresso. Com base nessas premissas, faremos outras análises com o intuito de melhor interpretar a *Tribuna Universal.* Em relação à forma deste jornal, fizemos uma tabela com a alteração ocorrida e o número da edição em que ela ocorreu:

Edição	**Alteração**
N.º30	Pela primeira vez o jornal circulou interiamente a cores.
N.º68	Criação de um suplemento chamado *2º Caderno*. Nele houve uma maior abertura para temas relacionados com o cotidiano dos leitores, com notícias e colunas sobre saúde, beleza, jovens, entre outras temáticas.
N.º104	Mudança no projeto gráfico do jornal, com uma melhor impressão, mudando completamente a grafia da edição. Algumas secções do *2º Caderno* foram incorporadas ao jornal.
N.º192	O projeto gráfico mudou. O editorial mudou e houve a criação da coluna *Ponto de vista*, assinada por Luís Farinha.

Quadro 6 - Tribuna Universal, formatos 1993-2000.

Uma comparação dos dois últimos quadros permite-nos afirmar que não houve relação direta entre alterações na forma de produzir o jornal e as suas tiragens, uma vez que o aumento ou a diminuição da tiragem não ocorreram na mesma época das alterações à forma do jornal. Em relação ao conteúdo, houve alterações constantes. Algumas com durações muito curtas, sugerindo uma constante tentativa dos jornalistas envolvidos em alcançar o agrado tanto dos leitores como dos proprietários do jornal.

Em função dessas alterações constantes, usaremos como ferramenta de análise, para interpretar a linha editorial da *Tribuna Universal* e também dos outros jornais da IURD, a seleção de algumas secções com as quais existe um maior diálogo com o mundo do leitor e não tanto com a prática religiosa. Selecionamos as seguintes secções: *Lá por fora*, *Incongruências*, *Histórias de vida*, *De portas abertas*, *Reflexões*, *Coluna recluso*, *Perfil*, *Coluna um* e *Daqui & Dali*.

5.3 O diálogo com o leitor

Lá por fora foi uma secção que existiu todos os anos em estudo, embora nem sempre com uma periodicidade constante. Com muitas fotos e pequenos textos, *Lá por fora* mostrava as outras IURD espalhadas pelo mundo, das mais variadas formas. Usando o espaço todo para retratar apenas um local onde havia a presença da Igreja Universal ou apresentando de forma mais sintética vários locais em que segundo eles a fé em Cristo tinha chegado por meio da Igreja Universal do Reino de Deus.

Uma secção também recorrente, mas nem sempre presente, foi a *Incongruências,* um dos espaços destinados na *T.U.* para noticiar, como o próprio nome sugere, as contradições da Igreja Católica. Neste espaço surgiram denúncias ou notícias sobre os mais diversos espaços de atuação da Igreja Católica, desde assuntos relacionados ao Papa como, por exemplo, no primeiro número com o título *Papa abençoou ditador sanguinário* e uma foto do então Papa João Paulo II e do presidente do Chile, Augusto Pinochet. Mas também havia denúncias sobre casos de figuras mais simples na hierarquia da Igreja Católica relacionadas com padres ou freiras. Também existiam textos abordando o passado da Igreja Católica e o tema da Inquisição foi muitas vezes explorado nesta secção.

Histórias de Vida abordou as grandes transformações ocorridas na vida dos seguidores da IURD – pastores, bispos ou fiéis – após seguirem os preceitos da igreja. Havia um destaque para a vida transgressora ou para um grande problema de saúde, que era solucionado em função da fé. Esta matéria era composta normalmente por no mínimo duas fotos, uma que representava o momento anterior à conversão e outra que representava a nova fase na vida do fiel. Estes personagens das reportagens ao longo do tempo eram provenientes dos mais variados locais, nomeadamente Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Japão, Suíça, entre outros.

Em relação ao cotidiano da Igreja Universal, houve três secções: *Igrejas, Os Bons Programas da Semana* e *De portas abertas.* Em *Igrejas* indicava-se o nome da localidade onde se encontrava e um acontecimento específico (uma campanha de donativos, uma passeata, uma vigília, etc.). *Os Bons Programas da semana* era composto pela lista de emissoras de rádio com os horários de transmissão dos programas realizados pela Igreja Universal do Reino de Deus. *De portas abertas* era a lista de locais de culto da IURD em Portugal. Estes avisos tinham a intenção de aumentar as ligações dos leitores com o cotidiano da igreja, ao apresentar várias possibilidades para este contacto.

Coluna do recluso foi um espaço curto destinado a relatos de homens presos, que por

meio da sua religiosidade ou fé na Igreja Universal, se tinham regenerado. Este espaço do jornal era ilustrado com uma fotografia de um homem dentro de uma cela com as mãos para fora segurando uma Bíblia. "A ilusão moderna" foi publicada no número 89 da *Tribuna Universal* e o texto era sobre como o detido demonstrava a sua conversão ao Espírito Santo (*T.U.*, n.º 89, p.10). Ciro Monteiro (2012) destaca a atuação da *Folha Universal* distribuída pela Igreja Universal do Reino de Deus nos presídios como sendo muitas vezes a única fonte de informação. A duração desta coluna pode sugerir este tipo de análise e a sua presença também ajuda a construir a imagem da IURD enquanto salvadora de todos sem exceção.

Perfil e *Coluna um* foram secções que passaram a existir no final da primeira fase da *Tribuna Universal,* na transição para a segunda fase do jornal. Podemos interpretar essas duas secções como uma proposta de transformar este meio impresso em algo mais próximo dos leitores, ao criar na penúltima página um espaço semelhante às colunas sociais. *Perfil* era destinado aos pertencentes à estrutura da Igreja Universal do Reino de Deus, pastores e bispos. Sempre vinha acompanhado de pelo menos uma foto de perfil e muitas vezes a segunda foto era com ele e a sua família. Havia uma descrição de onde era a pessoa, há quanto tempo conhecia a IURD, seguindo-se uma entrevista rápida, apenas com uma ou algumas frases.

Ao todo, foram 75 pastores ou bispos entrevistados nesta coluna, 58 brasileiros que atuavam em Portugal, 15 portugueses e 2 cabo-verdianos[94]. Chama a atenção a abrangência das perguntas, algumas claramente ligadas à pregação religiosa, como quando se pergunta sobre Deus ou sobre um versículo, mas também existem perguntas ligadas ao mundo terreno como qual o livro de cabeceira, a cor ou até mesmo o perfume favorito do pastor. Essa estratégia de aproximação deste espaço do jornal ao tipo de jornalismo praticado por uma imprensa chamada rosa, ou de celebridades, não é ingénua, é também uma forma de tentar aproximar os pastores e bispos dos seus fiéis. É uma estratégia para envolver todas as dimensões do cotidiano dos fiéis.

Outra parte da *T.U.* que se assemelhava à imprensa de boatos, ou mesmo às colunas sociais dos grandes jornais, foi a *Coluna um*, que apresentava uma foto acompanhada de uma legenda curta com o nome e a localidade do fotografado. Este tipo de escolha editorial, assim como a anterior, tem a intenção de atrair um público por intermédio de leituras mais rápidas. Durante muitos anos este público-alvo foi identificado nos manuais de redação jornalística como feminino. Não podemos classificar os leitores de maneira tão estanque, entretanto não

[94] Jornal *Tribuna Universal* n.º 101 – 176º - 3 de março de 1996 – 24 de dezembro de 1997.

se pode negar o apelo deste tipo de proposta a um público menos acostumado a uma leitura mais profunda.

A *Tribuna Universal* neste período buscou várias propostas diferentes para atrair o leitor. Dentre os vários formatos possíveis de se produzir um jornal, ela optou pela diversidade. Existiu sempre uma preocupação evidente de falar sobre a religião e sobre as ações da IURD na sociedade portuguesa, como uma forma de legitimação da sua presença em Portugal. Além disso, a *T.U.* foi utilizada neste período como instrumento para responder aos debates em torno da Igreja Universal, desde os mais famosos, que serão analisados posteriormente, como o Coliseu do Porto e o Centro Comercial de Matosinhos, às réplicas sobre reportagens na imprensa escrita ou televisiva.

A evolução da tiragem do jornal nos permite problematizar a saúde financeira da Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal, uma vez que a redução do número de exemplares foi drástica e acompanhada de uma diminuição no número de edições. Como foi dito anteriormente, qualquer meio de comunicação é parte de um projeto político de inserção na arena pública. A *Tribuna Universal* não foi diferente, ao propor uma visão de mundo. Ao comentar a partir de suas posições os factos do cotidiano que deviam ser noticiados, a IURD estava sendo política e atuando na arena pública da sociedade.

Ao criar padrões de comportamento e ao celebrar as escolhas pessoais de bispos e pastores, a *T.U.* estava produzindo e reforçando padrões comportamentais e morais. Todas essas questões justificam a escolha deste jornal enquanto objeto de estudo neste trabalho. No restante período estudado ainda houve mais dois jornais produzidos pela Igreja Universal do Reino de Deus que serão também analisados quanto à forma e quanto ao conteúdo. Entre outras questões, destacamos a possibilidade de analisar as continuidades e ruturas.

5.4 *Folha Universal*

Na edição do dia 5 de maio de 2000, correspondente ao número 226, houve uma brusca alteração em tudo o que era produzido. O nome mudou de *Tribuna Universal* para *Folha Universal*, unificando a edição brasileira da IURD com a edição portuguesa. No cabeçalho, depois do título *Folha Universal* e da frase "Um jornal a serviço de Deus"[95], surgem a data de publicação, ano, número, tiragem do Brasil na primeira linha e, na segunda,

[95] No Brasil, o jornal de circulação nacional do Estado de São Paulo, chamado *Folha de S. Paulo*, utiliza desde 1962 o *slogan*: "Um jornal a serviço do país" (Cabral, 2013). A IURD claramente optou por essa semelhança em relação à *Folha de S. Paulo*, deixando claro com quem estava comparando seu jornal *Folha Universal*.

as mesmas informações em relação a Portugal. Não houve qualquer aviso no último número da *Tribuna Universal* ou explicação na *Folha Universal* sobre os motivos da mudança.

Nas primeiras cinco edições, as notícias do jornal eram todas sobre acontecimentos relacionados com o Brasil, como o aumento do salário mínimo, por exemplo. Além disso, ao contrário da *Tribuna Universal*, existiam muitos textos de pastores e bispos da Igreja Universal do Reino de Deus que atuavam no Brasil, sobre os mais diversos assuntos, mas com um estilo muito semelhante ao utilizado por Edir Macedo. Existia uma diferença de quinze dias entre a publicação da edição no Brasil e em Portugal.

Além da menção de Portugal no cabeçalho, havia no meio do jornal duas páginas destinadas a Portugal, com muitas fotos e notícias sobre a atuação da IURD nos templos do país. Não existia nada em relação ao cotidiano da sociedade portuguesa. Este período, como já foi referido, pode ser visto como o final da maior dificuldade económica do jornal, pois desde 1997 as edições e tiragens foram diminuindo até esse momento em que houve a troca do nome e reprodução praticamente total do jornal feito no Brasil.

Uma solução para a restruturação da produção do jornal foi implementada na edição 231 de 8 de outubro de 2000, com a utilização de notícias emitidas por agências de notícias, provavelmente assim diminuindo o custo com os jornalistas da redação, com a terceirização da produção de matérias. No entanto, os textos dos bispos e pastores brasileiros permaneceram, mas o espaço de destaque no jornal ao lado dos textos de Edir Macedo foi reservado ao bispo responsável por Portugal, Renato Maduro, mais uma vez reforçando a importância do jornal dentro da estrutura da Igreja Universal do Reino de Deus.

As notícias sobre a IURD portuguesa – como vigílias, batismos, concentrações, entre outras atividades iurdianas – ganharam espaço e agora com uma preocupação de equidade ao retratar amplamente o país inteiro, não apenas os grandes centros. Outra vertente que cresce muito é a divulgação das atividades da Igreja Universal do Reino de Deus ao redor do mundo, com destaque para África do Sul, Moçambique, Argentina, Angola, EUA ou Suíça como tema de reportagem. No quadro 7 podemos perceber a evolução da *Folha Universal* em relação às edições publicadas e às suas tiragens.

Ano	Edições publicadas	Tiragens	Número das edições
2000	12	60.000 exemplares	215- 227
2001	21	58.000 exemplares	238-281
2002	30	30.000 exemplares 23.000 exemplares	282-284 285-306

2003	49	26.500 exemplares 27.000 exemplares 27.000 exemplares	307-325 326- 341 342-355

Quadro 7 - Folha Universal,, Relações entre ano, edições e tiragens (2000-2003).

Destacamos uma recuperação e estabilização do jornal da IURD nestes anos, com a nova linha editorial desenhada e exemplificada acima. As economias com a terceirização das matérias e a diminuição da tiragem permitiram um aumento no número de edições publicadas e também, em 2003, a frequência semanal foi estabelecida e alcançada. Uma grande transformação no conteúdo foi a volta do caráter amplo das matérias produzidas pelo jornal, cobrindo mais do que só acontecimentos envolvendo a Igreja Universal do Reino de Deus.

O jornalista Luís Farinha continuou como membro importante da redação. Seus textos opinativos permaneceram, não com tanta frequência como na *T.U.*, mas ainda assim como o único que, não sendo pastor nem bispo, assinava algum texto opinativo no jornal. Seus textos mantiveram o mesmo teor de defesa da IURD contra as acusações dos grandes meios de comunicação e de crítica à sociedade portuguesa e aos governantes, como podemos ver no trecho abaixo sobre as eleições autárquicas em dezembro de 2001:

> "Por que é que de Norte a Sul o País se tinge de laranja?
>
> É então que se percebe quão gasta está a imagem do PS, não só regionalmente como – e principalmente – ao nível da governação.
> E a factura, essa estava ali, agora, para ser cobrada.
> Servirá de algo a lição do domingo passado? Terão os que perderam e os que agora cantam vitória, percebido que o povo não esquece, nem perdoa?
> O remate da noite sobressaltada, por inesperado, tirar-me-ia por completo a vontade de dormir: foi quando António Guterres, o primeiro-ministro, anunciou que iria pôr o seu lugar à disposição do Presidente da República, assumindo com esse gesto digno, que não se sentia isento de culpa pelo nefasto resultado eleitoral. Apesar de tudo há homens de honra. Cansado e com os nervos à flor da pele lembro-me de uma última pergunta que me parece oportuna: e agora? Como vai ser o Portugal que aí vem?" (*Folha Universal*, 23 de dezembro, de 2001 n.º 260, p.2).

Esta parte final do texto de Luís Farinha na *Folha Universal* foi muito semelhante à de outros trechos aqui analisados na época do *Tribuna Universal*, pois as críticas duras aos políticos e ao país em geral são temas habituais dos textos de Farinha. Neste caso existe um raro elogio ao primeiro-ministro António Guterres por sua atitude frente aos resultados das eleições. Outro tema muito recorrente nessa fase era a crítica à União Europeia e ao Euro. O argumento utilizado era sempre a comparação do país com os outros membros da União Europeia. Essa posição anti-Europa era muito popular no período, o que ressalta a habilidade dos articulistas em agradar aos seus leitores.

Uma novidade implementada na *Folha Universal* foi a secção *Desporto a notícia.* Na

penúltima página da edição de 31 de março de 2002 iniciou uma das mais duradouras secções do jornal. Todas as formas de notícias relacionadas com o desporto eram trabalhadas neste espaço, desde simples resultados dos jogos das equipes portuguesas, com pequenos comentários críticos ou elogiosos, até matérias sobre jogadores convertidos à Igreja Universal do Reino de Deus. Quando a seleção brasileira de futebol conquistou o Mundial de Futebol em 2002 foi motivo de grande destaque os jogadores que usavam camisolas interiores com o escrito "100% Jesus" como motivo da conquista.

Outra secção de longevidade foi *Anúncios*, com espaço de uma página inteira antes da secção *Desporto*. As divisões anunciadas podiam variar, mas na sua maioria era sobre imóveis, serviços e diversos. O serviço era oferecido gratuitamente e, ao contrário da *T.U.*, onde existiam poucos anúncios, na *Folha Universal* existia uma elevada ocupação desse espaço e muitos deles continuavam com a exigência de que o candidato fosse membro da IURD. Esta particularidade demonstra como a sociabilidade e as redes entre os membros da igreja eram muito importantes no cotidiano.

Ainda sobre os espaços experimentados na *Folha Universal* que prosseguiram na *Folha de Portugal* existiu o *Espaço Mulher,* que possuía uma série de matérias descritas pelo jornal como "dicas" de beleza, saúde e relacionamento. Dentro desse mesmo espaço existiu uma coluna, *Letra de Mulher*[96], cujo autor nem sempre foi identificado no início ou no final do texto. Os textos do *Espaço Mulher* e da *Letra de Mulher* têm um teor muito forte de construção de normas, envolvendo o papel que a mulher deveria seguir segundo as orientações da Igreja Universal do Reino de Deus. Devido à maior frequência desta coluna produzida na *Folha de Portugal*, sua análise pormenorizada foi realizada num subcapítulo.

Em 2003 houve mais uma mudança na *Folha Universal*, com a retirada dos textos de bispos e pastores brasileiros. O texto de abertura continuou sendo da autoria do bispo Edir Macedo e, como em todas as outras edições, seus textos mantêm a mesma estrutura de pregação, sem referência a acontecimentos brasileiros ou portugueses. Esta última alteração moldou a última ligação da *Folha Universal* produzida no Brasil com a de Portugal. Este conteúdo com notícias sobre os acontecimentos relacionados com a IURD portuguesa e as notícias amplas sobre o cotidiano português resultou em mais estabilidade do jornal e se tornou a base da nova *Folha de Portugal*, que iniciou suas atividades também sem qualquer aviso ou justificação, apenas começando tudo do zero, na última semana de dezembro de

[96] A primeira vez que esta coluna apareceu no jornal foi em 4 de maio de 2003, na mesma semana que ocorreu a divulgação do Manifesto das Mães de Bragança, que será estudado e tratado com mais detalhe no capítulo três. Entretanto, destacamos que este texto e a sua presença neste número tão próximo ao acontecimento não foi ocasional, pelo contrário, ressaltamos a vontade do editor em destacar esta questão neste momento.

2003, como veremos a seguir.

5.5 *Folha de Portugal*

> "Tribuna Universal deu espaço à "Folha de Portugal". A mudança no nome é mais uma vez significativa, na medida em que assinala um descolamento da referência direta à Igreja Universal para indicar proximidade com o contexto nacional e laico. Não fossem as chamadas para os cultos, o jornal poderia ser confundido com os diários gratuitos amplamente distribuídos por Lisboa, dada a semelhança de seu formato e lay out. O conteúdo, embora continue a enfocar assuntos básicos do cotidiano da instituição em Portugal, trazer testemunhos e a opinião dos bispos (...). Privilegia-se agora matérias sobre questões socioeconômicas relativas ao contexto nacional e evita-se ataques diretos à Igreja Católica. No país onde o catolicismo é considerado tradição arraigada, este recuo não sinaliza o fim da tensão com a religião hegemônica, mas uma nova forma de ganhar competitividade na esfera pública." (Swatowiski, 2010, p.103)

A análise realizada pela autora Claudia Swatowiski, como foi referido anteriormente, está totalmente equivocada, uma vez que ela ignora a existência da *Folha Universal* produzida em Portugal. Outra questão muito grave é a generalização realizada pela autora ao atribuir um único formato à *Folha de Portugal* (*F.P.*). Assim como demonstramos em relação aos outros dois jornais produzidos pela IURD, a *F.P.* também possuiu várias fases distintas. Não se pode caracterizar de maneira tão estanque um jornal dinâmico e cheio de mudanças como a *Folha de Portugal*. Faltou à autora uma investigação mais profunda em relação às fontes, pois a sua descrição não corresponde à realidade encontrada na leitura do jornal.

A *Folha de Portugal* teve uma maior estabilidade nas suas edições em relação aos outros dois jornais da IURD, nomeadamente a *Tribuna Universal* e a *Folha Universal*. Como demonstram as tabelas I, II e IV, a *F.P.* conseguiu alcançar uma periodicidade semanal constante desde a sua criação e apenas ocorreu uma pequena variação nas tiragens, em 2007, quando houve um aumento para 35.000 e depois uma diminuição para 23.400. Assim como nas outras análises já realizadas neste estudo, apontamos que não houve uma relação direta entre as edições publicadas e a forma e o conteúdo do jornal. A estabilidade descrita na questão da tiragem e da periodicidade não teve correspondência na forma e no conteúdo da *Folha de Portugal*, que teve muitas alterações e remodelações tanto na forma quanto no conteúdo.

Ano	Edições publicadas	Tiragens	Número das edições
2003	1	27.000 exemplares	1-24
2004	52	30.000 exemplares	25-76
2005	52	30.000 exemplares	77-128
2006	52	30.000 exemplares	129-180
2007	52	35.000 exemplares 23.400 exemplares	181-207 208-210

Quadro 8 Folha Universal, edições e tiragens, 2004-2007.

Em relação ao projeto editorial, a *Folha de Portugal*, apesar da mudança de nome, da troca da qualidade do papel e da impressão, manteve a mesma estrutura da *Folha Universal*, que era um jornal diversificado, voltado para múltiplos públicos, investindo em notícias de Portugal, desporto, beleza, saúde, notícias do mundo, classificados, entre outros. Mas essa diversidade era produzida utilizando as agências de notícias, a Lusa foi a mais recorrente. Analisando a *F.P.*, traçamos uma periodização combinada do seu conteúdo e da sua forma, porque neste caso houve relações diretas entre algumas mudanças, que foram construídas em forma de tabela para melhor interpretação dos casos:

Ano	Edição	Fase	Descrição
2004	N.º 1	I	Continuidade em relação ao último projeto editorial da *Folha Universal*.
2004	N.º 21	II	Grande maioria das matérias voltou a ser produzida pela redação da *F.P.* Com a introdução de uma novidade na última página do jornal, ao trazer um conjunto de pequenas notas sobre vários temas e fazendo um grande resumo sobre a última semana.
2005	N.º 82	III	O jornal mudou suas dimensões totalmente. Com uma volta do dia-a-dia da IURD nas suas páginas, dividindo com as notícias de Portugal e do mundo.
2006	N.º 148	IV	Acontece um aumento da presença da IURD no jornal. Os articulistas Filipe Manolo e Farinha permaneceram com suas colunas. Apenas alguns espaços como Saúde, Bem-estar e Classificados.
2007	N.º 168	V	O jornal deixa de ter como articulistas Filipe Manolo e Farinha, que não escrevem mais no jornal. As únicas partes não religiosas são *Em foco* e *Olha lá*, pequenas notas de notícias breves sobre acontecimentos muito marcantes.

Quadro 9 - Fases do jornal *Folha Universal*, 2004-2007.

A maior figura de destaque dentro de um jornal é, na maioria dos estudos de história da imprensa, o seu editor. No caso da *Folha de Portugal*, temos um caso semelhante mas não exatamente dessa forma. O editor João Filipe assumiu a assinatura do editorial do jornal a partir da edição de 17 de julho de 2005 n.º 82, na fase III da *F.P.*, porém, nem todos os números do jornal tiveram essa secção, talvez diminuindo seu poder de influência ou decisão. Mesmo com a aparente perda de espaço do jornalista Luís Farinha, antigo editor do *Tribuna Universal* e da *Folha Universal*, ele teve mais textos opinativos na *Folha de Portugal*, no mesmo período que João Filipe, demonstrando que apesar da troca de cargo, seu prestígio dentro da organização continuou elevado.

Neste novo formato passou a haver um editorial assinado por João Filipe, sempre na contracapa, com comentários sobre assuntos recentes em Portugal e, algumas vezes,

repercutindo algumas matérias produzidas naquela edição do jornal. Nos seus textos, muitas vezes eram utilizadas passagens bíblicas, comparando temas atuais com histórias bíblicas e também como um guia de posturas em relação às dificuldades. Existe uma completa ligação entre os temas mais mundanos e a religião, como na posse do novo presidente da república portuguesa, Aníbal Cavaco Silva, em que a conclusão do editorial foi: "que Deus dê sabedoria aos nossos governantes para levantar esta nação, que já foi outrora grande e conquistadora". (19 de fevereiro de 2006, p.2)

A secção *Desporto* abordava na sua grande maioria notícias de futebol, no início com matérias assinadas pelas agências de notícias, especialmente a Lusa, mas depois começou a ter a assinatura de Manolo Martins[97] e, a partir do número 21, Martins começou a sua coluna opinativa sobre vários assuntos. O futebol era o principal alvo, mas algumas vezes havia textos sobre outro tema ligado ao mundo desportivo. Essa estratégia de privilegiar o espaço do desporto no jornal pode ser visto como uma maneira de aumentar o interesse dos leitores. Levantamos a hipótese que, de acordo com a visão defendida pela Igreja Universal do Reino de Deus para a condição de fiéis do sexo masculino e feminino, já abordadas aqui, a criação deste espaço se destinava especificamente a atrair o público masculino à leitura do jornal. O futebol foi a modalidade de maior destaque de sempre.

Notícias relacionadas com a seleção portuguesa de futebol tiveram muito destaque, com inúmeras colunas e matérias, sobre os jogadores escolhidos, sobre os adversários, a preparação para a organização do Campeonato Europeu de Futebol (Euro 2004). Manolo Martins, neste período, sempre defendeu a figura do treinador brasileiro Luiz Filipe Scolari nas polémicas envolvendo o treinador, relacionadas com a não convocação do goleiro português Vítor Baia e a convocação do luso-brasileiro Deco para a seleção. Novamente destacamos que tal atitude não é desprovida de razão, ela fazia parte da linha editorial da *F.P.*. Destacamos um trecho contundente de Martins sobre o assunto na coluna *O patinho feio que se transformou num belo cisne:* "Contra os mais sádicos detractores, muitos deles utilizando até sentimentos xenófobos contra o brasileiro Luís Filipe Scolari..." (*Folha de Portugal*, 27 de junho, p. 14.)

Manolo Martins utiliza a xenofobia como motivo para a campanha contra o treinador brasileiro, esta relação entre o futebol e a discriminação será abordada no capítulo 3 de uma maneira mais detalhada, mas destacamos que a IURD também se posicionou nesta questão. Mesmo com essa defesa do treinador brasileiro, o espaço do jornal era dedicado na maioria

[97] A primeira matéria de Manolo Martins foi ainda na *Folha Universal* de 31 de março de 2002, n.º 267, p.11, sobre as participações dos clubes de futebol portugueses nas competições continentais.

das vezes às equipes portuguesas ou a jogadores portugueses no exterior, em grandes clubes europeus, como Figo, Pauleta, Cristiano Ronaldo, entre outros.

Na maioria das vezes abordavam-se os jogos internacionais das equipes portuguesas e foi dado muito destaque às conquistas da Taça UEFA pelo Porto em 2002/2003 e da Liga dos Campeões pelo Porto em 2003/2004. As notícias sobre o campeonato português tiveram um espaço menor, ganhavam espaço especialmente quando se aproximavam do fim do campeonato. O campeonato brasileiro de futebol não era abordado, ainda que muitas vezes a página do lado tivesse um grande anúncio da cobertura da competição feita pela rede de televisão Record ou sobre seus programas desportivos como *Debate Bola*, não havia qualquer menção ao torneio ou a clubes brasileiros.

Ao contrário de outros meios impressos, a *F.P.* demonstrava neste caso uma postura de separação entre o conteúdo e a publicidade no jornal. Ao contrário de muitos meios que se aproveitam para estabelecer uma ligação entre uma matéria jornalística e a publicidade, como vimos no *Sabiá* e na revista *O Brasileirinho*.

A coluna *Letra de Mulher,* como foi referido anteriormente, teve poucos textos, no entanto destacamos que eles eram importantes. Primeiro, pela razão de serem normativos, ao tentarem impor a visão de papéis atribuídos à mulher de acordo com a Igreja Universal do Reino de Deus. Além disso, uma das autoras dessa coluna foi a Ester Bezerra - mulher do bispo Edir Macedo fundador da IURD - sempre elogiada como exemplo de conduta e motivo de orgulho por parte dele. Por isso essa autora ganha relevância, mesmo tendo uma discreta participação efetiva na *Folha de Portugal*. Na construção dos textos existia uma mediação elaborada por parte da autora, relacionando, por meio de passagens bíblicas, quais as ações que as mulheres deveriam seguir. A coluna do dia 11 de abril de 2004, com o título *Um guia para a mulher*, teve alguns trechos selecionados para análise:

> "É muito comum a mulher buscar algum tipo de guia para a sua vida, seja na área profissional, afectiva, ou até mesmo na escolha da escola para os filhos. Qualquer que seja a decisão, é sempre difícil, pois se tomamos uma decisão errada hoje, ela irá atingir-nos mais tarde.
> O Povo de Israel também teve que tomar uma grande decisão, quando vivia escravizado por faraó no Egipto: ou permanecia como escravo, ou então enfrentava o deserto e os seus perigos. Optou por enfrentar o deserto!.
> Vejamos a providência divina: *" O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. Nunca se apartou do povo a coluna de nuvem durante o dia e a coluna de fogo durante a noite".* (Êxodo 13.21,22.)
> Querida amiga, Deus não quer somente realizar os nossos sonhos, mas sim, estabelecê-los. E se o seu sonho é que o seu marido seja um homem de Deus, Ele a honrará. Mas o facto de vocês pertencerem a Deus não significa dizer que o seu casamento será um "mar de rosas", pois isso depende de inúmeros fatores, tanto nas atitudes como em

comportamento.
"Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor" (Isaías 11.2)
Todos esses benefícios vêm do Espírito Santo…
E você? Quer ter este tipo de Guia na sua vida?
Ester Bezera" (*Folha de Portugal*, 11 de abril, de 2004, n.º 16, p.6).

Neste trecho podemos perceber que no início existe uma questão concreta das escolhas cotidianas relacionadas ao *profissional* e ao *afetivo*, e depois passa-se para a questão familiar dos filhos. O trecho da Bíblia é utilizado para justificar que podem existir mudanças e que essas podem ser boas. Para um público imigrante, existe uma identificação direta com a história do êxodo, mas não só, a conversão a uma nova fé também se encaixa e tem muito significado neste exemplo construído no texto[98]. No final do texto existe uma tentativa de estabelecer intimidade com a leitora, ao utilizar a expressão "Querida amiga" e, na sequência, o tema do casamento é abordado. Existe um alerta para que possam ocorrer problemas no casamento sendo atribuído às atitudes e ao comportamento da mulher o sucesso para evitar que tal aconteça. Essa temática sexista de submissão da mulher em relação ao marido é recorrente no jornal e na maioria das vezes escrita nos espaços destinados a um público feminino, como no exemplo abaixo:

"Parabéns a… nós!

Não podemos, de forma alguma, no afã pela igualdade dos direitos e luta pela sobrevivência, perder nossa feminilidade, a nossa delicadeza e discrição, pois isso mudaria completamente o propósito divino para as nossas vidas. E, para nós, não há nada mais belo do que, acima de tudo ser mulher. Por isso, temos de estar cientes do nosso papel" (*Folha de Portugal*, 4 de abril de 2004, n.º 14, p.6).

Existe, como já foi referido, uma imposição de valores a serem seguidos e no trecho acima vemos a crítica à luta pelos direitos iguais que atrapalham a "feminilidade", com um alerta final para o papel da mulher. No caso este papel era cuidar do marido e dos filhos. As autoras Mafra e Swatowiski, em um estudo sobre as origens da IURD e as suas relações com as classes mais baixas da sociedade, destacam essa condição de participação intermediária, seja no lazer ou mesmo no culto. O palco é o lugar por excelência do homem[99].

[98] Destacamos que tal estratégia de mencionar a imigração é muito importante tanto no contexto brasileiro quanto no português. Em relação ao Brasil, existem vários movimentos de migrações internas, na relação entre o campo e a cidade, dentro do mesmo estado, entre estados e mesmo em relação à diáspora brasileira no exterior.

[99] "Uma interessante reflexão das autoras sobre os locais de ação na IURD e como ela reproduz uma dinâmica que já havia nas classes mais baixas: ainda que ambos estejam envolvidos nas atividades lúdicas, esportivas e religiosas, de modo geral, o grupo masculino se encarrega de tarefas que envolvem exposição e/ou exibição de si ao público, enquanto às mulheres cabem tarefas complementares, geralmente associadas ao universo doméstico. Elas preparam as comidas para os eventos, montam as lanterninhas dos balões, organizaram as barracas da festa

Na *Folha de Portugal* a categoria de classificados ganhou um espaço constante na publicação. A questão do retorno financeiro relacionada aos classificados não se coloca, uma vez que os anúncios eram poucos e pequenos. Custavam 5 euros, um valor que era muito menor do que o custo final do jornal, ao contrário de outros meios que se sustentam por essa atividade. A estratégia do jornal talvez estivesse relacionada com a criação de uma utilidade da *F.P.* na vida cotidiana do seu leitor, dessa forma estabelecendo laços mais fortes com o universo da Igreja Universal do Reino de Deus.

Outra estratégia utilizada para estabelecer com os leitores da *F.P.* uma relação de utilização que aumentasse os laços desses com a IURD foi a criação de espaços como *Cantinho do amor*, secção com um estilo muito antigo, praticado na imprensa, com anúncios amorosos de leitores dispostos a trocar correspondências, que seriam intermediadas inicialmente pelo próprio jornal. Lançada ainda na *Folha Universal*, este espaço continuou na *F.P.* até a edição 34. Esta coluna permite explorar vários quesitos sobre diversas temáticas relacionadas aos leitores do jornal. Sua localização, sua origem, idade, modelos de beleza, modelos morais, modelos comportamentais, entre outros. Retratamos um exemplo extraído da edição 16 da *Folha de Portugal*, publicada em 4 de abril de 2004.

Amizade Sincera Rapaz de 39 anos, solteiro, sem filhos e trabalhador. Deseja corresponder-se com jovem de 25 a 30 anos para amizade ou talvez para compromisso mais sério. Rui Neto – Lisboa	**Encontrar alguém!** Olá! Sou um jovem de 40 anos de idade, boa aparência, formado em Gestão e Turismo, residente em Lisboa, recém-chegado da Alemanha, onde vivi 10 anos. Separado, sem filhos, gostaria de encontrar em Portugal, alguém para eventual compromisso, com alma de grande fé cristã e que nutra muito amor pela vida. N. Ferreira – Lisboa – 4 de abril de 2004
Em busca do Amor Sou brasileira, 48 anos, 1,70m, 60Kg, evangélica e solitária. Desejo conhecer senhor, também evangélico de 48 a 60 anos e com situação financeira estável para possível compromisso. M.A.M – Lisboa	**Alma gémea** Negro, angolano, agradável, afectuoso e divorciado. Desejo conhecer senhora, dos 25 aos 45 anos, com boa apresentação, livre, honesta e simples, que seja evangélica, para compromisso sério. António – Rio de Moro 11/4/2004

Quadro 10 - *Folha Portugal*: Cantinho do Amor, número 16, 4 de abril de 2004.

Como destacamos, existe uma polifonia de dados muito interessantes fornecidos pelos leitores nas suas descrições e nas exigências expostas nos seus relatos. Ao todo, o *Cantinho*

junina e formam a torcida da 'pelada' de futebol. Aos homens são reservados os palcos: o campo de futebol, a animação das festas na praça, a soltura do balão. Contudo, é importante salientar as limitações deste projeto na medida em que lugares de maior status e poder continuam a ser ocupados majoritariamente pelo gênero masculino, como é o caso dos administradores de shoppings e da interdição da mulher de ser pastora." (Mafra e Swatowiski, 2008, p.160).

do Coração[100] foi publicado 26 vezes, duração que, dentro dos padrões dos jornais da Universal, pode ser considerada significativa. Durante essas 26 publicações, foram anunciados 117 leitores em busca de troca de correspondência por carta, e, dentro desse grupo, 19 eram imigrantes. Em nenhum momento existe a possibilidade de esse contacto ser realizado por meio eletrónico, facto que reforça a ideia de que nos anos de 2003 e 2004 já havia a presença da internet no cotidiano das pessoas, embora ela ainda não estivesse ao alcance de todos ou fosse natural a toda a sociedade da região metropolitana de Lisboa.

As fases aqui nomeadas de I a IV e apresentadas neste estudo apontaram para uma atuação maior do jornal nas questões que envolviam o cotidiano de Portugal. Na última fase houve uma radical alteração na linha editorial do jornal, fazendo com que este deixasse totalmente de lado o mundo laico e se focasse apenas nas questões referentes à Igreja Universal do Reino de Deus. Ao longo do período estudado, essas duas vertentes foram as duas formas de produção feita pela IURD nos três jornais. Na sua biografia autorizada, Edir Macedo diz que teve dúvidas em relação à produção de conteúdo da Rede Record, se seria um canal de igreja ou normal, e que optou pela segunda opção. No caso dos jornais produzidos pela Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal, não houve uma única opção e sim várias tentativas diferentes.

Apesar dessas várias fases, destacamos que alguns temas foram muito caros à publicação, como a imigração[101] e o racismo. Pretendemos estabelecer uma análise utilizando as matérias e editorias sobre o racismo para traçar as opiniões da IURD sobre este tema. Antes de concluir este estudo foi realizada uma análise mais profunda sobre o tema do racismo nas publicações da Igreja Universal do Reino de Deus para melhorar a compreensão do projeto editorial e da ação desta instituição em Portugal.

5.6 Racismo

> "«É abusivo e pouco sério afirmar que a criminalidade em Portugal é obra dos filhos de imigrantes africanos», quem afirma é o presidente da Associação Cabo-Verdiana e Guineense, Arnaldo Andrade." (*Tribuna Universal*, 21 de novembro de 1993, n.º 10, p.8)

[100] Ao todo, foram três vezes na *Folha Universal* nas edições 325, 326 e 334 e as outras 23 vezes na *Folha de Portugal* nos números 3, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33 e 34.

[101] No terceiro capítulo exploraremos a questão da imigração em vários meios impressos, entre eles os jornais da IURD. Utilizando os momentos de revisões da legislação sobre o tema como forma de comparação entre as várias posturas que os mais diversos atores da opinião pública tomaram sobre esta questão.

Após a leitura de 546 números dos três jornais produzidos pela Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal, defendemos que em algumas áreas houve uma diretiva e uma linha editorial seguida ao longo da produção dos seus impressos. Como já foi referido, existiram questões que, devido à sua importância dentro da visão de mundo da IURD, eram fortes independentemente da época, como por exemplo, as questões de género já citadas. Poderiam ser escolhidos diversos outros temas transversais aos jornais, entretanto para esta tese, que busca as disputas e negociações identitárias dos imigrantes brasileiros, selecionámos o tema do racismo.

Esta opção partiu da análise das fontes, que permitiu afirmar que os jornais da Igreja Universal do Reino de Deus relacionaram diversas vezes as questões do racismo com a presença dos imigrantes em Portugal. Esta associação não é natural ou automática, e sim fruto da visão que os responsáveis da IURD tinham sobre o tema durante o período estudado. Vou utilizar alguns trechos de matérias e editorias produzidos para legitimar essa análise. Existem diversas formas de interpretar e lidar com o conceito do racismo que aqui vamos buscar interpretar.

Para este exercício destacamos matérias realizadas em épocas diferentes: 21 de novembro de 1993; 19 de janeiro de 1997; 2 de maio de 2004 e 23 de outubro de 2005. As duas primeiras matérias foram feitas no *Tribuna Universal* e as duas últimas são da *Folha Portugal* e não foram as únicas, a sua escolha foi motivada pela diversidade e espaçamento temporal entre as reportagens envolvendo a questão do racismo.

Com o título *Racismo: Os negros num país de brancos,* a *Tribuna Universal* destinou duas páginas a essa reportagem, com cinco fotos, na edição de 21 de novembro de 1993, ocupando as páginas centrais do jornal, a oitava e nona. Em duas das fotos houve uma construção de sentido utilizando a imagem e a legenda, que analisaremos a seguir. *Pedreira dos Húngaros – a cidade mora ao fundo* mostra habitações precárias em primeiro plano e, ao fundo, edifícios altos estabelecem uma relação e contraste entre esses dois espaços urbanos. Noutra foto, *Brincadeira sem parque infantil*, três crianças negras jogam futebol no meio da rua de terra batida entre as habitações precárias. Essa construção de imagem e legenda foi uma escolha jornalística da *T.U.* com uma proposta de leitura sobre o racismo e as condições dos negros no país.

Além dessas fotos descritas, as outras também retratavam o mesmo ambiente e acompanhavam um texto longo, facto raro na *Tribuna Universal*, que começou com o seguinte subtítulo *"O racismo é cientificamente falso, moralmente condenável e socialmente injusto" – (Resolução da ONU)* (p.8). Existe uma denúncia sobre a associação do aumento da

criminalidade nas regiões periféricas de Lisboa e Porto com a presença dos imigrantes africanos em Portugal. O jornal alerta que esse pensamento de associar as duas coisas é racismo e recorda que isso foi feito na Alemanha nazi. De seguidam, apresentam-se estatísticas sobre os crimes cometidos por motivação racial em Portugal: "58 actos de violência racista, de que resultaram quatro mortos, dez feridos" (p.8). Nos parágrafos finais é feita uma severa crítica à ação estatal:

> "o Decreto-Lei 797/76 ainda em vigor, impossibilita o acesso de não-nacionais à habitação social. Do outro, todos os argumentos são válidos para justificar a recusa de concessão da nacionalidade portuguesa aos imigrantes naturais das ex-colónias que se fixaram em Portugal. Daqui se conclui que em vez de estabelecer uma política de integração descomplexada, o Estado optou fazer como a avestruz. Impedidos de se integrarem como cidadãos comuns, diluídos no seio da sociedade que vieram encontrar, aos imigrantes africanos apenas resta o confinamento, em grupos, nos bairros clandestinos da periferia, numa situação de clara marginalização social. Sem direitos e com o futuro hipotecado, a esses milhares de pessoas só lhes resta procurar sobreviver no meio hostil que circunstâncias não muito claras deixaram de instituir. Até quando, é a pergunta que aqui deixamos" (*Tribuna Universal*, 21 de novembro de 1993, n.º 10, pp.8-9.)

Neste trecho existe uma crítica à ação do Estado Português em relação à política de integração e ainda a criação de um discurso que coloca a culpa pela marginalização social dos africanos na inaptidão do governo. Afirma ainda que a situação atual dos imigrantes africanos gera uma vida sem direitos e sem futuro. Além disso, existe também no teor da matéria e na conclusão uma crítica ao pensamento determinista que atribui aos negros uma maior criminalidade intrínseca. Existe por parte da IURD um interesse em criticar a ação do governo e valorizar a existência em Portugal de uma série de problemas graves e de populações esquecidas, e que ela se apresenta como uma solução para estas questões.

RACISMO, uma forma de opressão, foi o título da reportagem realizada na *Folha de Portugal*, na edição 19, no dia 2 de maio de 2004. Uma página inteira foi dedicada à explicação sobre o surgimento do racismo, relacionando-o com a escravidão na antiguidade, passando pela escravidão na época moderna. Além disso, foi realizada uma entrevista com Mamadou Ba, um dos fundadores da SOS RACISMO, organização que defende os direitos civis e busca uma conscientização sobre o tema na sociedade portuguesa. Na entrevista, defende-se que os estrangeiros não são perigosos e que Portugal precisa mudar suas atitudes em relação ao racismo praticado contra os imigrantes. No fim da entrevista há um destaque para uma das falas do entrevistado:

> "Há uma fase esquizofrénica na qual o estrangeiro é perigoso – salienta Mamadou – por exemplo, um estrangeiro que queira abrir conta num banco não consegue, ou são poucos os que conseguem, por serem estrangeiros, por serem diferentes. E na vida prática isto gera consequências, porque até numa situação primária o imigrante é colocado de parte.

> Infelizmente, o racismo irá sempre existir, assim como as agressões e os insultos, aos quais os 'diferentes' já se habituaram. Mas tem de haver meios de combate a este mesmo racismo e até agora ninguém tomou ou implementou qualquer medida" (p.8).

Esta construção de reportagem, que utilizamos em comparação à primeira analisada para corroborar com a tese, aqui defendida, de que a IURD teve uma linha editorial firme sobre alguns assuntos importantes. O racismo foi um desses temas caros e recorrentes em suas publicações, como o intervalo de muitos anos entre as duas matérias analisadas sugere. Existe uma reclamação em relação aos órgãos estatais relativamente a essa situação e também a preocupação com a questão de ordem pessoal, como a próxima matéria sugere.

No editorial de 26 de janeiro de 1997, Luís Farinha faz uma crítica não ao Estado Português mas à sociedade portuguesa em geral, ao abordar uma questão muito sensível na sociedade portuguesa como é a questão dos ciganos. Como já foi referido no estudo sobre o ACIME, existe em Portugal uma relação com muitos atritos e discriminação relativamente à população cigana. Neste editorial temos de novo uma postura de defesa de uma causa quando se estabelece uma relação entre duas coisas: não gostar de ciganos é ser racista:

> "Pergunta-se a quem quer que seja: "Olhe lá, você gosta dos ciganos? E ouça-se a reposta. Se esta for um rotundo 'NÃO!' experimente-se pôr a questão: Então você é racista…" De certeza que vem logo o protesto: "O que? Racista, eu?"
> Para quem nos ouve falar, parece ficar claro que, afinal, não há racismo em Portugal. Pelo menos que a intolerância não tem aqui cabimento. Mas, como se costuma dizer: de boas intenções está o inferno cheio, o que quer significar que não basta protestarmos as nossas boas intenções; é preciso demonstrar, na prática, que a cor da pele, a raça ou a nacionalidade dos outros não nos incomodam mesmo!
> No fundo, o que é preciso e urgente é repensar e reajustar o comportamento de cada um de nós, relativamente ao nosso semelhante, seja ele de que raça for, da cor da sua pele ou do seu credo religioso. A isso, meus amigos, chama-se tolerância." (Luís Farinha, *Tribuna Universal*, 26 de janeiro de 1997, n.º 138, p.2).

Novamente faz parte da construção do discurso colocar as questões da tolerância em primeiro plano. Mas, como foi dito anteriormente, quando um meio de comunicação seleciona um facto ou um tema para ser alvo de uma matéria ou de um editorial, isso não é feito de maneira ingénua, é uma questão de linha editorial. Neste caso do racismo, escolhemos períodos de tempo diferentes para destacar tal relação. Nestes dois primeiros exemplos temos a questão do descaso do Estado Português e depois atitudes do cotidiano. Ao defender a tolerância, a IURD conseguia também defender uma bandeira muito importante no seu dia-a-dia, pois em seu entender todas as acusações que recebiam mais não revelavam que a intolerância da sociedade portuguesa.

Em 23 de outubro de 2005, na edição 96 da *Folha Portugal*, houve uma matéria de capa com o título *Imigrantes à margem da lei: Vagas imigratórias massivas, rumo à Europa,*

têm marcado o panorama internacional. Cada vez mais, às portas de Espanha, assistimos ao desespero de milhares de pessoas que procuram apenas uma vida melhor. Ao lado desta chamada, uma foto de um protesto com um negro segurando um cartaz onde se lê "Ninguém é ilegal" (p.1). Dentro do jornal, nas páginas 4 e 5, há vários textos dedicados ao assunto, infográficos e caixas abordando a temática de forma diversa, além de uma crónica do jornalista Luís Farinha na última parte da página.

O primeiro texto aborda a questão da entrada de imigrantes africanos utilizando as fronteiras espanholas e as tentativas de controle dessa entrada com a construção de barreiras físicas. Existe uma reflexão sobre o tráfico de seres humanos e as máfias envolvidas nesse crime. Um dos caixas, com o título *Um país que passou de colonizador a colónia,* fez uma reflexão sobre a imigração dos PALOP e do Brasil para Portugal motivada pela facilidade da língua. Veja-se a crónica de Luís Farinha, com o título de *Portugal – Porto de abrigo,* que segue abaixo:

> "Receber fraternalmente os imigrantes que procuram refazer aqui suas vidas, será sempre pouco quando comparado com o que, durante séculos, trouxemos das longínquas paragens espalhadas pelo mundo.
> **Realmente, é tempo de provarmos que não somos racistas, com geralmente garantimos a quem nos acusa disso mesmo.** Agora. Quando a imprensa volta a ocupar-se da questão da imigração, parece-me ser a altura apropriada para metermos a mão na consciência, lembrando-nos que durante séculos ocupámos o espaço geográfico desses a quem agora temos a oportunidade de retribuir, franqueando-lhes um pouco do nosso espaço.
> Recebermos esses homens e mulheres com amizade e respeito é o mínimo que se pode esperar de quem não se cansa de afirmar a sua universalidade.
> Esperamos que os portugueses não desiludam no fundamental, já que no acessório somos aquilo que se sabe" (23 de outubro de 2005, p.5).

Existe novamente a questão do sujeito enquanto alguém que nega a característica de ser racista e, além disso, existe o apelo à reflexão de que Portugal ocupou o espaço geográfico de outros e por isso deveria retribuir a oportunidade a outros povos de dividir o "nosso espaço". Existe a crítica dura de que respeito é o mínimo que se pode esperar. Como foi referido no primeiro capítulo, foi no século XXI que Portugal "descobriu" os imigrantes e viu o seu papel de país de emigrante ser deslocado para país de imigração.

Em relação a outros contextos que não o português, o jornal também se posicionou, como no editorial *Todos diferentes, todos iguais!...* Através dele Farinha criticou duramente as declarações feitas em França pelo dirigente de um partido xenófobo: "Não é forçosamente aceitável a opinião do senhor Jean-Marie Le Pen, líder do partido de extrema direita francês, Frente Nacional, quando afirma que a desigualdade racial é um facto incontestável da vida. Com tal opinião, Le Pen apenas está a assumir publicamente a sua curteza de vistas" (Luís

Farinha, 19 de janeiro de 1997, n.º 137, p.2).

Estas reportagens aqui apresentadas são exemplos da linha editorial dos jornais da IURD que criticavam o racismo da sociedade portuguesa em relação aos imigrantes. Esta questão não tem ligação direta com a religiosidade dos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, mas foi escolhida como forma de atuar na sociedade por parte dessa instituição escolhendo este tema como motivo de atenção e reflexão.

As críticas à sociedade portuguesa em geral foram uma das estratégias utilizadas pelos jornais da IURD para destacar o caos e surgir como solução para os problemas dos portugueses e a questão do racismo pode ser enquadrada nesta área. Também se pode problematizar a questão da composição deste discurso antirracista da Igreja Universal do Reino de Deus como uma forma de capitalizar possivelmente a simpatia de alguns imigrantes que se identificavam com essa luta. Todas essas possibilidades corroboram a nossa motivação de utilizar os jornais *Tribuna Universal*, *Folha Universal* e *Folha Portugal* como fontes históricas ricas desse período pela questão da atuação na vida pública que um meio de comunicação possui.

As leituras realizadas nos três jornais produzidos pela IURD em Portugal foram extremamente ricas em vários sentidos. A ação dessa instituição brasileira na sociedade portuguesa foi marcada por momentos de grande agitação pública e a Igreja Universal do Reino de Deus utilizou seus jornais como um polo privilegiado de respostas nos mais variados debates ao longo do tempo. Além disso, o projeto editorial dos jornais foi dinâmico, com diferentes fases que ao longo do texto buscamos identificar e interpretar. Porém, notamos que, mesmo com três jornais diferentes, cada um deles com muitas fases diferentes, há várias construções de discursos elaboradas que são recorrentes.

Por isso a recorrência a temas como suicídio, idosos, crises económicas, ou a atuação negativa dos políticos. A avaliação negativa da vida comum dos portugueses foi constante, com o jornal a selecionar e destacar aspetos negativos da sociedade. A felicidade e a realização são apenas referidas nas páginas dedicadas às ações da IURD. Existe nessa construção jornalística um elemento que pode ser analisado enquanto a linha editorial mais importante do jornal que seria a valorização da vida por meio da sua presença na Igreja e a desvalorização da vida longe da Igreja.

Dentro dessa construção, os temas do racismo e da imigração são largamente abordados pelos jornais, como forma de demonstrar coisas erradas na sociedade portuguesa. Mas também como forma de atrair mais fiéis que se encontravam em situações de exclusão por motivo de nacionalidade, grupo étnico ou raça. Essa premissa nos parece muito mais

sustentável do que a relevância da identidade brasileira da Igreja Universal do Reino de Deus. A associação da IURD enquanto representante da brasilidade em Portugal foi criada pelo discurso da "opinião pública" portuguesa. Foi uma visão simplista e generalista associar linearmente o crescimento da instituição religiosa no país com o aumento da imigração de brasileiros. Entretanto, isso não diminui a perceção dos portugueses de que a IURD é uma organização de brasileiros que engaja a população mais pobre do país.

5.7 Conclusão

Podemos concluir que estes meios impressos foram muito importantes dentro da sociedade portuguesa neste período de catorze anos pela sua presença e abrangência. Foram um meio utilizado pela IURD para divulgar as ações da igreja em Portugal, mas também um guia dos comportamentos que esta esperava que seus fiéis seguissem nas mais variadas situações do dia a dia. Para além da divulgação e da catequização, estes meios revelaram-se indispensáveis, nos períodos mais críticos, para responder aos meios de comunicação portugueses hegemónicos. Uma preocupação desta instituição, foi distanciar a sua imagem da questão da nacionalidade brasileira, reforçando a proposta de ser uma instituição supranacional, por isso a palavra Universal no seu nome. Todas estas questões são importantes para definir o projeto editorial imposto pela Igreja Universal do Reino de Deus. Os seus jornais tinham muitos objetivos, para além da divulgação da própria imagem.

SEXTO CAPÍTULO*:* ALTO COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO E MINORIAS ÉTICAS

> "A posição portuguesa, que me coube apresentar, é a de encarar a imigração como um fator positivo para Portugal, desde que legalmente enquadrada na nossa lei da imigração e no quadro das oportunidades de trabalho definidas no respetivo relatório" (*B.I.* n.º 12, novembro de 2003, p.3).

Este capítulo pretende explorar as ações do órgão estatal português Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Éticas (ACIME) – nome depois mudado para Alto Comissariado para as Imigrações e o Diálogo Intercultural (ACIDI) – criado para trabalhar com a integração

dos imigrantes. Este tema ACIME/ACIDI, de tão amplo e rico, poderia por si só ser o objeto de estudo de muitas teses. Porém, neste caso, temos o objetivo, bem delimitado, de perceber a relação do órgão com os imigrantes e, mais especificamente, a sua relação com os imigrantes brasileiros.

Atribui-se a este órgão português uma importância crucial nesta tese, devido à particularidade de ser um organismo estatal voltado só para este fim. Por exemplo, não se nega a importância do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) em relação aos imigrantes. Porém, existem outras atribuições deste órgão que não estão diretamente ligadas aos imigrantes, no que toca à fiscalização das fronteiras, nomeadamente em relação à entrada de produtos legais ou ilegais. Já o ACIME/ACIDI foi exclusivamente criado para tratar dos imigrantes, especialmente na tentativa de integrá-los na sociedade portuguesa.

Essa é mais uma justificativa para a escolha deste órgão como objeto de estudo, além da produção de materiais impressos voltados para o grande público, sobre a imigração e também para os imigrantes. Claro que, antes da sua criação, o Governo Português já tinha preocupações e atenções relacionadas com a imigração. Mas destaca-se que a sua criação em 1996 foi muito importante na agenda política portuguesa, ao conferir-lhe um estatuto superior ao de uma Secretaria de Estado.

E enfatizamos ainda um segundo aspeto, quando o ACIME escolheu uma maneira específica de divulgar as suas ações voltadas para a imigração e para a sociedade. Pensamos que o seu *Boletim Informativo* e a maneira como foi produzido foram também uma tentativa de legitimar as políticas públicas nas áreas da imigração e das minorias étnicas. Daí que a análise deste órgão de imprensa seja fundamental para o objetivo desta tese. Para alargar a interpretação, também analisaremos as publicações editadas pelo ACIME em forma de livros ou revistas académicas. A legislação portuguesa relacionada com a imigração também será abordada.

Nome	**Data [inicial]**	**Formato**	**Edições**
Boletim Informativo	Outubro de 2002	Revista	55
Coleção Estudos OI	Maio de 2003	Livro	25
Coleção Teses	Setembro de 2005	Livro	14
Coleção Portugal Intercultural	Maio de 2007	Livro	1
Coleção Comunidades	Junho de 2007	Livro	1
Revista *Migrações*	Setembro de 2007	Revista académica	1
Cadernos OI	Dezembro de 2007	Sebenta/Apostila	1

Quadro 11: Publicações promovidas pelo ACIME/ACIDI

Como se pode constatar pelos números acima, houve uma grande produção editorial, utilizando o nome de publicações ACIME. Para melhor compreender as motivações do Governo Português em destinar parte do orçamento para este órgão, apresentamos primeiro uma introdução sobre as questões legais da imigração e do Estado Português ao longo do período anterior à criação do Alto Comissariado. Para aumentar os instrumentos de análise e também historicizar como foi a evolução desta questão na sociedade portuguesa.

6.1 Estado Português e os imigrantes estrangeiros: aspetos legais

A legislação portuguesa sobre nacionalidade sofreu uma modificação importante em 1981, quando se alterou o princípio de *jus soli* (direito ligado ao território) para o *jus sanguini* (direito ligado ao sangue). Para alguns autores, como António (2010) e Pires (2009), essa medida foi motivada pelo controle da entrada de pessoas das ex-colónias portuguesas[102]. Esta legislação continuará durante longos anos.

De acordo com Santos (2010), só na década 1990 as leis de imigração mudaram em função da integração de Portugal na CEE e das exigências de uma agenda de propostas sobre a circulação e imigração dentro do espaço comunitário europeu, que deram origem ao acordo Schengen. Em Portugal houve, durante a década de 1990, uma série de leis sobre este tema, acompanhadas de um debate em torno desta legislação, principalmente entre as associações de imigrantes e o Partido Socialista (PS)[103]. Muitos estudiosos vão destacar, como fez João Carvalho, o período do XII Governo da República (PSD) da seguinte maneira:

> "Apesar da adopção de um discurso de "imigração-zero", o executivo Social Democrata demonstrou uma forte tolerância perante o fluxo imigratório irregular proveniente de países lusófonos, indiciando a primazia de objectivos derivados da política externa do Estado português em conjunto com o desejo de providenciar mão-de-obra desqualificada para o mercado laboral nacional" (2009, p.41).

Esta visão aborda a questão de uma maneira mais economicista, enquanto para outros autores, como Baganha (2001), o Decreto-Lei n.59/93, promovido pelo primeiro-ministro Cavaco Silva (PSD), surgiu como uma "discriminação positiva" quando criou um caráter especial de facilidades, em relação à situação de legalização dos imigrantes em Portugal oriundos dos chamados PALOP e do Brasil.

[102] Lei número 37/81 de 3 de outubro.
[103] Algumas das mais importantes estão aqui listadas: Decreto-Lei n.59/93, de 3 de março; Lei n.25/94, de 20 de outubro; Decreto-Lei n.8-A/1996, de 26 de janeiro; Decreto-Lei n.50/96, de 4 de junho; Decreto-Lei 19-A/96 de 26 de junho; Decreto-Lei n.39/98, de 27 de fevereiro; Decreto-Lei n.20/98 de12 de maio; Lei n.244/98, de 8 de agosto; Decreto-Lei n. 115/99, de 3 de agosto.

Tal diferenciação positiva, defendida pela autora, acabou acompanhando os sucessivos governos constitucionais, independentemente da filiação partidária, o que sugere como a questão do lusotropicalismo do Estado Novo perpassa de alguma maneira o debate político em torno da imigração em Portugal durante este período de democratização no país. No período analisado, houve três processos de regularizações extraordinárias: em 12 de outubro de 1992, com o Decreto-Lei 212/92, no governo de Aníbal Cavaco Silva (PSD); em 24 de maio de 1996, com a Lei 17/96, no governo de António Guterres (PS); em 26 de abril de 2004, com o Decreto 6/2004, no governo de Durão Barroso (PSD).

Em 26 de janeiro de 1996 foi criado, pelo decreto-lei n.º8 –A/1996, um órgão destinado exclusivamente aos imigrantes, chamado de Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas (ACIME). Uma análise crítica da sua criação foi elaborada por Pires (2011) ao salientar que de entre as suas várias funções, "destaca-se a promoção do conhecimento e da aceitação dos valores morais e culturais portugueses como uma condição de uma integração bem-sucedida (…) É nitidamente uma orientação nacionalista e protecionista dos interesses da nação e sua identidade". Este tipo de condição impositiva ao imigrante demonstra como as identidades foram disputadas das mais diversas formas no período.

O Partido Socialista, como foi dito, esteve em grande diálogo com as associações imigrantes, especialmente o deputado José Leitão, na altura numa posição oposicionista. Esta dedicação a esta causa provavelmente lhe valeu a nomeação pelo primeiro-ministro socialista António Guterres para ser o Alto-comissário para Imigração e Minorias Étnicas. Em entrevista à revista *Lusofonia* publicada em julho de 1996, Leitão explicou as funções do seu cargo:

> "**Alto-Comissário**- "A criação do cargo parte do princípio de que é necessário haver um órgão catalisador das intervenções dos diferentes departamentos governamentais cuja política tem a ver com os imigrantes e as minorias étnicas para que não haja acções pontuais, mas uma política integrada".
> **Social-** "O Alto-Comissário não tem poder legislativo, mas desenvolve uma certa provedoria social"
> **Fortaleza-** "Rejeito a ideia de Portugal fortaleza. A prioridade do Alto-Comissário é que as pessoas tenham condições harmoniosas de integração na sociedade portuguesa"
> **Virtude-** Um Alto-Comissário na dependência directa do Primeiro-Ministro tem a virtualidade de ultrapassar as limitações da competência sectorial de uma secretaria de Estado, que está sempre incluída num Ministério. As questões com minorias têm a ver com actividade de vários ministérios. Foi essa a razão dessa opção" (*Lusofonia*, n.º 1, julho de 1996, p.23).

Na entrevista, José Leitão destaca as vantagens de criação do ACIME: as trocas de governo nunca representariam a extinção do órgão. Houve sim, sucessivas alterações, na estrutura e na ação do Alto Comissariado, conforme os novos governos assumiam o poder.

Corroborando a tese defendida de que a imigração foi um tema importante e de que o ACIME teve uma participação muito ativa e reconhecida na sociedade portuguesa.

Neste período houve uma série de ações voltadas para os imigrantes que favoreceram o seu cotidiano, como por exemplo: direito de voto nas autárquicas – Decreto-Lei n. 50/96 de 4 de junho; Criação do Conselho Consultivo para os assuntos da Imigração COCAI – Decreto-Lei 39/98, de 27 de fevereiro; eliminação das quotas de trabalhadores estrangeiros nas empresas portuguesas – Decreto-Lei n.20/98 de 12 de maio; definição do regime jurídico das associações de imigrantes – Decreto-Lei n.115/99 de 3 de agosto.

Não existem análises académicas longas sobre a história do ACIME enquanto instituição pública interveniente na realidade social ou sobre as suas ações na vida social portuguesa. Uma exceção foi o trabalho mencionado de Pires (2009), o qual teve como objetivo principal a política migratória portuguesa no geral, mas, apesar disso, aborda elementos importantes sobre o ACIME.

Foi publicada uma série de materiais impressos por este órgão, dos quais se destacam o *Boletim Informativo* (B.I.) e uma série de estudos académicos relativos ao tema das migrações. Entre as interpretações para o nome da revista, é de notar a sua relação direta com o documento de identificação nacional português, o chamado Bilhete de Identidade, abreviado geralmente como B.I. Possuir esse documento significava ter acesso a todos os serviços do estado social português, facto encarado, principalmente pelos imigrantes das antigas colónias portuguesas, como um objetivo fundamental a ser alcançado. Um exemplo desse sentimento em relação ao *B.I.* foi encontrado na edição número 10 de março de 1993, com a banda desenhada do Juca Brasuca, aqui reproduzida.

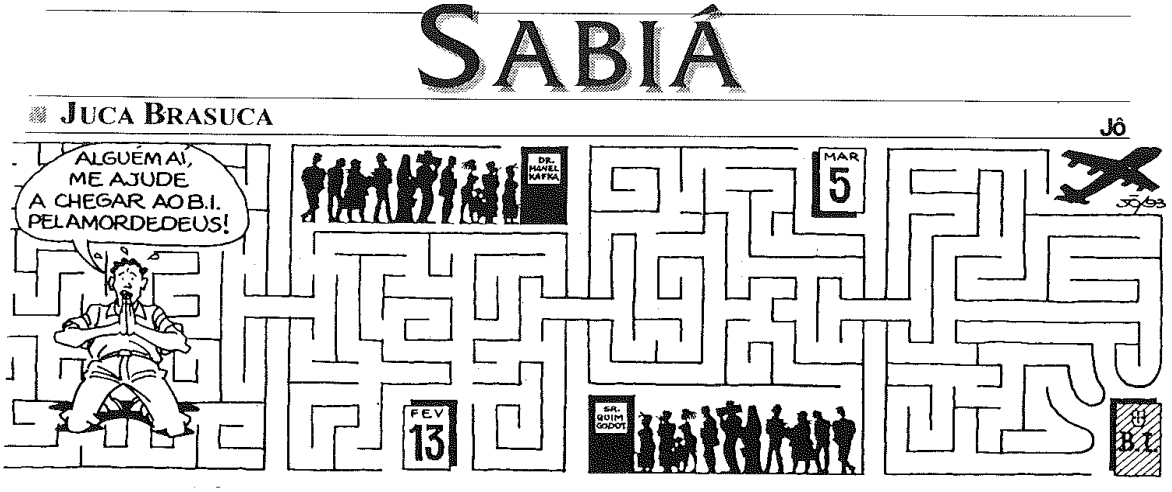


Figura 8 Jornal *Sabi*á número 10, março de 1993, p.8.

O personagem principal, Juca Brasuca, um imigrante brasileiro, encontra-se num labirinto, pedindo ajuda para alcançar o Bilhete de Identidade. A solução alternativa para sair do labirinto era o avião, de regresso ao Brasil. Por meio dessa banda desenhada, entendemos a relevância para os imigrantes na década de 1990 da aquisição do B.I., pois este significava com a nacionalidade, o acesso total à cidadania.

Em 2007 o Governo Português alterou o ACIME por meio do Decreto-Lei n.º 167/2007, de 3 de maio. Criou-se o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), como instituto público, subindo de importância na estrutura estatal. Segundo Pires, houve uma grande fusão de órgãos governamentais, entre o ACIME, o Programa Escolhas, a Missão para o Diálogo com as Religiões e *o* Secretariado de Entreculturas. Esta mudança também fortaleceu a escolha pelo recorte temporal defendido na tese, o qual termina no ano de 2007.

O estudo desse órgão, voltado para a imigração, bem como das suas publicações permitirá entender as medidas governamentais do Estado Português em relação a essa questão, como as negociações identitárias se deram ou se refletiram na ação estatal. Com o cruzamento das informações dos atores sociais dos imigrantes e os *mass media* portugueses, este trabalho poderá empreender uma análise mais segura desse jogo envolvendo as imagens, os direitos e identidades dos imigrantes brasileiros em Portugal.

6.2 ***Boletim Informativo***

Como já foi referido, ao estudar um meio impresso como fonte e como objeto de pesquisa temos que analisar amplamente sua forma e seu conteúdo. Em função disso vamos detalhar algumas questões sobre o *Boletim Informativo* para perceber a sua relação com o Governo e com a sociedade portuguesa. A primeira publicação do ACIME teve essa relação entre as edições e os exemplares neste período:

Edições	1-6	7-12	13-24	25-39	40-46	47-50	51-55
Exemplares	3 mil	4 mil	4,5 mil	5 mil	6 mil	8 mil	6 mil

Quadro 12: Boletim Informativo, Edições 1 - 55 outubro de 2002 – dezembro de 2007.

Destacamos desde já a elevada tiragem do *Boletim Informativo*, demonstrando que este meio impresso foi considerado pelo ACIME e pelo governo como algo importante, uma

vez que tiragens altas representavam um custo alto, mas que, dentro das prioridades do órgão, era uma despesa justificada. Na segunda página, no verso da capa, surgia o editorial. Nunca houve um sumário e as matérias e secções da revista sempre estiveram livres, o que não significa que não houvesse um projeto editorial, pelo contrário, podemos caracterizar as mudanças e permanências da publicação mesmo sem o seu sumário.

Após o editorial, entre a edição 4 e a edição 26, houve uma secção chamada *Nacional*; estas duas secções serão analisadas mais detalhadamente a seguir. Após este espaço destinado às opiniões do governo, seguia-se uma secção chamada *Breves.* Nela as mais variadas notícias vinham acompanhadas em sua maioria de um pequeno texto: durante os primeiros 25 números ininterruptos esta secção existiu. Saiu da revista enquanto secção, porém a disposição da revista e a maneira de tratar os assuntos continuou a mesma, apesar da troca do nome, a forma e o conteúdo permaneceram iguais.

Visualmente, o *layout* da revista não muda como a imagem deixa claro, mas retirou-se o nome de *Breves*. Este voltou na edição 47, quando a revista passou por uma grande transformação gráfica, renovando praticamente toda a sua disposição dos textos e diagramação. Na última página houve sempre um espaço destinado a pequenas resenhas, que durante um período se chamou *Edição*, depois foi retirado este nome, mas continuou com a mesma função na revista e. na restruturação ocorrida no número 47, ganhou o nome de *Cultura*. Nesta última página também existe o expediente da edição, seguido do número de exemplares publicados.

Outros dois espaços privilegiados da revista foram as secções *Entrevistas* e *Opinião*, locais onde a interlocução com a sociedade tinha o seu espaço. Em relação às *Entrevistas*, foram 40 ao longo dos 55 números estudados; em relação à secção *Opinião*, foram 45 em 55 números. Os mais diversos atores foram "ouvidos nestas secções" como destacamos no gráfico I, espaço explorado para destacar com quem o *B.I.* dialoga mais e perceber as diferenças entre opinião e entrevista.

A Universidade portuguesa e seus grandes estudiosos tiveram um destaque muito importante nas páginas do *Boletim Informativo*. Este aspeto é muito importante, no sentido de legitimação da ação estatal baseada nas pesquisas dos professores universitários. Mas, por outro lado, também temos que considerar a importância do ACIME/ACIDI enquanto editora, e como isso influenciava a participação dos pesquisadores na hora de escreverem para o *B.I.*, pois, como foi mencionado, além do *B.I.*, houve uma série de publicações académicas editadas pelo ACIME/ACIDI. No anexo II temos as listas com os títulos das obras e seus respetivos autores.

As publicações editadas foram lançadas com as seguintes denominações: *Colecção Estudos Observatório da Imigração* (O.I.), com 25 obras publicadas de maio de 2003 a dezembro de 2007; *Colecção Teses*, com 14 obras publicadas de setembro de 2005 a novembro de 2007; *Colecção Comunidades*, uma obra; *Revista migrações*, uma obra; *Cadernos Observatório da Imigração O.I.*, uma obra. Em relação a estas três últimas citadas, houve, nos anos seguintes a 2007, um aumento significativo das obras publicadas nestas coleções, indicando que com a troca do nome e de poder, o ACIME/ACIDI ampliou muito as suas funções e ações na sociedade portuguesa.

Houve um grande envolvimento entre o Alto Comissariado e o mundo académico português: muitas vezes os professores das universidades portuguesas escreviam artigos e davam entrevistas para o *B.I.* Trinta e cinco por cento desses professores conseguiram publicar livros de sua autoria ou dos seus orientados pela editora do ACIME/ACIDI. Este dado reforça a ideia, defendida no estado da arte, de que existem poucos embates entre os estudiosos das migrações em Portugal. Outro dado importante a ser considerado sobre estas constatações foi a importância que essas coleções do *O.I.* tiveram na academia portuguesa, ao publicar um tema marginalizado pelas editoras comerciais.

Essas ligações às redes de intelectuais podem ser muito exploradas em estudos futuros. Mas como o nosso objetivo não é esse, ressaltamos aqui a importante legitimidade que o ACIME/ACIDI procurou obter na e pela academia. Destacamos também que outra consequência desta relação foi a utilização pela academia de um espaço para a publicação dos seus estudos e dos seus orientandos.

Vários setores tiveram espaço no *Boletim Informativo*, para além das Universidades e da Igreja Católica, os dois com maior presença. Houve também um diálogo com as associações de imigrantes e também com a sociedade civil como um todo, representantes de organizações não governamentais, professores do ensino secundário, jornalistas, artistas, presidentes de sindicatos laborais, entre outros, estiveram igualmente presentes. Representantes do Estado Português também utilizaram o espaço, dos mais diversos cargos, como o Presidente da República Jorge Sampaio ou outros altos-comissários.

Outro espaço importante construído pelo *B.I.* para dialogar com a sociedade portuguesa foi a secção *Recortes de imprensa*, em que trechos de jornais ou revistas eram reproduzidos nas páginas do *Boletim Informativo*. Tratava-se apenas de uma reprodução do que saiu impresso, sem nenhum comentário ou destaque, só com o trecho, a data e o local onde foi produzido. Este segmento circulou apenas oito vezes, repercutindo assuntos sobre imigração, adaptação de imigrantes, aprendizado da língua portuguesa, remessas de

imigrantes, propaganda das ações do ACIME/ACIDI entre outros temas. Por exemplo, a situação em outros países, como neste trecho:

> "Estamos num buraco, não temos para onde ir"
>
> "Várias centenas de imigrantes africanos, que afirmam ter sido deportados à força pelas forças de segurança marroquinas depois de terem tentado entrar em Espanha clandestinamente pelo enclave de Melilla, definharam durante dias em pleno deserto sem água nem comida, muitas vezes feridos, próximo da pequena aldeia de El Aouina-Souatar, na fronteira entre Marrocos e a Argélia, constatou um fotógrafo da Agência France Press (AFP) Ontem as mesmas forças que o levaram começaram a transportá-los de regresso, segundo testemunhou um elemento da agência de notícias espanhola EFE. Imigrantes vindos do Mali, dos Camarões, da Nigéria, da Gâmbia, do Senegal, da Costa do Marfim e da Guiné afirmam terem sido para ali levados em autocarros, durante a noite, há cerca de uma semana e abandonados à sua sorte. "Estamos num buraco. Não sabemos para onde ir. As mulheres estão doentes. A Argélia não nos deixa entrar e a primeira cidade marroquina está a 500 quilómetros" conta Koné Siaka, de 31 anos, vindo do Mali. "Por piedade, avisem a ONU, a OUA e a União Europeia. Vamos morrer", suplica. Depois suspira: "Tenho vergonha de África". Perto três guineenses que sofrem de malária jazem na areia. "Já não mexem. Parece que vão morrer", conta o fotógrafo da AFP. Este grupo de refugiados (pelo menos 500) foi descoberto por um grupo de Médicos Sem Fronteiras. *Jornal de Notícias*, 9-10-2005" (*B.I.*, n.º 34, novembro-dezembro, 2005, p.11).

Este trecho foi seguido de uma série de outros recortes extraídos de jornais e revistas que retrataram os acontecimentos em Ceuta e Melilla envolvendo os imigrantes e o desrespeito pelos Direitos Humanos. A escolha do tema desta secção não foi sempre internacional ou nacional, ela variou diversas vezes. Na edição 31, por exemplo, houve uma utilização contundente do *B.I.* em relação ao evento chamado “arrastão de Carcavelos”. Foram cinco recortes de diferentes jornais, desmentindo o ocorrido e culpando a televisão por ter criado a notícia fantasiosa em relação à proporção do incidente e ao modo como ele foi retratado.

Não se pode analisar esta secção de forma ingénua, estes recortes são muito importantes para entender motivações dos editores ou aqueles assuntos que são mais relevantes no entendimento deles. Pois em todos os casos a escolha de outros trechos traria outros significados às mesmas notícias, por isso “recortar” é tão parcial quanto escrever a própria notícia. Com esta premissa, destacamos que tais escolhas podem ser interpretadas como o ato de dar maior visibilidade a temas e/ou assuntos que talvez tenham sido marginais na imprensa. Mas também possibilita pensar que, o incentivo ao diálogo com a imprensa, por meio de recortes selecionados, seria mais uma maneira de legitimação da ação do órgão estatal na sociedade, agora ancorando as suas atividades nas notícias vinculadas pelos meios de comunicação.

Tal proposta editorial, de selecionar trechos de notícias, não perdurou por muito tempo, assim como a maioria das tentativas de secções do *Boletim Informativo* não teve

continuidade, além das secções *Entrevistas* e *Opinião*. Os espaços que tiveram maior continuidade no *B.I.* foram os editoriais que, em todas as 55 edições, estiveram presentes, e a coluna *Nacional*, que se publicou durante 22 edições. De seguida faz-se uma análise mais detalhada destes dois espaços e seus autores, justamente tendo em conta a sua importância.

6.3 Editoriais e coluna *Nacional*

Os editoriais do *B.I.* foram assinados pelo mais alto cargo do ACIME, na figura do alto-comissário para Imigração e Minorias. Durante o período analisado foram dois. O Padre António Vaz Pinto S.J assinou durante três anos os primeiros 31 editoriais, enquanto Rui Marques ficou responsável a partir da edição 32 até o fim do nosso recorte temporal, em dezembro de 2007[104].

No verso da capa, a página número dois foi sempre destinada ao editorial. A acompanhá-lo existiu sempre uma pequena foto do respetivo alto-comissário. Em relação ao tamanho do texto, também variou de acordo com o tema e com os assuntos tratados. Estas alterações serão posteriormente detalhadas, levando em conta a sua problematização para melhor interpretar os assuntos candentes e não só, pois os silêncios editoriais também são muito importantes na pesquisa histórica.

Como já foi mencionado, o estudo de um meio impresso tem que abranger o seu conteúdo, mas também a sua forma. O editorial é o lugar mais importante para perceber as intenções e motivações do(s) responsável(eis) pelo meio de comunicação. Neste espaço do editorial podemos perceber qual, de todos os temas, foi o mais importante entre todos os tratados e onde se busca um diálogo direto com o leitor.

Neste espaço do editorial existe um reforço ou uma visão diferente da que está nas matérias ou mesmo na capa. Por isso, tantos estudos (Lemos, 2006, De Luca 2008, Cruz, 2009) destacam a interpretação dos editoriais como fundamental para a análise de um meio de comunicação. Exatamente por concordar com estes critérios, foram lidos todos os editoriais e muitos deles serão explorados no decorrer deste estudo, neste capítulo e posteriormente também.

A única vez que não houve editorial foi na edição número 3, de dezembro de 2002, quando foi substituído por um texto assinado pelo então primeiro-ministro Durão Barroso.

[104] *Boletim Informativo*, números 1 – 55, outubro de 2002 – dezembro de 2007, Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas.

Apesar de não ter o nome de editorial, este texto apresentado no mesmo lugar, e ainda mais pela segunda figura do Estado Português, foi considerado neste trabalho como sendo o editorial do número três. Nota-se ainda que houve a participação de outro primeiro-ministro no *Boletim Informativo*.

Por isso mesmo destaco que as palavras utilizadas por Durão Barroso não foram ingénuas ou tão pouco irrefletidas. Pelo contrário, parto justamente da premissa de que, ao contrário de uma entrevista publicada num jornal ou revista que pode ser editada, estas palavras foram cuidadosamente proferidas pelo mandatário. Selecionamos um trecho que resume a opinião do governo em relação ao tema:

> "Estamos também convictos de que só é possível criar condições para uma integração efectiva dos imigrantes regulando os fluxos migratórios. Trata-se de uma condição essencial para manter o equilíbrio do tecido social e evitar movimentos de contestação a que, infelizmente assistimos noutros países.
> Ao longo do difícil ano de 2002 demos já mostras de uma nova atitude neste domínio. Assumindo um comportamento proactivo, antecipando dificuldade, avançando programas, criando estruturas para dar respostas aos problemas de quem nos procura, estamos a criar condições para que os imigrantes que vêm regularmente para Portugal possam encontrar soluções para a sua vida e para a concretização dos seus anseios." (*B.I.*, n.º 3, dezembro de 2002, p.2).

Uma temática muito reforçada no *B.I.* pelo governo é a crítica ao momento anterior onde houve uma entrada não controlada de imigrantes e por isso a regulamentação se torna um ponto programático desse governo. Existe um alerta nas palavras de Barroso: “Trata-se de uma condição essencial para manter o equilíbrio do tecido social” ou seja, Portugal não pode ficar aberto a qualquer tipo de imigrante, pois estes desequilibram a sociedade. Existe uma estratégia do governante, que vai se repetir em muitos casos estudados, de utilizar a comparação com a situação de países estrangeiros para minimizar a questão no país. Com isso, o problema não é assumido e sim diminuído, reforçando a ideologia de que Portugal é um caso único ou diferente de toda a Europa.

Além dessa estratégia governamental de desvio do problema, ao comparar-se com os outros, existe ainda outra importante afirmação. Quando se coloca a regulamentação dos fluxos como condição fundamental para a integração, existe a mensagem de que nem todos os imigrantes são bem-vindos, pois existem imigrantes que não conseguem integrar-se na sociedade portuguesa idealizada pelo governo de Durão Barroso.

Levantamos a hipótese de que a continuação do editorial deixa isso evidenciado no trecho: “estamos a criar condições para que os imigrantes que vêm regularmente para Portugal possam encontrar soluções para a sua vida”, ou seja existe um padrão de aceitação de imigrantes para o país. Em relação a esses, o Estado está-se mobilizando para a sua

integração. Entretanto existe, para outros tipos de imigrantes, que não vêm regularmente, uma negação desses direitos, um completo abandono estatal, segundo sugerem as palavras do primeiro-ministro.

Todos os outros editoriais foram assinados pelos Alto-Comissários na ocasião. Depois da análise dos editoriais publicados, faremos uma breve diferenciação entre as opiniões expressas pelo Padre jesuíta António Vaz Pinto e Rui Marques. Neste momento torna-se necessário um aprofundamento destes dois importantes personagens dentro desta estrutura.

O Alto-Comissário para Imigração e Minorias Éticas, Padre António Vaz Pinto, S. J., no primeiro editorial do *B.I.*, fez um texto com uma longa introdução, contando a história da sua vida e de como ela esteve ligada à imigração e aos imigrantes. Ao longo de trinta e um editoriais assinados por ele, podemos perceber que a sua condição de padre influenciou alguns dos seus editoriais. Como por exemplo, ao evocar a festa do Natal nos editoriais de dezembro, ou então aquando da morte do Papa João Paulo II. O título do editorial de abril de 2005 foi *João Paulo II* e sua conclusão "Referência religiosa e ética da humanidade, João Paulo II é também para nós, implicados na nobre causa da Imigração e das Minorias, uma luz e um exemplo" (*B.I.*, n.º 28, abril de 2005, p.2).

À condição de padre católico podemos também atribuir o estilo de muitos de seus textos, cheios de figuras de linguagem e analogias, se assemelhando a uma homilia, momento na missa católica onde o padre interpreta uma passagem da Bíblia e também muitas vezes comenta o cotidiano dos fiéis. Analisando os articulistas que contribuíram para a revista *Boletim Informativo*, seja como entrevistados, seja como autores de textos, verificamos que uma grande parcela deles estava ligada à Igreja Católica. Como o gráfico I demonstra, depois das universidades quem teve maior espaço no *B.I.* foram as pessoas ligadas à Igreja Católica, o que reforça o quanto esta condição do alto-comissário era importante.

Outra figura importante neste período foi Rui Marques. Durante o mandato de alto-comissário do P. António Vaz, ele foi alto-comissário adjunto e, após a troca de governo, foi nomeado, pelo primeiro-ministro José Sócrates, para o primeiro posto. Durante o seu mandato assinou os editoriais e não houve, no período estudado, a participação de nenhum outro membro do governo assinando textos no *Boletim Informativo*. Ao contrário do que aconteceu na presidência de Vaz, quando, além de um editorial do primeiro-ministro, houve uma secção assinada por um secretário adjunto.

Destaca-se que, na gestão do Partido Socialista, mesmo tendo este partido uma história envolvida nas questões dos imigrantes, não houve alterações na direção ou na política do ACIME. Pois a nomeação do anterior secretário adjunto sugere que houve uma continuidade

nas questões envolvendo o Alto Comissariado. Houve uma mudança significativa na alteração de ACIME para Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (ACIME). Esta, sim, marcou um novo momento no tratamento e mesmo na importância institucional do órgão dentro da organização estatal portuguesa, como já mencionamos.

Rui Marques, no editorial de número 51, com o título *Portugal intercultural*, faz um balanço das ações feitas pelo Estado para os imigrantes e explica o sentido da palavra intercultural em contraposição a multiculturalismo:

> "Mais do que uma coexistência pacífica de diferentes comunidades e indivíduos, o modelo intercultural afirma-se no cruzamento e miscigenação cultural, sem aniquilamentos, nem imposições. É uma dinâmica interactiva e relacional. Muito mais do que a simples aceitação do "outro" a verdadeira tolerância numa sociedade intercultural propõe o acolhimento do outro e transformação de ambos com esse encontro, decorrendo daí um novo "Nós". Sempre plural, mas também coeso" (*B.I.*, n.º 51, agosto de 2007, p.2).

Esta nova maneira de o Estado Português abordar a questão da imigração é muito significativa. Segundo autores como Sónia Pires (2011, p.130), há neste momento uma troca da visão assimilacionista do PSD por uma visão mais integracionista praticada pelo governo do PS. As alterações realizadas na Lei 23/2007, sobre a imigração, podem ser interpretadas como mais um passo do XVII Governo Constitucional nesse sentido.

Uma mudança significativa na gestão de Rui Marques é o enfrentamento que este vai realizar contra os meios de comunicação, utilizando o *B.I.* para questionar e contra-argumentar em relação a normas e visões vinculadas na sociedade portuguesa. Dois exemplos são os casos do “Arrastão de Carcavelos” e os portugueses expulsos do Canadá. Em relação a Carcavelos, Rui Marques escreveu um duro editorial e, ainda no *B.I.*, outras matérias e colunas exploraram criticamente a grande repercussão deste acontecimento que mobilizou a sociedade portuguesa.

Quando portugueses são expulsos do Canadá, o alto-comissário chama a atenção para as questões envolvendo o discurso dos “nossos” e o dos “outros”. Temos uma postura diferente por parte de Ruis Marques ao criticar a ação da Polícia e do SEF, demonstrando que não aprovava esta ação do governo. Anteriormente não havia este tipo de crítica. P. António Vaz elogiava ou no máximo silenciava quando existia uma ação ou política desenvolvida pelo Estado Português.

> "Afinal, que mal faziam estes portugueses à sociedade canadiana? Trabalhavam - ainda que para isso não tivessem autorização - e faziam a sua vida sem incomodarem ninguém... Ouve-se por aí: "como é que os canadianos se atrevem a fazer isto aos nossos?"Simultaneamente, ocorriam em Portugal as maiores operações conhecidas de detecção de imigrantes irregulares. Numa só acção foram notificados para abandonar o país, 234 imigrantes brasileiros em situação irregular que se encontravam numa festa. Curiosamente, em nenhuma notícia - nenhuma, sublinho - era destacado que, nesse

> momento, se desfazia o sonho daqueles imigrantes que eram obrigados a abandonar o país, nem se tinham em conta o drama humano inerente. Parecia que estaríamos perante "coisas" e não pessoas. O tom da descrição era policial, com sublinhado do aparato usado e das aparentes razões de queixa dos comerciantes vizinhos. Surgiam expressões como "caça a ilegais" e "combate a ilegais" (*B.I.*, n.º 38, abril de 2006, p.2).

Existe neste editorial, uma série de elementos interessantes a serem analisados. A utilização da comparação entre os imigrantes portugueses e os imigrantes brasileiros foi uma maneira de aproveitar a grande divulgação do acontecido no Canadá para sensibilizar os leitores. Esta construção textual de Rui Marques foi extremamente elaborada, para acentuar a crítica à ação dos meios de comunicação portugueses e também, de maneira subtil, a ação truculenta do SEF. Este embate no espaço do editorial não existia na gestão do P. António Vaz.

Ainda em relação à opinião do governo expressa no *Boletim informativo* tivemos durante vinte e duas edições uma coluna que se seguia ao editorial, chamada *Nacional*. Assinada pelo Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Presidência, Feliciano Barreiras Duarte[105]. Neste espaço muitos temas foram abordados e, devido à relevância do cargo exercido dentro da estrutura governamental portuguesa, podemos supor que estamos bem próximo do primeiro-ministro. Tanto que após a derrota eleitoral do partido de Durão Barroso (PSD) em 2005, não houve mais a coluna *Nacional* e nenhuma outra figura do governo que não o alto-comissário escreveu no *Boletim informativo*.

Ao todo foram 22 artigos sobre os mais diversos temas, a análise destes foi muito rica, pois pudemos perceber quais eram os temas mais recorrentes e caros ao governo. Uma vez que Feliciano Duarte não fazia parte da estrutura do ACIME, o seu cargo na estrutura governamental portuguesa permitia-lhe trabalhar em qualquer área do governo, mas segundo as suas declarações, ele foi a figura mais importante do governo no que se refere à imigração.

Feliciano Duarte publicou o livro *Uma verdadeira política de imigração*, uma coletânea de entrevistas, discursos e textos focados na sua atuação enquanto ocupante da pasta de Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Presidência. A publicação foi lançada em janeiro de 2005, o que sugere, devido ao período e ao forte apelo em suas páginas para a comparação entre os governos do PSD e do PS, que seu objetivo era exclusivamente o debate eleitoral para o pleito de fevereiro de 2005, visando construir o XVI Governo Constitucional.

Independentemente do sentido que o autor pretendeu dar ao livro, a obra é uma fonte histórica muito rica, pois além de contar com todos os textos da coluna *Nacional* possui outra

[105]O perfil do professor universitário e político do PSD está disponível em http://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?BID=1619 consultado em 12.12.2013.

série de textos e entrevistas produzidos na grande imprensa apresentados de forma cronológica. A comparação e a valorização da atuação do governo do PSD contra o PS foi interessante pela franqueza e agressividade utilizada pelo autor. Como, por exemplo, na tentativa de menosprezar a criação do ACIME pelo governo do Partido Socialista na gestão de Guterres, sob a chefia do José Leitão. Como já foi referido, muitos estudiosos do assunto consideram José Leitão como a figura mais política e mais importante quando se trata dos imigrantes (Feldman 2000, Malheiros 1996, Horta 2003). Entretanto, na introdução do seu livro, Feliciano Duarte descreve dessa forma as realizações do anterior governo:

> "Teoricamente, existia um Alto Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas, nomeado pelo anterior Governo. Dele recebi, deixadas no edifício da Presidência do Conselho de Ministros, três folhas dactilografadas, antes de abandonar o cargo e de despedir todo o pessoal do seu gabinete, umas instalações abandonadas no Palácio da Foz, nos Restauradores, e o último andar num prédio das Finanças na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro com salas vazias, livros desactualizados. No rés-do-chão do Palácio da Foz, uma secretária velha e uma cadeira vazia que ostentava a placa «Alto Comissário para Imigração e Minorias Éticas», e um horário de atendimento aos imigrantes, que ninguém se preocupara sequer em cancelar" (Duarte, 2005, p.12).

A disputa em torno da imigração, como podemos perceber pelo tom do trecho acima, era algo de relevada importância. As posturas duras de Feliciano em relação aos adversários políticos foram recorrentes ao longo da coluna *Nacional*. Talvez por causa dessa postura firme, não houve nenhum caso explícito de discordância entre os textos do *Editorial* e do *Nacional* num mesmo número. Possivelmente por estratégia política de António Vaz Pinto que, enquanto editor final do *B.I.*, esperava não gerar atritos ou constrangimentos com as figuras de destaque do governo, fazia alterações para não repetir ou contrariar diretamente o que era enviado pelo Secretário de Estado Adjunto, que hierarquicamente no governo tinha uma posição superior à dele.

Como destacámos anteriormente, os textos de Feliciano Duarte podem ser interpretados como uma extensão direta do discurso do primeiro-ministro Durão Barroso. A contenção dos imigrantes volta a ser o ponto mais importante, tal como no editorial escrito pelo primeiro-ministro, e durante várias intervenções essa questão foi destacada. Por exemplo, na edição seis, de março/abril de 2003, em que Feliciano Duarte expressa, no texto de título *No caminho certo*, o seguinte comentário sobre a iniciativa da Presidência Aberta de Jorge Sampaio:“Importante nesta presidência aberta foi, no entanto, em nosso entender, a forte componente pedagógica que o Senhor Presidente da República entendeu dar ao seu discurso ao defender a necessidade de haver rigor e contenção na entrada de imigrantes” (*B.I.*, n.º 6, março/abril de 2003, p.3).

Esta afirmação passa também pela disputa da política interna no país. Jorge Sampaio

foi um presidente oriundo do Partido Socialista, que como mencionámos, esteve mais próximo das questões migratórias. Esta ressalva da atitude do presidente serve para sustentar que não existe tanta diferença entre a ação do seu PSD e do PS quando o assunto é a entrada de imigrantes. Controle de entrada e comparação com outros países foram dois tópicos muito utilizados por Feliciano Duarte, ao longo dos seus 22 textos, como por exemplo: "A Holanda, que se tem colocado entre os primeiros países da Europa a receber imigrantes e pedidos de asilo, tornou mais difícil o reconhecimento de asilo, aumentou a idade mínima de casamento para os 18 anos (...)"(*B.I*,. n.º 5, fevereiro de 2003, p.3).

Essa comparação com outros países da Europa, em relação à imigração, foi uma habilidosa construção realizada pelo secretário que utilizou sempre a arma de falar dos outros países citando que, em Portugal, as coisas são melhores que lá fora. Entretanto este discurso recorrente entra em contradição conforme o assunto, como podemos perceber neste trecho em que, depois de uma avaliação detalhada sobre atuação do governo em relação à imigração em 2003 e 2004, o autor conclui:

> "Importa agora, a nível do poder central, apostar no reforço da entidade política encarregue desta área, justificando-se que seja criado um ministério da Imigração, tal como já acontece em alguns países da União Europeia. É minha convicção de que o futuro das políticas de imigração passará, seguramente, por esta medida" (*B.I.*, n.º 25, janeiro de 2005, p.3).

Aqui o interesse de pleitear a criação de um Ministério da Imigração faz com que a situação dos países da União Europeia seja usada como exemplo a ser seguido. Ao comparar as declarações de Feliciano Duarte, percebemos que conforme os seus interesses pessoais ou políticos, vai afinando o discurso de Portugal como referência na imigração de forma positiva ou por outro lado, pode usar os países estrangeiros como exemplo.

Estas três figuras - os dois Alto-Comissários, P. António Vaz Pinto e Rui Marques, e Feliciano Duarte - são interlocutores muito importantes para melhor compreendermos as propostas e ações estatais sobre a questão da imigração em Portugal. Aqui foi realizada uma breve apresentação dos personagens, os seus textos vão ser mais explorados adiante.

6.4 Momentos de diálogo com a sociedade

Houve uma relação direta entre a capa e os editoriais do *B.I.* em três ocasiões. Nelas as fotos utilizadas nas capas eram de imigrantes ou filhos de imigrantes. Este facto é relevante, pois nas outras capas as imagens utilizadas sempre foram de imigrantes desconhecidos, em relação aos quais não havia qualquer referência nos textos dessa edição. Por isso essa exceção à regra ocorrida nestes três momentos foi escolhida para análise, por ser um momento de

escolha dos responsáveis pela revista para a busca de um diálogo maior com a sociedade portuguesa e com os imigrantes.

Os três casos foram: em junho de 2003 os três finalistas do programa televisivo *Operação Triunfo* (Joana, Sofia e Filipe Gonçalves), o velocista Francis Obikwelu e o atleta de triplo salto, Nelson Évora. Faremos uma análise detalhada destes discursos sobre estes três casos. Estes momentos nos permitem aprofundar um pouco mais análise das orientações e ações do ACIME potencializadas no *B.I.*, onde o órgão conseguia impor suas agendas e ter um espaço para o diálogo. Em relação ao primeiro caso, temos além da capa, um editorial escrito pelo alto-comissário para Imigração e Minorias, P. António Vaz Pinto, S.J com o título *"Operação Triunfo" Uma sociedade aberta e tolerante?*.

No editorial ele explica que os três participantes são filhos de imigrantes e que, por isso, foi importante eles terem chegado à final, principalmente pelo facto de ter sido por votação da sociedade portuguesa. Nos dois últimos parágrafos existe uma conclusão onde o tom do discurso do autor apresenta sua característica marcante de ambivalência, como podemos perceber na leitura abaixo:

> "Não nos iludimos, há muito a fazer para ultrapassar o preconceito e a xenofobia que existem, muitas vezes ancorados no coração e na mentalidade; mas é sintoma de cegueira não ver os sinais evidentes, ou, não os saber interpretar: ver é mais do que simplesmente olhar; ver é captar o sinal e perceber o seu significado. Para caminhar na vida, precisamos de sinais como este. Positivos, sinais de esperança.
> Sinal de que apesar de inegáveis manchas de preconceito ainda existentes, a sociedade portuguesa está mais aberta e tolerante; sinal, por outro lado, de que é possível vencer e afirmar-se com genica, talento e imaginação, mesmo quando o branco não é a cor da pele" (*B.I.*, n.º 8, junho de 2003, p.2).

Há o reconhecimento de que em Portugal existe preconceito e xenofobia, mas o autor chama a atenção para o facto de que há sinais de mudanças positivas que temos que nos esforçar por "captar" e, por último, existe o reforço de que cabe ao imigrante vencer o problema da discriminação. Ou seja, não é a sociedade portuguesa que tem de mudar e sim os imigrantes que têm de ter "genica, talento, e imaginação". Se o imigrante for desprovido dessas qualidades, vai sofrer com a discriminação.

Na edição de setembro de 2004, a capa e o editorial tinham a foto do ganhador da medalha de prata na corrida dos cem metros livres nos Jogos Olímpicos de Atenas, Francis Obikwelu, imigrante nigeriano naturalizado português. O título do editorial foi *Medalha de prata para todos nós*. Novamente António Vaz Pinto usa uma série de analogias em relação à vida do desportista e o tratamento da sociedade portuguesa para com os imigrantes, para destacar a vitória de ambos, a mesma ferramenta que foi utilizada em outro editorial sobre os participantes do programa televisivo. Esta linguagem pode estar mais ligada à profissão do

alto-comissário, pois existem muitos aspetos e trechos que lembram a construção de uma homilia. Neste caso, podemos perceber no trecho:

> "Francis Obikwelu é um sinal, entre muitos outros, mais anónimos mas não menos importantes, de quanto os imigrantes são para Portugal uma verdadeira mais valia. É africano, é negro, é nigeriano mas é também português, por naturalização. E que bom é poder agora saborear a sua vitória, como também nossa... Se não tivesse havido naturalização, a integração, os apoios clubísticos e federativos... ou não havia medalha ou não era nossa...
> Alguns, curtos de vista, na imigração, só vêm ou inventam o negativo; que esta medalha de prata, tão justamente alcançada limpe os olhos e dilate o coração de todos(...)
> Voltamos aos treinos da vida e com novo ânimo caminhamos para merecer amanhã alcançar o almejado oiro..." (*B.I.*, n.º 21, setembro de 2004, p.2).

A utilização da expressão "sinal" alerta para o facto de existirem exemplos de sucessos nas políticas de imigração em Portugal. Outro aspeto importante do texto é a valorização da sua conquista destacando a naturalização e a integração. Existe de novo a clamação por muito trabalho por parte dos imigrantes para conseguir alcançar um lugar melhor. Na revista houve uma página dedicada à história de Obikwelu e nela existe uma construção de texto muito engenhosa para relatar a biografia do atleta sem mencionar que ele esteve no país sem um estatuto legal:

> "A Nigéria estava então a cortar os patrocínios no desporto, o que comprometia as aspirações do velocista, que acreditava poder chegar ao pódio nas grandes competições internacionais, quase sempre disputadas na Europa. Portugal aparecia-lhe então como uma oportunidade para ficar perto dos 'meetings' mais importantes. Por isso, distraiu os dirigentes dos Campeonatos em Lisboa e fugiu, com outros dois colegas, da equipa dos 400 metros que integrava.
> Da construção civil à competição Obikwelu ficou em Portugal, país que nunca mais abandonou, mas o sonho tornou-se num pesadelo. Sem falar português, vagueou pelas ruas, dormiu em jardins e passou fome, até conseguir trabalho na construção civil, no Algarve" (*B.I.*, n.º 21, setembro de 2004, p-11).

Este silêncio sobre a condição de refugiado e de indocumentado observado quer pelo editorial quer pelos artigos, não foi ingénuo. Muito pelo contrário, foi exatamente uma escolha consciente de, ao tratar do atleta, glorificar Portugal enquanto país recetor de imigrantes, pelo motivo da vitória dele nos Jogos Olímpicos. Relegando a questão de que este não conseguiu exercer sua profissão e teve que trabalhar em obras para se sustentar, tão pouco é abordado o que aconteceu com seus outros colegas que fugiram da delegação nigeriana de atletismo.

Neste exemplo, de silêncio ou esquecimento seletivo, temos mais uma vez o reforço da tese defendida nos estudos da historiografia da imprensa, que destacam que qualquer meio impresso, não pode ser visto como imparcial. Quando um jornal ou uma revista abordam um assunto, sempre existem escolhas e estas são motivadas por interesses. Um bom trabalho

científico de história da imprensa precisa investigar exatamente estas questões, apontando e identificando esses atores e suas parcialidades.

Como podemos perceber, não são só as questões comerciais que condicionam o teor das matérias e editoriais. Existe, neste caso do *B.I.*, a questão do governo do PSD não abordar o imigrante indocumentado, ainda mais neste caso do Obikwelu dado como exemplo, dentro da sociedade portuguesa, por conquistar a inédita medalha de prata para o país. Na hora de construir a imagem do atleta como um vencedor, os pontos de superação são valorizados, mas são deixadas de lado totalmente as barreiras que este teve que superar, pois falar delas era desconstruir a imagem positiva que o *B.I.* e o ACIME tanto propagavam de "boas práticas" em relação ao acolhimento dos imigrantes em Portugal.

No outro caso do atleta vencedor, o discurso de Rui Marques tem um teor diverso do do seu antecessor António Vaz Pinto. Em setembro de 2007, o ganhador da medalha de ouro no campeonato mundial de atletismo na prova do triplo salto, Nelson Évora, de origem cabo-verdiana e nascido na Costa do Marfim, foi motivo de capa e de um editorial, que começava assim:

> "Podia ter sido mais uma história de derrota perante as adversidades. De um outro filho de imigrantes que não conseguiu vencer as inúmeras barreiras ao seu redor, terminando em exclusão social, sem horizonte, nem esperança. Mas, desta vez nasceu um campeão do Mundo.
> A história feliz de Nelson Évora deve fazer-nos pensar. Vindo para Portugal, com a família imigrante, aos cinco anos, só aos 18 anos teve acesso à cidadania portuguesa." (*B.I.*, n.º 52, setembro de 2007, p.2).

Ao contrário do anterior Alto-Comissário, Rui Marques começa seu texto de forma mais crítica ao relatar as dificuldades que os imigrantes enfrentam na sua vida em Portugal. Outro dado importante no discurso foi a crítica velada à Lei de Naturalização, ao destacar que "só" aos dezoito ele teve acesso à cidadania portuguesa.

Na continuação do texto vai ser destacada a questão da integração, um tema recorrente, mas dessa vez podemos salientar uma diferença importante: "portugueses e imigrantes nos unirmos na construção de um futuro comum, com lugar para todos." (editorial 52). Agora também foi atribuída responsabilidade aos portugueses neste processo, não se espera só do imigrante as ações e sim uma divisão de responsabilidades.

Estas duas linhas de ação do Estado em relação ao imigrante devem ser destacadas. Como já vimos, o Governo da coligação PSD-CDS-PP teve um discurso mais duro em relação à imigração e às responsabilidades desses imigrantes enquanto participantes da sociedade portuguesa. No caso do Governo do PS, há outra visão institucional relacionada com o papel dos imigrantes e também existe neste processo a componente importante de como os

portugueses tratam e recebem estes imigrantes no seu dia-a-dia.

Ainda nesta diferenciação entre os dois governos, houve, durante o período do PSD no poder, uma insistência na questão dos "direitos e deveres dos imigrantes", tanto por parte do Alto Comissariado como, principalmente, por parte de Feliciano Duarte. O trecho abaixo pode ser utilizado como exemplo do modo como este tema era abordado:

> "Conviver na diversidade cultural, muitas vezes, não é fácil; há que despir-se de preconceitos, conhecer o outro, respeitá-lo na sua diferença, valorizar o seu positivo. É claro que em sociedade alguma se podem admitir só direitos; há, também deveres que têm de valer para todos: o respeito pelos valores da democracia, a primazia dos direitos humanos, a igualdade de dignidade homem-mulher, o repúdio do fanatismo político ou religioso" (*B.I.*, n.º 18, maio de 2004, p.2).

Assim como no discurso de Durão Barroso já citado, neste trecho de Feliciano Duarte existe a afirmação de que "os imigrantes não têm só direitos, mas também deveres". Questionamos essa construção, que confere ao imigrante a responsabilidade pela sua adaptação e integração, ao cumprir os seus deveres. Essa é uma falsa questão. Visto que afinal, nos relatos e nos estudos sobre a imigração (Malheiros 1996, Policarpo 2004, Padilla 2006, Pires 2011), o grande problema a ser enfrentado não são as quebras ou falhas dos imigrantes em relação aos seus deveres e sim a falta de direitos básicos oferecidos pelo Estado.

Por isso, a colocação de "não tem só direitos, mas também deveres" na ordem como é escrita sugere que a primeira parte foi ou está realizada, mas que o problema está na realização da última questão, relativa aos "deveres" que os imigrantes têm de cumprir. Existe perversidade e oportunismo ao criar tais discursos, pois dentro dessa lógica, não existem problemas com os direitos do Estado e sim com os deveres do imigrante. O movimento associativo imigrante se baseia em grande parte na luta pela igualdade de direitos entre os imigrantes e os portugueses.

6.5 Conclusão

As tentativas, neste trabalho, de traçar as orientações po0líticas e ideológicas dos governos em relação à imigração têm a utilidade de servir como ferramentas para melhor interpretar a ação estatal e também a sociedade portuguesa no seu todo. Houve, durante o período estudado, uma grande contribuição do ACIME/ACIDI para as questões envolvendo os imigrantes, mas, enquanto estudo de ciências humanas, não se pode negligenciar interpretações positivas ou negativas sobre qualquer órgão estatal.

Esta análise do ACIME/ACIDI e do *B.I.* foi uma tentativa de melhor definir e entender este importante ator na vida dos imigrantes em Portugal, durante o período em estudo. Infelizmente, os estudos sobre a forma de atuação destes atores ainda são raros e os que existem são realizados em relação a algumas questões específicas. Em função disso, buscou-se historicizar a ação destes atores como forma de contribuir para o debate académico sobre o assunto. Mas não sendo este o tema principal deste trabalho, deixámos algumas sugestões, para incentivar justamente este caminho para outros pesquisadores. Durante o resto desta tese serão utilizadas algumas referências e textos do *B.I.* quando o assunto estiver relacionado com os imigrantes brasileiros.

Parte III

SÉTIMO CAPÍTULO: DÉCADA DE 1990

7.1 Dentistas brasileiros em Portugal

Figura 9 Jornal *Sabiá*, número 14, julho 1993, p.8

Na história dos imigrantes brasileiros em Portugal, o debate entre os dentistas brasileiros e os cirurgiões dentistas portugueses se transformou na maior disputa diplomática envolvendo Portugal e Brasil. Nenhum outro acontecimento gerou tanta repercussão, chegando a envolver os mais altos cargos executivos de ambos países, com uma série de reuniões, comitivas parlamentares, comitivas diplomáticas e uma grande guerra de notícias. Houve dois períodos em que estas questões foram debatidas: pela primeira vez, em 1991 – 1992, e, pela segunda, em 1997-1999. Este capítulo busca entender esse processo e como este caso conseguiu mobilizar tanto apenas alguns profissionais.

A diplomacia portuguesa e brasileira têm, uma longa história de bons relacionamentos e tratados bilaterais. Em 1991, estava em vigor um tratado chamado Acordo Cultural, assinado em 1966, quando ambos os países estavam sob governos ditatoriais com grandes semelhanças ideológicas. O acordo abordava uma série de questões culturais, políticas, sociais, entre outras, e havia uma que permitia a validação automática dos diplomas obtidos nas universidades dos dois países.

Houve uma mobilização na sociedade portuguesa em torno dessa questão, em parte alimentada por meio das associações profissionais portuguesa e brasileira, que promoveram um longo debate com várias informações desencontradas, extrapolando ao ponto de interferir na relação diplomática dos dois países. Esse processo longo de disputa envolvendo o exercício da profissão dos dentistas brasileiros foi retratado amplamente nos meios de comunicação. Este trabalho pretende, por meio da análise das notícias publicadas nos jornais portugueses selecionados neste estudo, nomeadamente *Correio da Manhã*, *Público* e *Diário de Notícias*, interpretar as negociações de identidade dos imigrantes brasileiros que aconteceram durante essa disputa.

O Brasil, os brasileiros e as identidades ligadas a estes dois temas foram extremamente colocados em questão durante esse período. Analisando as páginas desses três jornais lisboetas, nos seus espaços mais variados – capas, artigos, colunas de opinião, cartas dos leitores, banda desenhada –, pretendemos demonstrar como este caso dos dentistas evolui de uma questão de concorrência de classe para se tornar uma batalha sobre o Brasil e os brasileiros em Portugal. Nenhum outro acontecimento com brasileiros em Portugal conseguiu mobilizar e sensibilizar tanto as autoridades diplomáticas, chegando mesmo até à autoridade máxima do poder executivo brasileiro, o Presidente da República. A característica deste evento com os dentistas brasileiros justifica nossa escolha nesse sentido.

7.2 Um problema antigo: Médico dentista, cirurgião dentista, estomatologista e prático dentário.

> Na defesa de direitos de reserva de mercado, interesses corporativistas, os profissionais "da boca" (médicos, médicos-estomatologistas e médicos dentistas) portugueses manifestaram repúdio e muita intolerância à presença dos cirurgiões-dentistas brasileiros. O problema é que esta política de oposição à presença desses profissionais brasileiros tornou-se motivo de escândalo público, tomando vulto através dos meios de comunicação locais e, posteriormente, internacionais. (Soares, 1997, p.72)

Em 29 de agosto de 1991 foi criada a Associação Profissional de Médicos Dentistas de Portugal (APMD); até então os médicos dentistas eram vinculados à Ordem dos Médicos Portugueses (OMP). Após essa separação, houve uma grande mudança, com a nova entidade profissional a estabelecer a obrigatoriedade da inscrição no seu quadro para o exercício legal da profissão de dentista, criando assim uma espécie de tutela própria sobre quem poderia ou não exercer esta profissão. As faculdades de Medicina Dentária em Portugal foram criadas apenas em 1975 e 1976; até então existia uma série de profissionais sem formação

universitária específica ou habilitação própria.

Como foi abordado anteriormente na introdução, o trânsito entre Portugal e Brasil sempre existiu, com maiores ou menores fluxos ao longo da história. Os profissionais com formação em Odontologia são parte desse longo movimento que, na década de 1980, aumentou consideravelmente. Sem dados específicos para quantificar seguramente essa população, pois durante esse período houve uma grande batalha relativamente a esses números, a variação destes imigrantes foi entre 400 e 800 (Soares 1997 e Machado 2004). O presidente do Brasil, em 1995, em entrevista ao *CM*, abordou a questão pelo viés quantitativo: "Pessoalmente, e tal como disse o presidente Mário Soares, eles (dentistas) são tão poucos! Nós, no Brasil, contamos com a ajuda preciosa de centenas de milhares de portugueses nas mais diversas profissões e, durante todos estes anos, não tem havido conflitos." (*Correio da Manhã*, 22/07/1995, p.18).

No começo da década 1990 houve reações por parte dos portugueses em relação à presença dos dentistas brasileiros atuando em Portugal. A APMD criticava a atuação dos profissionais brasileiros, dizendo que estes não estavam habilitados para exercer no país, pois seus diplomas não eram válidos. A Associação Brasileira de Odontologia - Secção Portugal (ABO-P), por sua vez, defendia que os dentistas brasileiros deviam ser automaticamente reconhecidos legalmente, como estipulado no Acordo Cultural. Essas duas propostas divergentes tiveram uma série de repercussões na sociedade portuguesa e brasileira[106].

Como fonte de estudo, além dos jornais citados para abordar este tema, também utilizaremos o jornal *Sabiá*, que em diversos momentos abordou esta questão. Outra fonte utilizada foi a caixa arquivo da Casa do Brasil de Lisboa (CBL), com o título "Dentistas", dentro da qual encontramos vários recortes de notícias de jornais. Destacamos três páginas dessa caixa arquivo que denotam a longevidade da questão:

- 23 de maio de 1980: "Um dentista para cada mil portugueses" – *A Tribuna*
- 14 de outubro de 1982: "Dentistas em pé de guerra" – *Tempo*
- 6 de julho de 1986: "Portugal necessita de 3.800 dentistas" – *Correio da Manhã*

As três notícias relacionadas com a questão dos dentistas brasileiros são muito anteriores à própria criação da CBL que, como já foi referido, data de janeiro de 1992. Algum sócio da Casa do Brasil de Lisboa que vivia em Portugal, pelo menos, desde 1980, ao ler essas

[106]Essas duas associações mobilizaram a sociedade, os meios de comunicação e a diplomacia do Brasil e de Portugal em torno desta questão. Durante nove anos, houve debate em relação à forma como seria feita a validação dos diplomas dos cursos de Odontologia no Brasil para o exercício legal da profissão de dentista em Portugal. De acordo com Soares, a questão passou por diferenças entre os modelos de estudar a questão, a visão europeia que incluía o cuidado dos dentes como um todo dentro do corpo, ou a visão norte-americana que propõe uma especialização maior e mais centrada nos dentes (Soares, 1997).

notícias, julgou pertinente guardar a informação e depois fez a doação para o arquivo da associação compor a caixa arquivo intitulada "Dentistas". A primeira e a terceira notícias são importantes na ótica dos dentistas brasileiros, na medida em que argumentam que havia necessidade de profissionais nesta área, legitimando a narrativa de que os dentistas brasileiros estavam ajudando Portugal com seus serviços.

Em "Dentistas em pé de guerra", ao longo de duas páginas descrevem-se as diferenças entre as especialidades e a briga dos formados em odontologia em fazer isso ser reconhecido: "Odontologistas, estomatologistas, médicos dentistas e práticos dentários. Mas afinal de contas não são todos dentistas? A questão parece não ser a terminologia!".

A investigação aqui detalhada foi dividida em duas fases. A primeira fase vai da criação da Associação dos Médicos Dentistas de Portugal (AMDP), no dia 29 de agosto de 1991, até à assinatura da portaria do Ministério da Saúde e do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em 4 de julho de 1992, que autorizou o exercício profissional de 414 dentistas brasileiros em Portugal. A segunda fase vai de 16 de janeiro de 1997, motivada por uma matéria do *Público* intitulada *"Dois mil falsos dentistas em Portugal"*, que retoma a polémica e torna o assunto destaque, até 2 de junho de 1999, quando os presidentes da Ordem dos Médicos Dentistas (OMD) e da Associação Brasileira de Odontologia (ABO) assinaram o documento final sobre a questão das equivalências dos diplomas, com a obrigação de cumprimento de horas complementares em cursos portugueses.

7.3 A primeira dor de dentes Portugal-Brasil

A criação da AMDP, em 29 de agosto de 1991, e a sua atuação enquanto ordem profissional resultaram nos primeiros conflitos abertos e diretos relacionados aos profissionais brasileiros. É imprecisa a data de início da atuação de dentistas brasileiros em Portugal, entretanto foi a separação da categoria de profissionais portugueses da Ordem dos Médicos Portugueses que levou o assunto para os jornais dos dois países e para as relações internacionais entre Portugal e Brasil. A cobertura jornalística sobre o assunto foi ampla, como se pode ver na tabela abaixo, que relaciona os meses e a quantidade de vezes que houve alguma referência ao caso dos dentistas.

	Público	***Diário de Notícias***	***Correio da Manhã***
Setembro 1991	1 dia	Nenhum	Nenhum
Outubro 1991	2 dias	2 dias	1 dia

Novembro de 1991	7 dias	17 dias	8 dias
Dezembro 1991	2 dias	3 dias	3 dias
Janeiro 1992	Nenhum	Nenhum	2 dias
Fevereiro 1992	4 dias	8 dias	8 dias
Março 1992	3 dias	14 dias	6 dias
Abril 1992	4 dias	11 dias	6 dias
Maio 1992	Nenhum	1 dia	Nenhum
Junho 1992	Nenhum	6 dias	2 dias
Julho 1992	Nenhum	Nenhum	2 dias
Total	30 dias	63 dias	39 dias

Quadro 13: Artigos envolvendo o caso dos dentistas brasileiros no *Público, Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*

Em relação ao total dos artigos no *Diário de Notícias* houve 69 ocorrências e no *Correio da Manhã* 44 ocorrências, em diferentes partes do jornal. Os números nos ajudam a perceber os momentos de grande debate. Por exemplo, em novembro de 1991, uma comissão parlamentar brasileira veio a Lisboa e gerou várias notícias sobre o tema. Outra grande produção de matérias foi seguida de uma conversa entre os poderes executivos respetivos, Collor de Melo e Cavaco Silva, no dia 16 de março, gerando uma série de consequências, como greve de estudantes, protestos da APMD e da ABO-P nos meses de março e abril de 1992. Neste trecho da pesquisa foi feita uma análise desse período nos três jornais e também das questões abordadas por apenas um deles, dependendo da importância.

O *Público* foi o primeiro a noticiar a questão, retratando um caso ocorrido em Macedo de Cavaleiros, no Nordeste de Portugal, onde, de acordo com o artigo, "a clínica rival publicou um anúncio dizendo que tal clínica da dentista brasileira não tinha diploma e espalhou o cartaz dizendo "não é médica dentista" (22 de setembro de 1992, p.26). Foi a primeira vez que encontramos referências no jornal sobre disputas entre dentistas portugueses e brasileiros, acontecimento referido em trabalhos posteriores do *Público*. Apesar de ser o meio de comunicação que menos tratou do assunto, foi nas suas páginas que importantes questões foram abordadas, como, por exemplo, a publicação de um texto do embaixador do Brasil em Lisboa, na época Luiz Felipe Lampreia, no segmento dedicado à comunicação dos leitores:

> "-Há muitos trabalhadores portugueses na Suíça. O nosso governo exige um período de transição de cinco anos antes de atribuir plena liberdade de circulação aos cidadãos da Comunidade. Está satisfeito com esta solução?

> - Portugal exportou muitos trabalhadores nos anos sessenta e setenta. Hoje acabou: há mais pessoas que imigram para Portugal que portugueses que emigram. O único país que ainda atrai os que saem do país é exactamente a Suíça. Calculo que os portugueses achem agradável trabalhar nove meses e terem depois três messes de férias (Ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, *Público* de 1 de outubro de 1991)
>
> Como se pode observar, os dentistas brasileiros não estão violando a lei, como afirma dr. Álvaro Rodrigues, pelo contrário os meus compatriotas e o Governo brasileiro, assim como os parlamentares brasileiros que se deslocarão a Lisboa proximamente, todos advogamos o cumprimento da norma legal no Acordo Cultural Brasil-Portugal. (…) entre as declarações do dr. Álvaro ao jornalista do *Público*. Na avaliação do dr. Rodrigues, parece tratar-se de uma "golpada no pior estilo telenovelesco". Quero rebater energeticamente esta afirmação, ofensiva ao Congresso Nacional do Brasil. **Luiz Felipe Palmeira Lampreia.** Embaixador do Brasil. Lisboa" (*Público*, 13 de outubro de 1991, p. 22).

Ao escrever num grande jornal, o embaixador se posicionou sobre a questão, construiu seu argumento baseado na contraposição entre os imigrantes portugueses na Suíça e os imigrantes brasileiros em Portugal. Esta tática foi muito recorrente no discurso de brasileiros que tentavam exigir melhor tratamento dos portugueses, ancorado no facto de o país ter altos números de emigrados. Além disso, reagiu fortemente contra a imagem de associar os parlamentares brasileiros a personagens de telenovelas, que conseguem sucesso com golpadas. Essa associação de brasileiros a personagens de telenovelas também vai ser utilizada em outros momentos dessa questão.

Mais de dez anos passados, ao fazer um pequeno memorial da sua passagem pelo posto diplomático de Lisboa, numa conferência sobre imigração, o antigo embaixador afirmou:

> "Eu tive pessoalmente, durante a minha experiência, magnífica por sinal, de dois anos e meio enquanto embaixador do Brasil em Lisboa, uma parte amarga, que foi a questão de alguns segmentos da colónia brasileira que encontravam dificuldades aqui em Portugal e, em especial, o seguimento dos dentistas. Hoje, felizmente, isso está superado; ninguém mais fala nisso, mas naquela época havia um ambiente quase de confronto" (Gulbenkian, 2007, p.45).

Muitos anos depois, o embaixador não minimizou a questão, destacando que ainda que o tema estivesse esquecido, ele foi um momento de grande confronto na época. O texto do embaixador defende os congressistas brasileiros que estavam próximos de uma visita oficial para tratar do contencioso dos dentistas brasileiros. Durante a estadia da comissão de deputados houve muita repercussão sobre a sua presença e também sobre as suas declarações. A postura dos deputados foi a de estabelecer reciprocidade de tratamento: se os brasileiros não estivessem abrigados pelo Acordo Cultural, os portugueses no Brasil também não estariam.

A socióloga Carla Soares, na sua dissertação de mestrado, ao abordar esta comissão, destacou: "pode-se citar o exemplar trabalho dos deputados Adilson Mota (PDS) que também

é cirurgião-dentista, Diogo Nomura (PL), Djenal Gonçalves (PDS), José Lourenço (PL), de naturalidade portuguesa, e Edésio Frias (PDT)" (Soares, 1997, p.97). Entretanto, o *Público* utilizou nos seus títulos expressões que não concordavam com esta opinião da pesquisadora, como "ameaças veladas" (18 de novembro de 1991, p.21) e "Dor de dentes nas relações Portugal-Brasil" (19 de novembro de1991, p.23). O *Diário de Notícias* utilizou outro tom em títulos como "Caso dos dentistas pode provocar reações negativas de Brasileiros – admitem em Lisboa deputados daquele país" (18 de novembro de 1991, p.14) e "«Caso» dos dentistas resolve-se com diálogo – considera a Federação das Associações Portuguesas e Luso-brasileiras." (20 de novembro de 1991, p.18). O *Correio da Manhã* começa por referir, no primeiro momento, "Deputados brasileiros em busca de acordo" (18 de novembro de 1991, p.9) para, no dia seguinte, usar "Brasileiros ameaçam represálias se o caso dos dentistas não mudar" (19 de novembro de 1991, p.11).

Carla Soares não aborda a questão enquanto chantagem ou ameaça, já os jornais tiveram posturas diferentes ao tratar dos mesmos acontecimentos no dia 17 e publicados no dia 18: *DN* e *P* falam em ameaça enquanto *CM* usa a expressão acordo. Depois da atuação dos congressistas brasileiros, *CM* e *P* utilizam um tom negativo relativamente ao resultado do encontro, enquanto o *DN* destaca no título a possibilidade de acordo a partir do diálogo.

A comissão brasileira não resolveu imediatamente a questão, mas serviu para começar a estabelecer conversas entre as partes. Em dezembro, a comissão portuguesa foi ao Brasil, mas isso não gerou tanta repercussão. Para Carla Soares, a estratégia de seguir a lei de talião era motivada pelo que acontecia com os imigrantes brasileiros: "O tratamento aferido aos cidadãos brasileiros em Portugal leva a que algumas pessoas, numa atitude de igual xenofobia, pensem em rever também o tratamento dado aos profissionais portugueses que residem em terras brasileiras, o que não resolveria o problema humano da possibilidade de buscar em outras terras uma chance de viver melhor." (Soares, 1997, p.84).

Houve um período de transição, de novembro de 1991 a março de 1992, entre a chegada dos deputados e as conversas entre os poderes executivos, e podemos notar diferentes formas de tratar o assunto nos jornais escolhidos. O *Diário de Notícias* publicou mais textos opinativos dos seus colunistas Manuel José Homem de Mello, Dário Moreira de Castro Alvez, António Gomes da Costa, Manuel Aguiar, além de ser o que mais retratou o tema. O *Público* noticiou menos a questão durante esse intervalo, optando muitas vezes por dedicar apenas um breve espaço para o assunto na sua última página, onde existia uma série de notas curtas sobre vários assuntos.

Por sua vez, o *Correio da Manhã* publicou muitas vezes a opinião dos seus leitores no

espaço *Correio dos Leitores* e também abordou o tema no espaço do *Quim Bonsenso*, personagem que escrevia sobre assuntos de destaque e que, como o próprio nome indica, se apresentava como alguém ponderado e de bom senso. Selecionamos a sua coluna "Dor de dentes" desse período para análise:

> "Fogem da inflação desenfreada, da vaga de assaltos, da prática quase quotidiana de raptos, das contas bancárias congeladas pelo governo Collor de Melo, da escassez de empregos, em suma, todos querem escapar às consequências tremendas do subdesenvolvimento. Estou a falar da vinda massiva de cidadãos brasileiros para o nosso país.
>
> Aperceberam-se que por cá as telenovelas são bem aceites e que os actores nelas participantes são figuras populares entre nós. Para eles sobra sempre aquele papel na peça de teatro ou o contrato lucrativo para uma aparição**z**inha no anúncio de televisão. Outras vezes é a festa de Carnaval ou o fim de ano pago em dólares (e a peso de ouro, digo eu!). Os futebolistas, que na sua terra natal quase morrem de fome, também não se governam nada mal por cá, não senhor. Imitadores de Caetano Veloso tocam em tudo quanto é bar com música ao vivo. Travestis agressivos enxameiam a Avenida da Liberdade noite fora. Estes foram os pioneiros, os primeiros a aventurar-se a uma «estrada» nesta porta de entrada da Europa onde se fala a mesma língua (ou quase), onde, no Verão, é fácil encontrar uma praia para «curtir» aquele solzinho, onde a inflação é calculada ao ano (no Brasil é ao mês) e vai a caminho de ficar com um só algarismo.
>
> A seguir, vieram os astrólogos, os espíritas, as confrarias, as seitas, os capitalistas, os especuladores de imobiliário, os hipermercados, os publicitários, os pregadores, os turistas de sangue azul e… dentistas. Isso mesmo. E por causa destes últimos vieram também os deputados federais (de passagem). Ninguém sabe ao certo quantos são os brasileiros que, beneficiando do estatuto de dupla nacionalidade, se estabeleceram neste jardim à beira-mar (quase) superlotado! Fontes consulares apontam um número irrealista de 10.000 brasileiros, mas para andar próximo da realidade talvez seja preciso multiplicar por dois ou até por quatro.
>
> De facto isto por cá não é uma «república de bananas» em que os raptos e o tráfico de drogas são feitos pelos próprios «policiais», em que as crianças empurradas para a marginalidade são abatidas sem dó pelos famigerados esquadrões da morte, em que as disputas pela posse de terras se resolvem a tiro, em que tribos inteiras de índios são dizimadas impunemente…
>
> Só espero que me não chamem xenófobo. O que está em causa não é querer que os estrangeiros se vão embora. De resto os brasileiros nem sequer o são. Trata-se apenas de um problema de saúde pública. Quem tem consultório e trata da boca e dos dentes tem de estar habilitado para o fazer" (*Correio de Manhã*, 9 de dezembro de 1991, p.2).

O autor não pode ser considerado alguém provido de "bom senso", como a leitura integral da coluna permite concluir. O texto contém uma série de estereótipos e principalmente críticas aos imigrantes brasileiros. As categorias de imigrantes brasileiros em Portugal seriam, primeiramente, atores, futebolistas, cantores e "travestis agressivos" e, depois, astrólogos, espíritas, pregadores, capitalistas, especuladores, turistas, publicitários e dentistas. Para além disso, o autor, estabelece que Portugal não é uma «república de bananas» mas deixa pressupor que o Brasil possa ser, sobretudo porque, logo de seguida, faz várias generalizações sobre violência.

No último paragrafo, o autor diz que não é xenófobo e ainda que os brasileiros não são estrangeiros em Portugal, o que entra em contradição com o que disse nos outros cinco parágrafos, para concluir que a questão é de saúde pública, negando aos brasileiros a habilitação que estes possuíam. Ao assumir esse discurso, o autor recusa que os brasileiros e as suas universidades e faculdades tenham condições de tratar e formar profissionais aptos para trabalhar, alimentando mais estereótipos e nacionalismos nos leitores.

A questão da equivalência de diplomas, com o desenvolvimento da globalização, passou a ser um dos grandes temas envolvendo os países, pois além das mercadorias, as pessoas começaram a ter mais facilidade em se deslocar e a consequência foi o aumento da concorrência. Esta questão ficou mais aparente nos protestos e nas manifestações dos estudantes portugueses de Medicina Dentária, após as notícias sobre as conversas entre Fernando Collor de Mello e Aníbal Cavaco Silva do dia 16 de março terem gerado um acordo.

No dia 20 de março os estudantes da Faculdade de Medicina Dentária do Porto entraram em greve contra o acordo anunciado nos jornais e a vinda do presidente do Brasil a Portugal para formalizar a questão. O *Correio da Manhã* nem abordou a greve dos estudantes, entretanto o *Diário de Notícias* e o *Público* tiveram abordagens muito diferentes, como analisaremos a seguir.

Em 21 de março de 1992, o *DN* estampou na capa "Dentistas levam greve à Faculdade", colocou uma foto com o cartaz dos estudantes que dizia: "FORA OS ZECA DIABOS" e, na chamada da matéria, utilizou o seguinte texto: "O protesto teve nota de bom-humor nos cartazes, mas o espírito de luta é bem azedo, prometendo estragar a próxima visita ao nosso país do Presidente Collor de Melo." (*DN*, 21 de março de 1992, p.1). O jornal não questiona o estereótipo negativo de associar a imagem dos imigrantes dentistas brasileiros a uma personagem de uma telenovela brasileira, Zeca Diabo, que matava pessoas por dinheiro. Pelo contrário, ele considera essa atitude como algo engraçado. O *Público*, no mesmo dia 21 de março, aborda o mesmo acontecimento da greve dos estudantes com o seguinte título "Greve nas escolas de Medicina Dentária: Estudantes 'chumbam' dentistas brasileiros", cujo texto se reproduz abaixo:

> **"Os dentistas portugueses já protestavam contra a presença em Portugal de colegas brasileiros que consideram impreparados para o exercício da profissão. Ontem, juntaram-se-lhes os estudantes das três escolas de Medicina Dentária do país, numa manifestação de rua onde não faltou um forte toque de xenofobia.**
>
> As manifestações de xenofobia que já se adivinhavam na conferência de imprensa transpareceram claramente na concentração junto ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Os cerca de 200 manifestantes erguiam um pano onde se lia "Fora aos Zecas Diabos" e erguiam cartazes com dizeres como "brasileiros só nas novelas" ou "Collor fica na tua terra". Em frente aos portões do Ministério, os estudantes gritavam

> "abaixo os Zeca Diabos", "nós não queremos dentistas brasileiros!, oh ilegais vão para o Pantanal" e "cirurgiões-dentistas, são muito vigaristas". Hiran Fischer, presidente da secção portuguesa da Associação dos Odontologistas Brasileiros, disse ontem ao PÚBLICO que a proposta de legalização não faz mais do que respeitar o acordo cultural existente entre os dois países. "Esta greve dos estudantes é consequência de todo o tempo de omissão das autoridades portuguesas e da campanha caluniosa de que fomos alvo. Às tantas, a mentira transformou-se em verdade para muita gente" (*Público*, 21 de março de 1992, p.25).

O *Público* destaca logo na introdução a xenofobia dos protestos, referindo no parágrafo seguinte o mesmo cartaz que o *DN.* considerou humorístico. Além dessa denúncia, o *P* deu espaço para o presidente da *ABO.-P* falar sobre a questão. Esta postura foi muito importante, pois ao abrir espaço para os dois lados que discutiam a questão, o jornal possibilitou ao leitor um maior conhecimento da questão. Como foi exemplificado anteriormente, qualquer meio de comunicação é parcial, escolhe como relatar um facto e como comentar esse facto. Este caso não foi diferente, com o *DN* a considerar "bom humor" e o *P* "forte toque de xenofobia".

Por seu lado, o *Correio da Manhã* alimentou essa xenofobia e auxiliou na criação desses estereótipos contra os dentistas brasileiros, quando, por exemplo, em 27 de março de 1992, publicou na sua página 20 a notícia "Lisboa cede ante ameaça de Brasília. Vêm ai mais cinco mil dentistas brasileiros". Além do título bem polémico, ainda escreveu: "Cavaco Silva transigiu no diferendo dentário luso-brasileiro, isto é, permite que os dentistas do Brasil possam exercer a profissão em Portugal sem apresentação de quaisquer provas de avaliação, e cinco mil já estão de mala aviada para Portugal – soube o Correio da Manhã por uma fonte próxima do Governo". O jornal se aproveita da situação e inflama o debate, com afirmações fortes e sem qualquer identificação da fonte, só com a vaga menção de alguém próximo ao Governo.

No Brasil, depois das notícias sobre a manifestação dos estudantes portugueses, houve uma grande repercussão nos meios de comunicação nacionais criticando o preconceito que os imigrantes brasileiros estavam sofrendo em Portugal. O jornal do Rio de Janeiro *O Globo* foi duramente criticado pelo *Diário de Notícias*, no dia 24 de março de 1992, por causa do artigo do periódico carioca, que exagerava a questão. Outra reação no mesmo jornal ao que estava sendo produzido no Brasil ocorreu na edição de 28 de março de 1992, na banda desenhada diária *Cravo e Ferradura*, que apresentou o seguinte diálogo:

> "- A verdade é que cês estão nos discriminando cara
> - A gente sempre respeitou os portugueses que foram pro Brasil
> - A propósito, me lembrei agora cê sabe aquela do português que foi no Brasil…?"
> (*DN*, 28 de março de 1992, p.11).

O texto possui uma estrutura de humor ao questionar que o português também sofre

preconceito no Brasil, devido às piadas contadas lá, envolvendo o estereótipo da pouca inteligência atribuída aos portugueses. O *Diário de Notícias*, apesar do silêncio sobre a xenofobia, produziu ainda nesse segundo período um editorial forte com o título "Cuidar dos laços com o Brasil", em 18 de abril de 1992. Este espaço em qualquer jornal é o de maior destaque, por se entender que a opinião do meio de comunicação se apresenta essencialmente naquele local.

A APMD não aceitou o acordo entre os países e começou a retaliar, num primeiro momento ameaçando recorrer da decisão nas esferas europeias. Fontes de Carvalho, então presidente da associação, em entrevista realizada no dia 3 de junho de 1992, disse que nos consultórios de dentistas brasileiros poderia se contrair sida. O *Público* não deu espaço a essa notícia, mas o *DN* e o *CM* noticiaram com destaque no dia seguinte tal acusação. O *Correio da Manhã* com o título "Tirar dor de dentes pode acabar em SIDA" (p.11) e o *Diário de Notícias* no seu subtítulo "SIDA no consultório dá preocupações à APMD" (p.23). No início da década de 1990, esta doença carregava uma série de estigmas, estereótipos e preconceitos, existindo muita desinformação sobre como contrair a doença e como a tratar[107]. Essa acusação foi uma das que os dentistas brasileiros mais reclamaram de ter recebido injustamente (Soares 1997 e Machado 2004).

O jornal *Sabiá*, produzido pela CBL começou a sua circulação em maio de 1992, e, por essa razão, não participou ativamente dos debates estabelecidos. Mas ainda assim houve dois momentos nesse ano em que a disputa sobre os dentistas esteve presente em suas páginas. No número dois houve uma página inteira, com o título "A guerra dos canudos"[108] (*Sabiá*, maio, 1992, p.3), cujo texto explicava o Acordo Cultural e as disputas para conseguir a equiparação do diploma, fazendo além disso uma recomendação para que os brasileiros que estivessem sem os seus documentos fossem no consulado brasileiro para iniciar esse processo. O texto tinha a assinatura do embaixador brasileiro Luiz Lampreia.

Nessa mesma edição de maio de 1992, na sua última página, o *Sabiá* publica a matéria "Rei da Xenofobia: "Os dentistas brasileiros "devem ser imediatamente embarcados para a Amazônia onde ficarão a tomar conta do buraco de ozônio, não como castigo contra o seu oportunismo, mas como castigo contra a sua burrice". Este é mais um capítulo da novela que envolve dentistas brasileiros e portugueses na disputa pelo mercado" (p.8). De acordo com a publicação, tais declarações foram atribuídas a António Mano Azul, dirigente da AMDP, e o

[107] Para mais informações sobre essas questões, os filmes *Filadélfia* (1993) e *Clube de Dallas* (2013) retratam com muito detalhe as dificuldades relacionadas com a SIDA durante esse período.
[108] Na história do Brasil existe uma revolta popular ocorrida em 1897, no sertão baiano, que entrou para história como a Guerra de Canudos, pelo que a referência para qualquer imigrante brasileiro era imediata.

então diretor da ABO-P, Paulo Marques, respondeu assim ao *Sabiá*: "é ofensivo, xenófobo e traz o medo da competitividade dos dentistas brasileiros". Ele concluiu: "Quando nos manda de volta para a Amazônia, esquece que 10% da população portuguesa vivem no Brasil" (p.8). Aqui, como em vários outros trechos dos jornais, a ideia de expulsão dos brasileiros por parte da AMDP e a retaliação na mesma proporção por parte da ABOP se repete tal como foi visto no *Público, Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*.

Na edição seguinte, em julho de 1992, o título da matéria expressa bem a mudança da situação do ponto de vista da imigração brasileira: "É legal ser dentista"[109] (p.3). O texto é composto por uma entrevista com Hiram Fischer Trindade, presidente da ABO-P, na qual o dirigente resume os resultados do acordo entre os governos e destaca a grande dificuldade que encontrarão os novos dentistas brasileiros que queiram ir para Portugal. O entrevistado ainda reforçou a questão da disputa de mercado ao responder às acusações da AMDP: "Os ataques que nos foram dirigidos foram sempre originários pelo medo da concorrência. A prova inquestionável é que existem em Portugal mais de 1.000 "dentistas práticos", sem qualquer conhecimento científico, e que exercem livremente a profissão sem nunca serem molestados" (*Sabiá*, julho de 1992, p. 3).

7.4 Segunda dor de dentes

O acordo entre os governos assinado em 1992 foi favorável às reivindicações dos profissionais brasileiros, que obtiveram assim o reconhecimento dos seus diplomas. Contudo, esse acordo era válido somente para os que se encontravam em Portugal, não para novos profissionais que chegassem depois dessa data. A APMD, na época da assinatura, protestou contra o acordo e disse que iria recorrer da decisão nos âmbitos europeus contra o governo português. A situação ficou resolvida para os imigrantes brasileiros que já estavam no país, mas isso não resolveu a questão dos futuros dentistas que chegassem a Portugal depois da assinatura do tratado. Um problema sério para os futuros dentistas brasileiros era que, além de não terem seus diplomas revalidados pela APMD, teriam de enfrentar a questão da sua documentação no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Isso porque, para conseguir a legalização enquanto imigrante trabalhador em Portugal, era necessário estar registrado em uma associação da classe, e a APMD, em represália ao acordo, não aceitava os registros dos imigrantes dentistas brasileiros. Dessa forma, todos os novos imigrantes dentistas ficavam

[109] Mais uma vez, o título da matéria se aproveita dos dois sentidos da expressão, a questão da legalidade do exercício da profissão, mas também da expressão comum no Brasil de utilizar «legal» enquanto gíria para qualificar uma coisa como boa.

sujeitos à vulnerabilidade de serem indocumentados e de terem que aceitar quaisquer condições de trabalho em clínicas dentárias portuguesas, por vezes abusivas.

Em 16 de janeiro de 1997 saiu na capa do *Público* a manchete "Dois mil falsos dentistas em Portugal" (p.1). O destaque foi "Entre os falsos dentistas, encontram-se cerca de 800 cidadãos brasileiros que exercem sem autorização" (p.14). O artigo continha uma entrevista com o presidente da APMD e mais uma série de acusações contra os brasileiros, como a de infectar um turista norueguês. As maiores críticas eram ao Ministério da Saúde e ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, por terem legalizado 400 cirurgiões dentistas por uma portaria. Menos de uma semana depois, no dia 24 de janeiro de 1997, o presidente da ABO-P, Hiram Ficher, teve a sua resposta publicada no mesmo jornal, a qual reproduzimos na integra:

> **"Dentistas brasileiros**
>
> Até ao último dia 16, eu era leitor assíduo e fiel do PÚBLICO, prazer que cumpria rigorosamente há oito anos, mas quero agora manifestar o meu mais profundo protesto pela matéria divulgada naquele dia, com chamada inclusive de primeira página com o título "Dois mil falsos dentistas em Portugal". Sou cirurgião dentista brasileiro e membro da ABOP, entidade representativa dos nossos interesses, e já tive, inclusive, a oportunidade de, por diversas vezes ser ouvido por vossos jornalistas sobre esta questão, que tem como fundamento uma luta meramente corporativa.
>
> A matéria da última quinta feira começa a pecar ao colocar como título a ideia de que os dentistas brasileiros são falsos profissionais, o que não corresponde com à verdade, já que temos todos um curso universitário e estamos amparados pelo Acordo Cultural Brasil-Portugal. Não somos, portanto, falsos.
>
> Outra afirmação que também não corresponde à verdade é a de que existe em Portugal 800 falsos dentistas brasileiros". Baseado em que estatística foi feita essa afirmação? Se fizerem uma simples consulta aos vossos arquivos, poderão concluir que as estatísticas da APMD têm oscilado de 2000 aos 800 agora apresentados. Mudam de acordo com o interesse (ou talvez com o humor…).
>
> A vossa matéria é tendenciosa e alarmista, pouco digna de um jornal do calibre do PÚBLICO. Para mais matéria de "O crime"! Dizer que "um cidadão norueguês foi contaminado por um dentista brasileiro é uma das coisas mais absurdas e imorais que já li em Portugal sobre esta questão. Com declarações de natureza tão grave, não posso compreender que um jornal não permita a divulgação da versão antagonista para que o leitor possa fazer uma dedução própria. Parece até matéria feita com objectivos muito pouco dignos e éticos. Tenho muitas outras observações a fazer, mas confesso que, neste momento, a minha incredulidade e o meu desencanto me obrigam a encerrar esta mensagem. Hiram Fischer Trintade. Porto"

Hiram Ficher começa o seu texto elogiando o jornal mas depois critica o *Público* por passar uma ideia equivocada de que os dentistas brasileiros são falsos profissionais. Além dessa crítica, ele também se posiciona frontalmente em relação a essa disputa quando refere que se trata de "uma luta meramente corporativa". O caso do turista norueguês também foi abordado com firmeza, rechaçando qualquer relação entre a infecção do paciente estrangeiro e os dentistas brasileiros. De alguma forma as acusações surtiram efeito, uma vez que seu texto

saiu no espaço destinado ao leitor, além disso, logo após o texto, o *P* decidiu se defender de algumas questões, escrevendo na sequência a seguinte nota da redação:

> "N.R. – O citado número de 800 cirurgiões dentistas brasileiros refere-se apenas aos profissionais não abrangidos especificamente pelo despacho conjunto do MNE e do M. da Saúde, publicado em Diário da República em 1990 – que legalizou, para todos os efeitos 400 dentistas -, sendo os que a APMD calcula exercerem ilegitimamente em Portugal. Tal como, aliás, aquela associação faz em relação aos práticos portugueses em formação adequada, que indica serem mais de mil. Quanto aos casos referidos na peça, foram igualmente citados pela APMD com base em processos que tem em mãos e a que o PÚBLICO teve acesso. Ao elaborar o artigo, quis-se dar o panorama da situação em Portugal sob o ponto de vista legal. No entanto está já agendada uma entrevista com o secretário-geral da ABO-P, que não foi ouvida, de facto, no artigo em causa. L.B.P."

O jornal *Público* assume que não ouviu ninguém da ABO-P e promete uma entrevista com o seu secretário-geral, mas, por outro lado, mantém viva a discussão quanto ao número de dentistas brasileiros em Portugal. Ao longo desses anos envolvendo a questão e mesmo nos autores que estudaram esse tema posteriormente, não existe qualquer consenso sobre a quantidade de dentistas brasileiros em Portugal.

Passado cinco anos, a ABO-P continua utilizando o mesmo argumento de que o Acordo Cultural permitia a equiparação automática. Os dentistas da ABO-P se mobilizam e conseguem que um deputado federal brasileiro apresente um projeto de lei para retirar os privilégios dos portugueses no Brasil.

Essa possibilidade de alteração na constituição brasileira que privilegiava os portugueses enquanto estrangeiros no Brasil levou os três jornais portugueses a voltarem ao assunto dos dentistas brasileiros em maio de 1997. A indefinição de uma regra para os futuros dentistas brasileiros que quisessem exercer a profissão em Portugal reacendeu os debates e gerou novos problemas diplomáticos aos dois países. Por esta altura, os mandatários máximos de Portugal e Brasil tinham mudado, agora com Fernando Henrique Cardoso na presidência do Brasil, António Guterres como primeiro-ministro e Jorge Sampaio como presidente de Portugal. As negociações entre os dois lados poderiam ser outras.

A partir daí, começou uma nova disputa nos meios de comunicação por ambos os lados da questão. Durante os meses de maio e junho de 1997, houve novamente uma disputa entre a APMD e a ABO-P, utilizando os mesmos argumentos, por um lado a defesa do Acordo Cultural por parte da ABO-P e, por outro lado, a crítica ao cumprimento do artigo, por se tratar de algo ultrapassado e não se aplicar no caso dos cirurgiões dentistas brasileiros e aos médicos dentistas portugueses, por parte da APMD.

Em entrevista ao *Público*, o presidente brasileiro, Fernando Henrique Cardoso, afirmou que iria defender os direitos dos portugueses no Brasil, de acordo com matéria publicada no dia 10 de maio de 1997. O *Diário de Notícias*, por sua vez, noticiou uma entrevista com o advogado dos dentistas brasileiros da seguinte forma: "Desacordo: «Loby» do PSD tramou dentistas brasileiros. Advogado dos odontologistas critica inércia do PS face a grupo de pressão social-democrata. O acordo pode acabar" (*DN*, 10 de maio de 1997, p.18). Antes dessa notícia, não havia qualquer referência a questões políticas internas portuguesas envolvidas no caso. Não houve em nenhum outro momento notícia semelhante, em qualquer um dos três jornais, ou mesmo por parte de dirigentes da ABO-P.

O *Correio da Manhã*, no dia 10 de maio, apresentou na contracapa um texto de opinião, "Os brasileiros", de João Caniço, no qual o autor abordou a questão dos dentistas e dos imigrantes brasileiros dessa forma:

> "As negociações com o Brasil não podem ser paternalistas nem saudosistas, em espírito contrário à mentalidade moderna. Os brasileiros que estão entre nós (diz-se que entre 20 e 25.000, sendo que muitos clandestinos), também são muito diversificados. Vão desde pessoas de bem, com toda a vida perfeitamente organizada, passando por outros à procura de se adaptarem e fixarem, onde avultam problemas. Seria assim injusto medir todos pela mesma medida. É urgente ir ao fundo das questões e tentar resolvê-las com realismo, de igual para igual, como aliás é desejado por ambas as partes" (*CM*, 10 de maio de 1997).

Os alertas do autor para as diferenças entre os vários tipos de imigrantes brasileiros têm importância pois assim se evitam generalizações e estereótipos. Foram poucos os textos dos jornais que abordaram os brasileiros dessa forma. Outra questão importante, esta foi a primeira abordagem a pedir a negação do paternalismo e do saudosismo, paradigmas que não foram superados, durante esse período, por nenhuma das partes em Portugal ou no Brasil. Esse discurso de irmandade, de herança comum foi muito utilizado nesse período, como justificativa para legitimar várias questões, algumas das quais abordámos no capítulo sobre a CBL. Na mesma edição do *CM*, no dia dez de maio de 1997, na última página, o jornal noticiou "Casa do Brasil reage" (p.44) em uma pequena nota e publicou um resumo de um artigo do jornal *Sabiá*.

A matéria em questão saiu na edição do *Sabiá* de maio de 1997, com o seguinte título: "Sim aos dentistas… Não à retaliação." (p.3). A conclusão da matéria possui um trecho ilustrativo da questão sobre o tema dos laços históricos dos dois países: "O povo e o Estado brasileiros têm sido profundamente generosos e receptivos para com as sucessivas levas da emigração portuguesa ao longo da história do Brasil, enquanto nação independente. De Portugal, nós, imigrantes brasileiros, esperamos e reivindicamos a mesma atitude." Essa

posição da CBL começou a causar atrito com a ABOP, uma vez que uma das estratégias de ação deles era a proposta de retaliação direta nos emigrantes portugueses no Brasil. De acordo com Igor Machado (2009), esse atrito, motivado pelas diferentes visões de como abordar o tema, não envolvia apenas a Casa do Brasil de Lisboa, o próprio consulado brasileiro também estava contrariado com essa postura: "O discurso da ABOP era tão duro, que o consulado brasileiro vetou a presença de dirigentes dessa associação no simpósio internacional sobre imigração brasileira em Lisboa, organizado pelo CEMI e CBL." (2009, p.160).

Ainda sobre a citação do *CM* da matéria feita pela CBL, isso fortalece a tese, defendida ao longo deste trabalho, de que existe um diálogo entre os meios de comunicação, não importando o tamanho deles. Nas sociedades modernas, no fim do século XX, a circulação entre as notícias permite disputas e negociações de imagens entre vários atores. Neste caso, foi o *Correio da Manhã*, jornal de grande circulação, que utilizou uma matéria feita pelo *Sabiá*, jornal com uma tiragem muito menor, para retratar um ponto da questão. A ausência dessa notícia nos outros dois jornais é reflexo das escolhas editoriais do *P* e do *DN*, que assim negaram aos seus leitores perceber discordâncias entre os imigrantes brasileiros sobre as medidas que o governo deveria tomar.

Após esses dois dias movimentados de notícias, o *Público*, no dia 13 de maio de 1997, relatou a seguinte frase atribuída ao deputado federal José Lourenço: "Deputado português no Brasil diz que o Governo de Lisboa sofre de surdez" (p.15). Também noticiou a vinda de outra comissão de deputados federais brasileiros para Portugal, para tratar do assunto dos dentistas para o dia 6 de julho, entre eles o deputado federal Jovair Arantes, dentista, que propôs a alteração da igualdade de direitos aos portugueses no Brasil. No dia seguinte, o *Correio da Manhã*, por sua vez, diz: "Brasil retrocede" e relata que o então presidente Fernando Henrique Cardoso iria pessoalmente se empenhar no cancelamento da proposta de Jovair Arantes.

O *Diário de Notícias*, no dia 12 de maio de 1997, na banda desenhada *Cravo e Ferradura*, abordou a questão dos dentistas da seguinte forma: o Cravo, personagem principal, está deitado em uma cadeira de dentista, quando se inicia o diálogo: - Alô? Oi, cara! Me diga, que troço é esse com os dentistas brasileiros?/ - De novo? Então eu desisto, rapaz!/ Não tem mais papo de relação bilateral, eu vou embora/ - (Porta se fecha) (*DN*, 12 de maio de 1997, p.2). As palavras utilizadas por Cravo ao falar com o outro personagem, "Alô", "oi" e "cara", são muito utilizadas para caracterizar os brasileiros em Portugal, assim como no

personagem Juca do *Sabiá*, as formas de se expressar são extremamente relevantes nas bandas desenhadas. Neste caso, o retorno do assunto foi abordado como algo insuportável por parte do dentista brasileiro; se em outros momentos houve um teor mais forte de crítica, neste o autor mudou o discurso.

Foi o *DN* primeiro a repercutir a chegada da comissão de deputados, no dia 4 de junho, com o seguinte título "Deputados brasileiros em Lisboa e portugueses apertam o cerco. «Braço-de-ferro entre dentistas»". Os deputados ainda não haviam chegado em Portugal, mas o jornal já afirmava que estes estavam apertando o cerco. No dia seguinte, o *Diário de Notícias* dá voz à APMD, que critica o Acordo Cultural, dizendo que este é que estava mal (5 de junho de 1997, p.18). Os deputados federais chegaram com o discurso de cumprir o Acordo Cultural, reproduzido igualmente nos três jornais, e houve até a exaltação de um membro da comissão que, de acordo com o *Correio da Manhã* do dia 8 de julho, teria dito: "Portugal é o país mais desdentado da Europa" (p.14).

Posteriormente, esses mesmos deputados foram recebidos no Ministério dos Negócios Estrangeiros e o discurso se modificou, como este trecho do *Público* atesta: "José Lourenço, que representou os seus colegas na audiência, considerou a reunião "muito boa", tendo manifestado a sua satisfação pelo modo como o Governo português encara a resolução do problema, qualificado como «uma disputa de família» que deve ser resolvida nesse espírito" (*P*, 10 de junho de 1997, p.15). O discurso dos laços históricos é utilizado novamente, agora pelo deputado brasileiro, se retratando da afirmação reproduzida no *CM*. Além disso, percebemos que na esfera governamental dos dois países, as negociações ocorreram com relativa tranquilidade, tanto na primeira fase, como na segunda. Ao longo desse processo, os problemas estiveram presentes nos ataques das associações profissionais e não nas esferas diplomáticas.

Apesar da vinda da comissão dos deputados brasileiros, a situação dos dentistas não se modificou. Na verdade a única consequência concreta foi a suspensão do projeto que poderia revogar os privilégios na constituição brasileira para os emigrantes portugueses no país. O *Público* foi o único jornal a noticiar a audiência do presidente do Brasil com os imigrantes brasileiros: "Dentistas brasileiros. Presidente ouviu queixas" (22 de maio de 1998, p.35). Segundo o artigo, a ABO-P se mobilizou, aproveitou a viagem de Estado de Fernando Henrique Cardoso para a inauguração da EXPO98 e conseguiu uma audiência com o chefe de Estado brasileiro, que, de acordo com o presidente da ABOP, foi recetivo e prometeu ajudar, agora devido a novas informações.

Entretanto, nada se alterou na situação dos dentistas até julho de 1999, quando saiu um acordo entre os dois lados, que o *Público* anunciou da seguinte forma: "Dentistas, acordo histórico" (p.26). Estabeleceu-se que os dentistas diplomados no Brasil, com mais de 4.500 horas de formação académica, estariam aptos para a equivalência. Os outros teriam que fazer módulos nas faculdades portuguesas para completar essa formação e assim conseguirem a equivalência para terem direito ao seu registro na AMDP. Com esses critérios estabelecidos, não houve mais debates entre os dentistas, brasileiros e portugueses. No entanto, como destaca Machado:

> "ABO-P resolveu seu problema particular e ao mesmo tempo provocou um novo tratado cultural que dificulta a vida de outros profissionais brasileiros (mesmo de novos dentistas) que agora ficam completamente dependentes das ordens portuguesas e não tem mais o amparo do antigo tratado cultural, que previa a obrigatoriedade da concessão de equivalência. Este processo encerrou-se em julho de 2000, quando o último módulo de cursos de adaptação foi terminado, juntamente com uma solenidade que visava abafar os anos de crise e uma resolução que nada tem de benéfica para a coletividade de brasileiros em Portugal, como tenta afirmar a ABO-P. Se antes a ABO-P lutava pelo cumprimento da lei, que era benéfica aos brasileiros, agora eles conseguiram resolver o próprio problema e abolir a lei que era boa e permitiu a reivindicação de direitos. Ora, a partir de agora os novos imigrantes qualificados devem resolver suas questões diretamente com as respectivas associações portuguesas, que sempre tentaram defender o seu mercado, como podemos imaginar. Para os brasileiros sem formação o único efeito dessa briga toda foi o reforço de estereótipos por parte da mídia portuguesa, que afeta negativamente a vida de todos" (2009, p.160).

Os futuros imigrantes brasileiros e portugueses perderam o amparo legal do Acordo Cultural e, como destacou o autor, uma das maiores consequências foi o reforço dos estereótipos dos brasileiros enquanto malandros e aproveitadores em Portugal. Uma das questões importantes a serem refletidas neste aspeto tem a ver com as migrações qualificadas, pois sua visibilidade e concorrência direta com segmentos letrados das sociedades recetoras geram muitos conflitos. Existiu durante muito tempo a associação direta entre imigrante e trabalhador desqualificado, mas os dentistas brasileiros fugiam desse padrão e começaram a ganhar uma fatia do mercado. A reação por parte da entidade profissional dos dentistas portugueses foi dura.

O antropólogo brasileiro Igor Machado esteve presente no momento de conclusão dos últimos módulos de formação dos dentistas brasileiros, para a equivalência dos diplomas. E descreveu os discursos proferidos na ocasião: "o que mais se ouviam eram cantilenas sobre a «irmandade» luso-brasileira, sobre os eternos laços de amizades, sobre os estreitamentos das relações entre Associação Brasileira de Odontologia e a portuguesa, etc. Até o embaixador brasileiro estava presente e fez seu discurso na sessão final de encerramento, comemorando o fim da briga entre os «irmãos» transatlânticos." (2009, p.160). Mais uma vez a força desse discurso da irmandade e

amizade, afinal durante mais de dez anos, foram acusações e brigas por ambos os lados. Entretanto no final, o discurso se baseia no oposto do que aconteceu durante todo esse período, assim percebemos por meio desse exemplo a força dos discursos de união e laços fraternais.

7.5 Conclusão - Dentistas brasileiros

A principal arma utilizada por parte da AMDP foi a associação do profissional dentista brasileiro a imagens que o desqualificassem enquanto tal. Utilizaram como estratégia denegrir o seu estatuto de graduado, colocando-o na categoria de trabalhador sem formação. Foi a mesma estratégia dos estudantes de Medicina Dentária, que na sua manifestação de greve, utilizaram a imagem do vilão de telenovela, assassino de aluguer, como sendo igual aos dentistas brasileiros. Por sua vez, a ABO-P reclamou da falta de dentistas em Portugal, devido ao atraso do país, e procurou atacar os privilégios dos imigrantes portugueses que estavam no Brasil.

Enquanto disputa e negociação de identidades, este caso dos dentistas brasileiros demonstrou como uma mobilização grande pode ser feita por uma questão extremamente segmentada de apenas uma profissão. Naquela situação específica, os dentistas, a AMDP e a ABO-P conseguiram, por meio de várias estratégias, envolver os meios de comunicação dos dois países e também as esferas governamentais. Entretanto, na esfera pública, esta questão afetou muitos imigrantes brasileiros em Portugal. No campo do preconceito e da discriminação, as generalizações são fortes e à tona dos acontecimentos, como este trecho de uma entrevista com um imigrante que viveu esse período, sugere:

> "Vixi, essa coisa do dentista, demorou muito, não foi um ano, foram vários até legalizar os caras e tal, a gente ouvia muito…
> **Mas de quem você ouvia isso?**
> Dos portugueses, você ouvia na rua, se tinha algum conflito, no táxi, por exemplo, um conflito, foi no café pediu um café cheio, aí você trocava de ideia, pronto, era motivo de ouvir um monte. Todo mundo ouviu, não o caso de eu ser enjoado ou coisa assim, todos escutavam, foi barra pesada. Ah… foi no trabalho mesmo, uma vez servindo lá, no restaurante, não lembro a razão, mas o homem e a mulher começaram: eu conheço a sua terra, volta pra lá e tal... eu já tive lá. Eu tive que sair do trabalho, fiquei mal, o restaurante cheiíssimo, com fila e tal, todos vendo, o cara falar daquele jeito comigo" (João, 44 anos, chegou em Portugal em 1991).

Nesse relato, podemos perceber o quanto foi traumático para este imigrante esse confronto público no local de trabalho. Em maio de 2015, quando a entrevista foi feita, já se passavam mais de vinte anos do acontecido, a memória do motivo perdida ou

propositadamente esquecida. Mas o embate foi algo marcante, que o afetou, daquele momento da sua vida no princípio da sua migração, mesmo depois de tanto tempo. Esse trecho da entrevista não pode ser considerado geral para todos, mas essa incidência de agressão demonstra como a questão dos dentistas afetou uma coletividade de imigrantes brasileiros que estavam em Portugal e, com o fim do Acordo Cultural, os futuros imigrantes brasileiros também.

Os dois lados dessa batalha, portugueses e brasileiros, utilizaram imagens e estereótipos como armas de ataque. Por um lado, a escola europeia, seguida pelos portugueses, que privilegia o entendimento do corpo como um todo para entender a saúde bucal e, por outro, a escola norte-americana, seguida pelos brasileiros, que privilegia a especialização intensa das questões pertinentes à boca. Existem ganhos e perdas com qualquer uma das abordagens, mas elas não desqualificam os profissionais. No entanto, devido ao combate travado por ambas as partes, essa questão nunca foi seriamente abordada. Os meios de comunicação e os meios diplomáticos ficaram presos nessa contenda pela habilidade de manipulação dos dois lados, os portugueses e os brasileiros.

7.6 IURD e o Coliseu do Porto

> O Coliseu do Porto poderá mudar de mãos, após a assinatura de um contrato-promessa de compra e venda entre a IURD e a seguradora Garantia, proprietária daquela que é a principal sala de espectáculos da cidade. A possibilidade de o negócio se concretizar é cada vez maior e deverá envolver um milhão de contos. (*Público*, 1 de agosto de 1995, p.1)

> E adianta pouco chamar-lhes «seitas» para diminuir, como se tivéssemos que nos colocar em posição de ter que distinguir valorativamente entre religiões do tipo A e do tipo B. (José Pacheco Pereira, *Diário de Notícias*, 10 de agosto de 1995, p.9)

A proposta desse subcapítulo é analisar as notícias envolvendo a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), no período que vai de 1 de agosto de 1995, quando foi divulgada a compra do Coliseu do Porto, até 5 de janeiro de 1996, quando foi celebrado o contrato de compra e venda entre a seguradora Aliança UAP e a Associação dos Amigos do Coliseu do Porto, impedindo assim o negócio da IURD previamente anunciado. Durante esse período houve uma série de acontecimentos conflituosos envolvendo a IURD e a sociedade portuguesa, nos mais diversos âmbitos – agressões a fiéis, invasão de propriedades, depredação de locais de culto, proibição do programa da Igreja Universal do Reino de Deus no canal de televisão SIC, entre outros acontecimentos que foram amplamente divulgados

pelos meios de comunicação.

A 1 de agosto de 1995 foi divulgado que a Igreja Universal do Reino de Deus firmara um contrato de compra e venda com a seguradora Aliança UAP pelo complexo artístico chamado Coliseu do Porto. Essa notícia foi o ponto de partida para uma mobilização expressiva contra a IURD em Portugal e, principalmente, contra esse contrato de compra e venda. Em apenas quatro dias houve uma grande manifestação em frente ao Coliseu com várias pessoas defendendo a manutenção da casa de espetáculos e cinema. Políticos, escritores, músicos, entre outros representantes da intelectualidade portuense, discursaram contra a aquisição da sala de espetáculos pela Igreja Universal do Reino de Deus.

O autarca da cidade do Porto, Fernando Gomes, conseguiu em 17 de agosto celebrar um acordo com a seguradora para impedir a venda à Igreja Universal do Reino de Deus. O contrato celebrado entre a Aliança UAP e a IURD estipulava o pagamento de uma entrada e apenas em 31 de dezembro de 1995 é que o total seria entregue, finalizando assim o negócio. Fernando Gomes comprometeu-se com a criação de uma associação que buscaria por vários meios arrecadar uma quantia de dinheiro que suprisse a proposta da Igreja Universal do Reino de Deus antes de 31 de dezembro e assim garantir a permanência da casa de espetáculos enquanto espaço cultural da cidade.

Por meio da leitura dos jornais *Público*, *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*, propomos uma análise detalhada de notícias sobre este período de confronto entre a sociedade portuguesa e a IURD. Como detalhamos no capítulo cinco, existe uma grande associação entre a identidade brasileira e a igreja fundada pelo brasileiro Edir Macedo. Autores como Gustavo Dias, por exemplo, escreveram que este momento foi repleto de xenofobia por parte da sociedade portuguesa contra os brasileiros. Outros, como Ruth e Andreas, destacaram como este momento foi importante para a discussão da liberdade religiosa em Portugal. Escolheu-se esse período envolvendo a compra do Coliseu para tentar uma nova análise sobre esta questão, a partir de fontes ainda não utilizadas.

Ao contrário do primeiro caso, o dos dentistas brasileiros, em que existia uma relação direta entre os imigrantes brasileiros e o tema da equiparação dos diplomas, no caso da compra da Igreja Universal do Reino de Deus, como buscamos descrever no capítulo cinco, existiu em Portugal uma generalização que associava os imigrantes brasileiros a membros da IURD. As generalizações alimentam estereótipos, ao não permitir perceber as pluralidades de cada ser humano, neste caso dos imigrantes brasileiros, especialmente em um momento de conflito entre dois lados de uma sociedade. Para melhor ilustrar esta questão, destacamos um trecho integral de uma carta de um imigrante brasileiro enviada ao *Público*:

> “Igreja Universal do Reino de Deus
>
> Tenho acompanhado as notícias sobre a prisão no Brasil do bispo Edir Macedo e o crescimento desta seita aqui em Portugal.
>
> Como brasileiro, sinto-me na obrigação de alertar os portugueses quanto a esta farsa.
>
> O sr. Edir Macedo é um ex-funcionário da Loteria do estado do Rio de Janeiro que, como não conseguiu ficar rico pelo trabalho honesto e digno, resolveu então fundar uma seita na década de 70, a fim de enriquecer rapidamente.
>
> Só no final da década de 80 é que ficou nacionalmente conhecido com a expansão da sua seita e os seus cultos em estádios de futebol.
>
> É até engraçado o seu jeito de pregar, prometendo a cura dos olhos à multidão em pleno estádio do Maracanã para quem deitasse fora os óculos, mas guardando consigo os seus. Agora, durante a prisão, pede aos adeptos que façam jejum, mas ele mesmo não o faz. É sinal de que não acredita no que prega. Isto sem falar nas vultuosas quantias que recebe dos seus adeptos, na sua grande maioria pobres, humildes e analfabetos.
>
> Entre outras suas proezas com o dinheiro dos fanáticos, comprou uma rede de televisão (Record) no valor de 45 milhões de dólares [mais de cinco milhões de contos], tem comprado rádios por todo o Brasil e agora comprou um luxuoso BMW nos Estados Unidos que levou para o Brasil de forma ilegal, além de sonegar quantias enormes de impostos.
>
> A Rede Manchete de Televisão do Brasil fez um documentário sobre a seita no programa Documento Especial, que poderia ser adquirido pela RTP para mostrar aos portugueses o risco que estão correndo.
>
> Gostaria de pedir às autoridades portuguesas que, ao invés de se preocuparem com a entrada de profissionais brasileiros de alta qualificação, como por exemplo os dentistas, se preocupassem mais com a entrada destes “falsos pastores” que têm aparecido com o fim de tirar proveito da boa fé dos portugueses e contribuir para um processo de desaculturação e alienação do povo. Ordélio Silva, Santarém” (Cartas ao director, 27 de junho de 1992, p.21).

Esta carta do imigrante brasileiro ao jornal atesta como existia uma forte oposição de brasileiros em relação à IURD, citando o documentário feito por uma emissora de televisão brasileira. No campo das disputas e negociação identitárias, Ordélio Silva afirma que o problema a ser combatido pelas autoridades portuguesas não eram os dentistas qualificados, e sim os “falsos pastores”. O autor claramente estabelece uma oposição entre dois tipos de brasileiros, os “qualificados dentistas” e os “falsos pastores”, detalhe que ressalta o que foi trabalhado no capítulo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, cuja presença em Portugal sempre foi polémica e cheia de críticas. Note-se que esta carta é de 1992, três anos antes do episódio da compra do Coliseu do Porto.

O ponto de partida desta secção foi buscar a forma como os jornais de grande circulação desse período narraram os acontecimentos e as respostas produzidas pelo jornal da Igreja Universal do Reino de Deus. A partir daí procurámos analisar como foram construídas as imagens e identidades sobre os brasileiros e depois perceber as disputas e negociações que

nelas estiveram envolvidas.

Dividiu-se a questão em vários segmentos temporais. O primeiro de 1 de agosto até 17 de agosto de 1995. Neste período houve uma grande mobilização da sociedade portuense no sentido de evitar que a Igreja Universal do Reino de Deus comprasse o Coliseu do Porto, transformando uma casa de espetáculos e de cinema em mais um templo desta igreja. A definição deste período foi motivada pela leitura dos jornais e também pelos acontecimentos: além de concentrar mais notícias, esses primeiros dias foram decisivos para o desfecho da questão, que se traduziu na criação de uma associação civil feita para administrar o espaço do Coliseu dos Recreios como palco de eventos culturais.

No dia 1 de agosto de 1995, a capa do jornal *Público* estampou a notícia "Negócio possível no Porto. Reino de Deus fica com Coliseu?" mas os outros jornais noticiaram este mesmo facto, apenas no dia seguinte. Perderam o furo da reportagem e escolheram duas maneiras diferentes de fazer suas capas: o *Correio da Manhã* escreveu "Coliseu do Porto entra para o Reino de Deus" e noticiou a mesma coisa que o *Público* (mas com atraso de um dia), enquanto o *Diário de Notícias* escolheu a capa "Governo e Câmara contra ocupação religiosa do *Coliseu do Porto*", que fez um desdobramento da questão, avançando para as consequências da notícia relatada no dia anterior pelo *Público*. Deste primeiro momento até ao dia 17 de agosto, o *Público* produziu 55 artigos em 16 dias, sobre o Coliseu ou sobre a IURD, o *DN* publicou 38 artigos em 15 dias e o *CM* 25 artigos em 14 dias. Como os números apontam, esta questão teve muito mais destaque no jornal *P*, que, além de conseguir o furo de reportagem, abordou o tema muito mais vezes que os seus concorrentes.

Outra questão então levantada por todos os jornais foi a elevada quantia do negócio envolvendo a seguradora Aliança UAP e a Igreja Universal do Reino de Deus, tendo o *Público* anunciado, num primeiro momento, que o negócio girava em torno de um milhão de contos. O *Diário de Notícias*, no dia 17 de agosto de 1995, afirmou que o valor a ser atingido para a sala não ser vendida à IURD era de 900 mil contos (p.1). O *P* utilizou essa informação pela primeira vez em 7 de setembro com a seguinte novidade "O presidente da UAP, Souza Brito, revelou, entretanto que a IURD adiantou «um pequeno sinal de mil contos»" (p.30). O *CM* não conseguiu nesse período dar informações antes dos seus concorrentes.

Em relação às capas dos jornais, o *Público* também foi o que mais vezes utilizou esse espaço de destaque: nove vezes contra seis do *Diário de Notícias* e nenhuma do *Correio da Manhã*. Podemos perceber a diferença na abordagem entre o *P* e o *DN* também a partir da forma como estes cobriram esta questão. O *Diário de Notícias* teve menos capas mas teve muito mais artigos de opinião sobre o assunto, 10 contra 4 em relação ao *Público*, enquanto o

CM contou com apenas um. Essas diferenças apontam para as escolhas editoriais. Outro aspeto significativo do *DN* foram as seis vezes que a sua banda desenhada *Cravo e Ferradura* retratou a questão, enquanto os outros dois periódicos não abordaram o assunto nessa primeira fase. Seguidamente, seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, iremos explorar as suas coberturas jornalísticas.

No primeiro dia, como já foi citado, apenas o *Público* noticiou a história, mas depois os três jornais cobriram o assunto no dia seguinte. O *P* destacou o discurso de que as autoridades públicas não ficariam "de braços caídos" (2, de agosto de 1995, p.1), o *DN* na sua capa utilizou "Governo e Câmara contra ocupação religiosa do Coliseu do Porto" (2, de agosto de 1995, p.1), enquanto o *Correio da Manhã*, na secção de Cultura, fez apenas uma reportagem relatando a compra e a disposição de Fernando Gomes contra a mudança. No dia 3 de agosto, a notícia da proibição do presidente da Câmara em exercício para a realização do culto da Igreja Universal do Reino de Deus agendado para a tarde do dia 5 foi destaque no *P* e no *CM.* O *Diário de Notícias* destacou as acusações da IURD em relação ao Partido Socialista e deu início a uma série de reportagens sobre as origens do dinheiro da igreja do bispo Edir Macedo.

O *Público* ainda destacou em primeira mão a organização de um evento contra a venda do Coliseu do Porto, com a participação de várias pessoas, e também convocou os seus leitores a irem à manifestação, utilizando depoimentos de personalidades do mundo da cultura portuense. No dia seguinte, os outros dois jornais anunciaram que haveria um protesto contra a compra da casa de espetáculos por parte da Igreja Universal do Reino de Deus à frente do próprio Coliseu. Na edição do dia 4, além de trazer mais informações sobre a manifestação, o *P* também começou a produzir mais matérias sobre a origem do dinheiro e o funcionamento da IURD.

Uma grande multidão se reuniu em frente ao Coliseu do Porto, onde foi montado um palco e um microfone por onde passaram várias pessoas que eram contra a compra da sala de espetáculos por parte da Igreja Universal do Reino de Deus. O *Público*, no seu editorial "Fantasmas", assinado por Joaquim Fidalgo, escreveu: "Só falta que, por um desses dias se jogue para a arena também o espectro das reações xenófobas, pelo facto de este caso girar em torno de uma confissão religiosa com origem e liderança brasileiras... Não vamos, portanto confundir as coisas. Todos perderíamos com isso" (*P*, 5 de agosto de 1995, p.18). Na mesma página, no trabalho intitulado "Todos pelo Coliseu", podemos encontrar algumas reações exacerbadas. Um exemplo: "Pedro Baptista deputado municipal, assim o fez: rasgou a sua apólice no palco por onde passaram vários oradores. Rui Reininho: «Não deixo que esta

merda seja uma seita». Óscar Branco: «Até os comemos!»" (p.18).

O *Diário de Notícias* deu especial ênfase às palavras proferidas pelos cantores de rock: na página 16 deu destaque ao cantor Pedro Abrunhosa, colocando no título a sua frase "O Coliseu é nosso, carago!", além da foto dele e da sua banda *Bandemónio* acorrentados à porta do Coliseu. Outro referenciado no artigo foi Rui Veloso, que não foi ao protesto, mas que enviou uma mensagem, lida. em que dizia "Como é possível que venham do cu do Judas dizer o que devemos ter ou fazer?"

O *Correio da Manhã* adotou uma postura diferente, destacando a proposta das nove autarquias da área metropolitana do Porto na compra do espaço e do boicote que as pessoas deveriam fazer em relação aos seguros da Aliança UAP (*CM*, 5 de agosto de 1995, p.36). Outra questão apenas ressaltada pela reportagem por este diários, foi a "manifestação que, ao fim da tarde de ontem juntou milhares de pessoas (incluindo brasileiros) frente ao Coliseu do Porto" (p.36). Os outros dois jornais não se referiram ao assunto. O *CM*, ao ressaltar a presença de brasileiros na manifestação, possibilitava que os leitores percebessem que nem todos os brasileiros que apoiavam as ações da IURD.

7.7 Eleições legislativas

> "Os precedentes da história e o conhecimento prévio que o Sr. Presidente da Câmara do Porto teve das pretensões da IURD tornam ainda menos compreensível – pelo menos do ponto de vista político – que se deixasse entrar o caso em fase de derrapagem e em risco de degenerar numa guerra religiosa que só poderia aproveitar ao Reino de Deus" (Nota da Redação, *Público*, 12 de agosto de 1995, p.16).

O então autarca da cidade do Porto, Fernando Gomes, do Partido Socialista, no dia 1 de agosto de 1995, estava de férias no Brasil, quando a notícia da compra do Coliseu se tornou pública. No entanto, ele voltou e teve participação direta na resolução final ao negociar com a detentora do Coliseu do Porto, a seguradora Aliança UAP, a compra do espaço. Sublinho também o empenho de Gomes em conseguir que a associação Amigos do Coliseu arrecadasse a quantia necessária. Às vésperas das eleições legislativas, este acontecimento na segunda maior cidade portuguesa, teve uma inevitável componente política. As ações do autarca do PS (partido então na oposição) e da Secretaria de Estado da Cultura (SEC) de um governo do PSD geraram debates e controvérsias, também devido ao calendário eleitoral.

Público	*Diário de Notícias*	*Correio da Manhã*
Dia 4 de agosto de 1995: "Menezes e Narciso leituras opostas – PSD falência da gestão de Fernando Gomes e Narciso "PS defende o cumprimento das regras estabelecidas num Estado de direito." P.16	Dia 2 de agosto de 1995: "SEC veta uso religioso do Coliseu do Porto"(p.1)	Dia 7 de agosto de 1995: "Coliseu põe PSD contra Câmara" (p.369
Dia 5 de agosto de 1995: "PS e PSD trocaram acusações, num passar de culpas que só evidencia as falhas quer do Governo quer da Câmara do Porto" (p.9)	Dia 3 de agosto de 1995: "Compra do Coliseu desencadeia ataque da Igreja Universal ao PS" (p.1)	Dia 24 de setembro de 1995: "Soares é o primeiro: «Amigo do Coliseu»" (p.36)
Dia 6 agosto de 1995: "PSD ao ataque: colocou a culpa no PS pela venda do Coliseu" (p.39)	Dia 26 de agosto de 1995: "Nem todos estão pelo Coliseu: A SEC está cada vez mais longe do processo" (p.19)	
Dia 9 de agosto de 1995: SEC desafia Câmara do Porto (p.13)		

Quadro 14: Artigos que abordaram a questão política envolvendo a compra do Coliseu do Porto.

Em relação ao número total de notícias que envolveram o debate em torno da "compra do Coliseu", houve um pequeno número de artigos relacionados com a política. Mais concretamente, foram três do *P*, três do *DN* e dois do *CM*. Esses números ressaltam que, se houve uma questão política forte nesse processo, ela ficou de fora, uma vez que só até ao dia 7 de agosto de 1995 houve notícias sobre isso. Mas vale a pena destacar que o *Público* não noticiou nenhuma das duas reportagens feitas pelo *Diário de Notícias* ou pelo *Correio da Manhã*, ambas notícias com grande importância política. O *DN* afirmou de forma clara que a SEC, governada pelo PSD, não estaria fazendo a sua parte na questão do Coliseu; por outro lado, o *Correio da Manhã* foi o único a noticiar que o presidente de Portugal, Mário Soares, do Partido Socialista, foi o primeiro "amigo do Coliseu".

Essas constatações sugerem uma tendência do *Público* para ser mais generoso nos seus trabalhos de teor político em relação ao governo do PSD e mais agressivo em relação ao PS, neste período. Outra consideração importante é a da importância relativa que teve a política nacional dentro da questão, ou melhor, como para os jornais da época a questão não passou por disputas partidárias.

7.8 Organização contra a compra do Coliseu

> "A companhia de seguros Aliança UAP tem o direito de vender o Coliseu do Porto a quem quer. Os dirigentes da IURD e os seus fiéis têm o direito de celebrar o seu culto naquilo que é seu." (Pedro Arroja, *Diário de Notícias*, 7 de agosto de 1995, p.9)

> "Somos de facto ingratos para com os nossos irmãos brasileiros. Devoramos as telenovelas. Consumimos as suas religiões nas garagens e cinemas e agora queremos à força impedir que o Coliseu do Porto seja um local de cultura religiosa, como se esta não fosse um espetáculo!" (Gil Sequeira Teixeira, *Correio da Manhã*, 12 de agosto de 1995, p.3)

No dia 6 de agosto, no *Público*, no texto de opinião "Retrato da semana", António Barreto distancia-se do editorial do anterior, "Fantasmas", ao abordar assim a questão: "Não há nada mais maçador do que um conflito que envolva questões de religião. Os mais pacatos perdem literalmente a cabeça, como os indígenas que diante do Coliseu do Porto, grunhiram "fora estrangeiros" e "abaixo as seitas". Ou os noticiários que denunciaram o 'sotaque brasileiro do bispo'" (*P*, 6 de agosto de 1995, p.24). Essa dura crítica do autor aos gritos xenófobos e à forma de acusar o bispo por ter sotaque brasileiro demonstram como, para António Barreto, houve claramente excessos nas ações e na forma como isto foi divulgado.

O autor continua seu texto destacando as relações das igrejas com a falta de transparência das suas contas, incluindo a Igreja Católica, e se perguntando se essa teria o mesmo tratamento de outras religiões. Ainda sobre essa questão, apontamos outra parte de embate: "não faltará quem aproveite a oportunidade para sentenciar: «é o Terceiro Mundo», o «subdesenvolvimento». Não é inédito, mas convém não esquecer que o país onde há mais seitas e igrejas é os Estados Unidos da América." Neste outro trecho, António Barreto destacou como alguns argumentos utilizados para abordar o assunto eram fracos, pois, se alargados a mais possibilidades, se tornariam nulos.

Ainda na edição do dia 6 de agosto de 1995 do *Público*, na página 37, o artigo "Novas manifestações na Baixa do Porto – Em nome do Coliseu", com uma foto dos conflitos e a legenda "Confronto entre crentes e descrentes na sexta-feira", relatava que duas jornalistas brasileiras haviam sido perseguidas pelo facto de serem brasileiras. O *Correio da Manhã*, por sua vez, noticiou "Confrontos de Coliseu põe PSP de prevenção", com o seguinte texto: "Fiéis da IURD envolveram-se sexta feira à noite em confrontos com opositores à venda do Coliseu do Porto àquela organização religiosa, quando saíam de uma sessão de culto, no Cineteatro Vale Formoso. Estes incidentes levaram a PSP a adoptar fortes medias de prevenção." (*CM*, 6 de agosto de 1995, p.7). A matéria do jornal *CM* conferia a ação dos confrontos aos "Fiéis da IURD", assunto não abordado no *Público*, e não mencionava o problema envolvendo as

jornalistas brasileiras.

O *Diário de Notícias* noticiou a mesma ocorrência com o título "População portuense descontrolada: Coliseu gera xenofobia" (p.23). O jornal noticiou a questão envolvendo as jornalistas brasileiras, mas o fez de maneira muito mais crítica que o *Público*, ao enfrentar a questão de forma clara e também com mais detalhes sobre o ocorrido, como se pode perceber neste trecho:

> "Pronunciar o sotaque brasileiro ou louvar a Deus em voz alta tornou-se perigoso. Pelo menos ontem era, em frente ao Coliseu do Porto, onde centenas de portuenses se concentraram para impedir a inauguração do novo templo da IURD. Espontânea ou não, certo é que, aos poucos, uma questão que se previa meramente jurídica deu lugar a uma onda xenófoba (...) Só a polícia que enviou para o local um corpo de intervenção, evitou o linchamento de quatro jornalistas brasileiros, enviados para cobrir o acontecimento e que foram confundidos com membros da IURD porque falavam português brasileiro. Apesar de se terem identificado como profissionais da comunicação social, não lhes serviu de nada e acabaram por ser levados para o hotel onde estavam instalados num carro-patrulha da PSP" (*DN*, 6 de agosto de 1995, p.23).

Este texto, produzido pelo *Diário de Notícias* reforça a ideia de como podem existir diversas formas de relatar um mesmo facto. Note-se como, neste exemplo em particular, cada um dos jornais escolheu uma forma diferente de abordar o mesmo assunto. No dia seguinte, *Cravo e Ferradura*, banda desenhada do *DN*, abordou o tema, com o personagem principal Cravo ao telefone e o diálogo que se segue:

> "-Estou sim? Quem fala?
> -Um inquérito: Se acha que os portugueses estão mais xenófobos?
> -Evidente que não! Que disparate. -É mesmo pergunta à brasileiro, pá!!"
> (*DN*, 7 de agosto de 2016, p.8)

O humor da banda desenhada destaca muito bem a percepção dos portugueses em relação à xenofobia e à discriminação: a negação de que tal exista. Alguns autores das ciências sociais salientam esse fenómeno de negação da discriminação (Jorge Vala, Cícero Pereira e Alice Ramos, 2006; João Policarpo 2011). Esta atitude também esteve presente na sondagem feita pelo jornal *Público*, a 15 de janeiro de 1992, em que muitos portugueses negavam a existência desse tipo de atitude e, no mesmo inquérito, davam respostas consideradas indiciadoras de alguma forma de discriminação.

O *Correio da Manhã* com um dia de atraso, relatou o ataque às jornalistas brasileiras, destacando: "Ironicamente, uma das visadas a jornalista Miriam Almeida, é correspondente, em Lisboa, do Globo e da revista Isto é, publicações que até se têm destacado por denúncias de supostas irregularidades da IURD" (*CM*, 7 de agosto de 1995,p.5). Apesar do reparo em relação às agressões, em nenhum momento o *CM* utiliza a expressão xenofobia ou discriminação. O *Público* utilizou uma nota para afirmar que a calma voltou ao Coliseu. No *Diário de Notícias*,

o colunista Pedro Arroja escreveu um texto opinativo discordante do editorial do jornal, com o título "O mercado da religião", em que usou vários exemplos económicos para tratar do assunto sob outra perspetiva, trazendo para a questão a alteridade também, ao fazer afirmações como "A Igreja Católica é hoje a maior empresa multinacional à face da terra" (*DN*, 7 de agosto de 1995, p.9).

No dia 8 de agosto, o *Público* mais uma vez divulga em primeira mão uma notícia importante sobre o caso: "Câmara do Porto proíbe manifestação da Igreja Universal" e, para justificar tal ato, coloca o depoimento da autoridade, o governador civil, Leite Castro: "Os ânimos estão muito exaltados com os recentes acontecimentos e queremos evitar irracionalismos e psicoses de massa, que é a coisa pior que pode haver" (p.8). Não existe qualquer crítica a tal atitude, por parte do jornal. No dia seguinte, o *Correio da Manhã* também segue a mesma linha editorial, com o título "Reino de Deus proibido de fazer manifestações" (*CM*, 9 de agosto de 1995, p.9).

O *Diário de Notícias* não aborda o assunto da proibição do governador givil e dá destaque às negociações do autarca Fernando Gomes com a seguradora Aliança UAP, com o seguinte título: "Coliseu a caminho do consenso" (p.6). O *Público* engloba no mesmo título três coisas diferentes no dia 9 de agosto: "SEC desafia Câmara do Porto, Gomes marca reunião com a UAP e a Universal mantém silêncio" (p.13). A forma como o título está construído sugere que foi a SEC que fez com que o presidente da Câmara do Porto, Fernando Gomes, marcasse a reunião com a UAP.

José Pacheco Pereira, no dia 10 de agosto de 1995, com o título "Uma guerra injusta", ataca fortemente o que aconteceu e também a narrativa que estava em curso sobre este tema. Além do título fazer referência à expressão “guerra justa”, que relaciona os combates pela fé com justiça, como sendo permitidos, ele ainda ataca a maneira como estavam contando essa história: "É suposto existir um conflito entre o Porto e a IURD, de um lado a cidade, do outro uma seita, de um lado o todo, do outro uma parte. A intolerância começa logo aqui, nas palavras, nessas perigosas coisas que são as palavras" (p.9). Por outro lado, no mesmo jornal, e com uma visão totalmente oposta, valorizando a peculiaridade da cidade e da batalha que ela trava, Victor Cunha Rego escreveu: "Quem pensa que o Porto foi empurrado pela «Católica» – tão desfalecida – vive noutra época. O Porto, às vezes, é mesmo uma nação" (p.32).

No *Público*, a presidente substituta da Câmara do Porto, Maria José Azevedo, escreveu “Contra os fantasmas”, uma resposta ao editorial da edição do dia 9 de agosto de 1995, na qual se defendia e defendia o titular Fernando Gomes. Houve também por parte do jornal uma

tréplica, questionando as atitudes da Câmara em relação à compra do Coliseu. Nos restantes dias, o jornal não aborda o assunto frontalmente, mas, por exemplo, na secção *Cartas ao Director*, aparecem vários textos com referências à questão. Novamente, António Barreto destoa da linha editorial do jornal, quando escreve, "a proibição pela Câmara do Porto, de uma manifestação de fiéis do Reino de Deus, foi um gesto inqualificável" (*P*, 13 de agosto de 1995, p.6).

O *Correio da Manhã* não dedicou muitas páginas ao caso neste período, apenas pequenas notas sobre a realização ou não da compra do Coliseu do Porto. O *Diário de Notícias* continuou com muitos textos opinativos, refletindo a diversidade de opinião em autores como Ricardo Leite Pinto com "A tentação totalitária no caso do Coliseu do Porto" (12 de agosto), Pedro Arroja com "Socialmente indesejáveis" (13 de agosto) e Vasco Graça Moura com "O funil" (16 de agosto).

No dia 17 de agosto os três jornais anunciaram uma solução do caso, por meio de um acordo realizado no dia anterior em uma reunião entre Fernando Gomes e a seguradora Aliança UAP. As manchetes dos três jornais demonstram as visões que estes meios de comunicação consolidaram sobre este caso. O *Correio da Manhã* publicou "Porto fica com Coliseu" (p.36), dessa forma a cidade adquire personificação e consegue ficar com a sala de espetáculos. O *Público*, com a capa "Fernando Gomes e a UAP chegam a Acordo: Coliseu, sociedade anónima." (p.1), celebra o acordo e destaca a criação de uma sociedade anónima. O *Diário de Notícias*, com o título "900 mil contos para tirar Coliseu ao Reino de Deus." (p.1), condiciona a solução, a partir da aquisição do montante de dinheiro para de evitar a compra do Coliseu.

A solução encontrada foi a promessa do autarca do Porto, Fernando Gomes, em formar uma sociedade anónima que arrecadaria o dinheiro equivalente à oferta da Igreja Universal do Reino de Deus. O *DN*, na edição do dia 17 (p.16), adiantava que esse processo deveria ser feito até dezembro, caso contrário a IURD ficaria com a casa de espetáculos. No dia 20 de setembro foi formalizada a associação Amigos do Coliseu do Porto, que teve como objetivo angariar os 900 mil contos para poder comprar o Coliseu. Ao longo desse período os mais diversos tipos de arrecadações foram praticados, como os provenientes de espetáculos, *pins*, doações pessoais e empresariais, entre outros.

Além de fazer uma série de reportagens sobre as formas de conseguir chegar ao montante pretendido, os jornais dedicaram-se a produzir artigos investigativos sobre a Igreja Universal do Reino de Deus com denúncias e acusações sobre a forma como esta instituição conseguia seus recursos. Na reportagem intitulada "Os mistérios da Igreja Universal", o

Público fornece uma explicação para nomear a IURD como seita, um debate forte nesse período:

> "A IURD continua a manter as características que permitem defini-la como seita, tanto no sentido do dicionário – doutrina ou sistema que afasta da crença geral – como no sentido comum, muitas vezes pejorativo, que a refere como sendo um grupo fechado, com regras próprias, que tende a agir em torno de objectivos inconfessáveis. A Igreja Universal fala a mesma linguagem das telenovelas e não é só na pronúncia, tão familiar aos ouvidos portugueses, que está a semelhança, mas também nas muitas vidas difíceis, muitas promessas fáceis de felicidade, a cumprir logo no fim da série." (*Público*, dia 27 de agosto de 1995, p.2)

A questão de ser seita ou não, para além da semântica, envolvia a estratégia de descaracterizar a IURD enquanto Igreja. No artigo, utiliza-se a definição do dicionário, ou seja, algo mais neutro e científico, para provar a tese de não ser uma Igreja. Outra associação interessante foi de que a linguagem da IURD era das telenovelas devido à sua pronúncia e enredos. Neste caso, o jornal não menciona, mas estava nas entrelinhas, que a pronúncia das telenovelas seria o "sotaque brasileiro". Como já foi dito, os maiores consumidores de telenovelas brasileiras são os portugueses. Neste outro artigo, "Igreja Universal da Rádio de Deus", surge a mesma questão em relação ao falar: "O confessionário tradicional é então substituído pelo telefone. Do outro lado da linha, até as 2h30 ou mesmo 3h da manhã, uma voz com sotaque brasileiro apela para todos aqueles que pensam em abandonar a vida. A IURD espera por todas as ovelhas perdidas." (*Público*, dia 24 de agosto de 1995, p.35).

O destaque da pronúncia brasileira e das telenovelas torna-se comum, associando a Igreja Universal do Reino de Deus a algo fantasioso e irreal. Igor Machado, sobre esta questão defende que "o sotaque ganha uma conotação de óbvia intenção de gerar uma emoção que engana, como nas telenovelas. Parece que a comparação entre a novela e a IURD é realmente poderosa, sempre no sentido do lamento pela invasão do espaço social português." (2009, p.165). A questão da invasão do espaço social português, salientada pelo autor, é muito importante e várias vezes foi tema de debates sobre a presença dos imigrantes brasileiros em Portugal.

7.9 Segunda parte: Eleições, embates e amigos.

> "Em Novembro do mesmo ano, depois da forte reacção contra a compra do Coliseu, o pior aconteceu: algumas salas de culto localizadas na zona metropolitana do Porto, especificamente na cidade de Matosinhos, foram destruídas por um grupo de adolescentes e alguns membros da Igreja Universal foram mesmo agredidos fisicamente." (Ruuth e Rodrigues, p.122.)

No dia 1 de outubro de 1995 foram realizadas eleições legislativas, com a participação do Partido da Gente. Este foi o segundo nome apresentado, já que o primeiro, Partido Social Cristão, foi rejeitado pelo Tribunal Constitucional. No jornal *Tribuna Universal*, financiado pela Igreja Universal do Reino de Deus, seu editor Luís Farinha negou qualquer ligação entre o Partido da Gente e a IURD. Entretanto, muitos dos membros deste partido eram funcionários da Igreja Universal do Reino de Deus, inclusive ele próprio e sua esposa. Por meio da leitura dos exemplares da *TU* do ano de 1995, de abril a setembro, constatou-se que houve artigos publicados que abonavam o Partido da Gente (PG), como neste exemplo: "Acabaram as férias, começaram agora os nervos dos políticos. Sobram os pequenos partidos, onde o Partido da Gente pode ser a grande surpresa, com uma campanha que pretende unicamente distinguir o PS do PSD."

Outro artigo produzido pela *Tribuna Universal* no período eleitoral, "Evangélicos contra o PS", coloca a hipótese de um boicote ao Partido Socialista, devido à sua atuação contra a Igreja Universal do Reino de Deus, e também faz uma reflexão sobre a política portuguesa, ao diferenciar PS e PSD, criticando os dois, para no final concluir com elogios ao Partido da Gente:

> "Por exemplo, avoluma-se o número de evangélicos que se dispõe a penalizar os socialistas nestas eleições, pelo comportamento de algumas câmaras onde detém a presidência para com as igrejas evangélicas.
> Mas nesta quebra não há só demérito do PS. Algumas correcções de estratégia do PSD estão já a estancar a hemorragia que, há meses atrás, parecia irremediável. A nova imagem de Fernando Nogueira é substancialmente melhor que a anterior, ao mesmo tempo que a apresentação da «obra feita» está a deixar o PS em maus lençóis. Enquanto o PSD mostra obras, o PS faz promessas. Afinal, 10 anos de governo não é tão desvantajoso como isso. Como se demonstra com este exemplo, pode até trazer benefícios.
> "Nota a reter nesta semana política foi a presença num dos telejornais da RTP do secretário geral do Partido da Gente, José Branco. Com contenção, soube reclamar para seu partido o direito à diferença e, sem se assumir contra o sistema, disse claramente que seu partido não vem a estas eleições com os objectivos dos partidos tradicionais. Não adiantou muito mais, deixando perceber que o seu *timming* ainda vem distante." (*Tribuna Universal*, 3 de setembro de 1995, p.8)

Note-se que não foram citados os nomes dos políticos, mas, por meio da pesquisa das fontes do período, podemos afirmar que se tratava dos autarcas Fernando Gomes e Narciso Miranda, ambos extremamente ativos no protesto contra a compra do Coliseu por parte da IURD, que, neste trecho deixa clara a sua insatisfação com a postura deles. Na conclusão desse artigo sobre a política portuguesa é feito um grande elogio ao Partido da Gente, enquanto partido novo e diferente. Por esses exemplos, de como o partido era abordado na *Tribuna Universal*, podemos concordar com a tese desse partido estar diretamente ligado à Igreja Universal do Reino de Deus (Ruuth e Rodrigues, 1999; Mafra 1999 e Oro 2004).

Esta estratégia de participar na vida pública do país não foi inédita. No entanto, a criação de um partido político, para participar nas eleições, foi a única vez que aconteceu na história da Igreja Universal do Reino de Deus. No Brasil, o peso eleitoral da IURD é forte, elegeu vereadores, deputados estaduais, deputados federais e senadores da república. O projeto de ter um partido político em Portugal foi construído visando influenciar e conseguir mais poder, mas não obteve sucesso. O Partido da Gente deixou de existir em 1999. Para Rodrigues e Ruuth os acontecimentos da segunda metade de 1995 não permitiram maior realização das ambições eleitorais da Igreja Universal Reino de Deus.

Mesmo com este fracasso no projeto, o PG obteve 8.279 votos na primeira vez que participou nas eleições. No meio de uma grande crise, e com muito destaque negativo na imprensa, foi uma demonstração de forte penetração da Igreja Universal do Reino de Deus na sociedade portuguesa. Esse resultado nas legislativas fortalece a opinião dos estudiosos que apontam para o sucesso da atuação da IURD jundo dos portugueses, desmistificando a visão de que ela seria forte devido apenas aos imigrantes.

Como foi mencionado anteriormente, houve uma grande campanha contra a Igreja Universal do Reino de Deus após o anúncio da compra do Coliseu do Porto. Houve uma grande mobilização dos meios de comunicação em torno do tema, que não tinha adquirido tanta repercussão até àquele momento. Vários espaços culturais semelhantes ao Coliseu do Porto foram adquiridos pela IURD mas sem as mesmas repercussões, como o cinema Império em Lisboa, por exemplo. Neste mesmo período, no Brasil, a Rede Globo de Televisão também fazia várias denúncias contra o bispo Edir Macedo e a Igreja Universal do Reino de Deus. Muitos materiais utilizados na imprensa portuguesa foram produzidos pelos meios de comunicação brasileiros e reproduzidos em Portugal.

No dia 9 de novembro de 1995, na cidade de Matosinhos, no Centro Comercial de Newark, na sala do antigo cinema York, os fiéis da IURD estiveram cercados e foram insultados por mais de dez horas. Este foi o maior tumulto que envolveu os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus e parte da sociedade portuguesa, mas não foi o único. Em 27 de outubro, o local onde eram celebrados os cultos da IURD na Póvoa de Varzim sofreu ataques e o jornal *Público* concluiu assim a notícia desse ataque: “não há um único vidro inteiro” (p.20). Os outros dois jornais não noticiaram tal ataque.

Desde o anúncio da compra do Coliseu dos Recreios por parte da Igreja Universal do Reino de Deus que o presidente da Câmara de Matosinhos, Narciso Miranda, protestava contra a presença dessa instituição em Portugal. Além dessa oposição, houve uma disputa judicial movida pelo autarca para retirar a IURD do Centro Comercial. No dia 4 de novembro,

o *Correio da Manhã* informou que uma onda de assaltos era atribuída aos fiéis da IURD, de acordo com os comerciantes. No dia 8 de novembro, foi notícia nos três jornais a vitória da Câmara de Matosinhos no processo judicial, autorizando o fechamento de dois locais da IURD na cidade.

Como podemos demonstrar, houve um crescendo de problemas envolvendo a Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal neste período, principalmente no centro e norte do país: também houve problemas em Gondomar, Caldas da Rainha, Vila Nova da Barquinha, Braga e Coimbra. Estes diversos embates foram amplamente divulgados e por vezes estimulados pela própria imprensa.

Se, por vezes, a estratégia da IURD foi devolver os ataques da mesma forma, no caso do Cinema York, a postura adotada foi outra, os fiéis e o bispo Marcelo não reagiram. Esta postura passiva foi salientada por Clara Mafra como um dos pontos de viragem da Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal: "as fotos que saíram nos jornais sobre o conflito no Centro Comercial York em 12 de novembro de 1995 mostravam uma multidão agressiva e intempestiva a cercar um grupo de religiosos circunspectos e disciplinados. Neste caso, as imagens registaram atitudes de xenofobia dos moradores de Matosinhos, e não, como desejavam os comerciantes e seus aliados, dos «fanáticos da seita do Reino»" (Mafra, 2002, p.203).

A repercussão desse ataque sofrido em Matosinhos foi realmente muito favorável à IURD. O presidente da República, Mário Soares, e o primeiro-ministro, António Guterres, pronunciaram-se em defesa da liberdade religiosa em Portugal, no dia 13 de novembro, de acordo com o *Diário de Notícias*. O diretor do *Público* no Porto, José Leite Pereira, sentenciou seu desagrado dessa forma: "não há nada pior para quem está em casa sentado no sofá, pior mesmo do que qualquer concurso televisivo, qualquer escova de dentes, do que um bispo João Luís ou José Carlos com sotaque de telenovela a dar-nos mediáticas lições de civismo." (*Público*, 11, de novembro, 1995, p.4)

Neste trecho, além de retomar a expressão "sotaque de telenovela", o autor protesta por ter de ouvir lições do bispo, demostrando a sua indignação por ter de concordar com o membro da IURD. O jornal *Público*, no dia 15 de novembro, fez um editorial muito incisivo, assinado por José Queirós, com o título "Distinguir":

> "Quanto à violência organizada, à intolerância e xenofobia não há razões a atender: são crime contra a liberdade e a civilização, e o primeiro dever de quem representa as populações é condená-los sem hesitar. Ora acontece que não é por ter sido perseguida nas ruas que a igreja passa necessariamente a ter razão nos conflitos judiciais que a opõe a várias autarquias. Como os afloramentos xenófobos na manifestação pró-Coliseu do Porto não tiraram razão aos portuenses que quiseram evitar a morte da sua principal sala

> de espetáculos. Quem não tem razão nenhuma é quem substitui o confronto democrático, pela selvajaria, ou que tem dificuldade em perceber a diferença" (*Público*, 15 de novembro, 1995, p.20).

O jornal condena a violência cometida e assume pela primeira vez que houve um caráter de intolerância e de xenofobia nos atos contra a IURD. Ao contrário de outros textos, o *Público* não usa a palavra "seita" e escolhe dessa vez "igreja". Mas deixa claro que os ataques sofridos em nada alteram a situação da Igreja Universal do Reino de Deus nas disputas com as autarquias ou na questão do Coliseu. Retoma a narrativa da disputa do Coliseu, para ressaltar a "razão" dos portuenses que lutaram contra a "morte da sua principal sala de espetáculos". Esta construção de argumentação de «nós» contra os «outros» expõe uma grave fragilidade: havia muitos portuenses que frequentavam a IURD no Porto, já que o Coliseu do Porto tinha sido utilizado pela Igreja Universal do Reino de Deus em diversas oportunidades para os seus grandes eventos.

Os três jornais, em novembro e dezembro, mudaram o foco principal: deixam de lado as acusações contra a forma de atuar da IURD e destacam a campanha para arrecadação de dinheiro para comprar o Coliseu. O *Púbico* escreveu nove artigos, o *Correio da Manhã* escreveu sete artigos e o *Diário de Notícias* escreveu três artigos. Todos eles versavam sobre a mobilização dos mais diversos setores da sociedade para alcançar o valor pretendido, desde a venda de *pins* até ao destaque dado aos empresários que assinaram um protocolo de comprometimento com a causa.

A Associação Amigos do Coliseu (AAC) foi legalizada em 16 de novembro e, a partir desse momento, foram notícia o número de sócios, de amigos ou quantias estimadas de dinheiro angariado nos mais variados eventos. Em relação aos valores, comparando as informações produzidas pelos jornais, eram bem diferentes. O *Diário de Notícias* foi o primeiro a noticiar que o negócio poderia ser concretizado por uma quantia inferior a 900 mil contos e que a AAC já possuía 400 mil contos (18 de novembro de 1995, p.36). O *Público* estimou em 400 mil contos, no dia 6 de dezembro de 1995 (p.29), e, no dia 20 de dezembro de 1995, o *Correio da Manhã* garantiu que já se tinha arrecadado 510 mil contos (p.32).

O *Diário de Notícias*, no dia 22 de dezembro, escreveu: "chegou-se aos 700 mil e cogita-se pagar o resto em prestações, até ao fim do ano" (p.22). Este mesmo jornal, apenas doze dias depois, no dia 3 de janeiro, anunciou, "Associação só reuniu 450 mil dos 900 mil contos necessários. Dia D para o Coliseu" (p.18). Não houve, por parte do jornal, qualquer reconhecimento de que a informação que foi publicada no dia 22 estava errada. O *Público* foi o meio de comunicação que mais espaço dedicou à divulgação das ações da Associação dos

Amigos do Coliseu, porém realizou apenas uma estimativa de arrecadação. O *Correio da Manhã* também apresentou somente um artigo sobre o valor alcançado, mesmo tendo divulgado muito a mobilização em torno da causa.

Como foi abordado no capítulo cinco, a associação entre a IURD e o sentimento identitário de ser brasileiro, não existe. Uma parcela da sociedade brasileira se identifica com a religião proposta pela Igreja Universal do Reino de Deus, mas esta percentagem não representa a maioria dos brasileiros. No caso da compra do Coliseu, o jornal *Sabiá* não noticiou nenhum dos acontecidos, optando assim pelo silêncio público sobre o tema. Contudo, no seu arquivo, existe uma longa coleção de documentos e, entre a enorme diversidade de séries, existe uma intitulada Igreja Universal, com recortes e fotocópias de matérias produzidas pelos mais diversos meios de comunicação, tanto do Brasil como de Portugal, desde 1992 até 1997. Mesmo com todo esse longo dossier, o *Sabiá*, ao longo de todo esse período, escreveu apenas uma vez sobre a IURD, citando uma frase do bispo Edir Macedo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus: "Não posso falar em números. A Bíblia ensina que Davi cometeu um grande erro e vejo uma maldição sobre o povo judeu porque ele contou o número de pessoas que compunham Israel." Edir Macedo, ao ser perguntado sobre o patrimônio da IURD, na Veja" (Pérolas e porcos, *Sábia*, dezembro-março, 95-96). Tanto o *Sábia* quanto a *Veja* estavam, naquele momento, a se posicionaram contra a IURD e contra Edir Macedo.

No dia 4 de janeiro de 1996, os três jornais aqui estudados apresentaram nas suas capas o desfecho dessa questão. A Associação Amigos do Coliseu conseguiu fechar um acordo com a seguradora Aliança UAP e as ações do Coliseu do Porto foram vendidas. O *Correio da Manhã* publicou "PORTO SALVA O COLISEU: Coliseu fica entre amigos" (4 de janeiro de 1996, p.1), o *Público* "Associação de Amigos e UAP chegaram a acordo. O Coliseu é do Porto" (4 de janeiro de 1996, p.1) e o *Diário de Notícias* "Porto compra Coliseu por 680 mil." (4 de janeiro de 1996, p.1). Em todas as manchetes dos jornais, há uma referência à cidade do Porto, enquanto possuidora de características humanas, ao salvar, ter e comprar o Coliseu. Essa narrativa da vitória do Porto contra a Igreja Universal do Reino de Deus, como destacámos, exclui a possibilidade de um portuense comungar da crença religiosa da IURD.

7.10 Conclusão - Compra do Coliseu do Porto

Analisando as notícias dos jornais durante esse processo podemos perceber como a

tentativa de compra da sala de espetáculos Coliseu do Porto mobilizou boa parte da sociedade portuguesa. Em alguns eventos e/ou nas matérias jornalísticas houve alguns exageros por parte dos meios de comunicação, gerando conflitos físicos, demonstrações de xenofobia e discriminação. Como foi demonstrado, o *Público* abordou com mais artigos a questão e o *Diário de Notícias* neste caso foi o jornal com maior espaço para o contraditório. Vários autores desse jornal questionaram a cobertura jornalística realizada pelos *media*. O *Correio da Manhã*, por sua vez, foi o que noticiou menos esse evento, talvez devido aos seus eleitores serem de classes menos instruídas, possivelmente devia ser o jornal com maior número de leitores que acreditavam na Igreja Universal do Reino de Deus.

Por meio da pesquisa de outras fontes para enriquecer a análise sobre a atuação da IURD em Portugal, foi encontrada uma revista, *20 anos Universal*, publicada em março de 2010, numa edição comemorativa dos 20 anos dessa igreja no país. E, em contraste com a tese de Ruuth e Rodrigues, que consideram 1995 o pior ano da Igreja Universal do Reino de Deus (1999), a narrativa por ela produzida sobre o seu passado foi a seguinte:

> "Em 1995, foi realizada uma manifestação no Coliseu do Porto, isto devido à possibilidade de a IURD comprar o Coliseu. Neste dia, várias pessoas se dirigiram ao local para demonstrarem o seu desagrado. Ali encontravam-se políticos, actores e artistas que defendiam o Coliseu do Porto como símbolo cultural da cidade. No entanto, o descontentamento da população foi tão grande que os pastores foram agredidos de forma muito violenta, assim como as suas respectivas esposas. Actos estes que colocaram a vida de muitos pastores em risco, comprovando que o seu amor pelas almas é maior, ao enfrentarem estas represálias.
> HOJE
> No entanto, anos depois, após ter passado por várias humilhações e agressões, a IURD dá a volta por cima" (p.15).

Neste trecho, escrito em março de 2012, vemos como este acontecimento foi marcante também para Igreja Universal do Reino de Deus e como ela utilizou o que aconteceu para sublinhar a sua situação de vítima, destacando também a coragem dos pastores que resistiram às agressões. Existe ainda nessa narrativa a construção de um passado que foi ruim e depois foi superado. Por outro lado, Mafra sugere um outro olhar sobre estes acontecimentos, utilizando os números de templos como parâmetro de crescimento da instituição: "tanto que em 1994 ela tinha treze salas em todo o país, e em 1999 já chegava a mais de noventa lugares. Isto significa que, tanto como no Brasil, os embates espetaculares entre imprensa e igreja pareciam provocar o resultado inverso do previsto: de 1995 em diante [...] a igreja cresceu exponencialmente" (2001, p. 9).

Conforme abordado no capítulo cinco, a expansão da Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal revelou-se, para Ariel Oro (2004), um modelo de sucesso. A presença marcante dessa instituição religiosa no país, por meio dos templos, rádios e canais de

televisão, fortalece a argumentação deste autor em relação ao êxito do projeto. Independentemente da visão escolhida, houve uma grande mobilização na sociedade portuguesa em função da Igreja Universal do Reino de Deus em 1995. Devido ao facto de a sua fundação ter sido feita por um brasileiro e a maioria dos seus pastores e bispos serem também brasileiros, criou-se uma associação entre brasileiros e os fiéis da IURD. Todavia , essa ligação não encontrou verosimilhança na sociedade brasileira, mas ao longo do período estudado, se tornou um estereótipo comum pensar nos iurdianos como sendo os brasileiros.

OITAVO CAPÍTULO: DÉCADA DE 2000

8.1 – Mães de Bragança e as meninas brasileiras

> Não foram poucas as mulheres brasileiras, por exemplo, que, me relataram situações em que foram assediadas sexualmente (uma humilhação) por portugueses que não conheciam, mas que ao identificá-las como brasileiras pelo sotaque, imaginavam poder admoestá-las pelo facto de afinal serem brasileiras. (Machado, 2009, p.58)

Neste capítulo pretendemos fazer um estudo de caso centrado nos acontecimentos desencadeados pelo *Manifesto das Mães de Bragança*. Por meio do confronto das notícias de três periódicos – *Correio da Manhã, Diário de Notícias* e *Público* – identificaremos as diversas construções de narrativas sobre este evento e as identidades criadas por estes jornais relativos às mulheres brasileiras. Após essa análise de parte da imprensa de grande circulação, investigaremos as disputas e negociações de identidades avançadas por outros meios de menor tiragem: *Sabiá, O Brasileirinho*, *Boletim Informativo* e *Folha Universal.*

Em 30 de abril de 2003, na cidade de Bragança, no nordeste português, quatro mulheres entregaram às autoridades locais - Governo Civil, Polícia de Segurança Pública e Presidente da Câmara - um manifesto intitulado *Mães de Bragança*[110]. Nele exigia-se às autoridades que impedissem a onda de "loucura" na cidade, causada por prostitutas brasileiras que estavam "enlouquecendo" os seus maridos.

O caso ganhou repercussão nacional no dia seguinte e as reportagens escritas foram

[110] Não foi possível a localização da versão original do texto apresentado às autoridades; existe apenas a reportagem realizada pela Lusa, a agência portuguesa de notícias.

baseadas no boletim da agência Lusa de informação. Na sequência disso, diversos meios de comunicação trouxeram Bragança e a prostituição às primeiras páginas. O interesse mediático sobre o tema traduziu-se em conteúdos jornalísticos em diversas áreas: matéria de capa, dossier, pesquisas *online* e colunas sobre o assunto ganharam as páginas dos jornais. Este foi um momento histórico da imigração brasileira para Portugal, especialmente para as mulheres, com uma enorme repercussão ao longo do ano de 2003[111].

A 14 de outubro de 2003, a capa da versão europeia da revista *Time* conferiu ao assunto uma repercussão internacional, com o título "Novo bairro vermelho da Europa", uma fotomontagem do centro histórico de Bragança e uma prostituta dividindo o mesmo espaço. A alusão ao conhecido bairro de prostituição de Amesterdão (Red Light District) era óbvia. Oito páginas foram dedicadas ao tema. No dia seguinte, os jornais reviveram um tema que tinha andado esquecido nos últimos meses. O que chamou principalmente a atenção foi a reação da população da cidade contra este artigo da revista que, no entanto, não trazia nenhum "furo" jornalístico.

Outro factor que contribuiu para a nova atenção dada à questão foi a declaração de José Luís Arnaut, ministro-adjunto do primeiro-ministro Durão Barroso, de que retiraria o patrocínio do Estado Português à divulgação do Euro 2004 nas páginas da revista. No fim do artigo da *Time* sobre Bragança havia uma peça publicitária que dizia: "Em Portugal o melhor do jogo é o prolongamento". A conjugação do trabalho sobre a prostituição e o anúncio governamental com este *slogan* possibilitavam outra interpretação, a de que o Estado português estaria promovendo o turismo sexual.

Estes dois momentos relacionados, o *Manifesto das Mães de Bragança* e a capa da *Time*, são constantemente citados quando se aborda a questão das mulheres imigrantes brasileiras em Portugal (Pontes, 2004, Cabecinhas 2007, Padilha 2008, Gomes 2013). Mas não existe uma análise profunda orientada para as fontes jornalísticas da época[112]. Na tentativa de cobrir essa lacuna e melhor perceber os desdobramentos históricos deste importante momento na história da imigração brasileira em Portugal[113] propomos, por meio

[111] Casos como o da Casa Pia, com denúncias sobre pedofilia, ou o de Fátima Felgueiras, política portuguesa que fugiu do país para escapar de um processo sobre corrupção, foram deixados de lado em alguns momentos em função das "brasileiras" que estavam "enlouquecendo" os maridos portugueses.

[112] Em relação aos meios de televisão, um trabalho exemplar é o de CUNHA, I. F. (2005), "A mulher brasileira na televisão portuguesa", em Actas dos III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO, Editora Universidade da Beira Interior, disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-a-mulher-brasileira-na-televisao-portuguesa.pdf. Consultado em 10.06.2014.

[113] Foram selecionados três jornais diários de grande circulação na área metropolitana de Lisboa: *Diário de Notícias* (*DN*), *Correio da Manhã* (*CM*) e *Público* (*P*). Além desses três jornais, foi analisada a produção de outros quatro meios impressos distribuídos gratuitamente que circulavam entre os imigrantes brasileiros neste período: os jornais *Sabiá* e *Folha Universal*, bem como as revistas *O Brasileirinho* e *Boletim Informativo.*

da leitura dos artigos sobre o tema, historicizar a repercussão destes acontecimentos na imprensa.

Com isso, não se está atribuindo poder à imprensa, muito pelo contrário, estamos reforçando a ideia que esta é uma das possibilidades, mas existem outros meios de comunicação[114]. Nesta pesquisa buscou-se analisar a produção jornalística, perceber como foi produzida a informação e como aqueles atores investigados e descritos nos outros capítulos reagiram ao jogo de identidades nesse momento de elevada intensidade na sociedade portuguesa[115]. A metodologia utilizada para a análise destes jornais e revistas corrobora a historiografia da imprensa, que põe em causa a ideia de neutralidade dos meios impressos, por entender que existe sempre um relato dos factos, e que este é feito a partir de escolhas do repórter e também da linha editorial.

8.2 - Jornais e o caso das Mães de Bragança

> "Estas Mães de Bragança não se deram conta de que estamos numa sociedade de livre mercado. (Eduardo Prado Coelho, *P,* 2 de maio, 2003, p.5)
>
> "As meninas de Bragança tiveram a particularidade de chegar aos jornais pela nacionalidade... são na sua grande maioria gente vítima da pobreza extrema do Brasil profundo, pagando com o corpo na Europa o seu Eldorado. Gente que não raro acaba presa nas teias da pior escravatura... e cujo poder de denúncia dessa situação é quase nulo." (*P,* 20, de outubro de 2003, p.6)

Existem dois momentos distintos em relação às Mães de Bragança. O primeiro foi quando saiu o *manifesto*, em 30 de abril de 2003; o outro foi quando a revista americana *Time* estampou o assunto na sua capa no dia 14 de outubro de 2003. Para este estudo a cronologia foi definida da seguinte forma: o início das leituras sistemáticas dos jornais começou em 1 de abril de 2003 (mês anterior à divulgação do *Manifesto das Mães de Bragança*) e o final foi coolocado em 28 de fevereiro de 2004, quando as três maiores casas de alterne (assim chamadas por as mulheres irem alternando no contacto com os homens) são fechadas em Bragança com a prisão de dois dos seus proprietários e a fuga de um terceiro.

O nosso intuito foi perceber como as opiniões e a frequência deste tema se foi desenvolvendo nestes três matutinos com linhas editoriais diferentes. Após a leitura cuidadosa de todos os exemplares produzidos neste intervalo, realizámos uma sistematização de

[114] Para além desta questão, concordamos que existem ainda as diversas formas de leitura que se podem realizar, devido a caraterísticas do leitor, como defende Roger Chartier (1996), um dos maiores especialistas no tema.
[115] Outra pesquisa também importante seria descobrir como estas notícias foram lidas e percebidas pelos imigrantes, contudo esta questão não faz parte deste trabalho.

informações para auxiliar na interpretação. A tabela abaixo foi resultado dessa pesquisa:

Meses	***Correio da Manhã***	***Público***	***Diário de Notícias***
Abril	3 dias	0	0
Maio	13 dias	6 dias	4 dias
Junho	9 dias	2 dias	0
Julho	7 dias	1 dia	1 dia
Agosto	6 dias	2 dias	0
Setembro	2 dias	1 dia	2 dias
Outubro	10 dias	7 dias	5 dias
Novembro	3 dias	2 dias	2 dias
Dezembro	4 dias	1 dia	0
Janeiro	1 dia	1 dia	2 dias
Fevereiro	4 dias	3 dias	2 dias

Quadro 15 Matérias sobre prostituição de imigrantes brasileiras 2003-2004.

Identificamos o número de vezes em cada mês em que a questão da prostituição e das imigrantes brasileiras foi abordada dentro do respetivo jornal. Com caráter quantitativo apresentamos os números de forma bruta, sem fazer distinção se foi uma pequena nota sobre o tema ou uma matéria de três páginas. O objetivo da Tabela I foi demonstrar quantas vezes o assunto da prostituição das imigrantes brasileiras foi abordado nestes jornais, durante esse período. Também foi realizada uma análise detalhada do conteúdo das matérias dos jornais.

A primeira reportagem sobre o *Manifesto das Mães de Bragança* aconteceu no dia seguinte à sua divulgação. No dia 1 de maio, os três jornais publicaram uma nota sobre o tema. Devido possivelmente à localização de Bragança no interior do país, nenhum cobriu no local a divulgação do *Manifesto*. Todos recorreram à agência de comunicação Lusa para noticiar o caso e, em função disso, não houve diferenças entre os relatos dos três jornais. Só o *Diário de Notícias* citou a repórter da agência, Helena Fidalgo.

O *Correio da Manhã* foi o jornal que mais se dedicou ao assunto, devido às suas características editoriais. ser um jornal de fácil leitura, pequenos textos, muitas fotos e com um forte apelo às camadas mais populares, num formato definido por Willy Filho como tabloide (2006). O jornal deu grande relevo ao tema da prostituição ao longo do período analisado. A atuação das autoridades policiais em relação a essa atividade foi igualmente muito tratada nesse período, ocupando diversos espaços dentro da sua divisão editorial, entre eles *Casos de Polícia, Sociedade, Actualidades, Votação online, Portugal, Correio do Leitor*, matéria de capa e *Aqui e agora*.

O *Público*, por sua vez, foi o segundo que mais abordou a questão, além das notas

breves sobre ações policiais, já anteriormente mencionadas. Destacamos principalmente os textos assinados por cronistas e as repostas dos leitores. Os cronistas Eduardo Prado Coelho, Helena Matos e Graça Franco escreveram várias vezes sobre o assunto, mostrando que existiu na sociedade portuguesa uma movimentação em torno deste tema em todas as áreas. Não só nos jornais populares e também não só na área destinada às notícias policiais, fenómeno que também se repetiu no *Diário de Notícias*.

O *Diário de Notícias* dedicou menos atenção inicial ao caso. Contudo, na sua edição dominical de 11 de maio, produziu uma série de artigos com cinco páginas exclusivamente sobre a questão. Em relação aos três jornais analisados, foi o *DN*, com este *Dossier*, que mais páginas consagrou ao assunto. A sua linha editorial escolheu aprofundar os textos dedicando mais tempo à investigação.

Para melhor abordar a questão e perceber como a situação foi evoluindo dentro dos noticiários, no anexo III foi feita uma tabela detalhando os artigos publicados por cada um dos três jornais com a data da sua publicação. Em relação aos conteúdos, houve uma diferença muito grande na forma como os artigos dos jornais focalizaram o problema e exploraram estes temas.

O *Correio da Manhã*, por exemplo, focou-se principalmente na questão da fiscalização das casas de alterne e nas ações policiais contra o crime de lenocínio[116]. Na edição de 4 de maio, a secção *Votação online* teve como título "Bares de Alterne: As mulheres têm razão em defender a família contra a prostituição?" (p.2). Como sempre sucede nesta secção, a pergunta era acompanhada por dois pequenos textos: um intitulado "Sim", assinado pelo editor executivo, Armando Esteves Pereira, e outro intitulado "Não", escrito pelo editor de sociedade, Paulo João Santos. Nenhum dos textos cita ou trata da nacionalidade das prostitutas, apenas mencionam a prostituição.

No segmento *Sociedade* do *CM*, na página 13, é publicada um longo texto com o título "Sexo – tentações brasileiras em Trás-os-Montes". A matéria se resume a entrevistar quatro pessoas: dois homens portugueses que utilizavam os serviços da prostituição, uma portuguesa abandonada pelo marido e uma prostituta brasileira. O artigo reflete o discurso da "Mães", culpabilizando as prostitutas brasileiras, como se pode ler na abertura reproduzida abaixo:

> "A vida de R.E., empresário e detentor de uma fortuna considerável, virou do avesso a partir do momento em que se apaixonou por uma brasileira, que trabalhava num bar de alterne na região de Chaves. Casas, carros, dinheiro, tudo voou. Com as dívidas a

[116]Em Portugal, desde 1983 que a prostituição deixou de ser crime. Porém, o ato de ganhar dinheiro com a venda do corpo ou parte dele por outra pessoa é crime de lenocínio. O praticante desse crime é popularmente chamado de chulo em Portugal (cafetão no Brasil) e incorre numa pena máxima de oito anos de prisão, de acordo com o Artigo 169.º do Código Penal português.

> aumentar, abandonou a família e fugiu para a Suíça, porque a sua vida corria perigo, com tantos credores à porta.
> O caso de R.E. está longe de ser o único e de se confinar à zona de Chaves. Ainda esta semana, um grupo de 'mães' de Bragança pôs a circular um abaixo-assinado pedindo às autoridades ajuda para "salvar" a cidade da "onda de loucura" provocada por imigrantes brasileiras a trabalharem nos bares de alterne" (*CM*, 4 de maio de 2003, p.13).

Após a introdução à história triste do empresário na primeira parte, o segundo parágrafo defende e justifica o *Manifesto das Mães de Bragança* contra as imigrantes brasileiras. A entrevista com a alegada prostituta brasileira, L.F., segue o mesmo estilo, desculpabilizando os homens, como se pode ver neste trecho: "Somos preparadas para encher a cabeça dos homens de ilusões. Para nós eles são apenas, dinheiro, dinheiro, dinheiro, mais nada. Sentimento? … Se eu fosse homem nunca iria gastar fortunas a uma casa de meninas, porque tudo não passa de uma ilusão" (p.13). Nesta cobertura inicial do *CM*, como demonstram estes dois exemplos, as prostitutas brasileiras são colocadas na posição de vilãs, manipulando os homens portugueses que, iludidos, deixavam suas esposas e desbaratavam o seu dinheiro.

No jornal *Público* houve dois momentos distintos em relação ao tema. O primeiro envolveu uma crónica de Eduardo Prado Coelho, que gerou uma série de desdobramentos, e o segundo foi quando o jornal realizou a reportagem em Bragança. Nessa reportagem, publicada no dia 3 de maio, a jornalista Ana Fragoso entrevista o Governador Civil de Bragança, José Manuel Ruano. A autoridade defende que "o fenómeno não tem a dimensão que se lhe pretende dar" e promete medidas em relação à questão da prostituição. Não houve neste trabalho qualquer referência à nacionalidade das prostitutas, apenas o relato de que existiam na cidade dez estabelecimentos de diversão noturna. No final do artigo existe ainda o depoimento de Alice Suzano, do Movimento Democrático de Mulheres, defendendo que as prostitutas também são vítimas exploradas.

No dia 2 de maio, Eduardo Prado Coelho escreveu em sua coluna, *O fio do horizonte*, o texto intitulado "Mães de Bragança", destacando a semelhança dessa história com os enredos de uma telenovela brasileira. Usando de muita ironia, o escritor e ensaísta questionava a contradição entre um movimento que se intitulava de mães mas que reclamava do papel dos maridos. Além disso, fez uma analogia entre a sociedade de livre mercado e os "serviços" oferecidos pelas "mães" e pelas "prostitutas". Conclui dessa forma o seu texto: "A cabeça perdida dos homens de Bragança só pode ter uma solução liberal: que as mulheres de Bragança dêem uma volta sobre si mesmas." (*P*, 2 de maio de 2003, p.6).

No dia 6 de maio, na secção *Cartas ao Director*, foi publicado um texto de uma leitora

do Porto, chamada Maria Abreu, que contestava a crónica de Eduardo Prado Coelho. O título da resposta foi o mesmo, "Mães de Bragança" e o texto estava dividido em duas partes: na primeira, Maria Abreu fazia um resumo das ideias do texto de Eduardo Prado Coelho e, na segunda, criticava da seguinte forma as ideias do autor:

> "Sabemos que a prostituição (uma ferida viva numa civilização que se pretende avançada) é largamente aceite, em nome de uma plena liberdade para cada ser humano escolher o seu caminho, mas, até hoje, não me tinha dado conta (distração minha?) que personalidades de reconhecido valor intelectual e de quem seria legítimo esperar uma postura de tolerância, sim, mas também de humanismo, de não valorização no que concerne a comportamentos que em nada dignificam o ser humano, considerem as mulheres que se dedicam à prostituição como "iluminadas". E detentoras de uma mais-valia quando confrontadas com essoutras que, destituídas de sagacidade, de imaginação, não passam de mães.
> Será uma utopia e falta de lucidez acreditar que a família é ainda a primeira e mais importante escola onde a semente de valores estruturais marcarão para sempre a criança que tem direito a pais atentos, esforçados, e a um ambiente são, equilibrado, onde os afectos e não as guerras pontifiquem?" (*P*, 6 de maio de 2003, p.5).

Na edição seguinte foram publicadas duas repostas ao texto de Maria Abreu, uma do próprio autor Eduardo Prado Coelho, que dedicou mais uma coluna como tréplica, e outra de uma leitora de Lisboa, Alexandra Coelho, que escreveu motivada pelo texto da leitora do Porto e que defendeu a crónica de Eduardo Prado Coelho:

> "O acompanhamento do caso "Mães de Bragança" tem-me provocado um sorriso. Primeiro, o caso em si, despoletado por quatro mulheres com medo que os maridos lhes fujam. Depois, pela reposta de Eduardo Prado Coelho, uma resposta com a qual eu, mulher e mãe, concordo plenamente. Agora, com uma carta que li de uma leitora do Porto, Maria Abreu.
> Bom, falar dos valores da família, como o faz esta senhora D. Maria Abreu, soa-me tanto a falso!! Quer isto dizer que os maridos destas "mães de Bragança", se não estiverem perto de prostitutas, serão maridos exemplares? Queria vê-los a morar numa cidade maior, onde a prostituição existe em maior número (é bom que nos habituemos a conviver com ela, porque a prostituição existe e ponto final!) Era uma correria!
> Parecem-me muito falíveis os valores de uma família deste género. Era isso que a sra. D. Maria Abreu queria dizer, com sua carta ao PÚBLICO? Pois, na minha opinião, que pena estas senhoras de Bragança terem uns maridos tão "influenciáveis! pelo que está mais perto deles! Que fracos esses homens! Que frágeis estes valores familiares!" (*Público*, 7 de maio de 2003, p.4).

Com muita ironia, a leitora lisboeta aponta as contradições do *Manifesto* e da leitora portuense que defendeu os valores da família contra a prostituição. Na página ao lado do seu texto surgia a crónica de Eduardo Prado Coelho, com o título "O nome de amor":

> "É sempre bom o diálogo com os leitores. Nalguns casos, previsível. Ao escrever a crónica "As mães de Bragança" sabia que comprava uma polémica – tácita ou explícita. Foi assim que sucedeu. O PÚBLICO de ontem publicava uma carta de Maria Abreu, do Porto, que de certo modo, se colocava no pólo oposto a um "mail" de Paula S., que também, entre outros, recebi. Paula S. censurava-me por ter sido tímido (ou demasiado preso ao ponto de vista masculino) nas minhas considerações. (…)
> A escola tem orientação. A família tem orientação. A política tem orientação. Mas o

> amor/paixão não. É preciso "deixar espalhar sobre a mesa todas as letras do nome de Amor" (7 de maio de 2003, p.5).

Não existe retratação por parte do autor em relação às críticas feitas pela leitora Maria Abreu. Ao contrário, ele destaca um *e-mail* de uma outra mulher que o criticou pela sua timidez ao abordar a questão de um ponto de vista masculino. No segundo parágrafo, Eduardo Prado Coelho faz uma longa exposição sobre o amor e a orientação.

O *Diário de Notícias* não deu muita repercussão inicialmente. Mas após 11 dias do acontecido, publicou um artigo de 5 páginas sobre a questão, chamado "Portugal, Cravo e Canela", uma referência clara à obra do escritor brasileiro Jorge Amado, *Gabriela, Cravo e Canela*. Esta associação não foi casual. Levando em conta o tempo que demorou para este especial ser publicado, houve a intenção clara de associar as duas coisas. Segundo o estudo de Isabel Cunha, *A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal*, a telenovela produzida pela Rede Globo foi marcante em todo o país por vários motivos, destacando entre eles:

> "As imagens da mulher apresentadas nesta telenovela dão origem a uma discussão sobre a sensualidade exacerbada das mulheres nos trópicos - um tema recorrente na mitologia portuguesa - proporcionando, quer um espaço para novos valores e padrões estéticos, quer uma ruptura com os modelos/estereótipos tradicionais da sexualidade e sensualidade das mulheres portuguesas. Gabriela, Glorinha, Malvina, Jerusa, Maria Machadão e as meninas do Bataclã apresentam, não só os novos modelos estéticos de mulher, como éticas de comportamento feminino, fundados na valorização das características físicas e intelectuais, mensagens que as mulheres portuguesas, sobretudo as adolescente e mais jovens, irão copiar, não só no comportamento como nos penteados e nas roupas" (Cunha, 2003, p.97).

Foi por todos estes motivos históricos que, em 2003, a linha editorial do *Diário de Notícias* fez referência à obra de Jorge Amado, quando o tema era a prostituição de brasileiras em Portugal. Em outro estudo sobre a imagem da mulher nos meios de comunicação, Luciana Pontes utiliza o exemplo de Gabriela enquanto representação da imagem da mulher brasileira criada na sociedade portuguesa dessa forma:

> "A figura da mulata é central nestas representações de alteridade/identidade. "Triplamente subalterna, triplamente objecto de desejo: porque mulher, porque não branca, porque das classes populares"; sensual, sensorial, exótica, a mulata brasileira é "uma construção estética que mascara o processo político da sua construção". A mulher pobre não branca é produto de uma hibridização cujas linhas de poder são camufladas numa retórica dos afetos e dos sentidos, que essencializa as diferenças como justificativa para a desigualdade. Neste sentido, Gabriela representa simultaneamente uma localidade (Brasil) e um tipo de relações sociais brasileiras e das representações sobre elas feitas nos domínios «classe», «gênero» e «raça»" (Pontes, 2004, p.15).

Ainda sobre as telenovelas e a ligação destas à imagem da mulher brasileira, fácil ou acessível, representando maus costumes morais, temos mais um exemplo na cobertura deste caso. Numa crónica autobiográfica da repórter Isaltina Padrão, intitulada "Um mundo vedado

às mulheres", a autora conta que quando era pequena ia buscar o avô a este mundo proibido às mulheres, a casa de alterne, e faz uma crítica disso. Mas no final do texto acaba citando a avó que já dizia sobre as telenovelas: "Esta pouca vergonha ainda vai ser a desgraça de muitos lares" (*Diário de Notícias,* 11 de maio, 2003, p.4).

8.3 *Time* – e a repercussão internacional

> O destaque dado ao assunto é que nos devia fazer pensar: porque é que uma das revistas mais prestigiadas do mundo dedica a sua primeira página a um pequeno "caso" cujas proporções se devem unicamente ao epifenómeno parolo das "mães de Bragança"? (*P*, 16 de outubro, 2003).

Em relação aos dois eventos, o *Manifesto* e a capa da revista *Time*, o segundo teve uma repercussão muito maior na sociedade portuguesa. Analisando a Tabela I podemos perceber que o tema foi muito desenvolvido em maio, mas depois a questão foi deixada de lado. Em outubro, com o trabalho da *Time*, existe um envolvimento amplo não só dos meios de comunicação mas especialmente das autoridades em relação à questão. Esta tornou-se mais importante porque envolvia o olhar estrangeiro sobre o país. Como lembra Rui Ramos no livro *História de Portugal*, a perceção internacional sempre foi muito relevante para a sociedade portuguesa: "Em termos de valorização pública, muito continuou a passar pela mediação estrangeira." (Ramos, 2009, p.772).

Houve, segundo os relatos dos três jornais, uma indignação geral na cidade, em função da divulgação da história no âmbito europeu. Logo após a publicação da *Time*, um representante do poder estatal ameaçou a suspensão do pagamento da peça publicitária contratada pelo Estado para a divulgação do Euro 2004 na revista. No seguimento desta ameaça houve, segundo os jornais, um pedido formal de desculpa por parte da revista, uma vez que o mecanismo de aviso falhou, pois, de acordo com a justificativa dada pela direção da *Time*, quando pode existir um conflito entre um conteúdo jornalístico e uma publicidade, os clientes devem ser avisados. Contudo, não houve nenhuma correção do conteúdo escrito, o qual, de acordo com a direção da revista *Time*, era motivo de orgulho.

O *CM* conseguiu uma entrevista exclusiva com uma das quatro fundadoras do *Manifesto das Mães de Bragança*. Segue na íntegra a reprodução do título e do conteúdo da caixa com as palavras dessa "mãe":

> "Deixem-nos respirar e viver sossegadas"
> Foram quatro as mulheres que puseram em marcha o movimento "Mães de Bragança". A sua acção contra as prostitutas brasileiras e de outras nacionalidades, que "desviam" os maridos do lar, acabou por atrair, primeiro, as atenções dos portugueses e, agora, da

> comunidade internacional, através da revista "Time". Pelo facto de terem iniciado este processo, três dessas mulheres estão já divorciadas (situação que poderia ter ocorrido da mesma maneira caso o processo não tivesse vindo para a praça pública) e a quarta está com processo litigioso em tribunal depois de, após ter dado uma entrevista a um órgão de comunicação social, o marido se ter deslocado a casa dela agredindo-a violentamente, o que tornou a situação ainda mais irreversível. Em declarações ao Correio da Manhã, uma destas mães, que pediu anonimato, afirmou: "Nunca imaginámos que, quando iniciámos o abaixo-assinado, isso teria a repercussão que teve. Não estou arrependida de nada porque tudo aquilo que fiz foi a pensar recuperar a minha família e a minha vida. Perdi o marido, mas ganhei paz e sossego. Agora sei com aquilo que conto". E acrescentou: Pensava era que isto já tinha passado. A presença de uma revista internacional com este tema não ajuda nada a que a situação acalme, mas tudo passa com tempo" (*CM*, 15 de outubro, 2003, p.5).

Por meio desta entrevista, acreditando na sua veracidade, percebemos que o *Manifesto* não resolveu a situação familiar particular de cada uma. E, pela primeira vez, é noticiado que uma delas sofreu violência do marido devido à sua participação na televisão. Destaco a maneira como o jornal resolveu expressar sua opinião sobre o caso, colocando no meio do texto os parênteses para sugerir que a separação foi independente do manifesto. Em relação às autoridades também não houve grande alteração, tanto que a revista fez a reportagem depois da divulgação do *Manifesto*, em 30 de abril.

Ainda assim, a *Time* conseguiu os mesmos elementos para a realização da sua reportagem envolvendo a prostituição e a cidade de Bragança[117]. Houve uma grande repercussão de todos os jornais em relação à atitude do governo, o *CM* noticiou a ameaça de retirar a publicidade, mas não fez grandes comentários em relação a isso. A preocupação do *CM* foi com a revolta dos bragantinos.

DN e *P* repercutiram bastante à ameaça do governo em retirar a publicidade estatal e depois a sua desistência, no *Público* a banda desenhada *Bartoon*, de Luís Afonso, ironizou o anúncio e a polémica em volta disso. A cronista Helena Matos foi muito dura nesta crítica: "As publicações estrangeiras só podem escrever, em jeito de publi-reportagem, sobre o nosso sol, a nossa simpatia e as nossas praias? Fazerem muitas fotografias às mulheres de luto montadas em burros? Moral da história: podem falar do nosso atraso, mas não da nossa luxúria" (*P*, 18, de outubro, 2003, p.11).

8.4 - Meninas brasileiras e a xenofobia

Em relação à expressão "Oi" - "Mas se para alguns este simples

[117] Houve, como foi citado, uma série de ações policiais, mas que não combatiam a prostituição ou as casas de alterne e sim autuavam as imigrantes indocumentadas. Apenas em fevereiro de 2004 a polícia autuou e conseguiu o encerramento e a prisão dos proprietários das casas de alterne.

> cumprimento é motivo de gracejo e olhar matreiro, para as promotoras do abaixo-assinado transformou-se no aviar de um pesadelo que tentam afastar, algumas com apoio psiquiátrico" (*DN*, 2, de maio, 2003, p.24.)

A questão envolvendo as "mães de Bragança" e o enfoque no tema da prostituição em relação às notícias deve ser analisada com atenção. Um abaixo-assinado com centenas de assinaturas, por si só, não seria notícia de amplitude nacional. É muito plausível que, na mesma época, existissem muitos requerimentos com um número bem maior de signatários, que não ganharam destaque ou não foram noticiados pelos jornais. Relativamente a esse tema, e em conjugação com a crescente imigração de brasileiros para Portugal nesse período, houve uma série de estereótipos que já existiam na sociedade portuguesa relacionados com as mulheres brasileiras que transpareceram nesse momento e que possibilitaram uma atenção desproporcional em relação a um tema menor dentro do cotidiano do país. A cronista Helena Matos questiona: "Se as prostitutas fossem portuguesas, já não fazia qualquer diferença? Se elas se fossem embora, voltava a paz aos lares de Bragança? (*P,* 18, de outubro de 2003, p.11).

Sobre esta questão – se a nacionalidade era importante ou não – temos um caso representativo de um trecho com um carregado tom de xenofobia e pouca clareza jornalística. Segundo o texto existia um estudo promovido pela Universidade da Beira Interior que colocava a questão numa perspetiva mais larga, em relação à ocorrência de prostituição em regiões fronteiriças. O *Público*, dizendo que um dos pesquisadores envolvidos no projeto queria manter o anonimato, reproduz o seguinte texto como sendo uma entrevista:

> "Em Bragança, o negócio sempre existiu, mas tornou-se mais visível com a chegada, em grande número de mulheres brasileiras, por norma pouco discretas. Numa cidade com cerca de 30 mil habitantes, onde toda a gente se conhece, é fácil detectar na rua a presença de estrangeiras, ainda mais quando essas mulheres se vestem com roupas mais provocantes, falam num tom coloquial, têm uma tonalidade de pele mais bronzeada e uma imagem, na maior parte dos casos, atraente, com salienta o investigador" (*P*, 16, de outubro, de 2003, p.35).

Expressões como "mulheres brasileiras, por norma pouco discretas", "falam num tom coloquial" ou "têm tonalidade de pele mais bronzeada e uma imagem, na maior parte dos casos, atraente" têm um viés xenófobo em relação à mulher brasileira. O anonimato, neste caso, serviu convenientemente, tanto para o investigador que não se expôs, como para o repórter, que não assume se endossa ou não o texto.

A comparação entre duas fontes, ou mais, é importante para garantir a qualidade na investigação histórica, para tentar desconstruir as escolhas dos repórteres e dos seus diretores na hora de construir um texto publicado num jornal. Isto porque, a nossa análise do jornal *DN* revelou um artigo publicado no dia 25 de maio de 2003 com o título "Prostituição regista

grande aumento no nordeste". Esta afirmação, de acordo com o trabalho de vários investigadores, teria sido relatada pela pesquisadora Manuela Ribeiro, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), que então coordenava uma pesquisa desenvolvida também em cooperação com a Universidade da Beira Interior e com a Universidade do Minho. Em momento algum apareceu nesta notícia um comentário xenófobo ou referente às "mães de Bragança" ou às "meninas brasileiras" e tão pouco houve pedido de anonimato.

Ora é pouco provável que existissem na época dois projetos de investigação sobre o mesmo tema. O que nos permite considerar o artigo do *Público* como uma perspetiva xenófoba. Afinal, cinco meses antes, se os pesquisadores revelavam nacionalmente no *Diário de Notícias* que faziam pesquisa sobre este tema, não faria sentido dessa forma, pedir o anonimato no *P*.

Entretanto, independentemente do que se escondeu no anonimato, na estrutura empresarial de um meio de comunicação moderno, nenhuma matéria é publicada sem revisão. Por isso, em última análise, a direção editorial teve responsabilidade, ao permitir que tal notícia fosse assim publicada. Houve permissão para essa publicação com teor depreciativo em relação às brasileiras por parte do entrevistado.

No segmento *Opinião* do *Diário de Notícias*, Rui Moreira, então presidente da Associação Comercial do Porto, denunciou alguns aspetos sobre a repercussão do caso. Destacou a primeira crónica de Eduardo Prado Coelho e focou-se na diferença de cobertura entre a reportagem da revista americana e a imprensa nacional, especialmente a televisiva:

> "A *Time* conta, com mais sobriedade e menos detalhe, tudo aquilo que os nossos médias relataram este Verão. Recorda-se que tudo começou com um movimento de mulheres "sem rosto" que apareceram a queixar-se às nossas tabloizadas televisões das "prostitutas brasileiras" que lhes estavam roubando os maridos para os bares de alterne, por entre insinuações eivadas de xenofobia e desculpabilizações folclóricas que ligavam a atracção pelas meninas à sua magia negra" (*DN*, 21 de outubro, 2003, p.7).

Vários textos de opinião reconheceram que houve xenofobia no discurso do *Manifesto* mas também na cobertura televisiva. Apesar desse reconhecimento, os jornais utilizaram muitas vezes a expressão "prostitutas brasileiras" em posição de destaque em títulos ou resumos. Ao colocar a nacionalidade ao lado da palavra "prostituta", os meios de comunicação reforçavam o estereótipo de que as mulheres brasileiras são mais disponíveis.

Como destacado anteriormente, a imprensa não pode ser analisada enquanto um meio imparcial que apenas relata os factos. Os meios de comunicação relatam um acontecimento a partir de um ponto de vista. Há uma escolha intencional na utilização de títulos, de adjetivos, de pontuação entre outras questões, que é definida pela linha editorial de cada

empreendimento de comunicação.

Seguindo esta linha historiográfica de investigação, destacamos um facto e a diferente maneira como ele foi abordado pelos três jornais investigados. No dia 20 de outubro de 2003, cinco dias após a divulgação da revista *Time*, houve uma operação da Policia Judiciária na cidade de Bragança que foi notícia nos três jornais no dia 21 de outubro. Esses foram os três títulos utilizados por cada um dos matutinos:

- Quarenta brasileiras "Resgatadas" pela PJ - *Público*
- Prostituição – PJ resgatou 55 mulheres sequestradas em Bragança - *Diário de Notícias*
- PJ liberta 40 escravas do sexo: Brasileiras enclausuradas em casas de alterne em Trás-os-Montes - *Correio da Manhã*

O *Correio da Manhã* e o *Público* destacaram a nacionalidade no título mas apenas das "sequestradas" brasileiras. Na página 11 dessa edição, o *CM* também discriminou quando descreveu a situação de trabalho forçado das sequestradas com o título "Brasileiras viviam enclausuradas e eram obrigadas a prostituir-se". Entretanto, na mesma página, outra matéria, com o título "A História de duas escravas", abordava a vida de Svesta, ucraniana, e Leia, russa, que também foram resgatadas pela Policia Judiciária na mesma ação, mas cujas nacionalidades não receberam o mesmo destaque na hora de escrever o título da reportagem.

O *Público* abordou o assunto de maneira discriminatória ao destacar no título a nacionalidade das quarenta brasileiras, alimentando o estereótipo da mulher brasileira como prostituta. Houve também destaque na capa da edição para esta operação da Policia Judiciária. O *Diário de Notícias* optou por citar no título apenas o número total de mulheres resgatadas sem qualquer referência à sua nacionalidade. Não houve qualquer referência na capa da edição do dia 21 de outubro a essa notícia.

A leitura dos três jornais, *P, DN* e *CM*, no período de 1 de abril de 2003 a 28 de fevereiro de 2004, proporcionou um cruzamento de informações relevantes. As diferentes abordagens dos meios de comunicação sobre o mesmo tema facilitam a compreensão sobre como este evento do *Manifesto da Mães de Bragança* foi interpretado por parte significativa da sociedade portuguesa e também permitem compreender melhor como as diversas imagens e identidades foram produzidas e reproduzidas durante esse momento.

8.5 - As negociações e disputas de identidades relacionadas com as "Mães de Bragança"

Em relação aos meios de comunicação *Sabiá, O Brasileirinho, Boletim Informativo e*

Folha Universal, todos já analisados no segundo e terceiro capítulos, e ligados de alguma forma aos imigrantes, as identidades foram negociadas de maneiras diferentes. Em relação à divulgação do *Manifesto das Mães de Bragança*, apenas a *Folha Universal* (*FU*) buscou um diálogo indireto com a questão, sem fazer qualquer referência direta ao assunto.

Nas leituras dos exemplares publicados neste período, foram encontradas várias matérias sobre casamentos e divórcios. Não que estes temas nunca tenham sido tratados, mas a constância e afluência deles neste período não pode ser vista de maneira ingénua. Nas cinco edições seguintes houve sempre alguma notícia envolvendo casamento ou divórcio, utilizando tanto matérias desenvolvidas no Brasil como conteúdos produzidos pela redação em Portugal.

Edições	**Títulos e autores**
N.º 309 – Domingo, 4 de maio de 2003	Coluna opinativa: Modelo de Mulher – Ester Bezerra
N.º 310 – Domingo, 11 de maio de 2003	Matéria: A origem dos divórcios - Subtítulos: Causas – Situação em Portugal –
N.º 311 – Domingo, 18 de maio de 2003	Coluna opinativa: O divórcio está na moda? - Luís Farinha -
N.º 312 – Domingo, 25 de maio de 2003	Matéria: Buscando um caminho para o casamento abençoado – escrita por - Rede Aleluia (localizada no Brasil)
N.º 313 – Domingo, 01 de junho de 2003	Matéria: A vontade de Deus para a mulher - "Para ser submissa, tem que esforçar-se contra a própria natureza pecaminosa" "Submissão: A porta do caminho das Bênçãos"

Quadro 16 Matérias da *Folha Universal* sobre o tema "Mães de Bragança"

Compreendemos esta atitude do jornal como uma estratégia editorial de abordar a grande questão do momento sem entrar na polémica da prostituição e das suas nacionalidades. A *FU* aproveitou para reafirmar os dogmas da Igreja Universal do Reino de Deus, que defendem o casamento e ainda uma postura submissa da mulher em relação ao seu marido. Logo na primeira edição, após a divulgação do *Manifesto das Mães de Bragança*, a primeira figura a tratar a questão foi Ester Bezerra, com o título "Modelo de mulher". Como foi dito no terceiro capítulo, ela é mulher do fundador da IURD e a figura de maior destaque feminino na instituição:

> "A Bíblia ensina que a mulher sábia edifica a sua casa, e a virtuosa excede, em muito, o valor de jóias.
> Que tipo de sabedoria ou virtude poderia habitar numa mulher modelo? Seria a

> capacidade intelectual? O amor? A dedicação à casa? Aos filhos? Ou ao marido? O que realmente a diferencia da mulher sem Deus?
> No que diz respeito à mulher sábia, a Bíblia faz referência àquela que, à excepção das demais, utiliza-se mais da razão do que da emoção.
> Satanás percebeu a fraqueza da primeira mulher e, por isso, a tentou! Ele utilizou-se apenas da palavra de dúvida para estimular a curiosidade. E esta, uma vez concebida, levaria imediatamente Eva a desobedecer a Deus.
> Amiga leitora, a sabedoria da mulher de Deus está na sua racionalidade, porque as suas decisões são tomadas de acordo com a fé inteligente e não a emocional.
> A Palavra de Deus nos adverte quanto aos enganos do coração, chegando até mesmo a identificá-lo como enganador e corrupto: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá" (Jeremias 17:9).
> Portanto, enquanto a mulher sábia (racional) edifica a sua casa, a mulher insensata (emotiva), com as próprias mãos, a derruba.
> Deus abençoe abundantemente"
> (*Folha Universal*, 4 de maio de 2003, n.º 309, p.6)

Nesta coluna, foi apresentado o modelo de mulher propagado dentro das normas da IURD, com uma construção que representa a mulher sempre submissa aos desejos do marido. Numa vertente cruel dessa visão do mundo, é sobre a mulher que recai a culpa pelo casamento que não deu certo. No trecho é feita a distinção entre "fé inteligente" e "fé emocional", sendo esta responsável pelas decisões da "mulher insensata". Dessa forma não bastaria apenas ter fé ou ser emocional, existem outras questões que definem o "modelo" de mulher.

Dessa forma, e sobre essa questão, a *FU* desenvolve uma narrativa onde a culpa e o erro são das mulheres, que não conseguem manter seus maridos se forem "insensatas", pois só com fé racional e atitudes corretas, segundo a norma da Igreja Universal do Reino de Deus, se consegue manter um matrimónio. Por meio dessa narrativa ainda se edifica na imagem dos fiéis da IURD uma solução para evitar o fim dos casamentos e não se aborda a questão da nacionalidade das prostitutas.

Esse silêncio em relação à nacionalidade das prostitutas pode ser lido como uma estratégia para desviar o foco dessa questão, pois essa associação entre mulher brasileira e prostituição não era favorável a nenhuma questão relacionada com a IURD, uma vez que, dentre as suas fiéis, haveria mulheres brasileiras que não gostariam dessa associação. Por outro lado, haveria também mulheres com problemas de traições ou maridos frequentadores de casas de prostituição, por isso, ao focar-se no casamento, a IURD continua com a preocupação de comentar e falar sobre os assuntos importantes de Portugal, mas fá-lo com uma postura moral e ética direcionada para a sua doutrina religiosa e buscando, através do relato desses grandes eventos, maneiras de conquistar mais público para sua religião.

No segundo momento de agitação, relacionado com a publicação da *Time*, houve apenas uma citação breve na coluna do importante jornalista da *FU*, Luís Farinha, com o

título “Cada país tem a imprensa que merece*”*. Além de uma crítica geral aos meios de comunicação, destacamos este trecho importante: “Conhecendo como conhecem o “fraquinho” dos portugueses por tudo que cheire a escândalo e água suja, a esta hora devem estar a pedir aos seus santinhos que a exaltação da pedofilia, as prostitutas de Bragança e o Big Brother continuem a alimentar as notícias dos vários meios de comunicação.” (*Folha Universal*, 2 de outubro de 2003, n.º 335, p.4). Temos aqui aspetos importantes já abordados sobre este jornalista e sobre os meios de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus.

Luís Farinha critica a sociedade portuguesa que gosta de escândalos e a imprensa que cobre e divulga esses acontecimentos de forma sensacionalista. Para além disso, ao enunciar os acontecimentos que não precisavam estar nos meios de comunicação, o autor utilizou a expressão “as prostitutas de Bragança”, sem referir nacionalidades. Com base na sua linha editorial, descrita e analisada no terceiro capítulo, a *Folha Universal* não reforçou o estereótipo da mulher brasileira como prostituta devido às suas possíveis fiéis brasileiras residentes em Portugal que ficariam ofendidas com essa associação.

No entanto, a *FU* aproveitou o tema para abordar questões envolvendo divórcios, modelo de mulher, casamento, entre outras questões, para não se mostrar distante da realidade dos seus fiéis, que tinham ao seu alcance uma enorme quantidade de leituras e visões de mundo produzidas sobre o tema. A publicação fez a condenação da prostituição, mas sem associar a imagem da mulher brasileira à prostituição. Mesmo com interesses próprios, a *Folha Universal* participou dessa disputa e negociação de identidade ao criar uma narrativa que separava a imagem da prostituição da imigrante brasileira.

O órgão estatal Alto Comissariado para Imigração e Minorias Éticas (ACIME), na sua revista *Boletim Informativo* (*BI*), manteve o silêncio em relação ao tema nas duas ocasiões, tanto quando foi publicado o *Manifesto*, como aquando da publicação da capa da revista *Time.* Interpretamos esse silêncio como uma decisão editorial do ACIME, porque, para os seus responsáveis, o tema da prostituição não deveria ser alvo de repercussão. Em outros momentos de grande repercussão jornalística, houve críticas e disputas por imagens relacionadas com imigrantes, como por exemplo, no caso do falso arrastão da praia de Carcavelos, quando o *BI* dedicou muito espaço a criticar a maneira como foi feita a cobertura dos meios de comunicação sobre o assunto.

De acordo com as diretrizes deste órgão, que foram abordados no terceiro capítulo, assuntos delicados relacionados com o governo eram silenciados. Ao longo dos anos, o *Boletim Informativo* construiu um discurso centrado em exaltar os avanços da sociedade portuguesa em relação à integração dos imigrantes. Esse tema da prostituição em Bragança

envolvia o crime da exploração da prostituição e ainda as máfias de tráfico humano que traziam mulheres de diferentes países ilegalmente para Portugal.

Em Portugal, como foi dito anteriormente, a prostituição deixou de ser crime desde 1983, no entanto, não era uma profissão regulamentada, ou seja, não implicava um contrato de trabalho válido que pudesse permitir um visto de permanência no país. Nessa situação, as imigrantes que trabalhassem exclusivamente como prostitutas estariam sempre indocumentadas em relação ao visto de residência em Portugal.

Em 2003, a revista *O Brasileirinho* estava na sua segunda fase, dirigida por Ricardo Castro. Na descrição deste meio de comunicação, no quarto capítulo, destacámos a linha editorial da revista que optava por não tratar de temas polémicos ou depreciativos relacionados aos imigrantes brasileiros. Na entrevista realizada com Ricardo Castro questionei sobre o tema das Mães de Bragança e sua resposta foi: "Eu nem mexi com aquilo, para, era uma coisa tão boba, que eu nem toco, os jornais daqui, falam bastante...desse tipo de notícia, eu passo por cima, não dou atenção não vale a pena."

O jornal *Sabiá*, em relação à primeira polémica do *Manifesto das Mães de Bragança*, não fez qualquer referência. Já em relação à capa da revista *Time*, houve uma luta contra a imagem da mulher brasileira nos meios de comunicação. O *Sabiá*, em outubro/dezembro de 2003, na edição número 59, estampou o título "As brasileiras" na primeira capa, após a repercussão jornalística envolvendo a matéria de capa da revista *Time*. Foi uma opção clara de abordar o assunto disputando a imagem das mulheres brasileiras em Portugal. Abaixo da foto de três mulheres com a cidade de Lisboa em fundo, o seguinte texto era apresentado:

> "Nosso objetivo é homenagear, através delas, as 40 mil que atravessaram o Atlântico para tentar a sorte no país irmão. Não por que sejam santas ou melhores do que os outros milhões de mulheres, de qualquer nacionalidade, que vivam lá e cá. Simplesmente, queremos dar-lhes a oportunidade, entre o corre-corre da faxina, do subemprego, do balcão, da biblioteca ou da rua de nos contar um pouco de suas vidas. Homenageamos a sua coragem em tentar mudá-las. A sua audácia em tenar alterar o destino para um dia quem sabe conseguirem ser mais felizes" (*Sabiá* em outubro/dezembro de 2003, edição número 59, p.1).

Neste trecho, o destaque vai para as qualidades das mulheres enquanto trabalhadoras, corajosas e capazes de mudar as condições adversas que a vida lhes impôs. É evidente a opção editorial de desviar o foco dos problemas relacionados com as prostitutas brasileiras. O editorial do *Sabiá* foi sobre a vitória de conseguir publicar o jornal ao longo do ano de 2003. Na coluna *Quem vem de lá*, do presidente da associação, Carlos Vianna, também não houve qualquer referência ao tema.

Nas páginas centrais 6 e 7 desenvolveu-se a matéria de capa. Na primeira folha foi

introduzido um subtítulo “Mulher Coragem*”*, repetindo um pouco do texto da apresentação, e depois apresentando a reportagem da seguinte forma:

> “Por serem mulheres, enfrentam maiores dificuldades. Associam-se ao seu sexo muitos preconceitos e variados graus de hipocrisia. Apesar disso, tiveram coragem de abandonar o seu país, deixar família e ir à luta num lugar distante, e nem sempre muito hospitaleiro. Entrevistamos apenas quatro dentre elas, mas acreditamos que as suas histórias são representativas do que vivem, sofrem e pensam as 40 mil. A essas mulheres, a todas elas dedicamos estas páginas”(*Sabiá*, novembro/dezembro 2003, p.6)

A primeira descrita foi Cris, socióloga desempregada esperando a autorização de residência, que, depois de morar em França, se identifica em Portugal como só 50% estrangeira. Lili, operadora de caixa, considera Portugal um Brasil diferente, onde consegue ganhar bem mais dinheiro que no Brasil. Clarisse, faxineira que não conseguiu terminar o curso de Letras no Brasil, sonha em ter dinheiro para trazer os filhos e aprender a falar quatro línguas.

Na página sete, a quarta entrevistada pelo *Sabiá* para representar as 40 mil brasileiras teve uma abordagem gráfica e editorial diferente das outras três imigrantes brasileiras. Houve a separação da sua entrevista em relação ao restante da matéria e também a forma foi alterada, passando de texto sintético para uma sequência de perguntas e respostas. Com essa construção editorial houve uma segregação das mulheres entrevistadas. Reproduzimos a entrevista feita pelo *Sabiá* com o título “Garota de Programa”:

> “Entrevistamos uma imigrante brasileira que trabalha como garota de programa em Portugal
> **O que você fazia no Brasil?**
> Era garota de programa.
> **Por que você veio para Portugal?**
> Fazer a mesma coisa.
> **Por que você se tornou garota de programa?**
> Dificuldades, por falta de dinheiro, para ajudar a família, para ter uma vida melhor.
> **Quanto você ganha em média por mês?**
> Isso depende, 10 a 12 mil euros.
> **O que você faz com esse dinheiro?**
> Envio para o Brasil para ajudar a minha família e estou guardando para comprar alguma coisa, uma casa pra mim.
> **Você se sente discriminada por ser garota de programa?**
> Não, porque a partir do momento em que eu saio lá de dentro sou uma pessoa normal. Eu não mostro o que sou. Não me afeta em nada.
> **O que você acha dessa história de Bragança?**
> Eu acho que aquelas mulheres são umas recalcadas. Elas perderam, e não sabem o porquê. As garotas de programas não têm culpa.
> **Quando você voltar para o Brasil, quais são seus planos?**
> Voltar de vez e não voltar mais para cá. Talvez ter uma vida normal. Penso em comprar imóveis.
> **Que outra profissão você gostaria de ter?**
> Eu seria veterinária
> **Antes de ser garota de programa você fazia outra coisa?**

> Eu sou professora de 1ª a 4ª série. Exerci a profissão por 3 a 4 anos, mas ganha-se pouco, não tinha como me sustentar
> **Do que mais você tem saudade do Brasil?**
> De tudo, da minha casa, da minha família.
> **Você gosta de Portugal?**
> Mais ou menos, eu não gosto da forma como eles tratam estrangeiros, porque o português discrimina as pessoas, independente da profissão, independente de qualquer coisa.
> **Qual a diferença entre a vida em Portugal e no Brasil?**
> Totalmente diferente, porque no Brasil tem qualidade de vida. Aqui pode se ganhar mais, mas lá existe vida. O brasileiro é mais humano, enquanto o europeu é mais frio.
> **Mas o Brasil não é mais violento?**
> Acho que violência existe em qualquer lugar, depende de onde você vá. Só que alguns lugares mostram mais, e outros mostram menos" (p.7).

A entrevista, em alguns pontos, favorece uma imagem dessa imigrante parecida com as outras, ao mencionar assuntos pessoais, saudades e remuneração. Contudo, foram feitas perguntas exclusivas para ela, ao passo que no texto das outras mulheres brasileiras não havia qualquer pergunta sobre "a história de Bragança". Outra questão delicada dessa entrevista foi a representatividade dessa imigrante prostituta em relação a outras prostitutas, isso porque em nenhum momento foram abordadas as questões de vulnerabilidade envolvendo esse trabalho, como os casos de violência, a dependência do chulo/cafetão, ou as doenças sexualmente transmissíveis, entre outras.

As duas últimas questões e repostas são representativas de um sentimento migrante muito comum, a exaltação do país deixado e a relação binária entre bom e mau, nesse caso quente e frio. Após a resposta positiva em relação ao Brasil, o entrevistador tenta modificar a conclusão da entrevistada utilizando o senso comum de que o Brasil é mais violento. Porém, a prostituta refuta essa imagem e afirma que nesse aspeto existe semelhança entre os dois, fugindo da intenção de atribuir uma tranquilidade à vida em Portugal.

Logo abaixo da entrevista com a prostituta brasileira surge o texto *"*A reinvenção de Bragança", assinado por Carlos Vianna, o então presidente da Casa do Brasil de Lisboa, que abordou pela primeira vez a questão da seguinte maneira:

> "Há alguns meses, alguma imprensa portuguesa fez eco de um suposto movimento das mães de Bragança, mais concretamente quatro senhoras, a protestar contra a "ameaça aos lares" representada pelas "alterneiras" brasileiras que trabalham em algumas casas noturnas dos arredores da cidade. A edição europeia da *Time* "pegou" no assunto e catapultou mundialmente a imagem de Bragança como o novo *point* da prostituição na Europa" (*Sabiá* 59, novembro/dezembro de 2003, p.7).

O autor, desde o início, tenta minimizar o caso, ao utilizar palavras como "alguma imprensa" ou "suposto movimento", porém, a estratégia de construção textual de Vianna não corresponde à realidade dos factos analisados. Como demonstrámos, houve uma grande repercussão mediática nos dois momentos, tanto na divulgação do manifesto em 30 de abril,

como na publicação da *Time* em outubro. Este tema obteve grande destaque não apenas dos meios de comunicação escrita mas também nas redes de televisão, como atesta Clara Santos em sua dissertação de mestrado em Comunicação e Jornalismo, *Imagens de mulheres imigrantes na imprensa portuguesa. Análise do ano 2003.* A autora corrobora a grande referência que estes momentos acarretaram na sociedade portuguesa:

> "Há que considerar, no entanto, que 2003 foi um ano atípico no que diz respeito a acontecimentos ligados à prostituição brasileira em Portugal, muito devido ao abaixo-assinado do movimento das chamadas "Mães de Bragança" e ao facto de Bragança ter sido capa da edição europeia da revista Time, com o epíteto de «Europe's New Red Light District»" (2007, p108).

Carlos Vianna continuou o texto tentando diminuir o acontecimento, salientando que era um caso muito pequeno e ataca a imprensa da seguinte forma:

> "Este caso de Bragança é um bom exemplo de como a imprensa, por vezes, "inflaciona" os factos e as versões sobre os mesmos, criando estereótipos, aumentando o preconceito, manipulando ou sendo manipulada por interesses políticos ou econômicos. Enfim, descumprindo a sua missão de informar e analisar criteriosamente a realidade. Em relação às brasileiras, criou-se em Portugal um preconceito. O adjetivo brasileira tornou-se, para alguns, os menos esclarecidos, sinônimo de prostituta ou objeto sexual. E a imprensa, pelo visto, alimenta tal preconceito" (*Sabiá*, novembro/dezembro de 2003, p.7).

Neste trecho o autor ataca de maneira clara a questão do estereótipo e do preconceito em relação à mulher, reforçando a ideia de que, para a Casa do Brasil de Lisboa, o problema é o estereótipo da mulher brasileira enquanto prostituta. Mas a questão da imigrante brasileira que exerce a profissão de prostituição em Portugal, essa não teve apoio ou auxílio da associação, não existiu no artigo ou em qualquer outro momento do jornal uma preocupação com essa imigrante.

Mariana Gomes, na sua tese de doutoramento em Sociologia, *O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação*, defendida em 2013, entrevistou o presidente da Casa do Brasil de Lisboa e fez a seguinte análise:

> "Apesar de há quase vinte anos ouvir as reclamações das brasileiras sobre as diferentes formas de assédio que sofrem em Portugal; apesar de perceber que esses assédios e maus tratos são formas de preconceito; apesar de evidenciar que a autoridade tem uma imagem construída da mulher brasileira como imigrante ilegal para fins de prostituição; ainda assim, o Representante da Associação tem um discurso culpabilizador das próprias brasileiras e naturalizador sobre a hipersexualidade das mesmas. Isto demonstra como os discursos são construídos em relações de poder. O poder patriarcal, colonial, racista e sexista que define as mulheres das ex-colônias como "corpo colonial" parece mais forte que as próprias vivências de um líder associativo importante.
> Além de culpabilizar as próprias brasileiras ao destacar que o preconceito se dá devido a características intrínsecas das brasileiras, e não devido ao olhar do outro, o presidente da CBL culpabilizou, também, as prostitutas" (Gomes, 2013, p.107).

Esses equívocos expressados pelo então presidente da CBL refletem como a própria autora cita a interiorização do discurso machista e colonial que auxiliam na sua reprodução, na medida em que não são combatidos de uma forma mais direta. Existem muitas batalhas relacionadas às questões de género e à maneira como são tratadas as mulheres na sociedade, a mulher imigrante sofre por essa dupla condição de vulnerabilidade.

8.6 – Conclusão - Mães de Bragança

A história da imigração brasileira em Portugal ficou definitivamente marcada por este momento relacionado com as "Mães de Bragança" e as repercussões mediáticas que o evento causou, como procurámos demonstrar com esta análise dos jornais *Correio da Manhã, Público* e *Diário de Notícias*.

Em uma perspetiva mais ampla, podemos enquadrar estes acontecimentos no fenómeno da globalização, em função das migrações e também dos crimes envolvendo organizações com atuações transnacionais, sem preocupação com as antigas fronteiras nacionais. O tráfico de pessoas movimenta, segundo a ONU, mais de 32 bilhões de dólares por ano[118]. Como alguns jornalistas escreveram nos trechos mencionados, existe uma rede global que atua aprisionando mulheres e vivendo desse crime. Relatórios de organismos internacionais, forças policiais e denúncias das ONG revelam que Portugal e Brasil estão diretamente ligados a estas teias.

Entretanto o caso das "mães de Bragança" ajudou, segundo Gomes, a reforçar os estereótipos das mulheres brasileiras relacionadas à sexualidade fácil e acessível e devido à cultura do "corpo colonial" que afeta transversalmente toda imigrante feminina brasileira, independentemente de classe social ou outra categoria (Gomes, 2004, p.32).

As prostitutas e imigrantes são deixadas ainda mais à margem, como este caso concreto demonstrou. Em relação aos meios de comunicação escolhidos neste trabalho, verificamos o silêncio opcional do *Boletim Informativo* e da revista *O Brasileirinho*. Em relação à *Folha Universal* e ao *Sabiá*, houve disputas e negociações de identidades, mas de maneiras distintas.

A *FU* aproveitou primeiro o momento de discussão em maio, quando foi divulgado o *Manifesto da Mães de Bragança*, para reforçar a importância do casamento. Outra questão abordada na época foi como deveria ser a moral e a postura da mulher seguidora da Igreja

[118] Disponível em https://www.unodc.org/unodc/en/human-trafficking/index.html?ref=menuside consultado em 05.03.2013.

Universal do Reino de Deus, se esforçando para lutar pela integridade da sua família e para manter o casamento. Todas as abordagens do jornal da IURD sobre a questão não envolveram qualquer referência à nacionalidade brasileira das prostitutas. Essa opção esteve ligada aos interesses da instituição em não ofender ou alimentar estereótipos de mulheres brasileiras associadas à prostituição. No discurso da Igreja Universal do Reino de Deus, os fiéis são todos iguais, não havendo discriminação de brasileiros ou de qualquer outra nacionalidade.

No jornal *Sabiá* a primeira polémica foi deixada de lado, talvez por coincidir com a restruturação do meio de comunicação da CBL, em 2003, e, além disso, as atenções da associação estiveram focadas no acordo de legalização extraordinária celebrado em 10 de junho de 2003. No segundo momento, após a divulgação da capa da revista *Time*, o *Sabiá* buscou disputar e negociar as identidades das mulheres brasileiras. Houve silêncio e/ou negligência por parte da Casa do Brasil de Lisboa ao abordar a imigrante brasileira que, efetivamente, exercia a profissão de prostituta.

Ressaltamos ainda que os estereótipos reproduzidos nas matérias dos jornais devem ser analisados, não só na perspetiva de equívoco ou crítica aos meios de comunicação, mas também como algo que reflete o público leitor dessa imprensa. Com efeito, nas atuais regras de mercado, um jornal diário não se sustenta por ideologia, questões políticas ou filosóficas, é necessário encontrar respaldo nos seus consumidores, uma vez que nenhum meio impresso pode se dar ao luxo de não ser aceite ou comprado e não existe mais a figura do mecenas.

Este é um dos grandes motivos para a realização de estudos envolvendo a análise das matérias produzidas por jornais ou revistas, pois estes sempre serão uma fonte de registros históricos de uma época, e, por isso mesmo, um bom objeto de estudo para as ciências humanas.

8.7 - Acordo Lula 2003

Neste subcapítulo, selecionamos enquanto tema de estudo as notícias produzidas em relação ao tratado diplomático celebrado entre Portugal e Brasil, assinado em 11 de julho de 2003 em Lisboa, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, chamado pela imprensa dos dois países como “Acordo Lula”. Por causa desse acordo, o Brasil e os brasileiros foram retratados pela imprensa portuguesa e o tema da imigração brasileira tornou-se alvo de artigos e matérias, bem como de disputas e negociações de identidade. Uma das razões para a escolha

deste tema foi analisar uma outra produção de estereótipos, centrada na proximidade entre esses dois países.

Outra motivação foi o facto de o tema das migrações em Portugal não ser neutro, pelo contrário, existem muitas batalhas dentro da sociedade envolvendo esta temática, como procurámos demonstrar no capítulo seis. Por exemplo, nas eleições, os partidos políticos utilizam os emigrantes e os imigrantes como formas de legitimar suas propostas ou de críticas em relação ao governo. No caso do Acordo Lula, houve envolvimento dos partidos portugueses dominantes em torno do assunto, por vezes extrapolando a questão da migração para outras áreas, como política interna e externa.

Para melhor compreender a questão da legalização extraordinária permitida exclusivamente a imigrantes brasileiros em 2003, faremos a análise sobre o presidente Lula da Silva, personagem importante nessas negociações. Como foram produzidas as notícias nesse período e como os diversos atores selecionados reagiram às produções de identidades brasileiras, motivadas pelo tratado diplomático que permitiu a legalização extraordinária dos imigrantes brasileiros.

A primeira visita oficial ao estrangeiro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, enquanto chefe de Estado, foi a Portugal, em julho de 2003[119]. Nessa ocasião, o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal e o Ministério das Relações Exteriores produziram três acordos diplomáticos, nomeadamente, o Acordo sobre Facilitação de Circulação de Pessoas, o Acordo sobre Contratação Recíproca de Nacionais e Acordo de Cooperação para a Prevenção e a Repressão do Tráfico Ilícito de Migrantes.

Devido aos discursos do presidente do Brasil defendendo a importância dos acordos para os imigrantes, a imprensa portuguesa intitulou os três acordos como «Acordo Lula». Dentro do prazo válido para a solicitação da regularização dos imigrantes brasileiros indocumentados, houve ainda mais duas visitas oficiais de Luiz Inácio Lula da Silva, nas quais ele próprio e a imprensa portuguesa deram visibilidade ao acordo. Por esse motivo, a delimitação temporal estabelecida tem início em 11 de julho de 2003, quando foi assinado o Acordo Lula, e termina no seu último dia de validade, em 11 de julho de 2008.

[119] Houve outras viagens realizadas, mas todas estavam relacionadas com reuniões bilaterais, reuniões multilaterais ou de organizações internacionais.

8.8 Visita oficial de Estado

Os acontecimentos do dia 12 de julho de 2003 estiveram ligados diretamente à figura do político Lula da Silva e à sua história naquele momento específico. Para facilitar o entendimento desse momento, foi preciso retomar os últimos acontecimentos da história do Brasil. Durante o ano de 2002 era cada vez mais clara a possibilidade de uma vitória do líder da oposição e presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), Luiz Inácio Lula da Silva, antigo deputado constitucionalista de 1988 e líder sindical na década de 1970, que já havia disputado as últimas três eleições, ficando sempre em segundo lugar nos pleitos de 1989, 1994 e 1998.

Houve uma forte campanha contra a candidatura do PT por parte da imprensa e de alguns partidos mais ligados ao governo do PSDB, dizendo que o Brasil poderia piorar muito com o fim da estabilidade económica e a dificuldade de lidar com a diplomacia internacional. A palavra "medo" foi utilizada em vários *slogans* publicitários contra a candidatura de Lula da Silva. Talvez por essa razão, na sua primeira entrevista coletiva como vencedor das eleições, um grande cartaz com a frase "a esperança venceu o medo" serviu como um pano de fundo para esse momento.

Houve um grande apelo emocional na eleição de Lula, pelo seu passado como metalúrgico e por ser um imigrante nordestino com pouca formação escolar. Pela primeira vez, um candidato localizado no espectro político da esquerda era eleito no país. Durante o primeiro governo de Lula, de 1 de janeiro de 2003 até 31 de dezembro de 2006, aconteceu uma grande disputa sobre os sentimentos relacionados com o governo, a alegria e a frustração de expectativas. No dia 1 de janeiro de 2003, em Brasília, ocorreu a maior presença de sempre de brasileiros em uma posse presidencial: as estimativas da imprensa calcularam 200 mil pessoas[120]. Esse contexto histórico ajuda a entender as motivações que levaram a tantos brasileiros a lotarem a porta do hotel na sua chegada a Portugal, uma vez que haviam passados poucos meses desde a sua eleição.

O *Público* e o *Diário de Notícias*, no dia 10 de julho, estamparam nas suas capas a visita do presidente do Brasil, mas o *Correio da Manhã* do mesmo dia não noticiou nada relacionado com o assunto. No dia 11 de julho, os três jornais dedicaram as suas capas à visita e citaram a questão da imigração dos brasileiros. Além das capas, houve também outros espaços nesses jornais, como editoriais, colunas de opinião, artigos, banda desenhada,

[120] Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2003/030101_possedb1.shtml consultado em 15.01.2014

questionário aos leitores e textos produzidos para a ocasião, que se dedicaram ao tema da visita e/ou à figura de Lula da Silva.

Essa produção de notícias incluía uma série de questões da política interna de Portugal, apesar de ser uma visita do presidente do Brasil. Veja-se, por exemplo, o editorial do *Diário de Notícias*, intitulado "Lula e Soares nas esquinas da história":

> "Há, por vezes, a tentação de esquematizar os encontros e desencontros da história política em imagens fortes. Um bom cartonista, atento aos percursos recentes de protagonistas de primeira linha, poderia não resistir, por exemplo, a retratar Mário Soares e Lula da Silva a cruzarem-se num entroncamento, o primeiro em viragem à esquerda, o segundo no sentido contrário.
>
> Seria uma imagem redutora. E nem é indispensável ler o artigo que o ex-Presidente da República hoje assina no DN para saber que poucos homens políticos estarão tão bem colocados como Mário Soares para entender os dilemas que atormentam os dias de Luiz Inácio Lula da Silva. Afinal, coube a Soares a liderança do combate pela implantação da «democracia burguesa» contra as tentações de «ditadura do proletariado», abrindo caminho para uma economia de mercado consentânea com as regras da então Comunidade Económica Europeia. Foi também Soares que negociou, em 1983, um acordo com o Fundo Monetário Internacional que deixou uma memória pesada no bolso dos portugueses. E foi ainda Soares que promoveu o regresso a Portugal de alguns dos principais empresários e banqueiros que haviam deixado o País na sequência da revolução de Abril de 1974. Raras vezes a história e os eleitorados reconhecem os méritos de um percurso difícil com a celeridade que premiou o ex-Presidente da República. E hoje, consagrado por dois mandados ímpares em Belém, Soares tem um estatuto senatorial invejável.
>
> Os problemas de Lula da Silva são muitos e à medida do país gigantesco que é o Brasil. Justifica-se, mesmo assim, alguma atenção ao que se passou em Portugal. Tal como Soares, será obrigado a desiludir muito do capital de expectativa que o elegeu. Mas não há outro caminho sensato" (10 de julho de 2003, p.6).

O autor dedica mais linhas a falar do ex-presidente Mário Soares, enquanto figura exemplar, do que do presidente Lula da Silva. E recorda como, no passado, Mário Soares, tanto como primeiro-ministro como enquanto presidente da república, agiu acertadamente ao tomar atitudes contrárias às tendências da esquerda. No *Público* houve construção semelhante no editorial "Lula, o pragmático entre nós", do qual citamos o seguinte trecho: "O Lula que por estes dias se mostra em Lisboa é mais o estadista interessado em garantir a continuidade do relevante investimento português no Brasil do que o paladino da reconstrução dos ideais de esquerda" (10 de julho de 2003, p.2). Portugal tinha então um governo de centro-direita e ambos os editoriais aproveitaram a estadia do presidente do Brasil para, de alguma forma, atacar algumas ideias da esquerda, ao mesmo tempo que salientavam a importância do capital estrangeiro.

O *Correio da Manhã* não dedicou nenhum editorial ao tema nesses três dias de viagem oficial de Lula da Silva a Portugal. No dia 11 de julho, a capa do *CM* tinha por título "Lula 'arranca' esquema especial em Lisboa. Ilegais brasileiros regularizados" (2003, p.1)[121]. Mas antes de entrar na cobertura do *Correio da Manhã* sobre o Acordo Lula, vamos explorar o texto de Alberto Gonçalves, intitulado "Reinar para dividir", na secção *Sala de estar*, publicado a 11 de julho, sobre o primeiro dia da visita oficial do presidente do Brasil:

> "A receção a Lula da Silva tem sido, como se esperava, um festival de adulação idiota. É também uma manifestação grotesca de paternalismo, que até devia irritar o próprio presidente brasileiro. Mas é mais grave que o dr. Sampaio, por exemplo, não perceba que ao conferir uma aura especial ao sr. LULA é insultar o Brasil (que era uma democracia antes de 2002), e todos os regimes que elegem líderes pelo suposto mérito e não pelo chorrilho de desgraças que carregam. No Brasil, o "herói" começou a longa queda nas sondagens e já atura as primeiras greves. Grande novidade" (*Correio da Manhã*, 11 de julho de 2003).

O autor opõe-se à visita e à condecoração recebida pelo Presidente do Brasil e faz duras críticas ao Presidente de Portugal. O texto do *Correio da Manhã* utiliza também termos duros em relação ao presidente brasileiro, ao questionar o seu estatuto de "herói", e principalmente, ao fazer referência à sua "queda" nas sondagens e às greves. A intenção de atacar a posição do então presidente do país é clara.

O *Diário de Notícias* produziu um artigo de duas páginas com o título "Brasileiros entre nós", com um resumo da história pessoal de nove brasileiros que viviam em Portugal. Os personagens escolhidos foram: Fernando Pinto, então presidente da TAP; Luiz Felipe Scolari, então selecionador de Seleção Portuguesa de Futebol; Carlos Vianna, presidente da Casa do Brasil de Lisboa; Ninfa Freire, então repórter da Rede Globo; Otávio Schiavon, publicitário; António Russo, dentista; Deco, futebolista então contratado do Futebol Clube do Porto e um casal de imigrantes indocumentados.

Ao retratar uma grande diversidade de imigrantes brasileiros, o jornal ajuda a desconstruir a ideia dos brasileiros serem poucos e com baixa escolaridade. Os personagens escolhidos demonstram um pouco a diversidade existente no Brasil e, como argumentámos no terceiro capítulo, espelham a multiplicidade brasileira dos imigrantes que se estabeleceram em Portugal.

O *Público*, além da capa, abordou as repercussões do discurso do então Presidente da Assembleia da República, João Bosco Mota Amaral, político do PSD, que exigiu ao

[121] O uso do termo "ilegais", para designar imigrantes, é considerado ofensivo; muitos autores e o ACIME defendiam na época a substituição do termo por "indocumentados".

presidente Lula da Silva que colocasse em prática as suas promessas. O jornal referiu então a reação do PCP, que sentiu no discurso um "tom neocolonialista, como o aconselhar perante o que fazer" e dos deputados do PS, "revoltados pelo discurso 'a roçar o vergonhoso'" (*Público*, 11 de julho de 2003, p.3). Ainda no dia 10, após sair da Assembleia da República, Luiz Inácio da Silva Lula visitou a Fundação Mário Soares, onde teria dito que vir a Lisboa e não ver Mário Soares era como ir a Roma e não ver o Papa. Estes dois momentos da visita oficial do Presidente do Brasil com os partidos portugueses sugerem as proximidades e distanciamentos relativamente a Lula da Silva e ao Partido dos Trabalhadores.

O *Correio da Manhã* e o *Público* não referiram o discurso de Mota Amaral no dia 11 de julho. Mas no dia seguinte, os três jornais escreveram artigos sobre as repercussões do discurso do Presidente da Assembleia. O *Correio da Manhã* mostrou um "Mota Amaral surpreendido com polémica" (12 de julho de 2003, p.24), o *Público* revelou que "A imprensa brasileira diz que Mota Amaral foi o único desconforto com a visita" (12 de julho de 2003, p.8) e o *Diário de Notícias* resumiu: "Mota Amaral explica-se e Lula desdramatiza" (12 de julho de 2003, p.15). Com argumentámos no início do texto, tanto os jornais como os partidos políticos aproveitaram-se da passagem de Luiz Inácio da Silva, para abordar e marcar posição em relação à política interna portuguesa.

8.9 - A receção festiva: "Lula, cadê você? Eu vim aqui só p´ra te ver"

No dia 11 de julho, a agenda da visita do Presidente do Brasil esteve repleta de compromissos, porém com pouca participação dos imigrantes brasileiros. Todavia, no dia seguinte, muitos brasileiros mobilizaram-se frente ao hotel em que estava hospedado Lula da Silva. O *Correio da Manhã* fez a cobertura jornalística apenas do primeiro dia, reproduzindo muitos estereótipos negativos em relação aos brasileiros no texto "Ninguém saiu sambando", da autoria de Joel Neto:

> "Gosto de brasileiros. Vejo os homens como «Rui» e as mulheres como «Vani», o delicioso casal de «Os Normais», a melhor série de humor da televisão em Portugal. Ontem, por isso fui à parada dos Jerónimos. Esperava samba, futebol, termus com café cheiroso. Mas nada. Vi faixa com as palavras «Brasileiros Emigrantes no Mundo – Uma questão de Estado» e, debaixo dela, meia dúzia de homens e mulheres de ar deprimido, trocando impressões sobre a desvalorização do dólar. Não saltou uma bola. Ninguém beijou a namorada. Nenhuma bateria saiu dançando. Lula não é, hoje, a esperança que já foi." (*Correio da Manhã*, 11 de julho de 2003, p.22).

No texto, o autor começa por afirmar que gosta de brasileiros, premissa que sugere uma suposta liberdade para criticar, devido à sua proximidade atestada no começo da frase como admirador dos brasileiros. Entretanto, Joel Neto recorre aos estereótipos mais utilizados – samba, futebol e café – como se esses três traços fossem comuns a todos os brasileiros. Depois narrou a sua deceção ante o ar deprimido dos imigrantes, opondo-lhes a imagem de alegria que todos brasileiros deveriam ter. Outra referência usada foi a da sexualidade exacerbada, ao reclamar não ver nenhum beijo na manifestação.

O *Público*, por sua vez, não salientou os acontecimentos do dia 11 e sim o segundo dia, assinalando a presença de muitos imigrantes na frente do hotel. Reproduziu os gritos dos brasileiros: "Lula, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver" e descreveu que "Lula da Silva recebeu sindicalistas e representantes da comunidade brasileira, mas não foi apertar a mão ao «povão»"(*Público*, 13 de julho de 2003, p.14). Além disso, entrevistou o presidente da Casa do Brasil de Lisboa, Carlos Vianna, que sublinhou a preocupação de Lula da Silva com o "povo brasileiro".

O *Diário de Notícias*, no primeiro dia, usou o título "«Gosto do Lula… a gente espera muito dele»" com o subtítulo "Foram poucos, mas incondicionais, os brasileiros ontem presentes na receção ao líder brasileiro" (11 de julho de 2003, p.15). Sobre o último dia, o jornal também conferiu destaque à presença dos imigrantes na frente do hotel: "Lula recebe sindicalistas num dia com cheirinho de festa popular" (13 de julho de 2003, p.18). O *DN* cobriu os acontecimentos da visita de forma mais completa e cuidadosa.

A recolha acima constitui a produção de notícias por parte dos três jornais escolhidos sobre a estadia em Portugal do presidente Lula da Silva e revelam diferenças entre si. As disputas e negociações de identidade produzidas nesse momento foram amplas e a Casa do Brasil de Lisboa não ficou de fora, participou também através do seu jornal *Sabiá*. Na edição n.º 56, de julho de 2003, o *Sabiá* estampou na capa: "Acordo permite regularização de portugueses e brasileiros" num enfoque bem diferente do utilizado pelos outros jornais:

> "A passagem de Lula por Portugal coroou uma série de entendimentos que já estavam sendo negociados entre os governos brasileiro e português para facilitar a vida dos imigrantes dos países. «Saio de Portugal realizado como dirigente político» disse Lula. «Os brasileiros que estão em Portugal são bem-vindos», garantiu o primeiro-ministro Durão Barroso. Foram assinados três acordos, entre os quais o que permite a legalização e obtenção de visto de trabalho por parte dos brasileiros que estejam em situação irregular no país. Não será necessário voltar ao Brasil para obter o visto de trabalho, bastando se deslocar até um dos três consulados mais próximos de Portugal, nas cidades de Vigo, Sevilha ou Madrid, na vizinha Espanha. Uma comissão de alto nível, composta por

> representantes dos dois governos, acompanhará passo a passo a implementação do acordo, prevista para começar no fim de agosto.
>
> Milhares de portugueses que vivem, no Brasil, em sua maioria proprietários de pequenas pousadas e restaurantes no litoral, também foram beneficiados pelas negociações luso-brasileiras. Foi reduzido pela metade – de 200 mil para 100 mil dólares – o investimento necessário para que o empresário português consiga um visto permanente em nosso país. De acordo com o secretário-executivo do Ministério da Justiça do Brasil, Luiz Paulo Barreto, este valor poderá ficar ainda menos. «A idéia é a seguinte: não termos brasileiros ilegais em Portugal nem portugueses ilegais no Brasil» sintetizou" (*Sabiá*, junho de 2003, p.1).

Neste título, e principalmente no texto acima, podemos perceber a linha editorial do jornal associativo, analisada no capítulo quatro, que valorizou primeiro as relações bilaterais, ao ressaltar que os portugueses também tinham pendências documentais que seriam atendidas na sua legalização no Brasil. Essa abordagem ao tema, baseada na amizade e na história em comum dos dois países, foi uma estratégia da Casa do Brasil de Lisboa para conferir legitimidade à sua existência. Foi também uma narrativa a que a associação recorreu em vários momentos para servir de apoio às suas reivindicações. Além disso, a edição 56 foi maioritariamente dedicada à visita do presidente brasileiro e ao acordo, sendo o tema abordado de variadas formas: no editorial, pelos colunistas, com artigos, fotos e até entrevistas.

A revista *Boletim Informativo* do Alto Comissariado para Imigração e Minorias Éticas (ACIME) também produziu imagens e conteúdos sobre a assinatura dos acordos entre Portugal e Brasil. A coluna *Opinião* da edição de setembro de 2003, assinada por Feliciano Barreiras Duarte, integrou-se nesta série de negociações e disputas de identidades, além dde procurar demonstrar legitimidade dos tratados, por parte do Governo português. Com o título "Agilizar os acordos com o Brasil", o então Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Presidência buscou justificar as escolhas do Governo pela comunidade brasileira do seguinte modo:

> "Portugal e o Brasil são dois Estados modernos, integrados nas economias regionais dos seus continentes, que têm vindo a desenvolver intensas trocas culturais, económicas, comerciais e também, em resultado de movimentos migratórios históricos entre os dois países. A avaliar pelas vagas migratórias mais recentes Portugal é, para os brasileiros, logo a seguir ao Japão, o destino "de sonho". Sem importar aqui discutir se o sonho se realiza ou não, os números mostram que o Brasil para os portugueses e Portugal para os brasileiros tem uma carga emotiva que não podemos ignorar. Assim, é natural que Portugal tenha sido o primeiro destino do Presidente do Brasil depois de tomar posse. É também normal, que em função de uma história e de uma relação bilateral intensa, o Governo português não tenha sido indiferente à situação de milhares de brasileiros que já estão entre nós, bem como às dificuldades por que passam muitos portugueses que partem para o Brasil sem ter a sua situação regularizada. É em resultado destas e de outras preocupações (como a livre circulação de alguns profissionais entre os dois países e o

> combate ao tráfico de pessoas) que surgem os acordos assinados a 11 de Julho entre Portugal e o Brasil" (*Boletim Informativo*, setembro de 2003, p.3).

O passado histórico comum entre Portugal e Brasil foi pois utilizado no texto de Duarte. Outro argumento foi o da grande procura dos imigrantes brasileiros por Portugal, comparando o país com o Japão. Em muitos textos dessa coluna *Opinião*, Feliciano Duarte utilizava estas comparações entre países considerados exemplares e países considerados atrasados ou com problemas económicos. Daí, a importância de colocar Portugal a par do país nipónico, extremamente desenvolvido.

Outra preocupação manifestada pela Casa do Brasil de Lisboa foi acentuar a existência de uma comunidade de imigrantes portugueses que também beneficiavam com os acordos assinados pelos dois países. Todos esses argumentos foram elencados para justificar a atitude do Governo em privilegiar o Brasil, e não outras nações com populações imigrantes residentes em Portugal. Como foi demonstrado, parte da grande imprensa questionou a razão da escolha dos imigrantes brasileiros.

8.10 – Acordos

No dia 10 de julho, o *Público* publicou o artigo "Brasileiros são a segunda comunidade em Portugal" (2003, p.180). A introdução desse tema, antes da chegada do presidente do Brasil, sugere que alguma informação privilegiada chegou ao jornal, pois este ressalta exatamente este aspeto da seguinte forma:

> "aumenta o número de trabalhadores pouco qualificados, fenómeno que fez ressurgir alguns sentimentos xenófobos, nomeadamente com a «novela das mães de Bragança». De acordo com o embaixador brasileiro, esse entendimento passará pela possibilidade de os imigrantes em situação de irregular, mas com contrato de trabalho e cartão de contribuinte, poderem tratar do seu processo de legalização a partir de Portugal" *(Público*, 10, de julho de 2003, p.8).

Neste pequeno trecho, o jornal retrata os imigrantes brasileiros em Portugal enquanto mão de obra pouco qualificada. O *Diário de Notícias*, no dia 11 de julho, publicou duas páginas sobre os acordos entre os dois países com o título "Contencioso encerrado: Três acordos põem uma pedra sobre a questão dos ilegais brasileiros" (2003, p.14). E o artigo explicou as facilidades para os imigrantes brasileiros em Portugal.

No *Correio da Manhã*, na edição de 12 de julho de 2003, na parte *ONLINE*, onde perante uma pergunta, dois jornalistas escrevem dois pequenos textos defendendo o Sim e o

Não, a pergunta na ocasião foi: "Imigração: «Relações Portugal-Brasil justificam tratamento especial?»". Eis as justificativas:

> **"Sim.** O Brasil sempre foi um porto de abrigo para os portugueses. Quando a família real fugiu da ocupação francesa instalou-se no Brasil. Quando o Estado Novo endureceu a sua repressão, os oposicionistas encontraram exílio no outro lado do Atlântico. Após os desmandos da revolução de Abril, muitos empresários e políticos procuraram em terras de Vera Cruz o apoio que precisavam para reconstruir as suas vidas. São factos que devem pesar em qualquer relacionamento" (*Correio da Manhã*, 12 de julho de 2003, p.2).

Na argumentação do Sim, o facto de o Brasil receber bem os portugueses em outros momentos do passado deveria ser levado em conta como justificação para aceitar os brasileiros. Era a ideia da dívida histórica.

> **"Não.** A frase de um angolano - "Pois, para uns é dura lex, para outros é mola lex" - aplica-se como uma luva às facilidades concedidas aos imigrantes brasileiros. E ainda por cima, como disse ontem o padre Rui Pedro, "os brasileiros não são os que estão em pior situação" (*Correio da Manhã*, 12 de julho de 2003).

A defesa do Não tomou como ponto de partida a reação dos outros. O autor apropria-se da frase de um angolano, que não identifica, e depois diz que existem imigrantes em situação pior e que, por essa razão, os imigrantes brasileiros não deveriam receber privilégios especiais. Ou seja, o passado histórico fica de fora e a justificação repousa sobre o presente, com o argumento de que existem outros em "pior situação". Este argumento, de que o acordo beneficiava um grupo que não o merecia, apareceu outras vezes no *Correio da Manhã* e também em correspondências dos leitores do *Diário de Notícias* e do *Público*.[122]

8.11 - Acordo luso-brasileiro

No *Sabiá* de agosto/setembro de 2003, seguindo seu projeto editorial, houve a construção de uma narrativa para combater a ideia dos imigrantes brasileiros enquanto comunidade favorecida em relação às outras. A foto utilizada (*Sabiá*, número 57, Agosto/Setembro 2003, p.4) e a entrevista seguem abaixo.

[122] Houve por parte destes três jornais um ataque velado à imigração em geral, a tática de opor comunidades de imigrantes entre si (angolanos vs. brasileiros) foi comum entre a imprensa populista de direita (Cádima, 2003).

Figura 10 Jornal *Sabiá*, número 57, Agosto/Setembro 2003, p.4

A foto escolhida para ilustrar a entrevista de José de Almeida Cesário, secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, foi a de muitos imigrantes brasileiros em fila para preencher o registo, o primeiro passo obrigatório para iniciar a legalização. Entretanto, o título da entrevista, visível abaixo da foto, e a seguinte introdução "José de Almeida Cesário, secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, avalia que o acordo entre os governos brasileiro e português para a contratação de nacionais poderá ser estendido a outras comunidades" (*Sabiá*, agosto/setembro, 2003, p.4) não tinham uma relação direta com a longa fila de imigrantes brasileiros.

No entanto, num contexto de contestação à comunidade imigrante brasileira considerada privilegiada, o *Sabiá*, com aquela foto, aponta para as dificuldades que implicava cumprir os requisitos para a legalização. E, na entrevista, as perguntas e respostas também seguiram o mesmo padrão editorial do jornal, ao destacar a união entre Brasil e Portugal, a bilateralidade do acordo e a excecionalidade do Brasil em relação aos outros países, com parcialidade, desta forma:

> **"Como o senhor avalia os acordos sobre migração recentemente assinados pelos governos brasileiro e português?**

> Traduzem as excelentes relações que existem entre os governos dos dois países. São uma forma de resolver problemas pendentes que, de alguma maneira, atingem as comunidades portuguesa no Brasil e brasileira em Portugal.
>
> **Em que estes acordos beneficiam a comunidade portuguesa no Brasil?**
>
> Estamos esperançados de que venha a haver uma maior abertura das autoridades brasileiras, nos seus mais variados níveis, para o tratamento dos problemas sentidos. Nomeadamente, questões que se prendem com o apoio aos investimentos de empresas portuguesas, a legalização de cidadãos portugueses que estão de forma irregular e também maior acompanhamento social desses mesmos imigrantes. Os acordos nos valem não propriamente pelo seu conteúdo, mas pelo alcance político que podem ter na relação entre os dois países. Há muitas questões que poderão ser tratadas com espírito diferente a partir do momento em que houve aproximação.
>
> **Qual a sua opinião sobre a reivindicação de outras comunidades imigrantes de extensão deste acordo?**
>
> É legítimo que peçam, que tenham essas expectativas. O governo português avaliará até que ponto poderá dar-lhes respostas positivas. Em qualquer caso, este mecanismo que foi encontrado para os cidadãos brasileiros poderá naturalmente ser extensivo a cidadãos de outros países, desde que venha a ser considerado adequado e possível. Há um pormenor que o Brasil tem acordos de isenção de visto com a Espanha, que outros países poderão não ter. Recordo, ainda, que este modelo de legalização não colide com as disposições da actual lei de imigração em Portugal (*Sabiá*, agosto/setembro, 2003, p.4)"

Essas estratégias desenvolvidas pelo jornal da associação Casa do Brasil de Lisboa fazem parte das negociações de identidades. Enquanto jornais como o *Correio da Manhã* criticavam o favorecimento aos imigrantes brasileiros, o *Sabiá*, por sua vez, utilizava o mesmo tema para recordar que os portugueses também estavam a ser privilegiados no Brasil pelo acordo. Na última pergunta, José Cesário utiliza palavras como "expectativa", "desde que venha a ser considerado adequado e possível", mas não existe por parte dele nenhuma promessa ou compromisso em relação à ampliação do acordo.

Nesses primeiros dias não houve qualquer notícia vinculando os três tratados com o nome "Acordo Lula". Essa associação da imagem do presidente do Brasil a esses tratos diplomáticos aconteceu posteriormente. Ao contrário dos três jornais de grande circulação, que, na maioria das vezes, só retrataram a questão da legalização quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva esteve em Portugal, o *Sabiá* falou sobre este tema muitas vezes no período de 2003 a 2007. Na edição de outubro de 2003, na sua capa, houve duas matérias de destaque. A primeira, "A vida por um triz", foi sobre a morte por acidente de trabalho de um imigrante brasileiro trabalhador da construção civil e a outra foi "Mais de 30 mil querem visto de trabalho". No editorial desse número, Carlos Vianna frisa que o número de inscritos no Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) alcançou o número de 30.500 mil brasileiros e "Só na Casa do Brasil foram preenchidas 5.300 fichas em onze dias" (*Sabiá*, outubro de 2003,

p.2). Além de ressaltar o trabalho de auxílio prestado pela associação, o jornal também orientava seus leitores a respeito das próximas fases do processo e em relação aos documentos exigidos.

No *Sabiá* de novembro/dezembro de 2003, edição 59, na página 3, em um comunicado oficial da Casa do Brasil de Lisboa, facto raro, aliás, intitulado "Regularização de imigrantes brasileiros", foi a primeira vez que apareceu o nome "Acordo Lula":

> "Ao governo brasileiro, que acompanhe permanentemente o processo, pois os cidadãos brasileiros em Portugal estão agradecidos e é grande a expectativa quanto ao êxito do que chamam o «Acordo Lula». A Casa do Brasil esta empenhada no sucesso deste Acordo, que tem de se traduzir na obtenção de Visto de Trabalho para uma expressiva maioria dos candidatos, brasileiros em Portugal e portugueses no Brasil. Os imigrantes sabem que podem contar com a Casa do Brasil. A morosidade já comprovada dos órgãos governamentais portugueses vem se traduzindo em demissões, no não cumprimento de promessas de empregos, na impossibilidade de viagem para o Brasil no fim do ano e em outros problemas para os candidatos à obtenção do visto." (*Sabiá*, novembro/dezembro, 2003, p.3)

No trecho acima, o jornal não assumia ter dado o nome ao acordo, deixando em aberto quem seria quem denominou os três acordos firmados pelos Governos de Brasil e Portugal por "Acordo Lula". Além da denominação, a Casa do Brasil de Lisboa criticava o baixo ritmo com que a regularização tinha decorrido até então. Também nesse trecho houve a preocupação de construir um discurso que ressaltava a bilateralidade do acordo, o relacionamento de irmandade entre Portugal e Brasil.

Ao longo desse processo, o *Sabiá* abordou muitas vezes este tema. Se na primeira vez houve a comemoração da figura do presidente Lula da Silva pelos acordos e o papel importante da Casa do Brasil de Lisboa na sua concretização, nas edições posteriores a julho de 2003 houve muitas críticas em relação à demora do processo e às dificuldades que os imigrantes brasileiros encontravam. O *Correio da Manhã*, em 18 de janeiro de 2004, escreveu: "Só 64 brasileiros foram legalizados".

O *Público*, em 31 de janeiro de 2004, noticiava "Acordo de imigração com o Brasil à beira do «fracasso»". Neste artigo, o jornal entrevistou Carlos Vianna e ainda citou o editorial do *Sabiá* desta forma: «No último número do jornal editado pela Casa do Brasil, Vianna deixou mesmo a ameaça: "Em 2004, ou vai ou racha. Nos próximos meses, veremos se o acordo foi para valer ou para inglês ver", escreveu, adiantando que se um "número expressivo" não obtiver o visto, «a frustração e a revolta tomarão conta dos corações e mentes de muitos imigrantes»" (*Público*, 31 de janeiro de 2004, p.24). Esta referência ao jornal da associação brasileira foi parte das disputas e negociações das imagens dos imigrantes

brasileiros. Porque, mesmo um jornal com baixa tiragem, como o *Sabiá,* em determinados temas torna-se uma fonte produtora de informações para os grandes meios de comunicação.

8.12 - Acordo Lula

Em 2004, o *Sabiá* escreveu em todas edições sobre o tratado, por vezes usando o nome "Acordo luso-brasileiro", outras vezes usando "Acordo Lula". Em fevereiro, o editorial "Vale a pena lutar" dava conta da repercussão conseguida pelo editorial de janeiro na grande imprensa. Além disso, o outro motivo de comemoração foi este: "Foram tempos de denúncias, de lutas, mas também – e sempre é esta atitude da Casa do Brasil – tempos de diálogo. E o diálogo frutifica, quando há boa vontade, bom senso e atitude positiva entre as partes. Assim foi com o Inspector Geral do Trabalho, Nuno Ataíde das Neves. O resultado prático deste diálogo está na página 3, onde estão especificadas as novas regras da IGT" (*Sabiá,* fevereiro de 2004, p.2). A associação vangloriou-se dessas alterações e criticou o governo brasileiro pela burocratização da obtenção de documentos, principalmente o registro criminal.

Ao longo do ano o *Sabiá* denunciou muitas vezes o baixo número de vistos obtidos, com uma narrativa dura pedindo que as autoridades brasileiras e portuguesas auxiliassem neste processo, utilizando sempre o número de 30.000 inscritos como meta a ser alcançada. Outra estratégia da Casa do Brasil de Lisboa, foi a prestação de assessoria por parte da associação para o imigrante brasileiro realizar este processo. As escolhas para referir-se aos três tratados nunca foram explicitadas, apenas variavam entre "acordo luso-brasileiro" e "Acordo Lula".

Correio da Manhã, *Diário de Notícias* e *Público*, apenas em outubro de 2005 adotaram "Acordo Lula" para se referirem aos três acordos firmados em julho de 2003. O *Sabiá* utilizou "Acordo Lula" em todas as edições de 2005. Na edição de julho, a capa anunciava "Brasileiro tem nova chance de conseguir o visto", mas foram utilizadas imagens de 2003 para ilustrar essa nova oportunidade. Neste número, analisando o artigo, podemos avançar hipóteses sobre a relutância em utilizar o nome "Acordo Lula":

> "O Acordo Lula não existiu porque o presidente Lula, um belo dia, acordou de bom humor e decidiu: "vou ajudar a rapaziada lá de Portugal e fazer um acordo com o governo português para legalizar quem precisa…" Os acordos entre países acontecem porque há pressões, interesses e necessidades de ordem política, social, económica e até burocráticas. O Acordo Lula aconteceu porque a Casa do Brasil organizou um movimento

> de pressão e mobilização de uma série de pessoas e instituições que nos ajudaram a sensibilizar os governos brasileiro e português para dar este passo" (*Sabiá*, julho de 2005, p.3).

Essa reivindicação de protagonismo relativamente ao tema por parte da Casa do Brasil de Lisboa sugere o motivo da relutância em dar o nome do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao acordo. Nas entrevistas realizadas com antigos dirigentes da associação, quando questionados sobre o Acordo Lula, todos foram categóricos ao falar desse momento como uma das grandes vitórias conquistada pela associação.

Como foi referido anteriormente, os três jornais escolhidos deram destaque ao Acordo Lula aquando da segunda visita do presidente do Brasil ao país. Na cidade do Porto, durante os dias 12 e 13 de outubro, houve uma cimeira entre os dois países. O *Diário de Notícias* dessa vez, não concedeu o mesmo espaço para a visita e tão pouco seus colunistas se dedicaram ao assunto. Neste período, rebentou o escândalo de corrupção "Mensalão", que envolveu o suborno de parlamentares brasileiros em troca da aprovação de leis e projetos do governo de Lula da Silva. Os artigos produzidos focavam as relações comerciais entre os dois países e o protesto da Casa do Brasil de Lisboa pela burocratização e pelo presidente do Brasil não ter recebido "o povão" nesta sua visita a Portugal.

O *Público* também realça as questões comerciais, com muitos números e exemplos de investidores. Nos dois dias da visita, foi o jornal que mais deu destaque à viagem, com três páginas de artigos sobre o comércio bilateral e também sobre a questão da legalização dos imigrantes. A primeira vez que foi utilizada a expressão "Acordo Lula" no *Público*, foi na visita de Lula ao Porto, para a cimeira luso-brasileira.

> "Durante as declarações à imprensa, Sócrates frisou que os mais de 15 mil brasileiros que permanecem ilegais em solo português já foram "contactados várias vezes" pelo SEF, pelo que pediu também do Governo brasileiro uma participação activa na sensibilização desses imigrantes. O primeiro-ministro português não vê a aplicação do "Acordo Lula" como "um fracasso" - como noticiavam anteontem alguns jornais de referência brasileiros -, mas sim "um avanço indiscutível". Lula também procurou desdramatizar o assunto: "Possivelmente há quem entenda que ainda não tenha sido feito tudo, mas já foi feito um bocado de coisas na questão da imigração" (*Público*, 14 de outubro de 2005, p.7).

A capa do dia 14 de outubro de 2005 referia-se ao pedido do presidente Lula da Silva, para que Portugal perdoasse as multas dos imigrantes. O *Correio da Manhã* também dedicou atenção ao tema da visita, relacionando a economia e os imigrantes brasileiros. E, bem ao estilo do seu projeto editorial, de se centrar em temas mais "populares", o *CM* usou o seguinte título: "O irresistível gosto do vinho" (*Correio da Manhã*, 14 de outubro de 2005, p.23). Isto

porque houve uma polémica com o correspondente do jornal norte-americano *New York Times*, que acusou o Presidente do Brasil de consumir bebidas alcoólicas em excesso.

O *Sabiá*, por sua vez, foi extremamente duro em relação à visita do presidente Lula da Silva à cidade do Porto. O título utilizado para tratar do assunto foi: "Muito barulho por nada: Visita relâmpago de Lula decepciona imigrantes brasileiros" (novembro de 2005, p.3). Os motivos, segundo o jornal, para a deceção estariam ligados ao presidente do Brasil, por não se encontrar com "o povão" e os resultados fracos do Acordo Lula. A questão da isenção da multa por parte dos serviços portugueses foi vista com ceticismo: "Lula pediu ao governo português que perdoasse a multa (cerca de 400 euros) cobrada pelo SEF para obtenção do visto de três meses, e Sócrates prometeu «tomar boa nota» do pedido" (*Sabiá*, novembro de 2005, p.3).

Em 2006 o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras fez grandes operações envolvendo a fiscalização dos imigrantes documentados e não documentados em Portugal. O jornal da Casa do Brasil de Lisboa concedeu mais espaço a esta questão do que ao Acordo Lula. Lugares de sociabilidade dos imigrantes brasileiros, como restaurantes, por exemplo, foram autuados, tendo sido encontrados muitos casos de documentação incompleta ou inexistente. Além disso, foi neste ano que aconteceu a discussão sobre a mudança na Lei de nacionalidade, outro assunto fundamental e incontornável no cotidiano dos imigrantes. Em função da visita oficial do primeiro-ministro José Sócrates ao Brasil, o tema do Acordo Lula e da imigração de brasileiros para Portugal foi motivo de um artigo no *Público*, do qual selecionamos o seguinte trecho:

> "O cônsul do Brasil em Lisboa, Júlio Zelner Gonçalves, admitiu hoje que possam viver em Portugal entre 200 a 250 mil brasileiros, apesar da inexistência de dados oficiais sobre o número de imigrantes oriundos daquele país. "Não se sabe quantos são os brasileiros a viver em Portugal. Mas acho que vivem entre 200 a 250 mil", disse à Lusa o cônsul do Brasil em Lisboa, adiantando que o número de ilegais deverá ultrapassar os 50 mil" (*Público*, dia 8 de julho de 2006, p.21).

O reconhecimento, por parte do cônsul do Brasil em Lisboa, de que em 2006 viveriam entre 200 a 250 mil brasileiros em Portugal, aponta para uma grande diferença entre esses números e os utilizados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Como foi referido anteriormente, existe uma grande diferença entre os imigrantes documentados e os sem documentos; no caso dos brasileiros em Portugal, não foi diferente. Em setembro de 2006 o *Sabiá* noticiou a nova oportunidade de recomeçar o processo de legalização utilizando o Acordo Lula e, dessa vez, a crítica foi direcionada às autoridades portuguesas: "Depois de um

período de quase inatividade, o famoso Acordo Lula e o fracassado processo dos CTT são relançados pelo governo português para disfarçar os efeitos perversos de uma nova Lei de Imigração que não legaliza ninguém" (*Sabiá*. novembro de 2006, p.3).

No ano seguinte houve apenas duas edições do *Sabiá*, em junho e dezembro. Na primeira edição de 2007, a capa do jornal foi "Lula vem a Portugal" e a notícia foi assim divulgada: "O presidente Luiz Inácio Lula da Silva vem a Portugal no próximo dia 4 de julho, no início da Presidência portuguesa da União Européia. As visitas de Lula a Portugal já trouxeram aos brasileiros grandes alegrias, como quando foi firmado o Acordo Lula, mas também, grandes decepções, caso da última, em outubro de 2005, quando nada foi anunciado de relevante" (*Sabiá*, junho de 2007, p.19). As avaliações sobre o passado, para a Casa do Brasil de Lisboa, permanecem como as outras emitidas na época: elogios na primeira visita e críticas ao governo brasileiro na segunda.

A terceira visita de Luiz Inácio Lula da Silva a Portugal foi realizada em julho de 2007, em razão da cimeira entre a União Europeia e o Brasil. Foi o primeiro evento da 3.ª presidência portuguesa do Conselho da União Europeia, sediado em Lisboa no segundo semestre desse ano. Ao contrário da visita anterior, a popularidade de Lula da Silva estava em alta no Brasil, pois em outubro de 2006 tinha sido reeleito para mais quatro anos de mandato presidencial. Nas relações internacionais, o Brasil era uma liderança cada vez mais atuante, como foi dito na introdução.

O *Diário de Notícias* resumiu o encontro como "A cimeira mundial onde se falou português", frase acompanhada da foto dos três personagens da cimeira falantes dessa língua: José Sócrates, Primeiro-Ministro de Portugal e Presidente do Conselho da União Europeia, Lula da Silva, Presidente do Brasil, e Durão Barroso, Presidente da Comissão Europeia (*Diário de Notícias*, 5 de julho de 2007, p.2). O *Público* salientou que as conversações mundiais voltaram a acontecer devido à cimeira, inclusive as importantes negociações sobre a Ronda de Doha.

O *Correio da Manhã*, por sua vez, centrou a atenção na questão da imigração brasileira em Portugal. Ao contrário dos outros dois periódicos, a manchete da capa do dia 5 de julho de 2007 foi "Encontro de Irmãos selado em Lisboa" (p.1) Ao utilizar a palavra "irmãos", o jornal negocia novamente as identidades dos imigrantes brasileiros: se antes o *Correio da Manhã* foi duro em relação ao Acordo Lula, agora ele recorre à maior proximidade possível para se referir ao Brasil.

Os negócios entre Brasil e Portugal estiveram presentes em todos esses encontros diplomáticos, com incentivos de investimentos nos dois países. Em julho de 2007, as economias de Brasil e Portugal estavam em momento de bom desempenho, facto que deve ter contribuído para essa mudança de visão por parte do jornal.

8.13 – Conclusão – Acordo Lula

O Acordo Lula, como ficou conhecida a assinatura dos três acordos bilaterais entre Brasil e Portugal, foi um tema muito importante na história da imigração brasileira para Portugal. Buscámos mostrar neste subcapítulo, o grande destaque que a visita do Presidente do Brasil teve em 2003 e quais as reações da sociedade portuguesa, através dos seus meios de comunicação. As defesas desse processo de legalização extraordinária realizado pelo Governo Português e também por parte da Casa do Brasil de Lisboa. Com motivações diferentes: o primeiro sentia a necessidade de prestar contas às outras comunidades e também à sociedade portuguesa; já a associação de imigrantes brasileiros reivindicava um protagonismo na concretização dos acordos e também na defesa da sua completa realização.

Neste caso, a Casa do Brasil de Lisboa criou uma imagem dúbia, pois, devido ao seu empenho em tentar regularizar o maior número possível de imigrantes brasileiros, seu jornal *Sabiá*, em diversas oportunidades, denunciou a demora para a obtenção do visto de trabalho. Na maioria das vezes em que o Acordo Lula era debatido nos jornais, os presidentes da associação concederam várias entrevistas ou comunicados, mencionando a demora ou o fracasso dos tratados bilaterais. Por isso, um pesquisador que utilizasse apenas as fontes escritas, teria a impressão de enorme deceção por parte da associação relativamente ao Acordo Lula.

Entretanto, nas entrevistas com os dirigentes da Casa do Brasil de Lisboa, as ilações retiradas do processo e a própria história que narram sobre o período é que esta teria sido a maior vitória da instituição. Isso porque houve uma grande diferença entre o número de inscritos no pré-registro do processo e os que conseguiram dar início ao processo, comparecendo à entrevista numa segunda etapa de acordo. Para a socióloga Beatriz Padilha: "Muitos brasileiros, pelo fato de se encontrarem em situação precária e temporária de alojamento, não mantiveram a mesma morada por muito tempo, inviabilizando a destinação correta do postal. Outros, provavelmente, desistiram do processo de legalização pelo fato de não terem a quantia necessária para iniciá-lo" (Padilha, 2006, p.21). Não era possível

completar até ao fim todos os inscritos no primeiro registro, entretanto, a Casa do Brasil de Lisboa, utilizou o número de 30.000 fichas de inscrição como uma defesa da sua legitimidade enquanto associação representativa desses imigrantes.

Devido a todas essas questões, os três jornais selecionados abordaram muito o tema do Acordo Lula, ao contrário dos outros temas analisados anteriormente, em que havia uma celeuma com uma parte da sociedade portuguesa, como no caso dos dentistas, da Compra do Coliseu ou das Mães de Bragança. Uma parte da imprensa procurou destacar o passado comum entre Brasil e Portugal, ligação histórica que justificava um tratamento diferenciado. Entretanto, outra parte da imprensa e outros grupos questionaram as facilidades concedidas aos imigrantes brasileiros para alcançarem o visto de trabalho.

Essas manifestações na imprensa, seja através de artigos ou de cartas dos leitores, permitem problematizar que as disputas e negociações identitárias em Portugal aconteciam também entre diferentes comunidades de imigrantes e não apenas entre imigrantes e a sociedade portuguesa. Essa seria uma importante pesquisa a ser desenvolvida: quais e como decorreram as negociações entre as várias comunidades imigrantes em Portugal, num período de grandes fluxos de chegadas ao país.

No caso dos imigrantes brasileiros, tema desta tese de doutoramento em História, foi apenas dessa vez que a disputa se deu em relação a outros grupos imigrantes. Neste momento, em que a construção de narrativas, se baseava num entendimento entre os governos de Brasil e Portugal, ainda assim, ocorreu uma grande troca de imagens e uma luta de sentidos relacionados com as identidades dos brasileiros e do Brasil que eram diferentes.

CONCLUSÕES

Fazer a história de imigrantes é sempre um grande desafio. Pois, ao se deslocarem entre espaços, estes sujeitos colocam em dúvida o novo lugar onde chegam, por serem diferentes dos que já estavam lá. Também fazem parte desse processo as transformações que este ser deslocado necessita para conseguir se identificar com este espaço e de alguma forma construir o seu novo lugar. A globalização, tornou as viagens transnacionais e as tecnologias de comunicação, mais acessíveis. Isto não só facilitou o ato de viajar (e regressar por breves períodos ao país de oriem) como ainda fez com que os imigrantes permanecessem mais próximos do seu local de partida. Consequentemente os atuais imigrantes, inseridos nesta fase da globalização, potencializam todas as questões envolvendo este processo migracional. Em relação aos imigrantes brasileiros em Portugal, o processo não foi diferente.

Constituiu um grande desafio realizar as propostas contidas nesta pesquisa, que agora se concretiza em forma de Tese de Doutoramento de História. No primeiro capítulo da primeira parte, foram explorados o estado da arte dos temas mais importantes aqui analisados: imigração e identidades. Depois, no segundo capítulo, foram exploradas as metodologias selecionadas para interpretar as fontes escolhidas para o trabalho. Deu-se particular atenção à especificidade da história do tempo presente, à história oral e à análise dos conteúdos na imprensa.

No terceiro capítulo foi realizada uma breve contextualização histórica, envolvendo Brasil e Portugal, para entender os motivos das partidas, e também os ambientes das chegadas dos emigrantes, durante o período 1986-2007. Foram também relatados aspetos do cotidiano dos brasileiros no Portugal de então, com o auxílio de três fontes: *Cadernos do Terceiro Mundo*, *Sabiá* e *O Brasileirinho*. Pudemos também constatar que a chegada de imigrantes brasileiros a Portugal conheceu um crescimento constante neste período, como os dados oficiais do SEF atestam.

Ainda neste terceiro capítulo, assinalámos que a diversidade de condições financeiras e culturais, existentes no Brasil, se refletiu também na população emigrada para Portugal. As profissões e as formações académicas alcançadas na sociedade portuguesa por esses imigrantes corroboram essa afirmação. Existiu portanto uma grande diversidade de brasileiros

em Portugal. Tanto no estado da arte, como nas entrevistas realizadas, podemos constatar que as motivações para emigrar foram diversas. Desde motivos relacionados com a sobrevivência económica ao desejo de melhorar as condições de existência, até à vontade de ter uma experiência de vida fora do país.

Perceber essa diversidade de brasileiros em Portugal nos ajuda a entender as diferentes formas de organização da luta contra os estereótipos que recaíam sobre os brasileiros. As redes de sociabilidades, que se foram constituindo, também permitem entender melhor as reivindicações que foram sendo apresentadas. Ao longo deste último capítulo, acompanhámos a história do tempo presente de Portugal e do Brasil, para melhor entender o processo de imigração, preocupando-nos com os motivos de atracção e também de repulsão desses sujeitos migratórios.

Na seguda parte da tese, analisámos três meios de comunicação que circulavam entre os imigrantes brasileiros: *Sabiá*, *Tribuna Universal/ Folha Universal/ Folha Portugal* (da IURD) e *Boletim Informativo* (do ACIME/ACIDI). Para compreender as suas escolhas editoriais, além de uma análise de conteúdos, procurámos perceber como se organizavam as suas entidades produtoras, a saber: a Casa do Brasil de Lisboa, a Igreja Universal do Reino de Deus, e o Alto Comissariado para a Imigração e as Minorias Étnicas / Alto Comissariado para as Imigrações e o Diálogo Intercultural.

Por meio da leitura completa dos materiais impressos dessas entidades, tentámos reconstituir quais foram os seus projetos editoriais. A partir disso, passámos a entender melhor estas entidades. Com essas análises construímos possibilidades de interpretações sobre as suas decisões editoriais, as diversas formas como se relacionaram com a sociedade portuguesa e os imigrantes, e também as suas visões e leituras do mundo. Neste processo, fez-se uma história do tempo presente em Portugal, centrada nestes atores sociais, que ainda não havia sido produzida tão detalhadamente.

Na terceira parte da tese foram selecionados quatro momentos de grande repercussão mediática que envolveram os imigrantes brasileiros em Portugal. Através da análise das notícias relacionadas com estes temas, compreendemos como decorreram as disputas e negociações de identidades referentes a estes imigrantes. Foi muito importante o estudo minucioso da cobertura jornalística destes quatro momentos por parte de três órgãos de grande circulação: *Público*, *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*. Através da sua análise

detetámos e interpretámos as leituras contrastantes que diferentes camadas da sociedade portuguesa realizaram sobre esses eventos. Tivemos sempre em conta que destacar ou omitir notícias reflete escolhas, relacionadas com o projeto editorial de cada meio de comunicação.

Os meios de comunicação que circulavam entre os imigrantes brasileiros – *Sabiá*, *Boletim Informativo* e *Tribuna Universal* - possuíam tiragens muito baixas. Mas isso não impediu que se produzissem debates e visões discordantes daquelas produzidas pelos grandes jornais da capital. Estes embates entre meios de comunicação são o que denominamos de negociações e disputas identitárias, pois por seu intermédio diversos atores constroem as suas narrativas sobre os fatos e sobre os imigrantes brasileiros. Existem negociações e disputas identitárias a todo momento na vida do imigrante brasileiro em Portugal.

Esta escolha não foi realizada pressupondo a superioridade desta via ou a impossibilidade de outros caminhos. Como em qualquer pesquisa, houve um levantamento de fontes e vislumbrou-se a possibilidade de a partir do material dos meios de comunicação, escrever a história desses imigrantes relacionando-os com a sociedade portuguesa, através das disputas e negociações de identidades, não apenas sobre os próprios imigrantes como também sobre o Brasil. Essa negociação e disputa de identidades aconteceu efetivamente como demonstrámos nos quatro estudos de caso (no sétimo e oitavo capítulos): Dentistas Brasileiros em Portugal; Compra do Coliseu do Porto pela IURD; Mães de Bragança e Acordo Lula. A larga repercussão que estes acontecimentos tiveram gerou várias representações sobre os imigrantes brasileiros em Portugal: algumas vezes convergentes, mas na sua maioria conflituantes.

As imagens produzidas em torno destes quatro acontecimentos alimentam estereótipos que, por sua vez, são fruto de construções históricas. O estereotipado nem sempre esteve envolvido nessa construção, entretanto sofreu/e por causa dela. Basta atentar em dois casos, analisados neste trabalho: o legado do passado imperial português e as representações da sociedade brasileira construídas nas telenovelas produzidas no Brasil. Os imigrantes brasileiros não tiveram qualquer participação na construção destas narrativas. Todavia, muitos estereótipos a eles associados estão enraízados nessas visões do mundo. Analisando as disputas e negociações identitárias, conseguimos propor quais os estereótipos que foram alimentados e reforçados pelas visões construídas pelos meios de comunicação e como reagiram os imigrantes a essas narrativas.

Especificamente, no caso dos Dentistas Brasileiros, pudemos constatar uma grande mobilização por parte deste profissionais, em torno das suas reivindicações. Além da criação de uma associação profissional em Portugal, houve por parte deles inúmeras estratégias para conseguir destaque nos meios de comunicação, brasileiros e portugueses. Até mesmo os corpos diplomáticos dos dois países, foram mobilizados em função da pressão dessa contenda. Nessas disputas e negociações, os médicos-dentistas portugueses, por intermédio da sua ordem profissional, também utilizaram múltiplas estratégias.

Exisitiu uma clara cissão entre os "dentistas brasileiros" e a CBL devido a um choque de interesses. A Casa do Brasil não concordava com a revisão do Acordo Cultural, ou com uma retaliação por parte do governo brasileiro em relação aos portugueses no Brasil. Essa associação sempre prégou a ideia de "povos irmãos", de um passado em comum e das boas relações entre Brasil e Portugal. No seu discurso, a legitimidade das suas reivindicações baseava-se exatamente nessa premissa. Por isso entendia que um tratamento diferenciado era algo de natural. Entretanto os imigrantes brasileiros formados em odontologia, tiveram uma postura muito pragmática ao se preocuparem apenas com o seu problema e não com a totalidade dos imigrantes brasileiros.

No caso da compra do Coliseu do Porto, por parte da Igreja Universal do Reino de Deus, as disputas e negociações identitárias, ocorreram de modo diferente. O capítulo cinco já nos tinha fornecido algumas pistas para avaliar esta questão de forma mais ampla. Com efeito, a IURD não se proclama como representante do Brasil e muitos brasileiros não se identificam com essa igreja neo-pentescotal. Mas, nesse período, verificou-se em Portugal um forte ataque a esta confissão religiosa e às suas estratégias de atuação. O rastilho desta questão foi a tentativa de compra de um complexo cultural na segunda cidade do país: o Coliseu do Porto. Uma parte da sociedade portuguesa organizou-se, criou uma Associação dos Amigos do Coliseu e angariou fundos através dos mais diversos meios, desde venda de pins até grandes concertos musicais. O seu objetivo era a arrecadação do dinheiro suficiente para cobrir a proposta de compra feita pela IURD.

Ao mesmo tempo, os meios de comunicação em Portugal fizeram uma série de denúncias relativas às formas de atuação da Igreja Universal do Reino de Deus. Alguns incidentes, envolvendo lugares de culto e parte da população portuguesa, tiveram lugar, em especial no Norte do país. Alguns analistas responsabilizaram os meios de comunicação por esta onda de ódio e rejeição, onde nem sempre era fácil destrinçar a xenofobia contra

imigrantes da intolerância ante uma igreja cristã que não comungava do Catolicismo largamente dominante em Portugal. Em todo este processo, a CBL não se manifestou uma única vez, optando pelo silêncio, sobre a compra da casa de espetáculos ou sobre as agressões ao fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. Mesmo possuindo um grande dossiê de documentos sobre o tema desta religião em sua sede, sobre a atuação no Brasil e em Portugal.

A IURD, durante todo o processo, buscou dialogar e contar a sua versão dos acontecimentos, por intermédio do seu jornal. Mas também utilizou os meios de comunicação de grande circulação, concedendo entrevistas e emitindo declarações oficiais. Encontramos publicações recentes da Igreja Universal do Reino de Deus que avaliam este momento, como o mais marcante na história da instituição em Portugal. Neste período não houve, por parte desta igreja, qualquer referência ao facto de brasileiros e portugueses serem povos irmãos.

No domínio das disputas, a IURD defendeu o seu direito de compra de um espaço cultural, defendeu a exibição do seu programa televisivo na emissora SIC, e acusou as autoridades pelos atentados sofridos. A IURD lutou ainda contra a ligação, estabelecida pelos meios de comunicação, desta igreja com o Partido da Gente. Todavia, na *Tribuna Universal* da época, aparecem vários artigos elogiando este novo partido e criticando os existentes.

Na questão das Mães de Bragança, um grupo de mulheres dessa cidade transmontana escreveu um manifesto pedindo às autoridades que impedissem as prostitutas brasileiras de continuar a "enfeitiçar" os seus maridos. Registaram-se neste caso duas reações distintas por parte da grande imprensa. Num primeiro momento, a questão foi apresentada enquanto curiosidade e uma realidade específica do interior do país. Num segundo momento, quando a revista *Time* dedicou a sua capa à prostituição na cidade de Bragança, algumas das reações subiram de tom, como se estivesse em causa a honra nacional. Ao contrário dos outros casos analisados, onde havia um suporte para a construção de um contra-discurso, não existia na época nenhuma associação de mulheres brasileiras. Por isso essa disputa e negociação de identidades foi muito desigual, não se verificando respostas pela parte das associações ou da IURD.

Com este caso, as mulheres brasileiras viram reforçado o estereótipo identitário enquanto mulheres mais libidinosas, mais disponíveis ou prostitutas. A Igreja Universal do Reino de Deus utilizou o tema de forma indireta, e fê-lo em seu favor, prégando o que entendia ser o verdadeiro modelo de conduta feminina. O *Sabiá* dedicou à questão apenas um

artigo no final do ano, sem denunciar o estereótopio. Essa atitude contrastava com outras causas onde o jornal da CBL fora muito mais ativo, demonstrando que, nesse período, a luta contra a objetificação da mulher e outros estereótipos atribuídos às imigrantes brasileiras não era prioridade para a Casa do Brasil de Lisboa. O ACIME também preferiu não se envolver nesta questão. Nas páginas do *Boletim Informativo* o assunto foi omitido, não se optando por denunciar o estereótipo.

As questões do género feminino e as suas lutas contra estereótipos de uma sociedade ainda extremamente machista, transparecem nestes casos. A potencializar ainda mais a questão estava a prostituição – uma atividade profissional não regulamentada, vista como perturbadora da relação conjugal. Algumas interpretações reduziram o caso a uma questão própria do interior do país, onde os costumes ainda permaneciam arcaicos. Todavia, mesmo atores localizados na capital tiveram dificuldade em lidar com ele e assumir posições de luta contra o machismo. Em relação às prostitutas brasileiras, a "irmandade" foi deixada de lado, tanto em relação aos outros imigrantes brasileiros, como em relação aos irmãos portugueses.

O último caso analisado foi o chamado "Acordo Lula 2003", consubstanciado em três tratados diplomáticos bilaterais assinados pelos respetivos Chefes do Executico, por ocasião da primeira visita oficial do Presidente Luís Inácio Lula da Silva a Portugal. Um desses tratados, versava sobre a possibilidade de uma legalização extraordinárias para os imigrantes que conseguissem cumprir uma série de exigências. Até 2008 os imigrantes brasileiros e portugueses poderiam candidatar-se a esse instrumento. A Casa do Brasil de Lisboa apresentou estes tratados como sendo fruto do seu trabalho enquanto associação, e ainda auxiliou milhares de imigrantes a iniciarem o processo jurídico. Neste período o *Sábia* deu enorme relevo à estadia de Lula da Silva em Portugal e reforçou a ideia de povos irmãos, destacando os laços históricos que uniam os dois países.

Progressivamente, porém, a CBL começou a protestar em relação aos problemas envolvando o acordo, como a obtenção de documentos brasilerios e também portugueses. As visitas de Estado do então Presidente do Brasil a Portugal, tornavam-se ocasiões onde os meios de comunicação avaliavam o andamento dos processos e também a comunidade brasileira em Portugal. A IURD distanciou-se da questão ao coadunar com crítica de que os brasileiros não deveriam ser privilegiados em relação a outros imigrantes. Isso pode ser interpretado como um empenho em se afirmar como uma igreja indiferente ás questões da

nacionalidade brasileira. O *Boletim Informativo* do ACIME elogiou o acordo celebrado, evitando quer o discurso da irmandade quer o do favorecimento.

Somente pela leitura do *Sabiá* dessa época, deduziríamos que houve um sentimento de impotênceia ante a grande dificuldade de cumprir todas as exigências. Porém nas entrevistas com alguns dirigentes e ex-dirigentes da Casa do Brasil de Lisboa, a rememoração desse passado histórico foi resignificada e é hoje narrada como um sucesso absoluto. Uma das motivações da escolha deste caso foi, aliás, a tentativa de encontrar na produção dos jornais selecionados, um assunto onde não houvesse à partida um conflito e sim uma solução para uma dificuldade. Contudo, a leitura das fontes revelou alguns reforços negativos relativamente às identidades dos imigrantes brasileiros.

Esta tese de doutoramento em história buscou a partir do conhecimento já produzido por outros trabalhos, da análises de fontes históricas e de entrevistas com imigrantes, escrever uma parte da história dos imigrantes brasileiros em Portugal. Nesse processo, foram produzidos também, pedaços da história de Portugal e Brasil, pois estes sujeitos migrantes estão em relação com estes dois espaços. Tivemos o privilégio e a responsabilidade de interpretar várias fontes inéditas, para as quais implementámos as metodologias que julgámos mais apropriadas. Em nenhum momento, se entendeu esgotar as possibilidades de análise, pelo contrário. Esperamos que este trabalho sirva de base e estímulo para futuros trabalhos historiográficos.

BIBLIOGRAFIA

Abreu, Márcia (1999*), Leitura, história e história da leitura*. Campinas, Mercado de Letras.

Alberti, Verana (2007), *Manual de história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro, Editora FGV.

Albuquerque, Rosana (2002), "Dinâmicas associativas e comunidades imigrantes", em SOS Racismo (ed.) *A imigração em Portugal. Os movimentos humanos e culturais em Portugal,* Lisboa, SOS Racismo.

Albuquerque, Rossana (2005), "Um olhar sobre a participação das mulheres em associações de imigrantes." Em: *Imigração e Etnicidade. Vivências e trajectorias de mulheres em Portugal.* SOS RACISMO.

Albuquerque Júnior, Durval Muniz (2007), *História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru, Edusc.

Almeida, Fábio Chang de (2014), *A direita radical no Portugal democrático: os rumos após a Revolução dos Cravos (1974-2012),* Tese de Doutorado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS.

Amado, Janaína (1997), "A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral", *Projeto História*, v.15.

Amaral, Luciano (2010), *Economia Portuguesa. As Últimas Décadas*, Fundação Francisco Manuel dos Santos/ Relógio d´Água, Lisboa.

António, João *et.al* (2012), (Coords.), *Os imigrantes e a imigração aos olhos dos portugueses: manifestações de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes*. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Appadurai, Arjun (1990), "Disjuncture and Difference in the Global and Cultural Economy", *Public Culture*, 2.

Araújo, Marta (2007), "O silêncio do racismo em Portugal: o caso do abuso verbal racista na escola", in Gomes, Nilma. Lino. (org.), *Um Olhar Além das Fronteiras - Educação e Relações Raciais,* Belo Horizonte, Autêntica.

Arend, Silvia Maria Fávero e Macedo, Fábio (2009), *Sobre a história do tempo presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso.*Tempo e Argumento – Revista do Programa de Pós-Graduação em História – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, v.1, n. 1.

Assis, Glaúcia Oliveira (1995), *Estar Aqui, Estar Lá... Uma Cartografia da Vida em Dois Lugares.* Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

_____(1999), "Rupturas e permanências: os novos fluxos da população brasileira e as transformações nas relações de gênero" Em: XXIII Reunião Anual da ANPOCS, GT-9 - "Migração Internacional", Caxambu (MG), 19 a 23 de Outubro de 1999. Disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/2EncNacSobreMigracao/Anais2ENSMigracaoOuroPreto1999p369a385.pdf.

_____(2001), "Emigrantes Brasileiros para os EUA e a (Re)Construção da Identidade Étnica." Em Sonia Torres (Ed.). *Raízes e Rumos: Perspectivas Interdisciplinares em Estudos Americanos*. Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, 2001.

_____(2004a) *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas, São Paulo.

_____ (2004b). "De Criciúma para Boston: Tecendo Redes Familiares na Migração Internacional." DeBiaggi Sylvia Dantas e Paiva Geraldo José (Eds.) *Psicologia, E/Imigração e Cultura*.. São Paulo, Casa de Psicólogo Livraria e Editora Ltda.

_____(2007) "De Governador Valadares e Criciúma para Boston: os novos emigrantes brasileiros rumo aos EUA". Em: *Revista Nuevo Mundo, Mundos Nuevos,* Disponível em: http://nuevomundo.revues.org/index3754.html.

_____ (2009) "A fronteira México - Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo - as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global". Em: *Cadernos Pagu - Dossiê Gênero no Tráfico de Pessoas*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000200011&lng=e&nrm=iso.

Augê, Marc (1994), *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Lisboa, Venda Nova Bertrand.

Baganha, Maria, Ioannis; Ferrão, João. e Malheiros, Jorge. Macaísta (1999), "Os imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português" em: *Análise Social*, Vol. XXXIV (Outono), 1999 (n.º 150).

Bakhtin, Mikhail (1987), *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, São Paulo, Editora Hucitec, 1987.

Barbosa, António Pinto (org.), (1999), *O Impacto do Euro na Economia Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

Bernardo, Teresinha e Clemente, Claudelir Corrêa (orgs) (2008), *Diásporas, redes e guetos: conceitos e configurações no contexto transnacional*, São Paulo,EDUC-Capes

Bernstein, Serge milza, Pierre (1999). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP.

Bhabha, Homi. K (1998), *O local da cultura*, Belo Horizonte, Ed. UFMG.

Bógus, Lúcia Maria Machado (1995), "Brasileiros em Portugal: Novos movimentos migratórios ou volta às origens?" Em: *Travessia: revista do migrante*. n.29.

Bógus, (1998), "Globalização e Migração Internacional: O Que Há de Novo Nesses Processos?" Em: EUDC. (Org.). *DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO*. Petrópolis: Vozes.

Borges, Fábio Mariano (2013), "Sociabilidade nas lan houses das periferias." em: Ponto-e-Vírgula. *Revista de Ciências Sociais*. número 13: 1 semestre.

Bourdieu. Pierre (2011), *Homo academicus*, Florianópolis, Ed. da UFSC.

Bremmer, Jan; Roodenburg, Herman (Org.) (2000), *Uma história cultural do humor*, Rio de Janeiro, São Paulo, Record.

Brito, Alexandra Barahona, Erriquez, Carmem. González. e Fernandez, Aguilar (2004), *A política da memória: Verdade e justiça na transição para a democracia*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.

Brown, Wendy (2009), *Murs: les murs de séparation et le déclin de la souveraineté étatique*. Paris, Les Prairies, Ordinaires.

Bryan, Guilherme (2004), *Quem tem um sonho não dança – cultura jovem brasileira nos anos 80*. Rio de Janeiro, Record.

Burke, Peter. (1999), *A escola dos Analles*, São Paulo, EDUNESP.

Cabecinhas, Rosa (2002), *Media, etnocentrismo e estereótipos sociais* (online), consultado em 12.02.2013. Disponível em: http://hdl.handle.net/1822/1599

Cabecinhas, Rosa (2004), Representações sociais, relações intergrupais e cognição social (online), consultado em 29.08.2013. Disponível em: http://hdl.handle.net/1822/9639

Cabral, Alcinda (2007), "As associações de imigrantes brasileiros em Portugal como meio de aquisição de direitos", in Teresa Toldy, Cláudia Toriz Ramos, Paulo Vila Maior e Sérgio Lira (orgs.), *Cidadania(s): Discursos e Práticas*, Porto, Edições UFP.

Cabral, Nara Lia. (2013), "Um jornal a serviço do Brasil? - A Folha de S. Paulo e as

rearticulações dos discursos sobre censura e liberdade de expressão" *Revista Parágrafo*: v. 1, n. 1.

Cádima, Francisco Rui (1996), *História e Crítica da Comunicação*, Século XXI, Lisboa.

Cádima, Francisco Rui e Figueiredo, António (2003), *Representações (Imagens) dos Imigrantes e das Minorias étnicas nos Media*, Lisboa, ACIME.

Cândido, António de Melo e Souza (1977) *Presença da literatura brasileira, volume 1: Das origens ao Romantismo*, Rio de Janeiro, DIFEL.

Canclini, Nestor Garcia (2006), *Culturas Hibridas estratégias para entrar e sair da modernidade.* 4ª edição, São Paulo, EDUSP.

Cardoso, Tom (2104), *Sócrates: A história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro*, São Paulo, Objetiva.

Carignato, Taeco Toma et al. (Org.) (2002) *Psicanálise, cultura e migração*. São Paulo, YM Editora & Gráfica.

Carneiro, Agostinho Dias (1996), *O Discurso da Mídia*, Rio de Janeiro, Oficina do Autor.

Carvalheiro, José Ricardo, (2008) *Do Bidonville ao Arrastão: Media, minorias e etnicização*. Lisboa: ICS Imprensa de Ciências Sociais

Carvalho, José (2009), *A Política de imigração do Estado Português entre 1991 e 2004. Lisboa:* A.C.I.D.I..

Casa do Brasil de Lisboa (2003), *A 2ª Vaga de Imigração Brasileira para Portugal (1998-2003)*. Estudo de Opinião a Imigrantes Residentes nos Distritos de Lisboa e Setúbal, Lisboa, Casa do Brasil e Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Chauí, Marilena (2000), *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.

Chauveau, Agnès. e Tétard, Phillipe (1999) (org) *Questões para história do presente*. Bauru, EDUSC.

Certeau, Michel (1994), *A invenção do cotidiano: as artes do fazer, vol 1*, Petrópolis, Vozes.

Cervo, Amado Luiz e Magalhães, José Cavalet. (2000) *Depois das Caravelas. As relações entre Portugal e Brasil, 1808-2000*. Brasília: EdUnb.

Collaço, Jaime Helfest (2009), *Sabores e memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo*, Doutorado em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

Corner, Dolores Martins Rodriguez (2005), *A gastronomia como fator identitário. Lembranças e silêncios do imigrantes espanhóis na cidade de São Paulo (1946-1965)* Mestre

em História Social. Faculdade de História, PUC-SP.
Costa, Alexandre (2010), *A criação da categoria imigrantes em Portugal na revista Visão: Jornalistas entre Estereótipos e Audiências*. Lisboa, ACIDI.

Cruz, Heloisa de Faria e Peixoto, Maria do Rosário da Cunha (2007) "Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa", Projeto História, n.35.
Cruz Paiva, Odair. (2007). *Migrações internacionais: desafios para o século XXI*. Memorial do Imigrante.
Cunha, Isabel Filho (2005), "A mulher brasileira na televisão portuguesa em" *Actas dos III SOPCOM, IV LUSOCOM e II IBÉRICO*, Editora Universidade Beira do Interior, Covilã.
_____ (2006), "Media e imaginários: estratégias de apropriação de conteúdos pelas brasileiras em Portugal", *Media & Jornalismo,* 8, pp. 7-33.
Curtinhal, Elisabete (2008), *"Deus é Brasileiro". Vivências Religiosas e o Quotidiano entre Imigrantes Brasileiros Católicos e Evangélicos*, Mestrado em Antropologia, Lisboa, ISCTE.
Dapieve, Arthur (1995), *BROCK: o rock brasileiro dos anos 80*. Rio de Janeiro: Ed.34.
Delgado, Lucília de Almeida Neves (2006), *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.
Delgado, Lúcia António e Ferreira, Marieta Moraes (org) (2014) *História do tempo presente.* Rio de Janeiro: Editora FGV.
Demartini, Z.B.F. e Truzzi, Oswaldo. M. S. *Estudos Migratórios: perspectivaas metodológicas*. (2005) São Carlos: EdUFSCAR.
Dias, Maria. Odila. Silva. (1998) "Hermenêutica do quotidiano na historiografia contemporânea." *Projeto História* nº 17 Nov. PUC-SP
Dias, Rafael de Almeida Serra, (2014) *Negociações de Identidade. A revista Made in Japan: imprensa, globalização e cultura de comunicação.* 1997-2007. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas.
Dreher, Martin, Rambo, Arthur Blásio e Tramontini, Marcos Justos (orgs) (2004), *Imigração & Imprensa.* Porto Alegre: Est/São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo.
Duarte, Feliciano, Barreira, (2005) *Uma verdadeira política de imigração,* Lisboa, Âncora.
Esteves, Maria do Céu (org), (1991), *Portugal, País de imigração*. Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
Falcão, José Luiz (2005), "Fluxos e refluxos da capoeira. Brasil e Portugal gingando na roda", *Análise Social*, 174.
Farge, Arlette (2011), *Lugares para a história*, Belo Horizonte, Autêntica.

Fausto, Boris. (1991) *Historiografia da imigração para São Paulo.* São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP.

_____ (org) (1999) *Fazer a América.* São Paulo: Editora USP.

Feldman-Bianco, Bela (2010), *Nações e Diásporas: Estudos comparativos entre Brasil e Portugal.* Campinas: Editora UNICAMP.

Fernandes, Gleciani Maria de Oliveira (2008), *Viver Além-Mar: Estrutura e Experiência de Brasileiras Imigrantes na Região Metropolitana de Lisboa*, dissertação de mestrado em Antropologia. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Ferreira, Marieta de Moraes (coord) (1998), *Entre-vista: abordagens e usos da história ora*l, Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas.

Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína. (org) (2010), *Usos & abusos da história oral*. FGV Editora,

Ferro, Giacomo (2014), "Uma abertura para a cidade. Análise de uma reforma sócio-urbanística no bairro da Mouraria", *Forum Sociológico* [Online], 25 Disponível em: http://sociologico.revues.org/906; consultado em 24.02.2016.

Ferro, Marc (1994), *Falsificações da história*. Sintra: Publicações Europa-América.

Filho, Willy (2006), "Técnicas de construção no jornalismo televisivo português: a mulher brasileira", *Media & Jornalismo*, 8, pp. 101-136.

_____ (2008), *Imagem do Imigrante Brasileiro no Jornalismo Televisivo Português 2004-2006,* colecção Teses, 19, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Foddy, Willian. (1996), *Como perguntar. Teoria e prática da construção de perguntar em entrevistas e questionários.* Celta Editora, Oeiras.

Fonseca, Maria Lucinda (1988) "As migrações para a Área Metropolitana de Lisboa - dos anos sessenta aos anos oitenta", *Povos e Culturas, 3.*

_____ (2000), "Imigração, diversidade e novas paisagens étnicas e culturais" Em: Lages, Mário e Matos, Artur Teodoro (Eds), *Portugal: percursos de interculturalidade*, ACIDI, Lisboa.

Frangella, Simone (2013), «Fomos conhecer um tal de Arroios»: construção de um lugar na imigração brasileira em Lisboa.» Em: Domingos, Nuno & Peralta, Elsa. (Eds.), *Cidade e império: dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais*, Lisboa, Edições 70.

Freitas, Sônia Maria (1999) *E chegaram os imigrantes: café e imigração em São Paulo*. São

Paulo, Editado pela autora.

_____ (2002), *História Oral*: A busca de uma definição. São Paulo, Humanitas.

Fusco, Wilson. (2000), *Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares.* Dissertação de Mestrado na Unicamp no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

_____ (2007) "Capital social e dinâmica migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos." *Textos Nepo*, Unicamp.

Gabriel, Eduardo (2010), "Imigrante brasileiro em Portugal: «pé de passada»" Em: *Travessia: revista do Imigrante*, Ano XXIII, n.° 67.

Gilroy, Paul (2004), *After Empire. Melancholia or Convivial Culture?*, London: Routledge.

Ginzburg, Carlo (2001), *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*, São Paulo, Companhia das Letras.

Goettert, Jones Dari (2010), *Paradoxos do lugar: brasileiros e identidades*, São Paulo, Bomtempo.

Gomes, Angela Castro e Schimidt, Benito Bisso (2009), *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Gomes, Mariana Selister (2013), *O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação.* Tese de Doutoramento em Sociologia no ISCTE-IUL, Lisboa.

Gomes, Rui Miguel (2013), "Que lugar é dado à reportagem como género jornalístico? Avaliação dos casos do *Correio da manhã*, *Diário de notícias* e *Público" In: Media e jornalismo*, nº 22 - Crise, memória e esquecimento.

Gonçalves, Maria Ortelinda. Barros (2009), *Migrações e Desenvolvimento*. CEPESESE, Porto.

Hall, Stuart. (2005), *A identidade cultural na pós modernidade*. 10 edição. Rio de Janeiro: DP&A.

_____ (2009), *Da diáspora: identidades e mediações culturais* 1ª edição atualizada – Belo Horizonte: Editora UFMG.

Haesbaert, Rogério (2004), *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Hecker, Alexander e Martins, Ismênia (orgs) (2010), *E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias*, São Paulo, Expressão e Arte Editora.

Hobsbawm, Eric J (2011), *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2 edição, 44

reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras.

Hobsbawm, Eric e Ranger Terence (orgs) (1984), *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro Paz e Terra.

Horta, Ana. Paula. Beja (2008), *A construção da Alteridade: Nacionalidade, Políticas de imigração e Acção Colectiva Migrante na Sociedade Portuguesa Pós-Colonial.* Edição Fundação Calouste Gulbenkian e FCT.

Jardim, Denise Fagundes (2007), *Cartografias da imigração: interculturalidade e Políticas Públicas.* Porto Alegre: Editora da UFEGS.

Judt, Tony (2009), *O século XX esquecido: lugares e memórias*. Lisboa, Edições 70.

Laverdi, Robson (org) (2012), *História oral, desigualdades e diferenças.* Recife, Ed. Universitária da UFPE e Ed. UFSC.

Khoury, Yara Maria Aun (2002), "Narrativas orais na investigação da história social." Em: *Projeto História*, São Paulo.

Koselleck, Reinhart (2006), *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.* Rio de Janeiro, Contraponto e Ed. PUC – Rio.

Kushnir, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de1988*. São Paulo, Boitempo. 2004.

Leão, Isabel Ponce (2006), "Modos e modas de integração de imigrantes (o papel do jornal Sabiá)", Em: *Actas do Terceiro Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia*, Lisboa, ISCTE/ICS.

Le Goff, Jacques (2003), *História e Memória*. 5.ed. Campinas, Editora UNICAMP.

Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (1977), *Fazer História*, Lisboa, Bertand.

Le Goff, Jacques; Chartier, Roger e Revel, Jacques (1990), *A Nova História*, Coimbra, Livraria Almedina.

Lesser, Jeffrey. (2001) *A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo, Editora UNESP.

Machado, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades: Migração, etnicidade e integração dos Guienenses em Portugal*. Celta Editora, Oeiras.

Machado, Igor José (2003), *Cárcere Público: Processos de Exotização entre Imigrantes Brasileiros no Porto*, Lisboa, ICS.

_____ (org.) (2006), *Um Mar de Identidades. A Imigração Brasileira em Portugal*, São Carlos, EdUFScar.

Maddison, Angus (2001), *The world economy: a millenium perspective*. OECD.

_____. (2003)*The world economy: historical statistics.* OECD.

Mafra, Clara. (2002), *Na posse da palavra. Religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

_____ (2003) "A Igreja Universal em Portugal". Em: Oro, Ari Pedro; Corten, Aandré e Dozon, Jean-Pierre (orgs.), *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da Fé.* São Paulo, Paulinas.

Mafra, Clara e Swatowiski, Cláudia (2008), "O balão e a catedral: Trabalho, lazer e religião na paisagem carioca" Em: *Revista Anthropológicas*, Ano 12, Volume 19 (1).

Magnani, José Guilherme Cantor (2002), "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Rev. bras. Ci. Soc.*. vol.17, n.49.

Malamud, Andrés e Flórez, Fernando Carrillo (orgs) (2011) *Migrações, Coesão Social e Governação: Perspectivas Euro-Latino-Americanas*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Malheiros, Jorge Macaísta (1996), *Imigrantes na Região de Lisboa: os anos da Mudança. Imigração e Processo de Integração das Comunidades de Origem Indiana na Área Metropolitana de Lisboa*. Edições Colibri, Col. Geografia.

_____(1999), "Os imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português" in *Análise Social*, nº150, vol. XXXIV, Outono, pp. 147-174.

_____(2004),"Os Cabo-Verdianos em Portugal" in Estratégia – Re*vista do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais*, n.º 20, 1.º semestre de 2004, pp. 83-103.

_____(2007), *Espaços e Expressões de Conflito e Tensão entre Autóctones, Minorias Migrantes e Não migrantes na Área Metropolitana de Lisboa*. ACIME, Lisboa

_____(org.) (2007), *Imigração Brasileira em Portugal*, colecção Comunidades, 1, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Margolis, Maxine (1994), *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York, Portuguese edition of Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Campinas, São Paulo, Papirus Editora

Martin-Barbero, Jessus (2004), *Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americans da comunicação na cultura.* São Paulo, Edições Loyola.

_____ (2009), *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.* 6 edição. Rio de Janeiro, editora UFRJ.

Martins, Ana Luiza (2001), *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, São Paulo, EDUSP/FAPESP, Imprensa Oficial do Estado.

Martins, Ana Luiza & Luca, Tania Regina de(Orgs) (2008), *História da Imprensa no Brasil*, São Paulo, Contexto.

Martins, Ana Luiza e Luca Tania Regina (2006), *Imprensa e cidade, São Paulo*, Editora Unesp.

Martins Junior, Ângelo e Dias, Gustavo (2013), "Imigração brasileira contemporânea: discursos e práticas de imigrantes brasileiros em Londres". *Análise Social*, 209, xlviii (4.º).

Marshall Eakin (2008), "*A contribuição dos brasilianistas estrangeiros para a historiografia de Minas Gerais*", *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, volume VII, número XXV. Disponível em http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/183/186, consultado em 12.04.2014.

Mateus, Abel (1998), "Economia Portuguesa. Crescimento no Contexto Internacional, 1910-1998" Em: Viegas, José Manuel Leite, *Nacionalizações e Privatizações. Elites e Cultura Política na História Recente de Portugal*. Lisboa: ICS.

Meihy, José Carlos Sebe Bom e Holanda, Fabíola (2015), *História oral: como fazer, como pensar*, São Paulo, Editora Contexto.

Meihy, José Carlos Sebe Bom (Org) (1996) *(Re)Introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo, Xamã.

Meyer. M. (org) (2001) *Do Almanak aos Almanaques*. São Paulo, Ateliê Editorial.

Modesto, Cláudia Figueiredo e Guerra, Márcio de Oliveira (2012), "Expansão midiática da programação radiofônica religiosa: estratégia, técnica e linguagem". Em: *XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Ouro Preto - MG.

Montenegro, Antonio Torres (1992), *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo, Editora Contexto.

_____ (2010), *História, metodologia, memória*. São Paulo, Contexto.

Munslow, Alun. (1997), *Deconstructing History.* London, Routledge.

Nadalin, Sergio Odilon Nadalin (2004), *História e demografia: elementos para um diálogo*. Campinas, ABEP.

Neto, Regina Beatriz Guimarães (2012), "Historiografia, Diversidade e História Oral: Questões Metodológicas." Em: *História oral, Desigualdades e Diferenças*, organizado por Robson Laverdi et al., Recife, Ed. Universitária da UFPE.

_____ (2014), História, trabalho e memória política. Trabalhadores

rurais, conflito social e medo na Amazônia, 1970-1980. Em: Neves Delgado, Lucilia de Almeida; Ferreira, Marieta de Moraes (orgs). *História do Tempo Presente*. 1 ed. Rio de Janeiro, Editora da FGV.

Oliveira, Adriana Capuno (1997), *Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão? A trajetória de uma identidade em um contexto migratório*.

Oliveira, Adriana Capuno (2004), *Bienvenido a Miami: A inserção dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos da "América Latina"* Tese de Doutorado em Ciências Sociais na Unicamp.

Oliveira, Maria Luísa Tiago, (2010) "A História Oral em Portugal". Em: *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.63.

Oro, Ari Pedro (2004), "A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus." *Estud. av.* vol.18, n.52.

_____ (1999), "Migração religiosa afro-brasileira." *Travessia*, São Paulo, v. 33, p. 15-17..

Oro, Ari Pedro e Rodrigues, Donizete (Orgs.) (2014), *Transnacionalização religiosa: religiões em movimento*. Porto Alegre, Cirkula.

Padilla, Beatriz (2006), *Brazilian Migration to Portugal: Social networks and Ethnic Solidarity,* CIES e-working paper, 12, Lisboa, CIES-ISCTE.

Padilla, Beatriz (2008), "O empreendedorismo na perspectiva de género: uma primeira aproximação ao caso das brasileiras em Portugal", Em: *Migrações*, v.3.

Passerini, Laura. (2011) *A memória entre política e emoção*. São Paulo, Letra e Voz.

Patai, Daphne (2010), *História oral, feminismo e política*. São Paulo, Letra e Voz.

Patarra, Neide Lopes (coord) (1996a), *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo,* São Paulo, FNUAP.

_____ (coord) (1996b), *Migrações Internacionais – Herança XX, Agenda XXI.* São Paulo, FNUAP.

_____ (coord) (1997), *Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI*, São Paulo, FNUAP.

Patarra, Neide Lopes. e Baeninger, Rossana (2001), *Frontier and Migration in Mercosul: meaning, specificities and implications.* XXIV General Population Conference. IUSSP. Salvador, Brasil.

Patarra, Neide Lopes (2005), "Movimentos migratórios internacionais recentes de e para o Brasil e políticas sociais: um debate necessário." Em: SERVIÇO PASTORAL dos Migrantes. (Org.) *Travessias na Desordem Global – Fórum Social das Migrações*. São Paulo: Paulinas.

Peixoto, João (2007), “Tráfico, contrabando e imigração irregular: os novos contornos da imigração brasileira em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 53.
Peixoto, João e Egreja Catarina (2012), "A força dos laços fracos: estratégias de emprego entre os imigrantes brasileiros em Portugal", *Tempo Social*, Vol. 24, Nº 1.

Pereira, Glória. M. S. e Pereira, José. R. S. (Orgs) (2012) *Migração e globalização: um olhar interdisciplinar.* Curitiba, Editora CRV.

Pereira, Vanessa Andrade (2007), "Entre games e folgações: apontamentos de uma antropólaga na lan house” Em: *etnográfica*. número 11, volume 2 Novembro.

Pires, Rui Pena (2002), “Mudanças na imigração: uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998-2001”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 39.
_____ (2003), *Migrações e integração*, Oeiras, Celta.
Pires, Rui Pena, e Filipa Pinho (2007), “Políticas de imigração em Portugal”, in José Leite Veigas, Helena Carreiras, e Andrés Malamud (orgs.), *Instituições e Política (Portugal no Contexto Europeu, vol. I)*, Lisboa, Celta Editora.
Pires, Rui Pena (2011), “O problema da ordem”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 69.
Pires, Sónia (2002), “Etnicização da imigração na imprensa Portuguesa”, *Antropologicas*, n. 6.

_____ (2004), “O terceiro sector imigrante e as associações dos imigrantes do Leste Europeu em Portugal – Estruturação de um novo espaço de cidadania?”, *Coimbra: Oficinas do Centro de Estudos Sociais*, n. 204.

_____ (2009), *A Segunda Geração de Imigrantes em Portugal e a Diferenciação do Percurso Escolar: Jovens de Origem Cabo-Verdiana versus Jovens de Origem Hindu-Indiana* ACIME, teses 23, Lisboa.

Poirier, Jean; Valladon Simone Chapier e Raybaut, Paul (1999) *Histórias de vida: Teoria e prática.* Celta Editora. Oeiras.

Pollak, Michael (1992) “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10.
Pontes, Luciana (2004), “Mulheres brasileiras na mídia portuguesa”, *Cadernos Pagu*, nº 23.

Portelli, Alessandro (2010), *Ensaios de história oral*, São Paulo, Letra e Voz.
_____ (2001), "História oral como gênero", *Projeto História*, São Paulo, n.22.
_____ (1997), “O que faz a história oral diferente”, *Projeto História*, São Paulo,

n. 14.

_____ (1993), “Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores”, *Projeto História*, São Paulo, n.10.

Portelli, Alessandro e Fenelón, Déa Ribeiro (1997), “O que faz a história oral diferente. Em: *Projeto História.* n.11.

Porto, S.D. (org.), *O Jornal da forma ao sentido*. 2ed – Brasília, Editora UNB.

Póvoa Neto, Henrique. (2007) Barreiras físicas à circulação como dispositivos de política migratória: notas para uma tipologia. *V ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES DA ABEP.* Anais. Associação Brasileira de Estudos Populacionais.

Quintas, Luís (2000), “Trauma e Memória: um exercício etnográfico.” Em: *Enografica*, Vol IV (1).

Radich, Maria Carlos (1989), *Almanaque – tempo e saberes*. Lisboa, s.d. São Paulo, nº1.

Raffestin, Claude (1980) *Por uma Geografia do Poder*, São Paulo, Ática.

_____ (2010) “Uma concepção de território, territorialidade e paisagem.” *Teorias e Práticas territoriais: análises espaço-temporais*, São Paulo, Expressão Popular.

Ramalho, Maria Irene *et. al* (2001), *Entre Ser e Estar. Raízes, Percursos e Discursos da Identidade*, Porto, Afrontamento.

Ramos, Rui; Sousa, Bernardo Vasconcelos e Monteiro, Nuno Gonçalo (2009), *História de Portugal*. Lisboa, Esfera dos Livros.

Reis, Rossana Rocha; Sales, Teresa. (org) (1999), *Cenas do Brasil migrante*, São Paulo, Ed. Boitempo.

Remònd, René (org) (2003), *Por uma História Política*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora FGV.

Ricoeur, Paul (2008), *A história, a memória, o esquecimento*. Tradução de Alain François. São Paulo, Editora da UNICAMP.

Rioux, Jean Pierre e Sirineli, Jean François (1998), *Para uma história cultural*, Lisboa, Editorial Estampa.

Rocha-Trindade Maria (2003), “As novas migrações em Portugal e Espanha (II)”, Em: AA. VV., Janus 2003, Anuário das Relações Exteriores, Lisboa, Jornal Público e Universidade Autónoma de Lisboa.

_____ (2005), “Migrações dos países lusófonos”, Em: Fernando Cristóvão (coord.), *Dicionário Temático da Lusofonia*, Lisboa, Texto Editores.

_____ (2009) (ed.) *Migrações: Permanências e Diversidades*, Porto, Afrontamento.

Rochedo, Aline (2011), “Rock- A arte sem censura: As capas dos LPs do BRock dos anos de 1980.” *História, imagem e narrativas*, n.13.

Rosa, Gustavo. e Martins, João (1996), *Igreja Universal do Reino de Deus: Tentáculos de um Polvo Monstruoso para a Tomada do Poder.* Lisboa, Hugin Editores.

Rosário, Edite, e Tiago Santos (2008), *Quanto Custa Ser Imigrante?*, colecção Estudos do OI, 26, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Ruuth, Andres e Rodrigues, Donizete. (1999) *Deus o demónio e o homem: O Fenómeno Igreja Universal do Reino de Deus.* Lisboa, Edições Colibri.

Sack, Robert David (1986), *Human Territoriality: its theory and history*, Cambridge, Cambridge University Press.

Sales, Teresa (1999) *Brasileiros longe de casa*. São Paulo, Cortez Editora.

Salim, Isabela Câmara (2008), *Os meios de comunicação étnicos em Portugal: dinâmica organizacional dos meia das comunidade de imigrantes*. (Estudos OI; 29) Lisboa.

Santhiago, Ricardo e Magalhães, Valeria Barbosa (org) (2013), *Depois da utopia: A história oral em seu tempo.* São Paulo, Letra e Voz, FAPESP.

Santos, Boaventura de Sousa (org.) (2001), *Globalização: Fatalidade ou Utopia?*, Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa; Conceição Gomes, Madalena Duarte, e Maria Ioannis Baganha (2007), *Tráfico de Mulheres em Portugal para Fins de Exploração Sexual*, Lisboa, CIDM.

Santos, Gustavo (2002), *Lideranças imigrantes e o estado português: ações e contradições de uma 'aliança lusófona', Portugal, 1990-2002*, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UNICAMP

Santos, Milton (1978), *Por uma Geografia Nova.* São Paulo, Hucitec.

_____. et al. 2000, *O papel ativo da Geografia : um manifesto.* Florianópolis: XII Encontro Nacional de Geógrafos.

Santos, Rogério (1999), História das Telecomunicações em Portugal. *Biblioteca on-line de ciências da comunicação.* Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/santos-rogerio-historia-telecomunicacoes.pdf consultado em 23.07.2014

Sasaki, Elisa Masae *O jogo da diferença: a experiência identitária no Movimento Dekassegui*, Dissertação Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas, São Paulo.

Sayad, Abdelmalek (1998), *A imigração ou os paradoxos da alteridade.* São Paulo, EDUSP.

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2007), Relatório de Actividades 2007. Imigração, Fronteiras e Asilo, Lisboa, SEF.

Schwarcz, Lilia Motriz (1987), *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.* São Paulo: Companhia das Letras.

Seyferth, Giralda *et al.* (2007) *Mundos em Movimento: Ensaios sobre Migrações.* Santa Maria: Editora UFSM.

Silva, Patrícia Azevedo (2008), *Para Lá do Prejuízo. Análise das narrativas de Identidade e Reconstrução de Subjectividades em Mulheres Brasileiras na Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, ISCTE.

Siqueira, Sueli (2006), *Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno.* Tese (Doutorado em Sociologia e Política) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Soares, Carla (1997) *As Emigrações de Cirurgiões Dentistas para Portugal.* Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia, UNICAMP, Campinas.

Soares, Wilson (1995), *Emigrantes e Investidores: Redefinindo a Dinâmica Imobiliária na Economia Valadarenses.* Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____ (2002), *Da metáfora à Substância: Redes Migratórias e Migração Nacional e Internacional em Valadares e Ipatinga*. Tese de doutoramento, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

SOS RACISMO (org) (2010), *Imigração e Etnicidade. Vivências e trajectórias de mulheres em Portugal*, Lisboa, SOS RACISMO.

Souza, Carlos e Jesuino, José (Coords) (2008), *Identidade e Emoções em Eventos Desportivos: O Caso Euro 2004.* Lisboa, Instituto Piaget.

Souza, Marcelo Cintra (2010), *Imprensa imigrante: trajetória da imprensa das comunidades imigrantes em São Paulo.* São Paulo: Memorial do imigrante, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Souza, Marcelo Lopes (1995), "O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento" Em: Castro, Iná Elias. *et al*. (orgs.) *Geografia : Conceitos e Temas.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

Tamen, Miguel (2002), *Artigos portugueses*, Lisboa, Assírio & Alvim.

Téchio, Kachia (2006), "Conhecimentos de Alterne. A Outra Diáspora das Imigrantes Brasileiras" *SOCIUS Working Papers*, 2, Lisboa, SOCIUS-ISEG.

Teixeira, Patrícia Brito (2013), *Caiu na rede. E agora: gestão e gerenciamento de crises nas redes sociais*, São Paulo, Editora Évora.

Teixeira, Paulo; Braga, António e Baeninger, Rosana (org) (2012), *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras.* Marília, Oficina Universitária.

Tengarrinha, José Manuel (1989), *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Editorial Caminho.

Thiesen, Icléia (org.) (2011), *Imagens da clausura na Ditadura de 1964: informação, memória e história*. Rio de Janeiro, 7Letras.

Thomson, Alistair (1997), "Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias". *Projeto História,* São Paulo, n. 15.

Thompson, Paul (1992), *A voz do passado,* São Paulo, Paz e Terra.

Torresan, Ângela (1997), "Controles de imigração e estratégias de negociação frente à construção "oficial" da categoria imigrante: brasileiros em Portugal e no Reino Unido" Em: *Simpósio Internacional sobre Emigração Brasileira*. Casa do Brasil de Lisboa, Lisboa.

_____ (2012) "A Middle Class Besieged: Brazilians' Motives to Migrate." Em: *Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*. Volume 17, Março.

Todorov, Tzvetan (1991), *As morais da História*, Sintra: Publicações Europa-América.

Torretta, André (2009), *Mergulho na base da pirâmide*. São Paulo, Saraiva.

Tuchman, Gaye (2001) "As notícias como realidade construída." Em: Esteves, João Pissarra *Comunicação e Sociedade*, Lisboa, Livros Horizonte.

Valdigem, Catarina (2006), "Usos dos media e identidade: brasileiras num salão de beleza", *Media & Jornalismo*, 8.

Valdigem, Catarina (2006), "Brasileiros e ciganos no prime-time português: estudo de caso", *Comunicação & Cultura*, 1, (número temático "A Cor dos Media").

Vermeulen, Hans. (2001) *Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura*. Lisboa, Edições Colibri.

Viegas, Helena Carreiras, e Andrés Malamud (orgs.), *Instituições e Política* (Portugal no Contexto Europeu, vol. I), Lisboa, Celta Editora.

Villas-Bôas, Maria Xavier (2004), *Redescobrindo o Brasil. Processos Identitários de Brasileiros em Portugal*, Lisboa, ISCTE.

_____(2006), "Brasileiros em Portugal: identidades e integração",

Trajectos, 8-9.

Vitorio, Benalva da Silva (2007), *Imigração Brasileira em Portugal: Identidade e Perspectivas,* Santos, Editora Universitária Leopoldianum.

Vitorino, António (coor) (2007), *Imigração: Oportunidade ou Ameaça? Recomendações do Fórum Gulbenkian Imigração.* Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Zambrano, Carlos Vladimi (2001) "Territorios plurales, cambio sociopolítico y gobernabilidad cultural". *Boletim Goiano de Geografia* 21(1): 9-49. jan.-jul.

Anexos

Anexo I

Entrevistado I

Idade: 30	Género: Masculino
Ano que chegou em Portugal: 2004	Localidade natal no Brasil: Belo Horizonte
Ocupação no Brasil: Estudante	Onde vive em Portugal: Montijo
Escolaridade: Licenciatura em História pela Nova de Lisboa	Ocupação em Portugal: Bancário

Entrevistado II

Idade: 61	Género: Masculino
Ano que chegou em Portugal: 2000	Localidade natal no Brasil: Brasília
Ocupação no Brasil: Profissional liberal	Onde vive em Portugal: Cascais
Escolaridade: Relações internacionais	Ocupação em Portugal: Proprietário de uma revista

Entrevistado III

Idade: 53	Género: Feminino
Ano que chegou em Portugal: 2004	Localidade natal no Brasil: Campo Grande
Ocupação no Brasil: Professora primária	Onde vive em Portugal: Odivelas
Escolaridade: Licenciatura em pedagogia	Ocupação em Portugal: Dona de casa

Entrevistado IV

Idade: 42 anos	Género: Feminino
Ano que chegou em Portugal: 2006	Localidade natal no Brasil: Recife
Ocupação no Brasil: Assessora de imprensa	Onde vive em Portugal: Carcavelos

Escolaridade: Jornalista	Ocupação em Portugal: rececionista

Entrevistado V

Idade: 65 anos	Género: Feminino
Ano que chegou em Portugal: 1991	Localidade natal no Brasil: Rio de Janeiro
Ocupação no Brasil: Jornalista	Onde vive em Portugal: Lisboa
Escolaridade: Jornalista	Ocupação em Portugal: Jornalista

Entrevistado VI

Idade: 66 anos	Género: Masculino
Ano que chegou em Portugal: 1983	Localidade natal no Brasil: Rio de Janeiro
Ocupação no Brasil: Estudante	Onde vive em Portugal: Oeiras
Escolaridade: Engenheiro	Ocupação em Portugal: Engenheiro

Entrevistado VII

Idade: 60 anos	Género: femino
Ano que chegou em Portugal: 1983	Localidade natal no Brasil: São Paulo
Ocupação no Brasil: Estudante	Onde vive em Portugal: Oeiras
Escolaridade: 12 ano completo	Ocupação em Portugal: Advogada

Entrevistado VIII

Idade: 37 anos	Género: Feminino
Ano que chegou em Portugal: 2007	Localidade natal no Brasil: Ituiutaba
Ocupação no Brasil: Gerente de Hotel	Onde vive em Portugal: Lisboa
Escolaridade: Licenciatura em Hotelaria	Ocupação em Portugal: Cuidadora e Babá

Entrevistado IX

Idade: 58	Género: Masculino
Ano que chegou em Portugal: 1989	Localidade natal no Brasil: Rio de Janeiro
Ocupação no Brasil: Estudante universitário	Onde vive em Portugal: Lisboa

Escolaridade: Técnico em Massagem formado em Portugal	Ocupação em Portugal: Massagista

Entrevistado X

Idade: 68 anos	Género: Feminino
Ano que chegou em Portugal: 1982	Localidade natal no Brasil: Salvador
Ocupação no Brasil: Vendedora	Onde vive em Portugal: Sintra
Escolaridade: 9 ano completo	Ocupação em Portugal: Vendedora

Entrevistado XI

Idade: 53	Género:Masculino
Ano que chegou em Portugal:2004	Localidade natal no Brasil: Goiânia
Ocupação no Brasil: Vendedor	Onde vive em Portugal: Lisboa
Escolaridade: 12 ano completo	Ocupação em Portugal: Cuidador de idosos

Entrevistado XII

Idade: 27	Género: Feminino
Ano que chegou em Portugal: 2005	Localidade natal no Brasil: Rio Grande do Sul
Ocupação no Brasil: Estudante	Onde vive em Portugal: Costa da Caparica
Escolaridade: 11 ano	Ocupação em Portugal: Atendente de mesa

Anexo II

Nome do Estudo	Nome do Autor	Dada	número
Impacto da Imigração em Portugal nas Contas do Estado	André Corrêa d'Almeida	Maio de 2003	Observatório da Imigração, 1
Atitudes e Valores perante a Imigração	Mário Lages, Verónica Policarpo	Maio de 2003	Observatório da Imigração, 2
Representações (Imagens) dos Imigrantes e das Minorias Étnicas	Rui Cádima, Alexandra Figueiredo	Maio de 2003	Observatório da Imigração,

nos Media			3
Contributos dos "Imigrantes" na Demografia Portuguesa: O papel das populações de nacionalidade estrangeira	Maria João Valente Rosa, Hugo de Seabra e Tiago Santos	Fevereiro de 2004	Observatório da Imigração, 4
Direitos de Cidadania e Direito à Cidadania Princípio da Equiparação, Novas Cidadanias e Direito à Cidadania Portuguesa como Instrumentos de uma Comunidade Constitucional Inclusiva	Jorge Pereira da Silva	Maio de 2004	Observatório da Imigração, 5
Media, Imigração e Minorias Étnicas	Isabel Ferin Cunha, Clara Almeida Santos, Maria João Silveirinha e Ana Teresa Peixoto	Maio de 2004	Observatório da Imigração, 6
Viagens de Ulisses Efeitos da Imigração na Economia Portuguesa	Eduardo Sousa Ferreira, Helena Rato e Maria João Mortágua	Outubro de 2004	Observatório da Imigração, 7
O Discurso Oficial do Estado sobre a Emigração dos Anos 60 a 80 e a Imigração dos Anos 90 à Actualidade	Vanda Santos	Outubro de 2004	Observatório da Imigração, 8
Impacto e Reflexos do Trabalho Imigrante nas Empresas Portuguesas - Uma Visão Qualitativa	Lourenço Xavier de Carvalho	Dezembro de 2004	Observatório da Imigração, 9
Estratégias Empresariais de Imigrantes em Portugal	Catarina Reis de Oliveira	Dezembro de 2004	Observatório da Imigração, 10
A Protecção Social da População Imigrante Quadro Legal, Estudo Comparado e Proposta de Reforço	Pedro Duarte Silva	Fevereiro de 2005	Observatório da Imigração, 11
O Tráfico de Migrantes em Portugal Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas	João Peixoto (coordenação), António Goucha Soares, Paulo Manuel Costa, Susana Murteira, Sónia Pereira, Catarina Sabino	Maio de 2005	Observatório da Imigração, 12
A Criminalidade de Estrangeiros em Portugal Um inquérito científico	Hugo Martinez de Seabra e Tiago Santos	Maio de 2005	Observatório da Imigração, 13
A Mediação Sócio-cultural:	Ana Oliveira e Carla Galego	Maio de	Observatório

Um *puzzle* em construção	Colaboração de Laura Godinho	2005	da Imigração, 14
Reunificação Familiar e Imigração em Portugal	Maria Lucinda Fonseca (coord.) Meghann Ormond, Jorge Malheiros, Miguel Patrício, Filipa Martins	Outubro de 2005	Observatório da Imigração, 15
Jovens, Migrantes e a Sociedade da Informação e do Conhecimento A Escola perante a Diversidade	Maria Margarida Marques (coord.) e Joana Lopes Martins Colaboração de José Gabriel Pereira Bastos e Isabel Barreiros	Novembro de 2005	Observatório da Imigração, 16
Filhos Diferentes de Deuses Diferentes Manejos da Religião em Processos de Inserção Social Diferenciada: Uma abordagem estrutural dinâmica	Susana Pereira Bastos (coord.) e José Gabriel Pereira Bastos Colaboração de L. Soczka, D. Rodrigues, A. Brinca, L. Nicolau, A. Costa, F. Batoréu, A. Correia, A. C. Horta Tavares, P. Guardini, A. P. Santos, S. Costa, N. Carvalho, E. Rodrigues, I. Banze e F. Mourão	Janeiro de 2006	Observatório da Imigração, 17
Planeamento Urbano para a Integração de Imigrantes	Emília Maria Malcata Rebelo (coord.) e Luís Tiago Paiva	Abril de 2006	Observatório da Imigração, 18
Media, Imigração e Minorias Étnicas II	Isabel Ferin Cunha, Clara Almeida Santos Colaboração de Catarina Valdigem e Willy S. Filho	Março de 2006	Observatório da Imigração, 19
Reclusos Estrangeiros em Portugal Esteios de uma problematização	Hugo Martinez de Seabra, Tiago Santos	Março de 2006	Observatório da Imigração, 20
Os Imigrantes e a População Portuguesa Imagens Recíprocas - Análise de duas sondagens	Mário Lages (coordenação), Verónica Policarpo, José Carlos Marques, Paulo Lopes Matos e João Homem Cristo António	Outubro de 2006	Observatório da Imigração, 21
Espaços e Expressões de Conflito e Tensão entre Autóctones, Minorias Migrantes e Não Migrantes na Área Metropolitana de Lisboa	Jorge Macaísta Malheiros e Manuela Mendes (coordenação), Carlos Elias Barbosa, Sandra Brito Silva, Aline Schiltz e Francisco Vala	Março de 2007	Observatório da Imigração, 22
Licença para Criar: Imigrantes nas Artes em Portugal	Magda Nico, Natália Gomes, Rita Rosado e Sara Duarte	Maio de 2007	Observatório da Imigração, 23
Estudo Prospectivo sobre	Pedro Góis e José Carlos Marques	Novembro	Observatório

Imigrantes Qualificados em Portugal		de 2007	da Imigração, 24
A Convenção Internacional sobre e Protecção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias Perspectivas e paradoxos nacionais e internacionais em matéria de imigração	Gonçalo Saraiva Matias e Patrícia Fragoso Martins	Dezembro de 2007	Observatório da Imigração, 25
Delinquência a Preto e Branco Estudo de Jovens em Reinsercão	Hugo Martinez de Seabra	Setembro de 2005	Teses, 1
Empresários de Origem Imigrante Estratégias de Inserção Económica em Portugal	Catarina Reis de Oliveira	Setembro de 2005	Teses, 2
Fluxos Migratórios e Cooperação para o Desenvolvimento Realidades compatíveis no contexto europeu?	Joana Miranda Figueiredo	Novembro de 2005	Teses, 3
Os Imigrantes Ucranianos em Portugal e os Cuidados de Saúde	José Edmundo Furtado de Sousa	Março de 2006	Teses, 4
Emigração Cabo-Verdiana para (e na) Europa e a sua Inserção em Mercados de Trabalho Locais: Lisboa, Milão, Roterdão	Pedro Góis	Abril de 2006	Teses, 5
Em Busca de um Bom Médico quando a Saúde Não tem Fronteiras Percepções dos Cabo-Verdianos sobre profissionais de saúde na Holanda	Cláudia de Freitas	Abril de 2006	Teses, 6

Descendentes de Angolanos e de Luso-Angolanos na Área Metropolitana de Lisboa: Inserção geográfica e social	Dora Possidónio	Maio de 2006	Teses, 7
Conhecimentos, Atitudes e Práticas sobre Planeamento Familiar de Mulheres Timorenses Residentes em Portugal	Helena Isabel Borges Manuel	Maio de 2007	Teses, 8
Ser Mãe Hindu Práticas e Rituais Relativos à Maternidade e aos Cuidados à Criança na Cultura Hindu em Contexto de Imigração	Ivete Monteiro	Dezembro de 2007	Teses, 9
Redescobrindo o Brasil Processos Identitários de Brasileiros em Portugal	Maria Xavier	Novembro de 2007	Teses, 10
Gravidez e Seropositividade em Mulheres Imigrantes na Região de Lisboa	Lídia Correia Lopes	Novembro de 2007	Teses, 11
Do «Não Racismo» Português aos Dois Racismos dos Portugueses	João Filipe Marques	Novembro de 2007	Teses, 12
Pertenças Fechadas em Espaços Abertos Estratégias de (re)Construção Identitária de Mulheres Muçulmanas em Portugal	Maria Abranches	Novembro de 2007	Teses, 13
Imagens de Mulheres Imigrantes na Imprensa Portuguesa	Clara Almeida Santos	Novembro de 2007	Teses, 14

Anexo III – Mães de Bragança

Datas\Jornais	Correio da Manhã	Público	Diário de Notícias
1 de Maio	Sociedade – Mães revoltadas: tentação brasileira em Bragança.	Mães de Bragança "Queixam-se de que os maridos andam "loucos" por brasileiras.	Mães de Bragança querem maridos de volta.
2 de maio		Fio do Horizonte – Mães de Bragança – coluna Eduardo Padro Coelho	SEF – Legalizar as meninas
3 de maio	Em Chaves – Mulheres contra a prostituição	Casas de alterne de Bragança vão ter mais fiscalização. Entrevista com Governador Civil. Box – "as prostitutas também são vítimas.	
4 de maio	Votação Online Online – "Abaixo ao pseudo-moralismo". "Cobra as autoridades" "A culpa é dos casamentos" "é fazer das brasileiras bode expiatório" Sexo – tentações brasileiras em trás dos montes – Entrevistas		
5 de maio	Tentações – Cidades Tramontanas preocupadas com estrangeiras		
6 de maio			

9 de maio	4 brasileiras presas		
10 de maio	Correio do leitor – “A culpa não é delas”		